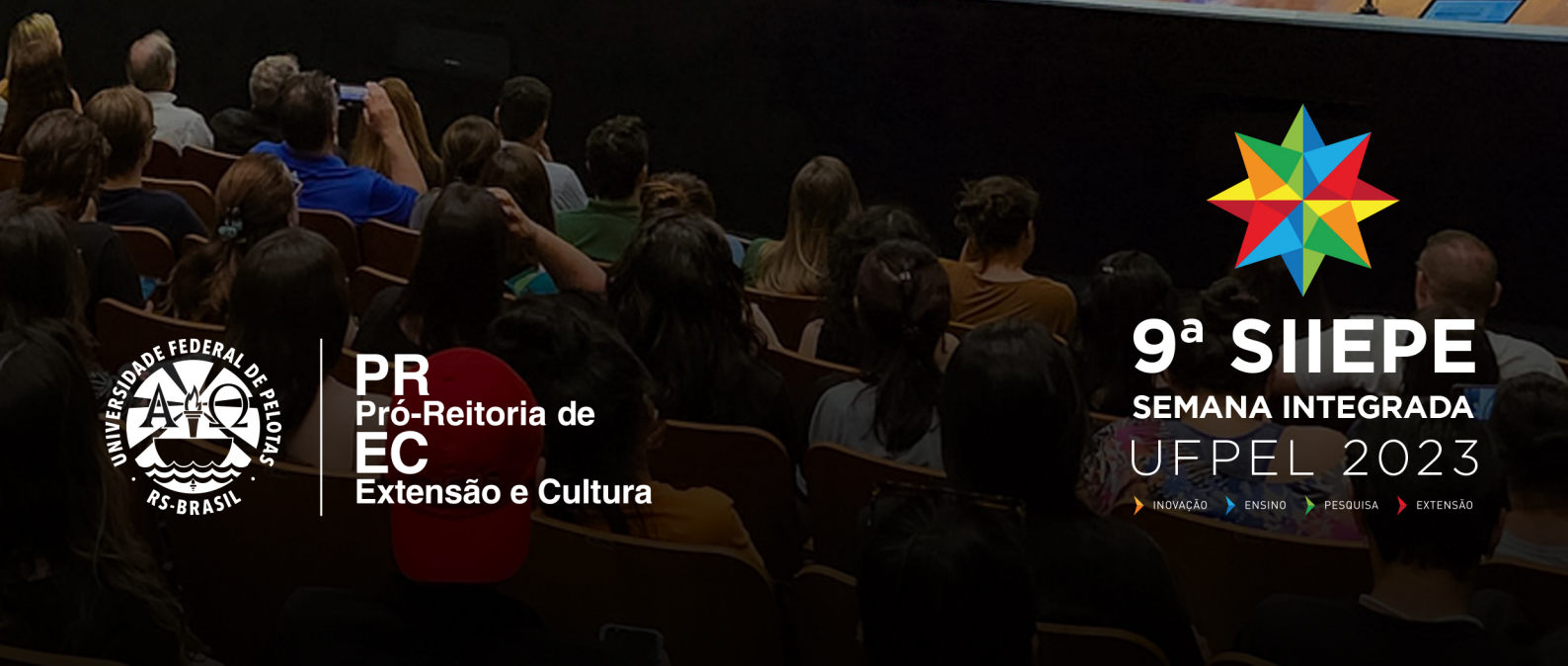




Anais do X Congresso de Extensão e Cultura da UFPel



PR
Pró-Reitoria de
EC
Extensão e Cultura



9ª SIEPE
SEMANA INTEGRADA
UFPEL 2023

▶ INOVAÇÃO ▶ ENSINO ▶ PESQUISA ▶ EXTENSÃO

SUMÁRIO

560-563

CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO DE EXTENSÃO NA FORMAÇÃO DOCENTE E NO AUXÍLIO EDUCATIVO AS CRIANÇAS

SANDRA IVANA GOMES VARGAS; ELISA DOS SANTOS VANTI; HELENARA PLASZEWSKI

564-566

SEMINÁRIO ESTADUAL DA ANPAE RS 2022: REFLEXÕES SOBRE A DEMOCRATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO E DA ESCOLA

LUIS EDUARDO DOS SANTOS CELENTE; PEDRO FERNANDES VIANA; MARIA DE FÁTIMA CÓSSIO

567-570

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E DIVULGAÇÃO EM QUÍMICA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS

ISABELLE FERNANDES DOS PASSOS; MARIA EDUARDA LOPES GOMES; ALESSANDRO CURY SOARE; ALINE JOANA ROLINA WOHLMUTH ALVES DOS SANTOS

571-574

A FORMAÇÃO DE LEITORES NO PRESÍDIO REGIONAL DE PELOTAS

SIMONE SANTOS DE SOUZA; FRANCINE NUNES DE SOUZA; JOÃO LUIS PEREIRA OURIQUE

575-578

DISSEMINAÇÃO DO CURSO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO EM ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO DE PELOTAS-RS

PAULO RENATO RODRIGUES DA SILVA; LUIS ANTONIO DOS SANTOS FRANZ; RENATA HEIDTMANN-BEMVENUTI

579-582

VOCÊ SABIA?: PREFERÊNCIA DO PÚBLICO EM RELAÇÃO AOS CONTEÚDOS DE HISTOLOGIA COMPARADA

HELENA BÜLOW MATIAS; SANDRA MARA DA ENCARNAÇÃO FIALA RECHSTEINER

583-586

MATHLIBRAS EM AÇÃO – UMA ANÁLISE DA APLICAÇÃO DO VÍDEO “V34 – VAMOS COMPARAR?”

GABRIEL HENRIQUE POSSIGNOLO GOMES; INDI DO RÊGO MEDEIROS; KELVIN WENDEL BOHN; TATIANA BOLIVAR LEBEDEFF; THAIS PHILIPSEN GRUTZMANN

587-590

SEMANA ACADÊMICA IDENTIFIQUE-SE: UM RELATO EXPERIÊNCIA

MARIA FERNANDA PINTO NETO; ANA LUIZA CASSALTA DE TOLEDO; BRYAN FONSECA ORTIZ; ANDRÉ DE OLIVEIRA TORRES CARRASCO

SUMÁRIO

- 591-594** **CONSTRUINDO E PARTILHANDO SABERES COM AS PROFESSORAS DAS ESCOLAS MULTISSERIADAS DE RIO GRANDE/RS**
JANICE SOARES; VANIA GRIM THIES
- 595-598** **PRODUTOS DE LIMPEZA E ALIMENTOS COMO REAGENTES QUÍMICOS NO ESTUDO DE CONCEITOS DE DENSIDADE COM ABORDAGEM PRÁTICA**
GUILHERME BRAHM DOS SANTOS; AMANDA BATISTA AGUIAR;
ALINE JOANA ROLINA WOHLMUTH ALVES DOS SANTOS
- 599-602** **PARALELO VERDE: A ATUAÇÃO DISCENTE NA COORDENAÇÃO DE UM GRUPO DE ESTUDOS DE CANNABIS SATIVA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**
GIOVANNA VALENTE MENDES; FERNANDA CAPELLA RUGNO
- 603-605** **MINICURSO COM O PET: ARQUITETURA DA PAISAGEM**
JULIA SOLDERA RIBEIRO; VICTÓRIA SECCO PIZZIRANI;
LINEKER FERREIRA FRANCO; ANDRÉ DE OLIVEIRA TORRES CARRASCO
- 606-609** **CENTRO DE MEMÓRIA E PESQUISA HISALES: A EXPERIÊNCIA EM PROJETOS DE EXTENSÃO**
LUIZA DA SILVA TESSMER DUARTE; VANIA GRIM THIES
- 610-613** **PET-FÍSICA NAS ESCOLAS: BANCO DE EXPERIMENTOS E OFICINAS DE FÍSICA**
JÚLIA PACHECO NUNEZ; NOELY ROSA MARIA PEREZ BRITO; ANDREW SANTOS CORREIA;
JOAQUIM MODESTO DOS PASSOS; ALICE HÖRBE SANTANA; FÁBIO TEIXEIRA DIAS
- 614-617** **LIGA ACADÊMICA MULTIDISCIPLINAR DE CUIDADOS PALIATIVOS: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DA ENFERMEIRA**
AMANDA DA SILVEIRA NADAL; ANA AMÁLIA PEREIRA TORRES;
JULIANA GRACIELA VESTENA ZILLMER; JULIETA MARIA CARRICONDE FRIPP
- 618-621** **PROJETO DE EXTENSÃO "PRALER": PRÁTICAS DE LEITURA, ESCRITA E REESCRITA COMO PROPOSTA DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LETRAMENTO LITERÁRIO NA ESCOLA**
THÁISSA GODOI DE SOUZA; JORAMA DE QUADROS STEIN

SUMÁRIO

- 622-625** **EDUCAÇÃO POPULAR PARA A SUSTENTABILIDADE:
ECO É POP, ECO É GAPE.**
NATHALYA ANDRADE DA SILVA; FABYANNE MORAES DE SOUZA; SUZANA ANTIQUEIRA DE CASTRO;
AMANDA PACCANARO MARINO; HELOÍSA HELENA DUVAL DE AZEVEDO.
- 626-629** **OFICINA DE VIOLÃO COLETIVO:
UMA EXPERIÊNCIA NO PROJETO FAZENDO UM SOM.**
MARCELO BOLDT DOS SANTOS; NILTON AVENDANO DA ROSA;
MIGUEL DUARTE RODRIGUES DA SILVA; ISABEL BONAT HIRSCH.
- 630-633** **INTERAÇÃO UNIVERSIDADE-ESCOLA:
REATIVAÇÃO DE UM LABORATÓRIO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA**
NATÁLIA MAIQUELE DALMANN MARON; MICHAEL COSTA DA ROSA; INGRID DUTRA DE ÁVILA;
CHARLENE BARBOSA DE PAULA; FÁBIO ANDRÉ SANGIOGO; BRUNA ADRIANE FARY
- 634-637** **ARTEIROS DO COTIDIANOS:
DESAFIOS DO RETORNO AO ENSINO PRESENCIAL**
ANA BEATRIZ REINOSO ROSSE; CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO
- 638-640** **REVISTA CADERNOS DE EDUCAÇÃO: PROCESSOS DE RECEPÇÃO
E EDITORAÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS**
CAROLINE FERNANDA COSTA SCHNEIDT; FERNANDO RIPE; JOSIMARA WIKBOLDT SCHWANTZ
- 641-644** **OFICINAS SOBRE A LÍNGUA POMERANA PARA A CONSCIENTIZAÇÃO
LINGÜÍSTICA NAS COMUNIDADES NA SERRA DOS TAPES**
JOÃO VITOR NÖRNBERG; BERNARDO KOLLING LIMBERGER
- 645-648** **EVENTOS GASTRONÔMICOS NA PRÁTICA:
UMA ANÁLISE DE AÇÕES EXTENSIONISTAS**
SARA POLI TESCH; CHIRLE DE OLIVEIRA RAPHAELLI; ANGELA GALVAN DE LIMA
- 649-651** **AULAS PRÁTICAS DE QUÍMICA DE ALIMENTOS NO YOUTUBE**
MAICON RIBEIRO RODRIGUES; CAROLINE DELLINGHAUSEN BORGES

SUMÁRIO

- 652-655** **PROJETO DE BASQUETE DE CADEIRAS DE RODAS: AVALIAÇÃO DOS ATLETAS PARTICIPANTES**
LEONARDO SILVA; ESTELA JORGE; JENNIFER COSTA; MARIO AZEVEDO
- 656-659** **AÇÕES DESENVOLVIDAS PELO PROJETO IDIOMAS SEM FRONTEIRAS NUCLI UFPEL – DE 2022 A 2023 E A SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO**
ANA CAROLINA ALVES DOS SANTOS HEPP; MARIANA SANTANA FALKOWSKI;
LUCAS LÖFF MACHADO; HELENA VITALINA SELBACH
- 660-662** **RELATO DE EXPERIÊNCIA: ORGANIZAÇÃO E REALIZAÇÃO DA JORNADA DA SEXUALIDADE, UM EVENTO ACADÊMICO MULTIDISCIPLINAR**
MARIA EDUARDA MINERVINO ELIAS; GISELLE DOS SANTOS RADTKE DE OLIVEIRA;
CELENE MARIA LONGO DA SILVA
- 663-665** **MEMÓRIA DE 15: ESTRATÉGIAS PARA SOLUCIONAR PROBLEMAS DE ADIÇÃO**
VANIA ESCALANT PEREIRA; SILVIA PRIETSCH WENDT; ALEXANDRE JORGE; EMERSON ERNANDE
MESQUITA RODRIGUES; SIMONE MACEDO POERNER; RITA DE CÁSSIA DE SOUZA SOARES RAMOS
- 666-668** **UM OLHAR ATENTO E UMA ESCUTA ATIVA: EXPERIÊNCIAS DO GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS DAS INFÂNCIAS**
RAQUEL SANCHES DUTRA; CAROLINE TERRA DE OLIVEIRA; FERNANDA DUTRA SILVEIRA;
LILIAN LORENZATO RODRIGUEZ; RENATA NOGUEIRA ANDRADE; HARDALLA SANTOS DO VALLE
- 669-671** **ENCENAÇÃO TEATRAL NA ESCOLA: CONSTRUÇÃO DE UM EXPERIMENTO CÊNICO COM ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA**
CATARINA LEITE RASSIER; ANDRISA KEMEL ZANELLA; VANESSA CALDEIRA LEITE
- 672-675** **PALESTRA “ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL” NA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO DR. AUGUSTO SIMÕES LOPES**
JULIANA PINO DE PAULA; LIDIA PEREIRA SERGIO; RAFAEL JARDIM; TATIANA VALESCA RODRIGUEZ
ALICIEO; CARLA ROSANE BARBOZA MENDONÇA; CAROLINE DELLINGHAUSEN BORGES
- 676-679** **OS CURSOS “COTIDIANO BRASILEIRO: CONHECENDO AS VARIEDADES DA CULTURA BRASILEIRA” E “PRONÚNCIA E PROSÓDIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO” DO IDIOMAS SEM FRONTEIRAS: ESTRATÉGIAS E CONTRIBUIÇÕES PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO DA UFPEL**
MARÍLIA LIMA SANTOS; LUCAS RÖPKE DA SILVA;
JAEI SANERA SIGALES GONÇALVES; HELENA VITALINA SELBACH

SUMÁRIO

680-683

CONSTRUINDO UMA PELOTAS DAS CRIANÇAS: CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL, 2023

LARISSA RIBERAS SILVEIRA; CAROLINE DELLIGHAUSEN BORGES; TATIANA VALESCA RODRIGUES ALICEIO;
EMILY MELLO DE SOUZA; VINÍCIUS RHEINHEIMER SCHNEIDER; CARLA ROSANE BARBOZA MENDONÇA

684-687

ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL: VAMOS PRATICAR?": PROMOVENDO SAÚDE NO COLÉGIO SÃO JOSÉ, PELOTAS/RS, 2023

SABRINA FEKSA FRASSON; CAROLINE DELLINGHAUSEN;
TATIANA VALESCA RODRIGUEZ ALICIEO; CARLA ROSANE BARBOZA MENDONÇA

688-690

ESCUTAR E CONTAR HISTÓRIA: MOVIMENTOS DE UMA AÇÃO EXTENSIONISTA COM CRIANÇAS

VITOR SAQUETE RODRIGUES; CELIANE DE FREITAS RIBEIRO; CAROLINE TERRA DE OLIVEIRA;
LILIAN LORENZATO RODRIGUEZ; HARDALLA SANTOS DO VALLE

691-694

EMAD JR.: A EMPRESA JÚNIOR COMO CATALISADORA DO CRESCIMENTO ACADÊMICO E PROFISSIONAL DOS ESTUDANTES DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS.

ENZO CAVALLIN BARBOZA; YASMIN MEDEIROS DE ALMEIDA; FLÁVIA BRAGA DE AZAMBUJA

695-697

LINGUAGEM E PEDAGOGIA JURÍDICA: TEORIA QUEER, UM CORPO "ESTRANHO", A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA PÓS-ESTRUTURALISTA

VICTÓRIA DAS NEVES PORTO; ANA CLARA CORREA HENNING

698-700

EXPOSIÇÃO DO PROJETO BIOTEC INVADE A ESCOLA NA FENADOCE

MARIANA PINTO DA MOTA GOMES; VERA LUCIA BOBROWSKI; LUCIANA BICCA DODE

701-703

RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O PROJETO DE EXTENSÃO: PREVENÇÃO DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

ANA CAROLINA DALZOTTO BROGLIO; CAROLINA SOUZA GRUTZMANN; GREICE CARVALHO DE MATOS

704-707

HISTORIADOR, PROFESSOR, PODCASTER E YOUTUBER: ENSINO DE HISTÓRIA E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA ATRAVÉS DO PODCAST CATA-EHVENTOS

ARTHUR GARCIA BETEMPS; WILIAN JUNIOR BONETE

708-710

SANKOFA - MOVIMENTOS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

CAROLINE SILVA SANTOS; NATÁLIA DA SILVA BRAGA; PATRICK MARCONDES LEÃO DE SOUZA; TANISE
BAPTISTA MEDEIROS; MONICA MARIA CELESTINA DE OLIVEIRA; ALINE AVER VANIN

SUMÁRIO

- 711-714** **PROJETO GASTRONOMIA EM EXTENSÃO NO FESTIVAL DE GASTRONOMIA DA FENADOCE 2023: DOCE SABOR DE INFÂNCIA**
LAURA DA SILVA DUARTE; CHIRLE OLIVEIRA RAPHAELLI; TATIANE KUKA VALENTE GANDRA
- 715-718** **PROJETO K: UM PROCESSO COLABORATIVO NA ESCOLA**
NICOLE PIRES GONZALES; BARBARA CRUZ NUNES; MARINA DE OLIVEIRA
- 719-722** **GEOGRAFIA DA SERRA DOS TAPES/RS: ARTICULANDO SABERES JUNTO ÀS ESCOLAS RURAIS**
SANDI XAVIER MANCILIA; GIANCARLA SALAMONI
- 723-725** **SEMANA ACADÊMICA DO CURSO DE NUTRIÇÃO DA UFPEL 2023**
PATRICK DIAS DAS NEVES; RAQUEL OLIVEIRA DA SILVA; SUELLEN SILVEIRA MORAES;
ELISA DOS SANTOS PEREIRA; LUCIA ROTA BORGES; ANNE Y CASTRO MARQUES
- 726-729** **O PROCESSO DE DIGITALIZAÇÃO E SALVAGUARDA DO ACERVO DA JUSTIÇA DO TRABALHO DO NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DA UFPEL**
ANDREINA HARDTKE CORPES; LORENA ALMEIDA GILL
- 730-732** **REVISTA CADERNOS DE EDUCAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE A IDENTIDADE VISUAL E AS PRÁTICAS CRIATIVAS DESENVOLVIDAS NOS AMBIENTES VIRTUAIS DOS PERIÓDICOS**
GUSTAVO RAMOS COSTA SILVA; FERNANDO RIPE; JOSIMARA WIKBOLDT SCHWANTZ
- 733-736** **CRIAÇÃO DE UMA BIBLIOTECA DE DESENHOS PARA ANIMAÇÃO EM LIBRAS NO PROJETO MATHLIBRAS**
INDI DO RÊGO MEDEIROS; KELVIN WENDEL BOHN; GABRIEL HENRIQUE POSSIGNOLO GOMES;
TATIANA BOLIVAR LEBEDEFF; THAIS PHILIPSEN GRUTZMANN
- 737-740** **EXPERIÊNCIA DOCENTE TRANSDISCIPLINAR NA PSICOLOGIA: UM OLHAR ARTÍSTICO DAS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES**
LUANA SOARES COELHO; MARIA TERESA DUARTE NOGUEIRA

SUMÁRIO

741-744

ATELIÊ DIDÁTICO E CRIATIVO: RECURSOS PARA UMA ALFABETIZAÇÃO MAIS DIVERTIDA

RAFAEL MENDES; ARNALDO ANTÔNIO DUARTE DE DUARTE JUNIOR;
DIULI ALVES WULFF; GILCEANE CAETANO PORTO

745-748

O DESPERTAR DO CORPO ATRAVÉS DA EXPERIÊNCIA DO TEATRO NA ESCOLA

ANA LAURA BIANCHINI; MARINA DE OLIVEIRA

749-752

APRIMORANDO A PROFICIÊNCIA ORAL NA LÍNGUA INGLESA POR MEIO DA INICIATIVA DA SPE UFPEL: SPEAKING.

JULIA BEHLING DE CASTRO; LARISSA PINHEIRO COSTA

753-755

OFICINA RÍTMICA. PRÁTICA REMOTA NA PANDEMIA

NILTON RICARDO AVENDANO DA ROSA; MARCELO BOLDT DOS SANTOS;
MIGUEL DUARTE RODRIGUES DA SILVA; ISABEL BONAT HIRSH

756-758

OFICINA BÁSICA DE VIOLÃO: UMA EXPERIÊNCIA COM PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO PELO PROJETO FOCEM

MIGUEL DUARTE RODRIGUES DA SILVA; MARCELO BOLDT DOS SANTOS;
NILTON RICARDO AVENDANO DA ROSA; ISABEL BONAT HIRSCH

759-762

PROJETO “PASSADA PRO FUTURO”: VIVÊNCIAS AFETIVAS NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

TAMIRES JUNG DA SILVA; CAMILA DA SILVA MOREIRA; JÚLIA CAROLINA BAPTISTA GONÇALVES;
LEONARDO FAGUNDES DOS SANTOS; ANA VALÉRIA LIMA REIS; ROSE MÉRI SANTOS DA SILVA.

763-766

O BRINCAR LIVRE DOS ADULTOS NA BRINQUEDOTECA

LARISSA BORBA DE MIRANDA; KAREN CAMPBELL LINK; ROGÉRIO COSTA WÜRDIG; EDSON PONICK

767-769

PROJETO “COISA PÚBLICA” E A DIVULGAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E CULTURAL DOS ESTUDANTES DO CURSO DE GESTÃO PÚBLICA DA UFPEL

MIKAELA KAUANA GRIEBLER GRAF; DANIEL LENA MARCHIORI NETO

SUMÁRIO

- 770-773** **“ASPECTOS DA CULTURA BRASILEIRA”:
REFLEXÕES SOBRE OS PRIMEIROS CURSOS DE PORTUGUÊS
COMO LÍNGUA ADICIONAL DA PARCEIRA UFPEL – SUSE**
HELENA REZENDE RAMIRES; HELENA VITALINA SELBACH
- 774-777** **CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALIMENTOS VOLTADA A EXTENSÃO:
ATIVIDADE NO CENTRO SOCIAL FILADÉLFIA**
PHILOMENE AUDREY NGABALLA NDI; ROSANA COLUSSI
- 778-781** **A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA MOSTRA DAS REGIÕES BRASILEIRAS**
PEDRO HENRIQUE SOARES RAUPP; ELIANE IRIGOITE GASSO; VERA LÚCIA DOS SANTOS SCHWARZ;
GIANCARLA SALAMONI; HENRIQUE ANDRADE FUTADO DE MENDONÇA; MARIA REGINA CAETANO COSTA
- 782-785** **CIÊNCIA E CULTURA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PET/ESEF**
YURI KRUSCHARDT ALVES; ISADORA OXLEY RODRIGUES EIDELWEIN;
NICOLAS DE SOUZA DOS ANJOS; TALES CONCEIÇÃO DIAS; MARIÂNGELA DA ROSA AFONSO
- 786-789** **DESAFIOS NA CRIAÇÃO DE UMA EMPRESA JÚNIOR:
UM ESTUDO DE CASO**
DELLINS MESTRETI LEMOS; KAROLINE BARCELLOS DA ROSA; RODRIGO FLORES ESCOBAR;
PAULO ELIAS BORGES RODRIGUES; JOÃO CARLOS COELHO JUNIOR
- 790-793** **PROJETO VOLEIBOL CAVG E AS APROXIMAÇÕES
ENTRE ESCOLA E UNIVERSIDADE**
NICOLAS DE SOUZA DOS ANJOS; BEATRIZ RODRIGUES VARGAS;
PATRÍCIA DA ROSA LOUZADA DA SILVA; RODOLFO NOVELLINO BENDA
- 794-797** **PROFESSORAS DOS ANOS INICIAIS E O JOGO DO REPARTIR
– ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES**
SIMONE MACEDO POERNER; EMERSON ERNANDE MESQUITA RODRIGUES; VANIA ESCALANT PEREIRA;
ÁLISSON DUARTE LEITE; SILVIA PRIETSCH WENDT; RITA DE CÁSSIA DE SOUZA SOARES RAMOS
- 798-801** **AValiação NAS AULAS DE MÚSICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**
LUANA KRÖNING ABRAHAN; HENRIQUE GUERREIRO DINIZ ALVARENGA
E ELIADA GIOVANA GOMES PORCIÚNCULA ; REGIANA WILLE

SUMÁRIO

802-805

OFICINA DE MATEMÁTICA COM A HISTÓRIA “E O DENTE AINDA DOÍA”

CRISTIANE WINKEL ELERT; THAIS PHILIPSEN GRUTZMANN

806-809

“PASSADA PRO FUTURO”: RELATO DA ESTRUTURAÇÃO E EXECUÇÃO DE UM PROJETO DE EXTENSÃO NA ESEF- UFPEL

CAMILA DA SILVA MOREIRA; LEONARDO FAGUNDES DOS SANTOS; JULIA CAROLINA BAPTISTA GONÇALVES; JULIANI DOS REIS STORCH; ANA VALÉRIA LIMA REIS; ROSE MÉRI SANTOS DA SILVA.

810-813

A PROFISSÃO DO ENGENHEIRO DE PETRÓLEO

LORENZO RODRIGUES LUZ; CAMILE URBAN

814-817

DOCUMENTÁRIO – A PRODUÇÃO DE VIDEO NA VISÃO DE ESTUDANTES E PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

ADRYAN COPELLO; JOSIAS PEREIRA

818-821

APRENDENDO COM A MESTRA MAGDA SOARES: PROJETO DE EXTENSÃO COM PROFESSORAS ALFABETIZADORAS

ARNALDO ANTÔNIO DUARTE DE DUARTE JUNIOR; RAFAEL MENDES; GABRIELLA DAS NEVES FURTADO; GILCEANE CAETANO PORTO

822-825

EMAU JOÃO BEM: A CONTRIBUIÇÃO DO ESCRITÓRIO MODELO DE ARQUITETURA E URBANISMO NA REESTRUTURAÇÃO DOS COLETIVOS ACADÊMICOS

MARÍLIA GABRIELA DA SILVA HÖRNKE; GABRIELA WREGE PARRA; FELIPE AIRES TOHFEHRN; MARCELA MILGAREJO; NATÁLIA DOS SANTOS PETRY; LUÍSA DE AZEVEDO DOS SANTOS

826-829

UMA EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA EM ARTES VISUAIS NA EMEF DR. BRUM DE AZEREDO – PELotas/RS

LIZIANE ALDRIGHI LEMOS; MARISTANI POLIDORI ZAMPERETTI

830-833

ENTRE ONLINE E OFFLINE: A TRANSIÇÃO PÓS-PANDEMIA DAS AÇÕES DE EXTENSÃO DO GRUPO BLOGUEIRAS DO GEPAC

RAQUEL RAU; GUILHERME RODRIGUES DE RODRIGUES; RANGEL CARRARO TOLEDO BORGES; RENATA MENASCHE

SUMÁRIO

- 834-837** **NOSSA EXPERIÊNCIA NA MOSTRA DAS REGIÕES BRASILEIRAS DOS CURSOS DE GEOGRAFIA & CIÊNCIAS SOCIAIS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**
ELIANE IRIGOITE GASSO; PATRÍCIA DA ROSA LOUZADA DA SILVA; PEDRO HENRIQUE SOARES RAUPP; GABRIELA DAMBRÓS; VERA LÚCIA DOS SANTOS SCHWARZ; MARIA REGINA CAETANO COSTA
- 838-841** **O ENSINO ATRAVÉS DE JOGOS: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS HUMANAS EM CANGUÇU/RS**
FAGNER FERNANDES DUARTE; GUILHERME DA SILVA CRIZEL; THALES ROBERTO BARBOSA; GABRIELA DAMBRÓS
- 842-845** **MULHERES NA COZINHA: UM ESTUDO INICIAL SOBRE MULHERES MÃES E AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NA VIDA ACADÊMICA E NO MERCADO DE TRABALHO**
HELENA FARIAS MATTOS; TATIANE KUKA VALENTE GANDRA
- 846-848** **NOTAS SOBRE A REVISTA CADERNOS DE EDUCAÇÃO E SUA PROPOSTA EXTENSIONISTA**
DIEGO DA ROSA ALVES; JOSIMARA WIKBOLDT SCHWANTZ; FERNANDO CESAR RIPE
- 849-852** **O PAPEL ESTRATÉGICO DO CENTRO DE ATENDIMENTO AO TURISTA (CAT) NA FENADOCE**
NATHALIA MENDES BRANDT; NATALIA DE SOUSA ALDRIGUE
- 853-857** **METODOLOGIA PVE EM: INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**
THIAGO MARTINS; JOSIAS PEREIRA
- 858-861** **PARA ADULTOS? SUJEIRA E BAGUNÇA. PARA CRIANÇAS, POSSIBILIDADES.**
SIBELLY MARTINS MIRANDA; ANA DO CARMO GOULART GONÇALVES
- 862-865** **PODCASTS COMO ESTRATÉGIA DE DIFUSÃO DO CONHECIMENTO: A EXPERIÊNCIA DO “POD-CRÍTICA NA PÓS-MODERNIDADE”**
JÚLIA DE OLIVEIRA MOREIRA; ANGÉLICA TEIXEIRA DA SILVA LEITZKE; CHRISTIAN PERES DA COSTA; JÉSSICA URRUTIA PEREIRA; FRANCIELE ROOS DA SILVA ILHA

SUMÁRIO

866-869

O IMPACTO DO PET CONEXÕES DE SABERES – DIVERSIDADE E TOLERÂNCIA PARA A COMUNIDADE DE PELOTAS (RS)

GIOVANA POZZA; BIANCA LEOCADIO DUARTE; TAYANNE COSTA SILVA;
GIULIA DUARTE DOS SANTOS; ALESSANDRA GASPAROTTO

870-873

POPULARIZAÇÃO E APLICAÇÃO DA QUÍMICA FORENSE EM SÉRIES DO ENSINO FUNDAMENTAL

CARINA MACHADO LIMA; CARLA DE ANDRADE HARTWIG; CAROLINE IEQUE SILVEIRA;
GABRIELLY QUARTIERI SEJANES; TAIS POLETTI; CLAUDIO MARTIN PEREIRA DE PEREIRA

874-877

ENSINO DE FILOSOFIA E SOCIOLOGIA NO CURSO DESAFIO PRÉ-UNIVERSITÁRIO POPULAR: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O PERÍODO PANDÊMICO AOS DIAS ATUAIS

SIMONE MARQUES; GABRIELA PECANTET SIQUEIRA; CATIA FERNANDES DE CARVALHO

878-881

DESAFIOS DA PERMANÊNCIA EM UM CURSO POPULAR PRÉ-UNIVERSITÁRIO: AS MOTIVAÇÕES PARA EVASÃO ESTUDANTIL ENTRE EDUCANDOS

GABRIEL CALEGARO; RAQUEL PERES MACÊDO; GUILHERME LUBKE QUEVEDO;
CÁTIA FERNANDES DE CARVALHO; GABRIELA PECANTET SIQUEIRA

882-885

CARTOGRAFIA SOCIAL COMO METODOLOGIA DE APOIO AO PROCESSO DE PROJETARCOM

SAMANTA QUEVEDO DA SILVA; JUAN MANUEL DIEZ TETAMANTI; ADRIANE BORDA ALMEIDA DA SILVA

886-889

UMA ABORDAGEM PARA O ENSINO DE ESTRUTURAS DE DADOS HOMOGÊNEAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

RAFAEL SEABRA FERRÃO; LUIZE VARGAS ABREU; LUCIANA FOSS; SIMONE A. DA COSTA CAVALHEIRO

890-893

O PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DOS ESTUDANTES DO DESAFIO PRÉ-UNIVERSITÁRIO POPULAR

RAQUEL PERES MACÊDO; GABRIELA PECANTET SIQUEIRA; GUILHERME LUBKE QUEVEDO;
CÁTIA FERNANDES DE CARVALHO; GABRIEL CALEGARO

894-897

ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO TERCEIRO FESTIVAL DE MINI-HANDEBOL: PROJETO PASSADA PRO FUTURO

JÚLIA CAROLINA BAPTISTA GONÇALVES; CAMILA DA SILVA MOREIRA;
LEONARDO FAGUNDES DOS SANTOS; ANA VALÉRIA LIMA REIS; ROSE MÉRI SANTOS DA SILVA.

898-901

PROJETO FAZENDO UM SOM: EXPERIÊNCIAS NA MUSICALIZAÇÃO COM ÊNFASE NA PRÁTICA VOCAL

LAIS DOS SANTOS TAVARES; SABRINA DA COSTA OBIEDO; ISABEL BONAT HIRSCH

SUMÁRIO

- 902-904** **CONSTRUINDO PONTES PARA A INCLUSÃO: O PASSO- A- PASSO PARA UMA INCLUSÃO DE SUCESSO – UM RELATO DE CASO**
ANDRÉIA MONKS XAVIER; MAXIMIRA ROCKEMBACK DA PORCIÚNCULA; RITA DE CÁSSIA MOREM CÓSSIO RODRIGUEZ
- 905-908** **CONVERSAS COM QUEM GOSTA DE ENSINAR: CONSTRUINDO PONTES ENTRE DISCENTES DA PEDAGOGIA E PROFESSORAS ALFABETIZADORAS**
LAURA VITÓRIA GOMES; ARNALDO ANTÔNIO DUARTE DE DUARTE JUNIOR; CAMILY ALVES SAN MARTIN; GILCEANE CAETANO PORTO
- 909-912** **FORMAÇÃO CONTINUADA EM EDUCAÇÃO MUSICAL – FOCEM**
SABRINA DA COSTA OBIEDO; LAIS DOS SANTOS TAVARES; ISABEL BONAT HIRSCH
- 913-915** **MOSTRA CIENTÍFICA: UMA ANÁLISE PARA O ENSINO DE QUÍMICA**
LARISSA MAIA SCHMIDT; MARIA EDUARDA BATISTA TEIXEIRA; TRINITY BESSA; WILIAM BOSCHETTI; BRUNA ADRIANE FARY.
- 916-919** **MUSICALIZAÇÃO INFANTIL: RETOMADA APÓS A PANDEMIA**
KETHELEN DA FONSECA BILHALVA DE LIMA; REGIANA BLANK WILLE
- 920-923** **TROCA DE SABERES SOBRE NEUROPLASTICIDADE COM PROFESSORES MUNICIPAIS DE PELOTAS- RS**
NÍCOLAS CONDE; GIOVANA GAMARO; ADRIANA LOURENÇO DA SILVA
- 924-927** **PROJETOS MUITO MAIS QUE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E CURIOSAMENTE NO RUAS DE LAZER: RELATO DE EXPERIÊNCIA**
BRUNO SAVIUS SIILVEIRA FRANCK; DORA ELISA DUARTE DA ROCHA; ADRIANA LOURENÇO DA SILVA; GIOVANA DUZZO GAMARO
- 928-931** **CICLO DE ESTUDOS E DEBATES SOBRE ALFABETIZAÇÃO E INCLUSÃO: A IMPORTÂNCIA DA QUALIFICAÇÃO DOCENTE**
DIULI ALVES WULFF; RAFAEL MENDES; MATEUS VALADÃO DE SOUZA; GABRIELLA DAS NEVES FURTADO; RAFAELA ELERT STRELOW; GILCEANE CAETANO PORTO
- 932-934** **IMPORTÂNCIA DA ECAPE (EMPRESA JÚNIOR DE CONSULTORIA AGROPECUÁRIA E PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO) NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS ALUNOS DE AGRONOMIA E ZOOTECNIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**
GABRIEL COSTA DE ABREU; DIOGO KUHN SCHERDIEN; LUÍSA MENEZES BIGHELINI; LUIZA EHLERT BIERHALS; KAROLAIN KLUG SCHILLER; PABLO MIGUEL
- 935-938** **DESENVOLVIMENTO DE UM CURSO DE FORMAÇÃO PARA PROFESSORES**
LUIZE VARGAS ABREU; RAFAEL SEABRA FERRÃO; RENATA HAX SANDER REISER; SIMONE A. DA COSTA CAVALHEIRO; LUCIANA FOSS

SUMÁRIO

939-942

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E HISTÓRIA INDÍGENA NA REGIÃO DE PELOTAS

ISABELA LOURENÇO CRUZ; RAFAEL GUEDES MILHEIRA

943-946

AVALIAÇÃO DE PENDÊNCIAS DE PROTOCOLOS SUBMETIDOS AO CEP DA FACULDADE DE ODONTOLOGIA NOS ÚLTIMOS 18 MESES

JANDRYCE SILVEIRA DE SOUZA; GABRIELLE FERREIRA CARDOSO; RAFAELA CORREA MARTINS;
SARAH ARANGUREM KARAM; MARIANA GONZALEZ CADEMARTORI; FRANÇOISE HÉLÈNE VAN DE SANDE

947-950

EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS NA ADAPTAÇÃO DE CONTEÚDO INGUÍSTICO E INTERCULTURAL EM UM CURSO DE LÍNGUA INGLESA PARA NÍVEL A2

RENATA FERREIRA SILVEIRA E SILVA; JOSÉ CARLOS MARQUES VOLCATO

951-954

PRÁTICAS DE ENSINO DE LÍNGUA ALEMÃ NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: DESAFIOS E APRENDIZAGEM

GABRIELA CASSIANO; YAGO BADARÓ; RIAM FAGUNDES; LUCIANE LEIPNITZ

955-958

TELA, PINCEL E COZINHA: QUANDO A ARTE ENCONTRA A COMIDA OU EXPERIÊNCIAS DE UM LABORATÓRIO DE CRIAÇÃO EM GASTRONOMIA

RANGEL CARRARO TOLEDO BORGES; PAULA GARCIA LIMA; TATIANE KUKA VALENTE GANDRA

959-962

MENINAS NA CIÊNCIA: EXPERIÊNCIAS, EXPERIMENTOS E FEIRA DE CIÊNCIAS COMO FERRAMENTAS PARA ATRAIR NOVOS TALENTOS PARA A QUÍMICA

HELENA GONÇALVES DOMINGUES; DANIELA DA SILVA DE GARCIA; MARIANNE MOREIRA SANTOS DE
MELO; LILIAN NACHTIGAL FEHLBERG; LARISSA CRISTINE ANDRADE DA COSTA; MARCIA FOSTER MESKO

963-966

UM CAMINHO PARA CULTURA OCEÂNICA NA GEOGRAFIA ESCOLAR

LYÉGI SILVEIRA XAVIER; MELISSA CARDOSO BAJDIUK; JÚLIA NYLAND RIBEIRO DO AMARAL

967-970

PROJETO ARTE NA ESCOLA: AÇÕES DE FORMAÇÃO

PIETRA LEAL MACIEL; CARMEM REGINA SILVEIRA NOGUEIRA; NÁDIA DA CRUZ SENNA

SUMÁRIO

971-974 **CLUBE DE LEITURA: (IN) CORPORANDO LITERATURAS BRASILEIRAS**

MATEUS VALADÃO DE SOUZA; DIULI ALVES WULFF; LUZIA HELENA BRANDT MARTINS;
GABRIELLA DAS NEVES FURTADO; GILCEANE PORTO CAETANO

975-978 **INNOVACIÓN EN LA ENSEÑANZA DE LA QUÍMICA: IMPACTO DEL PROYECTO 'DO LABORATÓRIO DE PESQUISA AO LABORATÓRIO ESCOLAR' EN LAS ESCUELAS PARTICIPANTES DE PELOTAS-RS**

DANIEL ENRIQUE DE JESUS SAN JOSE MOYA; BRUNO DOS SANTOS PASTORIZA

979-982 **UM RELATO SOBRE O CURSO "INTERAÇÕES COTIDIANAS EM LÍNGUA INGLESA" COM ENFOQUE NA INTEGRAÇÃO DE TECNOLOGIA**

STEPHANIE DOS SANTOS MACHADO; JOSÉ CARLOS MARQUES VOLCATO; MÁRCIA MORALES KLEE

983-985 **EXPLORANDO O MUNDO ATRAVÉS DA BRINQUEDOTECA**

CAROLINE KRUGER; ROGÉRIO COSTA WÜRDIG; EDSON PONICK

986-988 **SIMPÓSIO DE REPRODUÇÃO ANIMAL COMPARADA: COMPARAÇÃO ENTRE 1ª E 2ª EDIÇÃO**

NICOLE FREITAS GONÇALVES; YASMIN PRADO LOPES DA SILVA; IZANI ACOSTA BONEL;
CAROLINE VIÉGAS PINTO; CARINE DAHL CORCINI

989-992 **UNIVERSIDADE E ESCOLA: AULÃO PREPARATÓRIO DE GEOGRAFIA PARA VESTIBULARES**

ALEXANDRA LUIZE SPIRONELLO; FERNANDA PUGLIA DIAS;
VINICIUS ALBUQUERQUE DE LIMA; LIZ CRISTIANE DIAS

993-996 **OFICINA DE MINI-HANDEBOL PARA PROFESSORES DA REDE DE ENSINO ESTADUAL NO MUNICÍPIO DE PELOTAS**

FELIPE WICKBOLDT DOS SANTOS; PIETRA CAZEIRO CORRÊA; MARIANA BÓRIO XAVIER;
ANA VALÉRIA LIMA REIS; ROSE MÉRI SANTOS DA SILVA.

997-999 **PERCEPÇÕES DA MONITORIA: USO DE AMOSTRAS DE MINERAIS E ROCHAS NAS AULAS PRÁTICAS DE GEOLOGIA**

JOÃO FELIPE CAMPANARO; AUGUSTO NOBRE GONÇALVES

SUMÁRIO

1000-1003

TRAZENDO A MATEMÁTICA À VIDA ESCOLAR: O PROJETO DE EXTENSÃO 'MATEMÁTICA NA ESCOLA' DA UFPEL

LARA DILELIO ALVES; GLEISSON COUTO DE OLIVEIRA;
DANIELA STEVANIN HOFFMANN; PATRICIA DA CONCEIÇÃO FANTINEL

1004-1007

CONTAÇÕES DE LENDAS FOLCLÓRICAS E DOBRADURAS: UMA COMBINAÇÃO QUE DEU MUITO CERTO

ALEXANDRE HENZEL BARCELOS; TAMARA DIAS NUNES; ROSE ADRIANA ANDRADE DE MIRANDA

1008-1010

MÚSICA COMO UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE FISIOLOGIA VEGETAL NO ENSINO DE CIÊNCIAS DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

THIAGO ESCOUTO DA FONSECA; BRUNO MADEIRA; THOMÁS DA LUZ RODRIGUES;
EUGENIA JACIRA BOLACEL BRAGA; GUSTAVO MAIA SOUZA

1011-1013

O QUE É SER INÚTIL: PROCESSO DE CRIAÇÃO DO ESPETÁCULO INSERVÍVEIS

TATIANA DUARTE CUBA; MARIA FONSECA FALKEMBACH

1014-1017

DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS E OBJETIVOS DAS AÇÕES AFIRMATIVAS

LIZ FERNANDA CARRARD DE LIMA; MÁRCIO SCHELLIN BERGMAN; SHELEN DOS REIS DA SILVA;
FRANCISCO DOS SANTOS KIELING

1018-1021

PROJETO DE EXTENSÃO "BASQUETE COMUNITÁRIO NA UFPEL": UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS ATLETAS SOBRE AS PRÁTICAS ESPORTIVAS E PEDAGÓGICAS DO PROJETO

LUÍS FELIPE DE AZAMBUJA ZEHLINSKI; PAULO VICENTE BURIN DE BARROS CORREIA; MARCELO OLIVERA CAVALLI

1022-1025

DESIGN NA EDUCAÇÃO POPULAR: UM ENSAIO REFLEXIVO SOBRE A COMUNICAÇÃO E IDENTIDADE VISUAL DO PROJETO DESAFIO PRÉ-UNIVERSITÁRIO POPULAR

LARISSA DE VARGAS DA SILVA; CATIA FERNANDES DE CARVALHO

1026-1029

PROJETO DE EXTENSÃO ESCALADA E MONTANHISMO NA COMUNIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

WILLIAN CUSTÓDIO PÉRES; CARLA DE CARVALHO TEIXEIRA; CESAR AUGUSTO OTERO VAGHETTI

SUMÁRIO

- 1030-1033** **BRINCAR É COISA SÉRIA: A IMPORTÂNCIA DAS INTERAÇÕES E BRINCADEIRAS PROMOVIDAS PELA AÇÃO 4 DO ATELÊ DA INFÂNCIA**
LAÍS DE OLIVEIRA BARBOSA; SIBELLY MARTINS MIRANDA;
LETÍCIA LUCAS PEREIRA GUILHAMILHO ÁVILA; ANA DO CARMO GOULART GONÇALVES
- 1034-1037** **RELATO DE AÇÕES EXTENSIONISTAS DO PPGQTA/FURG PARA PROMOÇÃO DE ACESSO AOS JOVENS DE PROJETOS SOCIAIS NOS ESPAÇOS DA UNIVERSIDADE: POR GURIAS NA CIÊNCIA**
DANIELE MÜLLER; EMANUELE LESSA; ALESSANDRA DA COSTA;
JULIANA MARTINS; ADRIANA NEVES; VANIA DE LIMA
- 1038-1040** **O FÓRUM DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO EXTREMO SUL GAÚCHO E A IMPORTÂNCIA DE DISCUTIR AS POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL**
JULIA REGINA HUBER DA SILVA ALVES; THAIS MACEDO NIEDISBERG; JÉSSICA FONSECA DE OLIVEIRA;
ANA DO CARMO GOULART GONÇALVES
- 1041-1044** **“O SACI”: A OBRA PARA MÃO ESQUERDA DE LUIZA CAMARGO E SEUS ASPECTOS TÉCNICOS E INTERPRETATIVOS EM SALA DE AULA**
HENRIQUE GUERREIRO DINIZ ALVARENGA; ISABEL BONAT HIRSCH
- 1045-1048** **ENTRE-LUGARES:
ONDE O PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL SE MISTURAM**
JÚLIA MARIA NEUTZLING SCHULZ; DENISE MARCOS BUSSOLETTI
- 1049-1051** **EXPERIÊNCIA DOCENTE NA EDUCAÇÃO POPULAR**
HENRIQUE JACOBUS BASTOS; CÁTIA FERNANDES DE CARVALHO
- 1052-1055** **MEMÓRIA E APRENDIZAGEM: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELO CURIOSAMENTE**
DORA ELISA DUARTE DA ROCHA; GIOVANA GAMARO; ADRIANA LOURENÇO DA SILVA

SUMÁRIO

EIXO EDUCAÇÃO

1056-1058

EXPERIÊNCIA DE PIBIDIANOS(AS) DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA FRANCISCO SIMÕES

LEONARDO DA COSTA FURTADO; MARINA PORTELA; FRANCIELE ROOS DA SILVA ILHA; NEIR PADILHA

1059-1062

O TRABALHO PÚBLICO DE SERVIDORES PÚBLICOS NA EDUCAÇÃO: UMA PROPOSTA FORMATIVA

ISADORA CABREIRA DA SILVA; ANTONIO SILVEIRA JÚNIOR; DÉBORA AVENDANO DE VASCONCELLOS SINOTI; FABIANA CELENTE MONTIEL; MARI REGINA ROCHA JANKE; VALDELAINÉ DA ROSA MENDES

1063-1065

GAMEPAD: ATIVIDADE FÍSICA E INCLUSÃO SOCIAL PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

ISRAEL ISAQUE ARMSTRONG LOBATO LA BANCA; CESAR AUGUSTO OTERO VAGHETTI

1066-1068

LIGA ACADÊMICA DE CUIDADOS PALIATIVOS E TANATOLOGIA DA UFPEL

LUCAS CORRÊA FERRARI; JULIETA MARIA CARRICONDE FRIPP

1069-1071

POR UMA PSICOLOGIA ESCOLAR PARTICIPATIVA: REFLEXÕES E CONSTRUÇÃO DE UM ESTÁGIO NO IFRS

MAURICIO BILHALVA DE FREITAS; CINTHIA DA SILVEIRA SIMÕES PIRES; JULIANA ACOSTA BRUM; GERUZA TAVARES D'AVILA; LUIZ EDUARDO NOBRE DOS SANTOS

1072-1075

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A REDUÇÃO DO RISCO DE DESASTRES NAS ESCOLAS COMO AGENTES DE MUDANÇAS SOCIOCULTURAIS

EVERTON RODRIGUES ZIRBES; OTTONI MARQUES MOURA DE LEON; PRISCILA PEDRA GARCIA; MAIARA MORAES COSTA; ANDRÉA SOUZA CASTRO; DIULIANA LEANDRO.

1076-1078

A CONTRIBUIÇÃO DAS UNIVERSIDADES NOS PROCESSOS DE REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA URBANA: A EXPERIÊNCIA DA VILA DAER NO MUNICÍPIO DE RIO GRANDE/RS

VICTORIA NUNES PIEPER; DJULI VAZ DE SOUZA; MARCELLE JACKEL NUNES; JOSEANE DA SILVA ALMEIDA

SUMÁRIO

1079-1081

Projeto Museu de Ciências Morfológicas no “Mundo UFPel”

MORGANA BASSI FERREIRA; WILLIAN ROBERTO DA SILVA BOTELHO; ANDERSON FERREIRA RODRIGUES; IURI HÖRNKE TUCHTENHAGEN; JAILSON VIEIRA ADAMOLI; ROSANGELA FERREIRA RODRIGUES.

1082-1085

REFLEXÕES SOBRE A OFICINA “O QUE VOCÊ PRECISA SABER SOBRE REFORMA AGRÁRIA E AGROECOLOGIA?”

ANDERSON SILVEIRA; CARLOS EDUARDO SILVA FERREIRA; ALESSANDRA GASPAROTTO

1086-1088

PROJETO SOBRE ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL NA ESCOLA ESTADUAL Dr AUGUSTO SIMÕES LOPES: CONVERSANDO COM TURMAS DO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

LIDIA PEREIRA SERGIO; KATIELE FURTADO SILVA; JULIANA PINO; CAROLINE DELLINGHAUSEN BORGES; CARLA ROSANE BARBOZA MENDONÇA; TATIANA VALESCA RODRIGUEZ ALICIEO.

1089-1092

UM ESTANDARTE À DONA MARIA AMARO: EPISTEMOLOGIAS NEGRAS EM SAMBA, DESENHOS E NARRATIVAS DE CRIANÇAS NA ESCOLA

JOSIANE CRISTINA FARIAS DIAS; EVERTON MACIEL; HUMBERTO SCHUMACHER; RITA MEDEIROS; RAQUEL SILVEIRA RITA DIAS

1093-1095

IMPACTOS SOCIAIS DA DEMOCRATIZAÇÃO À INFORMAÇÃO PROMOVIDA PELO PROJETO “ARTICULAÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLAS BÁSICAS – AÇÕES A PARTIR DO PAVE-UFPEL”

ISABELLY FELIPE MARQUES; SHELEN DOS REIS DA SILVA; LIZ FERNANDA CARRARD; MARCIO SCHELLIN BERGMAN; FRANCISCO DOS SANTOS KIELING

1096-1099

DESAFIO PRÉ-UNIVERSITÁRIO POPULAR E A EXPANSÃO DO ENSINO REMOTO

YAGO JACONDINO NUNES; VÍTOR DE MORAES KICKHOFEL; DANIEL MELLO VIEIRA; CATIA FERNANDES CARVALHO

1100-1102

SAÚDE MENTAL EM CENA: UM CAMINHO POSSÍVEL PARA DEBATER O TEMA NAS ESCOLAS

ANDRESSA DOS ANJOS; LORENA SCHUFER; LUIS MOURA; MARINA DE OLIVEIRA; DINARTE BALLESTER



SUMÁRIO

1103-1105

**OFICINA DE PALEONTOLOGIA: METODOLOGIAS LÚDICAS E A
DIVULGAÇÃO GEOCIENTÍFICA NO ENSINO FUNDAMENTAL.**

STÉFANY SILVEIRA DAS NEVES; GEYSI CUSTÓDIO DA SILVA; EMANUÉLLE SOARES CARDOZO;
DANIELE SILVEIRA DA ROSA; CAROLINE SILVEIRA DA ROSA; VITER MAGALHÃES PINTO

1106-1109

**X PETRO-SUL: SEMANA ACADÊMICA DO CURSO DE ENGENHARIA DE
PETRÓLEO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**

BARBARA CABELEIRA CAVALHEIRA; AMANDINE MADHONA ALEXIA MAKAYA;
KAMILLY LORRANY ARAUJO DA SILVA; VALMIR FRACISCO RISSO

EIXO EDUCAÇÃO

CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO DE EXTENSÃO NA FORMAÇÃO DOCENTE E NO AUXÍLIO EDUCATIVO AS CRIANÇAS

SANDRA IVANA GOMES VARGAS¹; ELISA DOS SANTOS VANTI²
HELENARA PLASZEWSKI³

¹Universidade Federal de Pelotas1 – sandragvg@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – elisa_vanti@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – helenaraf@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O trabalho explora no campo da formação docente a perspectiva de conceber a participação em projetos de extensão como um local que oportuniza aprendizagens pedagógicas e cria condições que aproximem do campo de trabalho futuro docente, através de um projeto de extensão da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) intitulado Compreensão de si mesmo, do outro e da sociedade em que vivemos: por um trabalho de integridade, valores, vivências e auxílio educativo na atenção a crianças do Instituto Nossa Senhora da Conceição.

Deste modo, o projeto configura-se segundo a resolução nº 10 de 19 de fevereiro de 2015 no capítulo II Da Tipologia artigo 7º inciso:

II - Projeto: iniciativa de caráter educativo, social, cultural, científico ou tecnológico, preferencialmente vinculado a um Programa, com ênfase no Ensino, Pesquisa ou Extensão, constituído por uma ou mais Ações de natureza específica de Ensino, Pesquisa ou Extensão, justificadas pela relação direta com um ou mais objetivos do projeto. (UFPEL-RESOLUÇÃO, 2015, p.02).

O que significa que esse conjunto de ações processuais e contínuas tratam de projetos extensionistas no âmbito da UFPel que superam a construção do conhecimento restrito ao ensino das disciplinas do curso de licenciatura, mas a ampliação dos espaços de formação que os licenciandos possam agregar a sua formação.

A confirmação da extensão como função acadêmica da universidade não passa apenas pelo estabelecimento da interação ensino e pesquisa, mas implica a sua inserção na formação do aluno, do professor e da sociedade, na composição de um projeto político-pedagógico de universidade e sociedade em que a crítica e autonomia sejam os pilares da formação e da produção do conhecimento. (JAZINE, 2004, p. 04).

O que significa a necessidade de integrar na formação outras experiências fora da sala de aula, buscando à exemplo nos projetos de extensão uma visão integrada entre teoria e prática educativa. Em contraponto ao modelo técnico conteudista, reproduzidor de teorias com pouca vivência da realidade de uma sala de aula.

Assim, a extensão é uma oportunidade de aprendizagem e trocas entre professor/a orientador/a e os discentes, bem como aproxima mais do futuro campo de trabalho. Neste viés o estudo objetiva refletir a respeito do projeto de extensão Compreensão de si mesmo, do outro e da sociedade em que vivemos: por um

trabalho de integridade, valores, vivências e auxílio educativo na atenção a crianças do Instituto Nossa Senhora da Conceição que tem sido um rico espaço formativo, a partir da experiência como bolsista do projeto, com início no semestre letivo de 2022/2.

2. METODOLOGIA

Como metodologia adotamos a abordagem qualitativa porque segundo Gil (2002) uma relação entre a realidade e o sujeito não pode ser demonstrado em números e sim pela interpretação dos fatos e atribuição de significados. Apresentamos a partir do relato das experiências e reflexões encontradas de um projeto extensionista que vem realizando suas atividades ao longo dos anos, mais precisamente desde 1997 e tem se constituído como um lokus formativo para acadêmicos de diferentes licenciaturas que dele fazem parte e continuado para os docentes que também integram o projeto ao longo desses anos. Assim como, cumpre seu compromisso social, segundo Nogueira (2001, p.67):

[...] o compromisso social da Universidade na busca da solução dos problemas mais urgentes da maioria da população; a indissociabilidade entre as atividades de Ensino, Extensão e Pesquisa; o caráter interdisciplinar da ação extensionista; a necessidade da institucionalização da Extensão no nível das instituições e no nível do MEC; o reconhecimento do saber popular e a consideração da importância da troca entre este e o saber acadêmico; e a necessidade de financiamento da Extensão como responsabilidade governamental.

O que significa o sentido da extensão, pois se caracteriza com o que fazemos na universidade, ou seja, é vida acontecendo, ao mostrar a extensão que é a prática dos/as acadêmicos/as. “Ademais, esta indissociabilidade demonstra que as ações extensionistas não são meramente assistenciais e nem se restringem a oferta de cursos ou programas de estudo”. (DE MEDEIROS, 2017, p.12).

Nesta esteira, apresentamos o nosso projeto estrutura-se em momentos interrelacionados: no 1º momento(formação): Antes da realização da ação propriamente dita, ocorre um encontro de formação pedagógica na instituição de ensino superior, no período final da tarde e início da noite, de forma a contemplar a participação dos/as acadêmicos/as que estudam no diurno ou noturno. Esse é momento no qual o/a educador/a responsável pela oficina dialoga a respeito da temática de estudo, possibilita o contato com o referencial teórico que sustenta, vivenciam as atividades práticas, sugerem ou adaptam a proposta inicial. Já na 2º momento (oficina): concluída a primeira fase (momento de formação), desenvolve-se a oficina no Instituto Nossa Senhora da Conceição, na cidade de Pelotas, em nosso estado do Rio Grande do Sul. No citado instituto estão matriculadas no turno inverso da escola regular, 75 educandas em situação de vulnerabilidade social, com idades entre 6 e 12 anos, divididas em três turmas, a saber: dos 6 aos 8 anos (1º e 2º Anos), dos 8 aos 10 anos (3º e 4º Anos) e dos 10 aos 12 anos (4º, 5º e 6º Anos). No trabalho destinamos, em torno de uma hora e meia de trabalho em cada uma das três turmas; momento que possibilita perceber a articulação entre a teoria e prática. Por último no 3º momento (auto-avaliação): Após a realização da oficina, os participantes produzem uma memória da ação, avaliando o seu planejamento e desenvolvimento. Assim se estabelece o que o

autor Schön (1992) denomina a “reflexão-ação-reflexão” que configura-se com uma prática mais fundamentada e condizente com a realidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto tem realizado oficinas práticas, dinâmicas, lúdicas com as crianças, o que contribui para seu aprendizado, bem como melhora a formação como futuramente licenciada, através da inclusão da bolsista nas oficinas de criação.

A experiência com bolsista tem auxiliado nas abordagens inovadoras e criativas que puderam agregar na aprendizagem das crianças e evitar a reprovação, a discriminação favorecendo a inclusão.

A Extensão pode ser entendida como o meio através do qual a comunidade pode questionar a ciência, e apresentar a elas as suas demandas. Ela pode retirar da Universidade as máculas de algumas injustiças sociais, políticas e econômicas sobre as quais a academia teorizou e que hoje se tornam máximas dentro de um sistema econômico e político que preconiza a desigualdade entre as pessoas devido a sua identidade de gênero, sua cor ou sua opção religiosa. (MEDEIROS, 2017, p.15)

A contribuição para a formação da bolsista se fez por intermédio do acompanhamento das oficinas e atividades, já que pode-se observar os resultados obtidos com as práticas realizadas com as crianças. Ainda, a bolsista pode explorar maneiras de manter as crianças curiosas, interessadas nos assuntos trabalhados pela forma lúdica e explorando as inúmeras maneiras de trabalhar com os recursos pedagógicos construídos para a aplicação da oficina.

É uma experiência que promove uma troca de aprendizados sendo um elemento agregador não só para a formação profissional, sendo importante também para nossa formação pessoal e atuação consciente e responsável para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

Imagens: Oficina de Jogos



Fonte: Acervo das Autoras (2023)

Contudo, fica evidente que participar do projeto é uma forma de promoção de cidadania. Incentiva a inclusão e contribui para um aprendizado construído de forma autônoma pelas crianças. Contribuindo assim para melhorar minha formação como educador, atuante na sociedade para a construção de um mundo melhor.

4. CONCLUSÕES

De forma conclusiva pontuamos que esse projeto extencionista está promovendo seu o seu papel enquanto espaço de formação, bem como a promoção de troca de aprendizagens, a difusão de conhecimentos e a inclusão social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DE MEDEIROS, Márcia Maria. A Extensão Universitária no Brasil – Um Percuro Histórico. **Revista Barbaquá/UEMS** - Dourados - MS, vol. 01, n. 01, jan-jun 2017, p.09-16.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JEZINE, E. As práticas Curriculares e a Extensão Universitária. **Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**. Belo Horizonte. 2004. Disponível em: www.ufmg.br/congrent/Gestao/Gestao12.pdf. Acesso em: 30 mai. 2023.

NOGUEIRA, Maria Das Dores Pimentel. Extensão universitária no Brasil: uma revisão conceitual. **Construção conceitual da extensão universitária na América Latina**. Brasília: UNB, 2001, p.57-72. Disponível em: <https://escritorio.org/sites/default/files/documentos/Nogueira,%20Maria%20das%20Dores.%20Extens%C3%A3%20Universit%C3%A1ria%20no%20Brasil%20-%20uma%20revis%C3%A3o%20conceitual.pdf> Acesso em: 30 mai. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Resolução nº 10 de 19 de fevereiro de 2015**. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/scs/files/2015/03/Resolu%C3%A7%C3%A3o-10.2015.pdf> Acesso em: 30 mai. 2023.

SEMINÁRIO ESTADUAL DA ANPAE RS 2022: REFLEXÕES SOBRE A DEMOCRATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO E DA ESCOLA

LUIS EDUARDO DOS SANTOS CELENTE¹; PEDRO FERNANDES VIANA²;
MARIA DE FÁTIMA CÓSSIO³

¹Universidade Federal de Pelotas – luiseceleante@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – fernandes199921@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – cossiofatima13@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Associação Nacional de Política e Administração da Educação (ANPAE) é uma associação civil de utilidade pública e natureza acadêmica no campo da política e da gestão da educação, que congrega pesquisadores, docentes e estudantes de educação superior; dirigentes e técnicos dos sistemas de ensino; e professores e diretores de escolas, bem como outros espaços sociais de educação e formação cidadã. Fundada em 1961 por professores universitários de administração escolar e educação comparada, a ANPAE se consolidou, ao longo das décadas, como entidade líder da sociedade civil organizada no campo das políticas públicas e do governo da educação.

O Seminário Estadual da ANPAE/RS visou propiciar a reflexão e o debate sobre as políticas educacionais e, mais especificamente, sobre a importância da democratização da educação e da escola, considerando os espaços e estratégias que permitiram a ampliação da participação e a adoção de mecanismos de inclusão e de justiça social, tanto do ponto de vista do acesso quanto da permanência de pessoas na educação básica e superior.

O objetivo geral foi promover a reflexão e o debate sobre a democratização da educação e da escola no contexto social, político e econômico do Brasil na atualidade. A justificativa do evento foi que a Associação Nacional de Políticas e Administração da Educação – ANPAE, seção estadual RS, entre outras atribuições, teve o papel de propiciar as reflexões sobre as políticas educacionais em vigor no Brasil e a análise de sua materialidade nas redes e nas escolas, por meio de rodas de conversa, publicações, mesas redondas, seminários, contribuindo com o protagonismo de professores, gestores e estudantes nas diferentes esferas da educação.

Nesse sentido, o evento, sob o título “Reflexões sobre a democratização da educação e na escola”, atendeu à perspectiva de ampliar a discussão sobre os espaços possíveis de participação, com vistas a promover a inclusão, a equidade e a justiça social.

A escolha da temática foi impulsionada pelo contexto social brasileiro, considerando, sobretudo, os retrocessos em relação à democracia vivenciados nos últimos seis anos no país, com impactos significativos em todos os campos da vida em sociedade, e, portanto, com reflexos nas políticas educacionais, relacionados aos currículos, aos projetos pedagógicos das escolas, à formação docente, e ao ordenamento legal e político da educação (CÓSSIO e CELENTE, 2023, p. 5).

2. METODOLOGIA

O seminário foi realizado ao longo de dois dias, com uma programação diversificada. No primeiro dia, 07 de outubro, à noite, ocorreu a sessão de abertura do evento, seguida pela conferência geral. A sessão de abertura foi um momento de acolhimento e apresentação dos objetivos e temas do seminário, enquanto a conferência geral trouxe uma palestra principal que abordou questões relevantes relacionadas à temática do evento.

No segundo dia, 08 de outubro, sábado, o seminário continuou com as atividades programadas. Durante os turnos da manhã e da tarde, foram realizadas as mesas redondas, que contaram com a participação de especialistas e pesquisadores do campo da política e gestão da educação. Nessas mesas redondas, foram realizados debates aprofundados sobre tópicos específicos relacionados ao tema central do seminário.

Além das mesas redondas, o segundo dia também incluiu a apresentação de trabalhos. Essas apresentações consistiram em resumos de trabalhos científicos e relatos de experiências, proporcionando uma oportunidade para os participantes compartilharem suas pesquisas, práticas e experiências no campo da educação.

Vale ressaltar que os recursos financeiros para a realização do seminário foram obtidos por meio das inscrições dos participantes. Esses recursos foram administrados pela Fundação Delfim Mendes da Silveira, que foi responsável pela gestão adequada e transparente dos valores arrecadados, garantindo a viabilidade e a qualidade do evento.

Com essa metodologia bem estruturada, o seminário promoveu um ambiente propício para a troca de conhecimentos, debates enriquecedores e divulgação de pesquisas e práticas relevantes no campo da política e gestão da educação.

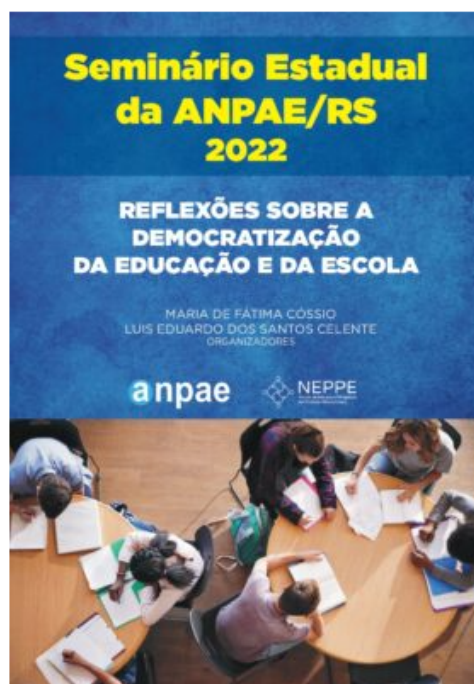
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O evento foi realizado de forma online, utilizando a plataforma "Doity" para gerenciar as inscrições e atividades. A transmissão do evento ocorreu por meio do YouTube, proporcionando ampla acessibilidade aos participantes. Desta forma, a realização possibilitou a participação de um público diversificado e superou as barreiras geográficas, ampliando o alcance e impacto do evento.

O evento contou com cinco eixos de trabalhos, abrangendo diferentes temáticas relevantes no campo da educação. Foram submetidos um total de 51 trabalhos, evidenciando o interesse e engajamento dos participantes em contribuir com o conhecimento e troca de experiências.

Como resultado do evento, foi publicado um e-book que reuniu os trabalhos selecionados, promovendo a disseminação das pesquisas e práticas apresentadas. Esse e-book (Fig. 01) representa um importante registro do evento e uma fonte de referência para estudos futuros.

Figura 01: Capa do e-book “Seminário Estadual da ANPAE/RS 2022”



Fonte: NEPPE, 2023

Além disso, o evento proporcionou um segundo momento, onde foi realizado o lançamento oficial do e-book, em agosto de 2023, sendo um momento especial de celebração e compartilhamento dos resultados alcançados

4. CONCLUSÕES

O Seminário organizado pela Seção Estadual da ANPAE/RS, contou com um número significativo de participantes e de trabalhos que foram apresentados oralmente, de acordo com os eixos definidos pela Comissão Científica, e publicizados por meio do E-book. no formato de resumos.

A palestra de abertura, as mesas redondas e a discussão dos trabalhos apresentados nos eixos temáticos, proporcionaram trocas entre pesquisadores, discussões sobre o contexto e sobre os impactos das inflexões vivenciadas recentemente na história brasileira em relação à democracia e, no caso específico do evento, da democracia na educação e na escola.

A organização do evento avaliou que atingiu os objetivos propostos, na medida em que se constituiu em um espaço importante de reflexões e publicização de pesquisas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÓSSIO, Maria de Fátima; CELENTE, Luis Eduardo dos Santos (org.) **Seminário Estadual da ANPAE RS 2022: reflexões sobre a democratização da educação e da escola**. Porto Alegre: ANPAE : NEPPE, 2023. 115p. Disponível em <https://wp.ufpel.edu.br/neppe/files/2023/04/Seminario-Estadual-da-ANPAERS-e-book.pdf>.

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E DIVULGAÇÃO EM QUÍMICA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS

ISABELLE FERNANDES DOS PASSOS¹; MARIA EDUARDA LOPES GOMES²;
ALESSANDRO CURY SOARE³; ALINE JOANA ROLINA WOHLMUTH ALVES
DOS SANTOS⁴

¹Universidade Federal de Pelotas, Curso de Bacharelado em Química Forense –
isabellefpassos@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas, Curso de Bacharelado em Química Forense –
eduardal.gomes@outlook.com

³Universidade Federal de Pelotas, Centro de Ciências Químicas, Farmacêuticas e de Alimentos
–CCQFA – alessandrors80@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – CCQFA – alinejoana@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O projeto de extensão universitária TICs - Tecnologias de Informação e Comunicação na Química atua desde 2021 e visa a formação de professores e estudantes do ensino médio. Seu objetivo, em parceria com o projeto de extensão Transfere – Mediação de Conhecimentos Químicos entre Universidades e Comunidades, é focar em atividades de capacitação, interação, troca de experiências e proporcionar às pessoas oportunidades de aprimorar conhecimentos em Química relevantes à vida cotidiana (FROZA e PASTORIZA, 2019).

Pensando no público escolar, é indiscutível a importância das aulas experimentais para o ensino de Ciências, por várias razões, dentre elas, estimular o interesse dos estudantes no estudo dos conteúdos (BLOSSER, 1988). Segundo GIORDAN (1999), a experimentação desperta um forte interesse entre alunos de diversos níveis de escolarização. Seguindo esse pensamento, nosso grupo de trabalho planejou e executou um experimento voltado ao conteúdo de Potencial Hidrogeniônico (pH), em dois eventos realizados em 2023, que atendeu público diverso presente na Feira Nacional do Doce (Fenadoce) e no Mundo UFPEL.

Existem diversos métodos experimentais que podem ser utilizados para determinar o pH de uma solução aquosa e, para este experimento, foram utilizados indicadores visuais, que são substâncias capazes de mudar de cor. Os indicadores ácido-base ou indicadores de pH são substâncias orgânicas fracamente ácidas (indicadores ácidos) ou fracamente básicas (indicadores básicos) que apresentam cores diferentes para suas formas protonadas e desprotonadas; isto significa que mudam de cor em função do pH (BACCAN, 2001, BÁNYAI, 1972).

Desta forma, o presente texto tem como objetivo analisar as percepções, com base nas respostas do formulário respondido pelos participantes durante a realização do experimento de pH, em cada um dos eventos.

2. METODOLOGIA

Conforme CARVALHO (1999, p.151) as atividades experimentais são uma forma de estimular o aluno a participar do processo de aprendizagem, sair da postura passiva e passar a perceber e agir sobre o objeto de aprendizagem.

Neste sentido, o grupo do projeto TICs desenvolveu materiais coloridos juntamente de um experimento atrativo e demonstrativo do pH.

No evento da Fenadoce, promovida no centro de eventos da cidade de Pelotas, o grupo desenvolveu as atividades no estande da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). O estande localizava-se perto da praça de alimentação. Com isso, o fluxo de pessoas foi constante, onde todos ficávamos convidando o público para participar das ações/oficinas ofertadas pelo projeto. Este evento era destinado ao público diverso, turistas e amantes de doces, sendo uma feira de comércio e atrações culturais.

O outro evento foi o Mundo UFPEL, que ocorreu no campus Capão do Leão, prédio 96, laboratório QI-10, no Centro de Ciências Químicas Farmacêuticas e de Alimentos, onde os visitantes circulam pelos diferentes espaços do evento. Este evento era destinado ao público estudantil, com vistas a visitar e conhecer os espaços da UFPEL, bem como algumas de suas atividades.

Os materiais e soluções utilizadas para o experimento estão descritos no Quadro 1. Para realizar o procedimento, colocou-se em um tubo de ensaio cerca de 1 mL da solução que se pretendia determinar o pH e em seguida adicionou-se 2 gotas do indicador no tubo de ensaio. Após, observou-se a mudança de coloração e comparou-se a coloração obtida com a escala de pH impressa no material de apoio.

Em ambos eventos, buscamos uma aproximação com o público, deixando-os à vontade para interagir e participar do experimento, podendo pipetar água mineral nos tubos, assim como gotejar os indicadores para observar a mudança de coloração nas soluções, permitindo assim uma interação do público com as soluções e os indicadores. Foram fornecidas informações orais e material de apoio ao público, orientando sobre o uso da escala numérica e sua utilização para especificar a acidez ou basicidade de uma solução aquosa. O material de apoio trazia exemplos de alimentos e bebidas com diferentes pH, viabilizando o entendimento do tema. No decorrer da participação, foi solicitado ao público o preenchimento de um formulário (Quadro 2).

Quadro 1. Materiais, soluções e indicadores utilizados no experimento do pH.

Materiais	Soluções	Indicadores
Tubos de ensaio	Ácido clorídrico 0,1M	Fenolftaleína 1%
Estante para tubo de ensaio	Hidróxido de sódio 0,1M	Azul de bromotimol 1%
Pipetas de Pasteur	Água mineral com e sem gás	

Quadro 2. Questões do formulário preenchido pelos participantes durante os eventos.

Questões	Respostas
Qual sua idade?	Resposta discursiva
Qual seu grau de escolaridade?	Resposta discursiva

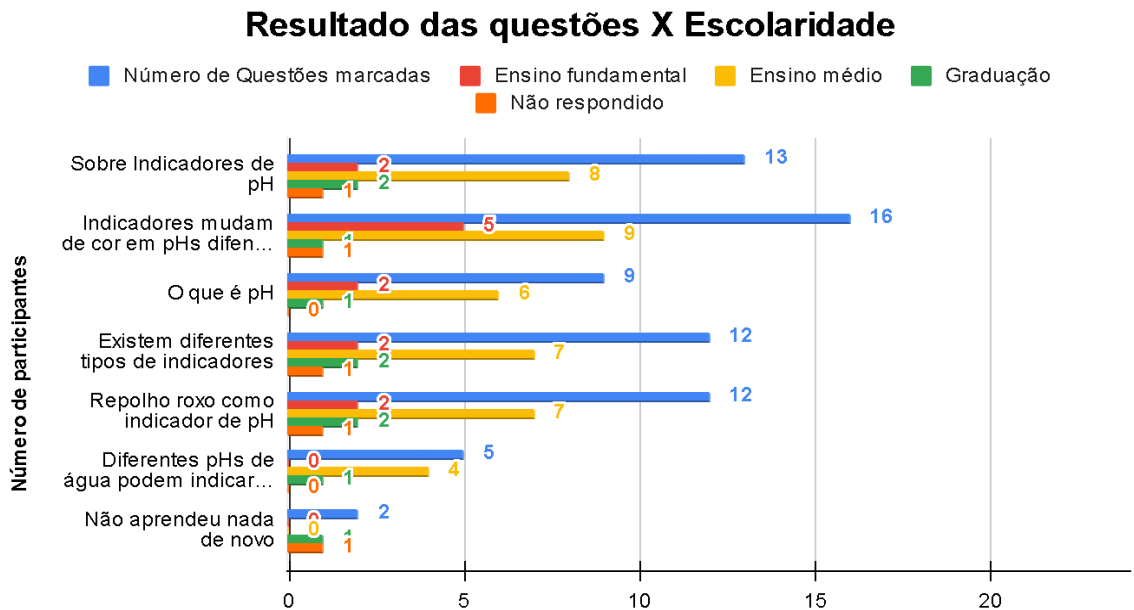
<p>O que você aprendeu com a oficina de pH?</p>	<p>Respostas objetivas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sobre Indicadores de pH • Indicadores mudam de cor em pHs diferentes • O que é pH • Existem diferentes tipos de indicadores • Repolho roxo como indicador de pH • Diferentes pHs de água podem indicar poluição e/ou água imprópria • Não aprendeu nada de novo
---	---

Uma metodologia quanti-qualitativa (LUDKE, 1986, p. 25) foi utilizada para analisar as respostas, permitindo assim, a obtenção de percepções que evidenciem a contribuição da atividade aos participantes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O questionário aplicado após a experimentação foi respondido por 24 pessoas com idades entre 12 a 56 anos. Onde 15 pessoas participaram da ação na Fenadoce e 9 pessoas no evento Mundo Ufpel. A partir da coleta de dados, foi possível estabelecer uma relação entre o nível de escolaridade e as respostas (Gráfico 1).

Gráfico 1. Relação observada.



No gráfico traz o número total de respostas à pergunta “O que você aprendeu com a oficina de pH?” e, dentro deste número, a quantidade de pessoas que assinalaram e seus respectivos graus de escolaridade. É possível verificar que o maior número de respostas foi: ‘Sobre indicadores de pH’ com 13 marcações e ‘Indicadores mudam de cor em pHs diferentes’ com 16 marcações. Em ambas, o maior número de pessoas estão no ensino médio, 8 e 9 respectivamente. Já as respostas menos selecionadas foram ‘Diferentes pHs de água podem indicar poluição e/ou água imprópria’ com 5 marcações e ‘Não aprendeu nada novo’ com apenas 2 marcações. Desta forma, observou-se que a

maioria do público participante da oficina, no somatório dos dois eventos, estava cursando ensino médio ou já havia concluído.

Os experimentos foram planejados a um público de ensino médio, sendo que realmente foi o público atingido. Em ambos eventos, foi possível interagir com pessoas diversas, com interesse e dúvidas autênticas, onde a curiosidade foi explorada e as dúvidas e questionamentos foram respondidos de forma sucinta e clara. Por fim, foi observado que, independente da idade, as pessoas atuaram ativamente nas ações propostas para a oficina.

4. CONCLUSÕES

Foi observado, nos dois eventos que participamos, o interesse do público em relação a temas de Química, apresentados por meio de experimentação.

O tema de potencial hidrogeniônico foi discutido e foi sendo construído com o público. Dessa forma, destaca-se a importância de projetos de extensão universitária, como TICs e Transfere, para a construção de conhecimentos e divulgação das Ciências com foco na Química presente na vida cotidiana

As ações realizadas também foram importantes para a formação do nosso grupo, com exercício de abordagem ao público, falas em público, explicar de maneira simples e objetiva os fenômenos observados, tudo isso, fazendo uso de vocabulário simples e da rotina das pessoas, resumindo, exercitamos a divulgação científica à público diverso, por meio de ações extensionistas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACCAN, N. ANDRADE, J. C., GODINHO, O. E. S., BARONE, J. S., Química Analítica Quantitativa Elementar, Campinas, 3a edição, Ed. Edgard Blücher Ltda., 2001, 308p.

BÁNYAI, E. Em Indicators; Bishop, E., ed.; Pergamon Press: Oxford, 1972, p. 1.

BLOSSER, P. E. **Materiais em pesquisa de ensino de física**: O papel do laboratório no ensino de ciências. Caderno Catarinense de Ensino de Física, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 74–78, 1988.

CARVALHO, A. M. P. de (Org). **Ensino de Ciências por investigação**: condições para implementação em sala de aula. São Paulo: Cengage Learning, 2013

FROZA, E., PASTORIZA, B. S. Avaliação de software educacionais para o ensino da Química em nível superior. Revista Electrónica de Enseñanza de Las Ciencias, Vigo, v. 19, n. 1, p.1-23, 2019.

GIORDAN, Marcelo. **O papel da experimentação no ensino de ciências**. Química Nova na Escola, v. no 1999, n. 10, p. 43-49, 1999

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Método de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In: LUDKE, Menga. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, Cap. 3. p. 25-44, 1986.

A FORMAÇÃO DE LEITORES NO PRESÍDIO REGIONAL DE PELOTAS

SIMONE SANTOS DE SOUZA¹; FRANCINE NUNES DE SOUZA²; JOÃO LUIS PEREIRA
OURIQUE³

¹*Universidade Federal de Pelotas – simone1966souza@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – frann_souza7@hotmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas –jlourique@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O projeto Remição de Pena Através da Prática de Leitura no Presídio Regional de Pelotas, da Universidade Federal de Pelotas, tem como um dos seus principais objetivos incentivar a leitura das pessoas privadas de liberdade. Além da realização das leituras por parte dos integrantes do projeto e da produção de conteúdo para a página do Instagram (<https://www.instagram.com/remicaooleitura>), criada para divulgar o trabalho realizado e articular as leituras realizadas pelos demais envolvidos nesse processo – professores, agentes, psicólogos, assistentes sociais –, este projeto também procura angariar livros para levar aos leitores no presídio visando fornecer exemplares da “Obra do mês” como : "Contos gauchescos", "Memórias póstumas de um Sargento de Milícia", "Triste Fim de Policarpo Quaresma", "Olhos D'Água", "Melhores contos de Lygia Fagundes Teles", "Vidas secas", "Dom Casmurro", "Memórias Póstumas de Brás Cubas", "O Cortiço" , "Inocência", “Dois irmãos” e o “Avesso da Pele”.

Ainda que os leitores no presídio possam escolher outros livros disponíveis no acervo do NEEJA, a indicação e disponibilidade de obras também possibilitam um vínculo entre os leitores, que podem discutir suas impressões e dificuldades de entendimento durante o mês em que estarão voltados para uma leitura em comum. Após a leitura, a Comissão de Validação de Leitura, nomeada para fazer a leitura dos relatórios, encaminha os pareceres ao juiz da comarca para que seja validado e conferido aos leitores a remição de quatro dias da sua pena. Essa atividade é amparada na Resolução nº 391/2021 do Conselho Nacional de Justiça em conformidade com a Ordem de Serviço nº 001/2021 do Departamento de Tratamento Penal, sendo estipulado o máximo de doze livros ao ano.

Nosso objetivo, portanto, é ajudá-los a desenvolver habilidades de leitura e escrita, melhorando sua compreensão e comunicação, tendo em vista uma

oportunidade para se envolver em atividades intelectuais e de lazer. Considerando que a disponibilidade de materiais de leitura pode variar amplamente de uma prisão para outra, esses programas oportunizam um acesso à leitura que, além do benefício da remição, podem apresentar um retorno positivo para o desenvolvimento intelectual, emocional e psicológico, o que contribuirá para melhorar a autoestima e confiança das pessoas privadas de liberdade, tornando-as mais preparadas para o retorno ao convívio social. As atividades de leitura se somam aos programas de ressocialização que são importantes para a reintegração à sociedade e para a redução da reincidência criminal. Cabe destacar, ainda, que estas ações também visam a garantia dos direitos humanos, fomentando a humanização do sistema prisional e que não podem ser vistas unicamente pelo viés de seus resultados mensuráveis, sendo um processo de transformação que atinge a todo o ambiente, não se limitando às pessoas privadas de liberdade. O investimento em programas de ressocialização no sistema carcerário ajuda a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, tendo em vista que a reintegração dessas pessoas à sociedade é um passo importante na luta contra a criminalidade.

2. METODOLOGIA

Para realizar essa pesquisa, os dados foram obtidos através dos relatórios de leitura oriundos do Presídio Regional de Pelotas. Esses relatórios foram coletados e analisados em conjunto com a equipe do projeto. Além disso, contamos com informações de outro projeto intitulado "Asas à Leitura" da Universidade Católica de Pelotas. Foram avaliados os relatórios de leitura, analisando a evolução da escrita das pessoas privadas de liberdade e o entendimento das obras sugeridas a eles.

Das 1263 pessoas privadas de liberdade, 777 estão no regime fechado e 486 no regime semi-aberto em abril de 2023, poucos estão dispostos a participar de projetos de leitura. O projeto conta com:

- 57 alunos matriculados no NEJA (Núcleo de Educação de Jovens e Adultos em presídios).
- 21 leitores que têm acesso ao pavilhão onde está localizada a biblioteca.
- 12 leitores que fazem parte do projeto Remição de Pena através da Prática de Leitura da Universidade Federal de Pelotas.

- 10 leitores de um segundo grupo, abrangendo as outras galerias.

E do projeto Asas Leitura da Universidade Católica de Pelotas

- 07 monitorados eletronicamente

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Antonio Candido (1965), a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante. Com base nos dados coletados entre as 1263 pessoas privadas de liberdade, descobrimos que somente 2% das pessoas manifestaram interesse em projetos de leitura, mesmo com a remição de 4 dias em suas penas pela participação e validação de suas fichas de leituras junto à comissão validadora do presídio. Em comparação com trabalhos semelhantes, existe a certeza de que o acesso à literatura trouxe uma transformação muito significativa no comportamento do apenado. De acordo com Cunha et al. (2020), houve uma mudança significativa no comportamento das pessoas dentro da unidade prisional, e há relatos de que muitas das conversas são agora sobre leitura também. Segundo Bueno (2019), a leitura mudou completamente o rumo das histórias dos leitores e de seus familiares, alterando sua visão de mundo e oportunidades.

Futuramente, será necessário realizar um perfil do leitor no Presídio Regional de Pelotas, o que é de grande importância por diversos motivos. Primeiramente, o hábito da leitura pode ser uma atividade de lazer e aprendizado, contribuindo para sua reabilitação e reintegração na sociedade após o cumprimento da pena. Além disso, entender o perfil do leitor no presídio pode ajudar na seleção de livros e materiais de leitura adequados para cada indivíduo, levando em consideração suas preferências e nível de escolaridade. Dessa forma, é possível garantir que eles tenham acesso a conteúdos que realmente possam despertar seu interesse e promover o desenvolvimento pessoal. Outro fator é que o perfil do leitor pode fornecer informações valiosas sobre as necessidades de incentivo à leitura e alfabetização dentro do presídio. Isso pode ajudar a reduzir a taxa de reincidência e os preparar para a vida fora da prisão. Por fim, o perfil do leitor no presídio pode ser utilizado como um indicador do impacto das políticas públicas de acesso à leitura e educação dentro do sistema

prisional. Com base nessas informações, é possível avaliar a eficácia dessas políticas e identificar áreas que necessitam de mais investimento e atenção.

4. CONCLUSÕES

Com esta pesquisa, podemos entender por que muitas das pessoas privadas de liberdade não vêm a leitura como uma atividade atrativa ou relevante, o que pode prejudicar seu processo de reabilitação e reintegração na sociedade. É importante entender as razões por trás desse baixo interesse na leitura e buscar formas de tornar a atividade mais atraente e relevante. Uma estratégia possível seria oferecer materiais de leitura relacionados às áreas de interesse dos detentos, como literatura de suspense, biografias, romances policiais, entre outros. Vale ressaltar também que os gestores e demais envolvidos nos projetos do presídio promovem a educação e a cultura como valores importantes para a ressocialização dos detentos, bem como pela oferta de programas de educação formal e profissionalizante.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 1ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

CUNHA, K. Z., MAILER, V. C. O., LEAL, R. J. **A formação do leitor literário na prisão e o papel da extensão universitária**. Travessias Interativas, N 22 VOL 10 2020.

BUENO, A. A. **Eu sou a minha liberdade. A relação de detentos e detentas com a leitura no cárcere**. 2019. Monografia TCC, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de comunicação e expressão, graduada em jornalismo.

Leitura no cárcere traz mais conhecimento para presos e ainda reduz tempo das penas. Disponível em: <https://www.tjsc.jus.br/web/imprensa/-/leitura-no-carcere-traz-mais-conhecimento-para-presos-e-ainda-reduz-tempo-das-penas->

DISSEMINAÇÃO DO CURSO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO EM ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO DE PELOTAS-RS

PAULO RENATO RODRIGUES DA SILVA¹; LUIS ANTONIO DOS SANTOS FRANZ²;
RENATA HEIDTMANN-BEMVENUTI³

¹Universidade Federal de Pelotas – rsilva-paulo@outlook.com

²Universidade Federal de Pelotas – luisfranz@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – reheidtmann@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A escolha sobre o curso superior a ser seguido é difícil, e os alunos do ensino médio constantemente reavaliam quais carreiras devem escolher e quais áreas têm mais aptidões (SERAFIM; SANTOS 2022).

Essa necessidade de tomar uma decisão surge quando o jovem está formando sua identidade e, por isso, o processo de tomada de decisão acaba se tornando ainda mais crítico (LUCCHIARI, 1993).

A escolha do curso errado pode impactar na evasão acadêmica e é preocupante, pois acarreta consequências acadêmicas, sociais e econômicas, comprometendo o aluno evadido e a sociedade em que ele está inserido, além de impactar nas instituições de ensino (BUENO, 1993).

Por vezes, é possível que alunos de ensino médio não tenham acesso à informação sobre os cursos disponibilizados nas universidades e nem sobre algumas peculiaridades sobre tais cursos, as quais poderiam facilitar no processo decisório do aluno. Por exemplo, o curso de Engenharia de Produção da UFPel é relativamente novo (existe desde 2015) e é um curso semestral e noturno, o que consiste em uma particularidade que tal seja desconhecida de alunos que pretendem ingressar na universidade.

Dessa forma, esse trabalho teve como objetivo disseminar o curso de Engenharia de Produção da UFPel em escolas de ensino médio de Pelotas-RS.

2. METODOLOGIA

Esse trabalho trata-se de uma pesquisa de levantamento, básica, com abordagem quali-quantitativa (GIL 2022).

No tocante à administração do projeto cabe citar que segundo Chiavenato (2000), ela é o processo de planejar, organizar, dirigir e controlar a aplicação das competências e o uso dos recursos organizacionais para alcançar determinados objetivos de maneira eficiente e eficaz.

Dessa forma, esse trabalho foi conduzido seguindo essas quatro etapas da administração de projetos.

2.1 Planejamento

Foram enviados e-mails para 33 escolas de ensino médio da cidade de Pelotas-RS no dia 4 de maio (obteve-se 5 respostas). Os e-mails foram reenviados mais duas vezes, no dia 8 de maio (obteve-se mais 2 respostas) e no dia 16 de maio (sem respostas).

O convite explicava brevemente o projeto e em seguida solicitava uma melhor data para a escola receber alunos e professores do curso de Engenharia de Produção, entre os dias 12 de junho e 30 de junho do corrente ano.

Um total de sete escolas (chamadas de A1, A2, B, C, D, E, F, G) se disponibilizaram a receber o presente projeto, sendo três privadas e quatro públicas. Os números 1 e 2 na letra A fazem menção a duas unidades diferentes da mesma escola.

2.2 Organização

Foi criado um *google forms* e enviado para todos professores e alunos do curso de Engenharia de Produção convidando para que participassem da visitação e para que marcassem a data/colégio que poderiam visitar.

A partir desses dados coletados no *google forms*, foi estruturada uma planilha contendo: a equipe da visitação, a escola, a data, o horário, a quantidade de alunos abrangidos e o responsável da escola que iria receber a equipe do projeto.

Foram elaborados *folders* coloridos contendo informações relevantes sobre o curso de Engenharia de Produção da UFPEL. Também foi elaborado um *banner* contendo as áreas da Engenharia de Produção e informações úteis para auxiliar na apresentação oral e exposição do curso aos alunos de ensino médio.

Para medir o impacto do projeto, foi entregue um questionário com três questões aos alunos no momento da visita.

2.3 Direção

Foi realizado um treinamento uma semana antes do início das visitas com a equipe que se candidatou voluntariamente a participar da visitação.

Foi criado um grupo no *whatsapp* e combinado um ponto de apoio no CEng (sala dos colegiados) para passar os materiais de uma equipe para a outra.

2.4 Controle

A coordenação do projeto lembrava um dia antes da visita no grupo do *whatsapp* e a equipe enviava fotos e notícias da visita em seguida do seu término.

2.3 Impacto do projeto

Os indicadores da abrangência do projeto foram as respostas das três perguntas que estão no Quadro 2.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Plano de ação das visitas

O Quadro 1 mostra o planejamento das visitas às escolas. Ao total, foram visitadas oito escolas e abrangidos 295 alunos.

Quadro 1. Planejamento das Visitas às Escolas

Escola	Rede	Nº de alunos abrangidos	Data da visita
A1	Privada	18	12/06/2023
A2	Privada	30	12/06/2023
B	Privada	68	13/06/2023
C	Privada	18	13/06/2023

D	Pública	17	14/06/2023
E	Pública	24	21/06/2023
F	Pública	28	22/06/2023
G	Pública	92	25/06/2023

Figura 1- Folder



Figura 2- Banner



3.2 Impactos da visitação

O questionário entregue para os alunos continha três perguntas que visaram medir o impacto do projeto (Quadro 2).

Quadro 2. Impacto da Visita

Escola	Alunos que sabiam da existência do curso de EP na UFPel (%)	Alunos que já sabiam o que faz um engenheiro de produção (%)	Apresentação do projeto fez os alunos pensarem na possibilidade de fazer o curso de EP (%)
A1	78	6	11
A2	87	13	30
B	57	18	39
C	78	94	89
D	29	0	35
E	54	25	42
F	46	21	21
TOTAL	61	23	35

*A escola G não teve interesse em disponibilizar os questionários para os alunos responderem.

Após a apresentação do curso pelos integrantes e logo após a aplicação do questionário, alguns alunos demonstraram interesse em cursar Engenharia de Produção. No geral, todos foram participativos e levantaram perguntas e pautas ao longo da visita.

A partir dos dados coletados foi possível perceber que a maioria dos alunos que já conheciam o curso de Engenharia de Produção eram de escolas do ensino privado, enquanto nas escolas públicas o índice foi menor.

4. CONCLUSÕES

O estudo revelou que, apesar de a maioria dos alunos das escolas ter conhecimento sobre a existência do curso de Engenharia de Produção na UFPel, não sabiam quais as atribuições de um Engenheiro de Produção.

O intuito do projeto foi atingido, pois foi possível disseminar o curso de Engenharia de Produção da UFPel para 295 alunos de ensino médio de escolas de Pelotas-RS.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUENO, J.L.O. A Evasão de alunos. **Paidéia**, Ribeirão Preto, n.5 p.9-16, 1993.
- CHIAVENATO, I. **Introdução à teoria geral da administração**. 6 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- GIL, A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7 ed. São Paulo: GEN- Atlas, 2022.
- LUCCHIARI, D.H.P.S. **Pensando e vivendo a orientação profissional**. São Paulo: Summus Editorial, 1993.
- SERAFIM, J.A.S.; SANTOS, J.E. **Perspectiva dos alunos do ensino médio com relação à escolha de um curso de graduação**. Trabalho de Conclusão do Curso de Ciência e Tecnologia, Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Mossoró - RN, 2022.

VOCÊ SABIA?: PREFERÊNCIA DO PÚBLICO EM RELAÇÃO AOS CONTEÚDOS DE HISTOLOGIA COMPARADA

HELENA BÜLOW MATIAS¹; SANDRA MARA DA ENCARNAÇÃO FIALA
RECHSTEINER²

¹Universidade Federal de Pelotas – helenabmatias.96@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – sandrafiala@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Nos animais pluricelulares, os diferentes tipos de células, quando possuem estruturas e funções semelhantes, são organizados em camadas ou arranjos, denominados tecidos (VANDERLEY; SANTANA, 2015). Segundo WOEHL; WOEHL (2016) e GARTNER (2007), a Histologia é a área da Morfologia que estuda os tecidos dos seres vivos e suas interações e funções nos órgãos do corpo, permitindo assim, entender os processos biológicos pertencentes aos organismos vivos e ainda aspectos evolutivos entre os grupos animais (VANDERLEY; SANTANA, 2015).

Além disso, para SILVA; FOGGIATO (2019), a Histologia é uma disciplina extremamente importante para os cursos das áreas da Saúde, Ciências Biológicas e correlacionadas, auxiliando na assimilação dos conteúdos das diferentes áreas de conhecimento no decorrer da vida acadêmica e profissional dos estudantes.

A tecnologia promove o compartilhamento de informações e conhecimento. As atualizações constantes dos recursos da internet, aumentam o uso das redes sociais, ocasionando maior interatividade e aproximação do mundo real com o virtual (LABADESSA, 2012).

Segundo ANDRADE; FERRARI (2014), para uma melhor compreensão dos conteúdos de Histologia, é interessante que sejam utilizadas metodologias que facilitem o aprendizado dos alunos. As tecnologias educacionais são utilizadas em diferentes áreas do conhecimento, tendo como objetivo principal proporcionar um aprendizado mais prazeroso e dinâmico. Logo, para os acadêmicos, essas tecnologias desempenham um importante papel como elemento transformador no modo de acesso e organização de conteúdos divulgados.

De acordo com SILVA et al. (2014), a extensão é conferida à universidade para possibilitar sua interação com a sociedade. Somada à pesquisa e ao ensino, gera troca de conhecimentos entre acadêmicos e populares, sendo tal função, considerada compromisso social da universidade. Ainda, segundo a Política Nacional de Extensão Universitária (2015), a extensão universitária permite uma interação capaz de transformar não somente a universidade, mas também os demais setores sociais que ela se relaciona.

Fundamentado nessa realidade, o Historep, Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl), criado para complementar a aprendizagem e estimular o interesse dos alunos sobre a disciplina de Histologia, utilizou suas redes sociais para divulgar a Histologia Comparada à comunidade acadêmica e os demais usuários da internet.

Assim sendo, o objetivo deste trabalho é relatar a preferência do público em relação aos conteúdos de Histologia Comparada divulgados pelo Historep em suas redes sociais.

2. METODOLOGIA

Inicialmente, em modo remoto, foi realizada uma conversa entre a coordenadora do projeto e a discente responsável pelas publicações, para selecionar os conteúdos referentes aos assuntos abordados.

As postagens foram elaboradas na plataforma Canva e publicadas semanalmente (às quartas-feiras) nos perfis do Facebook e Instagram do Historep, tendo como público-alvo os estudantes da UFPel que possuem as disciplinas de Histologia na grade curricular. No entanto, a fim de atingir também os demais estudantes e usuários da internet, as publicações foram escritas em linguagem coloquial, deixando as referências disponíveis para aqueles que tivessem interesse em aprender mais sobre os assuntos publicados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os animais silvestres são todos aqueles que pertencem às espécies nativas, migratórias e quaisquer outras, sejam eles terrestres ou aquáticos, cujo ciclo de vida ocorre dentro dos limites do território brasileiro ou em águas jurisdicionais brasileiras (BRASIL, 1998). Além da fauna silvestre nativa, segundo o Instituto Água e Terra (IAT) (2021), existe também a fauna silvestre exótica, composta por espécies que foram introduzidas em localidades que não são suas origens.

Já os animais domésticos, são aqueles que convivem com os seres humanos, estabelecendo uma relação de simbiose que permanece ao longo de gerações. Os humanos proporcionam a estes animais cuidados e alimentação e em troca recebem utilidades (BÉRTOLI, 2008).

Ao total, foram publicados 60 conteúdos, abordando as peculiaridades dos sistemas do corpo de diferentes classes de animais vertebrados, incluindo os seres humanos. As publicações tiveram como título principal a expressão “*Você sabia?*”, a fim de chamar a atenção dos seguidores e os estimular a ler o conteúdo, o qual divulgado semanalmente durante as quartas-feiras no período de 30 de março de 2022 a 12 de julho de 2023.

A fim de entender melhor a preferência do público em relação aos conteúdos publicados, eles foram separados em quatro categorias diferentes, sendo elas: Animais Silvestres e Exóticos; Animais Domésticos; Histologia Humana; e Histologia Comparada, esta última quando o assunto envolvia ao mesmo tempo as três categorias anteriores. Após essa separação, foi realizada a média dos valores de alcance e visualizações obtidos no perfil do Instagram do Historep (Tabela 1).

Tabela 1. Média dos valores de alcance e visualizações das publicações referentes aos conteúdos de Histologia Comparada.

Categoria	Nºde Publicações	Média de Alcance	Média de Visualizações
Animais Silvestres e Exóticos	25	553	747
Animais Domésticos	15	705	906
Histologia Humana	9	816	1.208
Histologia Comparada	11	603	788
Total	60	669	912

Além das redes sociais do Historep, os assuntos também foram compartilhados no perfil pessoal da aluna responsável pela produção dos conteúdos, buscando levar informações ao maior número de usuários possível.

As publicações continham em média 8 imagens, sendo uma imagem inicial para informar o tema abordado e uma página final com as referências utilizadas (Figura 1).



Figura 1. Exemplo de publicação sobre o conteúdo de Histologia Comparada.

Tanto no Instagram, quanto no Facebook, o recurso “story” foi utilizado para informar quando uma nova publicação havia sido realizada e também como meio de interação com os usuários, visando estimular os seguidores a buscarem os demais conteúdos contidos no perfil do Historep.

Além disso, os seguidores da página no Instagram, através dos comentários nas publicações, relataram a satisfação com o aprendizado referente aos conteúdos abordados (Figura 2).



Figura 2. Exemplo de comentários realizados pelos seguidores do Historep.

4. CONCLUSÕES

Através dos valores de alcances e visualizações obtidos com as publicações e dos comentários realizados pelos usuários do Instagram, é possível afirmar que a produção de conteúdos referentes à Histologia Comparada foi um modo efetivo

encontrado pelo grupo Historep para levar aos seus seguidores e à comunidade conhecimento histórico referente à Histologia dos animais domésticos, animais silvestres e exóticos, e à Histologia humana, sendo esta última, o conteúdo que mais despertou o interesse dos usuários.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, F.B.; FERRARI, O. **Atlas Digital de Histologia Básica**. Paraná: UEL, 2014. 1ª ed.

BÉRTOLI, C.D. Biblioteca Virtual AGPTEA. **Associação Gaúcha de Professores Técnicos de Ensino Agrícola**. Fevereiro de 2008. Disponível em: <https://www.bibliotecaagptea.org.br/zootecnia/zootecnia_geral/livros/INTRODUCAO%20A%20ZOOTECNIA.pdf>. Acesso em: 28 de agosto de 2023.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. Art. 29, § 3º. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9605.htm>. Acesso em: 28 de agosto de 2023.

GARTNER, L.P. **Tratado de Histologia em Cores**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. 3ª ed.

INSTITUTO ÁGUA E TERRA. **Governo do Estado do Paraná**. 2021. Disponível em: <<https://www.sedest.pr.gov.br/Noticia/Instituto-explica-diferencas-entre-animais-nativos-e-exoticos>>. Acesso em: 28 de agosto de 2023.

LABADESSA, E. O uso das redes sociais na internet na sociedade brasileira. **Revista Metropolitana de Sustentabilidade**, São Paulo, v.2, n.2, p. 82-94, 2012.

SILVA, D.F.; FOGGIATO, A.A. **Manual teórico e prático de histologia**. São Paulo: Blucher, 2019. 5ª ed.

SILVA, F. M.; MELO, P. A. de; SILVA, J. E. O.; RAMOS, A. M.. Compromisso social e extensão: a prática da Universidade Federal de Santa Catarina. **Revista Alcance Eletrônica**, Governador Valadares, v. 21, n. 1, p. 77-97, mar. 2014.

SOARES, L. T.; FERREIRA, L. F. G.; MIRANDA, G. L. de; NOGUEIRA, M. D. P. **Política Nacional de Extensão Universitária**. 2015. Disponível em: <https://proex.ufsc.br/>. Acesso em: 28 de agosto de 2023.

VANDERLEY, C.S.B.S.; SANTANA, I.S.H. **Ciências Biológicas - Histologia e Embriologia Animal Comparada**. Ceará: UECE, 2015. 2ª ed.

WOEHL, V.M.; WOEHL, O.M. **Biologia Licenciatura à Distância - Histologia**. Santa Catarina: Copyright, 2016. 3ª ed.

MATHLIBRAS EM AÇÃO – UMA ANÁLISE DA APLICAÇÃO DO VÍDEO “V34 – VAMOS COMPARAR?”

GABRIEL HENRIQUE POSSIGNOLO GOMES¹; INDI DO RÊGO MEDEIROS²;
KELVIN WENDEL BOHN³; TATIANA BOLIVAR LEBEDEFF⁴; THAIS PHILIPSEN
GRUTZMANN⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – gabrielxpossignolo@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – indimedeiros@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – kelvinbohn@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – tblebedeff@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – thaisclmd2@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Com o propósito de criação de material didático acessível para a comunidade surda, que abordasse conteúdo matemático do ensino primário até fundamental, o projeto de pesquisa e extensão MathLibras surgiu de uma parceria entre o Instituto de Física e Matemática e o Centro de Letras e Comunicação, através dos Programas de Pós-Graduação em Educação Matemática e em Letras.

Desde sua concepção, em 2017, o projeto sempre teve como base o retorno para a sociedade, visto que o próprio se origina de uma necessidade que a própria comunidade surda assinalou. A demanda foi apresentada pela Escola Bilíngue Prof. Alfredo Dub, parceira desde o início do projeto, que seria a falta de vídeos educativos com o uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras), como língua de instrução, com inserção de legendas e áudio em português, possibilitando o acesso pelo público ouvinte.

Lourenço (2023) comenta que se o aluno surdo é detentor da língua de sinais e usa ela para se comunicar, a falta de materiais didáticos que utilize a língua de sinais pode provocar um movimento retrógrado da aprendizagem do aluno. Caso o material didático seja apresentado apenas em português, o aluno precisa compreender o conceito que lhe é apresentado em L2 (português) traduzindo para Libras (L1). Este movimento tradutório acaba dificultando o processo de ensino-aprendizagem.

O MathLibras, como um agente de mudança para esse cenário, cria e publica videoaulas em seu canal do Youtube, o que possibilita o acesso nacional ao material, facilitando o uso deles como uma forma mais lúdica e visual do professor apresentar o conteúdo. A ludicidade pode ser observada na utilização de elementos atrativos, tais como cenários coloridos, animações, e o uso de uma narrativa mais literária, além da principal característica que é ser bilíngue, ou seja, Libras pensada como L1 e português como L2.

Devido ao seu caráter de extensão, o projeto ultrapassa o muro do campus da universidade, tanto de forma virtual, através do Canal do Youtube, como por meio da aplicação dos vídeos na escola parceira já citada. A aplicação presencial do material criado é de suma importância para avaliação dos vídeos, se cumpre com o objetivo, ou seja, se é acessível e de fácil compreensão pelo público ao qual se destina.

Portanto, o presente artigo propõe uma análise da aplicação do vídeo “V34 – Vamos Comparar?” o que possibilitou a visualização dos acertos e as falhas na produção do vídeo, o que facilitará o aperfeiçoamento de futuras produções.

2. METODOLOGIA

O método utilizado para a análise será o relato de experiência, com o cunho observacional na aplicação e de caráter mais abrangente no que condiz a edição do vídeo. Isso possibilitará uma avaliação do que foi pensado e no seu funcionamento na ação. De acordo com CEDEIRA (2020), a partir da observação o homem se torna um agente ativo, pois organiza, interpreta e elenca o que lhe é apresentado, o que facilita a sua aprendizagem, e no caso do MathLibras, visualizar o que as crianças retêm das informações apresentadas no vídeo.

O “V34 – Vamos Comparar?” foi aplicado no dia 07 de julho de 2023 em diferentes turmas de alunos da Escola Alfredo Dub, que comporta desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental. Ao todo foram 10 crianças, divididas em diferentes momentos de exibição do vídeo. A realização foi supervisionada pelas professoras e pela coordenadora da escola, que auxiliou na comunicação e interação com os alunos.

O vídeo foi exibido sem os segundos iniciais, que apresenta o projeto e sem os finais, que trazem a despedida e os créditos, retendo apenas o conteúdo sobre comparação. A coordenadora apresentava a proposta da aula e indagava sobre os conceitos apresentados e o resultado do questionamento, que era analisar o que se assemelhava e o que se distinguia ao comparar duas bolas de cores iguais, mas tamanhos diferentes. Enfim, a aplicação consistia nessas etapas citadas, o que permite que após essa contextualização seja possível abordar os resultados provenientes dela e como eles resultaram em modificações dentro do MathLibras.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a edição do vídeo a principal preocupação era que as bolas, objeto a ser comparado, tivessem característica de coloração igual, mas que se apresentasse em tela em tamanho diferente, como consta na Figura 1, para que assim fosse facilmente percebido, no que se igualava e no que se diferenciava os objetos. Além disso, a movimentação rolando foi adicionada para dar maior veracidade ao objeto e por parecer mais atrativo.

Figura 1 - Vídeo "V34 - Vamos Comparar?"



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=9FgYiv7CDUo>

No primeiro momento o vídeo foi apresentado para uma aluna (Aluna 1) do Pré-A, que prontamente identificou que as bolas eram azuis, e que tinha algo de

diferente nelas. Entretanto, foi necessário que a professora pegasse dois objetos físicos de cores semelhantes e de tamanhos diferentes (bolas amarelas), para que ela percebesse que no vídeo as bolas também divergiam no tamanho, como consta na Figura 2. Após a constatação, prosseguiu o vídeo, no qual foi confirmado que a resposta apresentada por ela estava correta.

Figura 2 - Aplicação de Vídeo no DUB



Fonte: MathLibras, 2023

Em seguida, foi a vez de uma aluna do Pré-B (Aluna 2), ouvinte, então foi necessário mutar o vídeo, para que assim ela se concentrasse somente na Libras. Esta rapidamente constatou a cor azul igual e o tamanho de uma bola ser grande e a outra menor. Nas duas turmas do Pré a noção de comparação estava sendo trabalhada no momento, por ser um conteúdo imprescindível para o desenvolvimento do conceito de número.

Portanto, para o público-alvo do vídeo, o objetivo foi atingido, visto que na amostragem da aplicação na faixa etária que ele se destina, os conceitos apresentados foram compreendidos, o que permitiu que ambas conseguissem comparar as bolas.

Na terceira exibição, com uma aluna do Primeiro Ano (Aluna 3), o resultado foi diferente, ela afirmou que as bolas eram iguais, porque uma era grande e a outra menor. O que demonstra, que apesar do visual ter induzido a resposta certa, o conceito ainda não estava desenvolvido, o que provocou a inversão. Somente quando a professora pegou dois objetos físicos e retornou o questionamento para esta aluna, ela percebeu que ter diferentes tamanhos é uma característica que distinguia elas, e não as igualava.

Quando trabalhada a questão da cor, a aluna percebeu que ambas eram azuis, mas novamente a constatação foi adversa, pois ela afirmou que a cor comum as diferenciava. Após uma nova pergunta da professora, ela falou que eram iguais e diferentes. Como a questão central da aplicação era analisar a primeira impressão dos alunos, não se viu necessário continuar estimulando até a resposta totalmente certa.

Na penúltima exibição, com os quatro alunos do Terceiro Ano (Alunos 4, 5, 6 e 7), foi utilizada uma abordagem diferente, primeiramente foi dado um papel com as perguntas, para que eles pudessem ter acesso ao questionamento também em português escrito sobre as noções de comparação que foram ilustradas no vídeo. Os Alunos 4 e 6 conseguiram preencher corretamente, o Aluno 5 fez confusão, mas todos pediram ajuda com o português na hora de escrever. Já o Aluno 7 não lembrava o porquê achava igual, precisando que a professora separasse as

perguntas por um critério de cada vez. Os Alunos 4 e 6 acabaram explicando para os outros a resposta da questão com a resposta correta foi compreendida pelo aluno 5, entretanto, o aluno 7 não conseguiu compreender.

Assim, a professora precisou utilizar de uma comparação de características dela com uma outra aluna, para que o Aluno 7 entendesse a comparação usando diferentes exemplos, como cor de cabelo, altura, gênero, entre outras características. Em determinado momento, o Aluno 6 buscou diferentes objetos na sala para comparar e questionou os outros alunos, e um a um foram na frente para também realizar a prática de comparar.

Na última exibição com os alunos do Quarto Ano (Alunos 8, 9 e 10) foi observado que os Alunos 8 e 9 entenderam a parte visual, com ambas as bolas sendo azuis e de tamanhos diferentes, mas não conseguiram verbalizar a compreensão de que um objeto pode ser igual em um critério e diferente em outro. A Aluna 10 desde o início soube responder a questão que o vídeo perguntava.

Após todas as exposições e discussões com os alunos, obteve-se um parecer satisfatório quanto a clareza do vídeo e de seus elementos pedagógicos visuais. Entretanto, ficou claro que ele por si, acaba não sendo suficiente para aprendizagem independente, sendo necessária a intervenção da professora e a utilização de materiais físicos dentro da sala para comparar. Com o tato e a visualização da tridimensionalidade do objeto, as características passíveis de comparação ficaram mais evidentes.

4. CONCLUSÕES

É essencial para a continuidade e aprimoramento do projeto a sua aplicação prática, pois a partir dela é possível enxergar como o público reage ao que lhe é apresentado, se a linguagem estava clara, se os elementos de animação cumpriram seu papel. Essa aplicação, em específico, rendeu inúmeras alterações, principalmente quanto a natureza dos objetos a serem utilizados nos vídeos como material de estudo, tendo a necessidade de ser um que componha o ambiente escolar, para que a professora possa recorrer a eles, e assim dar mais explicações.

Percebeu-se a necessidade de trabalhar melhor o conceito de comparar em aula, pois os alunos tiveram dificuldade de ver que o igual e o diferente podem habitar um mesmo objeto dependendo do aspecto analisado. O MathLibras se fortalece a cada aplicação, melhorando seus vídeos, para que cada vez mais o objetivo seja alcançado e a Matemática se torne menos complicada e acessível a todos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERDEIRA, J. P. (2020). O poder da observação. Potencialidades quase esquecidas do Modelo Cognitivo-social de Aprendizagem. **DEDiCA. Revista de Educação e Humanidades**, 17, 189-212. DOI: <http://dx.doi.org/10.30827/dreh.v0i17.11500>.

LOURENÇO, N. J. A. **Elaboração de material didático dinâmico inclusivo no ensino de química**. 2023. Dissertação para Graduação em Química-Licenciatura. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023. Online. Acessado em 07 ago. 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/26904/1/NJAL10052023.pdf>.

SEMANA ACADÊMICA IDENTIFIQUE-SE: UM RELATO EXPERIÊNCIA

MARIA FERNANDA PINTO NETO¹; ANA LUIZA CASSALTA DE TOLEDO²; BRYAN FONSECA ORTIZ³; ANDRÉ DE OLIVEIRA TORRES CARRASCO⁴

¹Maria Fernanda Pinto Neto - mfernandapn@gmail.com

²Ana Luiza Cassalta de Toledo - analuzactoledoestudo@gmail.com

³Bryan Fonseca Ortiz - bryannfo@gmail.com

⁴André de Oliveira Torres Carrasco - andre.o.t.carrasco@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Conforme estabelecido no Projeto Pedagógico do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, um dos objetivos do curso é capacitar profissionais versáteis, com uma ampla visão de mundo e aptidão para se inserirem em diversas esferas de atuação como arquitetos urbanistas. Para colaborar com a busca deste objetivo, o CEAU (Centro Estudantil da Arquitetura e Urbanismo) organizou, em conjunto com estudantes interessados, uma Semana Acadêmica.

Neste ano, o tema da mesma foi “Identifique-se”. A intenção foi ampliar o horizonte dos estudantes e possibilitar o contato com diversas frentes de atuação do profissional arquiteto urbanista, para assim estimular a identificação dos alunos. Para atingir o objetivo, foram convidados profissionais da área com conhecimentos diversos para proferir palestras, proporcionando aos estudantes uma perspectiva enriquecedora e diversa.

A Semana Acadêmica foi realizada nos dias 6, 8 e 10 de março de 2023 em conjunto com o Primeiro Simpósio de Direito à Cidade da UFPel nos dias 7 e 9, intercalando as datas das atividades de cada um. A Semana Acadêmica contou com um quadro de 12 organizadores (discentes), 20 palestrantes, 20 parceiros e patrocinadores, além de um público de pelo menos 225 alunos da graduação e pós graduação que participaram das palestras e atividades ao longo dos três dias.

2. METODOLOGIA

A Semana Acadêmica de 2023 surgiu a partir da iniciativa do Centro Acadêmico da faculdade, que criou um formulário para convidar os alunos interessados em organizar o evento. Após a coleta dessas inscrições, foi realizado um encontro com os estudantes interessados, marcando o início da integração das equipes, definição de tarefas e estabelecimento do tema.

Durante o primeiro encontro, foram definidos aspectos cruciais, incluindo o nome do evento, que foi definido como “Identifique-se”, bem como a elaboração de uma planilha para organizar cada grupo de trabalho. Além disso, para determinar os temas a serem abordados durante a Semana Acadêmica, foi acordado que seria disponibilizado um formulário aos alunos, no qual eles poderiam destacar os assuntos de maior interesse. Dessa forma, os temas mais mencionados seriam selecionados para compor o programa da Semana Acadêmica.

Os discentes do curso demonstraram interesse por temas relacionados à interdisciplinaridade, design, inclusão, acessibilidade, e acima de tudo, interesse por conhecer melhor as oportunidades presentes no mercado de trabalho e as diferentes áreas de atuação de um profissional de Arquitetura e Urbanismo. Com os assuntos principais definidos, foi hora de buscar informações a respeito de potenciais

palestrantes, oficinairos e patrocinadores para compor o quadro do evento e realizar contato com os mesmos.

Em paralelo aos contatos, a equipe de artes e marketing ficou responsável por criar toda a identidade visual do evento. Foram elaborados banners, cartões de identificação, uma agenda, assim como, produtos para serem entregues aos palestrantes como agradecimento e para serem adquiridos pelos alunos durante a semana.

Assim que a agenda estava fechada, foi momento de divulgar as palestras e oficinas, reservar os equipamentos e locais necessários para as dinâmicas previstas e de realizar as inscrições. Outra demanda recebida dos próprios alunos, foi a questão de faltas nas disciplinas naquela semana. Assim, a organização da Semana Acadêmica buscou o diálogo com os professores, para que esses apoiassem a frequência no evento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao final da Semana Acadêmica, um formulário de satisfação sobre o evento foi disponibilizado, com o objetivo de realizar um levantamento sobre a qualidade do evento e também para antecipar temas futuros para a próxima Semana Acadêmica a ser organizada.

No total, foram obtidas 38 respostas, o que representa 16,88% dos participantes do evento. Nessa amostragem foram recolhidos os seguintes dados:

Nível de satisfação: Geral (sendo 1 ruim e 5 excelente)
38 responses

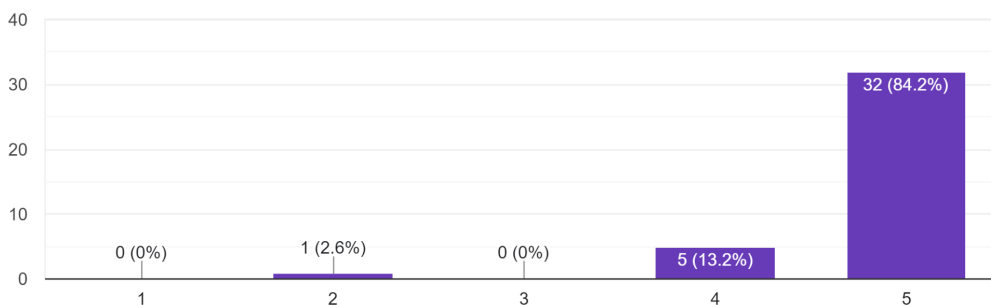


Figura 1: Formulário Google

Nível de satisfação: Organização (sendo 1 ruim e 5 excelente)
38 responses

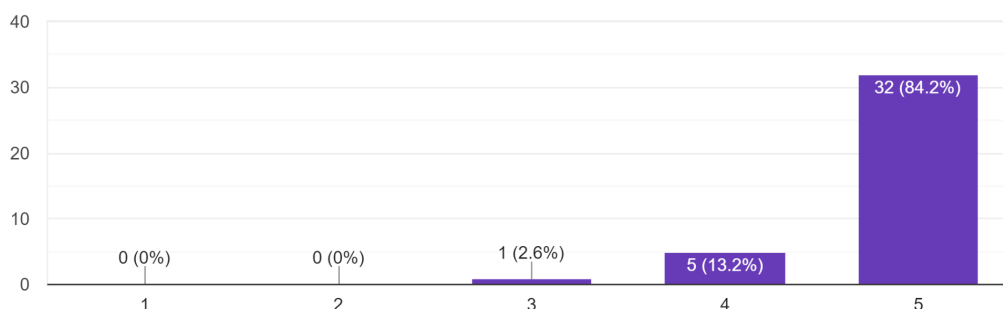


Figura 2: Formulário Google

Nível de satisfação: Palestras (sendo 1 ruim e 5 excelente)

38 responses

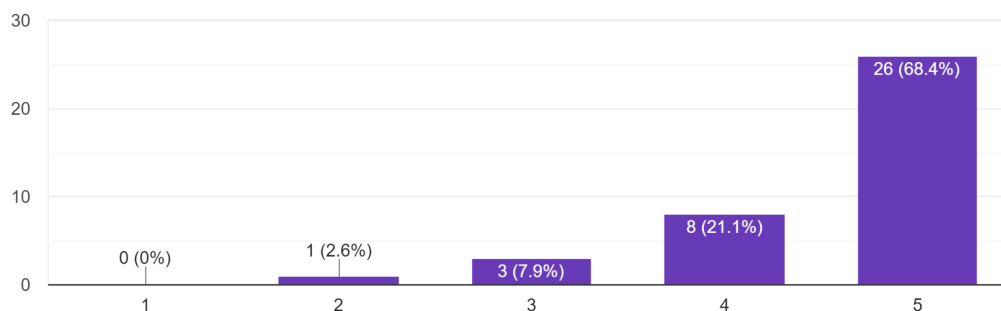


Figura 3: Formulário Google

Ao analisar os dados, pode-se afirmar que a Semana Acadêmica foi muito proveitosa, afinal 84,2% ficaram satisfeitos. Entretanto, ao analisar o nível de satisfação com as palestras a porcentagem caiu, mas se manteve acima da média, ficando com 68,4% de excelência (ainda que 89,5% tenham dado um feedback positivo no item).

Também solicitamos respostas dissertativas. A primeira foi um comentário geral sobre o evento, onde 100% dos comentários positivos como exemplo: “Muito bem organizada, muito diversa, pude conhecer muitos profissionais e temáticas que não tive nenhum contato em 5 anos de curso. Parabéns a todos!”

Outra pergunta dissertativa foi sobre o que teria faltado no evento, sendo a maioria das respostas referentes às oficinas ofertadas. Foram solicitadas mais vagas, assim como mais turnos e dias para a participação delas. Foi comentado também sobre não aderência e incentivos dos professores na Semana Acadêmica, pois muitos seguiram dando aula, cobrando presença e até solicitando entrega de trabalho nesta semana.

4. CONCLUSÕES

Partindo da ideia de criar uma Semana Acadêmica inovadora para os alunos, a comissão organizadora empenhou-se incansavelmente. Destacar esse feito é de suma importância, pois há anos esse evento não acontecia, e sua realização trouxe entusiasmo para os estudantes ao abordar temas e assuntos distintos dos tratados em sala de aula, além de aproximar os discentes de situações mais recorrentes no mercado de trabalho.

Apesar de alguns obstáculos, como a limitação no número de vagas para as oficinas e, principalmente, a falta de adesão por parte da maioria dos professores, testemunhamos uma expressiva participação dos alunos e uma profunda satisfação por parte da maioria dos envolvidos. Isso leva a concluir que seria positiva a realização de mais edições do evento ao longo da graduação, sendo possível tratar em cada uma delas assuntos que estejam em maior evidência no momento. Ainda assim, é importante ressaltar que para a perpetuação da Semana Acadêmica vê-se necessária uma maior adesão do corpo docente, visto que uma generosa parcela de alunos não pôde participar de todas as atividades e palestras devido às atividades letivas estarem acontecendo normalmente em paralelo.



5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PELLEGRINI, A.C.; MANENTI, L.; BARBOSA, R.; MARTINS, L. SAIA: Semana Acadêmica Interdisciplinar de Arquitetura. **V Seminário Nacional sobre Ensino e Pesquisa em Projeto de Arquitetura - PROJETAR 2011**, Belo Horizonte/MG.

CONSTRUINDO E PARTILHANDO SABERES COM AS PROFESSORAS DAS ESCOLAS MULTISSERIADAS DE RIO GRANDE/RS

JANICE SOARES¹; VANIA GRIM THIES²

¹Universidade Federal de Pelotas – janicesoares612@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – vaniagrims@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo descrever uma atividade do projeto “Educação do campo: construindo e partilhando saberes” do qual sou bolsista de extensão. A atividade foi realizada no mês de abril de 2023, no âmbito do Centro de Memória e Pesquisa Hisales¹, local onde o projeto é desenvolvido e também sou integrante. O projeto de extensão tem como objetivo realizar a formação com as professoras das escolas multisseriadas da região sul, partindo de temas específicos conforme a demanda da comunidade escolar.

Foi assim que a formação de professoras foi planejada, partindo de uma demanda da Secretaria Municipal de Educação de Rio Grande/RS. A demanda solicitada foi a de trabalhar o registro do planejamento para os diferentes anos escolares presentes nas escolas multisseriadas. O planejamento da ação de formação foi realizado no espaço do Hisales, local onde estão salvaguardados acervos da escolarização primária, tais como: cadernos escolares, cadernos de planejamentos de professoras, livros para ensino da leitura e da escrita, livros didáticos produzidos no Rio Grande do Sul, escritas pessoais e familiares, materiais didático pedagógicos e os acervos complementares.

O planejamento para a formação contou com duas professoras, uma coordenadora dos anos iniciais e outra coordenadora das escolas do campo, que atuam na Secretaria de Educação do município de Rio Grande. Essas professoras/coordenadoras, ao visitar e conhecer os materiais disponíveis no Centro de memória e pesquisa Hisales, foram dialogando sobre as expectativas para o dia de encontro das professoras na formação.

Assim, a partir dos materiais que compõe o acervo do Hisales, foram selecionados como exemplos, os cadernos de planejamento de professoras que também atuaram em classe multisseriadas, pois estas turmas apresentam especificidades em relação às configurações de organização, tais como as diferentes idades e anos escolares na mesma sala de aula, além de saberes culturais próprios das localidades onde as escolas estão situadas.

Esses aspectos aparecem no relato das professoras durante o encontro: atividades realizadas com mais de uma série/ano, os alunos auxiliam os colegas com os conteúdos, exploração do espaço ao redor da escola, maneiras diferentes de sentar e organizar a turma, por exemplo em pequenos grupos entre outros aspectos. Diante deste contexto é que se desenvolveu uma atividade de formação com as

¹Mais informação sobre o Hisales no site (<https://wp.ufpel.edu.br/hisales/>), nas redes sociais (Facebook: Hisales, Instagram; @hisales.ufpel) e por e-mail (grupohisales@gmail.com).

professoras que atuam com turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental de escolas multisseriadas do campo localizadas no município de Rio Grande/RS.

2. METODOLOGIA

A formação ocorreu no dia 29 de abril de 2023, em um sábado no período da manhã, com a presença de 25 professoras. A atividade foi conduzida pela Profa. Dra. Vania Grim Thies, coordenadora do projeto de extensão e pela doutoranda Profa. Joseane Cuz Monks com auxílio de outras bolsistas de extensão, na qual me incluo, e Iniciação Científica do Hisales.

Para iniciar a atividade de formação, as professoras foram recepcionadas com um café da manhã no pátio do Hisales e depois puderam visitar e conhecer o trabalho realizado neste centro de memória e pesquisa. O grupo de professoras apresentava diferentes anos de experiência no magistério: algumas professoras no início da carreira docente e outras com muitos anos de prática nos anos iniciais.

Este momento foi importante porque chamou muito atenção das professoras, pois o Hisales possui uma representação de uma sala de aula com carteiras em madeira, a maioria delas vindas de escolas da zona rural da região sul, fator que pode ser associado à cultura das localidades onde os docentes trabalham atualmente. Além disso, há na exposição ardósia, mata borrão, caneta tinteiro entre outros artefatos que contam a história da escolarização primária. Estes utensílios e suportes dão visibilidade à evolução dos materiais, fato que causou um certo saudosismo entre as docentes. Tais momentos foram permeados de memórias sobre atividades já realizadas e outras possíveis de serem desenvolvidas nas comunidades onde as professoras atuam neste período. Também realizaram a oficina de escrita com a pena para fechar a parte da visita no espaço.

O próximo momento da formação constituiu-se em um diálogo com a exemplificação de materiais e problematizações a partir de relatos de práticas. Houve uma mostra de materiais, tais como cadernos de planejamento de professoras, livros de literatura infantil e jogos didáticos. Posteriormente, as professoras se organizaram em três grupos de trabalho, no qual cada grupo escolheu um material para explorar e elaborar um planejamento didático que contemplasse todos os anos escolares para as quais lecionavam a partir das suas realidades. Após este movimento, cada grupo deveria apresentar uma síntese de seu entendimento e do planejamento da atividade para uma turma multisseriada a partir do material escolhido. Na Figura 01 é possível verificar os momentos da formação: a chegada e acolhida com café, a visita no espaço do Hisales e as atividades realizadas em grupos.

Figura 01: O café no pátio do Hisales, visita na sala do Hisales e atividades em grupo.



Fonte: Acervo do Hisales.

A partir destes materiais, foram surgindo diversas ideias entre os grupos, que elaboraram em seu planejamento atividades como: leitura de texto ao início da aula; texto coletivo; bingo de letras para alunos pré-silábicos, silábicos alfabéticos e alfabéticos; jogo quebra-cabeça; completar o texto; substituir gravura pela palavra; atividades com glossário; atividades com música; desafios matemáticos; atividades de ciências sobre alimentação saudável, origem dos alimentos, receitas entre outros.

As professoras apresentaram o planejamento que elaboraram em grupo e, a seguir, as professoras Vania e Joseane fizeram algumas orientações finais para fechar a manhã de trabalho.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Enquanto as professoras estavam discutindo nos grupos, foram surgindo diversas ideias de atividades. A partir das discussões das professoras foi possível acompanhar também os contextos das escolas e das comunidades com as especificidades do campo, bem como as formas de aprendizagens das crianças. É o que afirmam Rocha e Hage (2010):

Respeitar organizando convívios-aprendizagens por tempos humanos vai além da lógica seriada e multisseriada. É a lógica do viver, do aprender humano, do socializar-nos como sujeitos culturais, intelectuais, éticos, sociais, políticos, identitários (ROCHA; HAGE, 2010, p.13).

Neste momento da formação as professoras puderam estabelecer diálogos com as colegas, momentos de escuta sobre os processos vivenciados, angústias nos momentos de aprendizagem das crianças e muita troca de saberes, considerando o processo quase solitário no cotidiano do trabalho. Muitas professoras trabalham em duplas ou no máximo em trios, dependendo do tamanho da escola e do número de alunos de cada uma.

Os momentos de formação revelam os desafios da docência no campo e a necessidade de ouvir e acolher a narrativa das professoras. Desta forma, ao mesmo tempo em que falavam das possibilidades das atividades a serem realizadas, elas também relataram o cotidiano das turmas nas referidas escolas, tendo em vista que as escolas estão em diferentes localidades/regiões rurais.

Na organização dos grupos, as professoras se reuniram por afinidades. Após definirem os nomes dos grupos e registraram as sugestões das atividades que poderiam ser propostas no planejamento. Assim, seguem os exemplos dos nomes dos grupos e das atividades pensadas/planejadas:

GRUPO FORA DO PADRÃO

O grupo se organizou pensando atividades para cinco etapas: 1ª etapa (comum a todas as professoras do grupo): Leitura: “Uma zebra fora do padrão”; da autora Paula Browne; texto coletivo; glossário; 2ª etapa (educação infantil): Música: zebra fora do padrão (bonecos de papel); Listas (construir desenho); Bolhas de

sabão; Bingos com desenhos; 3º etapa (1º ano): Ficha de leitura; Música; Ordem alfabética (com as listas e tipos de letras cursiva/bastão); Trabalho com glossário (sílabas e sons das letras); 4º etapa (2º ano): Trabalho com glossário (sílabas complexa, cursiva/bastão, ordem alfabética com as listas); Material (análise combinatórios com a roupa da zebra); 5º etapa (3ºano): Trabalho com o glossário (sílabas complexa, cursiva/bastão e ordem alfabética com as listas); Material (análise combinatórios com a roupa da zebra). Receitas; Bingos; Higiene (horas, estação do ano).

GRUPO URTIGA

O grupo se organizou em três diferentes momentos: 1º momento (comum a todas as professora do grupo): História maluca (texto coletivo); Glossário das palavras das figuras; Bingo de letras feito de forma diferente a depender do nível de hipótese alfabética: nível pré-silábico (colar as letras no bingo), níveis silábico e alfabético (colar as sílabas) e alfabetizado (elaborar frases sobre os desenhos); Jogos de Pin: Quebra cabeça (pré-silábico e silábico); Complementar texto lacunado; Substituir (gravuras pelas palavras); Texto em parágrafos (alfabetizados); 2º momento: Algarismos e quantidades; Desafios matemáticos; Medidas de massa e capacidade; Pareamento (cores e espécies); 3º momento: Alimentação Saudável, alimentos naturais/industrializados; origem dos alimentos (animal e vegetal); receitas; classificação dos alimentos fazer iogurte lactobacillus.

GRUPO A INVASÃO DAS GALINHAS

O grupo foi distribuído em quatro fases: 1ª fase (comum a todas as professora do grupo): Acolhida (história e rodas de conversas sobre invasão das galinhas no espaço escolar); 2ª fase (1º ano): Jogo da memória (relação numerais e quantidades); 3ª fase (2º ano): Jogos da soma e subtração (somados os ovos no ninho); 4ª fase (3ºano): Tabuadas com materiais concretos.

4. CONCLUSÕES

Como bolsista do projeto de extensão, acompanhei a atividade de formação das professoras multisseriadas de Rio Grande. Foi uma manhã de aprendizagem e de descoberta de materiais que podem ser usados para trabalhar com as crianças (jogos didáticos, livros infantis, modos de desenvolver as quatro operações, etc.) em sala de aula. A visita e a formação realizada no Hisales foi muito importante também para as professoras, pois fortaleceu o fazer pedagógico que elas já realizavam nas escolas. Além disso, saíram dos seus contextos e puderam conhecer espaços institucionais da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), aspectos considerados significativo nas atividades de extensão como uma via de mão dupla: ouvir e ser ouvido.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ROCHA, Maria Isabel Antunes; HAGE, Salomão Mufarrej (Orgs.). **Escola de Direito: Reinventando a escola multisseriada**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

PRODUTOS DE LIMPEZA E ALIMENTOS COMO REAGENTES QUÍMICOS NO ESTUDO DE CONCEITOS DE DENSIDADE COM ABORDAGEM PRÁTICA

GUILHERME BRAHM DOS SANTOS¹; AMANDA BATISTA AGUIAR²;
ALINE JOANA ROLINA WOHLMUTH ALVES DOS SANTOS³

¹Universidade Federal de Pelotas, Curso de Química Licenciatura – guilhermebrahm@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas, Curso de Química Forense – b.amandaaguiar@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas, Centro de Ciências Químicas, Farmacêuticas e de Alimentos, CCQFA – alinejoana@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Química é uma área reconhecida por mobilizar vários elementos altamente conceituais e com densidade de ideias abstratas, por isso necessita explicações que vão articular um nível visível a um domínio invisível e submicroscópico de entidades desconhecidas (TABER, 2019). Com base nisso, o projeto Transfere – Mediação de Conhecimentos Químicos entre Universidade e Comunidades é um projeto de extensão que atua desde 2011 e tem como objetivo promover a interação com comunidades diversas (SANTOS et al., 2020). O intuito é aproximar/mobilizar experiências e saberes por meio da interação, com foco em atividades voltadas à educação e cultura em Química, oferecendo às comunidades a oportunidade de contato e construção de saberes voltados ao cotidiano em espaços formais e não formais de ensino. Como exemplo de espaço não formal de interação com as comunidades, o projeto faz uso das redes sociais, *Instagram* e *Facebook*. A interação presencial ocorre em eventos, feiras e escolas, sendo as escolas (SANTOS et al., 2023) exemplos de espaços formais de ensino. Em todos estes espaços e para cada ação específica realizada, são produzidos materiais coloridos e atraentes, com foco no atendimento das demandas do ensino médio e fundamental.

O grupo Transfere atua em parceria com integrantes de outros projetos de extensão e ensino dentro do Programa Química em Ação, registrado no âmbito da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, de modo a gerar oportunidades de mediação de saberes com as comunidades. Sendo assim, de acordo com RODRIGUES et. al. (2013), a extensão possui importante papel acadêmico, em face das trocas entre estudantes e comunidades, onde ambos compartilham e constroem saberes. Desta forma, o objetivo do presente trabalho foi perceber a constituição de saberes do público participante de um experimento científico, sobre o conteúdo de densidade de líquidos, apresentado pelo grupo na Feira Nacional do Doce - Fenadoce e Mundo UFPel, no ano de 2023.

2. METODOLOGIA

Este estudo foi concebido e realizado com base nas atividades feitas em dois eventos distintos, no ano de 2023, relacionados ao experimento intitulado “Torre de Líquidos”, que aborda os conceitos de densidade. O primeiro evento ocorreu durante a Feira Nacional do Doce (Fenadoce), realizada no centro de eventos da cidade de Pelotas, onde o grupo Transfere esteve presente no estande da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), localizado em uma área de grande circulação, próxima à praça de alimentação, resultando em um fluxo

significativo de visitantes. O segundo evento foi o Mundo UFPel, realizado no campus Capão do Leão da UFPel, que ocorreu nos laboratórios dos cursos de Química, onde os participantes buscavam diretamente os laboratórios e os experimentos que mais lhes interessavam.

A preparação prévia dos materiais para os eventos ocorreu de forma colaborativa em nosso grupo, que integra graduandos, bolsistas e voluntários, professora coordenadora e demais professores colaboradores da Universidade ou Escola. Buscou-se selecionar experimentos que fossem interessantes/atrativos para o público, levando em consideração critérios como a possibilidade de realizá-los em bancadas abertas, facilidade de transporte, apelo visual e a garantia de que não apresentavam riscos à saúde dos participantes da oficina.

O experimento "Torre de Líquidos", também conhecido como "Torre de Densidade", foi o escolhido. Para esse experimento, os materiais necessários incluíam uma proveta de 500 mL, mel, água, detergente de cozinha, óleo, álcool e corante alimentício. Esses materiais, foram organizados à priori, garantindo que tudo estivesse pronto para a montagem do experimento nos eventos.

Durante a participação nos eventos, foram coletados dados dos participantes, por meio de formulários. Esses formulários foram divididos em dois grupos: o primeiro grupo compreende os participantes do Mundo UFPel e o segundo grupo consiste nos participantes da Fenadoce. As respostas foram separadas em dois grupos: M (Mundo UFPel) e F (Fenadoce) e agrupadas de acordo com o grau de escolaridade dos participantes.

No processo de análise das respostas foi utilizada uma abordagem que combina metodologia qualitativa e quantitativa. Esse método híbrido (FLICK, 2009) permitiu obter uma compreensão das percepções e experiências dos participantes, ao mesmo tempo em que foi possível quantificar e mensurar aspectos específicos do nosso desempenho como grupo e da assimilação do tema pelos participantes.

Inicialmente, as respostas foram submetidas a uma análise qualitativa com inspiração em análise de conteúdo (BARDIN, 1977), que consistiu em examinar detalhadamente o conteúdo das respostas e identificar padrões, tendências e temas recorrentes. Nessa etapa, buscou-se compreender as impressões dos participantes em relação à oficina, aos experimentos realizados e aos conceitos de Química abordados. Nosso grupo, também, procurou identificar quais foram os aspectos mais positivos e quais pontos poderiam ser aprimorados para futuras apresentações. Em seguida, as respostas foram codificadas em números e percentuais, o que permitiu mensurar o grau de satisfação dos participantes, a compreensão dos conceitos apresentados e o impacto geral da oficina. As informações obtidas foram observadas sobre o entendimento da percepção geral do público em relação à oficina e ao tema abordado. A análise qualitativa permitiu captar nuances e aspectos subjetivos das respostas, enquanto a análise quantitativa trouxe elementos objetivos e mensuráveis para embasar as percepções.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a execução da atividade frente ao público, primeiramente o grupo buscou maior entendimento dos temas que seriam apresentados, afinal “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (FREIRE 1996, p. 16).

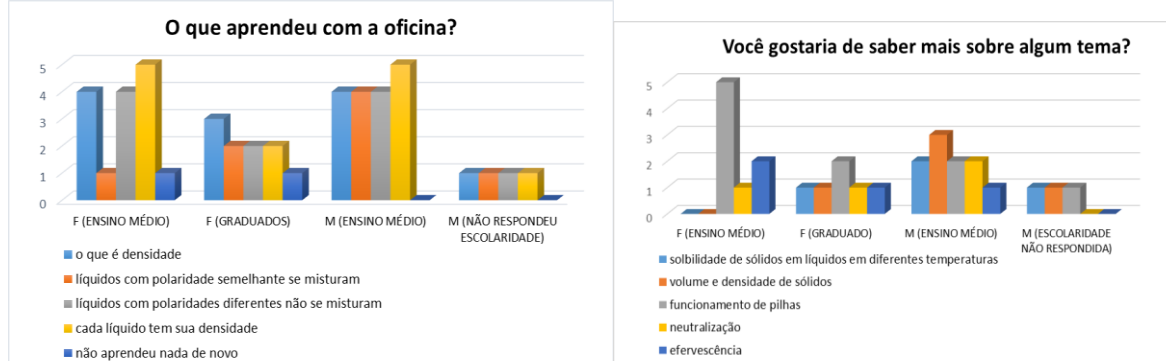
Em ambos eventos, objetivamos explicar os conteúdos abordados, utilizando exemplos para tornar a compreensão mais clara e envolvente para o público. O intuito era não apenas demonstrar os experimentos, mas também proporcionar uma experiência educativa e divertida aos participantes. O diálogo e a interação foram aspectos importantes para tornar a experiência enriquecedora. Cada evento possuía um propósito diferente, de modo que o contato/interação com o público também transcorreu de forma distinta. O público no evento do Mundo UFPel foi menor (8 participantes) que na Fenadoce (11 participantes). Os dois eventos tinham focos muito diferentes, o evento da UFPel era direcionado ao público estudantil, enquanto o evento da Fenadoce tinha seu foco em turistas, visitantes, entretenimento e comércio, isto é, ao visitor a Fenadoce, o público não esperava encontrar experimento algum e, muito menos, temas de Química.

Durante a Fenadoce, especialmente, notamos que, após as explicações sobre o experimento da "Torre de Líquidos", os participantes demonstraram grande interesse em saber mais sobre o tema. Parte do público era composto, de estudantes de diversos níveis escolares, que, como mencionado anteriormente, não planejavam ter contato com os conteúdos apresentados durante o evento. Outra parte era composta de famílias à passeio no evento, portanto foi possível vislumbrar a mesma surpresa nas reações de ambos os públicos.

No Mundo UFPel, a adesão foi, majoritariamente, de público estudantil, maioria estudantes do Ensino Médio que foram intencionados e cientes que encontrariam informações e conhecimentos. Questionaram mais sobre a polaridade dos líquidos presentes na torre, pois já possuíam uma base sobre o conceito de densidade. Além disso, alguns estudantes demonstraram-se interessados nos cursos de Química oferecidos pela UFPel, o que trouxe à tona perguntas, também, neste âmbito.

A Figura 1 traz dois gráficos, sendo que cada um trata dos dados quantitativos obtidos nas respostas a cada pergunta indicada. Os gráficos indicam as respostas obtidas nos dois eventos, sendo “F” Fenadoce e “M” Mundo UFPel. Por vezes, os participantes indicaram mais de uma resposta. O público total era constituído de 15 pessoas que possuíam ou estavam cursando o Ensino médio, 3 estavam cursando ou haviam concluído a graduação e 1 não respondeu sua escolaridade.

Figura 1. Gráficos que relacionam o número de respostas à cada pergunta nos eventos Fenadoce (F) e Mundo UFPel (M).



O gráfico da esquerda mostra que a maioria das respostas do grupo “M” e “F” de estudantes de ensino médio indicou a assimilação de que cada líquido tem sua densidade, enquanto a maioria dos graduandos indicou a assimilação do

conceito do que é densidade. No evento do Mundo UFPel, nenhum participante indicou graduação como grau de escolaridade.

No gráfico da direita observa-se que, a maioria do público “F”, seja de graduados quanto de ensino médio gostaria de obter informações futuras sobre o funcionamento de pilhas. Já a maioria do grupo “M”, constituído por estudantes de ensino médio, gostaria de obter informações futuras sobre volume e densidade de sólidos.

4. CONCLUSÕES

A interação com o público proporcionou mediação de conhecimentos e experiências significativas a todos, além de proporcionar uma vivência prática de conceitos de Química abordados por meio de experimentos. Foi uma experiência gratificante poder compartilhar conhecimentos e informações, bem como esclarecer dúvidas sobre os cursos de Química ofertados pela UFPel. A experiência descrita neste trabalho reforçou a importância de ações de divulgação científica em eventos diversos, a fim de incentivar o interesse pelo estudo e cultura em Química, bem como mostrar ao público produções universitárias que sejam de seu interesse e podem ter associação com seu cotidiano.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1977.
- FLICK, U. **Introdução à análise qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996
- RODRIGUES, A. L. L.; COSTA, C. L. N. do A.; PRATA, M. S.; BATALHA, T. B. S.; PASSOS NETO, I. de F. Contribuições da extensão universitária na sociedade. **Caderno De Graduação - Ciências Humanas e Sociais**, v.1, n. 2, p. 141–148, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/494>>.
- SANTOS, A. J. R. W. A.; SANGIOGO, F. A.; LAMPE, L.; PAULA, C. B.; MOREIRA, L. L.; SILVA, V. S. Mediação de Conhecimentos de Química associados ao cotidiano através das ações de extensão do Projeto Transfere. In: MICHELON, Francisca Ferreira; BANDEIRA, Ana da Rosa. **A Extensão Universitária nos 50 Anos da Universidade Federal de Pelotas**. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, p. 781-795, 2020(b). Disponível em: <<http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/5671>>. Acesso em: 14 ago. 2023.
- SANTOS, A. J. R. W. A.; SANGIOGO, F. A.; LAMPE; PRETO, C. R. Oficina de Química em Escola de Ensino Médio no Brasil usando os Três Momentos Pedagógicos como Metodologia. **Brazilian Journal of Education, Technology and Society (BRAJETS)**, v. 16, n.1, p. 59-70. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14571/brajets.v16.n1>>. Acesso em: 14 ago. 2023.
- TABER, K. S. Conceptual confusion in the chemistry curriculum: exemplifying the problematic nature of representing chemical concepts as target knowledge. **Foundations of Chemistry**, v. 22, n. 2 p. 309-334, 2019. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1007/s10698-019-09346-3>> ou <<https://link.springer.com/article/10.1007/s10698-019-09346-3>>

PARALELO VERDE: A ATUAÇÃO DISCENTE NA COORDENAÇÃO DE UM GRUPO DE ESTUDOS DE CANNABIS SATIVA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

GIOVANNA VALENTE MENDES¹; FERNANDA CAPELLA RUGNO²

¹Universidade Federal de Pelotas – giihmendes.22@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – fernandacrugno@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A *cannabis sativa* é uma planta dióica pertencente à família Moraceae que está presente na cultura da humanidade há milênios. Seu primeiro registro é datado de 4.000 a.c e foi descoberto na China, onde sua fibra teria sido utilizada para fins medicinais e espirituais (Ribeiro, 2014).

Grande parte do seu potencial terapêutico é desencadeado devido à ligação molecular formada entre um canabinoide e os receptores endógenos CB1 ou CB2 presentes no corpo humano, auxiliando no tratamento da epilepsia, de doenças neurodegenerativas como Alzheimer, Parkinson e Esclerose Múltipla, de câncer e tumores, dores neuropáticas, dores crônicas, síndrome de imunodeficiência adquirida (AIDS), Síndrome de Tourette, glaucoma, autismo, TDAH, ansiedade, depressão e distúrbios do sono (Lucena, 2021; Ribeiro, 2014; Honório; Arroio; Silva, 2006).

Com o aumento de estudos acerca dessa planta, a Cannabis vem ganhando cada vez mais reconhecimento acerca de seu potencial terapêutico, fazendo com que muitos despertem interesse pelo tema e seu uso medicinal na população se torne cada vez mais comum. Em um artigo para o jornal Folha de São Paulo em julho de 2023, a jornalista Raquel Lopes traz que ao menos 24 unidades da federação brasileira ou já aprovaram uma regra ou estão debatendo temas que abrangem o uso terapêutico da cannabis no Brasil.

Diante disso, foi fundado em Novembro de 2021 o “Paralelo Verde”, um grupo de estudos aberto sobre Cannabis Medicinal da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl). A criação do grupo se deu por 2 estudantes de graduação e 1 professora, todos do curso de Terapia Ocupacional, e tem como objetivo promover estudos, reunir conhecimentos, compartilhar depoimentos e facilitar o acesso à informações confiáveis sobre a planta *Cannabis sativa*.

O presente trabalho se trata de uma breve descrição da atuação da aluna extensionista no “Paralelo Verde”, integrado ao Projeto de Extensão “Grupo MovimentAÇÃO” (código 1128); também será abordado de que modo essa experiência contribuiu para formação acadêmica da aluna e dos demais discentes inscritos no projeto.

2. METODOLOGIA

As atividades do grupo de estudos “Paralelo Verde” ocorrem quinzenalmente às quartas-feiras no formato híbrido, sendo os encontros presenciais nas salas de aula da Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional (FAMED) e os remotos através da plataforma de ensino da UFPEl (Webconf).

Cada reunião do grupo leva em torno de 1 hora e 30 minutos e as atividades realizadas incluem o estudo de temas que englobam a *Cannabis sativa*, como: promoção de discussões sobre o uso de Cannabis medicinal em patologias clínicas, a citar - Transtorno do Espectro Autista, Doença de Parkinson, Câncer e Epilepsia (vale ressaltar que são debatidas outras patologias trazidas pelos integrantes do grupo, seja por experiência próxima/pessoal, de algum familiar ou conhecido ou a partir de algum relato/notícia da comunidade externa); troca de conhecimento canábico entre alunos de diversos cursos da UFPel, a comunidade e especialistas na área (médicos, veterinários, advogados, pesquisadores, psicólogos, etc.) através de palestras e da divulgação de informações sobre a *Cannabis sativa* na rede social-digital “Instagram”.

O cronograma das atividades do grupo é organizado pela aluna bolsista e disponibilizado no início de cada semestre, sendo elaborado de acordo com a demanda discente apresentada no formulário de inscrição do grupo de estudos “Paralelo Verde” e disponibilizado uma semana antes da primeira semana letiva do semestre.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atuação da bolsista no grupo de estudos “Paralelo Verde” se dá por meio da organização e planejamento semestral do cronograma de atividades do grupo; elaboração dos formulários de inscrição e feedback dos membros do grupo; pesquisa de materiais científicos que englobam os temas dos encontros quinzenais; criação semestral de um grupo com membros do “Paralelo Verde” no WhatsApp para facilitar a comunicação e o compartilhamento de materiais para estudo; mediação dos encontros, registro e controle da frequência dos membros do grupo; contato direto com convidados para palestras de temas específicos; divulgação dos encontros do grupo e monitoramento do perfil do Paralelo Verde na rede social-digital “Instagram”.

Ademais, foram realizadas funções paralelas como o acolhimento da demanda discente referente ao certificado de participação e ao remanejamento do cronograma diante da indisponibilidade do convidado em dias de palestra.

No decorrer do atual semestre (2023.1), o cronograma do grupo foi organizado conforme mostrado na tabela a seguir. Foram realizados ao todo, até o presente momento, 7 encontros presenciais e 20 encontros remotos.

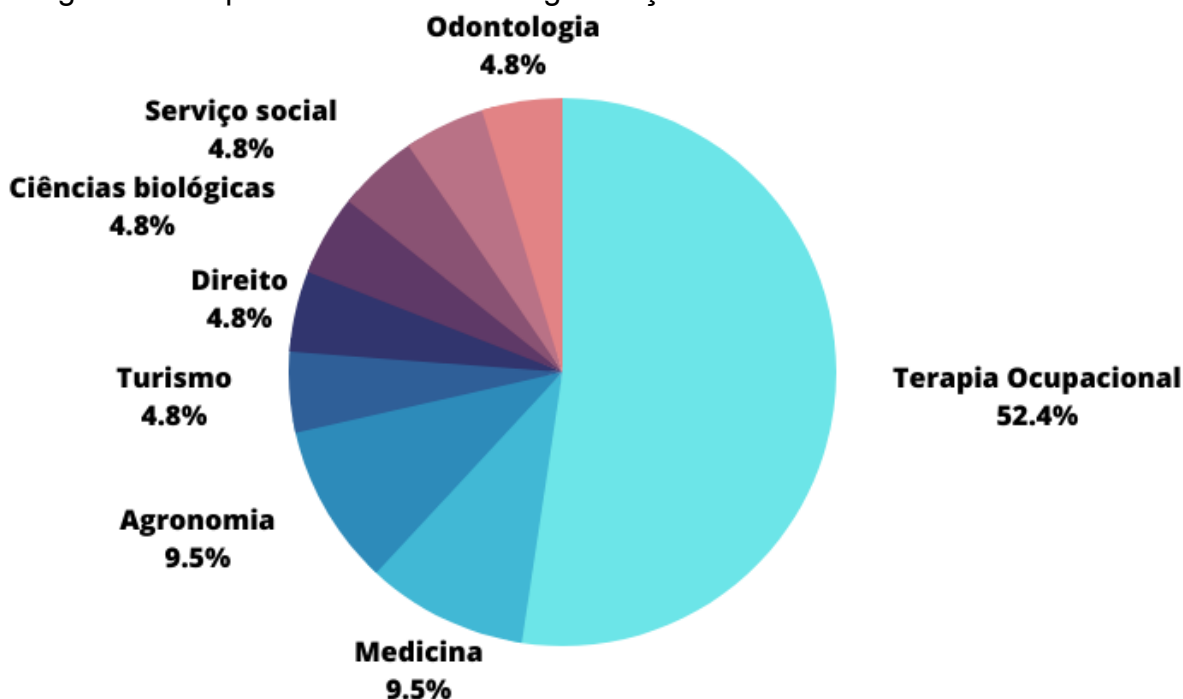
Tabela 1. Cronograma do grupo de estudos “Paralelo Verde”

Data do encontro	Tema
28/06	Apresentação da dinâmica do grupo e debate sobre a Cannabis e suas diversas utilidades
12/07	História da Cannabis no Brasil e no mundo (Apresentação de pesquisas)
26/07	Sistema endocanabinoide e patologias tratadas com Canabidiol (Palestra da Dra.Leticia Mayer)
09/08	Cannabis e saúde mental (Apresentação de pesquisas)

23/08	Farmácia viva e Fitoterapia (Palestra da Dra. Heloísa Jatobá)
06/09	Tipos de consumo e redução de danos (Palestra da Alice Reis)
20/09	Infusões canábicas (Palestra da Chef Lilica)

Atualmente o grupo conta com a participação de 21 discentes dos cursos de agronomia, medicina, terapia ocupacional, serviço social, bacharelado em ciências biológicas, psicologia, turismo, odontologia e direito, 1 aluna bolsista e 1 docente coordenadora (ambas vinculadas ao curso de Terapia Ocupacional) conforme mostra a figura a seguir.

Figura 1. Frequência dos cursos de graduação no “Paralelo Verde”



Segundo Cavaltante e Maia (2019), os grupos de estudos e de pesquisas são espaços de formação que contribuem para o despertar de futuros pesquisadores, possibilitando uma melhor qualidade de aprendizagem durante o período de graduação e a realização de discussões e pesquisas de âmbito científico que promovam trocas de saber entre os discentes das várias categorias profissionais da UFPel.

A Universidade, por meio dos projetos unificados (pesquisa, ensino e extensão), aproxima o discente da comunidade e da docência; além de construir espaços acolhedores que permitem o diálogo e a convivência interprofissional (Cavalcante; Maia, 2019)

Ao coordenar o grupo de estudos “Paralelo Verde”, a aluna bolsista teve a oportunidade de aprimorar suas habilidades de socialização e de mediação de grupos, além de se aproximar da prática docente e aprofundar seus conhecimentos sobre o tema central do projeto. Como estudante da área da

saúde, a aluna bolsista também ressalta a importância da temática *Cannabis sativa*, seus efeitos adversos e potencial terapêutico, tendo em vista que vários pacientes já fazem o uso medicinal da planta.

4. CONCLUSÕES

Com o aumento na busca por conhecimentos acerca da *Cannabis sativa*, é incontestável o quanto se faz necessário a presença de um grupo de estudos aberto, dentro da universidade, que facilite o acesso dos discentes a informações confiáveis e fidedignas sobre a *Cannabis sativa*, fomentando a pesquisa e o debate com profissionais especialistas.

Ademais, essa experiência potencializou o interesse da bolsista pela área da pesquisa e da docência, além de aprofundar seus saberes sobre a *Cannabis sativa* e aprimorar suas habilidades de socialização e de oratória.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LOPES, R. **ESTADOS APROVAM DISTRIBUIÇÃO DE CANNABIS MEDICINAL PELO SUS EM MEIO A INDEFINIÇÃO FEDERAL: 13 unidades da federação já aprovaram regra sobre o tema, enquanto outros 11 têm projeto em tramitação.** São Paulo, 31 jul. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2023/07/estados-aprovam-distribuiacao-de-cannabis-medicinal-pelo-sus-em-meio-a-indefinicao-federal.shtml#:~:text=O%20governo%20de%20S%C3%A3o%20Paulo,Gastaut%20e%20da%20esclerose%20tuberosa..> Acesso em: 07 set. 2023.

RIBEIRO, José António Curral. **A Cannabis e suas aplicações terapêuticas.** 2014. 51 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Farmacêuticas, Ciências da Saúde, Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2014. Disponível em: https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/4828/1/PPG_20204.pdf. Acesso em: 14 mar. 2023.

LUCENA, J. G. A. DE. Canabinoides: do uso abusivo à aplicação terapêutica. **Repositório Institucional UNESP**, 15 dez. 2021. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/216398/lucena_jga_tcc_arafcf.pdf?sequen ce=4. Acesso em: 14 mar. 2023.

HONÓRIO, K. M.; ARROIO, A.; SILVA, A. B. F. DA. Aspectos terapêuticos de compostos da planta *Cannabis sativa*. **Química Nova**, v. 29, n. 2, p. 318–325, abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/qn/a/LmPbLrC3DY6Z68BK6cMHPbf/?lang=pt>. Acesso em: 11 de mar. 2023.

CAVALCANTE, Maria Suelayne Pedroza; MAIA, Dra Madeline Gurgel Barreto. A IMPORTÂNCIA DOS GRUPOS DE ESTUDOS E DE PESQUISAS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE DOS ESTUDANTES DE PEDAGOGIA. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2019. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA1_ID7710_15082019125452.pdf. Acesso em: 07 set. 2023.

MINICURSO COM O PET: ARQUITETURA DA PAISAGEM

JULIA SOLDERA RIBEIRO¹; VICTÓRIA SECCO PIZZIRANI²; LINEKER FERREIRA FRANCO³; ANDRÉ DE OLIVEIRA TORRES CARRASCO⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – juliasol.ribeiro@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – vic.pizzirani@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – francolineker@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – andre.o.t.carrasco@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O ensino de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo abrange uma diversidade de assuntos e uma formação ampla de saberes, entretanto, com pouco aprofundamento em determinados assuntos. Em contrapartida, o mercado profissional exige cada vez mais conhecimentos específicos em determinadas áreas, demandando que os estudantes utilizem outras plataformas de ensino para além da universidade, a fim de se aprofundarem nos campos de maior identificação.

É inegável o fato de que o enfrentamento de diversos problemas sociais em nosso país passa, obrigatoriamente, por uma ampliação da atuação dos profissionais da arquitetura e urbanismo. O debate sobre a expansão do alcance do ensino superior, entretanto, esbarra em questões de saturação do mercado. Estas preocupações, embora comuns no âmbito das profissões liberais, merecem investigações mais aprofundadas, que abarquem não somente a compreensão do quadro atual, mas busquem compreender também suas origens e possíveis soluções temporárias e efetivas (OLIVEIRA, 2020, p.22)

Pensando nisso, o PET Arquitetura da UFPEL propôs um projeto que tem por objetivo aproximar os alunos das práticas profissionais, estabelecendo relações com especialistas em determinados assuntos para compartilhar suas experiências, dificuldades e alguns panoramas mais técnicos sobre a área de formação. A participação é aberta para os graduandos das demais universidades e cursos da cidade de Pelotas, com o intuito de propor diferentes perspectivas e a integração entre as várias áreas de estudo, agregando no processo de formação dos envolvidos e os tornando mais aptos a trabalharem nas suas respectivas áreas de interesse.

A edição em questão tratou sobre a arquitetura dos espaços abertos, com o agrônomo e arquiteto, Frederico Karam. Atuante na área desde 1997, o proprietário do escritório Inflorescência Paisagismo se prontificou a dividir seus conhecimentos e experiências com os alunos da faculdade e a trazer questões sobre o paisagismo comercializável.

Diferentemente do que é abordado na grade curricular da universidade, o minicurso propôs um panorama mais prático do exercício profissional, trazendo questões diferentes das abordadas em sala de aula a fim de complementar o pensamento crítico e o conhecimento profissional dos discentes.

2. METODOLOGIA

A atividade se iniciou a partir de uma conversa entre os integrantes do grupo PET sobre determinadas áreas do mercado de trabalho, refletindo sobre a atuação dos profissionais da arquitetura e do urbanismo e os campos de interesse dos alunos.

Esses questionamentos trouxeram algumas reflexões acerca do assunto e impulsionou a atividade em questão, que tem por objetivo trazer experiências profissionais para dentro da universidade e complementar a formação dos graduandos.

Por conseguinte, se entrou em contato com o profissional participante para saber de sua disponibilidade e assim definir a data do evento, levando em consideração o calendário acadêmico do curso e os horários disponíveis dos estudantes. Logo em seguida foram feitas as artes para divulgação e as inscrições foram abertas através de formulário online.



Figura 1: Arte de divulgação do Minicurso

O evento ocorreu nos dias 31 de julho, 01 e 02 de agosto das 19:15 às 21:30, com os assuntos sobre histórico do paisagismo e processo projetual; fisiologia vegetal e espécies ornamentais; e estudos de caso de projetos do escritório Inflorescência paisagismo. Ao final de cada um dos assuntos apresentados, se abria um tempo para discussão e conversa entre os alunos e palestrante.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a divulgação do evento e do formulário de inscrição nas plataformas digitais, o número de vagas foi preenchido rapidamente, o que corresponde a presença de uma forte demanda por parte da comunidade acadêmica na aprendizagem e exercício da área em questão.

Através da realização do evento foi possível ofertar, expandir e integrar uma grande diversidade de conhecimentos não somente a respeito da área de

paisagismo, mas também do mercado profissional da área de arquitetura em seu sentido mais prático. Com tal ação, agregou-se um nível de transmissão de saberes capaz de complementar com esmero uma multiplicidade de assuntos e temáticas dentro da formação acadêmica ofertada, a qual carece de aprofundamentos no que diz respeito ao ensino do campo de paisagismo para capacitação do futuro profissional arquiteto, urbanista e paisagista.



Figura 2: Foto do evento no segundo dia

4. CONCLUSÕES

Na reflexão aqui apresentada, salienta-se que a atividade extensionista desenvolvida pelo PET Arquitetura através da atividade “Minicurso com o PET” tem a competência de ampliar os horizontes de aprendizagem dos alunos e prepará-los para o mercado de trabalho e para as atividades desenvolvidas pós formação, estreitando as distâncias entre universidade e atuação profissional.

A atividade seguirá abordando outras temáticas de interesse dos alunos e que desempenhem a função de complementar a grade curricular do curso, agregando valor a esses futuros profissionais da Arquitetura e do Urbanismo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OLIVEIRA, Darlan. **Reflexão crítica sobre a qualidade do ensino superior de Arquitetura e Urbanismo, a partir de seus indicadores**. Núcleo de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – NPGAU/UFMG, Belo Horizonte, 2020. Acessado em 27 ago. 2023. Online. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/35204>.

CENTRO DE MEMÓRIA E PESQUISA HISALES: A EXPERIÊNCIA EM PROJETOS DE EXTENSÃO

LUIZA DA SILVA TESSMER DUARTE¹; VANIA GRIM THIES²

¹Universidade Federal de Pelotas – luizatessmerduarte577@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – vaniagrim@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho é apresentar as atividades realizadas no projeto de extensão “Banco de Dados e Acervos de Alfabetização”, desenvolvido no Centro de memória e pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares - Hisales¹, no qual atuo como bolsista de extensão. O referido centro é constituído como órgão complementar da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), e tem estabelecido uma política de recolha, tratamento e guarda de artefatos da cultura material escolar, pela qual podemos analisar a história da educação, as práticas da escrita, da leitura e da alfabetização.

Este projeto de extensão é responsável pelo recebimento, triagem, higienização, catalogação e acondicionamento das doações. Os materiais recebidos são diversos, tais como: livros didáticos de diferentes períodos (em língua nacional e estrangeira), cadernos escolares de alunos, cadernos não escolares (diários, receitas, recordação, de contas, entre outros), materiais didático pedagógicos, entre outros materiais complementares que compõem um acervo histórico da educação. Após recebermos as doações, separamos os materiais, realizamos o trabalho de higienização e, posteriormente, efetuamos a catalogação dos mesmos, para então acondicioná-los adequadamente. Alguns dos materiais são acondicionados em caixas poliondas e, para os cadernos escolares de alunos, além de serem envoltos com papel seda, são confeccionadas embalagens individuais em papel duplex, de acordo com as suas medidas, para garantir uma melhor preservação desses artefatos. Conforme Peres (2019, p. 18):

Arquivos não são resultado de uma ação espontânea de ‘juntar documentos antigos’ e deixá-los sem o tratamento adequado, tanto do ponto de vista de sua preservação e manutenção quanto da pesquisa histórica; mais do que isso, entende-se que se trata de uma ação política e científica deliberada, refletida e democraticamente socializada (PERES, 2019, p. 18).

De acordo com Peres (2019), salvaguardar arquivos é uma ação política, e a importância histórica de preservar quaisquer que sejam as evidências vivenciadas no passado ou no presente, possuem um valor imensurável. O alicerce que fundamentou a base da educação foi construído através de anos de estudo, que não podem de maneira alguma se perder ao tempo. Centros de

¹ Mais informações sobre o Hisales no site (www.ufpel.edu.br/fae/hisales/), nas redes sociais (Facebook e Instagram: @hisales.ufpel) e por e-mail (grupohisales@gmail.com)

memória e de pesquisa, como é o caso do Hisales, não apenas contribuem para a história da educação, mas permitem preservar as memórias, principalmente para futuros profissionais que, assim como eu, buscam no passado as referências para a construção de uma educação mais igualitária, inclusiva e digna de reconhecimento aos olhos daqueles que têm a educação como principal forma de melhorar o mundo. Segundo Peres

Considera-se, contudo, que as ações empreendidas de coletar, guardar, preservar e pesquisar seus (e 'com seus') materiais podem ser meios, instrumentos, para que essas vozes, histórica e socialmente apagadas e silenciadas, sem prestígio e, por vezes, sem valor na sociedade, sejam ouvidas e suas memórias, preservadas. Trata-se, acima de tudo, de um compromisso social, político e ético, tarefa primeira dos historiadores e historiadoras (PERES, 2019, p.18).

Além do tratamento das doações recebidas, o Hisales recebe visitantes na sala. Para grupos maiores, as visitas são agendadas com antecedência, e para pessoas individualmente não é necessário o agendamento.

2. METODOLOGIA

Entre os procedimentos metodológicos adotados no trabalho realizado no Hisales, após recebermos as doações, fazemos uma triagem, selecionando com quais materiais vamos ficar (geralmente a triagem é realizada já junto ao doador). Depois dessa prévia separação, realizamos a higienização dos mesmos e, para isso, devemos utilizar equipamentos de proteção individual (luvas, óculos, máscara, touca e jaleco). Esse procedimento é feito com diversos materiais, tais como os pincéis, as espátulas (de ferro e de bambu) e bolinhas de borrachas, caso seja necessário. Realizado o processo de higienização, devemos realizar a catalogação, que é dividida entre os demais integrantes do grupo. Atualmente, catalogo os livros de literatura, e esta etapa é realizada em uma planilha no computador, de maneira que visa facilitar o acesso aos materiais físicos guardados nas estantes. A última etapa é o acondicionamento dos materiais e, para isso, os envolvemos com papel seda e colocamos em caixas poliondas. Para o caso dos cadernos escolares, confeccionamos caixas personalizadas com o tamanho exato dos mesmos, a fim de garantir uma melhor preservação.

Além dos acervos em papel, há também outros materiais, como é o caso da exposição permanente, com a representação de uma sala de aula de escola que perpassa o século XX. Os materiais expostos nesse local também exigem alguns cuidados. Sua conservação conta com componentes químicos, visto que as classes e cadeiras são feitas de madeira e é preciso estar atento quanto à possibilidade de sinistros que prejudiquem seu estado de conservação.

Na Figura 1, a seguir, é possível verificar um pouco do trabalho desenvolvido no projeto de extensão, a partir das imagens exibidas.

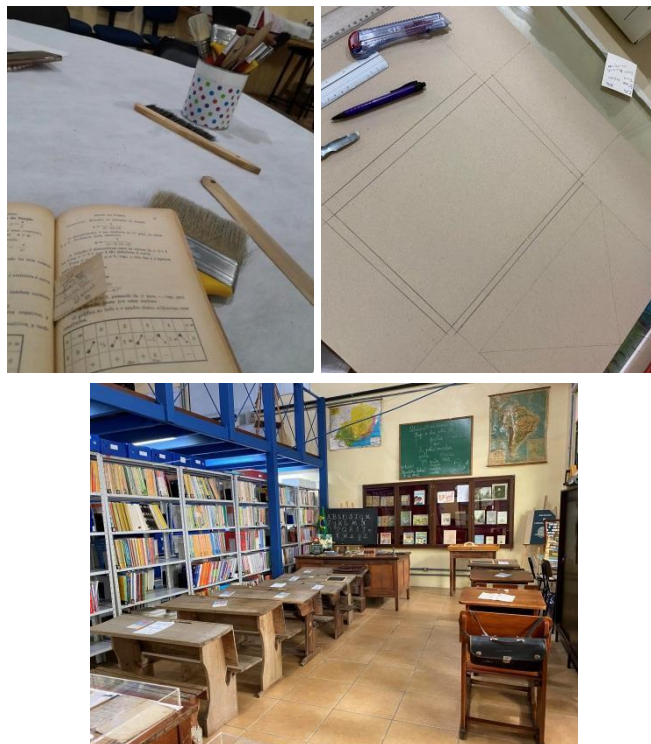


Figura 1 - Da esquerda para a direita: Processo de higienização em andamento em um livro didático; confecção em desenvolvimento de uma embalagem de acondicionamento para caderno escolar; visualização da exposição permanente da sala de aula;.

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do trabalho diário com os materiais na sala do Hisales, atualmente, o acervo possui catalogados 2534 cadernos de alunos, 366 diários de classe ou cadernos de planejamento de professoras, 1492 livros para ensino da leitura e da escrita em língua nacional, 54 livros para ensino da leitura e da escrita artesanais, 126 livros para ensino da leitura e da escrita em língua estrangeira, 393 livros didáticos produzidos no Rio Grande do Sul, e 2009 escritas pessoais e familiares. Os materiais estão distribuídos em 6 acervos principais, bem como em acervos complementares, estando disponíveis para o público que deseja conhecer, estudar e pesquisar sobre eles.

Como já referido anteriormente, no Hisales também recebemos a visita de crianças e adolescentes de escolas, de estudantes universitários, de pesquisadores e do público em geral. As escolas agendam visitas ao Hisales, e são apresentados a eles a exposição permanente, que se trata de uma representação de uma sala de aula, com materiais utilizados em épocas passadas, como ardósias, palmatória, canetas tinteiro e sua evolução até a caneta esferográfica que utilizamos hoje, entre outros.

Além disso, há também o espaço no qual são realizadas as exposições temporárias, com foco em determinada temática, decidida pelos integrantes do grupo a partir de algum interesse em específico, ou a partir de datas comemorativas e também em parceria com eventos, tais como as ações desenvolvidas junto à Rede de Museus da UFPEL, da qual o Hisales faz parte, como a Semana dos Museus, Dia do Patrimônio, Primavera dos Museus, entre outras realizações. Dessa forma, as Escolas da Educação Básica, pessoas da

comunidade em geral, professoras, graduandos e pós-graduandos realizam a visitação.

Quando recebemos visitas de alunos dos anos iniciais, em algumas situações, começamos a experiência contando uma história de literatura infantil, seguida de uma conversa sobre os suportes e utensílios usados para a aprendizagem da leitura e da escrita, para que possam verificar a evolução desses materiais ao longo dos anos. Após isso, as crianças ficam livres para olharem as exposições. Ao final, em geral, os visitantes podem participar de um momento de experiência de prática de escrita com a pena. Tal registro, realizado em pequenos cartões brancos, pode ficar exposto na sala ou, se o visitante preferir, pode levar como recordação.

Grande parte do público que conhece o Hisales faz questão de destacar a importância histórica para a educação que o centro de memória e pesquisa representa. Muitos são os relatos pessoais emocionados, de pessoas saudosistas que relembram suas experiências da escolarização primária.

Com atividades como essas aqui exemplificadas, o Hisales busca sempre atender efetivamente o tripé de ensino, pesquisa e extensão, ações defendidas em todas as universidades públicas do país.

4. CONCLUSÕES

Por meio da valorização, preservação da memória, incentivo e disponibilização de fontes para o ensino, a pesquisa e a extensão, o Hisales viabiliza que todos possam conhecer um pouco do passado, fazendo uma reflexão da evolução dos materiais e artefatos escolares até os dias de hoje. Portanto, o cuidado diário com os acervos salvaguardados é fundamental para sua preservação, manutenção e compreensão.

Nesse período em que estou atuando como bolsista, no projeto de extensão “Banco de dados e acervos de alfabetização”, pude perceber que receber pessoas, sejam elas crianças ou adultos, compartilhar e trocar conhecimentos, torna essa experiência ainda mais especial, tanto para o próprio visitante, como também para mim, que sou graduanda no curso de Pedagogia. Analisando o conteúdo do acervo, fica explícito que o Hisales contribui com a preservação da história da educação regional e nacional.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PERES, Eliane. A constituição de um arquivo e a escrita da história da educação: do gesto artesão à prática científica. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 19, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/47152>. Acesso em: 03 jul. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Faculdade de Educação. **Hisales: História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares**. Pelotas, 2023. Página inicial - Apresentação. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/hisales/>. Acesso em: 03 jul. 2023.

PET-FÍSICA NAS ESCOLAS: BANCO DE EXPERIMENTOS E OFICINAS DE FÍSICA

JÚLIA PACHECO NUNEZ¹; NOELY ROSA MARIA PEREZ BRITO²; ANDREW SANTOS CORREIA³; JOAQUIM MODESTO DOS PASSOS⁴; ALICE HÖRBE SANTANA⁵; FÁBIO TEIXEIRA DIAS⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – juliapnunezz@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – noely.rosa10@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – andrewscorreia99@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – joaquimp3107@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – alicehorbe2001@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – diasft@gmail.com

1. INTRODUÇÃO


O Banco de Experimentos é uma atividade do grupo PET-Física, que consiste na elaboração e disponibilização de roteiros experimentais envolvendo conceitos básicos da Física. Os roteiros são desenvolvidos a partir de uma abordagem didática e voltados para o uso pedagógico, sendo submetidos a um acervo digital aberto ao público.

A atividade Oficinas de Física constitui-se na seleção de experimentos a partir dos roteiros elaborados e suas apresentações em escolas, possibilitando que os petianos tenham contato direto com alunos do ensino básico para aprimoramento da sua docência. Por outro lado, a atividade resulta também em divulgar os cursos de Física e Ciências da natureza, bem como saberes e conceitos científicos de forma lúdica, fornecendo aos alunos uma visualização experimental de conceitos teóricos previamente conhecidos.


Desse modo, a atividade Banco de Experimentos, a qual fornece à comunidade externa materiais de base em ensino de Física, é complementada com as Oficinas de Física, pela qual o grupo aplica os princípios físicos envolvidos em diversas experiências.

2. METODOLOGIA

Os roteiros do Banco de Experimentos são redigidos, inicialmente, de forma individual por cada petiano. Em uma reunião conjunta do grupo, os roteiros são corrigidos e, após aprovação dos membros, são armazenados e disponibilizados publicamente no site do grupo PET-Física (<https://wp.ufpel.edu.br/petfisica/atividades/banco-de-experimentos/>). Na correção são levados em conta a clareza do texto, bem como a didática dos conceitos físicos apresentados, a norma correta da língua portuguesa e o rigor técnico e científico da apresentação dos experimentos no texto. Nesse sentido, os roteiros são redigidos de forma que possam ser utilizados por educadores da comunidade externa à universidade, além do próprio grupo. Na figura 1 é possível ver um exemplo de roteiro que é publicado no site e apresentado nas escolas.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
GRUPO PET FÍSICA
BANCO DE EXPERIMENTOS



Transmissão por acoplamento

Objetivos: comprovar a relação entre as dimensões de polias acopladas e as respectivas frequências de rotações, além de analisar a influência do raio das polias na sua quantidade de movimento.

Pré Requisitos: para realizar o experimento são necessários conhecimentos a respeito de movimento circular e transmissão de movimento por meio de acoplamento entre polias, rodas e outros objetos circulares.

Fundamentos Teóricos

Movimento circular é um movimento periódico, ou seja, quando um objeto locomove-se descrevendo uma trajetória com formato de circunferência (1) em um determinado intervalo de tempo (período T).

Este tipo de movimento pode ser transmitido entre rodas ou polias, por meio de dois mecanismos, porém estudaremos neste experimento o seguinte:

- Transmissão por correias ou contato entre rodas dentadas como mostra a figura (1)

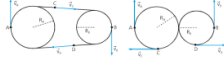


Figura 1: Na esquerda da imagem temos uma transmissão por correia, na qual as rodas giram no mesmo sentido e na direita temos transmissão por contato, onde as rodas giram em sentidos contrários. Fonte: Adaptação de (2)

As velocidades angulares das polias são distintas, pois seus raios apresentam medidas diferentes. Quanto maior for o raio da polia, menor será sua velocidade angular, e como esta depende da frequência ($\omega = 2\pi \cdot f$), decorre que quanto maior for o raio, menor será a frequência, dadas as relações abaixo, percebemos que $\omega_A \cdot R_A = \omega_B \cdot R_B$:

$$V_A = V_B \tag{1}$$

$$V_A = \omega_A \cdot R_A \tag{2}$$

$$V_B = \omega_B \cdot R_B \tag{3}$$

Utilizando as equações acima, percebemos que $V = 2\pi f_A R_A = 2\pi f_B R_B$. Isto nos mostra que se os raios forem iguais, ambos darão o mesmo número de voltas no mesmo intervalo de tempo, mas se forem diferentes uma volta da roda maior implica mais do que uma volta na roda menor, assim quanto maior a diferença entre R_A e R_B , proporcionalmente será a diferença entre o número de voltas de cada uma (2).

Material Utilizado

• 2 tampas plásticas de garrafas PET • 1 tampa de plástico maior • 1 papelão • 2 pregos pequenos

Procedimentos Experimentais

- Primeiramente, prenda o papelão em uma superfície plana.
- Meça e anote os diâmetros da tampa maior e da menor. Observe que as tampas apresentam um recartilhado nas laterais, isso facilita na transmissão de movimento de uma tampa para a outra.
- Pegue as tampas de garrafas PET, encaixe uma na outra e marque um risco horizontal em ambas.
- Fure as tampas no centro com o prego e prenda-as no papelão encostadas uma na outra, permitindo que elas girem uma através do movimento da outra sem que deslizem no papel.
- Repita as marcações para a tampa maior.

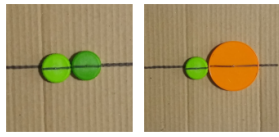


Figura 2: À esquerda as duas tampas de garrafas PET e à direita, uma das tampas pequenas e a tampa maior de plástico. Fonte: Autoria própria.

Atividades

Após os procedimentos experimentais serão realizadas as seguintes atividades:

1. Gire, com cuidado, as tampas em sentidos opostos, procurando iniciar as rotações com os riscos alinhados, apenas mantendo o contato entre elas, sem deslizar.

Figura 1: Roteiro sobre transmissão de acoplamento.

Primeiramente o grupo entra em contato com as escolas da região. Em seguida, é realizada a seleção das práticas experimentais que serão realizadas no local. Este é feito com o auxílio do Banco de Experimentos, já organizado pelo grupo previamente. Após isso, o grupo busca os aparatos experimentais dos experimentos, alguns dos quais são produzidos internamente com o auxílio de materiais recicláveis, já outros são disponibilizados pelo próprio Instituto de Física e Matemática (IFM). Após isso e a definição do dia em que será realizada a oficina, o grupo se desloca até a escola e apresenta os experimentos na forma de uma oficina. Na apresentação, os petianos buscam conectar os fenômenos experimentais observados pelos alunos com os conceitos teóricos envolvidos, de forma a propiciar um melhor aprendizado e motivação para os estudos em sala de aula.



Figura 2: Oficina realizada na escola EMEF Jeremias Fróes.

Nas figuras 2 e 3 podemos ver a interação dos petianos com os alunos, tanto nas séries iniciais (crianças do primeiro ano), quanto das demais séries. Ficou claro para o grupo que contextualizar e adaptar a explicação e a realização de experimentos de Física de acordo com a idade das crianças é crucial para o sucesso do aprendizado. Para crianças em séries iniciais, o grupo focou em experimentos visuais simples e explicações diretas, sendo essenciais para despertar a curiosidade, enquanto que para o ensino fundamental, a introdução gradual de conceitos mais complexos juntamente com a terminologia científica aprofundam a compreensão e promovem o interesse pela Física.



Figura 3: Oficina realizada na escola EMEF Bibiano de Almeida.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na atividade do Banco de Experimentos, além dos roteiros previamente existentes, foram elaborados e corrigidos pelos petianos doze roteiros de experimentos para este ano. Estes foram armazenados e disponibilizados no site do PET-Física para acesso do público, aumentando com isso o acervo da atividade. A realização dos roteiros fomenta e ajuda a desenvolver a escrita e a divulgação científica dos petianos, visto que os roteiros devem ser entendidos por pessoas externas à área da Física.

A atividade de Oficinas de Física complementa o Banco de Experimentos, pois os mesmos realizados nas oficinas são baseados nos roteiros elaborados. Foram realizadas quatro oficinas, tendo as seguintes escolas participantes: EMEF Piratinino de Almeida, EEEM Coronel Pedro Osório, EMEF Bibiano de Almeida e EMEF Jeremias Fróes. Além destas, o grupo conta com uma oficina programada para ser realizada no IFSul-Campus Pelotas no final do mês de outubro.

A realização das Oficinas de Física, além de promoverem a ciência nas escolas, se resulta proveitosa para os petianos pois abrange áreas importantes para o desenvolvimento do aluno de graduação, tais como a pesquisa teórica para a elaboração do roteiro experimental, a execução correta do experimento, e a melhora na didática em sala de aula. A explicação dos experimentos deve ser adaptada para ser compreensível para pessoas de diferentes idades, complementando ainda mais a aprendizagem dos petianos.

4. CONCLUSÕES

Concluimos que a realização dos experimentos com os roteiros realizados pelo grupo durante as oficinas desempenhou um papel fundamental na formação dos petianos, promovendo sua extensão acadêmica, além de servir como um estímulo científico enriquecedor para os alunos das escolas. Além disso, essa experiência contribuiu significativamente para o desenvolvimento das habilidades do grupo em apresentar e consolidar os conceitos transmitidos durante as demonstrações práticas.

Os roteiros desenvolvidos podem ser utilizados não apenas como material de disseminação do conhecimento, mas também como recursos valiosos para auxiliar no ensino nas próprias escolas nas quais as oficinas foram realizadas. Ficou evidente um notável interesse por parte dos estudantes, que interagiram entusiasmadamente com os petianos. Isso destacou a importância da experimentação no processo de formação de conceitos físicos e científicos. Considerando que o banco de experimentos oferece uma ampla variedade de roteiros que podem ser desenvolvidos, com alguns abordando o mesmo princípio experimental de maneiras diversas, notamos a capacidade de explorar diferentes conceitos e fenômenos a partir dessa base comum.

Em resumo, o impacto das Oficinas de Física é de grande relevância para os alunos da rede escolar. Muitas vezes as escolas enfrentam limitações estruturais e de recursos, além do tradicional método de ensino com quadro e pincel (giz), o que torna o ensino de Física um desafio considerável. Portanto, nosso trabalho visa tentar preencher essa lacuna e enriquecer a experiência educacional dos estudantes, promovendo um entendimento mais profundo e envolvente dos fenômenos físicos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PET-Física. **Banco de experimentos**. PET-Física, Pelotas. Acesso em: 1 de set. 2023. Disponível em:
<https://wp.ufpel.edu.br/petfisica/atividades/banco-de-experimentos/>

PET-Física. **Planejamentos – Relatórios**. PET-Física, Pelotas. Acesso em: 1 de set. 2023. Disponível em:
<https://wp.ufpel.edu.br/petfisica/files/2021/02/2021-planejamento.pdf>

LIGA ACADÊMICA MULTIDISCIPLINAR DE CUIDADOS PALIATIVOS: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DA ENFERMEIRA

AMANDA DA SILVEIRA NADAL¹; ANA AMÁLIA PEREIRA TORRES²; JULIANA
GRACIELA VESTENA ZILLMER³; JULIETA MARIA CARRICONDE FRIPP⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – amandanadal.sls@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – anaamaliatorres@yahoo.com.br

³Universidade Federal de Pelotas – juzillmer@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – julietafripp@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Liga Acadêmica é definida como um “grupo formado por estudantes que, sob orientação de docente(s) e a colaboração de pesquisadores e profissionais, organizam atividades extracurriculares que integram ensino, pesquisa e extensão universitária sobre um determinado tema ou área específica” (PÊGO-FERNANDES; MARIANI, 2011, p. 50). É organizada de forma multidisciplinar quando composta por estudantes de diferentes cursos da graduação, que oportuniza o aprofundamento e a integração do aprendizado, de forma a potencializar as habilidades e o currículo dos acadêmicos (SILVA, 2018).

Diante do descrito, este trabalho será desenvolvido a partir da participação da primeira autora na Liga Acadêmica de Cuidados Paliativos da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Os Cuidados Paliativos são uma abordagem que visa melhorar a qualidade de vida de pacientes e suas famílias, que enfrentam problemas associados a doenças que ameacem a vida. Previne e alivia o sofrimento por meio da identificação precoce, avaliação correta e tratamento de problemas físicos, psicossociais e/ou espirituais (OMS, 2020). Nesse cenário, a multidisciplinaridade e a atuação interdisciplinar propiciam a ampliação do olhar do estudante sobre o assunto, reconhecendo as pessoas em seu todo e atuando nos espaços de saúde como agente de promoção à saúde, prevenção da doença e tratamento. Isso permite aos estudantes não só o desenvolvimento científico, mas também o exercício da cidadania.

A acadêmica, ao participar da referida Liga, entende que esta é um meio que favorece a formação diferenciada em enfermagem ao ampliar o nível de conhecimento teórico e prático no campo do tema em questão. A partir do exposto, o presente trabalho tem por objetivo descrever as experiências de uma estudante de enfermagem como integrante da Liga Acadêmica de Cuidados Paliativos da UFPEL e a sua contribuição para a formação acadêmica e profissional.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência, tipo de produção de conhecimento que, segundo Mussi, Flores e Almeida (2021) versa sobre uma vivência acadêmica e/ou profissional da formação universitária. Para tanto, construiu-se uma análise crítica das vivências extracurriculares realizadas pela primeira autora, na Liga Acadêmica de Cuidados Paliativos da UFPEL. Tais experiências iniciaram em 2019 por meio do ingresso na referida Liga, tendo continuidade até os dias atuais, agosto de 2023. Esta Liga foi inaugurada em 2014 e tem no momento atual, em seu corpo discente, estudantes da medicina, enfermagem, psicologia e nutrição das universidades pública e privadas de Pelotas, sendo coordenada por uma docente

da Faculdade de Medicina. Um dos seus diferenciais deve-se ao fato de ter o Centro Regional de Cuidados Paliativos da UFPEL – Unidade Cuidativa, como campo de prática supervisionada, aonde os estudantes podem desenvolver e vivenciar o que é aprendido em teoria a respeito dos Cuidados Paliativos.

As atividades realizadas efetuaram-se de duas formas: presencial em 2019 e 2023 e não-presencial em 2020 e 2021. Na primeira, as práticas supervisionadas, aulas e eventos ocorreram na Cuidativa; na segunda, em decorrência da pandemia de COVID-19, a Liga seguiu ativa por meio de elaboração de *posts* educativos para as redes sociais da Liga, além do desenvolvimento e participação em eventos científicos de forma online.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para relatar as experiências e contribuições desta Liga para a formação da enfermeira, foram desenvolvidas três categorias: atividades de ensino e pesquisa, atividades de extensão e experiências em diferentes contextos.

Atividades de Ensino e Pesquisa

As atividades de ensino foram realizadas a partir de aulas expositivas sobre temas referentes ao campo de estudo, como “Conceitos e Princípios dos Cuidados Paliativos”, “Manejo da Dor”, “Equipe Multiprofissional” e “Dor Total”. Essas aulas eram previamente planejadas e organizadas em planilhas, e ministradas por profissionais da Cuidativa (médicos, fisioterapeutas, psicólogos e enfermeiros paliativistas e/ou especialistas em dor) e outros profissionais externos convidados.

As atividades de pesquisa corresponderam a elaboração de resumos para apresentação em eventos científicos, como o IV e V Congresso de Cuidados Paliativos do Mercosul; V e VI Encontro Brasileiro de Ligas Acadêmicas de Cuidados Paliativos. Um dos estudos desenvolvidos é intitulado “Percepções dos Profissionais de um Serviço de Emergência sobre cuidados no fim de vida” (NADAL *et al*, 2022), apresentado no V Congresso de Cuidados Paliativos do Mercosul. Além disso, a Liga também oportunizou a participação ouvinte em *Workshops*, como exemplo o de “Doulas da Morte” e de Jornadas Acadêmicas desenvolvidas em alusão ao Dia Mundial dos Cuidados Paliativos.

Vieira e Silva (2019) afirmam que o objetivo principal de uma liga acadêmica é estudar e aprimorar um determinado tema/assunto, a fim de organizar atividades extracurriculares e ações assistenciais voluntária à comunidade (VIEIRA; SILVA, 2019). Assim, ao proporcionar aulas, participação em eventos científicos e desenvolvimento de trabalhos científicos, a Liga Wcadêmica fortalece a formação mediante vivências, e atualiza os estudantes a respeito de temas para posteriormente atuarem na prática com maior conhecimento. Na pesquisa, coleta de dados, por meio de fonte secundária, foram realizados objetivando traçar o perfil dos usuários do serviço em questão.

Atividades de Extensão

Foram desenvolvidas atividades para a comunidade acadêmica externa, como aulas abertas e jornadas sobre Cuidados Paliativos com palestrantes convidados, e para a comunidade da Cuidativa (profissionais e pacientes) foram realizadas festas, como a Festa Junina e a Festa do Dia da Criança. Campos *et al* (2017) pontua as vantagens dessas atividades na medida que promovem o diálogo, divisão de tarefas, o enriquecimento do trabalho em equipe, a organização e responsabilidade pelas atividades realizadas. Assim, essas atividades contribuem para a enfermagem na medida que estimula a criatividade, o cuidado e a educação em saúde. Além de proporcionar experiência na elaboração e construção de

eventos, gestão de pessoas, divulgação e comunicação do conhecimento e planejamento e organização de ações e tarefas.

A Liga de Cuidados Paliativos da UFPEL possibilitou assistência direta aos pacientes por meio de práticas supervisionadas na Cuidativa, desenvolvimento de grupos, como exemplo o grupo “Redes de Cuidado em Saúde”, realizado a partir de uma parceria entre a Assistência Social e a Enfermagem, que objetiva oferecer serviços direcionados à comunidade interna e externa de pacientes, em um espaço de aprendizagem.

Por meio dessas vivências, foi possível observar e refletir sobre a prática dos no cuidado às pessoas em Cuidados Paliativos, além de participar das atividades desenvolvidas por profissionais de outras áreas, o que tornava um ambiente ímpar em aprendizado e de atuação multiprofissional. Tal cenário corrobora Hamamoto Filho (2011), ao afirmar que as Ligas Acadêmicas podem proporcionar diferentes cenários de ensino-aprendizagem, interação ativa e direta com as pessoas, o respeito às diferenças e a horizontalidade dos agentes envolvidos, promovendo, assim, o desenvolvimento profissional dos acadêmicos.

Com essas atividades de caráter prático, a acadêmica, além de sentir-se mais segura para atuar como enfermeira no campo dos cuidados paliativos a partir das experiências práticas que vivenciou, sente-se preparada para desempenhar melhor a integralização do cuidado, promoção de saúde, e ferramentas para lidar com as condições presentes em seu meio de atuação profissional, na medida que as atividades da Liga geram uma aproximação com a realidade que será vivida após a formação.

Experiências em Diferentes Contextos

Com a necessidade de isolamento social durante a pandemia da COVID-19, no período de 2020 e 2021, e a conseqüente suspensão de atividades em campo, os projetos de extensão passaram a se adaptar ao formato *online* e utilizar métodos remotos como estratégias de se manterem ativos. A Liga implementou atividades em ambientes virtuais, como *Workshops* e minicursos, além de utilizar as redes sociais como veículos de divulgação científica e formação acadêmica. Os ambientes virtuais utilizados foram: *Instagram*, *WhatsApp*, *Google Meet*, *Skype* e *Youtube*. Tais atividades se converteram em resultados satisfatórios para o funcionamento da Liga e para o compartilhamento de conhecimentos e experiências com os pares e outras pessoas externas à universidade.

Destaca-se o V Encontro Brasileiro de Ligas Acadêmicas que ocorreu em 2021, e que, ao participar como organizadora junto com outros estudantes de diversas ligas do Brasil, tornou-se uma vivência enriquecedora na medida que foi possível conhecer a realidade das ligas de outros estados e os serviços e atividades que eram desenvolvidas. Por ter sido em contexto pandêmico, o encontro foi *online*. Além disso, esses eventos proporcionam o desenvolvimento de habilidades sociais na medida que se dá o diálogo com estudantes de outros estados e assim a cultura também é compartilhada.

Em concordância com a legislação brasileira (BRASIL, 1996), atividades realizadas através do ensino, pesquisa e extensão formam os três pilares necessários nas universidades brasileiras. As Ligas Acadêmicas objetivam praticar o princípio da indissociabilidade destes três pilares, promovendo benefícios recíprocos para a sociedade e para os estudantes. Assim, torna-se evidente a importante contribuição da liga acadêmica na formação em enfermagem na medida que enriquece a estudante tanto a nível acadêmico, quanto profissional e pessoal.

4. CONCLUSÕES

As contribuições da Liga Acadêmica Multidisciplinar de Cuidados Paliativos se deram tanto a nível curricular quanto profissional para a formação da acadêmica como enfermeira. Através das atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas, foi agregado uma diversidade de conhecimentos e experiências que ampliam a perspectiva universitária e profissional. Além de possibilitar um espaço de construção de relações interpessoais, de habilidades e competências, através do aprofundamento em assuntos específicos.

Os cuidados paliativos, ao abordar o cuidado integral do ser humano, em todas as dimensões, geram uma visão holística acerca do indivíduo. Assim, as atividades realizadas pela acadêmica de enfermagem na Liga possibilitaram experiências que auxiliam na construção da identidade do ser profissional inserida na comunidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Casa Civil. Decreto nº 1916. **Regulamenta o processo de escolha dos dirigentes de instituições federais de ensino superior**. Brasília: Subchefia para assuntos jurídicos, 1996.

CAMPOS, P. M. et al. **Liga acadêmica de enfermagem da UFRGS: relato de experiência e avaliação de encontros**. 28º Semana de Enfermagem. Escola de Enfermagem da UFRGS. Porto Alegre, 2017.

HAMAMOTO FILHO, P. T. Ligas Acadêmicas: motivações e críticas a propósito de um repensar necessário. **Revista Brasileira de Educação Médica**. Brasília, v. 35, n. 4, p. 535-543, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/211205>. Acesso em: 15 ago. 2023

MUSSI, R.F.F.; FLORES, F.F.; ALMEIDA, C.B. Pressupostos para elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

NADAL, A.S.N.; SOARES, E.R.; SAMPAIO, A.L.D.; *et al.* Percepções de Profissionais de um Serviço de Emergência sobre Cuidados no Fim da Vida. **V Congresso de Cuidados Paliativos do Mercosul**. Pelotas, 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE – OMS. **Palliative Care** [internet]. Genebra: World Health Organization; 2020. Disponível em: <https://www.who.int/health-topics/palliative-care>. Acesso em: 20 ago. 2023.

PÊGO-FERNANDES, P.M., MARIANI, A.W. O ensino médico além da graduação: ligas acadêmicas. **Revista Diagnóstico e Tratamento**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 50-51, 2011.

SILVA, L.E. **As Ligas Acadêmicas e suas Interfaces na Formação Profissional**. Orientadora: Profa. Profa. Margarete Knoch. 2015. 33f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Enfermagem) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

PROJETO DE EXTENSÃO “PRALER”: PRÁTICAS DE LEITURA, ESCRITA E REESCRITA COMO PROPOSTA DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LETRAMENTO LITERÁRIO NA ESCOLA

THAÍSSA GODOI DE SOUZA¹; JORAMA DE QUADROS STEIN²

¹Universidade Federal de Pelotas – thaissagodoi@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – jorama.stein@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Em decorrência do período pandêmico causado pela Covid-19 e da conseqüente necessidade de isolamento social, em que as redes básicas de ensino paralisaram completamente e, posteriormente, parcialmente as atividades presenciais, viu-se pertinente o desenvolvimento do presente projeto de extensão, denominado “PRALER: Práticas de Leitura, Escrita e Reescrita na escola”, que busca suprir dificuldades relativas à aprendizagem da leitura e da escrita em escolares. Assim, com o intuito de atender aos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental e Médio das escolas pelotenses, o projeto procura oportunizar o desenvolvimento de competências de leitura e escrita a partir da realização de oficinas promovidas pelos discentes dos cursos de Letras da UFPEL junto às escolas da comunidade. Além disso, pensando em favorecer um trabalho aprofundado de produção textual, as oficinas são voltadas não somente para gêneros que sejam de interesse dos alunos, mas também para aqueles que permitem as práticas de leitura, escrita e reescrita em um semestre.

Através de uma prática dialógica que visa aproximar a universidade da escola, o projeto “PRALER” tem como um dos principais objetivos fortalecer o letramento literário (COSSON, 2016) como prática de ensino, a fim de contribuir na construção de uma comunidade leitora, que, nas palavras de Cosson (2016, p. 12), pode ser definida como: “Uma comunidade que se constrói na sala de aula, mas que vai além da escola, pois fornece a cada aluno e ao conjunto deles uma maneira própria de ver e viver o mundo.” Preocupados em favorecer o letramento dos educandos da comunidade, foi estabelecida uma parceria com a E. M. E. F. Ferreira Viana, localizada nas proximidades do Campus Anglo (UFPEL), por meio da realização das oficinas em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental.

Ademais, partindo do entendimento de que o letramento e as competências de leitura e escrita são imprescindíveis para a construção de sujeitos críticos diante a dinâmica social, visto que tais competências perpassam por todos os campos do saber e de todas as ciências, busca-se interdisciplinaridade às aulas de língua portuguesa e literatura desenvolvidas pelo presente projeto. Aliás, de modo a contribuir ainda mais para a construção do letramento desses educandos, as práticas também se fundamentam nos princípios de cidadania, fruição e autoria (SIMÕES, 2012).

A cidadania diz respeito ao desenvolvimento dos diferentes papéis sociais com criticidade que, só poderão ser desenvolvidos, a partir do acesso às diversas culturas de escrita, tanto aquelas de cunho institucional quanto as pertencentes as diferentes áreas do conhecimento. Por conseguinte, essa cidadania só poderá ser construída através do desenvolvimento do princípio de fruição, que permite uma leitura que vai além do gosto, permitindo ao aluno engajar-se nas diversas práticas discursivas necessárias à sua vida em sociedade. Por fim, o princípio de autoria só poderá ser

desenvolvido juntamente com os demais, uma vez que o aluno se apropria de um repertório de competências para se inscrever no mundo, com a sua própria escrita.

Assim, as práticas de leitura, escrita e reescrita desenvolvidas através de oficinas na escola, estão apoiadas em uma compreensão de que textos literários e não literários são estudados considerando uma concepção clara de língua e de linguagem, em que o aluno ganha papel de protagonista (SIMÕES, 2012). Dessarte, concebida como discurso, a língua não é um aglomerado de estruturas abstratas, nem de formas concretas, mas sim uma ferramenta que possibilita a constituição dos próprios sujeitos que, simultaneamente, compreendem o mundo e reconstróem a sua própria língua. Assim, segundo Cosson (2016, p.16):

é no exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, é também de todos.

Essa concepção se difere das tradicionais concepções de linguagem que a consideram mero instrumento à medida que busca um lugar em que a interação em diferentes práticas discursivas seja privilegiada de modo a formar sujeitos capazes de interrogar e desenvolver protagonismo no ato da produção de textos.

2. METODOLOGIA

Em um primeiro momento foram realizadas observações na turma em que a equipe do projeto atuou, a fim de que os discentes dos cursos de Letras – ministrantes das oficinas – se habituassem com a dinâmica escolar e que identificassem algumas dificuldades pontuais dos educandos no que concerne competências de leitura e de escrita. Desse modo, viu-se pertinente a realização de um ditado diagnóstico, com o intuito de identificar qual o nível de alfabetização desses alunos, visto que foram observadas muitas dificuldades de ensino-aprendizagem na decodificação das palavras, etapa primordial no processo de leitura.

No segundo momento, ainda através da realização de diagnósticos, foi realizada uma dinâmica de apresentação e identificação dos interesses de leitura dos alunos. Assim, ao perceber uma familiaridade com histórias em quadrinhos, pôde-se fundamentar as oficinas de leitura, escrita e reescrita nesse gênero. Aliás, pensando em identificar os conhecimentos prévios dos educandos sobre os elementos estruturantes do gênero em questão, foi realizada uma produção textual em duplas com a turma para além de diagnosticá-la, engajá-la na proposta.

Dessa forma, a partir de uma série de atividades diagnósticas, o primeiro ciclo de oficinas foi constituído do macro – objetivos disciplinares, eixo temático, competências nucleares, conteúdos disciplinares, gênero estruturante e problematização – para o micro – procedimentos específicos de cada oficina, leituras e atividades propostas. No que tange essa organização do plano de trabalho do projeto, ele foi construído de modo a responder e refletir sobre dois conjuntos de questionamentos propostos por Simões (2012, p. 60), que consistem em:

1. O que os alunos já sabem? Até onde queremos chegar em cada ano, partindo do que eles já sabem? Considerando seu repertório linguístico e literário, com que textos eles têm condições de lidar?
2. O que pode funcionar bem com meus alunos? Que tipo de trabalho pode garantir maior engajamento e entusiasmo?

1. Ensino Fundamental:	6º ano
2. Título do projeto disciplinar:	Bullying e implicações sociais: a leitura de histórias em quadrinhos e tirinhas como proposta de combate.
3. Eixo temático interdisciplinar:	Bullying e implicações sociais.
4. Problematização formulada conjuntamente por todos os componentes curriculares:	O Bullying é uma temática que tem atravessado as relações em sala de aula e que precisa ser discutida à medida que todos podem praticá-lo, mas que há um incômodo em sofrê-lo. Que reflexões devem ser geradas? Em que medida a prática de bullying pode ser ocultada no humor?
5. Gênero (oral/escrito) estruturante:	Histórias em quadrinhos.
6. Objetivos disciplinares:	Produzir uma história em quadrinhos com temática relacionada às discussões realizadas.
7. Conteúdos disciplinares:	<ul style="list-style-type: none"> • O gênero histórias em quadrinhos; • Leitura e compreensão de texto; • Produção textual.
8. Competências nucleares:	<ul style="list-style-type: none"> • Ler e compreender histórias em quadrinhos; • Identificar e caracterizar os elementos que constituem o gênero: especificidades dos balões e do emprego dos sinais de pontuação; expressão dos personagens.

Tabela 1. Organização macroestrutural do plano de trabalho.

Ademais, através da organização da sequência básica (COSSON, 2016), busca-se, durante o planejamento das oficinas, momentos de motivação, introdução, leitura e interpretação que visem uma interação entre autor-texto-leitor. Conforme Cosson (2016), o ato de ler implica troca de sentidos não somente entre autor e leitor, mas também entre as diferentes sociedades em que eles estão inseridos, uma vez que os sentidos são resultado desse compartilhamento entre diferentes perspectivas. Por isso, a necessidade da realização de dinâmicas e atividades interacionais com os educandos, pois urge, a partir da experimentação, construções de sentidos e de visões de mundo através do uso da linguagem.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a realização das oficinas de leitura, escrita e reescrita na turma de 6º ano do Ensino Fundamental, na E. M. E. F. Ferreira Viana, observou-se um maior engajamento dos educandos nas aulas de língua portuguesa, uma vez que foram realizadas práticas que buscaram a fruição e a interdisciplinaridade (SIMÕES, 2012) no ato de leitura. Aliás, partindo do eixo temático “Bullying e implicações sociais”, foi possível contribuir para a construção do bem viver em comunidade, de modo a auxiliar no desenvolvimento da cidadania desses alunos.

Dessarte, ao realizar uma prática voltada à experimentação da leitura e da interpretação de tirinhas e histórias em quadrinhos, foi incentivada a construção da autoria dos alunos. Para além da prática de interpretação textual, no entanto, há a necessidade de auxiliarmos os estudantes que ainda estão em processo de alfabetização, por isso outras oficinas serão pensadas no próximo semestre com o intuito de contribuir para que os alunos possam, de fato, se tornarem leitores autônomos. Entretanto, será no decorrer do desenvolvimento das competências de leitura e de escrita e na ampliação dos repertórios linguísticos, que os educandos se sentirão confiantes a produzirem suas próprias leituras e escritas com mais autonomia.

4. CONCLUSÕES

Os princípios de cidadania, fruição e autoria (SIMÕES, 2012), juntamente com o incentivo ao letramento literário (COSSON, 2016), são indispensáveis para uma proposta de ensino-aprendizagem em língua portuguesa e literatura que busca a construção de sujeitos críticos perante a dinâmica social. Aliás, preocupados com os recados que sua prática deve passar, é muito importante que os profissionais das Letras tenham bem esclarecidas suas concepções de linguagem, língua e literatura. Assim, ao oportunizar aos alunos o acesso às diferentes culturas de escrita, e ao proporcionar uma aula de língua portuguesa em que eles possam desenvolver cada vez mais competências linguístico-discursivas, passarão a compreender o mundo e instaurar-se com maior confiança na sua própria língua.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. - São Paulo: Contexto, 2016.

SIMÕES, L. J. **Leitura e autoria: planejamento em Língua Portuguesa e Literatura**. Porto Alegre: Edelbra, 2012.

EDUCAÇÃO POPULAR PARA A SUSTENTABILIDADE: ECO É POP, ECO É GAPE.

NATHALYA ANDRADE DA SILVA¹; FABYANNE MORAES DE SOUZA²;
SUZANA ANTIQUEIRA DE CASTRO³; AMANDA PACCANARO MARINO⁴;
HELOÍSA HELENA DUVAL DE AZEVEDO⁵.

¹Universidade Federal de Pelotas – nathalyasilva27@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - fabyannemoraes4@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - suzanaantc@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas - amandapaccanaro@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas - profa.heloisa.duval@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O grupo de Ação e Pesquisa em Educação Popular (PET GAPE/UFPeI) atua desde 2010, sendo considerado um grupo de conexão de saberes, ou seja, multidisciplinar. O GAPE realiza projetos nas áreas de ensino, pesquisa e extensão em diversas áreas do conhecimento a partir da contribuição dos integrantes de diferentes cursos, sendo eles: Biologia, Nutrição, Design, Psicologia, Medicina, Cinema de animação, Pedagogia e Letras.

Segundo Machado e Moraes (2019) a Educação ambiental (EA) crítica, tem como base diferentes movimentos, entre eles a Educação Popular (EP). A EP pode ser compreendida como a construção de uma sociedade democrática e justa alicerçada na soberania popular e no respeito aos direitos humanos, sendo que essa construção parte da realidade da população, valorizando o conhecimento prévio do sujeito e o diálogo. A EP desenvolve suas raízes no conhecimento do povo e surge das comunidades e dos movimentos populares. A partir dessa visão, é possível promover a autonomia através da ação-reflexão-ação. (PINI, 2012; SANTOS, 2017)

No século 21, a EP passou a incluir novas pautas em suas lutas, como a defesa da sustentabilidade socioambiental, sendo assim foi necessário dialogar com novos desafios, como compreender que as atuais problemáticas ambientais estão diretamente relacionadas com as ações antrópicas no meio ambiente, comprometendo assim a sustentabilidade do planeta Terra. (LIU, PINI, GOES, 2011; GADOTTI 2005)

A sustentabilidade ecológica surge a partir da proposta de desenvolvimento sustentável, que questiona os desequilíbrios ambientais locais e globais, assim como o esgotamento dos recursos naturais em razão do uso indiscriminado. Já o desenvolvimento sustentável procura encontrar soluções para que a economia continue crescendo, sem comprometer a recuperação da natureza. Além disso, visa a conservação de recursos para as futuras gerações através de mudanças nos padrões de consumo e produção. (SERRÃO, ALMEIDA, CARESTIATO, 2020)

Entre os projetos realizados pelo GAPE está o EcoGape, que une os saberes científicos e a EA através da temática Meio Ambiente e Sustentabilidade. Sendo assim, o objetivo do presente trabalho foi realizar uma ação do projeto EcoGape nas feiras livres de Pelotas e São José do Norte, abordando as seguintes temáticas: Plantio de hortas urbanas, higienização e aproveitamento integral dos alimentos.

2. METODOLOGIA

Inicialmente, para a realização das ações foi necessário contatar os órgãos responsáveis pela organização das feiras livres. Em Pelotas, realizamos uma reunião com a Secretaria do Desenvolvimento Rural, onde apresentamos o projeto e os seus objetivos, já na cidade de São José do Norte, houve uma reunião com os responsáveis pelas secretarias municipais de Agricultura e Pesca e do Meio Ambiente, além da presença de produtores dos sindicatos rurais responsáveis pela execução da feira orgânica. Após aprovação da utilização do espaço, foram definidas as feiras nas quais as ações seriam realizadas, sendo elas a Feira Livre presente no Parque Dom Antônio Zattera e no largo do mercado público, na cidade de Pelotas, e na feira orgânica da cidade de São José do Norte.

Para a realização das ações, houve a confecção de materiais gráficos para a distribuição, sendo eles as Zines intituladas “Xepa do GAPE” contendo as receitas de reaproveitamento alimentar, um panfleto informativo sobre hortas urbanas, contendo seus benefícios e instruções sobre como cultivá-las e por fim, um panfleto informativo sobre como higienizar os alimentos corretamente, contendo o método mais recomendado para a higienização.

Para uma melhor demonstração sobre a higienização correta dos alimentos, usou-se como material expositivo um recipiente contendo água, alimentos imersos e água sanitária livre de alvejantes, conforme as medidas e recomendação da ANVISA. Já para exemplificar sobre as hortas urbanas foram utilizadas mudas de pimenta, orégano, camomila, salsa, cebolinha e alecrim adquiridas na própria feira onde estava sendo feita a ação.

Junto às estratégias de exposição, também houve a degustação das receitas disponíveis nas Zines. Para isso, foram produzidos bolos com casca de bergamota, doce de entrecasca de melancia, geleia de banana e molho de casca de banana, foi ofertado também café para quem dedicava um pouco do seu tempo para nos escutar e compartilhar ideias.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira experiência do projeto foi na cidade de Pelotas, na feira orgânica do Parque Dom Antônio Zattera, ocorrendo no dia 05/08/2023. O clima ensolarado em um quente sábado de agosto proporcionou aos bolsistas iniciar a ação com o pé direito. Através da observação constatou-se uma boa adesão da comunidade, visto que boa parte das preparações para degustação e materiais impressos foram esgotadas. Nesta feira, percebeu-se um público-alvo composto em sua maioria por mulheres de meia idade e pessoas com consciência sustentável, o que levou à troca de informações e a sugestões para outras maneiras de se fazer presente na EA. Nessa ação, a atividade que mais chamou a atenção foi a degustação do bolo de casca de bergamota, receita de reaproveitamento alimentar presente na Zine, já os panfletos e amostras de mudas não tiveram tanta atenção, sendo que as pessoas que apresentaram dúvidas e interesse já possuíam horta em casa.

A segunda ação ocorreu na cidade de São José do Norte, no dia 15/08/2023. Diferente da feira supracitada, nesta foi possível observar um público-alvo com menor consciência sustentável, ainda que possuíssem boas iniciativas, muitas das apresentadas pelas bolsistas eram novidades para esse público. Entretanto, também se considerou uma boa adesão, observando a saída

dos materiais preparados para a distribuição. Outro ponto que chamou atenção foi que, além de possuir diversas estratégias sustentáveis, a prefeitura municipal se mostrou muito receptiva e colaborativa, com a presença de representantes da EMATER-RS, das Secretarias do Meio Ambiente, da Saúde e da Educação e Cultura, além da imprensa da prefeitura.

A terceira ação ocorreu no dia 26/08/2023, mais uma vez na feira do parque Dom Antônio Zattera, apesar da ideia inicial do projeto de realizar uma ação em cada feira, essa foi uma decisão emergencial devido ao mau tempo. Nesse dia foi possível observar um público um pouco mais jovem do que na primeira data. Além disso, essa foi a primeira ação em que foi levado como degustação a “carne” de casca de banana, que despertou curiosidade nos feirantes e consumidores. Em relação ao material de hortas, houve o interesse de pessoas que não possuíam hortas em casa, apresentando dúvidas sobre como fazer, onde plantar, quais materiais utilizar e o que plantar.

Por fim, a última ação ocorreu no dia 31/08/2023 na feira do largo do Mercado Público de Pelotas. O clima não tão agradável não favoreceu a experiência, notou-se uma baixa adesão do público, quando observado a distribuição de materiais. Por outro lado, foi possível observar muita colaboração de todos os feirantes, que se mostraram bastante interessados nos assuntos e muito prestativos em relação à logística da banca.

Segundo Camilo et al. (2018) o ritmo acelerado dos centros urbanos causa estresse ao ser humano, fazendo com que se preocupem cada vez menos com saúde, alimentação e meio ambiente. A partir dessa problemática, as Universidades buscam realizar atividades que alcancem a população de forma efetiva proporcionando a troca de conhecimento científico e saberes populares, assim a extensão universitária é o processo de diálogo, compartilhamento e construção coletiva do conhecimento. (FREIRE, 2015)

A partir dos resultados foi possível observar que a feira é um espaço com potencial para a realização de ações de extensão, pois nela ocorrem relações culturais, sociais e econômicas. (BOECHAT; SANTOS, 2011)

Segundo Camilo et al. (2011) as ações de EA crítica e conseqüentemente popular, devem ser construídas de forma coletiva e contextualizadas à realidade local. De acordo com Torres Santomé (1998) o trabalho interdisciplinar é capaz de promover uma cooperação entre as diferentes áreas do conhecimento. A partir dessas reflexões, observamos que as ações realizadas pelo projeto proporcionam o intercâmbio de conhecimento e realiza atividades que integram fatores sociais, ambientais e econômicos.

A EA crítica propõe a reflexão de que os recursos oferecidos pela natureza aos seres humanos são finitos e por isso precisam ser utilizados de forma mais racional, evitando principalmente o desperdício. Assim, EA é o caminho pela qual podemos alcançar a sustentabilidade no meio social, ambiental, político e econômico. (ROOS; BECKER, 2012).

4. CONCLUSÕES

Com a execução das ações em diferentes locais e abrangendo diferentes públicos-alvo, nota-se que é possível fazer a educação popular e ambiental, tanto baseando-se na troca de experiência com um público mais consciente do ponto de vista sustentável, como de um público com menor consciência ambiental. Tanto a boa adesão dos consumidores, quanto o apoio dos feirantes, e até mesmo o apoio dos órgãos responsáveis pela organização das feiras,

demonstram o quanto esse tipo de ação é bem-vinda. Sendo assim, a feira é um espaço com potencial para a realização de atividades

Da parte das bolsistas, busca-se aprimorar a ação para a execução de projetos futuros voltados para a consciência ambiental dos próprios feirantes, focando no reaproveitamento de alimentos como produtos em conservação para comercialização ou na produção de composteiras. Também pretende-se implementar a ação com um público-alvo mais jovem, através de ações que abordam a sustentabilidade nas escolas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOECHAT, P. T. V; SANTOS, J. L. Feira livre: dinâmicas espaciais e relações identitárias. **VIII Encontro Baiano de Geografia e X Semana de Geografia da UESB, Vitória da Conquista**, p. 189-196, 2011.

CAMILO, Rayane Talyta Bernardes et al. Estratégias de educação ambiental para implantação de hortas orgânicas em espaços urbanos. **Conecte-se! Revista Interdisciplinar de Extensão**, v. 2, n. 3, p. 60-73, 2018.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Editora Paz e Terra, 2021.

GADOTTI, M. Pedagogia da terra e cultura de sustentabilidade. **Revista Lusófona de Educação**, n. 6, p. 15-29, 2005.

LIU, E.P; PINI, F.R.O; GÓES, W. **Educação Popular**. Caderno MOVA-Brasil. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2011. Disponível em: <http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/educacao-popular.pdf>.

MACHADO, C.R.S; MORAES, B.E. Educação ambiental crítica: da institucionalização à crise. **Quaestio - Revista de Estudos em Educação**, Sorocaba, v. 21, n. 1, 2019.

PINI, F.R.D.O. Educação popular e os seus diferentes espaços: educação social de rua, prisional, campo. In: **Proceedings of the 4th. Congresso Internacional de Pedagogia Social IV Congresso Internacional de Pedagogia Social**. 2012.

ROOS, A; BECKER, E.L.S. Educação ambiental e sustentabilidade. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, p. 857-866, 2012.

SANTOS, J.C.N. Educação popular e EJA se faz com crítica e autocrítica. **IV CONEDU – Congresso Nacional de Educação**, out. 2017. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/36674>.

SERRÃO, M; ALMEIDA, A; CARESTIATO, A. **Sustentabilidade: Uma questão de todos nós**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2020.

TORRES SANTOMÉ, J. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

OFICINA DE VIOLÃO COLETIVO: UMA EXPERIÊNCIA NO PROJETO FAZENDO UM SOM.

MARCELO BOLDT DOS SANTOS¹; NILTON AVENDANO DA ROSA²; MIGUEL
DUARTE RODRIGUES DA SILVA³; ISABEL BONAT HIRSCH⁴.

¹Universidade Federal de Pelotas UFPEL – boldtguitar@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas UFPEL – nilavendano@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas UFPEL – miguelduart2020@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas UFPEL – isabel.hirsch@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho mostra uma das atividades desenvolvidas pelo Projeto de Extensão “Fazendo um Som” dentro da disciplina de Orientação Prática e Pedagógico-Musical I, por meio da Integralização da Extensão do currículo do Curso de Música Licenciatura. A disciplina oportuniza os alunos desenvolverem atividades de extensão e o objetivo era ministrar uma oficina de violão coletivo realizada com os alunos participantes da Orquestra do Areal em Pelotas/RS, na Escola Estadual de Ensino Médio Areal - E.E.E.M. Areal.

A Orquestra do Areal é coordenada pela professora Lys Marcia Ferreira e o grupo possui alunos de diversas idades que aprendem instrumentos para, posteriormente, integrarem a Orquestra. Foi solicitado o desenvolvimento básico do instrumento, uma vez que os alunos eram mesclados entre iniciantes e intermediários e não possuíam conhecimento musical prévio.

Portanto, foi proposta uma atividade de ensino coletivo de instrumento, a fim de proporcionar a participação dos alunos na oficina. Neste sentido, Cruvinel (2005) ressalta a importância do ensino coletivo de instrumentos afirmando que é

possível promover o ensino instrumental em grupo de maneira mais prazerosa, lúdica, obtendo um resultado técnico-musical mais rápido que na aula individual. Da mesma forma, poder-se-ia alcançar um maior número de pessoas (CRUVINEL, 2005, p. 229).

Porém, o ensino coletivo precisa de uma proposta pedagógica para a efetiva aprendizagem e sua inserção no contexto musical. Portanto, segundo Parente (2018),

o professor pode propor um material pedagógico musical coerente com a realidade local e individual de cada aluno, respeitando o desenvolvimento técnico e musical dos sujeitos (PARENTE, 2018, p. 149).

Para melhor compreender o processo desse trabalho, trataremos sobre a metodologia.

2. METODOLOGIA

A ação do projeto foi realizada durante dois semestres letivos com aulas semanais divididas em dois grupos e duração de 2 horas semanais por turma nas dependências da E.E.E.M. Areal onde funcionavam aulas e ensaios.

Buscando possibilitar uma visão geral de como vinham sendo realizadas as aulas coletivas de violão anteriores, a abordagem preocupa-se com a compreensão dos dados que possam identificar e analisar através da percepção e exploração do cenário do ensino coletivo de violão utilizando metodologia que se adequassem as necessidades do grupo de alunos.

Partimos da proposta metodológica onde todos os indivíduos são capazes de um desenvolvimento intelectual musical, onde distintas metodologias podem ser utilizadas para favorecer a memorização e a aprendizagem musical, a criatividade, improvisação, apreciação musical nas aulas, repertório trabalhado coletivamente como prática motivando o processo de aprendizado e iniciação musical.

O desenvolvimento em sala de aula foi baseado na prática de grupo e, o convívio semanal, foi de suma importância como iniciação e evolução de paridade entre os alunos.

Durante o desenvolvimento das aulas, pude observar o quanto a diferença sobre conhecimento musical interfere no andamento dos trabalhos, o que acaba dificultando para que o professor consiga um equilíbrio entre os estudantes mais desenvolvidos e capazes de compreender mais rapidamente os conteúdos propostos em relação aos demais iniciantes que possuem uma certa dificuldade no desenvolvimento.

Além das diferenças dos níveis de conhecimento, nem sempre o mesmo grupo de alunos se manteve presente nas aulas. A oficina teve início com seis (06) alunos, passando para dez (10), retornando novamente para seis (06), passando para quatro (04), esses atuantes desde o início. Os alunos da oficina de violão tinham em média entre 14 e 16 anos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pude observar o quanto a diferença de conhecimentos interfere no andamento dos trabalhos. Requer um equilíbrio de atenção com aqueles alunos mais desenvolvidos e capazes de absorver os conteúdos com os demais que possuem dificuldades de percepção e entendimento do que lhes é solicitado. Num primeiro momento, tive que apoiar com maior dedicação os alunos com maiores dificuldades.

Aos alunos presentes, apesar de demonstrarem interesse nas aulas, percebi que prática e estudo não eram realizadas fora das aulas. Em momento algum se declararam praticantes do instrumento por falta de tempo ou por não dispor de um instrumento próprio para prática, alegando o contato somente nos ensaios da orquestra. Também foi criado um grupo de whatsapp com os alunos

para disponibilização de materiais de estudo e sanar dúvidas caso necessário, o que, raramente foi utilizado com esses propósitos. Percebi uma falta de cronograma de ensino, que possibilite um aprendizado de forma correta.

Os alunos passam aleatoriamente por vários instrumentos, sem um foco específico até encontrarem o instrumento que lhe é mais adequado e satisfatório. Não percebi uma rotina básica de estudo teórico aos alunos iniciantes, que acredito ser devido a demanda do projeto. Várias vezes surgiam dúvidas dos alunos, onde acabava levando a aula de violão a outros domínios por falta de conhecimentos básicos, mas pertinentes.

As aulas ministradas apesar do interesse dos alunos, todos sem conhecimento musical, teve que passar por um processo de adaptação individual devido falta de conhecimento em algum instrumento e de não estarem musicalizados, dificultando a ideia inicial do emprego básico do instrumento. Para muitos deles foi necessário trabalhar o básico teórico e transpor de forma adaptada, utilizando emprego simples para uma compreensão inicial que pudesse ter um resultado. Apesar disso, todos os alunos responderam bem, mesmo que por uma simples evolução, uns mais que outros, mas por uma percepção pessoal de cada aluno. Algumas situações ocorridas que chamaram atenção, foi a carência dos alunos, a necessidade de estar no grupo da orquestra e a importância do projeto para uma socialização e formação do indivíduo.

Ao longo da oficina percebi a inviabilidade de misturar alunos iniciantes e aqueles que sabiam algo a mais, o que ocasionou dificuldade em manter um equilíbrio. A partir desta constatação comecei uma abordagem individual. Para que isso fosse possível e os alunos não perdessem o interesse passei a trabalhar, dentro do repertório de prática habitual na orquestra com músicas de gosto pessoal de cada um.

Desenvolvi uma forma que o aluno conseguisse executar a música de forma simples, porém satisfatória, onde o aluno trabalhasse em grupo. Devido as dificuldades de paridade no geral foi satisfatório.

Porém, através de observações realizadas e relatadas pelos estudantes, senti necessidade de encontrar meios para uma adaptação nas aulas facilitando o entendimento e desempenho do grupo, tornando assim, possível o aprendizado de forma coletiva mais homogênea e satisfatória, obtendo um resultado evolutivo conforme as aulas aconteciam.

4. CONCLUSÕES

Foi uma experiência importante, pois trouxe situações distintas e às vezes problemáticas, que exigiram um cuidado para que não houvesse tédio entre alunos e possível desistência da oficina.

Nos aspectos gerais houve necessidade de trabalhar com um grupo mais definido, sem alterações de alunos, sendo assim, foi possível desenvolver meios de orientação diminuindo a disparidade e incluindo todos de forma mais homogênea dentro do grupo o que causou um pouco de dificuldade para manter uma sequência.

A oficina foi de relevante importância e experiência no acréscimo na formação como professor, tendo em vista, a possibilidade de lapidar meios propostos na educação musical para com os estudantes participantes do coletivo de violão, desenvolvendo o trabalho em grupo e a interação como cidadão.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRUVINEL, Flávia Maria. **Educação musical e transformação social – Uma experiência com ensino coletivo de cordas**. Goiânia: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2005.

PARENTE, Filipe Ximenes. **Aprendizagem musical: uma análise com vistas a identificação de princípios para aprendizagem de instrumentos de sopro/madeiras**. Orientador: Pedro Rogério. 2018. 234 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

INTERAÇÃO UNIVERSIDADE-ESCOLA: REATIVAÇÃO DE UM LABORATÓRIO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA

NATÁLIA MAIQUELE DALMANN MARON¹; MICHAEL COSTA DA ROSA²;
INGRID DUTRA DE ÁVILA³; CHARLENE BARBOSA DE PAULA⁴;
FÁBIO ANDRÉ SANGIOGO⁵; BRUNA ADRIANE FARY⁶

¹ Universidade Federal de Pelotas – nmaron02@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – michaelarosa24@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – dingrid523@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas – xaxahdepaula@gmail.com

⁵ Universidade Federal de Pelotas – fabiosangiogo@gmail.com

⁶ Universidade Federal de Pelotas – fary.bruna@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A extensão universitária faz parte dos pilares que compõem as instituições de ensino superior, à qual se inter-relaciona com o ensino e a pesquisa à medida em que compartilham ferramentas de formação humana. A extensão contribui para o desenvolvimento do cidadão crítico e reflexivo, haja vista, que suas atividades consistem na interação com a sociedade. De acordo com o Plano Nacional de Extensão Universitária (2001, p. 2) “a extensão universitária é a atividade acadêmica capaz de imprimir um novo rumo à universidade brasileira e de contribuir significativamente para a mudança da sociedade”.

No que diz respeito à extensão universitária na UFPEL, com base nas diretrizes do Guia de Integralização da Extensão da UFPEL, o art. 7 do documento relata que: “São consideradas atividades de extensão as intervenções que envolvam diretamente as comunidades externas às instituições de ensino superior e que estejam vinculadas à formação do estudante, nos termos desta Resolução, e conforme normas institucionais próprias” (UFPEL, 2019, p. 20). Ainda, segundo o Guia, há duas formas de curricularização da extensão, quais sejam: atividades curriculares em extensão (programas, projetos, oficinas, entre outros); e componentes curriculares com caracterização de carga horária em extensão.

Neste sentido, o curso de Licenciatura em Química da UFPEL, no semestre 2022/2, ofertou o componente curricular intitulado de Interação Universidade-Escola, que está vinculado ao Projeto de Extensão: “Professores de Química em formação com e na comunidade escolar”, que tem como objetivo propiciar a interação dialógica entre universidade e escola, propiciando estudo, planejamento, realização de atividades de ensino de Ciências e de Química para alunos da educação básica e também contribuir com a formação humana e social dos participantes das atividades extensionistas, considerando questões que envolvem direitos humanos, inclusão, respeito à diferença, como às diferentes culturas, às questões de gênero e étnico-raciais (UFPEL, 2021).

Para isso, foi proposto para os discentes do componente a elaboração de um projeto de extensão que auxiliasse na demanda de uma escola de Pelotas-RS. Nesse contexto, este trabalho tem o objetivo apresentar as atividades de extensão realizadas pelos discentes no componente curricular de Interação Universidade-Escola, focando nos resultados que envolveram a reativação do laboratório de ciências da natureza.

2. METODOLOGIA

Inicialmente os discentes e docentes do componente curricular realizaram alguns estudos teóricos, para entender o papel da extensão. A partir disso, elaboraram e validaram um questionário inicial, com o intuito de conhecer às demandas relacionadas a professores de Química de algumas escolas de Pelotas-RS. Segundo MELO NETO (2001), é necessário que ocorra uma dialogicidade entre Universidade e a sociedade, pois ao mesmo tempo que Universidade constrói conhecimentos, também se retroalimenta na medida em que passa a considerar as demandas da sociedade na qual está inserida.

Com base nas respostas obtidas, foi centrada as atividades em uma escola pública Estadual de Pelotas, pelo interesse do curso em reaproximar as ações junto à escola, que já havia procurado apoio em outros momentos, e pelo componente curricular ser ofertado na sexta-feira pela manhã, horário compatível com o horário da disciplina de Química na escola. Dentre as demandas, emergiu a necessidade de reativação do laboratório de ciências da natureza. Inicialmente, houve diálogos com a direção e a professora de Química, para então a escola ser visitada para identificar os problemas presentes no laboratório da instituição e a possível forma de intervenção. O espaço contava com três bancadas, uma para cada disciplina da área de ciências da natureza (Química, Física e Biologia), quando a escola não dispõe de espaço físico para a criação de um laboratório para cada área da ciência, pode unir, no mesmo espaço, os três laboratórios, basta usar o bom senso e a criatividade, a fim de adequar o local (BRASIL, 2009). Porém, o que se observou foram as condições precárias do laboratório, com sujeira acumulada e a desorganização de materiais e reagentes nas bancadas (Figura 1).



Figura 1- Bancada antes da reativação

Fonte: Registro dos autores

A direção relatou que a escola tem a intenção de ter uma estrutura mais adequada para as aulas experimentais. Foi observado que o espaço é pequeno para turmas grandes, além de ter alguns problemas de estrutura, com uma pia atrás de uma das bancadas, de difícil acesso, ficando quase inviável a utilização, e uma bancada muito próxima do quadro. A pia é de fundamental importância em um laboratório, uma vez que é útil para a captação de água, assepsia das mãos, na lavagem das vidrarias e no descarte de determinadas substâncias (BRASIL, 2009). De modo geral, os professores de Química justificam a falta de atividades experimentais devido as condições precárias e infraestrutura dos laboratórios presentes principalmente nas escolas públicas (SILVA e ZANON, 2000).

Na sequência, ao considerar o contexto da escola e suas demandas, foi elaborado um projeto de extensão, com o intuito de atender as demandas da escola, sendo elas: i) a reativação do laboratório de ciências da natureza; ii) o planejamento e a realização de atividades experimentais na disciplina de Química; e iii) a elaboração de uma planta para construção de um novo laboratório (com o apoio da professora do componente de Desenho técnico dos cursos de Química).

Portanto, em um primeiro momento, o foco foi na reativação do laboratório, já que as condições na qual se encontrava o espaço tornava inviável qualquer atividade experimental. Para isso, foi realizado um cronograma para que a reativação do laboratório ocorresse, a exemplo de ações de limpeza e organização, de forma a torná-lo adequado para realização de atividades experimentais, que também se tratava de uma demanda apresentada pela professora da escola. Cabe ainda o registro de que quase todas as aulas do componente curricular ocorreram no espaço da escola, permitindo que os licenciandos observassem outros problemas de estrutura, de falta de profissionais para o apoio da direção, etc.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os registros de resultados e discussões centram nas percepções vinculadas às atividades de reativação do laboratório da escola. Na primeira semana vinculada a esta ação, os discentes e docentes levaram panos velhos, produtos de limpeza e baldes para realizar a limpeza do laboratório. A atividade foi iniciada através organização e limpeza das bancadas correspondente a química e física, na qual, foi retirado o pó dos materiais e bancadas, lavagem de vidrarias e demais equipamentos. Nesse dia, foi possível perceber que tanto os discentes e docentes do componente curricular quanto a professora e o vice-diretor da escola estavam bastante curiosos e entusiasmados com o trabalho de reativação.

Devido ao fato de o laboratório estar muito desorganizado e sujo, apenas um dia de limpeza não foi suficiente. Então, no segundo dia foi realizada a organização dos armários, que foram remanejados com o intuito de gerar mais espaço, e ainda a organização separando os reagentes orgânicos dos inorgânicos, e aqueles que não foram possíveis a identificação foram recolhidos e levados para universidade, com objetivo de serem identificados através de análises, bem como providenciar o descarte de reagentes vencidos e danificados. Algumas vidrarias quebradas foram descartadas e foi realizado um levantamento de vidrarias e reagentes presentes no laboratório, fazendo-se uma triagem de quais poderiam ser utilizadas nas atividades experimentais da próxima ação do projeto.

Durante o processo de limpeza e organização foi possível observar uma movimentação por parte de professores e de estudantes da escola, que iam até a porta do laboratório observar o que estava acontecendo. Com isso os licenciandos passaram a perceber que os esforços para atender a demanda estavam surtindo efeito, pois a comunidade escolar estava interessada (MELO NETO, 2001). Ainda, pelo fato de uma das bancadas envolver materiais próprios ao campo da Biologia, houve o contato com o grupo do Residência Pedagógica da escola, do grupo da Biologia, que contribuiu com a limpeza e organização da sua bancada.

Após o laboratório ter ficado apto para uso dos estudantes (Figura 2), foi solicitado que os discentes do componente curricular elaborassem atividades experimentais como parte do projeto de extensão para serem desenvolvidas nas aulas de Química. As atividades envolveram os conteúdos abordados pela professora da escola, sendo: para o 1º ano, Tipos e Separação de Misturas; para o 2º ano, Reações Químicas; e para o 3º ano, Interações intermoleculares, Funções

Orgânicas e Misturas. Assim, os discentes elaboraram três roteiros com atividades experimentais, para a segunda ação do projeto de extensão.



Figura 2-Bancada após reativação
Fonte: Registro dos autores

4. CONCLUSÕES

Com a reativação do laboratório foi possível perceber a relevância das atividades relacionadas a extensão universitária, pois ações como essas, à medida que devolvem a comunidade escolar um espaço destinado ao aprendizado, auxiliam no desenvolvimento profissional dos discentes, possibilitando uma visão dos desafios enfrentados no contexto escolar, permitindo como professores em formação observar, identificar e ultrapassar obstáculos que venham surgir no desenvolvimento de suas atividades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 10 jan. 2001.

BRASIL. Portal do Professor. **Laboratórios**, 2009. Disponível: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000013620.pdf>

MELO NETO, J. F. de. **Extensão universitária: uma análise crítica**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2001.

SILVA, L. H. A.; ZANON, L. B. A experimentação no ensino de ciências. In: SCHNETZLER, R.P.; ARAGÃO, R. M. R. **Ensino de Ciências: fundamentos e abordagens**. Piracicaba: CAPES/UNIMEP, 2000. p.120-153

UFPEL, Pró-reitoria de Extensão e Cultura. **Guia de Integralização da Extensão nos currículos dos cursos de graduação da Universidade Federal de Pelotas**. 2019. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/prec/files/2019/05/Guia-de-integraliza%C3%A7%C3%A3o.pdf>

UFPEL. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Química**, 2021. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/licenciaturaquimica/files/2021/12/OficialCoord-PPC-Lic-Qui.pdf>

ARTEIROS DO COTIDIANOS: DESAFIOS DO RETORNO AO ENSINO PRESENCIAL

ANA BEATRIZ REINOSO ROSSE¹; CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO²;

¹ Universidade Federal de Pelotas – anabeatrizreinoso25@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – clauummattos@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Arteiros do Cotidiano, criado em 2010 pela professora Cláudia Brandão, é um projeto de extensão vinculado às disciplinas de Artes Visuais na Educação II e III, do curso de Artes Visuais – Modalidade Licenciatura, do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, onde é abordado, principalmente, metodologias para o ensino das Artes Visuais na educação básica. Com o intuito de motivar estudantes do ensino fundamental a expressarem e representarem ideias críticas, conceitos, emoções e sensações por meio de poéticas individuais e coletivas, o projeto, atua como uma “ponte” entre os graduandos da universidade e os alunos do ensino fundamental das escolas do município de Pelotas.

De tal modo, o presente artigo tem como proposta discorrer brevemente sobre o projeto; expor as análises geradas a partir das observações das aulas dos alunos da disciplina AVNE III, no ano de 2023, após a volta ao modo presencial; e ponderar os atos da pandemia, da tecnologia e a velocidade do mundo contemporâneo na educação, na escrita e na aprendizagem dos alunos. Para tanto utilizaremos os pensamentos de Paulo Freire (1997) acerca da educação e do educador.

2. METODOLOGIA

Visando o desenvolvimento de uma aprendizagem acadêmica no contexto de uma participação socialmente ativa, experimentando o mundo de forma significativa, e interpretando os fatos cotidianos articulados aos conteúdos disciplinares, o Arteiros do Cotidiano vem como uma maneira de complementação das atividades desenvolvidas nas disciplinas AVNE II e AVNE III, elaborado com o intuito de estimular e fortalecer a relação dos acadêmicos com a realidade escolar do município de Pelotas, privilegiando processos (auto)formadores.

O projeto contempla a realização de atividades teóricas e práticas com estudantes da educação básica, explorando diferentes linguagens artísticas, assim como: o desenho, a colagem, a pintura, a gravura, a fotografia e o vídeo, dentre outras; oportunizando à comunidade escolar pelotense discussões poéticas acerca das relações do ser contemporâneo com o meio; e aos acadêmicos práticas docentes em sintonia com a realidade escolar.

O projeto atua no sentido de atender demandas sociais. Enquanto os acadêmicos conhecem as comunidades e as escolas, eles conhecem e entendem melhor o funcionamento das instituições escolares, possibilitando, assim, a construção de um diálogo afinado com as necessidades comunitárias. Tendo em vista a frase de Paulo Freire (1997, p.13), “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”, o Arteiros vem como um meio de não somente os

graduandos colocarem em ação seus saberes/práticas, mas também aprenderem como se dá o processo de educação no dia a dia real, não idealizado.

Nos anos de 2021 e 2022 o Arteiros também atuou de maneira remota, oferecendo cursos de formação continuada, tendo como público-alvo professores e estudantes de arte. Com o intuito de aprofundar discussões sobre o ensino das artes visuais na educação básica, em processos de EaD, possibilitando a ampliação dos repertórios visuais e das referências artísticas dos participantes.

Nesse ano de 2023 o Arteiros retorna ao presencial atuando em uma escola do município de Pelotas com duas turmas do 6º ano do ensino fundamental levando discussões acerca das representações do corpo, identidade e cultura. O retorno às aulas presenciais após um período de ensino remoto ou devido a eventos disruptivos, como a pandemia de COVID-19, trouxe uma série de desafios e dificuldades para estudantes, professores e instituições de ensino.

Através das aulas observadas, foi notado que a transição do ambiente familiar para o escolar ainda se demonstra desafiadora para a maioria dos estudantes. A adaptação a uma sala de aula, interações sociais presenciais e regras escolares ainda não é algo estável. O perfil da sala de aula é caracterizado por alunos com dificuldade de atenção, agitados, hiperativos e em algumas instâncias até mesmo violentos; é notado que alguns alunos perderam habilidades acadêmicas, motoras e sociais durante o período de ensino remoto, o que dificulta muito a reintegração ao ambiente escolar tradicional que ainda é imposto pelas instituições. Além da maneira como a pandemia e o isolamento social impactaram negativamente a saúde mental causando estresse, ansiedade e trauma em muitos estudantes, professores e funcionários das escolas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escrita à mão perpassa e acompanha toda a história da humanidade, entre tudo, com o constante avanço da tecnologia e a multifuncionalidade proporcionada pelos aparatos tecnológicos, esta forma de escrita tem sido cada vez mais abandonada e, conseqüentemente, substituída pelo mais rápido, prático e mais convenientemente comunicável e compartilhável, a escrita digital.

A escrita na era digital é profundamente influenciada pelas tecnologias e meios digitais, e essa mudança tem impactado significativamente a forma como as pessoas criam, compartilham e consomem textos. Vários são os pontos positivos resultados de tal mudança, entretanto, quando visualizamos esta no contexto educacional observamos uma ampla gama de malefícios e uma educação cada vez mais degradada.

A escrita digital muitas vezes adota uma linguagem mais informal e abreviada, especialmente em mensagens de texto e nas redes sociais. Isso tem um impacto na evolução da língua e nas normas de comunicação escrita. Mudanças são necessárias, não sejamos puritanos, principalmente em algo tão intrínseco ao ser humano como a língua e as expressões dessa, todavia, quando tal impacto é observado em alunos que deveriam estar completamente alfabetizados, devemos nos atentar a tal problema e ponderar maneiras de sanar tal impacto.

Nas disciplinas de estágio de intervenção e regência em língua portuguesa, aplicadas em uma turma de 7º ano, e nas aulas ministradas pelos participantes do Arteiros em duas turmas de 6º ano, foram notadas algumas abismais e preocupantes constantes: muitos alunos não são letrados, muitos não reconhecem

a escrita cursiva e uma assombrosa parcela dos alunos nem mesmo se encontram alfabetizados.

Aqueles alunos que se encontram alfabetizados, em suas produções é possível observar a influência cada vez mais latente da escrita digital. Perpassando pela utilização da letra de forma, o alinhamento do texto que não chega ao fim da folha, como se estivesse alinhado à esquerda; usos indevidos ou não usos de letras maiúsculas, pontuações quase inexistentes e um léxico oriundo da cibercultura de um neologismo cada vez mais latente. Ao ler uma produção dos alunos, o sentimento que se tem é de estar lendo uma postagem em alguma rede social.

A transição entre diferentes estilos de escrita tornou-se uma habilidade importante. As pessoas agora precisam adaptar sua escrita com base no contexto, passando da comunicação informal das redes sociais para uma forma mais formal em documentos acadêmicos ou profissionais. Essa mudança constante de estilos pode ser desafiadora e como é observado é um ato que não está sendo realizado pelos estudantes.

A pandemia de COVID-19 teve um impacto significativo na educação brasileira, afetando alunos, professores, escolas e o sistema educacional como um todo. No exame internacional *Pirls* (Progress in International Reading Literacy Study), realizado a cada cinco anos pela *International Association for the Evaluation of Educational Achievement* (IEA), que avalia as habilidades de leitura e escrita de crianças entre nove e dez anos, 4º ano de escolarização; o Brasil ocupou a 52ª posição entre 57 países participantes (Inep, 2023), nos resultados divulgados em maio de 2023, ficando acima apenas da Jordânia, Egito, Marrocos e África do Sul.

Foi observado, então, que quatro em cada dez estudantes brasileiros não dominam as habilidades básicas de leitura e interpretação. Por exemplo os estudantes não sabiam identificar e reproduzir um fragmento de informação explícito no texto (Inep, 2023), demonstrando, assim, a enorme ruptura na educação brasileira agravada pela crise sanitária.

4. CONCLUSÕES

A interseção dos atos da pandemia, do avanço tecnológico e da aceleração do mundo contemporâneo trouxe mudanças profundas e complexas para a educação, a escrita e a aprendizagem dos alunos. Há oportunidades e benefícios na integração da tecnologia na educação, todavia é necessário um equilíbrio e promover uma educação que prepare os alunos para enfrentar os desafios da era digital, ao mesmo tempo em que preserva habilidades fundamentais, como a escrita, a comunicação e a capacidade de aprendizado profundo e crítico.

Para isso faz-se necessário cada vez ações mais como as práticas desenvolvidas pelo Artesãos do Cotidiano. Elas demonstram que mesmo em meio a uma educação tão sistematicamente enfraquecida e com o futuro do educar cada vez mais opaco, ainda é possível observar, analisar e elaborar meios para tentar minimizar os impactos de tais problemas. E assim sendo capaz de promover uma educação de qualidade de forma gratuita e fazer uma conexão entre o estudante universitário, o professor de ensino médio e o público escolar, levando o conhecimento acadêmico para além das barreiras universitárias e colocando-o em prática.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Brasil no PIRLS 2021**: Sumário Executivo. Brasília, DF: Inep, 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Enciclopédia PIRLS 2021**: Capítulo Brasil. Brasília, DF: Inep, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários a prática educativa. 9 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

REVISTA CADERNOS DE EDUCAÇÃO: PROCESSOS DE RECEPÇÃO E EDITORAÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS

CAROLINE FERNANDA COSTA SCHNEIDT¹; FERNANDO RIPE²;
JOSIMARA WIKBOLDT SCHWANTZ³

¹Universidade Federal de Pelotas – carolinefcschneidt@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – fernandoripe@yahoo.com.br

³Universidade Federal de Pelotas – josiwikboldt@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Revista Cadernos de Educação (ISSN 2178-079X) é um periódico científico idealizado e mantido pela Faculdade de Educação (FaE) e pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) desde o ano de 1992. Diante do complexo contexto editorial e político brasileiro, Cadernos de Educação tem – ao longo dos seus mais de 30 anos de publicações contínuas, desempenhado a tarefa de mobilizar um significativo grupo de pesquisadores interessados em socializar uma série de conhecimentos educacionais relevantes, elevando o debate no interior da pluralidade que se apresenta à área da Educação. A Revista publica artigos originais e inéditos de pesquisadores brasileiros (compondo, preferencialmente, um quadro formado por distintas regiões do país) e estrangeiros (notadamente, de língua espanhola, inglesa e francesa). Também são divulgados dossiês temáticos, resenhas críticas de obras vinculadas à Educação, entrevistas com importantes pesquisadores da área.

Tendo em vista que a Revista Cadernos de Educação foi elevada para Qualis A2, conceito de excelência na avaliação quadrienal 2017-2020 da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) do Ministério da Educação (MEC), o número de pesquisadores interessados em publicar no periódico aumentou relativamente no último ano (RIPE *et al.*, 2022). Desse modo, o trabalho realizado para atender a recepção e editoração de artigos se tornou uma tarefa imprescindível. Sendo assim, a presente proposta de comunicação pretende analisar a atuação da secretaria da revista nesse processo. Para tanto, discutiremos as principais práticas adotadas referentes à recepção e à produção do editoramento de artigos científicos publicados em Cadernos de Educação.

2. METODOLOGIA

Segundo a norma NBR 6023/2002, da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas, um periódico científico é definido como “tipo de publicação seriada, que se apresenta sob a forma de revista, boletim, anuário, etc. editada em fascículos com designação numérica e/ou cronológica, em intervalos pré-fixados (periodicidade), por tempo indeterminado” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2002, p. 2)

Inicialmente os autores realizam o processo de submissão (artigos, resumos, dossiê, resenha) na plataforma digital, disponível em <https://revistas.ufpel.edu.br/>. Na sequência, ocorre o trabalho da recepção do artigo

científico. A primeira etapa que deve ser feita é a verificação se o documento submetido se encaixa no foco e escopo da revista, que é a área da educação. Isso se dá por meio da leitura do resumo e da introdução do artigo. Feita essa etapa, é realizada a revisão na formatação do artigo conforme o *template* disponibilizado nas diretrizes para os autores na plataforma da Revista Cadernos de Educação. Na sucessão, é feito o envio para um editor de seção, que lerá e encaminhará o artigo para dois pareceristas, para realização da avaliação dupla-cega, sistema de avaliação que é feito em pares sem os avaliadores possuírem nenhuma informação dos autores do artigo que receberam. Em seguida, com a resposta de aceite ou rejeite dos avaliadores o editor de seção entra em contato com o(s) autor(es) do artigo submetido. Após o retorno do documento, é realizada uma avaliação ortográfica e de formatação. A finalização do processo se dá pela inserção do *e-number* e a publicação do arquivo na plataforma da revista.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Revista Cadernos de Educação desenvolve um trabalho extensionista, objetivando seguir a ideia de comunicação proposta por Paulo Freire que seria uma forma de oportunizar o direito de um indivíduo “passar” o seu conhecimento de maneira crítica. FREIRE (1983, p. 13) julga o que é extensão no seu tempo quando faz a seguinte reflexão:

o termo extensão se encontra em relação significativa com transmissão, entrega, doação, messianismo, mecanicismo, invasão cultural, manipulação etc. E todos estes termos envolvem ações que, transformando o homem em quase 'coisa', o negam como um ser de transformação do mundo. Além de negar, como veremos, a formação e a constituição do conhecimento autênticos. Além de negar a ação e a reflexão verdadeiras àqueles que são objetos de tais ações.

FREIRE (1983) propõe, inclusive, trocar o termo extensão por comunicação, justamente pelo fato de que pressupõe ser um trabalho de extensão: a transmissão de um conteúdo sem contexto ou diálogo e, muitas vezes, a invasão cultural. Para ele comunicar produz mais sentido pela troca de saberes envolvidos, trata-se de um termo que envolve ação e diálogo. Como já proposto anteriormente a revista tem como um de seus objetivos publicar artigos científicos, voltados para a área da educação, que essas publicações sejam críticas, que ajudem no desenvolvimento das pesquisas brasileiras, na divulgação do conhecimento produzido e que se constitui nas relações homem-mundo, “relações estas de transformação que se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações (FREIRE, 1983, p. 22).

Ao monitorar e repassar as submissões para os editores de seção, observa-se alguns pequenos erros que acontecem frequentemente nos arquivos que são submetidos, como, por exemplo, o resumo conter mais de 10 linhas ou o artigo não ter nenhuma informação dos autores, tendo em vista que a revista trabalha com avaliação às cegas. Dentre as maiores dificuldades para atender à crescente demanda de submissões, identificamos que as recorrentes rejeições ou retorno aos autores se dão pelo fato da falta de atenção, leitura superficial da formatação e das regras de submissão da revista. Esses “erros” acontecem de forma recorrente. Importante destacarmos que todas as informações sobre o processo de submissão estão explícitas na plataforma da revista, mesmo assim, a recorrência de submissões incorretas prejudica o fluxo de avaliação dos artigos.

4. CONCLUSÕES

Por se tratar da análise empreendida no projeto de extensão que a revista mantém, é importante que o processo de recepção e editoração seja constantemente avaliado. Nesse sentido, chega-se à conclusão de que trabalhar por meio do fluxograma da Revista Cadernos de Educação, exige que se adquira algumas práticas empíricas do mundo editorial e, mesmo assim, deve-se tentar deixar esclarecer as questões que os autores indagam, mediante o envio de e-mails. Por fim, ao lidar com a recepção dos artigos se aprende mais sobre as dificuldades que os autores encontram para realizar uma submissão, da mesma forma que se aprende a fazer uma leitura inicial que pode negar ou aceitar um artigo. Nesse sentido, pode-se afirmar que a experiência desenvolvida contribui com um conhecimento essencial sobre o fluxo de uma revista científica e sobre o “mundo” acadêmico, elementos significativos para a formação de uma graduanda bolsista de extensão.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023: Informação e documentação: Definições**. Rio de Janeiro. 2002.

FREIRE, Paulo. **Comunicação ou Extensão**. Tradução: Rosisca Darcy de Oliveira 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

RIPE, Fernando et al. Perseguindo o sonho da felicidade. Editorial. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 66, e216622, 2022| p. 1-7. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/educacao/article/view/5020/4286> Acessado em 21 de agosto de 2023

OFICINAS SOBRE A LÍNGUA POMERANA PARA A CONSCIENTIZAÇÃO LINGUÍSTICA NAS COMUNIDADES NA SERRA DOS TAPES

JOÃO VITOR NÖRNBERG¹; BERNARDO KOLLING LIMBERGER²

¹Universidade Federal de Pelotas – jvnornberg@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – limberger.bernardo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado interliga-se ao projeto “Pomerano: língua viva”, que surgiu a partir da necessidade e demanda das comunidades de falantes de pomerano concentradas no sul do RS. Em 2020, foi publicada uma lei estadual que reconhece a língua pomerana como de relevante interesse cultural: “Ficam reconhecidas como de relevante interesse cultural do Estado do Rio Grande do Sul a Cultura e a Língua Pomerana, falada e escrita” (RIO GRANDE DO SUL, 2020, p. 1)¹. A lei oficializa a importância do pomerano, língua brasileira de imigração, requerendo a realização de atividades específicas para tornar a língua (ainda) mais prestigiada nas comunidades e manter a sua vitalidade. A valorização da língua também é salientada na política linguística da Universidade Federal de Pelotas, que possui um princípio de respeito à diversidade linguística e da sua valorização. Este projeto integra universidade, comunidade e governo estadual, congregando os esforços de manutenção da língua pomerana, patrimônio do estado.

Preocupando-se não somente com as línguas minoritárias, mas também com questões bilíngues e multilíngues, o projeto visa à valorização e manutenção da língua pomerana, sobretudo na Serra dos Tapes, onde comunidades pomeranas preservam suas tradições, cultura, seus costumes e identidade, das quais a língua é parte inerente. Assim, discutir e manter o pomerano vivo constitui uma contribuição também para o resgate e a valorização de um povo tradicional.

O pomerano é uma língua de imigração baixo-saxônica – portanto, de origem germânica – proveniente das terras baixas da região do Mar Báltico (TRESSMANN, 2008). Muitos dos imigrantes se estabeleceram no Brasil, sobretudo nos estados de Espírito Santo e Rio Grande do Sul, tendo este último a maior concentração de falantes na região da Serra dos Tapes.

Dentro desse contexto, busca-se conscientizar os falantes dessas comunidades e chamar a atenção para a manutenção da língua, por meio de oficinas realizadas em ambiente escolar. Essa atitude mostra-se importante não somente porque consiste em um esforço para o incentivo do uso da língua, mas também para consolidar uma prática na qual a língua minoritária, segundo conforme Pupp Spinassé e Käfer (2017), possa encontrar espaço.

O objetivo dessas oficinas é de oferecer ferramentas para aprimorar a aprendizagem e contribuir para o reconhecimento da importância do pomerano para a própria comunidade, que muitas vezes cai em desilusão com a sua língua, tanto pela falta de suporte quanto pelo preconceito. Portanto, a aplicação dessas oficinas também parte da vontade de atestar o valor e o lugar de direito do pomerano, ou seja, tendo prestígio não só no âmbito familiar, mas também no contexto educacional, no qual muitos dos falantes não experienciam, mesmo dentro de suas comunidades, um contato agradável e profundo com a língua.

¹ Projeto de lei disponível em: <http://proweb.procergs.com.br/Diario/DA20190221-01-100000/EX20190221-01-100000-PL-180-2016.pdf>. Acesso em 31 ago. 2023.

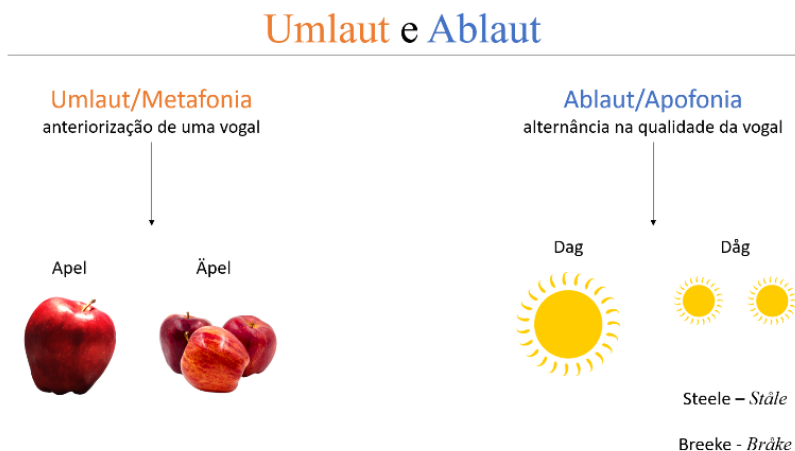
Assim, atender-se-ia as necessidades das comunidades, incentivando os estudantes das escolas a utilizarem e valorizarem a sua língua, bem como a perceberem a sua importância para o contexto de suas vidas e da sociedade na qual estão inseridos.

2. METODOLOGIA

Uma das ações do projeto de extensão é a aplicação de oficinas em salas de aula com alunos e professores. As oficinas consistem em abordar, de forma simples e didática, vários conceitos linguísticos, como, por exemplo: as definições de multilinguismo, morfologia, fonética e fonologia, cognatos, famílias linguísticas etc. A ideia é que os alunos captem essas informações e que possam repassá-las aos familiares ou amigos, além de criarem uma consciência sobre o bilinguismo e a língua de casa.

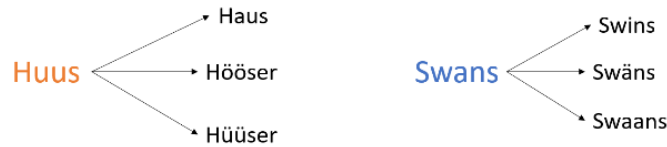
Durante a aplicação da oficina, na sala de aula, os alunos são divididos em grupos, os quais são representados pelo nome escolhido pelos membros. Os conceitos linguísticos supracitados são apresentados e, ao término de cada exposição, os grupos realizam tarefas, para que aquilo que foi transmitido seja fixado. A escrita utilizada parte da proposta de Schneider (2019). Abaixo (Figura 1), fornecemos um exemplo de um dos slides que fazem parte da seção dos conceitos de “fonética e fonologia”.

Figura 1 – Exemplo de conceito abordado nas oficinas: fonética e fonologia da língua pomerana



Em pomerano, o reconhecimento de alterações de sentido de um substantivo ou verbo na língua dá-se por meio de *Umlaut* (Metafonia) e *Ablaut* (Apofonia), isto é, anteriorizações de vogais e alternância na qualidade de vogais. O primeiro caso, a anteriorização, que é geralmente representada por trema na escrita, denota pluralização de um substantivo, ou seja, de “apel” (maçã) temos “äpel” (maçãs). Já o segundo caso, “dag” (dia) para “dâg” (dias), denota, assim como o primeiro, pluralização, porém, diferentemente do primeiro, por meio de alteração total da vogal (de <a> = [a] para <â> = [ɔ]), processo representado na escrita pelo diacrítico anelado sobre a vogal “a”. Também são apresentados, nesta parte da oficina, dois exemplos de verbos no tempo presente e no passado, onde o último sofre alteração por meio do processo de *Ablaut*.

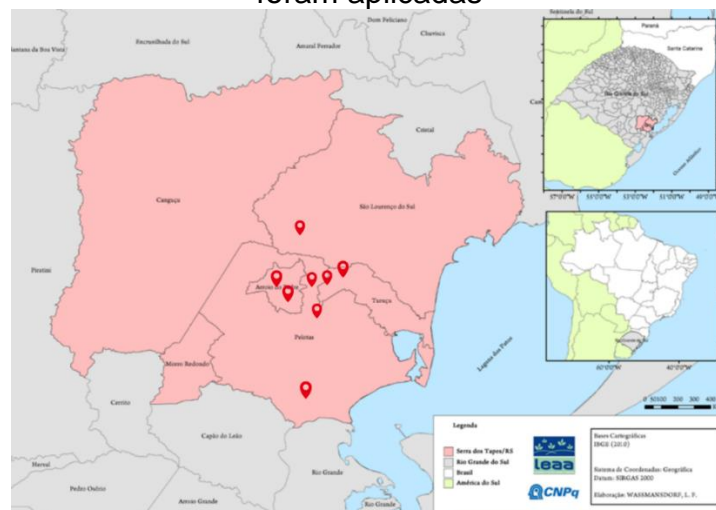
Figura 2 – Atividade trabalhando os conceitos de *Umlaut* e *Ablaut*
 Impostores do plural no **Umlaut** e **Ablaut**



Na atividade (Figura 2), os alunos precisam identificar, com base nos conceitos apresentados sobre *Umlaut* e *Ablaut*, qual das três alternativas de cada palavra, *huus* e *swans*, corresponde corretamente ao seu caso no plural, aplicando as regras aprendidas durante a oficina (*hüüser* e *swins*, respectivamente).

Para expandir o raio de aplicação das oficinas, a equipe entra em contato prévio com os professores e/ou com a direção e agenda oficinas de acordo com o interesse e a disponibilidade. Preferencialmente, o público-alvo são estudantes das séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Conforme apresentado na Figura 3, as oficinas estão sendo aplicadas nos municípios de Pelotas, Turuçu, Arroio do Padre e São Lourenço do Sul.

Figura 3 – Mapa da Serra dos Tapes com as escolas em que as oficinas foram aplicadas

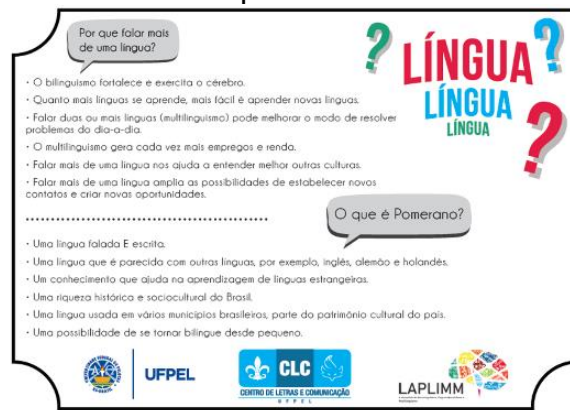


Fonte: Salamoni *et al.* (2021, p. 8, adaptado)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das oficinas, espera-se que os alunos consigam ter uma visão mais positiva e favorável acerca de sua língua, podendo então valorizá-la mais e terem orgulho de dizer que a falam, bem como terem uma visão mais ampla sobre as línguas do mundo e conceitos linguísticos no geral. Como mensagem da oficina, espera-se que os estudantes levem para casa informações relevantes da sua língua materna (Figura 4), podendo aumentar o seu prestígio nas comunidades.

Figura 4 – Panfleto apresentado durante a oficina



Vê-se os resultados instantaneamente. Basta entrarmos na sala de aula e anunciarmos que vamos trabalhar com pomerano que já se cria um alvoroço: “Fiquem quietos agora, vamos ter aula de pomerano!”, diz um aluno; “Como se escreve *smuk määke!*?”, diz outro. Todos começam a falar palavras que conhecem, utilizar expressões, lembrar o que seus pais/avós falavam etc. Portanto, é bem claro que os falantes anseiam por esse cuidado especial e que o fato de trazermos isso para a escola já lhes causa altivez e felicidade, pois abordamos, dando o devido valor e respeito, aquilo que é deles e que engloba toda a sua vida social.

4. CONCLUSÕES

O projeto apresenta caminhos para que reverbere nessas comunidades o assunto, ou seja, a consciência linguística, e que, dessa forma, os alunos possam ter estímulo para usarem mais ainda a sua língua materna em diferentes contextos, além de valorizá-la como patrimônio, um conhecimento, um meio de comunicação oral e escrito, um diferencial, entre outros fatores que elevam o status da língua.

Dentre algumas das próximas ações do projeto está, por exemplo, a expansão das escolas de aplicação das oficinas, a organização do concurso de poemas e contos escritos em pomerano², a publicação do livro contendo esses contos e poemas, o auxílio no dicionário de Aloi Schneider (2019) e a publicação de materiais de divulgação no Instagram [@platsprak](https://www.instagram.com/platsprak).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PUPP SPINASSÉ, K.; KÄFER, M. L. A conscientização linguística e a didática do multilinguismo em contextos de contato português-Hunsrückisch. **Gragoatá**, v. 22, n. 42, p. 393-415, 2017.

SALAMONI, G. *et al.* **A Geografia da Serra dos Tapes: natureza, sociedade e paisagem**. Pelotas: Ed. UFPEL, 2021.

SCHNEIDER, A. **Dicionário Escolar Conciso: português-pomerano, pomerisch-portugijisch**. Porto Alegre: Evangraf., 2019.

TRESSMANN, I. O pomerano: uma língua baixo-saxônica. **Revista da Farese**, Faculdade da Região Serrana, v.1, p. 10 - 21, 2008.

² Regulamento disponível em: <https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2023/08/02/projeto-promove-concurso-de-poemas-e-contos-em-pomerano/>. Acesso em: 11 set. 2023.

EVENTOS GASTRONÔMICOS NA PRÁTICA: UMA ANÁLISE DE AÇÕES EXTENSIONISTAS

SARA POLI TESCH¹; CHIRLE DE OLIVEIRA RAPHAELLI²; ANGELA GALVAN DE LIMA³

¹Universidade Federal de Pelotas – sarapolitesch@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – chirle.oliveira@ufpel.edu.br

³Universidade Federal de Pelotas – angela.lima@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O ato de comer é essencial para a sobrevivência humana e está presente na rotina do homem desde os primórdios, não apenas com o objetivo de nutrir o corpo, mas também como ferramenta social, definindo um povo culturalmente, financeiramente e politicamente. Os eventos têm assumido um papel importante no cenário social da atualidade, sendo classificados como valiosa estratégia de comunicação e troca de conhecimento (SANT'ANNA & SILVA, 2018). Além disso, os eventos estão intrinsecamente ligados à gastronomia, pois ela desempenha um papel fundamental ao oferecer aos participantes uma experiência sensorial por meio de aromas e sabores.

Em eventos, a gastronomia é um dos assuntos mais difíceis de serem abordados, principalmente quando se trata de eventos alternativos e esporádicos, que são realizados em locais abertos, ao ar livre ou em lugares adaptados. O sucesso de um evento depende da combinação de diversos fatores essenciais, tais como planejamento, organização, ambiente, cardápio, segurança alimentar, serviço e principalmente a divulgação aos convidados (ANDRADE, 2002). A função de um gastrônomo vai muito além de aplicar renomadas técnicas, reproduzir ou criar pratos, combinar sabores e agradar o paladar. O profissional desta área precisa ter conhecimento sobre gestão de eventos, atendimento ao cliente e precisa estar preparado para situações de adversidade, sabendo contorná-las através de organização e planejamento.

Na Universidade Federal de Pelotas o Curso Superior de Tecnologia em Gastronomia conta com uma ampla área de conhecimentos e capacita os alunos para os mais diversos segmentos, incluindo em sua grade curricular disciplinas que abordam a segurança alimentar, empreendedorismo, marketing, gestão, além das diversas técnicas culinárias. No entanto, é possível perceber uma carência na aplicabilidade do conhecimento prático, visto que a verdadeira experiência profissional só pode ser obtida ao aplicar a aprendizagem na execução de atividades reais. Sendo assim, a Professora Dr^a. Ângela Galvan de Lima elaborou um projeto de extensão intitulado “*Eventos Gastronômicos da prática*”, com o objetivo de proporcionar mais experiências aos discentes e orientá-los para o mercado de trabalho. Neste sentido, o objetivo deste trabalho será descrever as atividades realizadas até o momento fazendo uma interlocução com a prática profissional.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a elaboração deste trabalho foi feita através da análise das atividades organizacionais e práticas realizadas nas atividades desenvolvidas no projeto de extensão durante o período letivo 2023/1. Além disso, foram observados os benefícios da inclusão de atividades de extensão para os alunos do Curso Superior de Tecnologia em Gastronomia, bem como o contato com a comunidade local e com demais grupos dentro da Universidade. No processo de aprendizagem, é preciso envolver o aluno, motivando-o e despertando o interesse pela busca do seu conhecimento. As metodologias utilizadas têm se modificado, buscando agregar modelos de aprendizagem significativa que favoreçam a autonomia do estudante (AGUIAR, MELO & GADELHA, 2019).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a organização de um evento, é necessária a presença de diversos profissionais com habilidades distintas, sendo muito importante a organização e a comunicação para que o trabalho flua de forma conjunta e em sintonia (SANT'ANNA & SILVA, 2018). Por isso, planejar um evento gastronômico inserido em um evento maior ou até mesmo como a principal atração, requer cuidado e atenção para garantir que tudo saia conforme o esperado. Normalmente são executados elevado número de preparos alimentícios e entrega de serviços em curto período de tempo, para que seja mantida a segurança alimentar e a qualidade dos alimentos oferecidos ao público. Por isso, um bom planejamento para produzir dentro do prazo, utilizando técnicas apropriadas de armazenamento, transporte e distribuição, além de profissionalismo da equipe, são essenciais para o sucesso do evento. Esse tipo de abordagem requer um grande esforço físico e mental devido às longas jornadas de trabalho, e, a experiência prática do profissional é essencial para um bom trabalho.

O projeto de eventos iniciou junto ao semestre letivo 2023/1 e esteve aberto a todos os alunos do matriculados e ativos no curso para participarem. Por se tratar de um projeto sazonal, pois depende da procura para atender eventos, nem todas as semanas letivas do semestre necessitavam da dedicação dos discentes. A organização era feita por meio de escalas de revezamento para divisão de tarefas, dessa forma era possível a participação do maior número de alunos, pois cada um adequava seus horários da melhor forma, sem afetar as disciplinas cursadas.

O primeiro convite para um evento foi logo no início do semestre, onde o projeto participou no Festival “Marca Página”, promovido pelo Núcleo Editora e Livraria da Universidade Federal de Pelotas (Nelu/UFPEL) que ocorreu entre os dias 19 e 23 de junho de 2023 no espaço da Livraria da UFPEL situado à Rua Benjamin Constant, 1.071 – esquina Rua José do Patrocínio. O evento foi organizado pela Editora UFPEL e se tratou de uma feira de exposições artísticas e literárias, onde os artistas tinham espaço para montar um estande de exposição e vender suas obras. Simultaneamente, no prédio principal ocorriam palestras e apresentações. O

projeto foi responsável pela oferta de alimentação durante todo o evento, comercializando bolos, salgados, quiches, chás, cafés entre outros lanches.

A organização dos colaboradores foi realizada por equipes, enquanto um grupo permanecia no local do evento, realizando as vendas e o atendimento ao público, outros alunos ficavam na parte de produção no Laboratório de Doces e Bebidas dentro da Faculdade de Nutrição, elaborando os produtos para reposição das vendas. Os alunos faziam revezamento dos horários e dias de produção, conforme os horários livres de cada um. Este evento proporcionou aos discentes uma boa experiência de trabalho em feiras ao ar livre. O local foi organizado com uma estrutura desmontável e algumas mesas, a qual os alunos precisavam montar e desmontar ao início e término do evento todos os dias. Além disso, foi possível ter a experiência de atender ao público, de forma rápida, educada e coerente, utilizando as habilidades comunicação, atendimento e gerenciamento de fluxo de caixa. Cabe destacar que o atendimento ao cliente e formação de relações sociais é essencial em eventos e em locais de atendimento ao público para comercialização de alimentos e bebidas (FANTINEL; CAVEDON, 2010)

O segundo evento veio a convite do Gabinete da Vice-Reitoria, onde o projeto foi convidado a produzir um coquetel para 200 pessoas no Museu do Doce, em homenagem aos 54 anos da UFPEL. Além disso, foi investigada a possibilidade de produzir 4.000 doces, sendo 2 mil unidades de brigadeiro e 2 mil pedaços de abóbora cristalizada, que seriam distribuídos à comunidade universitária durante o horário de almoço nos Restaurantes Universitários no dia 8 de agosto, dia do aniversário da UFPEL. Após analisar se seria viável o aceite desta produção, pois se tratava de um evento de grande porte, foi mobilizada a comunidade acadêmica e iniciada a organização das tarefas e grupos de trabalho. Segundo FORTES & SILVA (2011), para que a equipe possa se engajar produtivamente, o organizador precisa coordenar e tomar decisões em todas as áreas, monitorando e avaliando o processo de produção em busca dos objetivos reais do evento. Foi realmente um grande desafio devido à quantidade de doces solicitada.

As produções iniciaram dia 24 de julho de 2023, duas semanas antes do evento, e seguiram por todos os dias até a data do evento. Durante esse período, os alunos puderam entender e praticar a padronização na produção em grande escala, o qual é um fator essencial nas vendas dentro da gastronomia para obter o cálculo de custo e entregar um produto fiel ao proposto. A estratégia utilizada foi iniciar produzindo todas as massas dos brigadeiros e armazenar mantendo a qualidade sanitária e sensorial. Depois, mais próximo à entrega, os doces foram porcionados, boleados e colocados em embalagem apropriada. Simultaneamente, as abóboras foram lavadas, cortadas, cozidas em calda de açúcar e posteriormente desidratadas em estufas e armazenadas adequadamente. Essa foi uma produção em larga escala, onde foi preciso elaborar um sistema de produção para finalizar a tempo garantindo a qualidade dos produtos.

Em paralelo à produção dos doces, foi iniciada a elaboração do coquetel para 200 pessoas que seria no mesmo dia da entrega dos doces, o que sobrecarregou ainda mais a produção. Para manter qualidade das preparações

servidas na noite do evento, os trabalhos se estenderam até aos sábados e domingos. No dia do evento, as produções foram finalizadas na parte da manhã no Campus Anglo e à tarde foi feito o transporte dos materiais, equipamentos e preparos para o Museu do Doce no centro da cidade. Um grupo de alunos foi escalado para ajudar na montagem, organização dos alimentos, reposição das mesas e distribuição das bebidas aos convidados do evento.

Para o atendimento foram utilizados dois tipos de serviços: à americana e o serviço de volante. Foram organizadas mesas com pães, pastas e doces, onde os convidados se serviram de forma autônoma. Os caldos estavam pré-prontos, foram reaquecidos e finalizados no momento de servir de forma volante, onde os alunos circulavam com bandejas pelo ambiente oferecendo os caldos aos convidados. É incontestável que a gastronomia é de interesse geral, e, se acompanhada de um bom planejamento e execução, é possível de se tornar algo significativo para os clientes e para quem participa de todo processo (SANT'ANNA & SILVA, 2018). Assim sendo, esse evento proporcionou aos discentes uma incrível experiência prática, pois grande parte dos alunos não tinha conhecimento de como funcionava a logística de um evento desse porte.

4. CONCLUSÕES

Considerando as situações expostas e os comentários positivos e críticas construtoras dos envolvidos, é possível analisar a considerável relevância de atividades práticas da formação de um gastrônomo. Portanto, o projeto de extensão *Eventos Gastronômicos da prática* é uma ferramenta eficaz que pode auxiliar para o desenvolvimento profissional dos discentes, pois proporciona atividades de treinamento, englobando temas que são trabalhados durante o curso, como estratégias em produções, serviço de salão e atendimento, boas práticas de manipulação de alimentos além da experiência do trabalho sob pressão, o que torna o discente mais preparado para atuar no mercado de trabalho.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, E.P., MELO, S.M., & GADELHA, C.N. **A Avaliação da Aprendizagem na Organização de Eventos: um estudo de caso**. Revista de Turismo Contemporâneo, v. 7, n. 2, p. 260-278, 2019. DOI: 10.21680/2357-8211.2019v7n2ID16940.
- ANDRADE, R. B. **Manual de eventos**. 2. ed. ampl. – Caxias do Sul: EDUCS, 2002.
- FORTES, W. G., & SILVA, M. B. R. (2011). **Eventos: estratégias de planejamento e execução**. Summus Editorial.
- FANTINEL, Letícia Dias; CAVEDON, Neusa Rolita. A cultura organizacional do restaurante Chalé da Praça XV em Porto Alegre: espaços e tempos sendo revelados. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, [S. l.], 11, n. 1, p. 6-37, 2010. DOI: 10.1590/s1678-69712010000100002.
- SANT'ANNA, A. & SILVA, D. **Eventos Gastronômicos: A nova Estratégia de Marketing e divulgação utilizada pelos Restaurantes**. Id on Line Revista de Psicologia, v. 12, n. 42, p. 501-514, 2018. DOI:10.14295/online.v12i42.1344.

AULAS PRÁTICAS DE QUÍMICA DE ALIMENTOS NO YOUTUBE

MAICON RIBEIRO RODRIGUES¹; CAROLINE DELLINGHAUSEN BORGES²;

¹Universidade Federal de Pelotas – maiconribeirorodrigues1994@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – caroldellin@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A extensão universitária é um processo educativo, cultural e científico, que envolve o ensino e a pesquisa de forma indissociável, possibilitando uma relação transformadora entre universidade e sociedade. Essa relação torna mais rico o processo pedagógico difundindo o saber com a participação da comunidade na vida acadêmica. Os frutos dessa ação podem ser colhidos não só pelos alunos, mas também pela comunidade, além de realimentar o ensino e ser fundamental para a pesquisa científica (CARNEIRO et al., 2011). Neste sentido, tem sido cada vez mais utilizados os canais digitais para a propagação de conhecimento para a comunidade.

Os aplicativos, plataformas próprias das instituições de ensino e das empresas privadas de internet (YouTube, Dailymotion, Vimeo, etc.) são ferramentas de grande benefício para auxiliar as formas tradicionais de ensino. O YouTube, plataforma de compartilhamento de vídeos subsidiária da Google, de acesso livre é a mais acessada (CARVALHO et al., 2021).

A Química de Alimentos é uma ciência estudada no primeiro e segundo graus, assim como, em cursos superiores relacionados a alimentos, como Engenharia de Alimentos, Química de Alimentos, Tecnologia em Alimentos, Tecnologia em Agroindústria, Tecnologia em Viticultura e Enologia, entre outros.

A aula prática constitui um importante recurso metodológico facilitador do processo de ensino-aprendizagem nas disciplinas. Através da experimentação, o conteúdo teórico é relacionado à prática, possibilitando o desenvolvimento da pesquisa e da problematização em sala de aula, despertando a curiosidade e o interesse do aluno. Além disso, transforma o estudante em sujeito da aprendizagem, possibilitando que o mesmo desenvolva habilidades e competências específicas.

A realização de aulas práticas de Química de Alimentos facilita o ensinamento das reações e transformações que ocorrem nos constituintes alimentares durante o processamento de alimentos.

Na literatura há poucos materiais referentes a metodologia para a realização de aulas práticas e quando existem requerem a utilização de reagentes químicos e vidrarias de laboratório, condições que em alguns casos, dificultam a realização dos mesmos dependendo das condições das escolas e universidades.

Em 2022 foi criado o canal no YouTube “Aulas práticas de Química de Alimentos”, a fim de difundir metodologias simples de experimentos e conhecimentos na área de Química de Alimentos para professores e alunos de escolas e universidades.

Assim, objetivou-se com o trabalho avaliar o acesso aos vídeos referentes a experimentos e explicações na área de Química de Alimentos disponibilizados no YouTube.

2. METODOLOGIA

Os vídeos foram criados pela professora da disciplina de Química de Alimentos dos Curso de Química de Alimentos e Tecnologia em Alimentos da Universidade Federal de Pelotas, assim como, por um aluno selecionado para auxiliar em tal atividade.

Na realização dos experimentos houve a substituição da utilização de reagentes químicos como exemplo, ácidos e álcalis normalmente utilizados nas práticas laboratoriais por limão e bicarbonato de sódio, respectivamente. Além desses, foram utilizados ovos, açúcar, maçã, cebola, brócolis, repolho roxo, sal, álcool, água oxigenada e iodo, encontrados facilmente em supermercados e farmácias.

Foram criados vídeos referentes a realização de experimentos relacionados aos conteúdos de dispersões, carboidratos, proteínas, enzimas e pigmentos, assim como sobre a explicação dos fenômenos observados, totalizando 20 vídeos. Os vídeos foram disponibilizados no ano de 2022, no canal “Aulas práticas de Química de Alimentos”, no YouTube.

O acesso aos vídeos foi mensurado através da métrica disponibilizada pelo YouTube.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os vídeos postados alcançaram no total 808 visualizações, sendo 364 visualizações no ano de 2022 e 444 visualizações até junho de 2023 (Figura 1). A maioria das visualizações (98,5%) não utilizou legendas, entretanto 1,1% utilizou a legenda em inglês (Figura 2). Comentários não foram disponibilizados.

Em relação ao acesso, 53,6% das visualizações ocorreu a partir de dispositivos móveis, seguido de 41,1% de computador, 3,3% de TV e 2% de tablet (Figura 3).

Em relação a origem do acesso, 80,8% utilizou o YouTube, 5,1% foi através de vídeos sugeridos, 7% da página do canal, 3,7% utilizou recursos de navegação e o restante através de outras formas (origem desconhecida, playlist, outros recursos, etc) (Figura 4).

Quando avaliados separadamente, os vídeos com as propostas de experimentos obtiveram 600 visualizações e aqueles com as explicações, 208 visualizações. Os resultados demonstraram o maior interesse nas propostas de aulas práticas, possivelmente devido a carência na literatura de referências com propostas de aulas práticas com a utilização de matérias de baixo custo

O vídeo com maior número de visualizações foi referente a proposta de aula prática sobre caramelização de açúcar redutor e não redutor com 314 visualizações.



Figura 1 – Visualizações dos vídeos nos últimos dois anos.

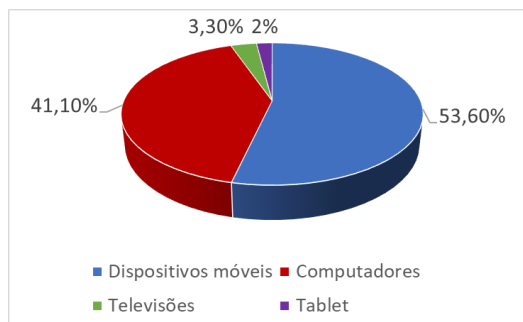


Figura 3 – Dispositivos utilizados para ver os vídeos.



Figura 2 – Utilização de legendas nos vídeos.



Figura 4 – Origem dos acessos aos vídeos.

Cada vez mais as ferramentas digitais estão sendo utilizadas para propagar o conhecimento, sendo as ações de extensão oriundas das universidades uma das possíveis geradoras de conhecimento que podem ser divulgadas desta forma.

4. CONCLUSÕES

Pode-se concluir que os vídeos desenvolvidos sobre experimentos e explicações de aulas práticas de Química de Alimentos estão auxiliando a comunidade em função dos acessos observados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, J.A.; COSTA, F.M.; LIMA, C. C.; OTAVIANO, MR.; FRÓES, G. J. Unimontes solidária: interação comunitária e prática médica com a extensão. **Revista Brasileira de educação médica**, v. 35, n. 2, p. 283-288, 2011.

CARVALHO, H. P. DE; SOARES, M. V.; CARVALHO, S. M. L.; TELLES, T. C. K. O professor e o ensino remoto: tecnologias e metodologias ativas na sala de aula. **Revista Educação Pública**, v. 21, n. 28, p. 2-5, 2021.

PROJETO DE BASQUETE DE CADEIRAS DE RODAS: AVALIAÇÃO DOS ATLETAS PARTICIPANTES

LEONARDO SILVA¹; ESTELA JORGE²; JENNIFER COSTA³; MARIO AZEVEDO⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – leonardosds2028@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – estela.mo.jorge@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – jennifercostaa1997@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – mrazevedojr@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Projeto de Basquetebol em Cadeira de Rodas (BCR), desenvolvido na Escola de Ensino Superior de Educação Física e Fisioterapia (ESEF) na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), teve o início de suas atividades no ano de 2010. Desde então, o projeto se consolidou como um espaço de acesso à prática esportiva orientada voltado à uma parcela da população historicamente excluída de ações dessa natureza. Ao ofertar duas turmas, cada qual com até 15 vagas, o projeto oportuniza a inclusão de jovens e adultos com diferentes deficiências físicas. A partir da compreensão sobre as potencialidades e dificuldades de cada aluno, a coordenação indica a inscrição no grupo "iniciação" ou "equipe".

Importante também reconhecer que neste período o fenômeno do esporte paralímpico em geral ganhou reconhecimento e espaço, ampliando ainda mais as possibilidades de intervenção profissional e ressaltando a necessidade de consolidação dessa área do conhecimento dentro dos cursos de formação de professores de Educação Física.

O Projeto BCR é coordenado pelos professores Mario Azevedo Júnior e Laura Jung, juntamente com os colaboradores voluntários e graduandos. As atividades ocorrem às terças e quintas-feiras, com duas turmas em horários diferentes. A Universidade fornece as cadeiras adaptadas para a prática do basquete, assim como outros materiais, como: quadra, coletes, faixas e bolas.

“As modalidades esportivas voltadas para pessoas com deficiência exibem seus primeiros registros no final do século XIX, porém foi no século XX que esta prática foi impulsionada em vários países, tendo sua evolução intimamente relacionada ao término das grandes guerras mundiais, especialmente a segunda, em 1945. O que inicialmente era compreendido apenas como opção terapêutica pouco a pouco foi ganhando outras dimensões, tornando-se uma opção para indivíduos com diferentes tipos de deficiência que buscam práticas voltadas ao lazer ou ao alto rendimento” (GREGUOL; MALAGODI, 2019 apud SERON, et al 2021 pg.2).

É importante salientarmos também o valor dos benefícios usufruídos pelo atleta através da prática do basquete em cadeira de rodas. O hábito da atividade física, pode vir a resultar benefícios em três principais campos, que são:

- Nível motor - velocidade, força, coordenação e flexibilidade;
- Nível cognitivo - raciocínio, atenção, percepção de espaço e poder de concentração;
- Nível afetivo: socialização, espírito de luta, controle de ansiedade e auto-estima.

Para além da promoção da saúde, a prática incentiva a autonomia e independência dentro das potencialidades de cada um, auxiliando assim na sua autoestima, bem-estar pessoal e motivação, do qual se dissemina para todas as áreas da vida desse atleta.

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma avaliação do Projeto BCR a partir da visão dos atletas participantes da turma “Equipe”. A presente pesquisa parte do interesse dos alunos graduandos, que participam do projeto BCR como colaboradores, para investigar as impressões dos atletas em relação ao mesmo.

2. METODOLOGIA

Neste trabalho apresentaremos, sob a forma de uma pesquisa descritiva qualitativa, envolvendo como amostra de estudo o total de 12 atletas da equipe de basquete de cadeiras de rodas. Foram incluídos os participantes que se mantiveram assíduos nos treinos durante os meses de julho e agosto de 2023. Para coleta de dados foi utilizado um formulário online com perguntas fechadas.

O instrumento de coleta de dados foi estruturado em um roteiro de perguntas, com blocos de questões referentes às seguintes temáticas: acessibilidade, equipamentos e metodologia dos treinos. Para cada subitem avaliado o entrevistado avaliava, a partir de uma escala, as seguintes opções de resposta: muito bom, bom, regular, ruim e muito ruim.

Para ocorrer a coleta desses dados, foram ocupados dois dias de treinos de semanas distintas, mas consecutivas. Os alunos envolvidos com essa pesquisa, organizaram um espaço reservado no ginásio, onde era disposto sob uma mesa um notebook para a realização da coleta de dados com os atletas. Os 12 atletas que responderam a avaliação realizaram-na de forma individual, um de cada vez, enquanto os demais participavam do treinamento, desenvolvido pelo professor do projeto.

Possibilitamos ao fim da entrevista que os atletas do projeto pudessem expor suas sugestões de melhorias através de um aplicativo de gravação, pelo celular, caso assim quisessem.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa se encontram descritos na Tabela 1.

Considerando a escala disponibilizada no questionário, observando os aspectos de acessibilidade, chama a atenção a avaliação positiva de parte dos atletas sobre a qualidade da estrutura disponibilizada na ESEF, como dos espaços de circulação interna, banheiros, vestiários e quadra de esportes, com avaliações superiores a 83% nestes quesitos quando somadas as respostas “Bom” e “Muito bom”.

Tabela 1 - Avaliação do Projeto BCR a partir da visão de seus participantes.

Variáveis avaliadas	MR	Ruim	R	Bom	MB
---------------------	----	------	---	-----	----

			%		
Acessibilidade					
Deslocamento até a ESEF	-	16,7	25,0	41,6	16,7
Deslocamento interno na ESEF	-	-	8,3	41,7	50,0
Vestiários e banheiros	-	-	8,3	75,0	16,7
Quadra de esportes	8,3	-	8,3	33,4	50,0
Equipamentos					
Cadeiras de rodas para o basquete	-	8,3	16,7	25,0	50,0
Faixas de fixação nas cadeiras	-	16,7	33,3	25,0	25,0
Equipamentos, de forma geral	-	8,3	25,0	41,7	25,0
Metodologia dos treinos					
Quanto aos dias	-	-	16,7	41,6	41,7
Quanto aos horários	-	-	9,1	36,4	54,5
Quanto ao trabalho da equipe técnica	8,3	-	8,3	-	83,4
Relações pessoais entre participantes					
Quanto à relação com demais companheiros de equipe	-	-	-	8,3	91,7

MR - Muito ruim

MB - Muito bom

Conforme esperado, o mesmo não se observou quanto às condições para o deslocamento urbano até a ESEF, pois alguns atletas dependem de transporte público e, para além das condições dos ônibus, ainda precisam transitar por calçadas e ruas irregulares. Ainda, mesmo aqueles que utilizam carros próprios, precisam enfrentar ruas que costumam alagar nas proximidades do ginásio.

Quanto ao material disponibilizado para os treinos, em especial as cadeiras de rodas esportivas, verificou-se que a avaliação positiva (“bom” e “muito bom”) não ultrapassou os 50% das respostas. Este quadro implica na necessidade de investimentos em equipamentos, pois a maior parte do material que o projeto dispõe foi adquirido no ano de 2010.

Em relação à metodologia de trabalho, como a organização semanal (dias e horários) e a atuação da equipe técnica, a avaliação foi extremamente positiva (acima de 83%). Importante destacar que os entrevistados tiveram a oportunidade de complementar suas impressões sobre o trabalho a partir da gravação de áudio

com “sugestões e críticas”. Este material será analisado posteriormente, complementando a presente análise.

Por fim, se faz importante destacar a elevada avaliação relacionada às relações pessoais entre participantes do projeto. O ambiente social positivo, com o estreitamento de laços de amizade entre atletas e equipe diretiva sempre foi uma marca da equipe de basquetebol em cadeira de rodas.

4. CONCLUSÕES

Sendo assim, a partir dos resultados obtidos da pesquisa, foi possível observar que os atletas participantes do Projeto BCR estão satisfeitos com grande parte do que o projeto proporciona e atestam a sua importância. A opção pelo fomento do basquetebol de cadeiras de rodas também se mostrou uma escolha acertada, dada o envolvimento da equipe de apoio como professores, graduandos e demais envolvidos que estão em torno do projeto e principalmente a participação dos atletas.

Por fim, salienta-se nesta pesquisa, que dentro destes vários aspectos e objetivos apontados pelo projeto, ainda possui problemáticas a serem enfrentadas e resolvidas, para um melhor desenvolvimento do projeto de basquete de cadeiras de rodas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, L.; VISSOCI, J.; MODESTO, L. O SENTIDO DO ESPORTE PARA ATLETAS DE BASQUETE EM CADEIRAS DE RODAS: PROCESSO DE INTEGRAÇÃO SOCIAL E PROMOÇÃO DE SAÚDE. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 36, n. 1, p. 123-140, jan./mar. 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/273941742> O sentido do esporte para atletas de basquete em cadeiras de rodas processo de integracao social e promocao de saude. Acesso em: 20 de agosto de 2023.

SERON, B. B.; SOUTO, E. C.; MALAGODI, B. M.; GREGUOL, M. O ESPORTE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E A LUTA ANTI CAPACITISTA – DOS ESTEREÓTIPOS SOBRE A DEFICIÊNCIA À VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE. **Movimento**, [S. l.], v.27, p. e27048, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/113969>. Acesso em: 20 agosto de 2023.

TEIXEIRA, ANA; RIBEIRO, SÔNIA. MANUAL DE ORIENTAÇÃO PARA PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA - BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS. **Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro**, 2006. Disponível em: http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/arquivos/File/sugestao_leitura/basquete.pdf. Acesso em: 12 de agosto de 2023.

AÇÕES DESENVOLVIDAS PELO PROJETO IDIOMAS SEM FRONTEIRAS NUCLI UFPEL – DE 2022 A 2023 E A SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO

ANA CAROLINA ALVES DOS SANTOS HEPP¹; MARIANA SANTANA
FALKOWSKI²; LUCAS LÖFF MACHADO³; HELENA VITALINA SELBACH⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – ana_aniinha909@outlook.com

²Universidade Federal de Pelotas – mari_s_falkowski@outlook.com

³Universidade Federal de Pelotas – lucas.loffmachado@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – helenaselbach@ufpel.edu

1. INTRODUÇÃO

O Programa Idiomas sem Fronteiras (doravante IsF) surgiu em 2012 como uma política pública do Ministério da Educação (MEC) e foi nomeado à época como Inglês sem Fronteiras. A partir de 2019, a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) passou a responsabilizar-se pelas ações do Programa (CONSELHO PLENO DA ANDIFES, 2019), descontinuado pelo MEC. O Programa surgiu com a finalidade de oferecer, aos especialistas em línguas adicionais, credenciamento para atuar junto à Rede Andifes IsF por meio de projetos de ensino, pesquisa e extensão. Promove formação de professores, e dá sequência à proposta de trabalho de expansão da internacionalização do ensino superior no Brasil (ABREU-E-LIMA; ALMEIDA; MORAES FILHO, 2021). O IsF atua também na promoção do aprimoramento das habilidades linguísticas e da proficiência de professores, alunos e equipe técnico-administrativa das IFES credenciadas, professores de línguas na rede pública de Educação Básica e estrangeiros (em língua portuguesa); contribui para o aperfeiçoamento das políticas linguísticas, tanto para o país quanto para o Ensino Superior Brasileiro (CONSELHO PLENO DA ANDIFES, 2019).

O IsF é composto por vários núcleos, distribuídos em 55 universidades credenciadas no país (ANDIFES, 2023), e o Nucli da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) contempla as seguintes possibilidades de oferta de cursos: Alemão, Espanhol, Francês, Inglês e Português. Sobre o IsF, "foi o primeiro na área de idiomas estrangeiros em nível nacional, envolvendo mais de 141 instituições públicas brasileiras" (ABREU-E-LIMA ET AL; ALMEIDA; MORAES FILHO, 2021, p. 10).

Por meio deste trabalho, buscamos divulgar à comunidade as ações desenvolvidas no âmbito do Nucli da UFPel com o objetivo de colaborar para a democratização do acesso aos cursos. Nesse sentido, este trabalho apresenta as ações realizadas pelo Nucli da UFPel e seus resultados, discutindo a sua relevância e contribuição para a internacionalização da comunidade interna e externa à universidade.

Nas próximas seções, descreveremos a metodologia adotada para gerar e analisar os dados. Em seguida, realizamos a análise e discussão das ofertas do Nucli IsF da UFPel. Por fim, apresentamos as conclusões obtidas a partir dessas análises.

2. METODOLOGIA

De abordagem quantitativa, esta pesquisa reuniu e analisou os relatórios do IsF UFPel produzidos ao longo de 2022 até setembro de 2023. Pesquisamos, nesses documentos, dados relativos às seguintes categorias: 1) idiomas oferecidos, 2) ações/cursos realizados, 3) trabalhos acadêmicos desenvolvidos pelos especialistas (orientadores) em conjunto com os professores (alunos bolsistas), 4) número de bolsistas envolvidos no programa, bem como o 5) número de alunos concluintes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da leitura e análise dos relatórios, e tomando como base as categorias elencadas, apresentamos, nesta seção, os dados obtidos. No Quadro 1, apresentamos os dados relativos aos idiomas, cursos, número de ofertas de 2022 a 2023 e níveis de proficiência de acordo com Quadro Comum de Referência Europeu (sendo A1 nível inicial e B1 intermediário).

Quadro 1: CURSOS OFERECIDOS POR IDIOMA – 2022 A SETEMBRO 2023

Idioma	Curso	Nível	Ofertas
Alemão	Pronúncia, Ritmo e Entonação	A1	2
	Alemão para fins acadêmicos	A2-B1	2
	Literatura e cultura dos países falantes de língua alemã	A1-A2	2
Espanhol	Bem-vindo ao Espanhol Língua Internacional	A1	1
	Conhecendo a língua espanhola	A2	1
	Espanhol para acolhimento	A2-B1	1
	Espanhol para Eventos Internacionais	A2-B1	1
	Competências Interculturais em contextos acadêmicos de língua espanhola	A2-B1	1
	Compreensão leitora de textos acadêmicos em Espanhol	A1-A2	1
Francês	Comunicação oral Apresentar-se em Francês	A1	2
	Primeiros passos em Francês	A1	1
	Pronúncia, Ritmo e Entonação em Língua Francesa	A1	1
Inglês	Interações Cotidianas em Língua Inglesa	A1	4
	Comunicação intercultural	A2	2
	Variedades da Língua Inglesa	A2-B1	1
Português	Português para Estrangeiros Compreensão oral	A1	2
	Cine-Debate	A1	1
	O estudante brasileiro na Universidade Francófona	A2	1
	Acolhimento em Português Brasileiro conhecendo os espaços da universidade	A1	1
	Aspectos da Cultura Brasileira	A1	2
	Português para estrangeiros: Produção escrita para o Exame Celpe-Bras	B1	1
Total	21 Cursos		31 ofertas

Os dados indicam que durante o período de 2022 a 2023 foram ofertados um total de 31 cursos dos idiomas Alemão, Espanhol, Francês, Inglês e Português que certificaram um total de 206 concluintes. Nesse período, o total de 17 alunos foram contemplados com bolsa para atuar no projeto.

Também desenvolvemos quatro trabalhos acadêmicos e participamos de eventos relacionados ao IsF (Evento de 10 anos do Idiomas sem Fronteiras. Também tivemos duas produções para o SIIPE 2022, intituladas: “Espanhol para Eventos Internacionais” (BOCK; OLIVEIRA, 2022) e “Mapeamento do Perfil dos Seguidores do IsF-UFPEL” (SOARES; FALKOWSKI, 2022).

Por meio da oferta das duas turmas do curso Aspectos da Cultura Brasileira, o IsF também colaborou para a formação de 19 alunos chineses da Universidade de Ciência e Engenharia de Sichuan (SUSE). A oferta dos cursos é mais uma das ações decorrentes do Acordo Geral assinado entre UFPEL e SUSE em 2022. Em 2022, a Universidade de SUSE ofereceu à comunidade acadêmica da UFPEL curso sobre cultura e língua chinesa, e a parceria também inclui o intercâmbio cultural como um dos seus objetivos.

As atividades e as ações dos relatórios demonstram o crescente interesse da comunidade em geral e acadêmica em participar do programa, seja como discente, docente ou técnico-administrativo. Nesse sentido, o IsF colabora para a formação acadêmica dos nossos profissionais, para a inserção da comunidade nesse importante projeto linguístico, bem como para o investimento e fomento do interesse pela educação multilíngue.

4. CONCLUSÕES

As ações desenvolvidas pelo NuLi da UFPEL ao longo de 2022 e 2023 demonstram a importância do programa para uma política linguística abrangente e multilíngue. Isso fica evidenciado pelos tipos e quantidade de ofertas que encontramos no respectivo período. Ademais, cabe citar o papel dessas ações para a internacionalização dentro (in) e fora (out) da UFPEL. Como exemplo, pode-se citar cursos para estudantes chineses (in) e cursos voltado ao preparo para os países da cultura e língua alvo (out). As ações desenvolvidas até o momento evidenciam demandas nessas áreas e apontam caminhos para ampliar. Como caminhos possíveis, encontramos os seguintes eixos e possibilidades: 1) Línguas: ampliar o acesso da comunidade acadêmica e da comunidade em geral a diferentes línguas e explorar as modalidades presencial e remota das ofertas; e 2) Expansão de ações em ensino e pesquisa: ações de ensino relacionadas à formação dos professores estudantes e ações de pesquisa relacionadas às práticas que vêm sendo desenvolvidas no projeto. Para as ações do IsF da UFPEL, é desejoso que se retome a oferta do francês e que se realizem discussões sobre a possibilidade de oferta de LIBRAS.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU-E-LIMA, D. M. de; ALMEIDA V. P. de; MORAES FILHO, W. B. Internacionalização da educação superior e formação de professores de língua estrangeira. In: ABREU-E-LIMA, D. M. de et al. **Idiomas sem Fronteiras: internacionalização da educação superior e formação de professores de língua estrangeira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2021. Introdução, p. 9-37.

ANDIFES. **Relatório de Ifes Credenciadas à Rede Andifes Isf**. Brasília, Ago. 2023. Acessado em 29 ago. 2023. Disponível em: https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2023/08/ISF_IFES_CREDENCIADAS_agosto_2023.pdf

BOCK, G. P.; OLIVEIRA, G. Z. O curso “espanhol para eventos internacionais”: um relato reflexivo sobre a prática on-line. In: **SEMANA INTEGRADA UFPEL**, 8, Pelotas, 2022. Anais do IX Congresso de Extensão e Cultura da UFPEL. Pelotas: Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, 2022, p. 294-296.

CONSELHO PLENO DA ANDIFES. **Resolução de Conselho Pleno da Andifes nº 01/2019**. Brasília, 2019. Acessado em 15 ago. 2023. Disponível em: https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2021/05/Resolucao-Conselho-Pleno-01_2019.pdf

SOARES, S. C.; FALKOWSKI, M. S. Mapeamento do perfil dos seguidores do IsF-UFPEL. In: **SEMANA INTEGRADA UFPEL**, 8, Pelotas, 2022. Anais do IX Congresso de Extensão e Cultura da UFPEL. Pelotas: Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, 2022, p.193-196.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: ORGANIZAÇÃO E REALIZAÇÃO DA JORNADA DA SEXUALIDADE, UM EVENTO ACADÊMICO MULTIDISCIPLINAR

MARIA EDUARDA MINERVINO ELIAS¹; GISELLE DOS SANTOS RADTKE DE OLIVEIRA²; CELENE MARIA LONGO DA SILVA³

¹ Universidade Federal de Pelotas – dudaminervino@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – giselle.radtke@hotmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – celene.longo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Em seu livro, História da Sexualidade I, A vontade de Saber, Michel Foucault discorre sobre como a sexualidade, antes livre, foi transformada pela ascensão da burguesia que tentou, a todo custo, deixá-la aprisionada ao ambiente doméstico, delegando-a a função exclusiva de reprodução. O autor apresenta seu ponto de vista e anuncia que a sexualidade foi encerrada; modelada a ser hipócrita e muda. Apesar de ter publicado sua obra em 1976 e tratar de problemas do século XVIII, as temáticas apresentadas por Foucault ainda estão presentes no mundo atual e trazem repercussões tanto ao indivíduo, quanto à comunidade e sua organização social; inclusive na área da saúde.

O sexo deve ser pensado como questão de saúde pública, pois interfere no estilo de vida e comportamentos dos indivíduos, provocando, portanto, impacto direto na sua saúde física e psíquica. Entretanto, tratar sobre assuntos relacionados à sexualidade gera constrangimento ao médico e ao paciente. Estudos mostram que em clínicas de fertilização, por exemplo, problemas psicossociais relacionados ao sexo podem ser ignorados devido a este desconforto, o que traduz em um cuidado menos efetivo do paciente em questão. Além disso, essa problemática transpassa as barreiras do cuidado especializado e atinge, também a atenção primária. A sexualidade é tabu, por exemplo, durante o exame ginecológico, no qual já foi considerado, inclusive, um processo de “despersonificação” da mulher; que era para ser percebida como uma pelve isolada a ser examinada, e contato visual por parte do médico não era recomendado.

Diante do exposto, urge que a comunidade acadêmica busque inserir o assunto nos conteúdos programáticos, além de abrir espaço para debate e aprendizagem por meio de projetos de ensino e extensão, objetivando uma mudança na forma de abordagem e conduta dos profissionais da saúde quando confrontados por pacientes com problemas relacionados a sexualidade.

Nesse sentido, um evento de palestras com especialistas sobre diversos temas da sexualidade, com abertura para questionamentos, foi idealizado por um grupo de estudantes de duas ligas acadêmicas. O presente trabalho é um relato sobre a experiência de organização e realização desse projeto, trazendo as adversidades enfrentadas no processo e os resultados obtidos com a comunidade.

2. METODOLOGIA

Esse relato de experiência foi escrito a partir da vivência em organizar e coordenar uma sequência de apresentações com focos diversificados sobre a sexualidade, nomeada de Jornada da Sexualidade, de duas alunas da Faculdade de Medicina da UFPEL, a partir da parceria entre as ligas acadêmicas de Ginecologia e Obstetrícia e de Urologia, das quais ambas faziam parte da direção.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A diretoria das Ligas Acadêmicas de Ginecologia e Obstetrícia e de Urologia da Faculdade Federal de Pelotas (UFPEL) se uniram com o objetivo de criar um evento com palestrantes especialistas em diversos assuntos relacionados com o tema sexualidade. A Jornada da Sexualidade foi realizada de forma online em três dias, com três apresentações por noite, divididas em Sexualidade Feminina, Masculina e de Outras populações, nesta última incluía-se idosos, adolescentes e a comunidade LGBTQIA+. O evento foi multidisciplinar e contou com médicos de diversas especialidades (ginecologistas, urologistas, infectologistas, reumatologistas e psiquiatras) e fisioterapeutas.

A organização do evento foi composta por 14 pessoas, divididas em comissões responsáveis por cada setor: logística (responsável pela organização da plataforma), científico (responsável por convidar os palestrantes), financeiro (responsável por procurar patrocinadores) e marketing (responsável pela divulgação do evento, por meio das redes sociais). Dentro destas, as duas autoras deste relato foram as idealizadoras e líderes das comissões. No total, foram 210 inscritos e utilizou-se a plataforma “Stream Yard” para a transmissão do evento. Obteve-se aproximadamente 80 visualizações por noite. Além disso, a plataforma “Medcel” foi a patrocinadora oficial e proporcionou aos inscritos acesso gratuito a dois diferentes cursos: “Medskill além da medicina” e “Aprenda ECG de forma simples”.

Inicialmente, pretendia-se realizar o evento de forma presencial, no auditório da Faculdade de Medicina, pensando em maior espaço para debates e proximidade com o público. Porém, logo ficou evidente, que, após a comodidade dos eventos online explorada na pandemia de COVID-19, os participantes não estavam dispostos ao formato idealizado e a adesão ao evento enfrentava dificuldades. Assim, depois de discussões com a equipe, concluímos que a mudança das apresentações para o formato “online” poderia ser benéfica. A partir de então, as inscrições cresceram de forma exponencial e foi possível acessar um público amplo e além dos limites regionais, o que não era esperado para o formato presencial.

Notou-se que uma grande parcela dos profissionais e estudantes da saúde apresenta interesse em dominar os conteúdos relacionados à sexualidade, comparecendo e fazendo perguntas que enriqueceram o evento. Ademais, ficou evidente que o tempo foi insuficiente para explorar todos os aspectos do tema e, por isso, a viabilidade de uma segunda Jornada da Sexualidade seria imensa. A primeira edição do evento foi um sucesso e possibilitou o aprimoramento da abordagem e conduta dos futuros profissionais da área da saúde, contribuindo para um melhor atendimento aos pacientes.

4. CONCLUSÕES

Com a organização da Jornada da Sexualidade, conclui-se que a pandemia da COVID-19, mesmo depois de seu fim, continua a influenciar a maneira como se produz eventos. O formato “online”, antes pouco adotado, atualmente aparenta ser preferido ao presencial. As consequências disso são o maior distanciamento do público, com a organização e os palestrantes; mas, por outro lado, permite um alcance maior das palestras e maiores facilidades na organização.

Diante disso, também se notou que 14 pessoas como parte da organização foi um excesso e, muitas vezes, isso representou dificuldades na delegação de tarefas e controle sobre as suas realizações, o que sobrecarregou alguns participantes. Dessa forma, conclui-se que um grupo menor de pessoas já seria suficiente.

A realização da Jornada da Sexualidade demonstrou que, apesar de ter sido modelada à moda e hipócrita, talvez a sexualidade não tenha sido encerrada, como analisou Foucault. O tema despertou interesse e dúvidas importantes nos participantes, demonstrando que uma segunda edição do evento seria de grande contribuição para solidificar ainda mais os conceitos estudados e para abordagem de novos temas. Entender sobre a sexualidade e suas faces variadas contribui para um cuidado integral do paciente, atributo essencial para a área da saúde.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1, A vontade de Saber**. Rio de Janeiro. Edições GRAAL, 1999.

MEERABEAU, L. The management of embarrassment and sexuality in health care. **Journal of Advanced Nursing**, Londres, v.29, n.6, p. 1507-1513, 1999.

CHERYL, F. et al. The politics of sex research and constructions of female sexuality: what relevance to sexual health work with young women? **Journal of Advanced Nursing**, Sheffield, v.25, p. 615-625, 1997.

SKELTON, JR., MATTHEWS, P. Teaching sexual history taking to health care professionals in primary care. **Medical education**, v.35, p.603-608, 2001.

MEMÓRIA DE 15: ESTRATÉGIAS PARA SOLUCIONAR PROBLEMAS DE ADIÇÃO

VANIA ESCALANT PEREIRA¹; SILVIA PRIETSCH WENDT ²; ALEXANDRE JORGE ³; EMERSON ERNANDE MESQUITA RODRIGUES ⁴; SIMONE MACEDO POERNER⁵ RITA DE CÁSSIA DE SOUZA SOARES RAMOS ⁶;

¹Universidade Federal de Pelotas – vaniaescalant@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – silviaclmd2@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – aleinformaticapelotas@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – emersom_pel@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – simonepoerner_mat@hotmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – rita.ramos@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Diante das dificuldades de aprendizagem encontradas no período pós pandêmico, fez-se necessário buscar soluções que contribuam positivamente no processo de ensino-aprendizagem. Pensando nisso, a tendência matemática jogos tem se mostrado um forte aliado para reforçar os conceitos que muitas vezes ficam somente no campo da abstração, dado que “o jogo pode ser considerado como um importante meio educacional, pois propicia um desenvolvimento integral e dinâmico nas áreas cognitiva, afetiva, linguística, social, moral e motora” (MORATORI, 2003).

O Laboratório de Multilinguagens da UFPel através de projetos de extensão promove ações que incentivam o uso de jogos no contexto escolar, oferecendo oficinas com jogos matemáticos para professores da rede pública. (PINTO et. al., 2016). Diante da necessidade de explorar melhor as diferentes formas de obter os mesmos resultados através das somas, buscou-se aplicar uma oficina que contemplasse esse tema e daí a ideia de utilizar o jogo Memória de 15 com esse objetivo.

A habilidade da BNCC contemplada nessa atividade é a (EF04MA06) que fala sobre o uso de outra tendência matemática que é a resolução de problemas para elaborar diferentes estratégias para realizar os cálculos, seja por estimativa ou cálculos mentais (BRASIL, 2018).

2. METODOLOGIA

.O jogo Memória de 15 é semelhante ao jogo de memória convencional, excetuando pelo fato que ao invés de encontrar pares de cartas, precisaremos obter a soma do valor 15 ao virar as cartas.

Os materiais utilizados para o jogo são 2 baralhos de cartas numeradas de 1 a 10(40 cartas por grupo) e 5 cartas coringas que servirão para substituir pelo valor que for conveniente para o participante em cada situação.

Em grupos de 4 a 5 jogadores, as cartas serão embaralhadas e colocadas com a face numérica voltada para baixo. Será decidido quem iniciará a jogada e a partir desse momento o jogador poderá escolher no máximo três cartas e a soma dos valores da cartas precisa atingir exatamente o valor 15.

Se o jogador atingir o objetivo, ele fica com essas cartas e tenta obter novamente o resultado com as cartas disponíveis na mesa, até errar e devolver as cartas para a mesa com a face virada para baixo e passar a vez para os próximos participantes que realizarão o mesmo procedimento até que as cartas esgotem ou não haja mais possibilidade de somar o valor 15.

Como existem coringas entre essas cartas, a tarefa pode ser facilitada, pois se um coringa for encontrado o jogador precisará atribuir o valor conveniente para que a soma resulte no valor desejado.

Vence quem tiver o maior número de cartas ao final do jogo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As regras do jogo foram lidas para as professoras participantes e o jogo teve início. Num primeiro momento, foram usadas 3 cartas para formar o valor desejado mesmo existindo um coringa dentre essas cartas e isso levou a reflexão de que não tinha ficado muito claro a função dessa carta no jogo na primeira rodada, mas no decorrer do jogo, a situação foi contornada e as cartas começaram a ser melhor aproveitadas de acordo com a necessidade de cada jogadora.

Outra situação que também ocorreu foi a retirada de algumas cartas coringas do baralho para aumentar a dificuldade do jogo e favorecer o uso de outras combinações para obter o resultado desejado.

As participantes ficaram satisfeitas com os seus desempenhos e falaram sobre a necessidade de adaptações para contemplar os anos iniciais que era o público-alvo daquele grupo, em particular., mas no geral, adoraram a proposta do jogo, pois promove uma competição saudável entre os participantes enquanto a aprendizagem está ocorrendo.

O jogo Memória de 15 foi aplicado numa oficina promovida pelo LAM (Laboratório Multilinguagens) em que participaram 12 professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, sendo que desse jogo, em especial, participaram 4 professoras e a análise foi feita através das suas percepções durante a aplicação da oficina.

4. CONCLUSÕES

Através do exposto, podemos observar a importância de trabalhar as diferentes apresentações de uma soma, inclusive nos anos iniciais onde o conhecimento está começando a ser construído.

O lúdico faz dessa tarefa algo mais leve, pois traz diversão relacionada à aprendizagem, estimulando o raciocínio lógico matemático como ocorre no caso do Memória de 15.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://download.basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 31 ago. 2023.

MORATORI, P. B. **Por que utilizar jogos educativos no processo de ensino aprendizagem**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.



PINTO, S. P. W.; RAMOS, R. C. S. S.; CARVALHO, K. S.; MIRANDA, R. A. A.; RODRIGUEZ, L. L.; CENTENO, R. C. Laboratório Multilinguagens da UFPEL – uma experiência interligando ensino, pesquisa e extensão. In: **Encontro Nacional de Educação Matemática**, 12. São Paulo – SP, 13 a 16 de julho de 2016.

UM OLHAR ATENTO E UMA ESCUTA ATIVA: EXPERIÊNCIAS DO GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS DAS INFÂNCIAS

RAQUEL SANCHES DUTRA¹; CAROLINE TERRA DE OLIVEIRA²; FERNANDA DUTRA SILVEIRA³; LILIAN LORENZATO RODRIGUEZ⁴; RENATA NOGUEIRA ANDRADE⁵; HARDALLA SANTOS DO VALLE⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – rakellsanxs@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – caroline.terra@ufpel.edu.br

³Universidade Federal de Pelotas – ffernanda.silveira@yahoo.com.br

⁴Universidade Federal de Pelotas – lialorenzato@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – andradecontatorenata@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – hardalladovalle@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo apresentar o Grupo de Estudos e Pesquisas das Infâncias (GEPI) e suas atividades, realizadas com e sobre as crianças. Vinculado à Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Pelotas (FaE/UFPe), este grupo foi formado no ano de 2022. É certificado pelo CNPq e liderado pela Prof.^a Hardalla Santos do Valle. Entre seus membros, estão docentes da UFPe e FURG, graduandos do curso de Pedagogia da UFPe e uma pesquisadora equatoriana.

Os três projetos que compreendem o grupo privilegiam a interlocução entre os pilares da universidade: ensino, pesquisa e extensão. A proposta do GEPI é desenvolver estudos que abarquem questões, situações e ações que se relacionem às múltiplas infâncias. Sua equipe atua em espaços plurais, formais e não-formais. Nos quais, os debates sobre as práticas educacionais, as políticas públicas, os processos sócio-históricos e culturais são centralizados nas crianças.

2. METODOLOGIA

O GEPI concebe a criança como sujeito de pesquisa, que é capaz de produzir sentidos acerca da sua própria vida e das possibilidades de construção da sua existência (ROCHA, 2018). Por isso, a principal ferramenta metodológica do GEPI é a escuta, utilizada como processo ativo de comunicação. Assim, consistindo em ouvir, interpretar e construir significados que não se limitam à palavra falada, mas abrangem também os sentidos produzidos por fatores socioculturais (COSTA; SARMENTO, 2018).

O projeto de extensão, “Infâncias: vivências e escutas”, tem como objetivo promover ações que contemplem as crianças vinculadas à ONG Alimentar, na cidade de Pelotas/RS. As ações desse projeto ocorrem aos domingos, uma vez por mês, no Parque Dom Antônio Zattera. Através de brincadeiras, se desenvolve a escuta e se trabalha para agregar força a percepção de que as crianças são cidadãos ativos e participantes da nossa sociedade.

Partindo dessa mesma perspectiva, um novo projeto chamado “Infâncias: espaços, diversidade e escutas”, está em processo de criação e tem como foco a extensão em variados lugares como instituições de acolhimento, comunidade indígena, quilombola e hospitais. As ações de ambos projetos são pensadas a partir das demandas apresentadas pelas crianças, sempre priorizando suas escutas.

Dessa forma, conta-se com a parceria das professoras Caroline Terra e Lilian Lorenzatto, da Faculdade de Educação/UFPEL.

Com ênfase na pesquisa, se tem o projeto “Infâncias Guarani e Kaingang: memórias e histórias”. Nesse se investiga as infâncias das pessoas que pertencem às aldeias Guarani e Kaingang, situadas no bairro do Cassino, em Rio Grande/RS. O estudo parte de reivindicações das próprias aldeias, que apontam a profunda ligação entre suas infâncias e sua cultura, bem como a dificuldade que os sujeitos externos à comunidade têm em compreender sua historicidade. Devido à vasta gama de possibilidades de análises e grande abrangência, a História Cultural e História Oral foram escolhidas para nortear a pesquisa. A escolha da abordagem a partir da História Cultural se deve ao seu potencial de ampliar o território da pesquisa histórica, explicitando as possibilidades de pesquisar temas que eram limitados pelas abordagens anteriores (BURKE, 2008). Para Chartier (2009), o foco principal da História Cultural é identificar a maneira com que uma realidade social é construída, pensada e lida, em diferentes locais e momentos. A perspectiva da História Oral é uma importante escolha, que possibilita uma aproximação maior com as vivências da infância indígena, através de entrevistas que revelam para além do que é explicitado em documentos oficiais.

Já o projeto de ensino, “Estudos interinstitucionais sobre as infâncias”, tratase de uma ação interinstitucional em que a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), a Universidade Federal de Rio Grande (FURG) e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), através de encontros quinzenais de forma remota, juntam seus grupos de estudos para a leitura e debate de diferentes assuntos referentes à Sociologia e à História da Infância. Os temas e textos são previamente organizados em um cronograma e distribuídos entre os seus integrantes e, no dia do encontro, um dos grupos fica responsável pela apresentação do texto e condução da discussão, que deve ser aberta e incluir a todos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O GEPI aplica, semanalmente, a leitura de livros ou artigos. Durante a realização de cada reunião, se coloca um tema em debate para que seja pensado de forma reflexiva, associado às práticas desenvolvidas. É a partir desse diálogo, que surgem as ações, que são coerentes com as necessidades observadas pelos pesquisadores e/ou apresentadas pelos sujeitos participantes dos projetos.

Dentro do projeto “Infâncias: vivências e escutas” foram realizadas ações de escutas das infâncias, constituídas a partir de pinturas com tinta guache, contação de histórias e brincadeiras. Em uma das ações realizadas, brinquedos foram construídos com materiais recicláveis, os quais foram coletados pelo projeto, com a ajuda e divulgação da Faculdade de Educação da UFPEL. Materiais como copos plásticos, rolos de papel higiênico, tampas de garrafas e papelões serviram como base para construções de novos brinquedos e outras formas de brincadeiras para serem levadas às crianças amparadas pela ONG Alimentar.

Como forma de comunicar os frutos deste projeto, o GEPI também efetivou duas exposições. A primeira, ocorreu no mês de abril de 2023 e abordou os brinquedos construídos com as crianças. A segunda, fez parte da programação do evento Mundo UFPEL, no dia 17 de junho, e abrangeu, além dos brinquedos, a produção de fantoches do grupo.

Dentro do projeto “Infâncias: espaços, diversidade e escutas”, uma ação realizada foi o debate com a pedagoga hospitalar Adriana Coutinho, que explicou ao GEPI a sua trajetória profissional e o funcionamento de uma brinquedoteca

hospitalar. Acrescenta-se que, com o novo projeto em vigor, um dos objetivos do grupo é estabelecer um contato cotidiano com a Pedagogia hospitalar, de forma que estejamos aptos a atuar, também, dentro de Hospitais da cidade.

Já no projeto “Infâncias Guarani e Kaingang: memórias e histórias”, estão sendo realizadas entrevistas e observações nas duas comunidades. Essas tem proporcionado reflexões e articulações, com intuito de contribuir às questões apresentadas. Por fim, no projeto “Estudos interinstitucionais sobre as infâncias”, se tem realizado parcerias em palestras, oficinas e publicações.

4. CONCLUSÕES

O GEPI, desde a sua origem, se mostra ativo na escuta das infâncias e na criação de ações com e sobre elas. Considera-se assim, a importância de observar, estudar e considerar o ponto de vista das crianças nas pesquisas, como sendo uma parte fundamental para o entendimento das estruturas culturais e seus impactos na sociedade, permitindo que ocorram contribuições que acompanhem as necessidades de cada comunidade. Além disso, destaca-se que essa percepção contribui para a formação de profissionais ligados à educação das infâncias, que poderão maturar seu embasamento teórico através de práticas que permitirão uma futura atuação crítica, sensível e pedagogicamente comprometida.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKE, P. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

CHARTIER, R. **A história ou a leitura do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COSTA, C; SARMENTO, T. Escutar as crianças e (re) configurar identidades: interações com voz. **Revista Educação em análise.**, Londrina, v.3, n. 2, p.72-94, jul/ dez. 2018. Disponível em:

<http://repositorium.uminho.pt/bitstream/1822/60288/1/Escutar%20as%20crian%C3%A7as%20nos%20anos%20iniciais%20e%20afirmar%20a%20nossa%20identidade%20profissional.pdf>

ROCHA, E. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Silvia Helena (org). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas.** São Paulo: Cortez, 2008;

ENCENAÇÃO TEATRAL NA ESCOLA: CONSTRUÇÃO DE UM EXPERIMENTO CÊNICO COM ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

CATARINA LEITE RASSIER¹; ANDRISA KEMEL ZANELLA²;
VANESSA CALDEIRA LEITE³

¹Universidade Federal de Pelotas – catarinarassier19@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – andrisa.kemel@ufpel.edu.br

³Universidade Federal de Pelotas – vanessa.leite@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A função do encenador teatral iniciou-se oficialmente no final do século XIX e início do século XX com André Antoine e tinha como objetivo definir o responsável pela regência e organização de uma obra teatral (ROUBINE, 1982). Desde o trabalho com os atores, quanto com os elementos como figurino, cenário, iluminação e sonoplastia, o encenador deveria ter um olhar amplo e cuidadoso sobre a obra em sua totalidade. Trata-se de uma prática que se adquire através da experiência e de muito estudo. Dentro do âmbito educacional, a encenação torna-se uma ferramenta pedagógica optada por muitos docentes não somente do teatro, mas de outras áreas como história, literatura e português. Apesar de haver diferenças acentuadas entre um trabalho de encenação com uma companhia artística e outra feita dentro da escola, o objetivo de tomar forma o processo de desenvolvimento dos atores/alunos é o mesmo.

O projeto *Vivências Teatrais em Escolas*, com o qual estou vinculada há quase dois anos tem me proporcionado diversos aprendizados e também me colocado defronte a desafios diários dentro e fora das oficinas semanais. Alguns destes desafios estão em criar, montar, dirigir, direcionar um experimento cênico, como preferimos nomear, no qual os alunos do projeto protagonizem e tenham a experiência de estar em cena. A partir de um processo colaborativo, que ainda está em andamento e que deve ser finalizado no final do ano de 2023, este trabalho falará sobre o desenvolvimento, escolhas, desafios dessa criação. Com quais estímulos a turma e osicineiros optaram ao longo desses meses, como foram os ensaios e quais os rumos que eles tomaram, serão alguns dos temas abordados ao longo desta escrita.

A necessidade enquanto atriz e professora em formação de refletir sobre o experimento cênico a ser criado e de buscar outras formas de trabalhar, gera cada vez mais a vontade de buscar referências, repertório e diferentes linguagens artísticas.

2. METODOLOGIA

Com registros fotográficos e escritos obtidos através dos encontros do projeto, relatarei de forma reflexiva e prática, como a criação artística está se desenvolvendo. Compreende-se que é um caminho onde as ideias vão fluindo e se transformando conforme a participação de todos, entendendo o que está funcionando ou não. O que foi pensado no início, muito provavelmente não será executado integralmente ao final. Nós,icineiros, em conjunto às professoras responsáveis, criamos, pensamos, buscamos e discutimos tudo aquilo que pode

somar com a criação. Com isso, elegemos diversos referenciais teóricos que nos dão base para desenvolver e colocar as ideias na prática. Textos dramáticos infanto-juvenis, materiais sobre a história da encenação teatral e sobre a prática docente fazem parte deste conjunto de suportes teóricos.

De acordo com o autor Marcos Bulhões Martins, no livro *Encenação em jogo*:

Para eles, a pedagogia não é uma atividade “paralela” à prática cênica, mas sim, uma necessidade inerente à sua atuação. Cada espetáculo destes diretores impõe problemas diferentes, gerando um programa de trabalho particular, considerado como um elemento capaz de fazer progredir a linguagem cênica (MARTINS, 2004, p.).

Afirmado assim, a efemeridade e singularidade de cada aluno, cena, grupo ou turma. Desde março deste ano, estamos trabalhando com estudantes dos últimos anos do Ensino Fundamental, entre 13 e 15 anos de idade, cujo interesse pelo teatro foi voluntário e comum entre a turma. Estimulados pela escola e pelos professores, esses jovens se sentiram motivados por diferentes razões à prática teatral, levando muitos deles a terem o primeiro contato efetivo com o teatro.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todo o processo educativo requer olhares ampliados e maleabilidade ao lidar com crianças e jovens. Devido ao curto período de tempo e levando em conta que os encontros ocorrem apenas uma vez por semana, além dos imprevistos que surgem, optamos por desenvolver um processo colaborativo, isto é, estar atento ao que os alunos oferecem. Sua disponibilidade corporal e vocal, tempo de dedicação e principalmente suas vontades e desejos devem ser considerados desde o início. Não queríamos que o projeto e as oficinas se tornassem pesadas, cansativas e até mesmo frustrantes para os alunos. Assim afirma Stela Fischer:

Conceitualmente, entende-se por processo colaborativo o procedimento de grupo que integra a ação direta entre ator, diretor, dramaturgo, e demais artistas, sob uma perspectiva democrática ao considerar o coletivo como principal agente de criação e aglutinação de seus integrantes (FISCHER, 2010, p. 61).

Ao longo do ano nós trabalhamos, como de costume, com jogos, brincadeiras e atividades tradicionais e teatrais de expressão corporal e de improvisação. Com o passar dos meses, nós adentrávamos aos poucos em dinâmicas que apresentassem elementos importantes para a cena a ser criada. Presença cênica, foco, expressividade vocal, concentração e habilidade de construção de personagens eram alguns deles. A partir da segunda metade do ano, o objetivo seria afinar o nosso olhar para o que os alunos apresentassem que poderia ser utilizado na criação. Entre tentativas e erros, optamos inicialmente por estimular os alunos a construir cenas a partir de objetos trazidos de casa, que fossem especiais para cada um. Vimos que este ponto de partida não estava surtindo muito resultado, então buscamos outras alternativas.

Através de muita pesquisa e conversa, decidimos então levar textos dramáticos, livros e poesias, como por exemplo *Um carinho na alma*, de Braúlio Bessa, e *Fina*, de Karen Acioly. A partir disso, percebemos que as cenas foram mudadas consideravelmente e que eles precisavam de estímulos concretos. Com tal efeito, iniciou-se um processo de costurar as ideias de todos, com as cenas

criadas e ao mesmo trazer qualidade para a prática teatral. Algo muito difícil, trabalhoso e complexo.

4. CONCLUSÕES

Durante esta escrita, percebo com um olhar externo e reflexivo, o desenvolvimento do projeto *Vivências*, desde o momento em que faço parte. O quanto eu, enquanto professora em formação, cresci junto aos meus colegas e alunos. A importância que a prática teatral tem para as crianças e jovens da atualidade. Mas para além disso, a relevância positiva que tem o processo de reconhecimento e de exposição do aluno, quando feito com respeito e empatia.

Na atual conjuntura, sabemos o quão difícil se torna para o professor de teatro ter que, por obrigatoriedade, mostrar um resultado do que foi aprendido nas aulas práticas. É notável que o produto final não dá conta de todo o aprendizado obtido em um ano. Contudo, é uma forma de que as pais, amigos, professores e os próprios alunos vejam o que o teatro pode ser tornar e quem pode transformar. Os estudantes, quando o processo é saudável e dialogado, adquirem compromisso e disciplina com o mesmo, de forma orgânica e potente. As combinações entre a turma e osicineiros devem ser constantes, mas principalmente o carinho e a compreensão sobre o crescimento de cada indivíduo, são fundamentais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ROUBINE, J. Jacques. **A linguagem da encenação teatral**. Zahar editores. Rio de Janeiro, 1982.

FISCHER, Stela. **Processo colaborativo e experiência de companhias teatrais brasileiras**. Editora Hucitec. São Paulo, 2010.

MARTINS, B. Marcos. **Encenação em jogo**. Editora Hucitec. São Paulo, 2004.

PALESTRA “ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL” NA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO DR. AUGUSTO SIMÕES LOPES

JULIANA PINO DE PAULA¹; LIDIA PEREIRA SERGIO²; RAFAEL JARDIM³;
TATIANA VALESCA RODRIGUEZ ALICIEO⁴; CARLA ROSANE BARBOZA
MENDONÇA⁵; CAROLINE DELLINGHAUSEN BORGES⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – jupino22@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – lpereirasergio@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – rafael.jlima20@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – tatianavra@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – carlaufpel@hotmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – caroldellin@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Vários fatores influenciam no crescimento e na saúde da criança, entre estes a alimentação se destaca como um dos mais importantes para garantir o crescimento adequado e prevenir carências nutricionais (DEVINCENZI et al., 2004).

O grande problema quanto à alimentação da criança em idade escolar é a qualidade dos alimentos que serão ingeridos, em função da preferência a alimentos ricos em gordura, açúcar e sal, tais como: frituras, salgadinhos, refrigerantes e doces. Portanto, esse comportamento contribui para o aumento de problemas nutricionais, por isso, é importante estimular a formação e a adoção de hábitos alimentares saudáveis durante a infância e a adolescência como o consumo de alimentos ricos em vitaminas, minerais e fibras (IRALA; FERNANDEZ, 2001; FERNANDES, 2006).

O acesso a uma alimentação saudável nesse período é, portanto, essencial, em virtude do crescimento e desenvolvimento dos ossos, dentes, músculos, entre outros. As crianças precisam ingerir alimentos mais nutritivos, em proporção ao seu peso, do que os adultos (LUCAS, 2002).

A falta de disciplina alimentar costuma ser a maior causa de distúrbios alimentares, comprometendo a qualidade e a quantidade da alimentação consumida. Um dos fatores determinantes para uma alimentação balanceada é estabelecer diretrizes na alimentação diária, isto é, rotinas alimentares bem definidas, pois não é somente a qualidade e a quantidade da alimentação oferecida à criança que é importante (GAGLIONE, 2003).

Com isso, objetivou-se com o estudo relatar as atividades realizadas com as turmas do 2º e 3º anos da Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Augusto Simões Lopes referente ao Projeto “Alimentação saudável: vamos praticar?”.

2. METODOLOGIA

As atividades do projeto “Alimentação saudável: vamos praticar?” foram realizadas em 2023, na Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Augusto Simões Lopes, situada no bairro Simões Lopes, na cidade de Pelotas/RS. Foi realizado um encontro com duas turmas de 2º ano e 3º ano, contendo em média 20 crianças cada, na faixa etária de 7 a 8 anos.

A palestra versou sobre os vilões da alimentação rica em açúcares, gordura e sal e a sua consequência para a saúde, além da importância do

consumo de alimentos ricos em vitaminas e minerais. As vitaminas A, D, E, K, C e do complexo B e os minerais cálcio, ferro, fósforo, selênio, potássio e flúor foram apresentados sendo abordado a sua função e as principais fontes. Após, foi realizada uma dinâmica na qual as crianças deveriam acertar as frutas contidas em uma caixa sensorial, apenas pelo tato.

Por fim, aplicou-se um questionário com nove perguntas em que as crianças poderiam avaliar as atividades do projeto através de uma escala facial, dividida em cinco níveis, as crianças deveriam escolher entre as opções (1) nem um pouco/muito ruim/não, nenhuma/não, nunca, (2) pouco/muito pouco/ruim, (3) mais ou menos/não sei responder /algumas coisas (4) bastante/bom/bastante/sim, bastante (5) muitíssimo/ótimo/tudo/sim, muitíssimo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os alunos receberam os integrantes do projeto com muita alegria e participaram ativamente durante a palestra, fazendo questionamentos pertinentes sobre os alimentos. A dinâmica da caixa sensorial foi um momento de bastante descontração, em que as crianças demonstraram empenho para tentar acertar quais as frutas estavam dentro da mesma.



Figura 1- Atividade prática com a caixa sensorial.

Os resultados obtidos através dos questionários estão descritos na Figura 2. Ao serem questionados se aprenderam mais sobre alimentação saudável, 52,2% das crianças descreveram que aprenderam muitíssimo e 43,5% descreveram que aprenderam bastante. Sobre a questão, como foi para entender os assuntos apresentados, 47,8% disseram que foi ótimo, 43,5% disseram que foi bom e para 4,3% foi mais ou menos. Cerca de 65,2% das crianças achavam ótimo se tivesse mais cursos com esse na escola, 21,7% mencionaram que seria bom e 8,7% opinaram que seria ruim. Quando foram questionados se estariam comendo mais frutas e hortaliças ou se pretendiam comer mais, 47,8% das crianças responderam que estão comendo muitíssimo, 34,8% estão comendo bastante, e 17,4% das crianças estão comendo mais ou menos. Quando questionados se iriam comentar com a família sobre o que aprenderam na palestra, cerca de 45,5% respondeu muitíssimo, 50% descreveu como bastante e 4,5% respondeu que comentaria muito pouco.



Figura 2 - Respostas em porcentagem (%) aos questionamentos referentes as atividades realizadas com os alunos do 2º e 3º ano da Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Augusto Simões Lopes, no ano de 2023.

Os resultados demonstram que os alunos gostaram da atividade realizada, aprenderam novidades sobre alimentação saudável e que gostariam de mais atividades como esta.

4. CONCLUSÕES

De acordo com os bons resultados obtidos na avaliação realizada com os alunos do 2º e 3º anos da Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Augusto Simões Lopes, no ano de 2023, em relação a palestra ministrada sobre alimentação saudável, espera-se ter despertado nos alunos a conscientização sobre a importância de uma alimentação saudável para promover hábitos alimentares adequados e contribuir para a prevenção de doenças. Para o grupo de alunos da UFPEl que participou da atividade, a experiência foi enriquecedora e gratificante.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DEVINCENZI, M. U. et al. Nutrição e Alimentação nos dois primeiros anos de vida. **Compacta Nutrição**, v. 5, n. 1, p. 7-22, 2004.
- FERNANDES, F. M. **Alimentação e nutrição entre escolares**: caso dos alunos de uma escola do município, Vitória – ES. 2006. 49 f. Monografia (Especialização em Nutrição Clínica) - Curso de Pós-Graduação em Nutrição Clínica, Universidade Veiga de Almeida, Vitória, 2006.
- GAGLIONE, C. P. Alimentação no segundo ano de vida, pré-escolar e escolar. In: LOPES, F. A.; BRASIL, A. L. D. **Nutrição e Dietética em Clínica Pediatria**. São Paulo: Atheneu, p. 61-62, 2003.
- IRALA, C. H.; FERNANDEZ, P. M. Peso Saudável. **Manual para Escolas. A Escola promovendo hábitos alimentares saudáveis**. 2001. Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília. Disponível em: Acesso em: 10 jul 2023.
- LUCAS, B. Nutrição na Infância. In: MAHAN, L. K; ESCOTT-STUMP, S. **Krause: Alimentos, Nutrição & Dietoterapia**. 10ª ed. São Paulo: Roca, p. 229-246, 2002.

OS CURSOS “COTIDIANO BRASILEIRO: CONHECENDO AS VARIEDADES DA CULTURA BRASILEIRA” E “PRONÚNCIA E PROSÓDIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO” DO IDIOMAS SEM FRONTEIRAS: ESTRATÉGIAS E CONTRIBUIÇÕES PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO DA UFPEL

MARÍLIA LIMA SANTOS; LUCAS RÖPKE DA SILVA²; JAEL SANERA SIGALES GONÇALVES³; HELENA VITALINA SELBACH⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – marilialimas@outlook.com

²Universidade Federal de Pelotas – lucas.ropke@programaif.pro.br

³Universidade Federal de Pelotas – jael.goncalves@ufpel.edu.br

⁴Universidade Federal de Pelotas – helena.selbach@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF), inicialmente proposto como Inglês sem Fronteiras em 2012, foi amplificado e, em 2014, tornou-se multilíngue no intuito de preparar as comunidades acadêmicas para a internacionalização a partir da oferta de cursos de idiomas e testes de proficiência (ABREU-E-LIMA; MORAES FILHO, 2021) nas Instituições de Educação Superior (IES). No NuLi IsF da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), por exemplo, além da oferta de cursos de alemão, espanhol, francês e inglês, há a oferta de cursos de Português como Língua Adicional (PLA). Em 2019, com o cancelamento do pagamento das bolsas CAPES e o encerramento das atividades do IsF junto ao Ministério da Educação, a gestão do Programa passou a ser de responsabilidade da Associação Nacional de Dirigentes de Instituições Federais de Ensino Superior (CONSELHO PLENO DA ANDIFES, 2019). A importância da área de PLA para a internacionalização desde cedo foi reconhecida pelo programa IsF que implementou o IsF-Português entre os anos de 2014 e 2015.

No NuLi IsF da UFPEL, há a oferta de cursos de PLA desde 2019 que buscam ir ao encontro de alguns objetivos e ações da Política Linguística da UFPEL que incluem “viabilizar o acolhimento, a formação e o acompanhamento em língua portuguesa para falantes de outras línguas” e ofertar “cursos de português para falantes de outras línguas” (UFPEL, 2020, p. 2-3). Datada de 2020, a Política Linguística é fruto da exigência para credenciamento das IES no IsF em 2017 e também decorre das ações de internacionalização da instituição, que visam incentivar o “uso das línguas no ambiente acadêmico e na universidade como um todo” (UFPEL, 2020, p. 1). Diante da multiplicidade de concepções e de perspectivas teóricas em torno do conceito “política linguística” (DINIZ; SILVA, 2019), essa ação pode ser considerada uma decisão sobre a relação entre línguas e sociedade – especificamente, uma decisão sobre as línguas no âmbito da universidade. A área de PLA no âmbito do NuLi IsF UFPEL parte da premissa de que a comunidade acadêmica é ou pode ser constituída por uma diversidade de sujeitos que não necessariamente dominam o português.

Neste trabalho, apresentamos o processo de construção de dois cursos de PLA ofertados pelo NuLi em 2023 intitulados “Cotidiano brasileiro: conhecendo as variedades da cultura brasileira” e “Pronúncia e prosódia do português brasileiro”. A partir de um exemplar de tarefa inicial de cada curso, apresentamos as estratégias construídas pelo grupo de especialistas e professores do idioma para engajar a comunidade externa e acadêmica da UFPEL e discutimos em que medida

as ofertas desses cursos contribuem para a internacionalização da universidade a partir do PLA.

2. METODOLOGIA

Inicialmente, construímos um formulário em que convidamos a comunidade acadêmica e externa a escolher modalidade, dias e turnos dos cursos de PLA de sua preferência. O formulário foi amplamente divulgado nos canais de comunicação da universidade no intuito de alcançar todos os estrangeiros que tivessem interesse em realizar os cursos.

No momento seguinte, após a realização das matrículas a partir da preferência da maioria dos respondentes, criamos, para cada curso, um questionário diagnóstico em que os cursistas responderam questões sobre informações pessoais como nacionalidade, língua(s) que falam, bem como questões relacionadas às expectativas em relação aos cursos e também uma produção inicial na qual os alunos deveriam fazer uma breve apresentação pessoal contando aos colegas e professores um pouco sobre eles. Essas respostas contribuíram para a construção dos cursos que buscaram atender, na medida do possível, às necessidades e expectativas de todos os estudantes.

Depois desses dois momentos iniciais, iniciamos a construção do cronograma, definimos as temáticas e os gêneros discursivos de cada encontro e as produções finais com base na ementa dos cursos e nas respostas aos questionários. Essas etapas foram elaboradas em conjunto pela equipe nas reuniões semanais nas quais também houve a construção dos planos de aula iniciais. Os planos foram elaborados pelos bolsistas responsáveis por cada curso e revisados pela equipe no intuito de aprimorá-los. Sendo assim, após a discussão nas reuniões e a revisão pelos pares, os professores tiveram a oportunidade de reescrever e aperfeiçoar os planos de aula para que os encontros com os estudantes estrangeiros ocorressem da melhor forma possível.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com relação ao momento inicial, obtivemos 20 respostas no formulário. Em relação aos cursos de interesse, oito respondentes marcaram que teriam interesse em realizar um curso de Cultura e, 18, um curso de Compreensão Oral. Em relação ao curso de Cultura, sexta-feira no período da tarde foi o dia e turno mais votado e, quanto ao curso de Compreensão Oral, foi escolhida a segunda-feira à noite. Para ambos os cursos, a modalidade remota foi a mais votada; poucos estudantes marcaram que gostariam de ter aulas presenciais. A partir da análise das respostas fornecidas no formulário, optamos pela oferta de dois cursos de 16h com base no catálogo nacional do IsF-Português.

Os objetivos do curso “Cotidiano brasileiro: conhecendo as variedades da cultura brasileira” dizem respeito a 1) interações cotidianas de estrangeiros intercambistas e imigrantes e brasileiros cuja primeira língua não seja o português e 2) manifestações artístico-culturais do Brasil. Já o curso “Pronúncia e prosódia do português brasileiro” visa ao estudo de noções de pronúncia, ritmo e entonação do português brasileiro a fim de desenvolver habilidades discursivas próprias da oralidade e também a capacidade de compreensão oral.

No questionário diagnóstico do curso de Cotidiano brasileiro, foi possível verificar que a maioria dos estudantes é de países da América Latina falantes de espanhol. Dos alunos matriculados, 63% são alunos da UFPel e, os outros 38%,

não. Muitos participantes falam, além de suas línguas maternas, outras línguas como inglês, por exemplo. Questionados sobre o que gostariam de aprender sobre a cultura brasileira, os estudantes responderam que gostariam de conhecer a história, a gastronomia, as músicas e danças brasileiras. Por fim, foi solicitado que os alunos escrevessem uma apresentação pessoal breve, entre 40 e 100 palavras, na qual foi possível conhecer um pouco sobre quem são os nossos estudantes. Além disso, essas produções escritas foram usadas na primeira aula para uma atividade na qual omitimos o nome de quem escreveu, solicitamos que um colega lesse o texto e, por fim, o escritor deveria se manifestar e falar um pouco mais sobre as informações colocadas no texto.

Em relação às nacionalidades e línguas faladas pelos estudantes do curso de Pronúncia e prosódia do português brasileiro, há uma curiosidade que diz respeito à porcentagem de haitianos no grupo (35,7%) que falam, portanto, crioulo/francês. Os outros 64,3% são de diversos países da América Latina, todos falantes de espanhol. Como o curso está sendo ofertado na modalidade on-line, quase 40% dos alunos não estão no Brasil atualmente. Alguns já estudam e moram no Brasil, enquanto outros alegam ter interesse em estudar futuramente no Brasil, principalmente em programas de pós-graduação. Dentre as facilidades com a língua, muitos afirmam facilidade na leitura e na escrita. Um respondente alegou facilidade para entender o idioma academicamente, mas dificuldade em entendê-lo no cotidiano. Como produção inicial, solicitamos que os alunos gravassem um áudio, de 2 a 3 minutos, se apresentando aos colegas e aos professores. Nessa pré-tarefa, conseguimos ter uma visão inicial da proficiência oral dos estudantes, bem como dos principais pontos a serem desenvolvidos durante as aulas, considerando as diferentes origens e língua materna dos alunos.

Comum a ambos os cursos, estão as noções de língua, cultura e gêneros do discurso. Quanto à relação entre língua e cultura, compreendemos que são indissociáveis a partir da discussão proposta no documento base do exame Celpe-Bras (BRASIL, 2020), que destaca a proficiência “como a capacidade do aprendiz de usar adequadamente a língua para desempenhar ações no mundo, em diferentes contextos, e sempre com um propósito social” (p. 29). Aprender a língua, nessa perspectiva a qual nos filiamos, não se limita a aprender suas regras, mas sim a inserção sócio-histórico-cultural dessa língua em diferentes contextos/culturas a partir do engajamento em diferentes gêneros discursivos - “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 20023, p. 262).

4. CONCLUSÕES

Neste trabalho, apresentamos e discutimos o processo de construção de dois cursos de PLA ofertados pelo NuLi da UFPel em 2023. Nessas propostas do IsF NuLi UFPel, a língua portuguesa é concebida como língua “adicional” e não “estrangeira” (SCHLATTER; GARCEZ, 2009) e assume uma perspectiva plurilíngue ao dar voz às outras línguas do repertório linguístico dos sujeitos. Sob essa perspectiva, os objetivos dos cursos estão sendo alcançados considerando as necessidades de cada estudante e suas variadas línguas maternas, bem como pelas propostas de familiarização com produções culturais e multimodais próprias da língua portuguesa no Brasil.

Entendemos que os cursos ofertados contribuem para a internacionalização da UFPel na medida em que viabilizam a concretização da Política Linguística da instituição. A oferta de cursos de PLA, sobretudo com os objetivos dos dois cursos

apresentados neste trabalho, ao tempo em que fomenta a área de PLA no âmbito de um programa voltado à internacionalização, evidencia que a Política Linguística da UFPel pode ser um mecanismo institucional de efetivação de pelo menos duas ações: em uma via, o ensino de PLA contribui para a democratização do acesso à língua portuguesa e faz parte de um processo de projeção e promoção, por meio da língua, da cultura, da educação e de outros elementos da nacionalidade brasileira; além disso, o ensino de PLA também se mostra como uma ação necessária à democratização da própria instituição e da educação superior.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU-E-LIMA, D.; MORAES FILHO, W. B. Idiomas sem Fronteiras: multilinguismo, política linguística e internacionalização. In: ABREU-E-LIMA, D. et al (Orgs.) **Idiomas sem Fronteiras: política linguística e internacionalização**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2021. p. 15-54.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira. **Documento base do exame Celpe-Bras** [recurso eletrônico]. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2020.

CONSELHO PLENO DA ANDIFES (Brasília). **Resolução nº 01/2019, de 12 de novembro de 2019**. Cria a estrutura da associação nacional dos dirigentes das instituições federais de ensino superior (Andifes), da Rede Andifes nacional de especialistas em língua estrangeira – Idiomas sem Fronteiras, denominada Rede Andifes IsF.

DINIZ, L. R. A.; SILVA, E. R. Remarks on the diversity of theoretical perspectives in language policy research. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 19, p. 249-263, 2019.

SCHLATTER, M.; GARCEZ, P. Referenciais Curriculares para o Ensino de Língua Espanhola e Língua Inglesa. In: **Referencial Curricular**. Lições do Rio Grande. Linguagens Códigos e suas Tecnologias. Língua Portuguesa e Literatura. Língua Estrangeira Moderna. Volume 1. Rio Grande do Sul: Secretaria de Educação do Estado, 2009.

UFPel - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Conselho Coordenador do Ensino, da Pesquisa e da Extensão**. Resolução nº 01/2020, de 20 de fevereiro de 2020. Institui a política linguística da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Pelotas: Conselho Coordenador do Ensino, da Pesquisa e da Extensão, 2020.

CONSTRUINDO UMA PELOTAS DAS CRIANÇAS: CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL, 2023

LARISSA RIBERAS SILVEIRA¹; CAROLINE DELLIGHAUSEN BORGES²;
TATIANA VALESCA RODRIGUES ALICEO³; EMILY MELLO DE SOUZA⁴;
VINÍCIUS RHEINHEIMER SCHNEIDER⁵; CARLA ROSANE BARBOZA
MENDONÇA⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – *larissariberas@outlook.com*

² Universidade Federal de Pelotas – *caroldellin@hotmail.com*

³Universidade Federal de Pelotas – *tatianavra@hotmail.com*

⁴Universidade Federal de Pelotas - *emilymello034@gmail.com*

⁵Universidade Federal de Pelotas - *viniciusschneider2002@gmail.com*

⁶Universidade Federal de Pelotas - *carlaufpel@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O projeto de extensão “Alimentação saudável, vamos praticar?” é formado por discentes e docentes da Universidade Federal de Pelotas com o objetivo de ministrar cursos e/ou oficinas relacionados a alimentação saudável nas escolas da cidade de Pelotas/RS. Entre os meses de julho e agosto de 2023 a equipe foi a diversas escolas vinculadas a Secretaria Municipal de Educação e Desporto de Pelotas (SMED), com o intuito de aprofundar os conceitos relacionados a alimentação saudável. A atividade integrou as comemorações relativas ao aniversário da cidade, que homenageou o público infantil, com o tema “Construindo uma Pelotas das crianças” (PREFEITURA DE PELOTAS, 2023).

A nutrição adequada nos primeiros anos de vida é fundamental para o crescimento e o desenvolvimento saudáveis (CARVALHO, 2015). No entanto, a obesidade infantil afeta 39 milhões de crianças menores de 5 anos em todo o mundo. No Brasil, a prevalência de obesidade infantil tem aumentado e atingido 13,2% das crianças de 5 a 9 anos. Está é uma condição crônica e complexa, influenciada por fatores sociais econômicos, que integra fatores biológicos, sociais, pessoais e ambientais. A obesidade reduz a qualidade de vida de crianças em longo prazo e aumenta os custos de saúde (MACHADO, 2023).

Embora as recomendações baseadas em evidências para implementar estratégias multissetoriais de obesidade infantil sejam importantes para reduzir o excesso de peso, o progresso global ainda é um desafio. A promoção da atividade física e da educação nutricional são fundamentais e, além disso, é necessário implantar novas estratégias preventivas para combater a obesidade infantil (MACHADO et. al, 2023; GUERRA et. al, 2016).

O projeto alimentação saudável propõem-se a expor as crianças do âmbito escolar sobre os perigos e consequências de uma alimentação inadequada, estimular o consumo de frutas e hortaliças, como deve ser feita a higienização desses alimentos e bons hábitos saudáveis. O objetivo desse trabalho foi relatar as atividades realizadas com duas turmas de 3º ano do ensino fundamental na Escola Municipal Dr Balbino Mascarenhas, no ano de 2023.

2. METODOLOGIA

O projeto foi realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr Balbino Mascarenhas, situada no bairro Fragata em Pelotas/RS. Ao total foram realizados três encontros com as duas turmas do 3º ano, contendo cerca de 16

crianças em cada turma, com idades entre 8 e 9 anos. O grupo extensionista era formado por uma professora, um aluno do programa de Pós-graduação de Nutrição e Alimentos e discentes do curso de Bacharelado em Química de Alimentos da UFPEL.

As atividades foram desenvolvidas na sala de aula de cada uma das turmas, foram utilizados slides abordando a alimentação saudável e os impactos à saúde associados ao consumo excessivo de gordura, açúcar e sal. Foram destacados aspectos que devem ser levados em conta na hora das escolhas dos alimentos e o que devemos colocar no prato para ter equilíbrio. Também foram abordados temas como a higienização de alimentos.

Ainda, foram realizadas brincadeiras com os alunos. Logo após a parte teórica, no primeiro encontro, foram utilizadas caixas sensoriais cobertas, em que os alunos deveriam adivinhar as frutas que estavam no interior através do tato. As frutas utilizadas foram: pitaya, kiwi, abacate e laranja. No segundo encontro, foram preparados tubos com essências de frutas e os alunos deveriam acertar, através do olfato, a que fruta os odores correspondiam. No terceiro encontro, a atividade foi relacionada ao sabor, sendo que os alunos montaram espetinhos de frutas com uva, morango, bergamota e kiwi, que foram degustados.

No último encontro ao final das atividades foi aplicado um questionário aos alunos, com seis perguntas: 1- Vocês gostaram das atividades?; 2- Vocês entenderam os assuntos tratados?; 3- Qual das atividades vocês mais gostaram? (a - tato; b - olfato; c - degustação); 4- Vocês estão comendo mais frutas e vegetais?; 5- Vocês provaram alguma ou hortaliça diferente desde que iniciamos as atividades?; 6- Houve alguma mudança nos hábitos alimentares, como redução do consumo de sal, açúcar ou gordura? Os alunos avaliaram através de escalas sensoriais representadas por figuras, correspondendo as descrições sim; mais ou menos e, não.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante os encontros com as turmas, foi possível observar que houve diferença no comportamento das crianças. As duas turmas tinham perfis diferentes, e em uma delas, foi observado que algumas crianças apresentavam evidências de déficit de atenção e hiperatividade, com comportamento mais agitado e impulsivo durante os eventos. Porém, mesmo com algumas dificuldades em manter o foco, em uma das turmas, acredita-se que o trabalho foi produtivo. No geral, as crianças se interessaram pelo assunto e participaram ativa e alegremente das atividades propostas. Ao longo da exposição do assunto, como é habitual, as crianças relataram suas experiências e questionaram se seus hábitos de alimentação eram saudáveis ou não. Nas brincadeiras feitas envolvendo o tato e o olfato, os estudantes se esforçaram para tentar acertar quais eram as frutas. Já no dia dos espetinhos de frutas, eles ficaram extremamente motivados e muitos mencionaram que nunca haviam comido kiwi e ao provarem, adoram a fruta, que estava muito docinha.

Na Figura 1, podem ser vistas algumas imagens das crianças durante as atividades.



Figura 1 – Imagens das atividades realizadas com as turmas do 3º ano do ensino fundamental na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr Balbino Mascarenhas, Pelotas/RS, 2023.

Os resultados obtidos na avaliação, aplicada ao final das atividades, estão demonstrados na Figura 2, na forma de gráficos.

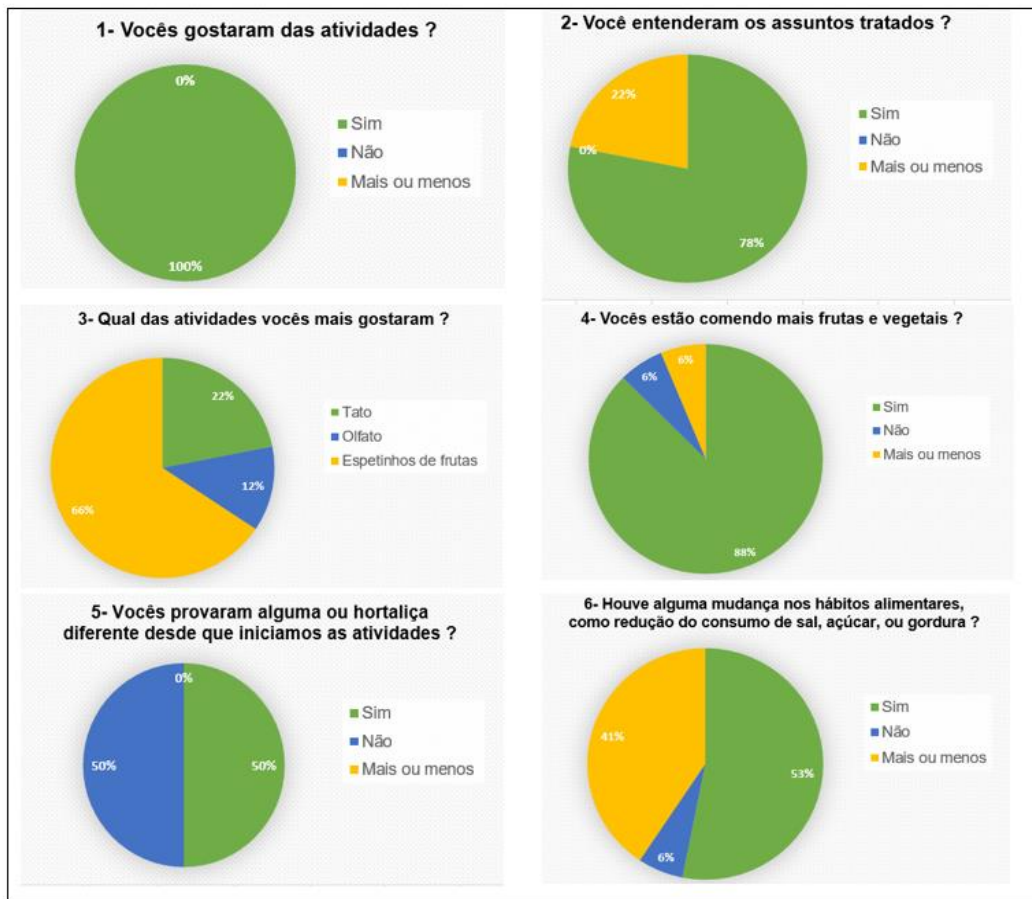


Figura 2 – Dados da avaliação discente das atividades realizadas com as turmas do 3º ano do ensino fundamental Escola Municipal Dr Balbino Mascarenhas, Pelotas/RS, 2023.

O alunos foram questionados se gostaram das atividades e 100% dos alunos disseram que “sim”, o que foi um resultado muito gratificante para o grupo de extensão. Ao serem questionados se entenderam os assuntos tratados cerca de 78% responderam que “sim” e 22% dos alunos responderam “mais ou menos”, mostrando que a maioria dos alunos se interessaram e aproveitaram algo dos

temas abordados. Sobre as atividades realizadas no projeto, os alunos foram perguntados qual delas gostaram mais e a maioria (66%) escolheu a atividade de fazer os espetinhos de frutas. Ficou evidente que os alunos apreciam a parte prática do projeto, na qual eles interagem e participam das atividades. Quando questionados, 88% dos alunos afirmaram que aumentaram o consumo de frutas e vegetais. As respostas mostram que o projeto teve um impacto significativo na promoção de hábitos saudáveis entre as crianças, especialmente em relação aos alimentos prejudiciais à saúde. Além disso, metade das crianças que participaram afirmou ter experimentado alguma fruta ou hortaliça diferente desde o início das atividades. Por último, os alunos foram questionados se houve mudanças nos hábitos alimentares, como redução do consumo de sal, açúcar e gordura, e 53% responderam que sim.

As respostas dos questionários aplicados revelaram uma predominância de respostas positivas na avaliação, indicando que os alunos se envolveram, aprenderam e se divertiram com o projeto.

4. CONCLUSÕES

As atividades do projeto de extensão foram muito enriquecedoras e prazerosas para o grupo, principalmente pela oportunidade de interagir mais com as crianças e sentir a energia positiva que elas demonstram ao participar das ações do projeto. Todos os encontros com as turmas foram muito bem-sucedidos e atingiram os objetivos do projeto, pois os alunos demonstraram interesse e participação e os dados da avaliação foram satisfatórios.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, B., MOREIRA, A. D. C., CARMO, A. S. D., SANTOS, L. C. D., & HORTA, P. M. Maior número de refeições nas escolas está associado a uma alimentação menos processada. **Jornal de Pediatria**, 94, 404-409, 2018.

CARVALHO, C. A. D., FONSÊCA, P. C. D. A., PRIORE, S. E., FRANCESCHINI, S. D. C. C., & NOVAES, J. F. D. Consumo alimentar e adequação nutricional em crianças brasileiras: revisão sistemática. **Revista Paulista de Pediatria**, 33, 211-221, 2015.

MACHADO, J. G., BUCCINI, G., RECINE, E. Uma análise das redes de atores-chave para estratégias de ampliação da prevenção da obesidade infantil e do cuidado de crianças com obesidade no Brasil. **Desenvolvimentos Atuais em Nutrição**, p. 101961, 2023.

GUERRA, P. H., SILVEIRA, J. A. C. D., & SALVADOR, E. P. A atividade física e a educação nutricional no ambiente escolar visando a prevenção da obesidade infantil: evidências de revisões sistemáticas. **Jornal de Pediatria**, 92, 15-23, 2016.

PREFEITURA DE PELOTAS: **Vamos compartilhar a cidade**. Disponível em: Convite Aniversário da Cidade de Pelotas 2023 - 211 Anos (pelotasturismo.com.br). Acesso em: 13 de set. 2023

“ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL: VAMOS PRATICAR?”: PROMOVEDO SAÚDE NO COLÉGIO SÃO JOSÉ, PELOTAS/RS, 2023

SABRINA FEKSA FRASSON¹; CAROLINE DELLINGHAUSEN²; TATIANA VALESCA RODRIGUEZ ALICIEO³; CARLA ROSANE BARBOZA MENDONÇA⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – sfrasson@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – caroldellin@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – tatianavra@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – carlaufpel@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Uma alimentação saudável é fundamental para que as crianças evitem a desnutrição, o sobrepeso ou obesidade, e reduzam o risco de desenvolver doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) quando adultas (KHODAEI et al., 2015). Os pais desempenham um papel crucial na melhoria dos comportamentos alimentares das crianças e na promoção de hábitos alimentares saudáveis (AKOM et al., 2015). O sabor, a textura e o apelo visual influenciam principalmente o interesse das crianças pelos alimentos e associam os apreciados a experiências positivas (OWEN, 2004).

O ambiente familiar e escolar desempenha um papel significativo na formação dos hábitos alimentares das crianças, e apoiar as famílias na adoção de práticas alimentares saudáveis pode ser desafiador, mas essencial (DU; MU; WANG, 2022; HALBEISEN; WALTHER, 2021). Sabe-se que a associação de frutas e vegetais a estímulos não alimentares positivos aumenta a escolha e o consumo de alimentos saudáveis de crianças em idade pré-escolar (BRUG; KLEPP, 2020). Além disso, uma abordagem para promover hábitos alimentares saudáveis na infância e adolescência, incluindo a relacionada a comportamentos nutricionais, pode ser eficaz. Ao implementar essas estratégias, educadores e familiares podem trabalhar juntos para incentivar as crianças a adotarem e manterem uma dieta saudável.

O Projeto de Extensão “Alimentação Saudável: Vamos praticar?” tem como objetivo guiar as crianças de maneira envolvente e educativa na criação de um ambiente alimentar agradável e higiênico, ensinando-as a identificar os alimentos adequados para consumo, incentivando a exploração de novos sabores e texturas, promovendo a autonomia na escolha de suas preferências e aumentando seu conhecimento sobre opções de alimentos saudáveis.

2. METODOLOGIA

No dia 26 de maio de 2023 foi realizada uma atividade do projeto “Alimentação Saudável: Vamos Praticar?” no Colégio São José/Pelotas, com a participação de aproximadamente 100 alunos, que integravam 4 turmas de quarto ano do Ensino Fundamental. O grupo foi dividido em duas partes, sendo a atividade ministrada primeiramente para 2 turmas e após repetida para as outras 2. As professoras responsáveis pelo projeto de extensão, Carla Mendonça, Caroline Borges e Tatiana Alicieo, acompanhadas de uma discente de pós-graduação, fizeram a exposição do conteúdo, com o auxílio de slides. Este projeto tem ocorrido de forma esporádica no Colégio São José, conforme a necessidade que os professores e coordenadores têm, eles entram em contato e convidam o grupo extensionista da UFPEL. Neste encontro, o projeto contribuiu com a disciplina de Língua Inglesa, fazendo o encerramento do projeto “*Being Health*”.

O encontro iniciou com uma conversa sobre a Universidade Federal de Pelotas e a apresentação dos cursos de Química de Alimentos e Tecnologia de Alimentos. Inicialmente falamos sobre a mudança no estilo de vida e hábitos alimentares, em seguida foi explicado o que é obesidade, quem são os “vilões” da alimentação (gordura, açúcar e sal), ainda, foram explicados os princípios de uma alimentação saudável, quais os principais nutrientes (vitaminas e minerais) presentes nos vegetais, e por fim foi feita uma brincadeira, denominada de “prova” em que eram mostradas imagens de alimentos e perguntado se eram saudáveis ou não, e se poderiam ser consumidos com frequência ou com moderação. Por fim, foram entregues às professoras responsáveis pelas turmas questionários impressos contendo seis perguntas, que serviriam para que os discentes fizessem uma avaliação do encontro. Foi solicitado que as professoras conduzissem a avaliação na semana seguinte, para colher informações da repercussão do assunto tratado no dia a dia das crianças. Os questionários foram recolhidos posteriormente no Colégio.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a realização das atividades, os alunos interagiram e participaram com as professoras, a todo momento queriam contar suas experiências e tirar dúvidas sobre alimentação. Na Figura 1 podemos observar os resultados das perguntas realizadas no questionário para os alunos, com participação de 77 alunos.

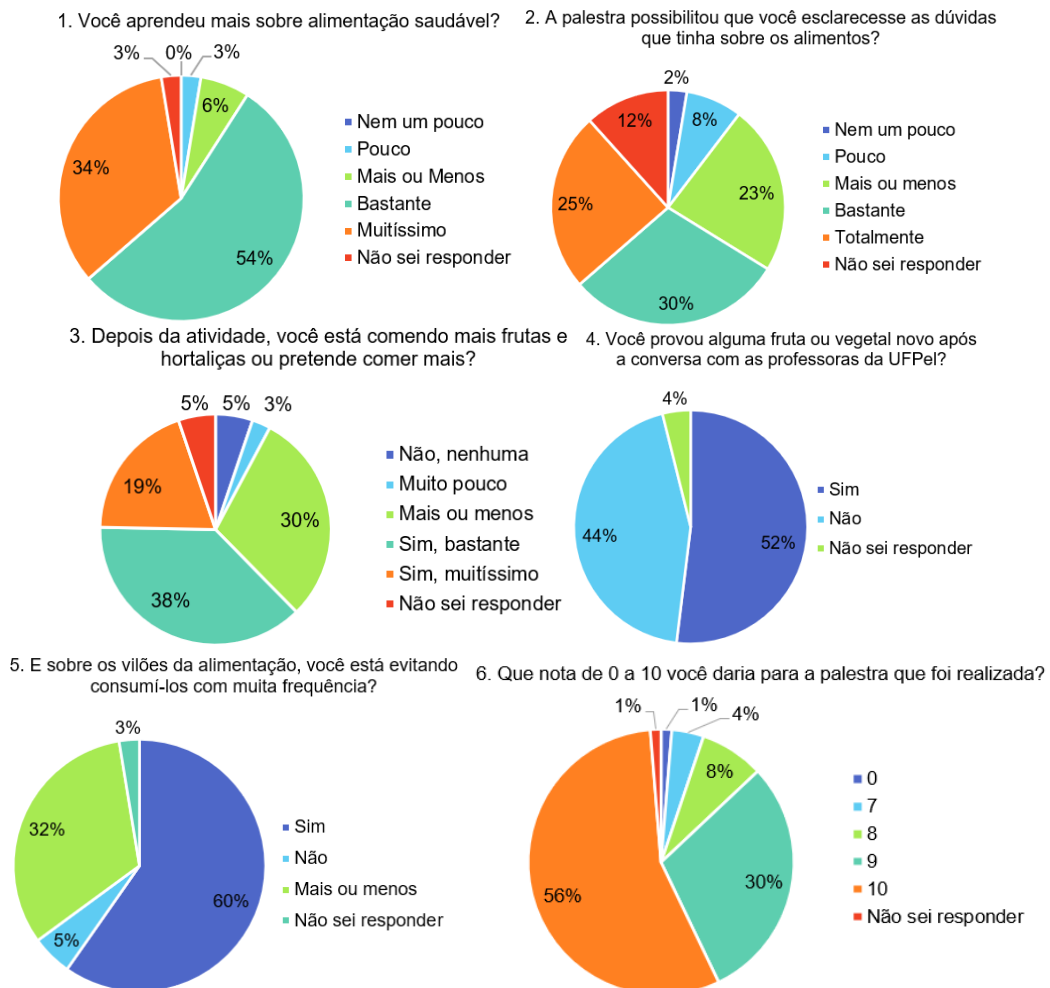


Figura 1. Resultados do questionário de avaliação das atividades do projeto de extensão.

Quando analisamos o questionário que as crianças responderam, podemos observar que 90% dos alunos relataram terem aprendido mais sobre alimentação saudável após as atividades. 55% dos alunos relataram que foram esclarecidas as dúvidas que tinham sobre os alimentos, enquanto 23% indicaram que “mais ou menos”.

Ao serem questionados se depois da atividade comeram mais frutas e hortaliças ou se pretendiam comer mais, 57% responderam que “sim” e 30% “mais ou menos”. Quanto a terem provado alguma fruta ou vegetal novo após a conversa com as professoras, 52% responderam que “sim” e 44% que “não”.

Sobre os vilões da alimentação, foi questionado se estão evitando consumi-los com muita frequência, e 60% responderam que “sim”, enquanto 32% “mais ou menos”. Por fim, a última pergunta foi qual nota daria a palestra (0 a 10) e a maioria dos alunos deu notas altas, sendo 56% nota “10” e 30% nota “9”.

Podemos observar que tivemos uma boa receptividade das crianças com os assuntos abordados na palestra (Figura 2). Um ponto interessante que destacamos e conseguimos abordar com os alunos, foi a importância de provarem novos alimentos considerados saudáveis e como manter uma dieta equilibrada, assim podendo aumentar as opções de alimentos consumidos habitualmente. Falando sobre os “vilões da alimentação”, é de extrema importância ficar claro para as crianças quais alimentos devem ser consumidos diariamente, como na merenda escolar, café da manhã, lanche da manhã/tarde e no jantar, e quais os alimentos devem ser consumidos eventualmente, como em festas de aniversários ou momentos especiais, e sempre tendo o cuidado para evitar “terrorismos” nutricionais. Entretanto, sabemos que para melhor adesão aos hábitos saudáveis das crianças, precisamos de um forte empenho dos pais para oferta de alimentos saudáveis nas refeições ao longo do dia.



Figura 2. Imagens de alguns momentos das atividades do projeto com os discentes do 4º ano no Colégio São José/Pelotas, 2023.

Mencionou-se que quando se mantém uma alimentação rica em sal, açúcar e gordura e com pouca variedade de vegetais, as possíveis consequências para a saúde são o aparecimento de DCNT, como a obesidade, hipertensão, diabetes tipo 2, problemas cardiovasculares, entre outros. Neste momento ocorreu grande participação dos alunos contribuindo com as discussão das possíveis desordens na saúde, com os seus relatos pessoais.

Segundo ALVES; CUNHA (2020), estabelecer uma rotina de alimentação saudável é suporte para o desenvolvimento humano – especialmente na infância, período em que as oportunidades de aprendizado estão amplamente disponíveis e receptivas a um maior volume de informações. Isso vai além de simplesmente se alimentar, trata-se de nutrir tanto o corpo quanto a mente, resultando em melhor aprendizado, memória, concentração e disposição das crianças.

4. CONCLUSÕES

Concluimos que atividades de extensão são de extrema importância para ocorrer a troca de informações entre a Universidade e a comunidade. A abordagem sobre alimentação saudável deve ocorrer com frequência, visto que a partir dos resultados deste trabalho teve-se uma boa adesão dos alunos em querer melhorar sua alimentação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, G. M.; CUNHA, T. C. O. A importância da alimentação saudável para o desenvolvimento humano. **Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas**, v. 10, n. 27, p. 46-62, 2020.
- AKOM, A. A.; SHAH, A.; NAKAI, A. Kids, Kale, and Concrete: Using Participatory Technology to Transform an Urban American Food Desert. **Race, Equity, and Education**, p. 75-102, 2015.
- BRUG, J.; KLEPP, K-I. **Children and adolescents**, 2020.
- DU, B.; MU, Y.; WANG, X. Diet structure and academic achievement of children from difficult families: a cross-sectional study of Chinese children. **BMJ Open**, v. 12, 2022.
- HALBEISEN, G.; WALTHER, E. How to promote healthy eating in preschool children: Evidence from an associative conditioning procedure with non-food stimuli. **Appetite**, v. 166, 2021.
- KHODAEI, G. H.; MOGHADAM, Z. E.; KHADEMI, G.; SAEIDI, M. Healthy Diet in Children: Facts and Keys. **International Journal of Pediatrics**, v. 3, n. 6.2, p. 1183-1194, 2015.
- OWEN, N. Cool for kids but hot on health. **Young Consumers: Insight and Ideas for Responsible Marketers**, v. 5, n. 2, p. 61-64, 2004.

ESCUTAR E CONTAR HISTÓRIA: MOVIMENTOS DE UMA AÇÃO EXTENSIONISTA COM CRIANÇAS

VITOR SAQUETE RODRIGUES¹; CELIANE DE FREITAS RIBEIRO²; CAROLINE
TERRA DE OLIVEIRA³; LILIAN LORENZATO RODRIGUEZ⁴; HARDALLA
SANTOS DO VALLE⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – vitorsaquete@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – celianedefreitasribeiro@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – carolineterraoliveira@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – lialorenzato@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – hardalladovalle@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho busca relatar os resultados de uma ação realizada dentro do projeto de extensão *Infâncias: vivências e escutas*, que possui como objetivo desenvolver estudos e ações com e sobre crianças, buscando compreender as diferentes infâncias. A ação desenvolvida pelo projeto foi aplicada pelo Grupo de Estudos e Pesquisas das Infâncias (GEPI), ambos vinculados à Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl) e coordenados pela Prof.^a Dr.^a Hardalla do Valle. A proposta do projeto é desenvolver estudos que envolvam questões emergentes, situações e ações relacionadas à(s) infância(s), com objetivo de ampliar, fortalecer e divulgar debates sobre e com crianças, atuando em espaços plurais, formais e não-formais, cujo essas tornam-se o foco de seus debates, ligando-se às práticas educacionais, processos sócio-históricos, políticas públicas e processos culturais.

A ação foi elaborada a partir de reflexões com e sobre as crianças participantes da ONG Alimentar, da cidade de Pelotas, que é uma parceira neste projeto. Percebemos que muitas crianças não pareciam ter conhecimentos e acesso às informações ligadas à higiene bucal. Assim sendo, para dialogar com as crianças sobre esse tema, utilizamos o teatro de fantoches e a contação de história do livro de Ana Maria Machado (2009), “Balas, Bombons e Caramelos”.

2. METODOLOGIA

A organização da ação desenvolveu-se em um período de três semanas. Durante a primeira, foram realizados estudos sobre a contação de histórias, assim como debates sobre o tema e a escolha do livro que seria trabalhado com as crianças da ONG Alimentar. Cumpre mencionar que contar uma história é divertir, estimular a imaginação. Mas, uma história bem contada também pode gerar interesse por um tema, favorecendo o processo de ensino e aprendizagem (TORRES; TETTAMANZY, 2008). Associado a isso, o teatro de fantoches tem se mostrado uma importante estratégia utilizada em diferentes contextos socioculturais, por conseguir abordar questões cotidianas de uma maneira interativa e descontraída (ANDRADE; TIBÚRZIO, 2022).

Dessa forma, consideramos que o livro "Balas, bombons e caramelos" seria adequado por conter a problematização do doce, que é muito oferecido às crianças, bem como a abordagem do correto processo de escovação. Além disso, nos

permitiria trabalhar com fantoches de animais, que é um dos principais elementos de interesse das crianças.

Na segunda semana, o planejamento foi organizado, a data da intervenção marcada e as responsabilidades individuais de cada membro do GEPI distribuídas. Momento em que criamos os fantoches referentes a cada um dos personagens do livro e um palco para levar ludicidade à prática, enquanto a coordenadora desenvolvia um roteiro adaptado de forma que a história se tornasse ainda mais interativa e imersiva, adaptando-se para integrar todos os participantes, pois há variedade etária entre as crianças, por fim, na última semana foram realizados os ensaios e finalizados os preparativos.

Além dos preparos específicos para a contação de história desenvolvemos outros materiais lúdicos, como ofícios para pintura e uma grande boca confeccionada com base em papelão e cartolina colorida, dentes representados por copos plásticos, uma grande escova representando a escova de dentes e um longo fio de lã servindo como fio dental, ilustrando o que seria a boca do protagonista da história, Pipo, com objetivo de ilustrar a forma correta de escovação e os processos realizados, permitindo que as crianças pudessem fazê-lo também, de forma que fixasse a teoria de maneira interativa e divertida.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O movimento de escuta iniciou-se desde o primeiro momento em que chegamos no Parque Dom Antônio Zattera e começamos a organizar o palco para a contação de histórias, onde as crianças se aproximavam para ver o que estava acontecendo e perguntar que atividade seria realizada junto a elas. No momento em que uma grande lona foi erguida para nos esconder durante a apresentação, um garoto se aproximou e comentou que ela parecia com uma das paredes de sua casa, trazendo sua vivência para aquele momento.

Durante a realização da atividade as crianças esboçaram animação, todas pareciam interessadas naquilo, pois era algo diferente, durante a contação a narradora e os fantoches introduziram perguntas sobre a realidade dos jovens, realizando ganchos sobre o objetivo da prática, que se tratava de explorar seus conhecimentos sobre higiene bucal e expor sua importância.

Finalizando a apresentação nos apresentamos aos jovens e conversamos com eles sobre o tema gerador da ação, a higiene bucal, alguns relatos sobre não terem costume de escovar os dentes surgiram com motivos de esquecer ou não possuírem escova, algo que deu gancho para a segunda atividade, pois nela o grupo utilizou uma grande boca feita de papelão e copos plásticos para introduzir a maneira correta de escovação, utilizando uma grande escova, finalizando com um fio dental representado por um longo fio de lã, após observarem e serem instruídas as próprias crianças começaram a praticar com o material lúdico sozinhas, algumas colocavam pedras e areia dentro da boca de papelão, para poder escovar a sujeira e deixá-la limpa.

A atividade de pintura serviu para incluir aquelas que não estavam interessadas em interagir com o grande grupo, assim como integrar os menores, onde foram realizadas conversas junto a eles com objetivo de compreender melhor suas concepções sobre o tema e se haviam entendido algo com a apresentação.

Durante o período do brincar as crianças pediram permissão para utilizarem os fantoches e, assim foi feito, observando-se que elas introduziram a temática da contação de história apresentada em suas brincadeiras, criando sua própria realidade com aqueles animais de papelão, conversando entre si e conosco

interpretando as personalidades dos personagens, trazendo sua narrativa para o cenário da brincadeira.

Por fim foram entregues a cada uma delas kits com escova, pasta de dente e fio dental, cedidos pela ONG Alimentar. As crianças ficaram animadas, aquele reforço sobre a importância da escovação e da higiene bucal aparentemente havia sido um sucesso. Como um grupo de pesquisa pudemos notar como a escuta daquelas é importante e que precisa ser estudada, surgindo questionamentos para próximos encontros, surgindo o tema do estudo individual da infância e vivência de cada uma delas.

4. CONCLUSÕES

Por meio do mecanismo de contação de histórias, utilizando o brincar como forma de pesquisa, foi possível descobrir e abordar o tema da higiene bucal, notando ser algo necessário a se desenvolver com aquele grupo específico descoberto em ações posteriores.

O resultado da prática da contação de histórias, assim como das demais atividades desenvolvidas, foi positivo, pois percebemos que as crianças compreenderam a importância de escovar os dentes, assim como o processo que é realizado com a pasta, a escova e o fio dental, isso pode ser analisado no momento em que nos distanciamos e deixamos que elas tomassem conta das atividades. Sozinhas partiram para a boca de papelão, escovando por conta os dentes de Pipo e realizando cada um dos processos com os recursos disponíveis, outras crianças pediram as marionetes para assumirem o papel de narradores, contando história semelhantes àquela que assistiram, mantendo o foco no tema abordado por nós.

Escutar as crianças e observar suas brincadeiras é uma forma de se comunicar com elas, perceber a maneira como enxergam o mundo, quando se entende isso é possível utilizar do lúdico para levar conhecimento a elas, assim como preparar questões relacionadas a sua realidade, buscando sempre facilitar sua compreensão e aprendizagem. A ação realizada não apenas ajudou a entendê-las melhor, mas também gerou outras pautas e discussões a serem desenvolvidas em futuros movimentos dentro do grupo de estudo e do projeto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, C; TIBÚRZIO, V. Teatro de fantoches como estratégia pedagógica para educação Ambiental no Ensino fundamental. **Revista Triângulo**, v. 15, n. 2, p. 171-186, 2022.

BRAGA, G. C.; KANTORSKI, L. P.; COIMBRA, V. C. C.; WILLRICH, J. Q. Crianças e o conhecimento de si próprias a partir de histórias infantis. **Revista de Enfermagem da UFSM**. [S.l.]. v. 5, n. 2, p. 327-338, 2015.

MACHADO, A. M. **Balas, Bombons e Caramelos**. Brasil, Editora Moderna, 2009.

TORRES, S; TETTAMANZY, A. Contação de Histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. **Nau literária**. Porto Alegre, RS. Vol. 4, n. 1 (jan./jun. 2008), p. 1-8, 2008.

EMAD JR.: A EMPRESA JÚNIOR COMO CATALISADORA DO CRESCIMENTO ACADÊMICO E PROFISSIONAL DOS ESTUDANTES DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS.

ENZO CAVALLIN BARBOZA¹; YASMIN MEDEIROS DE ALMEIDA²; FLÁVIA BRAGA DE AZAMBUJA³

¹Universidade Federal de Pelotas – enzo.cavallin@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – yasmin.ufpel@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – flaviaazambuja@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No Contexto atual, onde a velocidade das mudanças é cada vez mais dinâmica, as organizações buscam excelência em seus funcionários, não bastando apenas os conhecimentos técnicos para que o indivíduo se destaque no mercado e evolua em sua carreira, este precisa apresentar diferenciais perante os outros profissionais. Conforme destacado por READY, CONGER e HILL (2010), a identificação de indivíduos com alto potencial é uma prática comum nas empresas, ainda que muitas vezes ocorra de maneira informal. Esses indivíduos recebem atenção especial, visto que as organizações estão dispostas a alocar recursos no desenvolvimento dos seus futuros líderes.

Neste cenário, as Empresas Juniores (EJs) se apresentam como um diferencial na trajetória educacional de profissionalização dos indivíduos no mercado de trabalho. Na legislação vigente, relacionada à criação e organização de EJs, consta como objetivo fundamental estimular o espírito empreendedor e promover o desenvolvimento técnico, acadêmico, pessoal e profissional de seus membros associados por meio de contato direto com a realidade do mercado de trabalho (BRASIL, 2016).

A Emad Jr, Empresa Júnior do Curso de Administração na Universidade Federal de Pelotas, destaca-se desde sua fundação em 1999, sendo de considerável relevância para a unidade acadêmica e a universidade como um todo. Seu principal propósito é oferecer serviços de consultoria e assessoria em administração, além de promover eventos acadêmicos. A Empresa Júnior proporciona um ambiente propício para que os estudantes apliquem e expandam seus conhecimentos, beneficiando diversos cursos.

A empresa também fomenta a integração com a comunidade e empresas locais, contribuindo para o desenvolvimento econômico e social da região. Ainda, atende às demandas dos Projetos Pedagógicos relacionados à extensão universitária dos cursos que compõem o Centro de Ciências Sócio-organizacionais (cursos de Administração, Comércio Exterior, Gestão Pública, Processos Gerenciais e Turismo), e também, Ciências Econômicas, assim desempenhando um papel importante na formação e desenvolvimento de futuros profissionais da área.

O intuito deste resumo consiste em apresentar uma análise prática sobre impacto da empresa no percurso profissional de egressos dos cursos que compõem o Centro de Ciências Sócio-Organizacional da Universidade Federal de Pelotas, como também, identificar oportunidades de aprimoramento, geradas pela participação dos mesmos na empresa júnior durante o período acadêmico, visando fortalecer ainda mais a ligação entre a instituição de ensino e o mercado de trabalho. Além disso, busca-se aprimorar as práticas desenvolvidas pela

empresa, contribuindo para a melhoria contínua da experiência profissional e acadêmica dos membros.

2. METODOLOGIA

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa de natureza exploratória como seu método de pesquisa. Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário estruturado contendo quinze questões, que abrangiam tanto perguntas de resposta objetiva quanto dissertativa. A aplicação do questionário foi conduzida de maneira online, por meio da plataforma Google Forms. A escolha da amostra foi por conveniência, visto que todos os participantes foram membros da Empresa Júnior, proporcionando uma base consistente para a pesquisa.

A elaboração do questionário aplicado aos participantes teve como referência o estudo conduzido por LIMA ET AL (2023). Este enfoque visou investigar a perspectiva desses membros em relação à contribuição da empresa para seu crescimento profissional, bem como, o impacto percebido dessa organização na seleção de candidatos por parte dos empregadores. O questionário buscou avaliar a experiência dos entrevistados na empresa júnior e a sua percepção da qualidade dos serviços prestados por ela.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados um total de treze ex-membros da Empresa Júnior de Administração da UFPEL (Emad Jr). Desses entrevistados, 46% (6 participantes) eram do sexo masculino, enquanto 54% (7 participantes) eram do sexo feminino. Quanto à distribuição dos cursos de graduação, 77% dos entrevistados estavam cursando Administração, 15% Turismo e 8% Processos Gerenciais. Nenhum dos entrevistados cursou Gestão Pública ou Economia. No que diz respeito ao ano de ingresso na Emad Jr, 31% ingressaram em 2018, 23% em 2014 e também em 2017 e, por fim, 8% nos anos de 2000, 2010 e 2021, respectivamente.

No que concerne às diretorias da Empresa Júnior, a Diretoria de Marketing foi a mais procurada, com 43% dos entrevistados tendo participado dela. Em segundo lugar, com 29%, está a Diretoria de Gestão de Pessoas, seguida pela Diretoria Financeira, com 24%, e a Diretoria Comercial, com 5%. Notavelmente, 54% dos entrevistados permaneceram em apenas uma diretoria durante toda a sua experiência na Emad Jr., outros 8% participaram das diretorias de Financeiro, Marketing e Comercial, 15% atuaram nas diretorias de Financeiro e Marketing, 8% nas diretorias de Financeiro, Marketing e Gestão de Pessoas, e, por fim, 15% nas diretorias de Marketing e Gestão de Pessoas.

Entre os entrevistados, 24% ocuparam apenas a posição de assistente nas diretorias de Financeiro, Marketing e Gestão de Pessoas, respectivamente. Além disso, 15% foram promovidos ao cargo de diretor(a) de Marketing, 8% ao cargo de diretor(a) Financeiro e 8% ao cargo de diretor(a) de Gestão de Pessoas. Também, 16% dos entrevistados atuaram como assistentes nas diretorias de Financeiro e Marketing, bem como nas diretorias de Marketing e Gestão de Pessoas. Por fim, 31% dos entrevistados alcançaram a posição de Diretor(a)-Presidente.

No que diz respeito ao tempo de permanência na Emad Jr., 31% dos egressos permaneceram por 6 semestres, 31% por 4 semestres, 15% por 8 semestres, e 8% por 3, 5 e 7 semestres, respectivamente. Nenhum dos entrevistados permaneceu na Empresa Júnior por apenas 1 ou 2 semestres. Essa longa trajetória na Emad Jr. permitiu que os membros vivenciassem de forma

completa as experiências oferecidas pela empresa e desenvolvessem suas habilidades práticas ao longo da duração de seus cursos de graduação.

Quando questionados sobre a importância da Empresa Júnior na preparação dos discentes para o mercado de trabalho, 85% dos egressos responderam "Muito Bom" e 15% responderam "Bom", não havendo respostas negativas. Da mesma forma, ao avaliarem o impacto da Emad Jr. em suas formações profissionais, 77% responderam com "Muito Bom" e 23% com "Bom", também sem respostas negativas. Esses resultados indicam a significativa importância atribuída pelos ex-membros à Emad Jr., tanto no desenvolvimento de suas carreiras quanto na preparação para o mercado de trabalho. Isso pode ser atribuído ao contato prático com o mercado enquanto ainda estavam na graduação, envolvendo interações diretas com clientes, formulação de contratos e gerenciamento de documentos e impostos, aspectos essenciais para a administração de qualquer empresa.

Quando indagados sobre a valorização da experiência na Empresa Júnior por parte dos empregadores, 54% dos entrevistados afirmaram que a valorização é "Muito Boa", 31% consideraram-na "Boa" e 15% a classificam como "Moderada". Essa variação nas respostas sugere que a percepção dos empregadores sobre a importância da experiência em uma empresa júnior pode variar, embora a maioria dos entrevistados concorde com uma valorização positiva.

Além disso, 85% dos entrevistados acreditam que ter a Emad Jr. em seu histórico profissional influenciou a decisão de seus empregadores na hora da contratação, enquanto apenas 15% discordaram dessa afirmação. Isso indica que a maioria dos entrevistados acredita que sua participação na Emad Jr. teve um impacto positivo em suas contratações.

Quando questionados se acreditam que sua participação na Emad foi um diferencial em seus currículos, todos os entrevistados responderam afirmativamente, salientando a importância de se destacar em um mercado de trabalho competitivo.

Em relação às atividades desenvolvidas na Emad Jr., as duas mais mencionadas pelos entrevistados foram "networking" e "desenvolvimento de projetos", cada uma com 22%. Em seguida, com 20% das respostas cada, estão "contato com os clientes" e "trabalho em equipe", enquanto "participação em eventos" recebeu 18% das respostas.

No que diz respeito às competências desenvolvidas na Emad Jr., "responsabilidade" foi a habilidade mais mencionada, com 15% das respostas. Em segundo lugar, "criatividade" e "liderança" receberam 13% das respostas cada, seguidas por "relacionamento interpessoal", com 12%, e "organização", com 10%. As competências de "gestão estratégica" e "oratória" receberam 9% das respostas cada, enquanto "visão crítica-analítica" obteve 8%. A competência de "disciplina" foi mencionada por 6% dos entrevistados, e "pontualidade" foi a menos mencionada, com 5% das respostas.

Os entrevistados reconheceram de forma unânime a influência da Emad Jr. na aplicação prática dos conhecimentos teóricos adquiridos durante seus cursos de graduação. A organização proporcionou um ambiente propício para o desenvolvimento de habilidades por meio de atividades práticas em colaboração com empresas. Essa constatação destacou a comum lacuna entre teoria e prática na educação acadêmica, e a participação na Emad Jr. emergiu como uma solução eficaz para superar essa divergência.

4. CONCLUSÕES

Portanto, com base nos resultados, ficou evidente que a participação na Emad Jr., se revelou fundamental para a formação e preparação dos entrevistados para o mercado de trabalho. A experiência na organização proporcionou oportunidades práticas para aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula, preenchendo a lacuna entre teoria e prática na educação acadêmica percebida entre os mesmos. Também foi possível identificar através dos resultados o valor da Emad Jr. na construção de habilidades práticas, tais como: responsabilidade, criatividade e liderança; competências altamente relevantes no ambiente profissional.

Além disso, a pesquisa destacou a valorização positiva da experiência na Emad Jr. por parte dos empregadores, influenciando positivamente as decisões em suas contratações. Em suma, a Emad Jr. demonstrou ser um ambiente enriquecedor e impactante para o desenvolvimento dos ex-membros, preparando-os de forma eficaz para os desafios do mercado de trabalho. Além disso, a participação na empresa júnior foi reconhecida como um diferencial positivo no currículo, fortalecendo a empregabilidade e contribuindo para uma transição mais suave da academia para a prática profissional.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Lei Nº 13.267, de 6 de abril de 2016.** Disciplina a criação e a organização das associações denominadas empresas juniores, com funcionamento perante instituições de ensino superior. Acesso em: 03 de set 2023. Acesso em: 03 de set 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13267.htm

LIMA, J. C. A. O poder transformador da participação discente em empresa Júnior: ampliando horizontes profissionais e impulsionando a empregabilidade. **Trabalho de conclusão de curso**, 2023.

READY, A.D.; CONGER, J.A.; HILL, L.A. Are You a High Potential?. **Harvard Business Review**, Junho, 2010. Acesso em: 03 de set 2023. Disponível em: <https://hbr.org/2010/06/are-you-a-high-potential>.

LINGUAGEM E PEDAGOGIA JURÍDICA: TEORIA QUEER, UM CORPO “ESTRANHO”, A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA PÓS-ESTRUTURALISTA

VICTÓRIA DAS NEVES PORTO¹; ANA CLARA CORREA HENNING²

¹Universidade Federal de Pelotas – victorianevesporto@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – anaclaracorreaHenning@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca promover o pensamento crítico social pós-estruturalista no âmbito da pedagogia jurídica ao ensino do direito. Torna-se, apropriado, apontarmos temáticas emergentes que dialogam com o direito, de modo a romper o modelo pedagógico tradicional “estilo coimbrão”, tal qual, o papel da extensão nos currículos, que surge como uma das possibilidades metodológicas de oxigenação para os “velhos” saberes do ensino jurídico e para além do alcance social da pesquisa (TAGLIAVINI, 2017).

A extensão universitária como condutora de debates entre docentes e discentes, potencializa a democratização do conhecimento, ora na seara jurídica, ora na dignidade humana, aproximando questões culturais, políticas e sociais, possibilitando, portanto, o viés multicultural de alunas e alunos durante e para além da graduação (DIAS 2021).

A construção do pensamento questionador condutor pós-estruturalista entre a pedagogia e o direito, caracterizam balizas que fundamentam e delimitam a linguagem pedagógica, importante característica na formação metodológica de docentes das universidades, influenciando diretamente no currículo e no plano de aula que será ofertado aos discentes (GIL 2002), tanto no âmbito social, quanto cultural.

A relevância de se pensar e construir uma linguagem pedagógica jurídica reside justamente na necessidade de se buscar por um ensino renovado do direito, elegendo possibilidades para se repensar a educação e o exercício jurídico, conferindo-lhe novos contornos e facetas, contribuindo para o amplo pensamento democrático de alcance do direito como regulador da vida em sociedade, alcançando aqueles carentes de tutela jurídica.

2. METODOLOGIA

Apresentado mediante revisão bibliográfica, este texto trata das balizas que delimitam e fundamentam a linguagem Pedagógica Jurídica, utilizando-se de diversos meios pós-estruturalistas e indo de encontro ao viés preponderantemente voltado ao ensino e aplicação tradicional do Direito.

O presente trabalho trata-se de estudo documental do currículo da Faculdade de Direito, mediante investigação curricular, revisão qualitativa bibliográfica (REGINATO, 2017) e pesquisa documental (KRIPKA; SCHELLER; BONOTTO, 2015).

Realizado a partir de produtos do projeto "FORA DA CAIXA" desenvolvido por alunas e alunos integrantes da disciplina de Introdução ao Direito da Faculdade

de Direito – UFPEL em parceria com o Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão “Inventar: arte e construção do conhecimento jurídico”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O campo do ensino jurídico, seja em nossas academias, ou mesmo, na prática docente, é permeado por metodologias e métodos de ensino tradicionais, presentes na atuação do(a) professor(a), seus planos de aula e refletidos nos métodos avaliativos propostos (GIL 2002), apenas para citar comportamentos frequentes da atuação docente de nossos mestres.

Desse modo a linguagem abordada, a educação fomentada e as práticas pedagógicas junto a teoria queer na compreensão de um corpo em sua totalidade (LOURO, 2018), compõem os quatro pilares eleitos o corpus investigativo do presente trabalho, de modo a promover a diversificação dos meios de ensino presentes nos currículos dos cursos de Direito.

Linguagem, na sala de aula: ali, repleta de dogmas, ritos e tradições (ANASTASIOU, 2015), *themis* e sua *venda* são presenças constantes no conteúdo do semestre.

Educação, seja em nossas academias, seja na pesquisa jurídica, de modo a provocar o olhar questionador de alunas e alunos, no rol cultural, social, histórico e contemporâneo (DIAS, 2021). Pedagógica, condutora na aproximação de demandas sociais pertinentes,

inovações metodológicas de ensino, balizas que delimitam e fundamentam a linguagem pedagógica jurídica de modo promover o debate pedagógico entre docentes e discentes, de modo a promover a potencialização da democratização do conhecimento, rompendo com o viés preponderantemente voltado ao ensino tradicional (ARAÚJO 2013).

Teoria Queer, um corpo estranho no ensino jurídico, bem como deslocamento das construções de gênero ocidentais como as conhecemos tradicionalmente. Mas, igualmente, contemplar as mais variadas temáticas sociais e jurídicas, Teoria Queer: projeção de um corpo na sociedade, bem como este se verá obrigado a obedecer as normas que regulam sua cultura, (BUTLER 1999), evidenciar um corpo em sua totalidade.

Torna-se apropriado apontarmos que promover pluralidade no ensino de graduação, político, social e cultural, sobretudo para apostar na formação de um bacharel mais humanista e questionador, é formar alguém capaz de ser agente de transformação social, dimensionando a noção de eficácia e alcance do Direito, de modo a provocar, ali: na sala de aula, o pensamento para além da graduação e suas práticas atuantes com um olhar fora da ca

4. CONCLUSÕES

O A fundamentação do pensamento pós-estruturalista nos currículos e planos de aula, possibilita possibilidades de dialogar com temáticas, por vezes deslegitimadas pela academia ou ainda, abordadas em modalidade optativa, promovendo a proximidade com a realidade social em âmbito extra-acadêmico, evidenciando a tutela do direito à dignidade do corpo social e político de indivíduos a partir do embasamento ligado a Teoria Queer.

Reforça-se, com isso, a relevância da utilização de temas como a Teoria Queer em âmbito jurídico, em sua busca por evidenciar a dignidade do indivíduo em matéria social e cultural, produzindo o contato com temas inovadores e gradu

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANASTASIOU, L.; ALVES, L. P. **Processos de Ensino na Universidade: Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. 10. ed. Joinville: Editora Univille, 2015.

ARAÚJO, L. C. S. **A atuação do pedagogo no campo jurídico**. Anais da VI JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS. Cidade Universitária da UFMA. São Luis – MA – Brasil 20 a 23 de agosto de 2013.

BUTLER, Judith. **"Meramente Cultural"**. El Rodaballo. Trad. Alicia de Santos. Buenos Aires: Ano. V. n. 9, 1998/99.

DIAS, Renato Duro. **Extensão universitária nos cursos de graduação em direito**. Revista Quaestio Iuris, v. 14, n. 01, p. 21-39, Rio de Janeiro, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **O estilo de Atuação do Professor Universitário - Uma questão de ênfase**. São Paulo, Atlas S.A, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho - Ensaio Sobre Sexualidade e Teoria Queer**. Recife: Autêntica, 2018.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Recife: Autêntica, 2012.

TAGLIAVINI, J. V. **O DNA dos cursos de Direito no Brasil: de Coimbra a Olinda (Recife) e São Paulo**. Revista de Pesquisa e Educação Jurídica, Maranhão, v.3, n. 2, p. 109-129, jul/dez, 2017.

EXPOSIÇÃO DO PROJETO BIOTEC INVADE A ESCOLA NA FENADOCE

MARIANA PINTO DA MOTA GOMES¹; VERA LUCIA BOBROWSKI²; LUCIANA BICCA DODE³

¹ Universidade Federal de Pelotas – gomesmmariana13@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – vera.bobrowski@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – lucianabicca@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Uma Universidade enquanto instituição educativa é ancorada sobre os pilares do ensino, da pesquisa e da extensão universitária, extensão acadêmica, que, de forma indissociável, devem ser responsáveis pela formação dos estudantes. Diante disso, seu papel social é o de fomentar ações educativas a fim de construir uma cidadania que almeja a transformação social, a conquista dos direitos (civis, políticos e sociais) individuais e coletivos, mantendo-se num constante diálogo com a sociedade (NOGUEIRA, 2000; JÚNIOR, 2013).

Além disso, cabe ressaltar que os estudantes extensionistas ao participarem dessas ações, ganham uma dimensão de dialogicidade, de inter relacionamento e de sólida contextualização da realidade, uma vez que nela permite-se o diálogo entre os conhecimentos acadêmicos e culturais, possibilitando a democratização do saber e a participação da comunidade em suas atividades, somado a produção de novos conhecimentos a partir do confronto com diversos níveis da realidade (JÚNIOR 2013).

Partindo desta perspectiva, o presente trabalho visa promover a familiarização ao curso de biotecnologia, pelos integrantes do grupo e pela comunidade em geral, transformando o espaço universitário em um ambiente mais lúdico e participativo para a comunidade. Deve-se a isso, a escolha do 29º evento da FENADOCE, na cidade de Pelotas, já que os estandes recebem pessoas das mais variadas regiões, etnias e nichos sociais.

2. METODOLOGIA

Foram realizadas reuniões semanais com o grupo do projeto, nas quais eram discutidas as temáticas que seriam abordadas, aquelas que iriam entreter melhor o público-alvo. Desta forma, foram confeccionados cartões para jogos, um *banner* sobre o curso de biotecnologia e a elaboração de uma apresentação em *slides*, a fim de facilitar a compreensão dos visitantes do estande da UFPEL.

Diante disso, cada discente do projeto ficou responsável por uma das explicações sobre o curso: as áreas de atuação com maior destaque a biotecnologia vegetal, as principais nuances de pesquisa dos laboratórios de biotecnologia da Federal de Pelotas e a biotecnologia no cotidiano.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No dia do evento, todos os integrantes responsáveis por esta ação extensionista no estande da FENADOCE estavam presentes, nela se teve uma

resposta positiva, pois o público demonstrou interesse na proposta: os pais das crianças se mostraram, de modo geral, mais desinibidos. Então, fizeram diversos questionamentos sobre vacinas, medicamentos e tiveram bastante interesse na biotecnologia amarela, aquela que envolve a fabricação de cerveja e de alimentos fermentados, os quais alegaram usufruir mais no dia a dia e salientaram não saber do envolvimento da biotecnologia nesses processos. Ainda, tiveram calouros da Universidade, de cursos de outras áreas da ciência, que aproveitaram o momento para se aprofundarem no tema proposto (Figura 1).

Figura 1. Interações das crianças com os alunos do projeto Biotec Invade a Escola no estande da UFPEL



Para além disso, como explanado anteriormente, o ato de promover estas atividades auxiliam os docentes, já que nos permite exercitar e colocar em prática o nosso referencial teórico e, sobretudo, adquirir novos saberes, deste tipo de troca que ocorre, majoritariamente, em ações extensionistas (Figura 2).

Figura 2. Apresentação do curso de biotecnologia no evento da FENADOCE



4. CONCLUSÕES

Com este trabalho, foi possível levar os conhecimentos a respeito da biotecnologia, por meio de uma conversa mais lúdica e abrangente, para um público-alvo bastante plural, devido à escolha de um evento turístico da cidade, permitindo que este tema seja visto com mais clareza pela população. De maneira que elas possam identificar as diversas formas que este âmbito da ciência encontra-se presente no cotidiano e, assim, instigá-las a buscar por esta área, ao optarem por fazer este curso de graduação, ou ao realizar processos biotecnológicos com seus familiares, seja em seus lares, seja em ambiente de trabalho.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JÚNIOR, A. L. S. **Universidade e Sociedade: Uma Relação Possível pelas Vias da Extensão Universitária**. Sinopse da Pesquisa de Doutorado em Educação intitulada: "A extensão Universitária e os entrelaços de saberes". Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia. 2013.

NOGUEIRA, M. D. P. Extensão universitária: diretrizes conceituais e políticas. **Documentos básicos do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras 1987 – 2000**. Belo Horizonte: UFMG/PROEX; FORPROEX, 2000.

RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O PROJETO DE EXTENSÃO: PREVENÇÃO DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

ANA CAROLINA DALZOTTO BROGLIO¹; CAROLINA SOUZA GRUTZMANN²;
GREICE CARVALHO DE MATOS³

¹Universidade Católica de Pelotas – ana.broglio@sou.ucpel.edu.br

²Universidade Católica de Pelotas – carolina.grutzmann@sou.ucpel.edu.br

³Universidade Católica de Pelotas – greicematos1709@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) são causadas principalmente por vírus e bactérias e são transmitidas por meio do contato sexual sem o uso de preservativo. Nos últimos dez anos foram registrados um aumento de 64,9% das IST's entre jovens de 15 a 19 anos e de 74,8% para os de 20 a 24 anos (LOURENÇO,2021). Visto isso, o Projeto de Extensão “Prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis” é um dos projetos extensionistas que a Universidade Católica de Pelotas (UCPEL) oferece aos acadêmicos visando proporcionar conhecimento e experiências além do currículo acadêmico. A extensão contribui para uma formação integral e é importante para promover uma educação de qualidade (COELHO,2014). Dessa forma, entende-se que este e todos os outros projetos de extensão são fundamentais para os alunos, sendo considerados uma ferramenta pedagógica poderosa e que merece ser ampliada cada vez mais com intuito de articular a universidade e sociedade por meio de diversas ações. Frente ao exposto, o presente trabalho tem como objetivo relatar as atividades extensionistas do projeto de extensão “Prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis”.

2. METODOLOGIA

Baseia-se em um relato de experiência de acadêmicas de medicina que são integrantes do projeto de extensão “Prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis” que tem como objetivo oferecer à população em geral um acesso de qualidade ao diagnóstico e informações sobre prevenção. Visto isso, o projeto organiza ações, por meio de testagem rápida extramuros e palestras de prevenção de IST's. Nas ações extramuros são realizados os testes rápidos, aqueles cuja execução e interpretação dos resultados são feitas em aproximadamente 30 minutos, pois são de fácil execução e não necessitam de laboratório. Durante as ações é assentado a quantidade de pessoas que realizaram os testes, os resultados e as informações pessoais caso seja necessário contato para seguimento. Além disso, o projeto disponibiliza preservativos e auto testes de HIV, folhetos explicativos sobre as IST's e informações sobre a Profilaxia Pré-Exposição (PrEP). No que tange as palestras de prevenção, estas são realizadas por meio de rodas de conversas, acolhimentos e palestras nas escolas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento as ações realizadas pelo projeto foram: ação do dia da mulher com testagem rápida de IST's no cadastro único da Secretaria de Assistência Social no dia 08/03/2023, sendo realizados 40 testes de cada agravo e tendo como resultado nenhum reagente, uma ação na UFPEL: PrEP itinerante, realizada no dia 14/04/2023, em que foram feitos 61 testes rápidos de cada agravo e 8 dispensação da PrEP, uma ação de testagem no CEREST dia 11/05/2023: Ação de testagem saúde do trabalhador, realizada para trabalhadores do transporte coletivo, sendo realizados 29 testes rápidos de cada agravo, onde teve-se um caso de hepatite C, uma palestra dia 30/05/2023 sobre prevenção de ISTS's na escola Monsenhor de Queiroz, uma roda de conversa com o grupo de mulheres vivendo com HIV vinculado ao Serviço Especializado em HIV/AIDS nos dias 30/05/2023, 25/06/2023 e 22/08/2023, uma ação de testagem rápida no CRAS Fragata dia 31/05/2023, em que foram realizados 35 testes de cada agravo, sendo um resultado de sífilis reagente, uma ação de testagem rápida no CAPS Escola, dia 12/06/2023 com 18 testes rápidos, uma ação do julho amarelo dia 28/07/2023: Ação extramuros de testagem rápida no mercado público, sendo realizados 168 testes, com um reagente para Hepatite C e dia 08/08/2023 uma ação no Campus Anglo: PrEP itinerante, em que foram realizados 12 PrEPS e 68 testes rápidos de cada agravo. Diante das ações e testagens já realizadas percebeu-se um grande percentual de pessoas que desconhecem quais são as ISTs e como ocorre o contágio. E um número ainda mais expressivo, desconhece o que é a Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) e que ela é disponível gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Na palestra realizada percebeu-se que os adolescentes possuem interesse pela temática mas possuem pouco conhecimento sobre as IST's. Um estudo de revisão de literatura reforçou que, principalmente os adolescentes, têm um conhecimento superficial do assunto, sendo resultado dos tabus envolvidos e não interesse ou aprofundamento do assunto. Ademais, durante algumas ações foram relatados pelas próprias pessoas que foram realizar as testagens que já tiveram o contato com Sífilis e mesmo esse número sendo pequeno é considerado preocupante, haja vista que nota-se um descuido e falta de informação.

4. CONCLUSÕES

O trabalho permitiu relatar como funciona o Projeto de Extensão “Prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis”. Assim, conclui-se que há uma necessidade ainda maior em continuar as ações a fim de garantir a promoção da saúde, disseminando conhecimento e as práticas relacionadas ao comportamento dos indivíduos que podem resultar em riscos à vida. Os projetos de extensão devem buscar solucionar problemas existentes, de interesse e necessidade da sociedade. Dessa forma, o aluno extensionista do projeto terá a oportunidade de se envolver em ações de conscientização, de realizar testes rápidos e aprofundar seus conhecimentos diante da temática do projeto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONHECIMENTO INTERCAPS SOBRE EDUCAÇÃO FÍSICA (CICAPEF): A IMPORTÂNCIA DA EXTENSÃO PARA A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE GRADUANDOS E PROFESSORES CONECTADOS COM A SOCIEDADE ATUAL. Revista Extensão, Ufrb: Revista Extensão, Ufrb, v. 01, mar. 2023.

VIEIRA, Flaviana. **Educação sexual na adolescência: importância na prevenção de infecções sexualmente transmissíveis.** 2022. 32 f. Monografia (Especialização) - Curso de Ciência Biológicas, Instituto Federal do Espírito Santo, Coordenadoria do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas., Santa Teresa, 2022.

Atualização do Caderno de Atenção Básica 18: **HIV/Aids, Hepatites Virais, Sífilis e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção Primária à Saúde, Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis.** – Brasília : Ministério da Saúde, 2022

Lima GS, Souza LV, Farias MR, Caldeira AG, Aoyama EA. **Conhecimento dos adolescentes com relação às Infecções Sexualmente Transmissíveis.** Rev Bras Interdiscip Saúde - ReBIS. 2022; 4(3):12-9

HISTORIADOR, PROFESSOR, PODCASTER E YOUTUBER: ENSINO DE HISTÓRIA E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA ATRAVÉS DO PODCAST CATA-EHVENTOS

ARTHUR GARCIA BETEMPS¹; WILIAN JUNIOR BONETE²

¹Universidade Federal de Pelotas – agbetemps@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - wjbonete@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente texto tem por objetivo apresentar o projeto de extensão intitulado “*Cata-Ehventos: um podcast sobre o que acontece no campo do Ensino de História*”, criado e desenvolvido pelo Laboratório de Ensino de História (LEH) da UFPel em parceria com o LABORALES (UFVJM), e coordenado pelo Prof. Dr.º Wilian Bonete (UFPel) com o apoio da professora Dr.ª Rosiane Bechler (UFVJM) e que visa a divulgação científica no formato de mídia de áudio, popularmente conhecida como *podcast*, a respeito das temáticas relacionadas ao campo do ensino de História.

No mundo transformado de hoje, há que se propor um novo quadro teórico, mais aberto, mais maleável, como a própria contemporaneidade (Silva, Silva, 2013) que nos apresenta um cenário de constante crescimento de consumo de podcasts, atingindo impressionantes 40% do total de brasileiros que afirmam ter ouvido algum tipo de podcast nos últimos 90 dias, segundo pesquisa IBOPE de 2022. Diante disso, usamos as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação para ampliar o alcance de reflexões e pesquisas sobre o ensino de História. Buscamos uma linguagem acessível para enriquecer o debate para além do ambiente acadêmico, abrangendo diversas dimensões dos envolvidos no projeto, como coordenadores, docentes, pesquisadores e historiadores convidados.

A opção pelo tipo de mídia se deve à facilidade de acesso, distribuição e armazenamento em agregadores online gratuitos, oferecendo aos ouvintes as comodidades do consumo sob demanda, possibilitando uma sensação de liberdade na sua relação com o conteúdo ao permitir que seja possível escolher seus programas preferidos sem depender exclusivamente de conteúdos previstos em uma grade de programação (Souza, 2017) e na esteira de outro bem-sucedido projeto de *podcast*: “*Arranjos: laborações da História na formação docente*” que tinha como objetivo principal propor novas formas de pensar e fazer circular os conhecimentos históricos e a docência (Bechler et. al. 2022). Assim, por meio da criação e divulgação de um podcast, buscamos compreender e analisar os resultados e significados deste projeto e sua produção de conteúdo histórico.

2. METODOLOGIA

Elaboramos e produzimos o *podcast* “*Cata-Ehventos*” nas instalações do LEH localizado no Instituto de Ciências Humanas (ICH) da UFPel. A escolha dos temas sempre se baseia nas pautas em evidência e debate na mídia e no âmbito acadêmico, daí o nome do quadro principal: “*Tá na Mídia*”. Exemplo disso é o último episódio que aborda os sucessivos e criminosos casos de racismo sofridos em gramados espanhóis por Vinícius Júnior, jogador de futebol do Real Madrid da

Espanha e da Seleção Brasileira, escolhido devido a urgência que o combate ao racismo e uma educação antirracista demandam. Para falar sobre a temática da educação antirracista, nós convidamos a historiadora Dr.^a Ana Lúcia da Silva (UNIFAL) e o Dr. Itan Cruz (UFBA), colunista do Portal UOL, ambos com relevante produção nas temáticas antirracistas.

Cada episódio deve ter em médio 50 minutos de duração e é dividido nos seguintes quadros: 1) **Introdução**: quadro destinado a trazer introduzir o projeto e o conteúdo do episódio em questão, como o tema principal e os convidados; 2) **Anota aí**: destinado a divulgação de eventos sobre o campo do ensino de História para aqueles que queiram participar dos mesmos; 3) **Tá na Mídia**: quadro principal do episódio que inclui convidados de notável produção teórica acerca do tema em questão para debates e reflexões pelo viés do campo historiográfico; 4) **Esse é para Salvar**: último quadro do programa, destinado a divulgar uma obra (livro) disponível gratuitamente ao público na página oficial do LEH/UFPEL. Distribuimos os episódios completos em áudio nos principais agregadores de podcasts, como *Spotify*, *Google Podcasts* e *Amazon Music*. O quadro principal "Tá na Mídia" estreia ao vivo em vídeo no canal do LEH/UFPEL no YouTube e, adicionalmente, lançamos "Cortes do Cata", um canal de vídeos com trechos relevantes dos episódios para ampliar alcance e interação, especialmente entre públicos que preferem conteúdo mais conciso. Essa estratégia visa expandir a divulgação científica na área de ensino de História, tornando-a atrativa para diversos públicos e impulsionando a escolha por nosso podcast.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após um episódio piloto lançado em 2021, o projeto do *podcast* "Cata-Ehventos" entra em execução no formato atual em Março de 2022 e atualmente encontra-se na 3ª temporada e um total de 27 episódios produzidos e 102 seguidores somente no *Spotify* até o momento da escrita deste texto. Ao todo, os episódios somam 848 reproduções nas mais diversas plataformas, sendo que 37,9% dos ouvintes concentram-se no *Spotify*, outros 34,5% ouvem pela *Amazon Alexa*, 10,3% pelo *Google Podcasts* e outros significantes 6,9% dos ouvintes utilizam a plataforma *ExoPlayer*.

De acordo com os dados fornecidos pelo *Spotify*, 81,8% dos ouvintes são do gênero masculino, enquanto apenas 18,2% do público são do gênero feminino e destes 91% se encontram na faixa-etária dos 28 aos 44 anos, enquanto 9,1% dos ouvintes estão na casa dos 23 aos 27 anos de idade. Os dados ainda nos mostram o incrível alcance de nossa produção, culminando numa diversificação nacional do público ouvinte, com 42% consumindo o projeto desde a Espanha, passando por 3% ouvindo desde o México, outros 2% dos Estados Unidos, 1% da Romênia até outros percentuais menos relevantes de países como a República da Irlanda, Alemanha, Canadá, Equador, Colômbia e Portugal.

Como vídeo no *YouTube* o "Cata-Ehventos" é responsável por 82,7% das visualizações de todo conteúdo gravado do canal do LEH/UFPEL, somando mais 469 visualizações. Enquanto nas transmissões ao vivo somos responsáveis por cerca de 10% das quase 6 mil visualizações até o presente momento, abarcando um público de maior diversidade etária e de gênero, já que o público do canal do LEH é majoritariamente feminino, totalizando 54,7%, em contraste com o público majoritariamente masculino que ouve o "Cata-Ehventos" nos agregadores de podcasts.

4. CONCLUSÕES

Através de diálogos entre pesquisadores e professores de História, vindos de variadas formações e culturas, nosso projeto enriquece o conhecimento histórico e promove intercâmbio intelectual amplo. Isso amplia horizontes no ensino de História e favorece uma visão pluralista da profissão docente.

O projeto “*Cata-Ehventos*” se desenvolve a partir da noção da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Todas as reflexões que são apresentadas pelas convidadas e convidados, assim como nas resenhas de livros selecionados, são fundamentadas em experiências escolares, vivências universitárias e na criação de diferentes formas de disseminação do conhecimento histórico científico na sociedade.

Nossas discussões inspiram novas pesquisas, incentivam o pensamento crítico e tornam o campo mais inclusivo. Valorizar a diversidade, fortalece a igualdade e a representatividade, abrindo espaço para vozes marginalizadas e instigando futuras gerações a promover colaboração, respeito e justiça na sociedade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHLER, Rosiane; BONETE, Wilian; PACIEVITCH, Caroline; SZLACHTA JUNIOR, Arnaldo. **Arranjos**: Laborações da História na Formação Docente. Revista NUPEM, Campo Mourão, v. 14, n. 33, p. 117-135, set./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/nupem/issue/view/353>. Acesso em: 18 ago. 2023.

SILVA, P. C.; SILVA, M. C. **Em busca de um conceito de comunicação**. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, [S. l.], v. 9, n. 16, 2014. Disponível em: <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/62>. Acesso em: 31 ago. 2023.

SOUZA, R. F. de. **O podcast no Ensino de História e as demandas do tempo presente**: Que possibilidades?. TransVersos: Revista de História, Rio de Janeiro, n. 11, dez. 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/31585>. Acesso em: 26 ago. 2023.

Kantar IBOPE MEDIA. **Inside Radio 2022**, Setembro de 2022. Disponível em: <https://kantaribopemedia.com/conteudo/estudo/inside-radio-2022/>. Acesso em: 28 ago. 2023.

ARRANJOS: Laborações da História na formação docente. Diamantina (MG): LABORALES da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), 2021. Podcast. Disponível em: <https://laboralesufvjm.blog/arranjos/>. Acesso em: 28 ago. 2023.

CATA-EHVENTOS: O caso Vini Jr. e o racismo na sociedade contemporânea: Reflexões e abordagens para uma educação antirracista. Entrevistados: Ana Lúcia da Silva, Itan Cruz. Entrevistadores: Wilian Junior Bonete. Pelotas: Laboratório de Ensino de História da UFPEL, 31 jan. 2013. Podcast. Disponível



em: <https://open.spotify.com/episode/3x8tJAGrRRjC2gPplfRNmX>. Acesso em: 28 ago. 2023.

SANKOFA - MOVIMENTOS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

CAROLINE SILVA SANTOS¹; NATÁLIA DA SILVA BRAGA²; PATRICK MARCONDES LEÃO DE SOUZA³; TANISE BAPTISTA MEDEIROS⁴; MONICA MARIA CELESTINA DE OLIVEIRA⁵; ALINE AVER VANIN⁶

¹UFCSPA – *caroline.santos@ufcspa.edu.br*

²UFCSPA – *nataliasb@ufcspa.edu.br*

³UFCSPA – *patrickms@ufcspa.edu.br*

⁴UFCSPA – *tanise@ufcspa.edu.br*

⁵UFCSPA – *monica@ufcspa.edu.br*

⁶UFCSPA – *alinevanin@ufcspa.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

O Programa de Extensão “Sankofa – movimentos para uma educação antirracista” promove o debate acerca das relações étnico-raciais e dos estudos africanos, afro-brasileiros, indígenas e quilombolas, qualificando a formação crítica e reflexiva da comunidade interna e externa da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Seu principal papel é realizar ações que contribuam para a consolidação de uma educação antirracista. O programa busca realizar ações no âmbito das Instituições de Ensino Superior no que concerne à Política de Ações Afirmativas e às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais.

No Brasil, com mais da metade da população formada por pretos e pardos, as universidades, principalmente as públicas, sempre foram um reduto quase exclusivamente branco. Políticas de ação afirmativa têm procurado modificar esse quadro de exclusão. Em 2001, o país foi signatário de um documento redigido defendendo a adoção de medidas positivas para a população negra nas áreas de educação e trabalho. A partir da adesão do Brasil a esse documento, e com a articulação de movimentos negros e outros grupos, no início do século XXI, várias universidades públicas do país passaram a adotar programas de ação afirmativa, principalmente através do sistema de reserva de vagas (MACHADO, 2013).

Mesmo sob esse panorama, ainda hoje reconhece-se ausência da diversidade étnica na estrutura da comunidade acadêmica, majoritariamente branca, e que a sub-representação de certos grupos em instituições e posições de maior prestígio e poder passa, nessa perspectiva, a ser considerada um reflexo da discriminação social (OLIVEN, A., 2007).

2. METODOLOGIA

Com origem em 2021, atualmente o Sankofa é dividido em dois projetos: o Raça nas Comunidades e o Mate Masie. Durante o ano de 2022, contou também com um terceiro: o PretoPod, que hoje segue como um projeto independente. O Raça nas Comunidades leva à comunidade externa informações facilitadoras sobre formas de ingresso e permanência no ensino superior público e sobre as ações afirmativas e mecanismos institucionais e legais de garantia de direitos, auxílio e permanência. Informativos elucidados por discentes já inseridos na universidade, que, além da experiência de âmbito acadêmico, podem dividir também suas experiências pessoais compartilhando identificação com os públicos. Em 2022, os universitários do Coletivo Negro Raça da UFCSPA promoveram rodas de conversa de aproximadamente 1h 30min com estudantes do Ensino Médio e da

EJA de escolas públicas de Porto Alegre e outros espaços não escolares. As primeiras ações aconteceram no Centro da Juventude Rubem Berta, onde dois encontros foram realizados e contaram com a presença de cerca de 50 jovens. Além disso, o Raça nas Comunidades também esteve presente em uma das atividades do Projeto de Extensão Feira de Saúde, realizado na Escola Liberato Salzano Vieira da Cunha, no bairro Sarandi. Na ocasião, os integrantes do projeto fizeram rodas de conversa sobre acesso e permanência no ensino superior com jovens que finalizavam o Ensino Fundamental e também com seus docentes. A utilização de materiais instrucionais digitais desenvolvidos durante o período de isolamento pandêmico, quando as atividades presenciais não eram possíveis, são utilizadas como complemento informativo. Nesses materiais, estão listados, por exemplo, cursinhos populares e bibliotecas comunitárias da cidade de Porto Alegre com dados úteis aos interessados. No ano de 2023, os voluntários organizaram a primeira visita ao Quilombo dos Machados, no bairro do Sarandi, com o intuito de inicialmente conhecer os jovens quilombolas e entender sua realidade em relação ao acesso ao estudo para, assim, compreender qual o caráter das ações que o programa deveria adotar frente àquela comunidade.

O Projeto Mate Masie trata-se de um grupo de estudos acerca das temáticas da cultura negra, africana, afro-brasileira, indígena e das relações étnico-raciais, por meio da análise de elementos de arte e cultura, como textos, músicas e obras audiovisuais. Durante os anos de 2021 e 2022, o projeto estabeleceu encontros quinzenais, por meio da plataforma Google Meet, com duração de, aproximadamente, 1 hora e 30 minutos. Os materiais a serem abordados eram enviados previamente, por e-mail, aos participantes que se inscreviam através de um link disponibilizado no Instagram do projeto. Os encontros foram mediados com o apoio de textos, capítulos de livros, músicas e/ou obras audiovisuais. No ano de 2023, o Mate Masie colaborou com o Círculo de Leituras Latino-Americanas que consistiu em três encontros presenciais a fim de promover o debate e a reflexão a partir de livros escritos por mulheres e suas vivências cotidianas na América Latina. No primeiro encontro, a obra abordada foi “Solitária” de Eliana Alves Cruz. No segundo, “Por que você voltava todo verão” da escritora argentina Belén López Peiró. E, no terceiro e último encontro, “O parque das irmãs magníficas” de Camila Villada.

O PretoPod é um podcast mensal, divulgado em redes sociais e plataformas de áudio, que aborda as pluralidades do povo preto, mostrando que as pessoas negras podem atuar em diversas áreas e dominar de qualquer assunto. Apresentado por alunos negros da UFCSPA e com participações especiais como da Dra. Jaqueline Goes de Jesus, a biomédica que coordenou a equipe responsável pelo sequenciamento do genoma do vírus SARS-CoV-2, João Luiz Pedrosa, professor de geografia e também ex-BBB, a MC Soffia e Karol Conká, artistas musicais, Erika Hilton, deputada federal, trata das temáticas mais diversas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com as visitas ao Centro da Juventude Rubem Berta, o Raça nas Comunidades contemplou cerca de 50 jovens multiplicadores; Isso significa que as informações e conhecimentos compartilhados sobre acesso e permanência à universidade pública serão divulgados por esses jovens a seus pares, potencializando o efeito da ação. A participação no Projeto de Extensão Feira de Saúde na Escola Liberato Salzano Vieira da Cunha possibilitou que aqueles estudantes iniciassem

o ensino médio com noções importantes para almejar o ingresso no ensino superior e reforçou aos docentes a importância de auxiliar os alunos na busca por essa oportunidade. Com as ações do ano de 2023, a parceria com a liderança possibilitou a apresentação das condições de acessos gerais daquela comunidade aos seus direitos civis para a elaboração futura de ações que sejam assertivas à realidade quilombola, e assim, auxiliem de fato no estabelecimento de condições que levem os jovens a se interessarem e buscarem o acesso às universidades públicas. Além disso, a parceria estabelecida vem proporcionando uma troca de influências em ambas as comunidades, como com a participação do líder do Quilombo dos Machado, Jamaica, no NEABI UFCSPA - inaugurado em setembro de 2023 - e na disciplina de Relações Étnico-raciais com uma aula aberta sobre “Território e Territorialidade”. Os encontros virtuais do Mate Masie abordaram temáticas étnico-raciais fundamentais para a construção de uma universidade antirracista; entretanto, se tornou evidente como os assuntos costumam chamar a atenção apenas de pessoas já comprometidas com a luta antirracista. Os encontros do Círculo de Leituras Latino-Americanas contaram com a participação da comunidade interna e externa da UFCSPA e trouxeram uma forma de pensar sobre as experiências múltiplas e diversas que atravessam os corpos de mulheres trabalhadoras, negras, indígenas, quilombolas, travestis e transexuais, que vivem no sul deste continente tão lesado pela violência colonial. Por último, o PretoPod - que por questões organizacionais se tornou um projeto independente do Sankofa no ano 2023 - se desenvolve com impacto positivo na disseminação de informações e no diálogo construtivo sobre questões relacionadas à comunidade negra. Até o presente momento, o projeto elaborou a publicação de 26 episódios e acumula mais de 1900 reproduções. Diante do exposto, relata-se que este Programa recebeu menção de Destaque no 23º Salão de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

4. CONCLUSÕES

Salienta-se que os projetos, em seu conjunto, têm provocado reflexões sobre a representatividade social e racial não só no âmbito da comunidade acadêmica, mas para além dos muros da universidade. Ao discutir temáticas ligadas às relações étnico-raciais e suas intersecções, informar que o acesso e a permanência ao ensino superior público por pessoas historicamente minorizadas e vulnerabilizadas é possível, e ao transmitir que essas mesmas pessoas têm espaço para se expressar, o Programa Sankofa se propõe a visibilizar a presença de pessoas negras e indígenas em espaços que historicamente sempre foram tomados esmagadoramente por pessoas brancas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OLIVEN, A; BELLO, L. Negros e indígenas ocupam o templo branco: ações afirmativas na UFRGS. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.23, n.49, p. 339 - 374, 2017.

MACHADO, E. A. **Ação afirmativa em questão: Brasil, Estados Unidos, África do Sul e França**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

PROJETO GASTRONOMIA EM EXTENSÃO NO FESTIVAL DE GASTRONOMIA DA FENADOCE 2023: DOCE SABOR DE INFÂNCIA

LAURA DA SILVA DUARTE¹; CHIRLE OLIVEIRA RAPHAELLI²; TATIANE KUKA VALENTE GANDRA³

¹Universidade Federal de Pelotas – lauraduarte1102@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - chirleraphaelli@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – tkvgandra@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Organizada anualmente, entre maio e junho, pela Câmara de Dirigentes Lojistas de Pelotas (CDL), a FENADOCE conta a trajetória histórica e cultural dos doces pelotenses. É realizada no Centro de Eventos em Pelotas-RS, onde recebe shows musicais, seminários, palestras, intervenções culturais, entre outras atrações que instigam o conhecimento, movimentam o turismo na região sul e estimulam os roteiros gastronômicos. Entretanto, o evento tem como protagonistas os doces tradicionais certificados, que são encontrados no espaço próprio denominado Cidade do Doce, por isso, a FENADOCE é considerada, hoje, o maior evento ligado à gastronomia Pelotas e da região sul do Estado (FENADOCE, 2023a).

Este ano a 29ª edição FENADOCE contou com o tema “Doce Sabor da Infância” (FENADOCE, 2023) e o Curso Superior de Tecnologia em Gastronomia da UFPel teve a oportunidade, de ser convidado, por intermédio da Pró-Reitoria de Extensão (PREC), a ministrar Aulas Show no Festival de Gastronomia, para o público presente, em um espaço próprio ao lado da Cidade do Doce. Assim, o objetivo deste trabalho é divulgar como se deu a organização e a execução do Festival de Gastronomia da UFPel na FENADOCE 2023 e quais as consequências para o Curso.

2. METODOLOGIA

A organização do Festival de Gastronomia da UFPel na FENADOCE iniciou algumas semanas antes do evento, através da definição dos dias e horários que se dariam as Aula Show. Em seguida foi elaborado um cronograma com a participação de alunos, que fariam preparos de pratos que foram destaque em provas no semestre, participação de professores e acadêmicos egressos do curso, que fariam preparos de suas áreas de atuação e que também remetessem ao tema da 29ª edição.

Também foi organizado o espaço onde seriam as Aulas Show na no Centro de Eventos e decorado um espaço instagramável para divulgação dos preparos executados. Foi confeccionado material de apoio de divulgação, as fichas técnicas dos pratos e foi feito o levantamento das listas de insumos e de equipamentos necessários para o evento. Além disso, foi realizada a organização da inscrição e de escalas da equipe de apoio formada pelos acadêmicos do Curso e pelo Diretório Acadêmico da Gastronomia (DAG).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.RESULTADOS E DISCUSSÃO

As Aulas Show ocorreram nos finais, tendo em vista que durante a semana, no período do evento, os docentes e discentes permaneceram em atividades diárias na Universidade. Entretanto, destaca-se que a organização do Festival distribuiu as atividades para a equipe de apoio, convidados e coordenação também em dias da semana, como compra de insumos, pré-preparo e divulgação das atrações.

Foram 14 Aulas Show programadas, mais 2 participações extras para mídia local e estadual (RBS TV), divididas em 3 finais de semana, sendo previstas uma aula na sexta, duas do sábado e duas no domingo (Figura 1). Contou com a participação de uma equipe de apoio de 2 professores e 33 alunos, sendo um bolsista do projeto. E, como convidados, houve o envolvimento de 23 pessoas, entre acadêmicos do curso, egressos e professores que ministraram as aulas para atender mais de 350 pessoas que passaram pelo local para prestigiar o Curso. E além disso, foi aberto um momento de fala no último dia da FENADOCE no espaço ARENA-X do SEBRAE para divulgação do Curso de Gastronomia da UFPel (Figura 2) (FENADOCE, 2023b; UFPel, 2023).



Figura 1 – Aulas Show no espaço do Festival de Gastronomia UFPel

Fonte: Os autores



Figura 2 – Divulgação do Curso Superior de Tecnologia em Gastronomia Arena X
Fonte: FENADOCE, 2023b

De maneira geral, pode-se perceber que a participação da Gastronomia UFPel na 29ª edição da Fenadoce, foi um marco de destaque e sucesso, pois trouxe uma abordagem única, enriquecendo a experiência dos visitantes com uma visão acadêmica e inovadora da gastronomia. A UFPel, reconhecida por sua excelência na formação de profissionais da gastronomia, aproveitou a participação como uma oportunidade para destacar o talento de seus estudantes e professores. O espaço do Festival de Gastronomia da UFPel na feira ofereceu uma variedade de experiências gastronômicas que iam além dos tradicionais doces da região. Os visitantes puderam experimentar pratos criativos que incorporavam ingredientes locais de maneiras inovadoras, demonstrando o potencial da culinária contemporânea, um exemplo disso, foi o prato apresentado ao vivo no Jornal do Almoço durante a abertura da FENADOCE (Figura 3).



Figura 3 – Abertura da FENADOCE e entrada ao vivo no JÁ – RBSTV com o preparo “Risoto de pêssego com camarões da Lagoa”
Fonte: Os autores

Além disso, as Aulas Show permitiram que os participantes da FENADOCE aprofundassem seu conhecimento sobre a culinária regional, a história dos preparos e as tendências gastronômicas atuais. Essas atividades educativas extensionistas também reforçaram a importância da conexão constante entre a academia e a comunidade local. Outrossim, a participação da gastronomia da UFPel na 29ª edição da Fenadoce não apenas enriqueceu a experiência dos visitantes, que passaram pelo espaço, mas também destacou a importância do Curso na educação gastronômica de qualidade na região (Figura 4). Além disso, promoveu a cultura alimentar e a inovação na culinária, mostrando como a tradição e a modernidade podem se complementar.



Figura 4 – Reportagens na mídia do Festival de Gastronomia UFPel
Fonte: Os autores

Como pontos de melhoria, ainda é necessário um maior suporte de apoio em relação às instalações para melhorar a visibilidade no espaço. Também se sugere que para uma próxima edição a Gastronomia participe nos dias de semana, tendo em vista a procura e feedback recebidos dos visitantes. Para isso, seria necessária uma maior mobilização para que ocorrem aulas temáticas para os alunos do Curso, além das Aulas Show, nesse mesmo espaço durante a semana.

4. CONCLUSÕES

A presença da UFPel na Fenadoce 29ª edição foi um exemplo de como a Gastronomia em extensão pode desempenhar um papel importante em eventos culturais e educativos, contribuindo para o fortalecimento da identidade local e para o desenvolvimento da próxima geração de acadêmicos. A união entre a tradição doceira de Pelotas e a expertise acadêmica da UFPel resultou em uma experiência memorável para todos os envolvidos e um excelente meio de divulgação de saberes dos acadêmicos presentes no Curso.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FENADOCE. **Conheça a FENADOCE**. Acessado em 10 set. 2023. Online. Disponível em: <https://fenadoce.com.br/a-feira/>

FENADOCE. **Últimas notícias**. Acessado em 10 set. 2023. Online. Disponível em: <https://fenadoce.com.br/noticias/>

UFPEL. **UFPel marcou presença na Fenadoce 2023**. Acessado em 10 set. 2023. Online. Disponível em: <https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2023/06/22/ufpel-marcou-presenca-na-fenadoce-2023/>

PROJETO K: UM PROCESSO COLABORATIVO NA ESCOLA

NICOLE PIRES GONZALES¹; BARBARA CRUZ NUNES²; MARINA DE OLIVEIRA³

¹Universidade Federal de Pelotas – nicolegonzales930@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – cruznunesbarbara@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – marinadolufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a experiência obtida a partir da produção da dramaturgia denominada: “Projeto K: uma festa fora de controle”, realizada através de um projeto de extensão. Direcionado pelas professoras em formação Barbara Cruz Nunes, Luiza Louzada dos Reis e Nicole Pires Gonzales, graduandas do curso de Teatro-Licenciatura, a ação foi possível devido à parceria do Colégio Municipal Pelotense com a UFPel, mais especificamente com o projeto de pesquisa e extensão LADRA - Laboratório de Dramaturgia, coordenado pela prof. Marina de Oliveira, que compõe o corpo docente do curso de Teatro-Licenciatura. Como parceiro e mediador da extensão, conta-se com a presença do professor da escola pública Joaquim Lucas Dias dos Santos.

O espetáculo desenvolvido no ano de dois mil e vinte e dois (2022), através de processo colaborativo, contou com a participação de quinze alunos do ensino regular da escola Pelotense, do turno da manhã, contemplando os nonos anos do ensino fundamental até os terceiros anos do ensino médio. Estima-se uma faixa etária de 13 a 18 anos entre os participantes do trabalho. Vale ressaltar que o início da trajetória se deu através de oficinas de jogos teatrais e que só posteriormente ao preparo foi possível iniciar o trabalho de encenação de fato.

Sendo assim, o foco da escrita se dá no processo colaborativo durante a elaboração do espetáculo, e de que maneira foi possível alcançar os resultados obtidos no fim do ano no qual a encenação foi apresentada. Como referência para os ensaios, foram utilizados os apontamentos de Stela Fischer (2010), e suas contribuições sobre o processo colaborativo a partir do estudo de campo analisando companhias teatrais consolidadas no Brasil. Além disso, carregamos como base para as oficinas o livro de Viola Spolin (2008) denominado *Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin* e a leitura desses jogos para a realidade brasileira, proposta por Ingrid Koudela (2001), ambos usados como suporte para a seleção dos jogos passados para os alunos.

2. METODOLOGIA

Os encontros aconteceram no Colégio Municipal Pelotense, semanalmente em um primeiro momento, das 15h às 17h, nas sextas-feiras. Porém, conforme o dia da apresentação foi se aproximando, optamos por mais ensaios durante a semana.

Compreendendo que para alcançarmos os nossos objetivos era necessário um preparo anterior, os jogos teatrais organizados por Viola Spolin foram a base para que fosse possível criar a consciência corporal, e noções básicas da estrutura cênica para os alunos. De modo que, quando se iniciou o processo de

construção colaborativa, os estudantes já estavam mais preparados e presentes na obra, possibilitando a participação e colaboração mais efetiva no decorrer da peça. É importante frisar que atores que não têm o mínimo do saber teatral, como: comportamento em cena, estrutura dramática, potência vocal, construção de personagem, ou até mesmo que não exercitam a sua imaginação e a sua criatividade, carregam uma maior dificuldade em um desenvolvimento grupal como o processo colaborativo.

A escolha do tema da dramaturgia foi decidida conjuntamente, pois era de interesse das professoras/diretoras que todos os atores estivessem envolvidos inteiramente na temática. O objetivo foi o aproveitamento máximo da experiência de uma forma positiva para aqueles discentes que se encontravam diante da oportunidade de subir ao palco para apresentar uma composição na frente de um público. Inicialmente, a proposta partiu do que seria a vontade comum para o grupo e pensamos em buscar peças teatrais prontas para trabalhar, entretanto, conforme a ideia surgiu e foi tomando corpo, engajando com animação os partícipes, optou-se por criar colaborativamente a dramaturgia que seria apresentada.

O segundo passo foi a criação dos personagens. As professoras Barbara Nunes, Luiza Louzada e Nicole Gonzales trabalharam com quatro exercícios que estimulam a criação das figuras ficcionais. O primeiro foi um exercício simples de caminhada pelo espaço, onde o estímulo era caminhar normalmente, pois cada pessoa tem a sua própria maneira de caminhar. Após, as docentes deram o comando de cada um observar a caminhada de um dos colegas e posteriormente tentar reproduzi-la, e assim foram explorando várias formas distintas de caminhadas onde cada um escolheu um andar possível para o seu personagem.

Outro exercício proposto foi o preenchimento de uma ficha de personagem, que continha perguntas como: “Nome do personagem, idade, classe social, características físicas, hobbies e personalidade”. Logo após os alunos terem realizado a tarefa, as professoras propuseram uma entrevista com esses personagens, fazendo perguntas sobre os aspectos escolhidos para essas criações e outras improvisadas a partir do que surgia na conversa. Neste momento a grande maioria dos alunos já havia criado um desenho possível para os seus personagens. Os demais que ainda não tivessem escolhido permanecer com o primeiro esboço poderiam em casa refazer a ficha pensando em personalidades famosas que eles conheciam, para que em um próximo encontro as diretoras pudessem realizar uma nova entrevista. Ao fim deste exercício ficaram estabelecidos os seguintes personagens: Uma digital influencer, dois policiais sendo um tranquilo e outro incisivo, dois roqueiros valentões, irmãs gêmeas “patricinhas”, um nerd, uma organizadora de eventos, uma fotógrafa, um hippie, uma cartomante, uma florista, uma gótica e uma crente.

O quarto e último exercício foi uma cena de improviso em um clube, onde foi estabelecido no espaço cênico cada parte do ambiente e os alunos interpretando seus personagens haviam de improvisar com os demais colegas de palco. O objetivo do exercício era entrar em cena, fazer uma ação e interagir com outros partícipes: criar uma situação, resolvê-la e sair de cena. Com essa proposta de jogo as diretoras intencionaram que os atores desenvolvessem a capacidade de interação entre os personagens, facilitando a consciência do jogo cênico no dia do espetáculo.

Após a definição dos personagens e suas histórias, processo esse que se desenvolveu ao longo da oficina, foi possível fazer as conexões desses tipos e colocar na cena para a prática em si. Abordou-se um princípio que Stela Fischer

descreve em que o ator é entendido como “co-autor” da dramaturgia, fazendo com que fosse instaurada uma atmosfera de horizontalidade com relação à hierarquia, compreendendo-se que todos estavam no mesmo patamar no processo de criação da nossa dramaturgia. Neste caso, o desenvolvimento se deu da seguinte maneira: lança-se uma provocação, uma cena, uma situação, e os atores são convidados a entrar no ambiente cênico e improvisar; não esquecendo das orientações dadas de antemão, é preciso que, mesmo em ação livre no ato de improvisação, atente-se ao que foi proposto para que tenham um caminho para trilhar na composição. E só avaliando, analisando e fazendo cortes quando necessário nessas improvisações, é que se pode começar a desenhar uma dramaturgia.

Aqueles atores que estavam dispostos e confiantes para falar em cena, foram convidados a improvisar e logo após, escrever a sua produção para que em seguida viesse o trabalho de lapidação e estruturação desse texto. Ao todo criamos sete núcleos de cena, sendo eles: a entrada e apresentação desses personagens, quatro interrogatórios, uma investigação e o destaque no fim para a conclusão do mistério.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No dia 29 de novembro de 2022, foi apresentada a produção cênica para cerca de noventa alunos do Colégio Pelotense do turno da manhã, referente ao ensino médio, em duas sessões. Priorizou-se que as turmas dos partícipes da ação assistissem ao trabalho. Pensando na condição física dos alunos/atores, que estão iniciando a jornada no teatro, deduziu-se que seria desgastante mais de duas apresentações em um único dia.

A dramaturgia produzida girou em torno da vontade dos alunos de explorar a temática da investigação criminal. Ficou decidido então que a trama seria: uma influencer resolve dar uma festa para comemorar o seu aniversário, durante a confraternização a própria aniversariante é assassinada. O culpado é um mistério, sendo assim, dois policiais são acionados e passam a investigar o crime.

A estrutura da cena foi pensada a partir das possibilidades dentro da escola em que o trabalho se desenvolveu. Os alunos estavam o tempo todo em cena e atuando, processo difícil para atores de primeiro momento; a ferramenta do coro entrou em diversos momentos na lapidação do espetáculo para dar destaques às cenas da delegacia, já que o palco não comportava a quantidade de alunos, logo, optou-se por fazer um espaço à parte do ambiente cênico que era a festa.

Após a apresentação, observou-se um significativo aumento na procura pelo projeto extracurricular por outros alunos, o que reflete a valorização e interesse do que foi apresentado para essa plateia. Entende-se que houve uma repercussão positiva dentro do ambiente escolar a ponto de atrair a atenção de novos discentes para o Teatro dos Gatos Pelados, nome do grupo de teatro na escola.



Fig. 1 e 2 - fotos tiradas no dia da apresentação na escola.

4. CONCLUSÕES

Ao fim do processo foi possível concluir que o teatro merece um espaço dentro da escola, tendo em vista que os alunos envolvidos na ação apresentaram significativa mudança, não somente na área artística, mas sim em outras disciplinas, conforme relatado por professores do Colégio Pelotense que acompanhavam de antemão esses estudantes.

Destaca-se que o projeto atualmente conta com a participação de vinte e quatro alunos, respeitando a faixa etária dita anteriormente, e uma lista de espera que felizmente cresce dia após dia. Com uma demanda impressionante de novos discentes interessados em juntar-se à ação, a intenção é continuar a disseminação da arte teatral dentro do ambiente escolar, almejando perpetuar a prática dentro da instituição, entendendo que o domínio da técnica não precisa ser usado necessariamente para a realização do ato teatral em si, mas que colabora com a melhora da comunicação, criatividade, atenção, pensamento crítico, sociabilidade, com o conhecimento pessoal, indo além da questão corporal e artística.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FISCHER, Stela. **Processo colaborativo e experiências de companhias teatrais**. São Paulo: Hucitec, 2010.

KOUDELA, Ingrid. **Jogos teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais: o fichário Viola Spolin**. Tradução Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2008.

GEOGRAFIA DA SERRA DOS TAPES/RS: ARTICULANDO SABERES JUNTO ÀS ESCOLAS RURAIS

SANDI XAVIER MANCILIA¹; GIANCARLA SALAMONI²

¹Universidade Federal de Pelotas - sandixavier2015@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - gi.salamoni@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho apresenta a proposta de uma das ações de extensão desenvolvidas pelo Laboratório de Estudos Agrários e Ambientais- LEAA, projeto existente desde o ano de 2001, articulando atividades a partir da integração entre pesquisa, ensino e extensão. Essa ação decorre no âmbito do projeto de pesquisa "DIAGNÓSTICO SOBRE AS REPERCUSSÕES DO PAA E PNAE SOBRE OS SISTEMAS AGRÁRIOS FAMILIARES NO RS: estudos sobre as relações entre a agricultura familiar, políticas públicas e o desenvolvimento rural na escala local", executado entre os anos de 2017 e 2021, o qual se dedicou a estudar o rural da região da Serra dos Tapes, nos municípios de São Lourenço do Sul, Turuçu, Pelotas, Arroio do Padre, Morro Redondo e Canguçu.

Além da produção significativa de escritos (artigos, capítulos de livros, TCCs e dissertações) e material imagético (mapas, coleções fotográficas, entre outros), é oportuno destacar a produção do livro "A Geografia da Serra dos Tapes: natureza, sociedade e paisagem", publicado em 2021, pela Editora da Universidade Federal de Pelotas. A publicação do e-book demonstra o reconhecimento da editora universitária em tornar acessível o conhecimento sobre a realidade local e regional, com vistas a enriquecer o debate sobre temas relevantes como a agricultura familiar, políticas públicas e o desenvolvimento rural.

A partir dessa ação de extensão, junto às escolas rurais dos seis municípios da Serra dos Tapes, pretende-se promover a articulação de saberes na educação básica, por meio da colaboração entre pesquisadores/as e professores/as e alunos/as das escolas rurais, com o objetivo de diminuir as distâncias entre o conhecimento científico e os saberes populares em âmbito regional. Assim, entende-se que a disponibilização dos resultados da pesquisa potencializa a restituição às famílias e comunidades envolvidas, por meio da apropriação de seus produtos pelas escolas rurais.

2. METODOLOGIA

O percurso metodológico da ação de extensão tem como objetivo promover a efetiva inserção dos alunos/as e bolsistas que atuam junto ao Laboratório de Estudos Agrários e Ambientais- LEAA, em ações extensionistas que promovem a troca de conhecimento, informações e vivências, cujos resultados são aportados às escolas rurais da Serra dos Tapes.

Em um primeiro momento, foram organizadas, por meio de grupo de estudo e planejamento, oficinas a serem desenvolvidas junto às escolas rurais. As oficinas tratam de três temas, que correspondem às principais seções do livro "A Geografia da Serra dos Tapes", a saber: os elementos e as dinâmicas da natureza, a formação histórico-cultural e o contexto socioeconômico atual e a leitura da paisagem. Após a concepção da operacionalização da ação de extensão foram contactadas algumas escolas rurais, com vistas a divulgar a

atividade e estabelecer possíveis parcerias com a rede de ensino pública municipal e estadual. Como forma de divulgação da ação extensionista, em eventos locais e regionais (Feira de Sementes Crioulas, Mostra das Regiões Brasileiras, Mostra de Cursos da UFPEL, entre outras) foi confeccionado um flyer (Figura 1) ilustrando "A Geografia da Serra dos Tapes", com vistas a incentivar a participação de professores/as e alunos/as da educação básica das escolas rurais da região da Serra dos Tapes.

Figura 1- Flyer de divulgação da ação de extensão.



Fonte. Os autores.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse trabalho privilegia-se a discussão do tema de uma das oficinas da ação de extensão que corresponde ao tecido social e cultural da Serra dos Tapes. O contexto do território são elementos determinantes para análise dos distintos cenários da agricultura familiar, na região sul do estado do Rio Grande do Sul, com ênfase nos municípios de Turuçu, Morro Redondo, Pelotas, Canguçu, São Lourenço do Sul e Arroio do Padre, uma vez que, as relações socioculturais estabelecidas se diferenciam na distribuição geográfica, embora as necessidades sejam semelhantes.

Outrossim, como aborda Copstein (1975 apud SALAMONI et al. 2021) os grupos que ocuparam a região do extremo sul do estado comprovam a relação estabelecida entre a sociedade luso-brasileira e população descendente de escravizados, camponeses nacionais ou caboclos e europeus não portugueses, estes últimos denominados de colonos. A predominância étnica na ocupação da Serra dos Tapes são os colonos-imigrantes alemães, pomeranos, italianos e franceses. Já o campesinato negro deriva do ciclo saladeiril entre os séculos XVIII e XIX a partir do desenvolvimento econômico com base no charque e olarias que hoje configuram o patrimônio arquitetônico de Pelotas, com a estética dos colonizadores com mão de obra escravizada pela qual devido ao sistema de submissão humana desencadeava fugas para regiões mais distantes, configurando os atuais quilombos na região. Para Rubert e Silva (2009 apud SALAMONI et al., 2021, p.39) “as fugas dos escravos para locais mais distantes e íngremes foi uma estratégia desses grupos que acabou se tornando frequente, levando à formação de quilombos em diversos locais da Serra dos Tapes.”



traz a marca da diversidade de organizações espaciais, baseadas nas formas de ocupação do território, conectando as dimensões do viver, trabalhar e (re)produzir-se social e economicamente.

Nesse sentido, “as geografias” da Serra dos Tapes são produzidas e reproduzidas pelos processos sócio-históricos combinadas com os elementos físico-naturais, em outras palavras, são resultantes da síntese entre “sujeitos, cultura, serra e mata” (SALAMONI et al., 2021).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SALAMONI, Giancarla et al. **A Geografia da Serra dos Tapes**: natureza, sociedade e paisagem. Pelotas: Ed. UFPel, 2021.

CENSO DEMOGRAFICO.IBGE., 2023.Disponível em:
<https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/indicadores.html?localidade=BR>

SEMANA ACADÊMICA DO CURSO DE NUTRIÇÃO DA UFPEL 2023

PATRICK DIAS DAS NEVES¹; RAQUEL OLIVEIRA DA SILVA²; SUELLEN SILVEIRA MORAES³; ELISA DOS SANTOS PEREIRA⁴; LUCIA ROTA BORGES⁵; ANNE Y CASTRO MARQUES⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – patrickdiasdasneves11@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – raquel.osilva27@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – suellensilveiram@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – lisaspereira@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – luciarotaborges@yahoo.com.br

⁶Universidade Federal de Pelotas – anne.marques@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Com o advento da pandemia de COVID-19 a tradição das semanas acadêmicas, as quais são um importante meio de troca de saberes, de atualização profissional e de divulgação de conhecimento científico para universitários, foi por mais de dois anos interrompida ou substituída pelo modelo online. Apesar de permitir a atualização e reduzir as distâncias, o meio remoto pode inibir a participação do público e o *networking* entre os participantes.

A Semana Acadêmica do Curso de Bacharelado em Nutrição, edição 2023, foi uma iniciativa para retomar eventos deste porte após a pandemia, sendo pela primeira vez ofertada no formato híbrido. Entre seus propósitos, destacam-se a integração entre discentes, docentes e profissionais da área, a disseminação de informações científicas e técnicas, além da divulgação de projetos desenvolvidos por docentes da Faculdade de Nutrição.

A partir disto, o objetivo deste trabalho é apresentar os principais resultados da Semana Acadêmica do Curso de Nutrição da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) 2023.

2. METODOLOGIA

A Semana Acadêmica do Curso de Nutrição da UFPel ocorreu entre os dias 28 e 30 de agosto de 2023, no turno da manhã. O evento teve como público-alvo estudantes do curso de Nutrição da UFPel e de outras instituições, acadêmicos de cursos afins, egressos e profissionais da região. Foram disponibilizadas 100 vagas para o formato presencial, sendo 80 vagas para estudantes do Curso e 20 vagas disponibilizadas para a comunidade externa; além disso foram disponibilizadas 20 vagas para a oficina de lanches saudáveis (tanto para acadêmicos quanto para a comunidade externa). Após o preenchimento das 100 vagas, atendendo à solicitação dos discentes, foram disponibilizadas 150 vagas para participação no formato online. As inscrições foram realizadas pela plataforma de eventos Sympla.

O controle de presença e o credenciamento do evento foram efetuados por meio de códigos QR disponibilizados em locais de fácil acesso, durante os três dias de evento.

Nos três dias de evento os participantes foram convidados a responder um questionário de satisfação, contendo 10 perguntas abertas e fechadas. Primeiramente, os entrevistados deveriam responder um questionário sociolinguístico, seguindo a proposta de pesquisa da Sociolinguística Variacionista, de Pavlov (MOLICA, BRAGA, 2003; BAGNO, 2007), indicando:

estudante/nutricionista, estudante de Nutrição ou outro curso, vínculo com a Instituição e se as palestras atenderam às expectativas. O segundo passo foi o contato com os estudantes a partir do e-mail disponibilizado no controle de presença, com o envio do questionário de satisfação. Como terceiro e último momento, realizou-se a tabulação das respostas de interesse.

É válido destacar que a acessibilidade e inclusão das pessoas portadoras de deficiência visual durante o evento foi realizada com a disponibilidade de audiodescrição durante a transmissão online. O modo remoto foi disponibilizado a partir de canal no Youtube criado para este fim, o modo presencial ocorreu no Auditório da Reitoria, e a oficina de lanches saudáveis ocorreu na Sala de Aula Show da Faculdade de Nutrição.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fizeram parte da Semana Acadêmica 14 palestrantes, entre os quais docentes, egressos e profissionais de renome em suas áreas de atuação, sendo os seguintes temas abordados: nutrição e autismo, merenda escolar, nutrição nos primeiros 1000 dias de vida, papel do nutricionista no Sistema Único de Saúde e na Vigilância Sanitária, rotulagem de alimentos, nutrição esportiva, sarcopenia e código de ética profissional.

Para que o evento ocorresse, 19 pessoas fizeram parte da Comissão Organizadora, sendo 13 discentes dos Cursos de Nutrição e 1 do Curso de Gastronomia, 04 docentes e 01 técnico administrativo.

Inscreveram-se no evento 100 participantes no modo presencial, 142 no formato remoto e 14 na oficina de lanches saudáveis. No modo presencial, obteve-se uma média de 88 confirmações de presença, e na modalidade online uma média de 111 confirmações. É válido ressaltar que a presença nas palestras e na oficina não foi computada separadamente, e que nem todos os participantes responderam ao questionário.

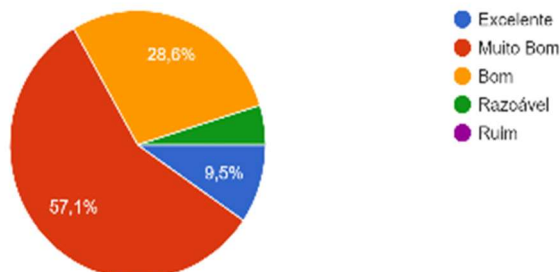
Em relação à caracterização da amostra presencial, a maioria se declarou estudante (98,9%), cursando Nutrição (98,9%) acadêmico da UFPel (97,8%) e referiu que as palestras atingiram às expectativas (98,9%). Quanto aos participantes na modalidade online, a maioria se declarou estudante (94,3%), cursando Nutrição (99,1%) acadêmico da UFPel (97,6%), e referiu que as palestras atingiram às expectativas (91,8%).

Na Figura 1 são apresentados os dados referentes à avaliação e à organização do evento, tanto no modelo presencial quanto online. Destaca-se que mais da metade dos participantes classificou o evento como excelente/muito bom e como relativamente organizado.

É válido ressaltar que a maioria das avaliações negativas ocorreu no modo online, devido a problemas de transmissão e de áudio (dados não mostrados).

2. De modo geral, qual é sua avaliação do evento?

21 respostas



5. Qual foi o nível de organização do evento?

21 respostas

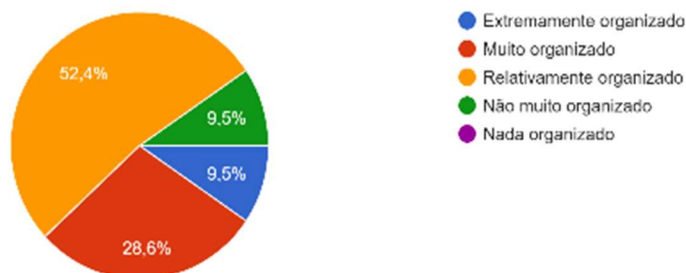


Figura 1. Avaliação geral do evento e organização, Pelotas, RS, 2023.

4. CONCLUSÕES

Diante dos dados apresentados conclui-se a primeira Semana Acadêmica do Curso de Nutrição pós-pandemia alcançou resultados satisfatórios, em relação ao número de participantes e aos níveis de satisfação apresentados. Mesmo diante das avaliações negativas referentes ao modelo online, o evento mostrou-se bem organizado e atendendo as expectativas dos discentes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MOLICA, M.C.; BRAGA, M.L. **Introdução a sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

O PROCESSO DE DIGITALIZAÇÃO E SALVAGUARDA DO ACERVO DA JUSTIÇA DO TRABALHO DO NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DA UFPEL

ANDREINA HARDTKE CORPES¹; LORENA ALMEIDA GILL²

¹Universidade Federal de Pelotas – andreinacorpes@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – lorenaalmeidagill@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este resumo tem por finalidade apresentar o trabalho realizado no Núcleo de Documentação Histórica (NDH-UFPEl) até o presente momento relacionado à digitalização do acervo da Justiça do Trabalho. De acordo com GILL e LONER (2014), fundado no ano de 1990, o NDH tinha como objetivo inicial organizar os acervos da própria universidade, no entanto, acabou mudando e ampliando sua área de atuação, concentrando suas atividades em pesquisas e organização de documentos que abrangem o mundo dos trabalhadores. Passou, então, a contar as histórias de pessoas “comuns”, cujas trajetórias não tinham suas vidas documentadas, muitas vezes, pela dificuldade de se encontrar fontes sobre elas.

Desta forma, o NDH está dividido, principalmente, em três acervos: o da Delegacia Regional do Trabalho, o qual reúne mais de 600 mil fichas de qualificação entre os anos de 1933 e 1968, de várias cidades do Rio Grande do Sul; o da Justiça do Trabalho, que reúne cerca de 100 mil processos, entre os anos de 1936 e 1995 e o da Laneira Brasileira S.A., empresa fundada em 1945, em Porto Alegre, que foi transferida para Pelotas, entre os anos de 1948-1949 (GILL e LONER, 2014).

A discussão proposta neste resumo se refere apenas à parte do Arquivo da Justiça do Trabalho, que está passando por um processo de digitalização de seu acervo em papel, o qual inclui processos de empresas muito conhecidas na cidade de Pelotas e Rio Grande do Sul, como o Frigorífico Anglo - cujo prédio hoje abriga um dos campi da UFPEl¹ -, Laneira, Fiação e Tecidos, Cotada, *Light and Power*, dentre centenas de outras. Esses processos chegaram na UFPEl no ano de 2005, através de um comodato, o qual permitiu que esses documentos fossem arquivados em outros locais e, desde então, estão sob a guarda do Núcleo. Ao longo dos anos, muitas pesquisas, dissertações e trabalhos de conclusão de curso foram escritos com base nesses documentos. Atualmente, muitos desses trabalhos continuam sendo feitos, através dos bolsistas do NDH e, também, de professores e demais pesquisadores.

Dessa forma, o objetivo do processo de digitalização, além de proteger os documentos e salvaguardá-los - tendo em vista que muitos estão bastante deteriorados devido a ação do tempo -, é permitir que mais pessoas tenham conhecimento e acesso a esses documentos através da sua disponibilização *online* do site do NDH², que, atualmente, já conta com centenas de processos disponíveis para uso e pesquisa.

Conforme OLIVEIRA e SANTOS (2015) o processo de digitalização está diretamente ligado ao contexto tecnológico no qual estamos cada vez mais inseridos

¹ Para saber mais sobre a UFPEl ver LONER, GILL e MAGALHÃES (2017).

² Site do NDH: <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/> Acesso em 12 de setembro de 2023.

e, portanto, deve ser pensado de forma que proporcione o acesso contínuo e irrestrito, para a preservação e a garantia do direito a todo cidadão. Entretanto, os documentos também permanecem à disposição para pesquisa presencial no acervo do NDH, podendo ser consultados por alunos e pesquisadores, através de visitas ao Núcleo, que conta com espaços que podem ser usados para a análise dos processos.

2.METODOLOGIA

A metodologia utilizada no trabalho com os processos do Núcleo se refere à análise documental. A partir da observação dos documentos, temos contato com versões sobre o fato ocorrido, com o cotidiano dos trabalhadores dentro das fábricas, bem como as dificuldades enfrentadas por estes e a luta por seus direitos. CELLARD (2008), declara que o documento escrito é uma fonte preciosa para todo pesquisador e seu uso é imprescindível em uma reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois ele costuma representar a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas, muitas vezes, sendo o único testemunho de certos acontecimentos.

Antes da digitalização, todos os documentos passam pela higienização, análise e, posteriormente, são separados conforme sua temática para servirem de base para pesquisas. Os assuntos são os mais diversos, como questões de gênero, como exemplo a demissão de mulheres por estarem grávidas; ou aquelas que deixavam seus empregos para cuidar de familiares doentes; ou, ainda, a questão da diferença salarial quando comparado o salário das mulheres com o dos homens -, desde o trabalho de menores, desavenças entre funcionários, demissões injustas e acidentes.

De acordo com GIL (2008, p.45) a pesquisa documental serve-se daqueles materiais que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que podem ser reelaborados e utilizados de diferentes formas para suprir os objetos das investigações. Desta forma, os processos ganham novos usos e têm suas histórias contadas por meio das pesquisas realizadas no NDH.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todos os quase 100 mil processos da Justiça do Trabalho estão devidamente organizados por numeração e guardados em caixas arquivo de acordo com o ano em que foram abertos na Vara do Trabalho. Conforme MORENO *et al.* (2011, p.7) as embalagens ajudam na preservação e proteção dos documentos contra todo tipo de dano, principalmente a poeira e outros danos acidentais. Além disso, minimizam os estragos que podem ser causados pelas variações de temperatura e umidade.

Cada processo passa por um procedimento de análise, higienização - com a retirada de clipes e grampos - e, posteriormente, a digitalização. Atualmente, o acervo do NDH conta com 30 caixas que passaram por todos os procedimentos de conservação, somando mais de 1600 processos digitalizados.³ Em um primeiro momento, começaram a ser digitalizados processos que estavam sendo usados por pesquisadores, depois, foram digitalizados os processos de empresas alimentícias - como a Cotada, Casa Verde e Indústrias Mello - e, agora, estão sendo digitalizados conforme seu ano de abertura, estando, no momento atual, no ano de 1948.

³ Números de levantamento feito em 31 de agosto de 2023.

Embora tenha ocorrido um grande avanço no processo de digitalização nos últimos meses, ainda é um número ínfimo quando comparado ao tamanho total do acervo. O fato é que o NDH enfrenta algumas dificuldades, como a falta de *scanners* e da disponibilidade de mais bolsistas. Apesar disso, estão sendo pensados novos projetos e esforços para melhorar as condições do acervo, como mudanças no espaço de salvaguarda, para que seja possível uma melhoria na forma de acondicionar e armazenar esses documentos.

Os procedimentos de conservação desses processos são de extrema importância para sua preservação e para que possam passar pelo processo de digitalização. FREITAS e KNAUSS (2007, p.10/11) afirmam que a digitalização depende obrigatoriamente da boa preservação de documentos, para que seja possível a obtenção de uma boa qualidade da imagem a ser captada.

Por fim, a digitalização quebra os limites das barreiras espaciais, que, muitas vezes, impedem um pesquisador de acessar determinado arquivo por dificuldades de deslocamento. Ademais, ter a disponibilidade de acessar um material digitalizado facilita o trabalho do investigador, pois ele pode revisar o processo quantas vezes forem necessárias com o acesso de um clique e em pouco tempo. Para FREITAS e KNAUSS (2009, p.6), o conhecimento histórico se reproduz hoje no tempo e na escala da Internet, e o uso dessa tecnologia amplia a possibilidade de análise dos sujeitos no processo de interpretação do passado.

4. CONCLUSÕES

Fica evidente, portanto, conforme relatado por FREITAS e KNAUSS (2009, p.10), que a digitalização completa o trabalho de preservação ao permitir um processo de reprodução dos documentos para um suporte alternativo, poupando o uso constante dos originais.

A importância da conservação e preservação dos processos da Justiça do Trabalho vai muito além do seu uso acadêmico, pois todos os anos, muitos desses documentos são buscados por pessoas que estão no processo de obtenção de dupla cidadania ou aposentadoria; bem como são utilizados pela própria Justiça do Trabalho, pois alguns processos acabam sendo procurados, mesmo após muito tempo de seu arquivamento

Desta forma, o trabalho realizado no NDH permite um amplo uso desse rico material, já que se trata de um lugar de memória que, além de preservar os documentos que estão sob sua guarda, preocupa-se com o acesso deste material por toda a comunidade. MORENO *et al.* (2011, p.9) afirmam que a preservação do patrimônio documental facilita o acesso universal e propicia condições para uma maior conscientização do ser humano sobre a importância desse mesmo patrimônio para as atuais e futuras gerações.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, Jean *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008 (Coleção Sociologia).
- FREITAS, C.; KNAUSS, P. Usos eletrônicos do passado: digitalização de documentos e política de arquivos. **Patrimônio e Memória**, v. 4, n. 2, p. 3-16, 2007.

<https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/32> Acesso em 23 de Agosto de 2023.

GIL, A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008. GILL, L.; LONER, B. O Núcleo de Documentação Histórica da UFPel e seus acervos sobre questões do trabalho. **Esboços** (UFSC), v. 21, p. 109-123, 2014. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2014v21n31p109>

Acesso em 3 de setembro de 2023.

LONER, B.; GILL, L.; MAGALHÃES, M. **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: Editora da Universidade, 2017.

<https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicion%a1rio%20de%20Hist%b3ria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 12 de setembro de 2023.

MORENO, N.; LOPES, M.; DI CHIARA, I. A contribuição da preservação de documentos e a (re) construção da memória. **Biblionline**, João Pessoa, v. 7, n. 2, p. 3-11, 201. <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/16861> Acesso em 3 de setembro de 2023.

OLIVEIRA, D.; SANTOS, T. A digitalização de documentos: reflexões práticas e contemporâneas. In: **Desafíos y oportunidades de las Ciencias de la Información y la Documentación en la era digital**: actas del VII Encuentro Ibérico EDICIC 2015 (Madrid, 16 y 17 de noviembre de 2015). Universidad Complutense de Madrid, Madrid. ISBN 978-84-608-3330-7.

<https://docta.ucm.es/entities/publication/833fb9f1-a4e9-4af7-aead-537246ca3eb3>

Acesso em 3 de setembro de 2023.

REVISTA CADERNOS DE EDUCAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE A IDENTIDADE VISUAL E AS PRÁTICAS CRIATIVAS DESENVOLVIDAS NOS AMBIENTES VIRTUAIS DOS PERIÓDICOS

GUSTAVO RAMOS COSTA SILVA¹; FERNANDO RIPE²; JOSIMARA WIKBOLDT SCHWANTZ³

¹Universidade Federal de Pelotas – gustavo.ramos.c.silva@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – fernandoripe@yahoo.com.br

³Universidade Federal de Pelotas – josiwikboldt@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho pretendo apresentar minha experiência dentro da Revista Cadernos de Educação como o responsável pelo trabalho visual exercido na plataforma e mídias sociais, considerando minha trajetória formativa no curso de Artes Visuais. A Revista Cadernos de Educação publica artigos científicos desde 1987, tornando-se importante local de referência para pesquisas voltadas ao campo da Educação e, assim, sendo o periódico mais antigo em continuidade da UFPel. O periódico pode ser acessado em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/index> e também acompanhado pelas mídias sociais: <https://www.instagram.com/revista.cadernos/>.

Desde a minha entrada como bolsista, atuei frente a algumas demandas relativas à parte visual e de divulgação, havendo diferentes necessidades a serem cumpridas como, por exemplo, criar e postar conteúdos (*posts*) para o instagram, ajudar na confecção das capas das edições entre outros projetos de divulgação. A Revista participou do UFPel de portas abertas e no processo de preparação para o evento tive que criar um Panfleto que expunha o histórico do periódico aos visitantes, e assim foi necessário um período de absorção e estudo de sua trajetória para que eu pudesse compreender o que faz algo ser facilmente identificado como “marca” da Revista. Outro conflito que me deparei em meio aos trabalhos é a perspicaz ideia de que é necessário ser criativo na hora de fazer novas publicidades, o que se não for feito com delicadeza e muito tato se parece uma ideia contrária a de se ter uma identidade visual.

Até o presente momento trabalhando na Revista não obtive resposta para esses “dilemas” mas, tenho como hipótese que a criatividade e a identidade do artista estão implicadas num processo, pois há sempre um “traço” do artista em suas obras. Em conteúdos de publicidade, por exemplo, existe uma conexão entre o artista responsável e a identidade visual da marca. Neste momento, é possível pensar que o tempo e a prática são fatores importantes para a constituição do artista e a conexão com seu estilo no fazer das obras. Conforme o tempo for passando e mais obras publicitárias forem lançadas pelo mesmo autor, haverá então uma ligação de maior identificação, como se o artista responsável absorvesse e renovasse a identidade visual da marca, no meu caso, da Revista Cadernos de Educação.

2. METODOLOGIA

Dentro da Cadernos de Educação, minha função está ligada às publicações das suas redes sociais e também de qualquer imagem necessária para ocasiões específicas, com autonomia, trabalho em *posts* novos, porém é frequente a demanda de alguma postagem específica. Trabalho com a plataforma Canva e com editores de imagens para confeccionar todas as imagens necessárias, sendo assim é indispensável o conhecimento da área do design e da computação gráfica, onde antes de adentrar na faculdade eu fiz um curso de design.

Este trabalho foi realizado a partir de um questionamento: como trabalhar em uma identidade visual já existente e, ainda assim, manter o ser criativo ativo? A partir desta problemática foi possível ir atrás da teoria necessária para compreender o que estava vivenciando, buscando o que é a criatividade com Ostrower (1977) no livro 'Criatividade e processo de Criação' e ao mesmo tempo buscar compreender o que é identidade visual com Peón e Strunck (2001) assim, com estes conceitos, chegar em algumas discussões pertinentes ao trabalho desenvolvido na Revista.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para discutir sobre este tema é necessário entender alguns conceitos, o primeiro a buscar compreender o que é uma identidade visual. De acordo com o STRUNCK (2001, p. 158):

A identidade visual é o conjunto de elementos gráficos que irão formalizar a personalidade visual de um nome, ideia, produto ou serviço. Esses elementos agem mais ou menos como as roupas e as formas de as pessoas se comportarem. Devem informar, substancialmente, à primeira vista. Estabelecer com quem os vê um nível ideal de comunicação. É fundamental para o sucesso das marcas apresentarem identidades visuais consistentes, que propiciem seu efeito acumulativo.

Seguindo a linha de raciocínio, foi necessário compreender o conceito de criatividade em Ostrower (1977):

Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse "novo", de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar (OSTROWER, 1977, p. 187).

Assim, com os dois conceitos estabelecidos, e com as minhas experiências de alguns meses trabalhando dentro da Revista há uma linha de raciocínio que

remete que após ‘digerir’ como a identidade visual do periódico funciona e começar a produzir novas publicações, agora pelo meio digital, eu, como artista, ordeno e crio com sua semelhança necessária a fim de remeter a identidade visual pré estabelecida.

Juntando esta identidade já estabelecida com postagens constantes, tendo em vista que no *Instagram* é de se esperar que haja um aumento nos números da Revista e do alcance em termos de divulgação científica. Assim, com um público novo, o visual da Revista ganha um potencial, visto que toda a sua identidade visual tem o objetivo de comunicar e levar o acesso à diferentes públicos que não teriam influências anteriores.

4. CONCLUSÕES

Percebo, com minha bagagem até o presente momento, que há a necessidade de que cada nova arte feita e usada para a Revista seja criada e pensada com muito tato pois caso alguns dos elementos gráficos que agora foram reordenados não criem à primeira vista algo que remeta ao periódico, a criação terá falhado desde o momento de sua concepção e não servirá para seu propósito. Temos a intenção de que cada publicação nova possa impulsionar o alcance da Revista e a parte visual é imprescindível para tal. Conforme o tempo avança e mais peças publicitárias vão sendo lançadas, a pessoa responsável pela sua criação deve renovar a identidade visual aos poucos, como se a cada artista responsável iniciasse um ciclo que refaz toda a “cara” da instituição mesmo que mantenha a superfície quase a mesma, contanto que haja apenas um artista responsável e o mesmo tenha o âmbito de ser criativo a cada nova publicidade. Enquanto artista visual tenho aprendido com este trabalho as nuances desse tipo específico de arte, ao passo que tenho expandido meu repertório e portfólio dentro da área do design trazendo uma proximidade pessoal muito maior com esta área.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OSTROWER, F. **Criatividade e Processos de Criação**. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1977.

STRUNCK, G.L. **Como criar identidades visuais para marcas de sucesso**. Rio de Janeiro: Books, 2001.

CRIAÇÃO DE UMA BIBLIOTECA DE DESENHOS PARA ANIMAÇÃO EM LIBRAS NO PROJETO MATHLIBRAS

INDI DO RÊGO MEDEIROS¹; KELVIN WENDEL BOHN²; GABRIEL HENRIQUE
POSSIGNOLO GOMES³; TATIANA BOLIVAR LEBEDEFF⁴; THAIS PHILIPSEN
GRUTZMANN⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – indirmedeiros@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – kelvinbohn@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – gabrielxpossignolo@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – tlebedeff@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – thaisclmd2@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Iniciado em 2017, o MathLibras é um projeto multidisciplinar que envolve as áreas de Matemática, Libras, Cinema e Audiovisual e Cinema de Animação, pertencente a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), conforme apresentam GRUTZMANN, ALVES e LEBEDEFF (2020).

Reconhecendo a experiência visual da surdez e a necessidade de respeitar as especificidades de ensino do aluno surdo (LEBEDEFF, 2010), o projeto se dedica a produzir vídeos didáticos visando o ensino de Matemática em Libras, com foco nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Em 2018, sentiu-se a necessidade de criar duas personagens, Levi e Sara (Figura 1), para representar o público alvo. A representação, como ferramenta de comunicação, é um método de produzir reconhecimento e legitimidade social (PESAVENTO, 2013). Dessa forma, é através destas personagens que se dá protagonismo ao indivíduo Surdo.

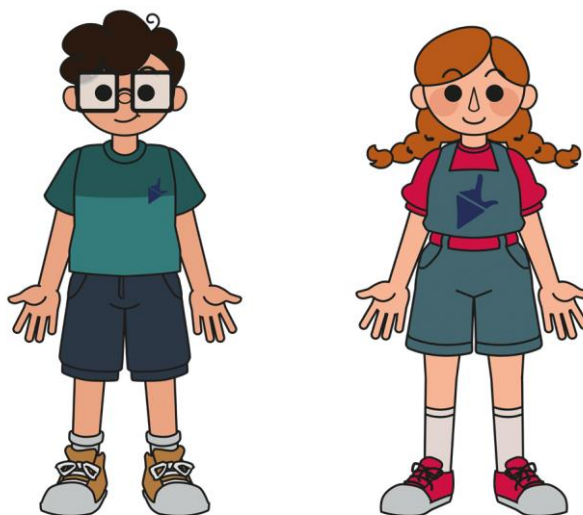


Figura 1: Levi e Sara.
Fonte: MathLibras, 2023.

A Comunidade Surda é reconhecida como comunidade linguística devido ao uso da Libras como característica identitária (FELIPE, 2007). Porém, devido à falta das tecnologias necessárias na época de sua criação, Levi e Sara se comunicavam apenas em Português, através de balões de fala com texto escrito.

Este texto propõe apresentar os passos tomados durante a criação de uma biblioteca de animações para as personagens, a fim de colocar em foco a comunicação em Libras.

2. METODOLOGIA

O trabalho utilizou como base para a produção de comunicação em Libras, três parâmetros: 1) o Alfabeto Manual da Libras e a lista de Configurações de Mãos utilizadas na Libras (Figura 2) disponibilizadas no site do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), 2) as orientações sugeridas por ROSADO e TAVEIRA (2022) na Gramática Visual para vídeos sinalizados e 3) os doze princípios da animação apresentados no Manual de Animação (WILLIAMS, 2016).



Figura 2: Um recorte da lista de configurações de mãos.
Fonte: INES.

O trabalho foi realizado através dos programas de computador Adobe Illustrator e Adobe After Effects, com utilização do *addon* Duik Angela, escolhidos pela sua ótima integração, tanto entre si quanto com os programas já utilizados na produção e edição dos vídeos do projeto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Logo de início foi decidido fazer as animações com a técnica Cut-Out, onde um desenho feito anteriormente é recortado em pedaços que são então animados individualmente. Assim, poderia ser garantida a consistência, tanto no estilo de desenho, quanto na qualidade da animação em si.

O modelo base foi finalizado como vetor, tipo de arquivo imagético que mantém a qualidade de reprodução independente da escala de tamanho utilizada no material.

O modelo foi dividido de maneira que a produção de futuras configurações de mãos e expressões faciais fossem de fácil integração através do uso de camadas dentro do arquivo vetorial base. Assim, garante-se a evolução do modelo à medida que demandas aparecem. De início foram desenhadas as configurações de mão utilizadas nos sinais “Sim”, “Não” e “Oi”, respectivamente (Figura 3).

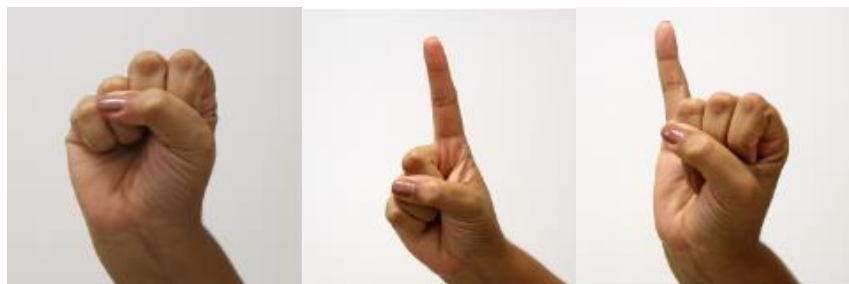


Figura 3: Configurações de mão.

Fonte: <https://sistemas.cead.ufv.br/capes/dicionario/>.

Em relação a animação, através do addon Duik Angela, foi possível a automatização de movimentos como a hierarquia de braços e mãos, pernas e pés, através de um processo chamado de *reverse kinematics*. Isso foi feito pensando na facilidade de uso para qualquer usuário não pertencente a área de Cinema de Animação, de modo que movimentos mais simples podem ser reproduzidos sem a necessidade de conhecimentos especializados.



Figura 4: Sara sinalizando “oi”.

Fonte: MathLibras, 2023.

Com os modelos feitos, começaram a ser produzidas animações de Levi e Sara sinalizando alguns sinais simples em Libras, como demonstrado na Figura 4.

4. CONCLUSÕES

Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo através das representações feitas sobre a realidade (PESAVENTO, 2013).

Utilizando-se dos princípios da animação e da automatização de processos advindos das inovações tecnológicas dos últimos anos, foi criada uma biblioteca de animações que pode e está crescendo junto dos personagens, o que abre as portas para uma melhor representatividade do indivíduo surdo através do papel de protagonista nos vídeos produzidos.

Assim, Levi e Sara aos poucos começam a sinalizar nos vídeos, a partir dos sinais de cumprimentos, como o “oi” e o “tchau”, além de “sim” e “não”, que respondem aos questionamentos feitos durante os vídeos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FELIPE, T. A. **Libras em Contexto**. 8ª Ed. Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora, 2007.

GRUTZMANN, T. P.; ALVES, R. da S.; LEBEDEFF, T. B.; **Pedagogia Visual na Educação de Surdos: uma experiência com o ensino da matemática no MathLibras. Práxis Educacional**. v. 16, n. 37, p. 51-74, Edição Especial, 2020.

INES. **Alfabeto de Libras e Configuração de Mãos**. Governo Brasileiro, Brasília, 07 set 2022. Especiais. Acessado em 09 set. 2023. Online. Disponível em: <https://www.gov.br/ines/pt-br/central-de-conteudos/publicacoes-1/alfabeto-manual-e-configuracao-de-maos>.

LEBEDEFF, T. B. Aprendendo a ler “com outros olhos”: relatos de oficinas de letramento visual com professores surdos. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 36, p. 175-195, 2010.

PESAVENTO, S. J. **História & história cultural**. 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

ROSADO, A.; TAVEIRA, C. **Gramática Visual para os vídeos em línguas de sinais**. Rio de Janeiro: INES, 2022.

WILLIAMS, R. **Manual de Animação**. 1ª Ed. São Paulo: SENAC, 2016.

EXPERIÊNCIA DOCENTE TRANSDISCIPLINAR NA PSICOLOGIA: UM OLHAR ARTÍSTICO DAS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES

LUANA SOARES COELHO¹; MARIA TERESA DUARTE NOGUEIRA²

¹ Universidade Federal de Pelotas – luanasoares.psi@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – mtdnogueira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo propõe-se a apresentar um relato de experiência no âmbito da docência, sendo que esta experiência faz parte de um pré-requisito parcial à conclusão de mestrado na Pós-Graduação, para quem possui bolsa estudantil.

Este trabalho foi desenvolvido pela mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Luana Soares e a disciplina ministrada no curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas no semestre 2023/1, nos meses de junho a setembro, no formato presencial no prédio da FAMED, como disciplina optativa, com o título de “Práticas Complementares em Psicologia”.

O objetivo principal da oferta da disciplina foi apresentar aos alunos do curso de Bacharelado em Psicologia em formato expositivo geral e específico as Práticas Integrativas e Complementares, principalmente as 29 práticas validadas no Sistema Único de Saúde (SUS), vistas como uma nova perspectiva entre os campos específicos da saúde, educação e arte, com ênfase nas que mais aproximam-se de abordagens entre as artes e a psicologia.

Segundo Azevedo (2011), a institucionalização das PIC's pela PNPIC aumentou o acesso à abordagens que só eram possíveis de ser disponibilizadas por áreas privadas, assim como implantou o desafio de interligar áreas de conhecimentos diversas no intuito de desenvolver projetos humanizados, integrais e transdisciplinares. (AZEVEDO, 2011, p.363)

Como Psicóloga formada nesta instituição de ensino (UFPel), e Mestranda do PPGARTES, pude estudar a presença e a importância de algumas abordagens da arte presentes na psicologia, o que me fez relacionar à arteterapia e à musicoterapia por exemplo, de forma direta à reforma psiquiátrica, onde Nise da Silveira, acompanhada por Dona Ivone Lara (BURNS, 2006), protagonizaram grandes mudanças na forma de ver o acompanhamento das doenças a partir de técnicas humanizadas como na proposta das PIC's.

Com base neste desejo antigo propus ao curso de Psicologia, uma disciplina relacionada a um plano de ensino já pré-existente, que pudesse aproximar os alunos do tema de maneira expositiva, geral e específico relacionado às PIC's, para que os graduandos de Psicologia pudessem a partir de atividades dialogadas e discussões teóricas abranger esse espaço transdisciplinar.

No plano de ensino estavam relacionadas como bibliografias obrigatórias, básicas e complementares, autores como Felipe Magaldi (2020), John Dewey (2005), Maria Beatriz Guimarães (2020), Even Ruud (1990) Matheus Correa de Jesus (2020), assim como os Conselhos Regional e Federal de Psicologia, dentre outros, que integravam o tema central de alguma forma, relacionando-os ao processo de compreensão das abordagens. A proposta de uma bibliografia mista entre as áreas, era auxiliar para que o aluno pudesse montar suas próprias

conclusões a partir de pesquisas bibliográficas e iconográficas distintas, na obtenção de referenciais e para desenvolvimento de pesquisas próprias complementando as aulas com atividades, exercícios práticos individuais e coletivos.

O objetivo principal da disciplina era fornecer um panorama sobre a história e a noção das Práticas Integrativas e Complementares (PIC's), entendidas como uma categoria transversal entre a educação, saúde e arte, bem como a inserção no Sistema Único de Saúde (SUS), proporcionando experimentações práticas com as várias possibilidades ligadas às PIC's, tanto nas artes quanto na saúde integral e estimular a reflexão e o senso crítico dos alunos e do curso de Psicologia sobre as práticas e conceitos formulados, em algumas abordagens pré selecionadas, em suas variadas possibilidades e manifestações.

Como objetivos específicos ainda encontrava-se a necessidade de desenvolver o relacionamento entre teoria e prática a partir dos exercícios realizados, apresentar as PIC'S crescentemente incorporadas ao conjunto de técnicas de intervenções psicológicas, incluindo técnicas oriundas do Yoga, meditação/mindfulness, musicoterapia e arteterapia. Ainda discutir a relação entre os pressupostos destas técnicas, bem como os pressupostos das ciências psicológicas, benefícios psicológicos das técnicas, seus contextos de aplicações, assim como estudos científicos das mesmas em contextos de saúde pública e privada.

2. METODOLOGIA

A proposição das aulas foram organizadas para uma disciplina de 4 créditos, ministrada uma vez na semana, através de materiais didáticos e exercícios práticos a partir de critérios fornecidos pela professora responsável pela disciplina.

As aulas utilizaram-se de materiais didáticos de revisão bibliográfica, assim como folders sobre o tema, cartilhas, vídeos, slides, músicas, técnicas de algumas PICs escolhidas, sendo desenvolvida a apresentação de referenciais teóricos e práticos a partir das realizações e interesses, provocados pelos temas propostos. Ainda como materiais físicos utilizou-se notebook, projetor, instrumentos musicais, materiais de utilização de algumas PICS (sementes, agulhas e ervas).

Foi feita a análise dos exercícios e colocação de novas proposições a partir dos trabalhos práticos debatidos em aula, através do relatos dos alunos.

Para a ampliação do repertório de referenciais transdisciplinares tivemos a presença da coordenadora das PIC's na UFPel, Dra. Kelen Cerqueira (Medicina), acompanhada de outras profissionais integrantes da equipe de PIC's da UBS Areal do município de Pelotas, onde propuseram uma aula expositiva sobre o funcionamento da UBS, bem como as principais técnicas de PIC's utilizadas, demonstradas em formato teórico e prático.

Ao final da disciplina, foi pedido aos alunos que respondessem um questionário dissertativo, aberto, com perguntas sobre a aprendizagem, importância e contribuições das PIC's para a aprendizagem pessoal e também na grade curricular do curso de Psicologia. Assim como foi pedido um segundo trabalho sem identificação nominal, que pudessem dissertar sobre o desempenho pessoal da estagiária quanto profissional dentro do estágio de docência.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A disciplina transcorreu de forma positiva, dentro das propostas didáticas estabelecidas, proporcionando um espaço de troca e acolhimento para todos os envolvidos, alunos, estagiária e professora supervisora da disciplina.

O questionário aplicado foi respondido pelos alunos trazendo sugestões e impressões pessoais sobre o decorrer da disciplina, sendo que foi a primeira vez que foi ofertada no curso de Psicologia, podendo observar pelas respostas e feedbacks do trabalho desenvolvido o interesse da turma, para que a disciplina seja ofertada novamente. Também foi salientado nas respostas a necessidade de elaboração sobre o tema das Práticas Integrativas e Complementares.

Um ponto destacado como positivo foram as experiências práticas das abordagens apresentadas, em relação aos campos de trabalho que podem ser utilizadas, como nas UBS's, Caps, Cuidativa e outros locais de atuação da Psicologia que pode também utilizar-se do olhar humanizado e pessoal de cada prática apresentada. Também os pontos que poderiam ter sido melhor abordados, atravessados pelas formas singulares de ver a disciplina onde cada pessoa trouxe a sua contribuição também como utilitário das PIC's, devido às práticas.

Também foi entregue pelos alunos um texto dissertativo sem especificação nominal, para que pudessem opinar de forma livre, sobre o desempenho da estagiária, assim como dicas e sugestões sobre a disciplina.



Figura 1. Arteterapia desenvolvida em aula

4. CONCLUSÕES

Pude observar enquanto pesquisadora e estagiária da docência na graduação em Psicologia, que existe uma necessidade não só mencionada nas respostas dos alunos nos trabalhos, quanto expostas de forma verbal durante o curso sobre a necessidade de mais aulas práticas, sejam elas de abordagens clássicas do currículo ou não, e também do desejo tanto dos alunos quanto meu como ex-aluna e estagiária, de que sejam criados mais espaços onde os alunos possam protagonizar as suas próprias histórias, assim como suas singularidades vividas no dia a dia, pois a disciplina se propôs a existir também quanto um espaço de acolhimento.

Em todas as aulas eram proporcionados momentos para que os alunos pudessem elaborar as suas demandas, através da metodologia apresentada, sendo que o autocuidado foi o principal tema e objetivo das Práticas Integrativas e Complementares apresentadas, fossem elas técnicas vinculadas às artes, saúde ou educação.

Observo a necessidade da proposição deste trabalho, pois as técnicas presentes nas PIC's, inovam e evidenciam o porquê elas deveriam ser apresentadas no curso de Psicologia em um próximo momento ou até mesmo levado à outros cursos como o curso de Artes, para problematizar sobre a transdisciplinaridade de uma maneira não-estigmatizada, como muitas vezes essas práticas são vistas no ambiente acadêmico, aumentando a bibliografia disponível. Para que os campos da arte e saúde cada vez mais possam perceber seus avanços de forma colaborativa, principalmente para o benefício dos alunos sobretudo universitários.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Elaine de; PELICIONI, Maria Cecília Focesi. **Práticas integrativas e complementares de desafios para a educação**. Trabalho, educação e saúde, v. 9, p. 361-378, 2011.

MAGALDI, Felipe. **Mania de liberdade: Nise da Silveira e a humanização da saúde mental no Brasil**. SciELO-Editora FIOCRUZ, 2020.

DEWEY, John. **Art as experience**. penguin, 2005.

GUIMARÃES, Maria Beatriz et al. **As práticas integrativas e complementares no campo da saúde: para uma descolonização dos saberes e práticas**. Saúde e Sociedade, v. 29, 2020.

RUUD, Even. **Caminhos da musicoterapia**. Grupo Editorial Summus, 1990.

SILVA, Marília Nunes et al. **Uma visão crítica sobre a contribuição de diferentes abordagens da Psicologia para a Musicoterapia**. XIII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia/XI Fórum Paraense de Musicoterapia/IX Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia, 2009.

REIS, Alice Casanova dos. **Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo**. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 34, p. 142-157, 2014.

JESUS, Matheus Correa de. **Práticas integrativas e complementares na relação com a Psicologia: um olhar transpessoal**. 2020.

ZINKER, Joseph. **Processo criativo em Gestalt-terapia**. Summus Editorial, 2007.

MÜLLER, Marcos José. **Merleau-Ponty: acerca da expressão**. Edipucrs, 2001.

<https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/pics>

<https://site.cfp.org.br/sus-3/>

ATELIÊ DIDÁTICO E CRIATIVO: RECURSOS PARA UMA ALFABETIZAÇÃO MAIS DIVERTIDA

RAFAEL MENDES¹; ARNALDO ANTÔNIO DUARTE DE DUARTE JUNIOR²;
DIULI ALVES WULFF³; GILCEANE CAETANO PORTO⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – rafaelmendespel@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – arnaldo.deduarte@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – diulii.alves@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas - gilceanep@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Ateliê Didático e Criativo trata-se de um projeto de extensão que tem como objetivo o desenvolvimento de recursos didáticos contextualizados em práticas de letramento que qualifiquem o ensino do Sistema de Escrita Alfabética (SEA). São desenvolvidas oficinas práticas de interação entre o grupo proponente, PET – Pedagogia, os estudantes da graduação e professoras alfabetizadoras, através da produção de materiais e da socialização de saberes.

Segundo a professora Magda Soares (2020), a alfabetização é o processo de apropriação de uma tecnologia – um conjunto de procedimentos e técnicas necessárias para a prática da leitura e da escrita. De acordo com a autora, essa aprendizagem se dá de modo articulado ao letramento, onde há uma imersão do aluno em atividades reais e de uso social do texto escrito. Assim, além de um arcabouço teórico consistente, o professor mediador precisa de uma “paleta metodológica” (MEIRIEU, 2005, p. 203) com materiais, dispositivos e métodos que possam ser articulados à sua intencionalidade.

Tendo em vista uma alfabetização lúdica, onde o aluno aprenda brincando com a língua, acreditamos que a sala de aula alfabetizadora deve ser recheada de recursos, como livros, jogos e materiais expositivos que convidem o aluno a explorar o mundo da leitura e da escrita. Visando o desenvolvimento do repertório didático-pedagógico necessário para tal, o Ateliê Didático e Criativo propõe o planejamento e confecção coletiva de recursos elaborados a partir da centralidade do texto. A seguir, apresentamos a síntese das atividades realizadas até então.

2. METODOLOGIA

O Ateliê Didático e Criativo é uma das atividades de extensão vinculadas ao projeto do PET- Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas. Considerando a situação de desigualdade agravada pela pandemia no que se refere aos conhecimentos das crianças acerca da leitura e da escrita, o grupo tem desenvolvido uma série de atividades de pesquisa, ensino e extensão acerca da alfabetização e letramento, a partir das contribuições de Magda Soares (2016; 2020) e Artur Gomes de Moraes (2012, 2019) na compreensão dos processos de alfabetização e letramento.

Inicialmente, realizamos uma pesquisa bibliográfica acerca de materiais didáticos que pudessem qualificar a ação docente para o trabalho com a linguagem escrita na escola, onde utilizamos os livros: Recursos didáticos no ciclo da alfabetização PNAIC UFRGS (ALMEIDA, 2018) e Oficina de Alfabetização: Materiais, Jogos e Atividades (MAGALHÃES, 2022). Para a idealização do projeto, visitamos a Didacoteca da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e o laboratório de alfabetização (LAPIL) da Universidade Federal de Rio Grande

(FURG), para conhecer o trabalho de outras universidades em relação à alfabetização e o desenvolvimento de recursos.

Ademais, a metodologia de organização das atividades teve como base a proposta metodológica da disciplina optativa de Metodologias da Alfabetização, ofertada pela tutora do PET, onde foram articuladas atividades de discussão teórica, exploração de jogos comerciais e pedagógicos, livros didáticos e de literatura infantil, e a confecção de jogos intencionados para o desenvolvimento dos Direitos da Aprendizagem (BRASIL, 2012) relacionados aos eixos da Língua Portuguesa.

A partir disso, constituímos um grupo com estudantes do curso de Pedagogia e professoras da rede pública com interesse em recursos pedagógicos. Nos encontramos de forma presencial e remota, via plataforma Google Meet. Também utilizamos grupo no WhatsApp para avisos importantes, turma no Google Classroom para o registro das oficinas e socialização de práticas e uma pasta no Google Drive para armazenamento de recursos, onde há um repositório de jogos e atividades para impressão.

Num primeiro momento, realizamos oficinas de utilização das ferramentas do Canva para a criação, edição e reprodução de recursos para impressão. As participantes foram desafiadas a reproduzir um jogo do livro Recursos didáticos no ciclo da alfabetização PNAIC UFRGS (ALMEIDA, 2018) e para isso, realizamos monitorias individuais para o uso da plataforma.

Em sequência, organizamos uma oficina de abertura que contou com a mediação da professora alfabetizadora Mônia Gonçalves Coelho, criadora do Bem Pensado Jogos. Ela nos mostrou seu trabalho como alfabetizadora e o processo de produção de recursos estruturados para a alfabetização. A partir disso, viemos realizando a elaboração, impressão e plastificação de recursos com objetivos linguísticos explícitos para a utilização em práticas de alfabetização. A seguir, seguem algumas discussões acerca do projeto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A produção do Ateliê tem como foco, recheiar as salas de alfabetização com materiais para imersão na cultura letrada, pensando em suas dimensões estético-visuais e funcionais, a fim de dispor recursos táteis e expositivos, com temáticas contextualizadas em gêneros textuais variados. São jogos e outros materiais envolvendo leitura, escrita, análise linguística e a oralidade, tais como cartazes, painéis, fichas de atividades e folhas estruturadas, que podem potencializar à ludicidade nas práticas de alfabetização.

De acordo com Morais (2012), a escrita alfabética é um sistema notacional, e não um código, e como nos ensinaram Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1984), seu aprendizado envolve um complexo trabalho conceitual para o desenvolvimento das hipóteses da criança acerca do funcionamento desse sistema. O aprendiz precisa encontrar respostas para duas questões: 1) O que as letras notam? 2) Como as letras criam notações? As hipóteses acerca dessas perguntas variam conforme o estágio em que o aprendiz se encontra. De início as crianças não sabem, ainda, que as letras representam ou notam a pauta sonora das palavras que falamos (hipótese pré-silábica). Depois, passam a acreditar que cada sílaba é representada por uma letra (hipótese silábica) e em sequência, que as sílabas são constituídas de pequenos sons, os fonemas (hipótese alfabética). Além disso, o aluno precisa ser orientado aos aspectos convencionais da escrita, como o uso das letras e a direção do texto.

Em vista disso, os recursos de análise linguística desenvolvidos no Ateliê, buscam auxiliar no processo de evolução das hipóteses da criança, a partir da exploração das propriedades do SEA que segundo Morais (2012, p.51) devem ser reconstruídas pelo aprendiz para que este se torne alfabetizado:

1. Escreve-se com letras que não podem ser inventadas, que têm um repertório finito e que são diferentes de números e de outros símbolos;
2. As letras têm formatos fixos e pequenas variações produzem mudanças em sua identidade (p, q, b, d), embora uma letra assuma formatos variados (P, p, P, p);
3. A ordem das letras no interior da palavra não pode ser mudada;
4. Uma letra pode se repetir no interior de uma palavra e em diferentes palavras, ao mesmo tempo em que distintas palavras compartilham as mesmas letras;
5. Nem todas as letras podem ocupar certas posições no interior das palavras e nem todas as letras podem vir juntas de quaisquer outras;
6. As letras notam ou substituem a pauta sonora das palavras que pronunciamos e nunca levam em conta as características físicas ou funcionais dos referentes que substituem;
7. As letras notam segmentos sonoros menores que as sílabas orais que pronunciamos;
8. As letras têm valores sonoros fixos, apesar de muitas terem mais de um valor sonoro e certos sons poderem ser notados com mais de uma letra.
9. Além de letras, na escrita de palavras usam-se, também, algumas marcas (acentos) que podem modificar a tonicidade ou o som das letras ou sílabas onde aparecem.
10. As sílabas podem variar quanto às combinações entre consoantes e vogais (CV, CCV, CW, CW, CVC, V, VC, VCC, CCVCC...), mas a estrutura predominante no português é a sílaba CV (consoante-vogal), e todas as sílabas do português contêm, ao menos, uma vogal.

Para esta exploração, confeccionamos materiais que envolvem todas as unidades da língua: texto, frase, palavra, sílaba, fonema e letra, partindo sempre das unidades linguísticas que fazem sentido para a criança: o texto e a palavra. As letras, para além dos recursos expositivos, são trabalhadas a partir de materiais concretos, como alfabetos móveis, jogos da memória, entre outros. O texto, eixo central da aprendizagem (SOARES, 2022), são introduzidos a partir de recursos que exploram os gêneros textuais orais e escritos, e as palavras, a partir de materiais com substantivos concretos, atrativos para a criança e que possuam uma variedade de estruturações silábicas. Além disso, buscamos desenvolver jogos e atividades com sílabas e fonemas, a partir da comparação entre palavras e não pela memorização e encaixe mecânico de suas partes. Considerando que os fonemas não podem ser oralizados, estes sempre são trabalhados dentro do contexto da sílaba. (MAGALHÃES, 2022).

Tendo em vista que as habilidades de reflexão acerca dos aspectos sonoros das palavras (consciência fonológica), contribui no processo de alfabetização, confeccionamos jogos como baralhos, trilhas, dominós e bingos que estimulam a identificação de rimas, aliterações, palavras que começam com a mesma sílaba ou fonema, palavra dentro de palavra, palavras maiores ou menores, entre outros.

Porém, as ações do Ateliê envolvem a compreensão de que a brincadeira com as palavras não está apenas na materialidade dos recursos confeccionados. De acordo com Leal, Albuquerque e Leite (2005) o “brincar com a língua” faz parte da cultura infantil dentro e fora da escola. Está em músicas e cantigas de roda, parlendas, poemas, quadrinhas e adivinhações. Dessa forma, o trabalho da professora alfabetizadora vai além da criação e utilização de materiais estruturados

e envolve a articulação de uma ampla possibilidade de recursos pedagógicos que potencializem a aprendizagem da criança. A seguir algumas considerações finais.

4. CONCLUSÕES

Através do compartilhamento de saberes pedagógicos acerca do processo de alfabetização e letramento e da confecção de materiais didáticos, as oficinas do Ateliê Didático e Criativo tem proporcionado o diálogo teórico-prático necessário para o desenvolvimento profissional das professoras em formação inicial e continuada. É pela convicção de que toda criança pode aprender a ler e a escrever, que buscamos recursos para tornar o processo de alfabetização e letramento mais divertido. Porém, compreendemos que a ludicidade e o prazer na exploração linguística não são exclusividades de materiais didáticos, mas também se manifestam em diversas práticas culturais das crianças que permeiam o ambiente escolar e extramuros.

Assim, buscamos criar um espaço de diálogo acerca de práticas pedagógicas que explorem as diversas formas de expressão linguística, para que possamos desenvolver um trabalho sistemático com a língua portuguesa que envolva os alunos em práticas de inserção na cultura oral e escrita de forma lúdica e prazerosa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Laura Bagatini de. **Recursos didáticos no ciclo da alfabetização PNAIC UFRGS**. São Leopoldo: Oikos, 2018.

MAGALHÃES, Luciane Manera. **Oficina de Alfabetização: Materiais, Jogos e Atividades**. Appris Editora, 1ª ed. 2022.

MEIRIEU, Philippe. **O cotidiano da escola e da sala de aula: o fazer e o compreender**. Tradução: Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. Editora Melhoramentos, 2012.

MORAIS, Artur gomes de. **Consciência fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, Magda. **Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges; LEITE, Tânia Maria Rios. Jogos: alternativas didáticas para brincar alfabetizando (ou alfabetizar brincando?) In: MORAIS, Arthur Gomes; CORREIA, Eliana Borges. **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 111- 132.

O DESPERTAR DO CORPO ATRAVÉS DA EXPERIÊNCIA DO TEATRO NA ESCOLA

ANA LAURA BIANCHINI¹; MARINA DE OLIVEIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – ana.laurabianchini18@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marinadolufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo expandido relata as minhas reflexões a partir da vivência no Projeto LADRA (Laboratório de Dramaturgia) na comunidade, da Universidade Federal de Pelotas. O projeto, coordenado pela professora Marina de Oliveira, acontece na modalidade de extensão e uma de suas ações denomina-se “Oficina de jogos teatrais no Pelotense”, em que atuo como ministrante, junto com o colega Leonan Fernandes da Costa, no contraturno das aulas do Colégio Municipal Pelotense. Também compõe a equipe da ação o professor Joaquim Lucas Dias dos Santos, como colaborador e organizador.

A partir dos meus atravessamentos como ministrante de oficina para turmas dos 6ºs aos 8ºs anos, reflito sobre o teatro na escola como um despertar do corpo através da experiência. O projeto iniciou no colégio durante o mês de março de 2023 e, desde então, passei a investigar a minha prática pedagógica com o objetivo de pensar em outros modos de relação que as pessoas podem ter com o próprio corpo. Surgiram, a partir desse momento, as seguintes perguntas: Como realizar um trabalho com o corpo que ultrapasse a sala de ensaio, atingindo também a vida dos participantes? Como o trabalho com o teatro pode servir para a consciência corporal? A partir das minhas indagações, reflito sobre o fazer teatral como uma experiência de presença e atenção em si que pode vir a gerar uma consciência que ainda não era conhecida para aqueles alunos antes de iniciarem a oficina de teatro. Essa percepção está em estágio inicial e fortalece a minha busca por práticas teatrais que atuem no afloramento dessa consciência.

Como referenciais teóricos, utilizo os apontamentos da professora Luciana Paulo, que discute a respeito da movimentação como forma de consciência corporal (PALUDO, 2010); da pedagoga teatral Viola Spolin, que entende que todos podem jogar e aprender com o jogo teatral (SPOLIN, 2010); e dos professores Jorge Larossa Bondía (2002) e Christine Greiner (2006) autores que discutem a relação entre experiência e corpo.

2. METODOLOGIA

A oficina de jogo teatral no Colégio Municipal Pelotense iniciou para os alunos que estudam durante a tarde no mês de março de 2023 e é contínua, todas as quartas-feiras, das 10h às 12h, atendendo em média 13 alunos. A sua realização tem se concretizado através da prática de jogos presentes na obra *Improvisação para o teatro*, da autora Viola Spolin. Os encontros estão se realizando com a seguinte dinâmica: alongamento, aquecimento, jogos teatrais e improvisos. Conforme o meu interesse em nutrir práticas de percepções corporais de si e do outro, investigo exercícios que abordam experiências de se relacionar com o corpo não usuais e cotidianas, em busca de novos atravessamentos. Como

exemplo, experimentar o corpo de um animal, ou uma caminhada em um ritmo diferente.

Existem inúmeros exercícios que podem servir como exemplo para instigar uma consciência corporal. Até o presente momento, tenho começado os encontros com a seguinte pergunta: Como seu corpo está se sentindo hoje? Fazendo isso, pretendo buscar uma atenção ao corpo como ele está, suas tensões, dores, incômodos. Após esse momento, solicito que os alunos se deem no chão e realizem o processo de sentir as partes de seu corpo separadamente e dando atenção a algo que, diariamente, não é notado. Ademais, experimento sempre realizar atividades em que os alunos experimentem movimentos não usuais e instigo que investiguem seus corpos e suas formas de realizar as atividades, sempre pensando em que se crie uma autonomia de investigação. Também tenho experimentado realizar com eles movimentos em diferentes planos (alto, médio e baixo) e em diferentes velocidades, visando o foco e concentração no corpo em diferentes estados.

Também costumo fazer perguntas como: “Em quais momentos do dia prestamos atenção em nosso corpo? Ou experimentamos movimentos diferentes daqueles que já fazemos no automático? E mesmo os movimentos que realizamos todos os dias, em quais momentos tomamos consciência deles?”

Esses exercícios estão sendo propostos durante o processo a partir de todas as vivências teatrais que já atravessaram o meu corpo. Para a construção teórica dessa reflexão foi realizada uma revisão bibliográfica do artigo “A experiência do corpo que perdemos” de Luciana Paludo e “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”, de Jorge Larrosa Bondía. Além desses materiais, que dão suporte ao planejamento das aulas, tenho levado em conta a avaliação que os alunos fazem dos exercícios propostos. Em um dos encontros, após eu guiar um ‘nascimento da semente’, exercício que solicitava o nascimento dos alunos do chão ao plano alto, como sementes de árvores, uma das participantes trouxe suas considerações colocando como o exercício havia sido prazeroso, pois a deslocou das suas preocupações diárias e problemas em casa para um foco em si e no momento presente. Com base nesses e outros comentários, observo de que modo essas experiências reverberam nos corpos dos alunos.

3. RESULTADO E DISCUSSÃO

Há dois grandes fatores que possibilitam que o projeto de extensão se elabore. O primeiro implica na estrutura adequada do Colégio Pelotense, contando com dois grandes auditórios para aula e o segundo, na disponibilidade dos alunos. É notório que o trabalho de extensão que venho realizando só se torna viável graças ao ambiente que possui todos os materiais necessários para uma aula de teatro, como um chão de madeira adequado, uma caixa de som, figurinos e objetos disponíveis, junto a isso, por ser no período de contraturno, permanecem no grupo aqueles que se interessam e se permitem fruir por essa linguagem.

A autora Viola Spolin defende que não existe uma pessoa mais talentosa que a outra mas que, “é no aumento da capacidade individual [de experimentação] que a infinita possibilidade de uma personalidade pode ser evocada” (SPOLIN, 2010, p. 3). Desse modo, os participantes possuem as condições necessárias para estarem disponíveis à experimentação, sendo possível o desenvolvimento do trabalho. A oficina iniciou com o intuito de

introduzir a linguagem do teatro através de jogos teatrais. Conforme o processo foi evoluindo, passei a refletir sobre a minha prática pedagógica e sobre os atravessamentos do teatro em meu corpo. Desde então, tenho abordado a realização de práticas que instiguem os estudantes a perceberem os seus corpos, os seus movimentos cotidianos e extracotidianos, prestando atenção em impulsos, tensões, nos seus comportamentos e reações.

Reconheço a importância do fazer teatral para o desenvolvimento de minha consciência corporal e por isso defendo a importância do movimento, da consciência do movimento e da atenção no corpo como propulsores de se aprimorar uma consciência de si. A autora Christine Greiner (2006) aponta o entendimento do corpo como um processo, evitando considerá-lo como um produto pronto, mas que está sempre em construção conforme os seus atravessamentos. Quando entendemos que nosso corpo é um processo, pode-se pensar que ele muda a cada dia, pois existem diversos elementos externos e internos que o cruzam a todo momento. Sendo mutável, o corpo pode ser pesquisado através da experimentação teatral e, assim, tanto o nosso interno quanto o nosso externo podem vir a mudar.

Enquanto realizo uma prática em que dedico a atenção em meu corpo e em como ele quer se movimentar, tenho a possibilidade de me libertar de algumas amarras sociais que me impedem de agir com determinado comportamento e posso praticar uma liberdade para uma criação. Procurando os meus impulsos corporais e me movimentando como desejo, estou desenvolvendo uma espécie de escuta. Creio que seja a partir dessa escuta interna, que se externaliza nos exercícios, que a consciência corporal pode se aflorar. Essa escuta, muitas vezes, está mais relacionada ao fazer do que ao raciocinar, desse modo, a dicotomia entre mente e corpo tem de ser diluída para que o corpo orgânico passe a agir como deseja.

A cada dia em que pesquiso meu corpo como atriz, dou atenção a impulsos e partes de mim que passam despercebidos. Consigo enxergar como ‘fazer teatro’ e perceber meu corpo auxilia no afloramento de um autoconhecimento e tomada de minhas decisões. São a partir das minhas experiências que busco despertar em meus alunos do Pelotense possíveis caminhos de, através dessa linguagem, aprimorarem uma consciência de si que ultrapassa a experiência teatral e se torna uma eterna pesquisa corporal. A autora Luciana Paludo, em seu artigo “A experiência do corpo que perdemos”, disserta sobre o desenvolvimento de uma consciência corporal:

Reitero que uma consciência adquirida de corpo próprio não exclui a consciência que temos de nosso meio e do outro. Ao contrário, a consciência de si aguça a percepção de nosso entorno. O quão utópico, então, se apresenta a ideia de que cada pessoa possa adquirir uma consciência aguçada de seu corpo? Das noções proprioceptivas que se tem (ou da ausência destas), ao nível de percepção espacial e temporal, o que nos impede de desenvolver uma maior consciência do corpo? (PALUDO, 2010, p. 5)

A autora ainda complementa mais à frente: “diria que essa consciência de si geraria na pessoa uma capacidade de escolher” (PALUDO, 2010, p. 5). Assim sendo, essa consciência desenvolvida através da experiência além de potencializar nossa autonomia, tem a capacidade de alterar o modo que percebemos o nosso corpo e o mundo. Acrescento que, enquanto vivenciamos

outros modos de experimentar o corpo, também realizamos um processo de rever barreiras morais que existem tais quais como devemos nos comportar ou como devemos agir em determinada situação. Todas essas são considerações que a experiência do teatro pode fazer vir à tona no corpo de cada um.

Em alguns ambientes cotidianos do mundo contemporâneo e, muitas vezes na própria escola, o nosso estado físico e mental não é considerado e, a partir desse trabalho, instigo que os alunos reconheçam seus estados e utilizem deles para as atividades. Se eu estou envergonhado para uma atividade, ou estou muito cansado, como me aproveito disso para a oficina? Como escuto meu corpo e, engajado com o processo, crio a partir disso? Em poucos meses de trabalho, recebi relatos de participantes que argumentam terem se tornado mais observadores do mundo e desenvolvido uma maior capacidade de comunicação nas outras aulas. Esses apontamentos demonstram que o trabalho com o corpo já está atravessando os alunos, gerando experiências, que o teórico Bondía irá definir como: “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (BONDÍA, 2002, p. 21), logo, algo que fica em nosso corpo de certo modo.

Para que a autonomia de criação seja desenvolvida e que a consciência possa se construir, o meu papel como professora é o de incentivar a liberdade de criação. Como Viola Spolin comenta em sua obra, o “como” não deve ser explicado, cada aluno com a sua individualidade tem de experimentar conforme o seu corpo, as suas vivências e o jogo com os colegas. Ademais, é necessário que ocorra a reflexão da prática vivida, através de conversas e compartilhamento de sensações, para que a mudança ocorra.

4. CONCLUSÕES

Concluo que a experiência com o teatro e, conseqüentemente, o relacionamento com o corpo pode vir a modificar o nosso modo de relação com o nosso interno e externo. Tendo em vista um sistema educacional onde as crianças por vezes têm de passar todo o período na escola sentadas em classes, Luciana Paludo crê que experimentar com o corpo “... É como andar na contramão desse sistema que propicia ao esquecimento do corpo próprio” (PALUDO, 2010, p. 9). Por essa razão, investigo exercícios que possam auxiliar os alunos a desenvolverem uma consciência corporal de autonomia, escolha e escuta do corpo que reverbere em suas vidas pessoais. Até o presente momento, concluo que um dos caminhos para isso é a experimentação de movimentos e reações extracotidianas, colocando o corpo em um estado diferente como possibilidade para reflexão sobre si.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GREINER, Christine. **O corpo, pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: AnnaBlume, 2006.
- LARROSA, Bondía. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Belo Horizonte, nº 19, jan/fev/mar/abr. 2002.
- PALUDO, Luciana. **A experiência do corpo que perdemos**. Porto Alegre: Seminário Mal Estar Na Cultura. In: https://appoa.org.br/uploads/arquivos/luciana_paludo_a_experiencia_do_corpo_que_perdemos.pdf. 2010. Acesso em 12 set. 2023.
- SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

APRIMORANDO A PROFICIÊNCIA ORAL NA LÍNGUA INGLESA POR MEIO DA INICIATIVA DA SPE UFPEL: SPEAKING.

JULIA BEHLING DE CASTRO¹; LARISSA PINHEIRO COSTA²

¹Universidade Federal de Pelotas – juliacastrobehlingcastro@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – costa.larissa@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A Sociedade de Engenheiros de Petróleo (SPE Internacional) é uma associação profissional sem fins lucrativos, que possui mais de 100.000 membros ao longo de mais de 130 países, todos eles envolvidos ativamente na exploração e produção de petróleo e gás, bem como em recursos energéticos relacionados (SPE, 2023). A SPE Internacional em conjunto com o sua filiada SPE UFPEL, desempenha um papel crucial como recurso técnico e profissional, proporcionando inúmeras oportunidades para a troca de informações e conhecimento por meio de uma variedade de eventos, tanto presenciais quanto online, além de oferecer valiosos programas de treinamento, publicações e recursos exclusivos para seus membros.

Dentre os eventos sediados pela SPE UFPEL, podemos citar o projeto "SPEaking", que tem como principal objetivo criar um ambiente de desenvolvimento que promova a capacitação e aprimoramento da habilidade de oralidade dos participantes na língua inglesa. Isso é alcançado através de encontros que se concentram na área de conversação (i.e., speaking) visando melhorar as habilidades de comunicação interpessoal e técnicas dos participantes.

Com um mundo globalizado e tecnológico onde a capacitação e a qualificação profissional, torna-se cada vez mais exigente, o ensino da língua inglesa é um instrumento primordial para que as trocas de informações fluam de maneira eficiente (ARAÚJO et al., 2019). Ademais, o inglês em sua forma básica deixou de ser um diferencial para ser uma exigência, na atualidade há uma necessidade de se saber a língua fluentemente (PILATTI e dos SANTOS, 2008).

Sendo assim, a justificativa para este projeto reside na importância crescente do domínio da língua inglesa como uma qualidade profissional essencial no mercado de trabalho da indústria de óleo e gás. Através dessa iniciativa, os discentes podem expandir seus conhecimentos além da área técnica, enriquecendo seu vocabulário e capacidade de comunicação, contribuindo assim para o desenvolvimento de habilidades cruciais para o sucesso profissional.

2. METODOLOGIA

O SPEaking teve sua primeira edição em 2018 e, hoje, segue o formato presencial estabelecido desde o seu começo. Apesar dos semestres serem reduzidos, o projeto manteve-se de pé e aconteceu nos dois semestres prescritos, de acordo com o calendário acadêmico da Universidade Federal de Pelotas.

No primeiro semestre de 2023, os encontros aconteceram a cada 15 dias e no segundo semestre fluíram de forma semanal, devido à empolgação dos alunos e à disponibilidade da professora responsável Larissa Pinheiro Costa. Larissa foi quem comandou todos os encontros do projeto, aplicando atividades didáticas, troca de ideias dinâmicas e transmitindo conhecimentos baseado na sua fluência

na língua inglesa. As datas, assuntos abordados e locais de encontro foram divulgados online, nas mídias sociais da SPE UFPel (Figura 1).

De forma geral, o Prédio da Alfândega e a Praça da Alfândega foram os locais utilizados para que o projeto fosse realizado de forma tranquila e sem dificuldades. Cada encontro durou em média 2 horas, com certificados gerados aos participantes e aos organizadores, podendo citar como organizadores da última edição: Julia Behling de Castro, Verônica Beckmann, Jonathan Lemes, Guilherme Taylor e Caio Pires.



Figura 1: Card de divulgação de um dos encontros do “SPEaking”.

A metodologia adotada, que incluiu encontros regulares (Figura 2) onde a professora responsável abordou uma variedade de temas relevantes para os estudantes, desde conhecimentos técnicos até o uso do inglês em situações do dia a dia. Além disso, a ênfase na interação e na prática oral permitiu que os participantes ganhassem confiança em suas habilidades linguísticas e se prepararem melhor para futuras oportunidades de trabalho na indústria de óleo e gás.



Figura 2: Alunos, organizadores e professora reunidos na Praça da Alfândega.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta edição do projeto, foram realizados 4 encontros presenciais. O primeiro ocorreu no dia 31 de julho de 2023 às 17h30, com a presença da professora Larissa Pinheiro Costa, onde desenvolveu-se uma dinâmica em parceria com o Petrobowl Team SPE UFPEl, realizando-se um Petroquiz em grupos com perguntas voltadas ao setor de óleo e gás. Com isso, os alunos puderam testar seus conhecimentos técnicos e de língua estrangeira.

O segundo encontro ocorreu no dia 07 de agosto de 2023 e a temática utilizada foi um conteúdo totalmente voltado para as oportunidades do mundo, proporcionando a todos um contato enriquecedor com pessoas que vivem fora do Brasil, a fim de aperfeiçoar o vocabulário. Além disso, ocorreu uma dinâmica especial com o intuito de praticar a fala e desenvolver habilidades para entrevistas de emprego. Já o terceiro encontro, aconteceu no dia 14 de agosto de 2023 (Figura 1,2) e neste encontro, foi aprofundado o conhecimento no mundo do inglês informal do dia a dia, explorando e dialogando sobre como o inglês é utilizado informalmente, expressões idiomáticas e abordagens comuns em conversas informais, através da musicalidade.

Tratando do 4º e último encontro, sediado no dia 21 de agosto de 2023, aprofundou-se o entendimento sobre como comunicar-se em inglês de maneira mais fluente e natural e também expandiu-se os conhecimentos ao descobrir expressões idiomáticas, vocabulário cotidiano e estratégias para lidar com situações reais de conversação.

Os resultados alcançados foram notáveis, com os alunos demonstrando um aumento significativo em suas habilidades de comunicação em inglês e um enriquecimento de vocabulário. Além disso, o ambiente amigável e colaborativo criado pelo projeto contribuiu para que os participantes se sentissem motivados e engajados ao longo de todas as edições. Por fim, destaca-se que o currículo de um bom engenheiro demonstra o caminho trilhado por ele e suas buscas por aperfeiçoamento, já que este profissional deve estar sempre pronto para os desafios do mercado de trabalho e preparado para o futuro (ARAUJO *et al.*, 2009).

Na Figura 3, apresentam-se detalhes sobre os diferentes semestres e o número correspondente de encontros realizados com os alunos. No semestre correspondente a 2022/2, foram conduzidos três encontros, com uma participação de 19 alunos no primeiro, 24 no segundo e 15 no terceiro encontro, respectivamente. No entanto, no período do semestre 2023/1, observamos uma ligeira variação, com quatro encontros realizados e 18 alunos presentes nos três primeiros encontros, enquanto o quarto encontro registrou a presença de 21 alunos. Portanto, apesar das variações observadas a procura pelos alunos foi consistente. Além disso, nota-se que os encontros mais próximos ocorridos em 2023/1 foram importantes para manter a presença dos alunos constante.

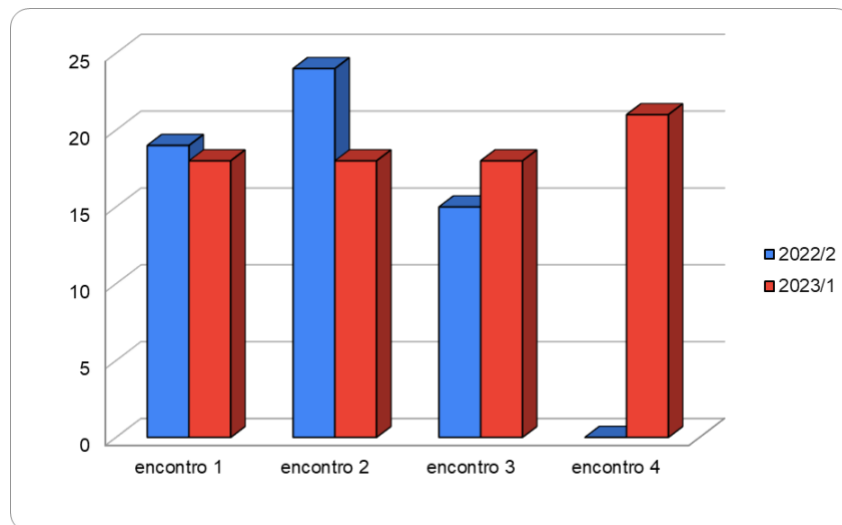


Figura 3: Gráfico gerado no Excel, contendo o número de pessoas por número de encontros, em diferentes semestres.

4. CONCLUSÕES

O "SPEaking" não apenas cumpriu seu objetivo de aprimorar a proficiência oral em inglês dos estudantes, mas também se tornou uma iniciativa querida e lembrada entre os alunos da Engenharia de Petróleo. Esse sucesso ressalta a importância de programas semelhantes no ensino superior, que não apenas se concentram nas habilidades técnicas, mas também nas habilidades linguísticas e de comunicação necessárias para que os futuros engenheiros de petróleo prosperem na sua carreira profissional.

Portanto, o projeto "SPEaking" é um exemplo inspirador de como as instituições acadêmicas podem contribuir para o desenvolvimento profissional abrangente de seus estudantes, preparando-os para os desafios e oportunidades que encontrarão em suas carreiras futuras na indústria petrolífera.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAUJO, V.V.; DAMASCENO, A.P.; COTRINHO, H.K.A.; FEITOSA, L.G.; DOS SANTOS, S.H.M. 2019. A Importância do Inglês na Engenharia como Diferencial no Mercado Competitivo e Globalizado. **I Congresso Araguaense de Ciências Exata, Tecnológica e Social Aplicada**.
- PILATTI, A.; DOS SANTOS, M.E.M. 2008. O domínio da língua inglesa como fator determinante para o sucesso profissional no mundo globalizado. **Secretariado Executivo em Revista**, v.4.
- SPE. **Society of Petroleum Engineers**. 2023. Acessado em: 13 set. 2023. Disponível em: <https://www.spe.org/en/about/>

OFICINA RÍTMICA. PRÁTICA REMOTA NA PANDEMIA

NILTON RICARDO AVENDANO DA ROSA¹; MARCELO BOLDT DOS SANTOS²
MIGUEL DUARTE RODRIGUES DA SILVA³, ISABEL BONAT HIRSH⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – nilavendano@hotmail.com
²Universidade Federal de Pelotas – boldtuitar@yahoo.com.br
³Universidade Federal de Pelotas – miguelduart2020@gmail.com
⁴Universidade Federal de Pelotas – isabelhirsh@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Os desafios enfrentados durante a pandemia para o trabalho docente exigiram muita criatividade e esforço, tanto dos alunos quanto dos professores.

Em meio às restrições sanitárias, a utilização de plataformas virtuais possibilitaram o desenvolvimento de vários projetos, sobretudo os concernentes à educação.

Em 2021, formatei um estudo virtual com alunos da orquestra do Areal, em Pelotas/RS, junto ao Projeto Fazendo Um Som, contando com crianças de 07 a 15 anos, no qual foi trabalhada a pulsação através do método “O PASSO” de Lucas Ciavatta.

O método “O PASSO” foi desenvolvido pelo professor Lucas Ciavatta, com aplicabilidade a partir de 1996, o qual procura, na prática corporal, desenvolver o controle e o entendimento da pulsação.

Assim, em virtude da pandemia, como formatar uma aula onde a prática da pulsação não fosse experimentada presencialmente?

O método “O PASSO”, veio auxiliar na apresentação e desenvolvimento das práticas propostas.

A partir dessa experiência, pôde-se verificar que os conteúdos, mesmo essencialmente práticos, poderiam ser explorados de forma virtual, fazendo com que surgissem muitos outros projetos utilizando essa tecnologia digital.

O presente trabalho busca compartilhar as experiências vividas no período pandêmico, demonstrando o quanto se pode desenvolver conteúdos práticos, pela via digital.

O método “O PASSO” traz muitos exercícios prontos, os quais, pela repetição, vão, paulatinamente, concedendo autonomia e entendimento ao aluno sobre o controle da pulsação, incorporando, por camadas, as diversas sugestões de exercícios corporais, com suas características peculiares, como movimentos sincronizados, utilizando várias camadas corporais, tais como, a voz, as palmas e o andar.

2. METODOLOGIA

Primeiramente fora enviado, junto com as folhas de exercícios, um documento contendo as explicações sobre como executá-los. Os encontros eram realizados por video chamadas, onde todos acompanhavam as explicações e a demonstração de como realizar os exercícios, para, ao depois, ir experimentando-os.

O professor adequa sua câmera, seja pelo celular ou pelo computador e realiza, “*on line*” uma primeira demonstração, sugerindo aos alunos que repitam seus movimentos, aumentando gradualmente seu nível de dificuldade. Com a repetição vem o aprendizado e a autonomia de movimentos, respeitando os critérios dos exercícios, movimentos e velocidades. Para avaliar o processo de aprendizagem, eram solicitados vídeos que os alunos produziam em suas residências, e, depois de várias gravações, enviavam a que apresentava os melhores resultados. Os vídeos eram recebidos no grupo, ou seja, havia um compartilhamento desse material audiovisual, onde todos mostravam seus resultados. Entretanto, os feedbacks, eram realizados de forma privada, diretamente no contato pessoal do aluno, como forma de preservar eventuais dificuldades no aprendizado individual. Ao final, todos eram convidados a fazerem performances dos exercícios já estudados, e, como fechamento, eram incentivados a continuar suas práticas, para atingirem resultados ainda mais expressivos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos foram muito satisfatórios, mesmo frente a este pioneirismo forçado, isto é, a necessidade de desenvolver conteúdos musicais práticos, ante aquela situação de calamidade pública, que impedia a experimentação presencial. Os alunos inicialmente, demonstravam certa timidez nas primeiras tentativas frente às câmeras, mas após suas repetidas gravações em seu próprio ambiente doméstico, começavam a ganhar certa confiança e autonomia nos movimentos. Os alunos, normalmente entre 07 e 15 anos, tinham poucas experiências musicais, e dedicavam-se mais à prática do instrumento preferido. A oficina rítmica trouxe mais elementos para que suas performances instrumentais fossem aprimoradas, uma vez que o entendimento e a prática correta da pulsação, trazem maior firmeza e fluidez na prática instrumental.

4. CONCLUSÕES

Portanto, mesmo sendo a pulsação, um conteúdo musical evidentemente prático, a forma presencial pôde ser substituída pela remota, através das tecnologias digitais, proporcionando a continuidade de projetos coletivos, como no caso da Orquestra do Areal de Pelotas, fazendo com que as crianças pudessem manter suas atividades musicais, as quais, certamente, as ajudavam a enfrentar aquela situação de reclusão forçada. A criatividade do professor, em momentos atípicos, é o diferencial para que o processo de ensino continue se desenvolvendo, de forma a garantir o aperfeiçoamento intelectual dos alunos, na medida em que não se pode assumir uma posição defensiva e antiprodutiva, a causa educacional exige muitos esforços, características estas, mais encontradas em profissionais vocacionados para a docência.

Outra circunstância que se pode referir, é a apresentação do novo, do surpreendente, ainda mais para essa geração tão tecnológica, que precisa estar motivada dentro do seu meio, no caso, as ferramentas digitais, e, para que se possa manter o estado motivacional dos alunos, é necessário o aperfeiçoamento do professor, buscando dominar esse novo mundo e “falar a mesma língua” dessa nova geração.

A revolução tecnológica está mudando o mundo analógico, o qual tinha estabilidade, previsibilidade, com rotinas educacionais perpassadas por décadas, até encontrar esse divisor de águas – a tecnologia digital – um espécie de portal, que vai nos levando a situações, a pouco, inimagináveis, abrindo possibilidades e proporcionando interatividade em qualquer lugar do mundo. Isso não é pouco, e faz toda a diferença quando alguma crise se estabelece, não havendo mais fronteiras que impeçam o conhecimento de chegar a todo destinatário que quiser recebê-lo.

A pandemia trouxe muitos desafios, e, para enfrentá-los, os professores tiveram que adaptar suas estruturas e conteúdos, sem nunca renunciar a qualidade do trabalho a ser desenvolvido.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CIAVATTA, Lucas. **O Passo – música e educação**. 1 ed. Rio de Janeiro. L. Ciavatta, 2009.

OFICINA BÁSICA DE VIOLÃO: UMA EXPERIÊNCIA COM PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO PELO PROJETO FOCEM

MIGUEL DUARTE RODRIGUES DA SILVA¹; MARCELO BOLDT DOS SANTOS²;
NILTON RICARDO AVENDANO DA ROSA³; ISABEL BONAT HIRSCH⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – miguelduart2020@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – boldtguitar@yahoo.com.br;

³Universidade Federal de Pelotas – nilavendano@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – isabel.hirsch@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este documento tem por objetivo mostrar o trabalho desenvolvido na Oficina Básica de Violão que é vinculada ao projeto de extensão Formação Continuada em Educação Musical (FOCEM). O projeto faz parte da disciplina de Orientação e Prática Pedagógica-Musical do Curso de Música – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas por meio da integralização da extensão. A proposta do FOCEM é a formação continuada de professores pedagogos que tem pouco ou nenhum conhecimento musical em sua formação, através da oferta de várias oficinas musicais.

De acordo com o artigo 4º da Resolução CNE/CP nº 1, de 27 de outubro de 2020, Formação Continuada de Professores da Educação Básica

[...] é entendida como componente essencial da sua profissionalização, na condição de agentes formativos de conhecimentos e culturas, bem como orientadores de seus educandos nas trilhas da aprendizagem, para a constituição de competências, visando o complexo desempenho da sua prática social e da qualificação para o trabalho (BRASIL, 2020, p.2).

Nesse sentido, a Oficina Básica de Violão tem como objetivo a iniciação ao instrumento e o desenvolvimento de repertórios infantis voltados para sala de aula e é ofertada para professores que já participaram da Oficina Básica de Musicalização, que também faz parte do FOCEM. O intuito da Oficina Básica de Violão é oportunizar o primeiro contato com o instrumento, devido a isso, todos os conteúdos são voltados para quem está iniciando o aprendizado ao instrumento. De acordo com LIMA (2006), professores buscam a formação e

[...] procura renovar sua prática pedagógica em busca de um ensino de melhor eficiência que resultará na transformação de sua ação docente. Coletivamente novas alternativas surgirão, assim também como o surgimento de novos saberes pedagógicos. A formação continuada abre perspectivas de construir ações concretas na busca da qualificação do trabalho docente de qualidade (LIMA, 2006, p. 21).

O uso do violão, assim como de outros instrumentos musicais em sala de aula pode tornar o aprendizado mais fácil e ao mesmo tempo interessante. O violão pode ser um grande aliado para as atividades musicais em sala de aula, pois o mesmo é um instrumento harmônico prático e ao mesmo tempo muito versátil. Ao utilizar o violão nas atividades musicais em sala de aula, o professor pode trabalhar repertórios variados com sua respectiva turma, como por exemplo músicas infantis, folclóricas, cantigas, músicas de roda entre outras.

2. METODOLOGIA

A oficina foi desenvolvida na modalidade de ensino remoto em 2021, em virtude da pandemia de Covid-19. Inicialmente a turma começou com quatro alunos, sendo que, três deles acabaram desistindo ainda nas primeiras semanas, restando assim apenas uma única aluna. Ao total foram realizados dez encontros semanais de forma síncrona via videoconferência realizada pela plataforma Meet do Google. Foi utilizada também a plataforma Classroom do Google para postagem dos materiais de apoio e atividades.

Os conteúdos propostos foram divididos em três módulos. Todos eles foram abordados de forma gradativa, começando pelos assuntos mais fáceis e indo até os mais complexos, respeitando sempre o desenvolvimento do aluno. O primeiro módulo foi totalmente teórico, aonde foram trabalhados alguns conhecimentos gerais e iniciais sobre o instrumento. O segundo módulo foi totalmente prático, aonde foram desenvolvidas as habilidades das mãos esquerda e direita no instrumento, trabalhando os acordes e ritmos que seriam posteriormente utilizados no repertório proposto. O terceiro e último módulo contou com o desenvolvimento do repertório proposto pela oficina, que é formado por músicas com a temática voltada para a sala de aula, utilizando músicas infantis, folclóricas, músicas de roda e cantigas.

A abordagem dos conteúdos sempre foi realizada nos encontros síncronos, procurando sempre falar sobre os assuntos da maneira mais didática possível, para que houvesse uma fácil compreensão por parte do aluno. Já o desenvolvimento dos conteúdos se deu através das atividades que eram passadas durante os encontros síncronos para o estudo durante a semana. Alguns conteúdos tomaram um pouco mais de tempo para serem desenvolvidos, o que fez com que os mesmos recebessem uma atenção maior e fossem trabalhados de forma isolada. Porém, isso não acabou sendo um empecilho para que todos os outros conteúdos propostos fossem abordados e desenvolvidos.

A avaliação era realizada acompanhando o desempenho do aluno durante cada encontro síncrono, como também observando o desenvolvimento dos conteúdos através das atividades assíncronas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro módulo foi de fácil compreensão e desenvolvimento, pois todos os conteúdos foram abordados de forma teórica. No segundo módulo já estava participando apenas a única aluna que não havia desistido da oficina. Nesse mesmo módulo iniciaram-se as atividades práticas, devido a isso, este módulo foi o que mais precisou de tempo para o desenvolvimento dos conteúdos. Para que o desenvolvimento dos mesmos fosse obtido, foi necessário focar nas dificuldades

que aluna estava tendo no momento, antes de dar sequência nos conteúdos propostos. Elaborar exercícios que associassem os conteúdos que estávamos trabalhando no momento com as dificuldades que a aluna estava, foi o método utilizado para que a mesma conseguisse alcançar o desenvolvimento esperado. Os exercícios juntamente com a dedicação e estudo por parte da aluna foram essenciais para que os conteúdos do segundo módulo fossem desenvolvidos de forma completa.

No terceiro e último módulo foi onde uniram-se os conhecimentos teóricos abordados no primeiro módulo com o conhecimento técnico desenvolvido no segundo. Os conhecimentos teóricos juntamente com o conhecimento técnico foram essenciais para que o trabalho do terceiro módulo fosse desenvolvido com grande êxito.

Todos os conteúdos, desde o primeiro até o último módulo, foram desenvolvidos através dos exercícios que eram passados nos encontros síncronos para serem estudados durante a semana, o que de fato acabou trazendo resultados muito satisfatórios. O esforço e dedicação nos exercícios por parte da aluna foram essenciais para que realmente os bons resultados fossem obtidos.

4. CONCLUSÕES

O ensino remoto foi um grande desafio por conta das suas limitações, e mesmo com tais limitações, todos os conteúdos propostos foram abordados e todas as atividades relacionadas aos conteúdos foram desenvolvidas com grande êxito. Desde o início da oficina até o encerramento, todos os conteúdos foram abordados de forma gradativa, respeitando sempre o desempenho e o avanço da aluna, isso fez com que não houvesse uma pressão, como também cobrança para o domínio dos conteúdos, o que conseqüentemente tornou tanto o ensino como o aprendizado mais leve.

Nós como futuros docentes não devemos valorizar e priorizar somente os resultados, mas sim os processos durante a aprendizagem, como por exemplo cada avanço e cada conquista como também cada obstáculo e dificuldade que o aluno poderá encontrar durante o processo de aprendizagem. O bom resultado vai ser apenas uma consequência de um bom processo de aprendizagem.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CP nº 1, de 27 de outubro de 2020**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/atos-normativos--sumulas-pareceres-e-resolucoes/33371-cne-conselho-nacional-de-educacao/90831-resolucoes-cp-2021>. Acesso em: 10 de setembro de 2023.

LIMA, R. S. **Formação continuada e a prática docente de professores dos anos iniciais do ensino fundamental de escolas particulares de Porto Alegre**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

PROJETO “PASSADA PRO FUTURO”: VIVÊNCIAS AFETIVAS NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

TAMIRES JUNG DA SILVA¹; CAMILA DA SILVA MOREIRA²; JÚLIA CAROLINA BAPTISTA GONÇALVES³; LEONARDO FAGUNDES DOS SANTOS⁴; ANA VALÉRIA LIMA REIS⁵; ROSE MÉRI SANTOS DA SILVA⁶.

¹Universidade Federal de Pelotas – jungtamires13@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – camiladasilvamoreira@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – juliacarolina132003@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas - leonardofagundes106@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas - anavalerialimars@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – roseufpel@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Na formação inicial de cursos de licenciatura em Educação Física a extensão universitária demonstra-se como um espaço que conta com diversas ações e mobiliza um grande número de acadêmicos, proporcionando aos futuros professores uma vivência que fomenta a formação docente, contribui com conhecimentos e saberes e desenvolve o aprender a ensinar (Nozaki; Ferreira; Hunger, 2015). Atualmente, a atuação do professor tornou-se mais complexa pois além de mediar o processo de construção de conhecimento dos alunos, deve também, motivá-los, estar atento às suas dificuldades, estimular a resolução de problemas, o respeito à diversidade, desenvolver aspectos atitudinais, entre outras competências (Ribeiro, 2010).

Portanto, entende-se que a afetividade é um fator que possui relevante papel no desenvolvimento dessas competências pois o ato de ensinar envolve interações humanas e esses humanos, por sua vez, são seres providos de subjetividades. Existem algumas perspectivas e significados acerca do termo afetividade, nesse trabalho, nos referimos ao âmbito pedagógico, da relação professor-aluno. A afetividade é caracterizada pela expressão de sentimentos e emoções e é essencial na relação educativa ao prover um clima favorável à aprendizagem e à motivação (Ribeiro, 2010). Apesar disso, tal temática ainda é negligenciada no currículo da formação inicial de professores, desfavorecendo o preparo para a vivência profissional nesse âmbito.

Desse modo, a participação em projetos extensionistas previamente aos estágios curriculares obrigatórios proporciona um contato com a comunidade e pode subsidiar a construção de saberes sobre a esfera afetiva que são ignorados no currículo, servindo de base para a prática e oportunizando a conquista de uma percepção ampla sobre os diferentes contextos e condições em que a profissão pode ser exercida (Tardif, 2002).

Assim, o objetivo do presente trabalho é relatar sobre as vivências afetivas no projeto de extensão “Passada pro Futuro” e as contribuições percebidas no processo de formação dos discentes envolvidos.

2. METODOLOGIA

O projeto intitulado “Passada pro Futuro” trabalha a partir de dois eixos, o Centro de Mini-Handebol (CEMINH) e a Iniciação ao Handebol de Base,

atendendo, atualmente, aproximadamente 52 alunos com faixa etária de 5 a 14 anos de idade. Sua sede é na Escola Superior de Educação Física (ESEF) pertencente à Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e é ligado ao Laboratório de Estudos em Esporte Coletivo (LEECol). Além disso, possui chancela da Confederação Brasileira de Handebol (CBHb), assim configura-se como um polo oficial de Mini-Handebol no país.

É composto por uma equipe de nove acadêmicos em Educação Física, duas mestrandas e tem a supervisão de uma professora da unidade e um professor colaborador. São realizados três encontros por semana, dois para elaborar e ministrar as aulas com as crianças e um para estudos e discussões de temáticas que amparam a atuação.

O intuito do projeto é disseminar, potencializar e qualificar a prática de iniciação ao Handebol na cidade de Pelotas/RS de maneira prazerosa e motivadora para os alunos, visando ser um ambiente em que as crianças possam se desenvolver de maneira global, nos âmbitos motor, cognitivo, social e afetivo. Sendo assim, as atividades são realizadas dentro de uma proposta que leva em consideração o gosto pela prática, se adequando às demandas específicas dos alunos.

O referido projeto divide-se em quatro categorias: o Mini A (5 a 6 anos), o Mini B (7 a 8 anos), o Mini C (9 a 10 anos) e a Iniciação ao Handebol de Base (a partir dos 10 anos). O planejamento estrutura-se em ciclos compostos de duas semanas e tem como principais balizadores a Teoria e Prática do Mini-Handebol (Abreu, 2017) e a Iniciação Esportiva Universal (Greco; Benda, 1998).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os discentes dividem-se em duplas e trios, assim, têm-se professores fixos em cada categoria que são responsáveis por realizarem os planos e ministrarem as aulas. Entendemos que, dessa maneira, é possível a criação de uma relação afetiva e próxima com os alunos, facilitando um maior entendimento de suas necessidades individuais, assim como a formulação de estratégias para mantê-los envolvidos e motivados nas aulas. Isso corrobora com os achados de Leite (2012) sobre a presença da afetividade nas decisões pedagógicas, ele afirma que atividades bem escolhidas e desenvolvidas aproximam o aluno do conteúdo e também melhoram o aprendizado.

As categorias possuem alunos de faixas etárias diferentes, por isso existem especificidades em cada grupo. Desse modo, o processo de escolha sobre em qual categoria o acadêmico sente-se mais confortável para atuar depende também de um processo da esfera afetiva chamado autoconhecimento. No Mini A, por exemplo, trabalhamos com crianças em faixa etária de educação infantil, então é necessário estar disposto a lidar com situações que exigem bastante paciência, compreensão e criatividade (Amorim; Navarro, 2012).

Além disso, a partir das faixas etárias, percebemos diferentes formas de expressões afetivas. Os mais novos não possuem tanto controle de suas emoções, dessa forma, quando alguma situação os incomoda, tendem a chorar, gritar ou se isolar. Já os mais velhos, possuem maior discernimento emocional e conseguem comunicar melhor suas demandas. Então, nos deparamos com situações que requerem sensibilidade, mas diferentes mediações pedagógicas.

O projeto propicia aos acadêmicos a vivência da docência e da afetividade, a criação de vínculos e o entendimento de que a conduta do professor está

diretamente ligada à aprendizagem dos alunos e seu senso de pertencimento ao grupo. Recebemos desenhos, cartas, abraços, chocolates; ouvimos histórias e desabafos; temos preocupações e cuidado com cada criança que passa por nós.

Essa é uma experiência muito rica e importante na formação inicial de futuros professores de Educação Física pois agrega saberes de aspectos afetivos que não são apresentados no currículo, todavia são necessários na relação professor-aluno. Se esses aspectos não forem levados em consideração, tem-se o risco de estar somente focando na retenção de um conteúdo e ignorando a constituição do ser humano, seus valores e habilidades sócio-afetivas que são fundamentais para o desenvolvimento integral das crianças e adolescentes (Amorim; Navarro, 2012).



Fonte: Arquivo CEMINH.

4. CONCLUSÕES

Entendemos que as vivências afetivas no projeto “Passada pro Futuro” contribuem para que os acadêmicos envolvidos sintam-se mais motivados e preparados para concluir a graduação e seguir na profissão, além disso, colaboram para a constituição de um ambiente positivo para o desenvolvimento global das crianças e adolescentes participantes.

Dessa forma, tal projeto de extensão configura-se como um potente espaço de formação para os discentes, propiciando uma experiência de evolução pessoal, auxiliando no preparo para o exercício da docência e favorecendo a aquisição de saberes necessários aos futuros professores. Tais saberes não se resumem somente ao domínio de metodologias de ensino, referenciais curriculares, conteúdos e objetivos, mas também englobam a esfera afetiva, o

saber lidar com questões subjetivas e singulares dos alunos, assim como suas próprias.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, D.M; BERGAMASCHI, M.G. **Teoria e Prática do Mini- Handebol**. Jundiaí, Paco Editorial, 2017.

AMORIM, M.C.S; NAVARRO, E.C. Afetividade na Educação Infantil. **Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar**, Barra do Garças, v.7, n.1, p.1-7, 2012.

GRECO, P.J; BENDA, R.N. **Iniciação esportiva universal: 1. Da aprendizagem motora ao treinamento técnico**. Editora UFMG, Belo Horizonte, 1998.

LEITE, S.A.S. Afetividade nas práticas pedagógicas. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v.20, n.2, p.355-368, 2012.

NOZAKI, J.M; FERREIRA, L.A. Evidências formativas da extensão universitária na docência em Educação Física. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v.9, n.1, p.228-241, 2015.

RIBEIRO, M.L. A afetividade na relação educativa. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.27, n.3, p.403-412, 2010.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, Editora Vozes, 2002.

O BRINCAR LIVRE DOS ADULTOS NA BRINQUEDOTECA

LARISSA BORBA DE MIRANDA¹; KAREN CAMPBELL LINK²; ROGÉRIO COSTA WÜRDIG³; EDSON PONICK⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – larissaborbademiranmda@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – karencampbellink16@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – rocwurdig@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – edsonponick@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o brincar das pessoas adultas na brinquedoteca da FaE. Pretende enfatizar que a brinquedoteca não é um lugar somente para as crianças porque o brincar é característico dos seres humanos (REDIN, 1998; SARMENTO, 2003). O encurtamento da infância e o avanço na idade, mesmo para os mais jovens, faz com que o brincar seja deixado de lado, reduzido e com pouca importância em relação às outras atividades cotidianas. Com o passar do tempo, a brincadeira vai perdendo força, sendo substituída e guardada na memória.

A brinquedoteca da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (BrinqueFaE/UFPEL) é um espaço que desperta novamente esse aspecto lúdico, acolhendo crianças e adultos para o brincar livre, espontâneo e sem preconceitos, onde cada um brinca do seu jeito. É um lugar que permite o acesso a uma diversidade de brinquedos, num ambiente lúdico. “É um lugar onde tudo convida a explorar, a sentir, a experimentar” (FRIEDMANN, 1998, p. 40). Essas características fazem da BrinqueFaE um projeto de extensão, de ensino e de pesquisa que atende um público diversificado. O referido projeto é coordenado por dois docentes da FaE e atualmente conta com oito bolsistas voluntárias: sete alunas do curso de Pedagogia e uma do curso de Especialização em Educação. Cada estudante cumpre quatro horas semanais de trabalho, sendo duas horas de reuniões de estudo e planejamento e duas horas de envolvimento lúdico com as crianças, adolescentes e adultos que visitam a brinquedoteca. O tempo de permanência das crianças e adultos na brinquedoteca é de uma hora, nos dias e horários disponibilizados pela equipe responsável.

Neste trabalho destacamos a relação dos adultos com o brincar e suas brincadeiras. Ao longo das várias visitas, percebemos que adultos entram na brinquedoteca e imediatamente demonstram curiosidade em relação ao lugar e ao acervo de brinquedos. No começo mostram-se um pouco tímidos, mas em seguida exploram e encontram algum brinquedo que, em determinado momento, fez parte de sua infância. Aos poucos sentem-se mais à vontade naquele ambiente lúdico e resgatam a sua parte brincante que estava guardada nas memórias.

2. METODOLOGIA

Todo o trabalho desenvolvido na brinquedoteca é registrado através de três instrumentos: diários de campo, vídeos e fotografias (LÜDKE; ANDRÉ, 1986; BOGDAN; BIKLEN, 1994). Os diários são individuais e feitos após as visitas, já as fotografias e vídeos são registrados coletivamente e durante a presença das

crianças e dos adultos. Os vídeos e as fotos são todos autorizados pelos responsáveis das crianças (escola e familiares) e produzidos em momentos espontâneos e livres, sem poses, o mais natural possível.

Para análise deste trabalho, utilizamos, fundamentalmente, os registros dos diários de campo. A partir da leitura atenta desse material, destacamos as falas de visitantes, bem como as percepções da equipe: estudantes e docentes que acompanharam as visitas. Os seguintes grupos foram analisados: uma turma do curso Noturno de Pedagogia, estudantes de ensino médio e universitários de outros cursos da UFPel durante o evento “Mundo UFPel: Portas abertas pra ti”, docentes da Ufpel, professoras/monitoras que acompanharam crianças durante as visitas e integrantes de uma associação de pais e amigos de jovens e adultos com deficiência.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das análises individuais e coletivas e dos estudos desenvolvidos até o presente momento, destacamos alguns aspectos que nos ajudam a compreender a brinquedoteca como um lugar que acolhe não só as crianças, mas também os adultos. Dentre vários aspectos, destacamos os seguintes: os brinquedos mais usados pelos adultos; os sentimentos expressados durante as brincadeiras e, por fim, a brinquedoteca como um espaço lúdico.

Em relação aos brinquedos e demais objetos disponíveis, percebemos que os mais usados foram: perna de pau, pega vareta gigantes e as fantasias. Era pura diversão quando brincavam com a perna de pau, uma brincadeira cheia de risos e, principalmente, de companheirismo, onde uns ajudavam os outros a se equilibrar. Durante o evento do Mundo UFPEL, ocorreu um momento lindo entre uma mãe, a filha e uma amiga, quando elas brincaram juntas e a brincadeira foi elo entre as diferentes gerações. O seguinte excerto de um dos diários de campo revela a disponibilidade e a interação desses brincantes: “diria que a perna de pau foi a atração principal da brinquedoteca, [...] tanta gente que chegava lá, observava os brinquedos e ia em direção à perna de pau... Sempre lembrando da infância e também com medo de tentar, já que eram mais velhos” (Diário de campo, 2023)

Já no pega varetas gigante, alguns/algumas brincantes inventaram outras regras ou então utilizavam o objeto de outra maneira, como por exemplo, uma espada. Nas fantasias encontramos mulheres vestidas como se fossem “princesas”, que não se limitavam aos papéis da dita “realeza”, e exploravam diversas profissões disponíveis na sala.

Durante essa visita, escutamos muitas vezes um “muito obrigado por deixarem a gente brincar”, acompanhado de um brilho nos olhos encantador. Ao refletirmos sobre os motivos dessa gratidão, identificamos alguns aspectos que poderiam favorecer tal atitude: o espaço onde se sentiam livres para brincar; a liberdade em vestir qualquer roupa sem olhares preconceituosos; a diversão com outros colegas, também adultos, de uma forma alegre e descontraída. O espaço da brinquedoteca permite a entrada noutro mundo, sem preocupações, onde a alegria e o sorriso estão estampados nos rostos dos(as) brincantes.

Ao compararmos o brincar dos adultos com o das crianças, percebemos que o brincar dos adultos é muito nostálgico e remete a falas relacionadas com a

infância, como algo separado de suas vidas: “na minha infância brincávamos assim”, “eu brincava com isso quando era criança”, “eu lembro de brincar com isso, mas não sei se consigo agora”, etc... (Diário de campo, 2023)

Quanto aos sentimentos, a timidez foi o primeiro a se manifestar e ser percebido pela nossa equipe. Talvez por serem mais velhos (jovens e adultos) e por ser um lugar prioritariamente para as crianças brincarem, sentiam-se deslocados e tímidos. Contudo, esse sentimento era superado quando encontravam algum brinquedo da sua infância. Notamos também uma grande curiosidade pelo espaço; muitos passavam pelo corredor, viam as portas abertas e percebiam que era um lugar diferente, colorido e aconchegante. Logo entravam, soltavam-se e brincavam muito. Outro sentimento que percebemos é o da nostalgia. Ao entrarem na sala, os adultos deparam-se com algo que remete à infância, como um brinquedo conhecido e muito utilizado quando criança. Imediatamente mudam a postura, o jeito de olhar e de se colocar na brinquedoteca, como se estivessem voltando a um tempo passado, sentindo-se mais à vontade para explorar o lugar e brincar livremente. Podíamos dizer que estavam voltando a brincar, não como crianças, mas como adultos que também podem e até precisam e gostam de brincar.

Outro aspecto interessante é que, em determinada visita, presenciamos um enorme espírito competitivo durante a brincadeira de pega vareta gigantes. Assim que a brincadeira acabou, contaram os pontos e começaram as provocações, sempre comparando a quantidade de pontos. Essa situação só foi percebida entre os adultos na turma do curso noturno de Pedagogia. Por que os adultos deram mais importância ao resultado final da brincadeira do que ao tempo que ficaram brincando? Esse jeito adulto de brincar necessita de uma reflexão mais aprofundada para que possamos compreender o motivo da competição. O interessante é que não percebemos essa necessidade de competir entre as crianças. Elas tendem a brincar pelo prazer de brincar e se divertir sem que alguém tenha que vencer.

4. CONCLUSÕES

A brinquedoteca da Faculdade de Educação/UFPEl não é exclusiva para as crianças, ainda que elas façam parte do maior e mais frequente grupo de visitantes. Esse espaço consegue acolher todas as pessoas, desde as mais tímidas até as mais desinibidas. O brincar também faz parte da vida dos adultos, ainda que possa ser esquecido muito cedo. A presença do ser adulto brincante é uma forma de resgatar a parte esquecida das experiências lúdicas .

Quando os adultos entram na brinquedoteca e se deparam com tantos brinquedos, um sentimento de nostalgia faz com que se sintam acolhidos e livres naquele ambiente, retomando a parte brincante das suas vidas. Percebemos, então, que eles gostam de momentos descontraídos e com muita diversão. Contudo, a pressão do dia a dia e as cobranças os impedem de brincar livremente, por isso que lugares como a brinquedoteca são de extrema importância para que possamos “soltar” a força brincante que nos habita, sem medo de julgamentos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1991.

FRIEDMANN, A. A evolução do brincar. In: FRIEDMANN, A. et al. **O direito de brincar: a brinquedoteca**. São Paulo: Edições Sociais: Abrinq, 1998.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

REDIN, E. **O espaço e o tempo da criança: se der tempo a gente brinca**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SARMENTO, M. Imaginário e culturas da infância. **Cadernos de Educação**. Pelotas (21); 51-69, jul./dez, 2003.

PROJETO “COISA PÚBLICA” E A DIVULGAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E CULTURAL DOS ESTUDANTES DO CURSO DE GESTÃO PÚBLICA DA UFPEL

MIKAELA KAUANA GRIEBLER GRAF¹; DANIEL LENA MARCHIORI NETO²

¹Universidade Federal de Pelotas – mykaelagraf@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – danielmarchiorineto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Projeto "Coisa Pública" surge no contexto da reformulação do projeto pedagógico do Curso de Gestão Pública, no qual se identificou a necessidade de integralizar atividades de extensão no currículo. Resumidamente, propõe-se a criação de um *blog* destinado à divulgação da produção científica e cultural originada em sala de aula e em projetos do curso. Esta proposta engloba ensaios breves, análises de decisões judiciais, entrevistas, resenhas de livros e artigos, além da publicação de ilustrações e desenhos.

Um blog é um sítio eletrônico no qual os conteúdos aparecem em ordem cronológica inversa, possibilitando a disseminação do conhecimento através da internet. Segundo (MENDES et al., 2005), as atividades realizadas nesse modelo permitem a argumentação crítica de ideias, causando reflexão na produção científica dos textos, sendo importante o acompanhamento orientado. Logo, também possibilitam a aproximação do público, abrindo espaço para o envolvimento da comunidade.

Deste modo, o projeto contribui para o desenvolvimento intelectual e crítico dos estudantes ao mesmo tempo em que busca ultrapassar os muros da universidade. Ao compartilhar com a sociedade parte do conhecimento desenvolvido em sala de aula, o *blog* busca consolidar-se como um veículo acessível, gratuito e confiável para a comunidade local.

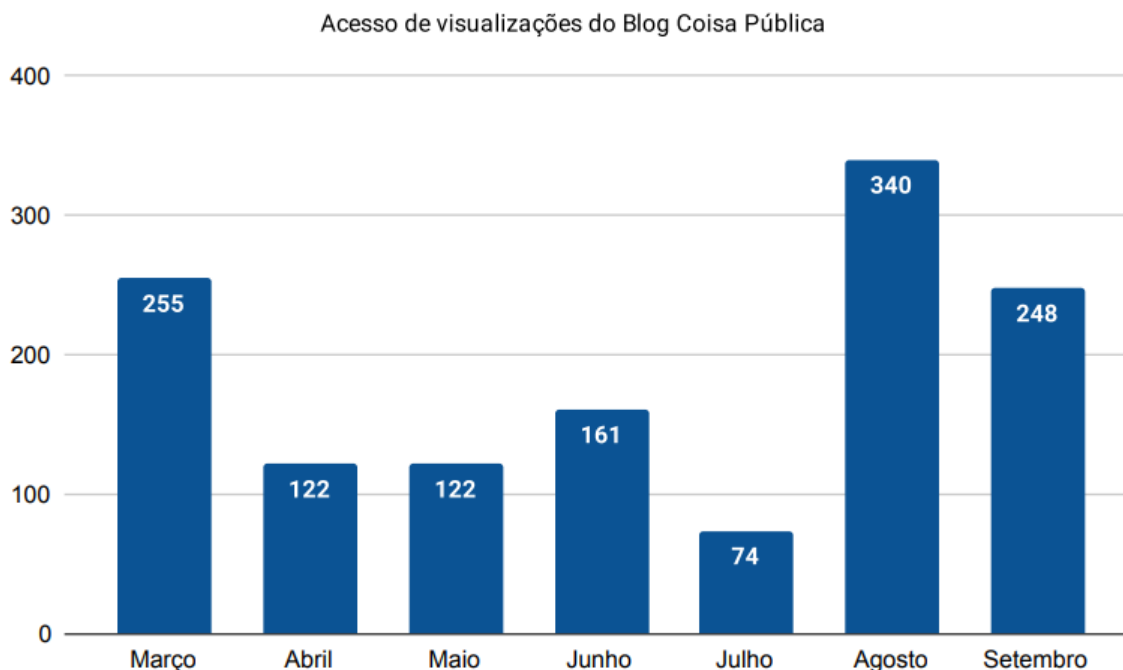
2. METODOLOGIA

Em sua maioria, o conteúdo, tanto para o blog quanto para o Instagram, foi produzido como atividade avaliativa das disciplinas de Seminários em Gestão Pública I e II. Após o término do semestre, uma equipe composta por docentes e bolsistas revisou minuciosamente o material para divulgação. O impacto das postagens foi medido pelos acessos ao blog e a visibilidade do perfil humorístico no Instagram.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto ganhou um plano de comunicação, desenvolvido com base nos aprendizados da disciplina de Comunicação Pública e Política. Nele, procurou-se estabelecer aspectos importantes como o público-alvo, como se relacionar com o público, sobre o que vai falar, onde e como vai fazer isso, bem como as frequências e horários de postagens, e resultados esperados. Entre os objetivos propostos está o de alcançar um número significativo de pessoas. Para isso, a divulgação foi feita nos grupos do curso, entre amigos e familiares, assim como em sala de aula e nos perfis do Facebook. A Figura 01 mostra a quantidade de acessos até o presente momento:

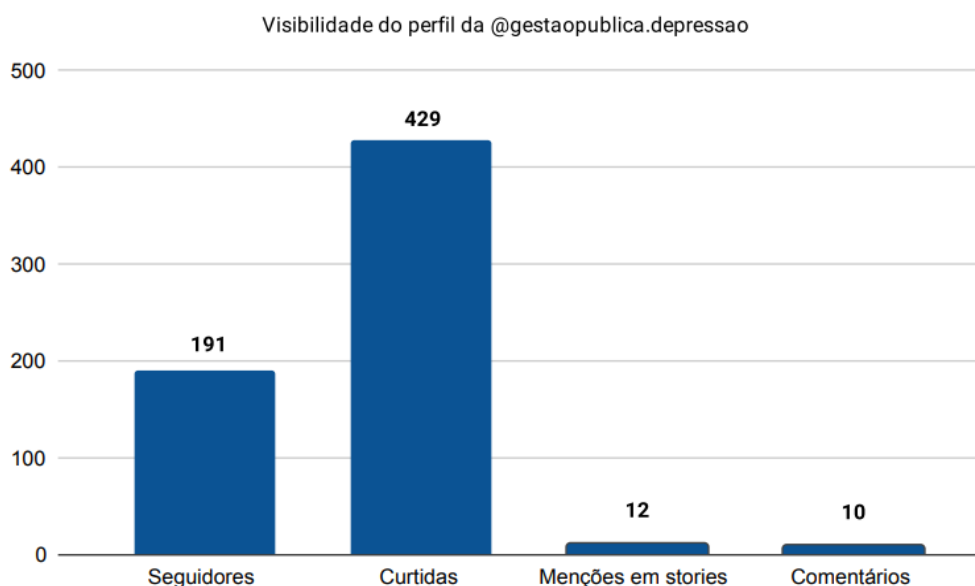
Figura 01 - Quantidade de acessos no Blog Coisa Pública



O *blog* conta atualmente com 18 publicações de produções científicas feitas pelos estudantes do Curso de Gestão Pública. É importante destacar que as mesmas foram disponibilizadas nos meses de dezembro de 2022, agosto e setembro de 2023. Levando em conta os dados apresentados no gráfico, observam-se 255 acessos no mês de março, 122 em abril e maio, 161 em junho, 340 visualizações em agosto e 248 em setembro. Nesse sentido, ainda que se constate uma queda de acessos de abril a julho, os meses de agosto e setembro apresentaram resultados animadores.

O perfil *Gestão Pública da Depressão* no Instagram foi criado no final de 2022. Conta com 21 publicações, sendo 20 delas *memes* e 1 postagem institucional. Abaixo, na Figura 02, segue a quantidade total de seguidores, curtidas, menções em stories e comentários do perfil:

Figura 02 - Gestão Pública da Depressão



Deste modo, é possível identificar que o perfil, até o presente momento, tem 191 seguidores, 429 curtidas, 12 menções em stories e 10 comentários ao total. Analisando esses dados, observa-se que foi atingida mais da metade da meta atual de 300 seguidores, tendo alcançado um número significativo de pessoas em interação. Este engajamento reflete positivamente na proposta do projeto.

4. CONCLUSÕES

A conclusão que se extrai é que o projeto Coisa Pública alia metodologias ativas de ensino e pesquisa no Curso de Gestão Pública. Instiga os estudantes a se aprofundarem nos temas propostos e debatidos em aula de forma crítica, clara e fluida. A elaboração de *memes*, instrumento de comunicação bastante popular, possibilita que o conhecimento seja repassado de uma forma mais simples e divertida, muito útil para a recepção da comunidade local. Por fim, tanto o blog quanto o perfil do Instagram apresentam resultados positivos, levando em conta números significativos de visibilidade já alcançados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MENDES et al. Blogs: um recurso e uma estratégia pedagógica. **SIIE 05**: actas do Simpósio Internacional de Informática, Educativa Escola Superior de Educação de Leiria, p. 311-315, 2005.

"ASPECTOS DA CULTURA BRASILEIRA": REFLEXÕES SOBRE OS PRIMEIROS CURSOS DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL DA PARCEIRA UFPEL – SUSE

HELENA REZENDE RAMIRES¹; HELENA VITALINA SELBACH²

¹Universidade Federal de Pelotas – helena.rezende.ramires@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – helena.selbach@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Como parte de um esforço para a internacionalização da ciência produzida no Brasil, a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) vem investindo em uma série de iniciativas para atrair estudantes e pesquisadores estrangeiros. Assim, no ano de 2018, o Conselho Coordenador do Ensino, da Pesquisa e da Extensão (COCEPE) da universidade aprovou o Plano de Planejamento Estratégico de Internacionalização, o qual apontava metas a partir de um diagnóstico de pontos fortes e fracos da instituição naquele momento.

Dentre as metas elencadas no Plano, encontram-se “promover e fomentar uma ambiência acadêmica internacional na UFPEL” e “aumentar a presença de estudantes, professores e corpo técnico internacional na UFPEL em todos os níveis acadêmicos” (UFPEL, 2018, p. 12). Enquanto a segunda meta levou ao estabelecimento do objetivo de “Expandir e promover o estudo de Português para Estrangeiros na UFPEL” (UFPEL, 2018, p. 11), a terceira meta incluiu o alavancamento de cursos de verão para estrangeiros, inclusive em Português como Língua Adicional (PLA) objetivando tornar a universidade mais atrativa para estudantes provenientes de outros países (UFPEL, 2018).

Ainda com o intuito de fomentar a internacionalização na universidade, o COCEPE aprovou, em 2020, a política linguística da UFPEL, que inclui em seus princípios “a consolidação de parcerias com instituições para o desenvolvimento e a manutenção da internacionalização” (UFPEL, 2020, p. 2).

Dessa forma, a área de Português para Estrangeiros da UFPEL, criada em 2016 na instituição (DAMASCENO; SELBACH, 2021), passou a ter um papel de destaque na aplicação do plano de internacionalização, oferecendo cursos específicos de língua portuguesa para estudantes e pesquisadores vindos de outros países. Em geral, o público dessas aulas era majoritariamente constituído de falantes de espanhol, já que muitos dos alunos internacionais da UFPEL provinham de países vizinhos.

Integrando esse esforço de promoção da internacionalização, da formação de professores de línguas e da proficiência linguística da comunidade acadêmica, o ambicioso Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF), criado em 2013 pelo Ministério da Educação sob o nome de Inglês sem Fronteiras foi expandido em 2014 e passou a incluir outras línguas, como o Português para Estrangeiros (PPE), pois essa área é “reconhecida como estratégica para o processo de internacionalização das Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras” (ABREU-E-LIMA ET AL. 2021, p. 108). Assim, desde 2016 a UFPEL conta com professores-bolsistas, alunos de graduação e pós-graduação em Letras, que são responsáveis por oferecer cursos de Português como Língua Adicional (PLA).

Em 2022, a UFPEL assinou uma nova parceria com a Sichuan University of Science and Engineering (SUSE) que prevê o intercâmbio de alunos das duas

instituições (UFPEL, 2022). Ademais, ficou decidido que ambas as universidades ofereceriam cursos de suas línguas e culturas para os alunos estrangeiros. Assim, a SUSE ofereceu o curso de *Introdução à Cultura Chinesa e ao Mandarim*, lecionado em português, para 40 alunos da universidade brasileira. Tais aulas eram abertas a toda a comunidade acadêmica da UFPEL, ainda que alunos do Centro de Letras e Comunicação (CLC) tivessem prioridade. Por outro lado, na UFPEL, o Programa IsF ficou responsável por oferecer aulas on-line exclusivas para estudantes da SUSE que já estudassem português.

Assim sendo, o objetivo deste trabalho é apresentar o trabalho desenvolvido na segunda turma de *Aspectos da Cultura Brasileira* oferecida pelo IsF NuLi UFPEL para alunos da SUSE, bem como apontar possibilidades para ofertas futuras de aulas de PLA para esse público.

2. METODOLOGIA

Considerando-se que a SUSE havia oferecido à UFPEL o curso *Introdução à Cultura Chinesa e ao Mandarim*, decidiu-se que o curso de *Aspectos da Cultura Brasileira* seria o mais apropriado como contrapartida, por propor um tema mais próximo. No entanto, houve várias diferenças entre o curso de chinês e o de português, a saber: (a) o curso da UFPEL foi planejado para ser lecionado na língua-alvo, com o auxílio do inglês como língua de mediação, enquanto o curso da SUSE foi lecionado em português; e (b) por focar em comunicação oral, o curso oferecido pela UFPEL precisou ser limitado a duas turmas de 10 vagas cada, para que todos os alunos pudessem participar em cada aula, enquanto o curso chinês teve 40 estudantes.

Devido ao número limitado de vagas oferecidas pela UFPEL, foi decidido que apenas alunos que já tivessem conhecimento da língua portuguesa fossem elegíveis, para que assim as turmas fossem um pouco mais homogêneas e para que se priorizassem aqueles estudantes que estivessem mais próximos de fazer intercâmbio na universidade brasileira.

Durante a primeira aplicação do curso, notou-se que o público de alunos da SUSE, falantes de uma língua considerada distante do português que ainda não estavam em contexto de imersão ao português, já que o curso era on-line para futuros intercambistas, apresentava necessidades diferentes das aulas oferecidas presencialmente para alunos, em sua maioria, falantes de espanhol. Portanto, para a segunda turma de *Aspectos da Cultura Brasileira* decidiu-se modificar os temas e as tarefas de cada aula para que, durante o curso os alunos fossem se preparando para fazer intercâmbio no Brasil, enquanto produziam materiais que poderiam ser usados no preparo dos estudantes brasileiros que pretendem estudar na SUSE. Manteve-se, no entanto, a proposta de usar diferentes gêneros do discurso em uso autêntico nas tarefas, conforme também acontece no Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras) (BRASIL, 2020).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A turma, composta de dez alunos que já estudavam português na China e que tinham a possibilidade de fazer intercâmbio na UFPEL, teve duas aulas semanais on-line de uma hora de duração cada, totalizando nove encontros. Além das aulas síncronas, os estudantes também tinham que completar tarefas assíncronas.

Com base nos interesses e necessidades da turma, as aulas foram sendo planejadas ao longo do curso. Os temas e tarefas finais de cada aula podem ser verificados na Tabela 1:

Aula	Tema	Tarefa final
1	Apresentações	Mensagem para alunos brasileiros sobre como os nomes funcionam na China
2	Apresentações	Vídeo apresentando a SUSE para alunos da UFPel
3	Conhecendo Pelotas e Zigong	Guia turístico da cidade de Zigong para intercambistas da UFPel
4	Conhecendo a universidade	Guia para intercambistas da UFPel sobre os espaços da SUSE
5	Conhecendo a Casa do Estudante Universitário (CEU)	Vídeo sobre os dormitórios na SUSE
6	Universidade no Brasil e na China	Parágrafo de intenções sobre as duas disciplinas que pretende fazer na UFPel
7	Estereótipos e sensibilidade cultural	Pesquisa sobre estereótipos brasileiros e chineses
8	Estereótipos e sensibilidade cultural	Infográfico “Como evitar estereótipos de chineses”
9	Estereótipos e sensibilidade cultural	Infográfico “Como não ofender brasileiros”

É possível perceber que as tarefas finais de cada aula tratavam de diferentes gêneros do discurso. Além disso, houve a preocupação em se propor tarefas que tivessem como interlocutores os alunos da UFPel que pretendem fazer intercâmbio na SUSE, não apenas para que os estudantes de PLA tivessem esse referente mais próximo da realidade, mas também para que a universidade brasileira pudesse aproveitar esse conhecimento para criar materiais para aqueles interessados em estudar na China.

A natureza realista dos planos também incentivou maior produção na língua portuguesa e mais interações nas aulas, em comparação com a primeira turma de *Aspectos da Cultura Brasileira*, que não teve o mesmo enfoque. Destaca-se, por exemplo, o encontro final, quando os alunos tiveram espaço para fazer perguntas livres sobre a vida no Brasil para a professora, utilizando a língua de forma realmente significativa e natural.

Em ofertas futuras, espera-se que novos temas possam ser explorados de forma a criar um material mais completo de preparação para os estudantes da UFPel.

4. CONCLUSÕES

Os benefícios das modificações feitas no planejamento das aulas da turma 2 do curso de *Aspectos da Cultura Brasileira* ficam visíveis ao se observar as produções dos alunos. Com a mudança de objetivo geral das aulas, os estudantes passaram a estar mais envolvidos com as tarefas do curso, o que gerou mais interações significativas na língua-alvo, além de preparar melhor tanto os alunos chineses para o intercâmbio na UFPel quanto os alunos brasileiros para estudar na SUSE.

Contudo, deve-se ressaltar que melhoras ainda são necessárias, incluindo a comunicação entre as duas instituições para que se possam compreender melhor qual é o perfil do aluno de cada curso. Também se indica a necessidade de que os professores de turmas de alunos de culturas distantes aprendam um pouco mais sobre o país dos estudantes. Considerando-se que os professores do IsF NuLi UFPEl são alunos de graduação ou pós-graduação, eles poderiam fazer os cursos de introdução à cultura chinesa oferecidos pela SUSE a fim de se preparar para lidar melhor com os desafios desses estudantes. Por fim, a inscrição de vários alunos da SUSE que não têm experiência prévia com o português nas aulas de *Aspectos da Cultura Brasileira* demonstra que há um grande interesse pelo Brasil na universidade chinesa e que existe espaço para a oferta de outros cursos, inclusive aqueles totalmente introdutórios.

Espera-se ter demonstrado neste trabalho a importância de o professor de língua adicional ser flexível e aberto a adaptar seu planejamento a fim de atender as necessidades de seus alunos, especialmente em se tratando de uma nova parceria com uma instituição inserida em um contexto cultural distante do brasileiro.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU-E-LIMA, D. P. M.; FURTOSO, V. B. ; FRANCISCO, D. L. . O Programa IsF - Português e o Fortalecimento da Área de Português para Estrangeiros. In: ABREU-E-LIMA, D. P. M.; MORAES FILHO, W. B.; NICOLAIDES, C.; QUEVEDO-CAMARGO, G.; SANTOS, E.. (Orgs.). **Idiomas sem Fronteiras: Multilinguismo, Política Linguística e Internacionalização**. 1ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2021, v. 1, p. 107-139.

BRASIL. **Documento base do exame Celpe-Bras**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 2020.

DAMASCENO, V. D.; SELBACH, H. V. O Programa Português para Estrangeiros: panorama de ações e contribuições para a educação de professores de PLA. **Entretextos**, v. 21, n. 3 Esp., p. 151-162, 2021.

UFPEl - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Conselho Coordenador do Ensino, da Pesquisa e da Extensão. **Resolução n. 06/2018, de 21 de abril de 2018**. Aprova o plano de planejamento estratégico de internacionalização da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas: Conselho Coordenador do Ensino, da Pesquisa e da Extensão, 2018.

UFPEl - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Conselho Coordenador do Ensino, da Pesquisa e da Extensão. **Resolução nº 01/2020, de 20 de fevereiro de 2020**. Institui a política linguística da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl). Pelotas: Conselho Coordenador do Ensino, da Pesquisa e da Extensão, 2020.

CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALIMENTOS VOLTADA A EXTENSÃO: ATIVIDADE NO CENTRO SOCIAL FILADÉLFIA

PHILOMENE AUDREY NGABALLA NDI¹; ROSANA COLUSSI²

¹Universidade Federal de Pelotas – philomeneaudrey1998@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – rosana_colussi@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos as Universidades têm passado por várias mudanças. Antigamente o foco principal era voltado ao Ensino e Pesquisa, depois de muitas discussões e tentativas para a inclusão da extensão, hoje em dia há uma maior abertura e interação com a população (COELHO, 2014). De acordo com FRANCO et al. (2019) a extensão universitária pode ser considerada como uma grande ferramenta que promove saúde e bem-estar da população através das trocas interdisciplinares, educativa, esportivas, culturais, científicas e políticas com a Universidade. Nesse sentido, a extensão tem um papel fundamental na formação acadêmica em todas as Universidades.

O Projeto "Ciência e tecnologia de alimentos voltada à extensão" é vinculado a disciplina Ciência e Tecnologia de Alimentos voltada à extensão, do Curso Superior de Tecnologia em Alimentos da Universidade Federal de Pelotas. Com este projeto pretende-se apresentar e inserir as diferentes áreas de atuação do profissional da área de alimentos na comunidade, exemplificar as diferentes formas de atuação do profissional da área de alimentos na comunidade, demonstrar o compromisso do aluno da área de alimentos com o projeto de extensão, e, ainda, estimular o aluno a contribuir com a comunidade. O projeto visa levar informações sobre os alimentos para diferentes públicos, como escolas, para adultos e crianças, nas ruas e em lares de idosos.

Como o objetivo da extensão que é aproximar a Universidade com a comunidade, esta ação do projeto de extensão teve por objetivo realizar atividades em um lar de idosos localizado no município de Pelotas – RS. A atividade desenvolvida envolveu os sentidos sensoriais dos idosos: visão, audição, tato, paladar e olfato em relação com alimentos, e objetivou transmitir aos idosos o conhecimento sobre quem é, e o que faz o profissional da Tecnologia em Alimentos.

2. METODOLOGIA

As atividades foram conduzidas no Centro Social Filadélfia – Lar de idosos que é uma organização não governamental, que possui capacidade de acomodação de até 45 hóspedes em quartos individuais. O Centro atua há 55 anos no município de Pelotas – RS, e hospeda idosos com segurança, conforto e dignidade.

As atividades desenvolvidas foram subdivididas em 5 momentos que aconteceram nas quintas-feiras à tarde com uma duração de aproximadamente 2 horas cada. As atividades visaram explorar as funções sensoriais (olfato, tato e paladar) com alimentos e a memória dos idosos a partir de brincadeiras com mímicas e jogos de memória com alimentos.

Para a realização da atividade com estímulo ao olfato, foram elaborados 19 tubos de ensaio cobertos com papel alumínio e algodão na qual foram

aconicionados diferentes tipos de alimentos. Esses tubos foram numerados e cada número correspondia ao odor de um alimento. Os alimentos contidos foram: louro, achocolatado em pó, camomila, café, cravo da Índia, farinha de milho, canela, suco de laranja, pêsego e uva em pó, noz-moscada, alecrim, e essências de banana, nozes, limão, coco, abacaxi. O objetivo era para eles, sem visualizar o alimento falassem qual era o odor, e qual preparação alimentícia o odor lembrava.

Para a realizar a atividade com tato foi utilizada uma caixa que possibilitou somente a entrada da mão do idoso, e que não permitiu a visualização do que era contido nela. O objetivo era que pelo tato eles reconhecessem o alimento escondido na caixa, após o reconhecimento do alimento, era perguntado como eles usavam esse alimento. Nessa atividade alguns alimentos usados foram, arroz, brócolis, banana, chuchu, feijão, laranja, cenoura, arroz, milho pipoca, lentilha e massa.

Para a realizar a atividade com sabores usou-se um tapa-olho para não permitir a visualização do alimento. O objetivo era que eles acertassem o alimento consumido usando o sentido do paladar. Quando acertado um alimento era perguntado o que lembrava e a principal forma de consumo. Nessa atividade a maioria dos alimentos eram frutas e hortaliças como manga, kiwi, cenoura, batata, brócolis, banana, chuchu, feijão e laranja. Antes da ingestão os idosos foram consultados se possuíam algum tipo de alergias ou se não gostavam de algum alimento.

Para a realizar a atividade de mímicas, foram elaboradas cartas com imagens e nome de alimentos. Estas cartas foram coladas em uma “coroa” que era colocada cabeça dos idosos. O objetivo dessa atividade era descobrir qual alimento era a partir da descrição ou dicas recebidas, sem a visualização. Quando acertado um alimento era perguntado o que lembrava e como eles costumavam consumir. Nessa atividade alguns alimentos usados foram, arroz, manga, melancia, sorvete, brócolis, banana, chuchu, feijão, laranja e bolo.

Para a realizar a atividade jogo da memória cartas com imagens e nome dos alimentos duplicado foram alinhados aleatoriamente em uma bandeja para que fosse achado o par de cada imagem. As cartas foram dispostas em uma bandeja que circulou entre os idosos para eles adivinharem o par correspondente da carta. O objetivo dessa atividade foi descobrir onde estava o par correspondente para cada. Quando as cartas iguais eram encontradas era perguntado o que o alimento lembrava, e como eles costumavam consumir esse alimento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro encontro foi realizada a atividade dos odores que estimulava o olfato dos idosos. O olfato é um dos cinco sentidos e é através dele que os odores podem ser percebidos e distinguidos. Foi possível perceber que no início da atividade houve muito receio e timidez na participação. Aos poucos idosos interagiram mais e ficavam felizes ao acertar os odores. No decorrer da atividade, uma idosa reconheceu o odor de café, e reportou que aquele odor a lembrava dos tempos que visitava a filha na zona rural, e que ao amanhecer a filha preparava café passado e que o aroma se misturava à brisa fresca das manhãs.

No segundo encontro foi realizada a atividade do tato (Figura 1a). Nesta atividade foi observado que os idosos começaram a se sentir mais à vontade com a nossa presença, e houve grande interação. Os idosos ficaram muito empolgados em descobrir qual o alimento estava na caixa. Apesar de muitos deles não cozinharem a muitos anos e não terem a experiência de tocar em alimentos crus, eles demonstraram uma boa memória afetiva. Ao final desta atividade foi colocado

uma esponja de aço dentro da caixa e feito uma brincadeira com os idosos, de que sempre após prepararmos alimentos temos que fazer a higienização dos utensílios.

No terceiro encontro, no qual foi feita a atividade dos sabores os idosos ficaram muito empolgados em descobrir qual alimento estavam ingerindo. Houve grande divertimento ao ver as “caras e bocas” na ingestão de alimentos ácidos como kiwi e laranja. Ao final da brincadeira foi compartilhado com os idosos como forma de retribuição pela participação um pedaço de chocolate sem açúcar e sem glúten para que todos pudessem consumir.

No quarto encontro houve muito divertimento com a atividade das mímicas. Os idosos adoraram estimular a memória e alguns movimentos com as dicas para os colegas. O quinto encontro também visou o estímulo da memória dos idosos, todos eles vibravam e ficavam muito felizes quando encontravam o par no jogo da memória. Ao final das atividades os alunos levaram alimentos para finalização das atividades e confraternização com os idosos.



Figura 1. Atividades desenvolvidas no Lar de idosos, (a) atividade com tato, (b) atividade com sabores, (c) atividade com mímicas, e (d) atividade de jogo da memória.

4. CONCLUSÕES

Participar do Projeto de Extensão Ciência e Tecnologia de Alimentos Voltada à Extensão foi uma experiência memorável e inesquecível. Houve uma grande troca de conhecimentos; assim como pudemos transmitir informações a partir das atividades realizadas, pudemos adquirir ainda mais conhecimento com os idosos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, G. C. O papel pedagógico da extensão universitária. **Revista Em Extensão**, v. 13, n. 2, p. 11-24, 2014. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/26682/>. Acesso em: 10 set 2023.

FRANCO, P. S.; PEREIRA, F. S.; MENEZES, E. C. 30 anos GETI: Programa de Extensão voltado a pessoa idosa. **Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)**, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/199269/UDESC%20-%2030%20Anos%20GETI%20Programa%20de%20Extens%c3%a3o%20voltado%20a%20pessoa%20Idosa.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

ROSA, B. F. F.; SCARPELLI, B. A.; FERNANDES, K. H. S.; BORIM, M. L. C.; LOURENÇO, M. P.; LABEGALINI, C. M. G.; COSTA, M. A. R. Implantação e ações da universidade aberta para a pessoa idosa na UNESPAR/Paranavaí. **Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)**, campus de Paranavaí, 2022. Disponível em: <https://portaleventos.uffs.edu.br/index.php/seurs/article/view/17694/11857>

UFPEL. Universidade Federal de Pelotas. Resolução nº 10 de 19 de fevereiro de 2015. **Dispõe sobre o regulamento geral dos programas e projetos de ensino, pesquisa e extensão da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL e dá outras providências**. Pelotas - RS, 2015.

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA MOSTRA DAS REGIÕES BRASILEIRAS

PEDRO HENRIQUE SOARES RAUPP¹ ; ELIANE IRIGOITE GASSO² ;
VERA LÚCIA DOS SANTOS SCHWARZ³ ; GIANCARLA SALAMONI⁴ ;
HENRIQUE ANDRADE FUTADO DE MENDONÇA⁵ ; MARIA REGINA
CAETANO COSTA⁶ ;

¹Universidade Federal de Pelotas –pedroraupp2014@gmail.com ;

²Universidade Federal de Pelotas – gassoeliani@gmail.com ;

³Universidade Federal de Pelotas – vlsschwarz@gmail.com ;

⁴Universidade Federal de Pelotas – gi.salamoni@yahoo.com.br ;

⁵Universidade Federal de Pelotas – henriqueafm@gmail.com ;

⁶Universidade Federal de Pelotas – maria.regina@ufpel.edu.br ;

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta a ação de extensão do Projeto “Mostra das Regiões Brasileiras: caracterizações e identidades”, cadastrado na Pró-reitoria de Extensão e Cultura, da UFPel. Este projeto é coordenado por professoras do LEAA/Geografia e IFISP, em parceria com a Escola de Ensino Fundamental Lar de Jesus, de Pelotas. A mostra teve como principal objetivo oportunizar aos acadêmicos dos cursos de graduação da Geografia e Ciências Sociais uma experiência de identificação de características estruturantes da formação do território do país e sua expansão.

Através do estudo detalhado das cinco regiões formadoras do território brasileiro, buscou-se integrar as atividades desenvolvidas na academia com aquelas propostas aos alunos do 5º ano do Instituto Lar de Jesus, possibilitando, o compartilhamento de espaços, diálogos, integração, troca de saberes e construção conjunta sobre o território.

2.METODOLOGIA

A Mostra foi preparada no decorrer de todo o 1ª Semestre Letivo de 2023.e contemplou os trabalhos desenvolvidos, concomitantemente, pelos alunos da escola fundamental e os acadêmicos matriculados nas disciplinas de Formação Territorial do Brasil e Juventude Rural e o Espaço Geográfico, ofertadas para o curso de Geografia e Metodologia e Prática de Ensino I e Geografia, ofertadas para o curso de Ciências Sociais da UFPel.

Para a elaboração da Mostra foram necessárias as seguintes etapas:

1ª - Organização de grupos de trabalhos: cada turma precisou organizar-se em pequenos grupos, para compor as cinco regiões brasileiras.

2ª – Sobre as regiões: nesta etapa, cada grupo passou a elaborar uma forma organizativa para pensar sobre os elementos físicos, culturais, econômicos, sociais, políticos, dentre outros, representativos de cada região.

3ª - Redação e recursos utilizados: nesta etapa os grupos analisaram as informações levantadas e as sistematizaram, por meio de escrita, elaboração de mapas, tabelas, gráficos, vídeos, maquetes e outros recursos didáticos.

4ª- Mostra das regiões: momento de organizar, no Campus ICH II, os espaços destinados a cada região, compartilhar a pesquisa e os produtos preparados para o evento, apresentando às próprias turmas, à comunidade acadêmica, escolar e ao público externo à universidade.

5ª- Avaliação do Projeto: Para avaliar o projeto cada grupo produziu, por escrito, uma avaliação do processo de ensino-aprendizagem e sobre a própria produção coletiva da mostra.

A dinâmica da construção da atividade produzida envolveu a realização de reuniões semanais entre docentes e acadêmicos das disciplinas dos cursos de licenciatura e bacharelado em Geografia e Ciências Sociais. Da mesma forma, atividades foram desenvolvidas pelos alunos da Escola de Ensino Fundamental, dado que uma das professoras é matriculada no curso de Geografia da UFPel.

. 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Mostra das Regiões Brasileiras, conforme Figura 1, ocorreu no andar térreo do Campus ICH II, no dia 04 de setembro de 2023, ocupando o espaço de dois saguões e o corredor de ligação entre eles.

A preparação do espaço, onde seria realizada a mostra, iniciou no período da tarde, contando com o trabalho dos docentes e estudantes envolvidos. Todo o apoio de infraestrutura foi prestado por técnicos administrativos da UFPel, lotados na Administração do ICH II, Secretaria e Seção de Manutenção dos Campi Pelotas – SMPEL. Além destes, participaram da atividade os vigilantes, agentes de portaria e o motorista, responsável pelo deslocamento dos alunos do Instituto Lar de Jesus até o local do evento. Com a chegada das crianças, acompanhadas pelas professoras da escola, as atividades foram iniciadas e todo o material trabalhado ao longo do semestre ganhou o espaço de exposição.

A abertura do evento ocorreu com uma apresentação musical de flauta e violão no saguão do campus, de autoria de alunos da UFPel. Na sequência, outras atividades culturais foram responsáveis pela intensificação da interação entre os expositores e visitantes. A mostra contou com apresentação e aula prática de Capoeira, danças típicas e atividades circenses.

Outras atividades artísticas, também protagonizadas por universitários, seguiram durante todo o período de desenvolvimento da atividade. Havia um roteiro programado, mas abriu-se espaço para atividades improvisadas, que surgiram e abrilhantaram o evento.

A partir da abertura, iniciou-se uma intensa circulação de pessoas pelas várias estações representativas das cinco Regiões do Brasil, cada uma expondo elementos da sua história, cultura, saberes e características. Os estudantes da escola fundamental e demais visitantes tiveram a oportunidade de ter contato com o espaço físico da Universidade, além de acessar a mostra da musicalidade, gastronomia, danças, indumentárias típicas e produções artísticas de cada região brasileira. Também puderam ter acesso a uma exposição de objetos de uso doméstico, ferramentas, insumos e produtos agrícolas, que caracterizaram as origens da formação do território brasileiro.

Para Brandão (2006), a educação também é troca e partilha. Em suas obras, observa-se tanto a ideia de trocar quanto a de partilhar conhecimento. Fazendo um paralelo com a Mostra das Regiões, o processo educativo, ali desenvolvido, foi possível por meio de troca e partilha de saberes, entre docentes, acadêmicos e alunos do ensino fundamental. Ainda na percepção de Brandão, a educação está para além de uma prática pedagógica de racionalidade instrumental, assim como preconiza Freire: "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção" (Freire, 1996, p. 22).

Enquanto os grupos de acadêmicos apresentavam suas respectivas exposições das Regiões o "Politicão" (Um personagem criado por um dos alunos ao se fantasiar de cachorro) percorria os espaços da mostra, atraindo a atenção dos visitantes, distribuindo balas e divertindo as crianças, ao mesmo tempo em que as conscientizava da importância do ensino público, gratuito e presencial. A alegria do evento foi complementada pelo desempenho de grupo circense que percorria os corredores da Mostra com show e aulas de malabares e com a interação bem humorada do(a)s artistas do grupo.

Para ressaltar o papel da agricultura familiar e representar a força do rural nas origens da formação territorial do Brasil, estiveram presentes na mostra representantes do Armazém do Campo, expondo produtos alimentícios e acadêmicos do Laboratório de Estudos Agrários e Ambientais, do curso de Geografia, apresentando, em diálogos e imagens, os diversos trabalhos acadêmicos historicamente produzidos pela equipe.

Figura 1



Fonte: Acervo Mostra das Regiões Brasileiras (2023)

4. CONCLUSÕES

A realização da Mostra das Regiões Brasileiras se constituiu em espaço ímpar de estímulo à criatividade dos acadêmicos e alunos do ensino fundamental, valorizando o intercâmbio de experiências e possibilitando a abertura das portas da Universidade à comunidade de Pelotas.

Criada como uma proposta de ação interdisciplinar, a mostra permitiu a construção conjunta de experiências didáticas entre os acadêmicos dos cursos de Geografia e Ciências Sociais da UFPel. Ressalte-se que a heterogeneidade das vivências entre

os promotores do evento só foi possível pelo ambiente de autogestão, estimulado em todas as etapas do desenvolvimento da atividade. A autogestão utilizada como recurso de ensino-aprendizagem, possibilitou aos participantes explorar, em profundidade, suas capacidades criativas, a iniciativa e a liberdade de expressão. Os resultados puderam ser percebidos pela diversidade de formas de exposição dos conteúdos motivadores da realização da mostra.

Todos acreditamos no poder emancipatório do conhecimento, e como participantes de uma comunidade acadêmica é nosso dever seguir lutando por um ensino público, gratuito, democrático e de qualidade. Vale destacar a importância dos projetos como valiosos recursos didáticos, que além de materializar o conhecimento, também conseguem integrar e unir universidade e comunidade através da troca de saberes e avançar em busca da democratização do conhecimento.

"Ninguém escapa da educação" (Brandão, 1981, p. 7). Ela permeia o cotidiano das pessoas, em tudo o que se faça a educação está presente: ela "existe misturada com a vida em momentos de trabalho, de lazer, de camaradagem ou de amor" (Brandão, 1981, p. 19). A educação estava presente na Mostra das Regiões; pensar, organizar e executar, misturou a vida, o trabalho, conhecimentos, trocas, lazer e muito afeto.

5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SCHÖN, Donald A. **Formar professores como profissionais reflexivos**. In: NÓVOA, António (Coord.). Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

CIÊNCIA E CULTURA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PET/ESEF

YURI KRUSCHARDT ALVES¹; ISADORA OXLEY RODRIGUES EIDELWEIN²;
NICOLAS DE SOUZA DOS ANJOS³; TALES CONCEIÇÃO DIAS⁴; MARIÂNGELA
DA ROSA AFONSO⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – kalvesyuri@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – isadoraeidelwein@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – nicolasdosanjos0130@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – talesconceicao18@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – mrafonsoufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Os eventos científicos constituem-se em fonte essencial na busca de novos conhecimentos, logo sua finalidade é reunir profissionais e estudantes de uma determinada área para trocas e compartilhamento de informações de interesse comum aos participantes. Para Campello (2000), os eventos científicos podem desempenhar diversas funções: encontros como forma de aperfeiçoamento de trabalhos científicos, uma vez que os trabalhos apresentados mudam substancialmente após apreciação nos eventos; encontro como reflexo do estado da arte, pois os trabalhos apresentados durante os eventos podem refletir o panorama da área e o perfil dos seus membros e encontros como forma de comunicação informal, pois as conversas informais com seus pares constituem parte importante dos eventos.

Portanto, estes eventos assumem um papel de grande importância no processo da comunicação científica de maneira mais rápida que aquelas veiculadas pelos meios formais de comunicação (DE LACERDA et al., 2008). Nessa perspectiva o Programa de Educação Tutorial (PET) da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (ESEF/UFPEL) organiza diversos eventos e palestras no intuito de compartilhar estudos e pesquisas, projetos de ensino, pesquisa e extensão dentro da universidade, e de oportunizar espaços no objetivo de agregar na vida acadêmica dos alunos e professores das áreas de Educação Física e Fisioterapia.

Seguindo nesta direção, o PET/ESEF vem continuamente incentivando a troca de conhecimentos e experiências, através do evento denominado: “Ciência e Cultura” (C&C). Este já é organizado, desde o início do PET/ESEF, há trinta anos com o objetivo de oportunizar momentos de reflexão, discussão e socialização do

conhecimento através de palestras, mesas redondas, oficinas, momentos culturais e apresentações de trabalhos. Além disso, este espaço tem promovido a divulgação de práticas de ensino, pesquisa e extensão entre estudantes da área de Educação Física e Fisioterapia. Em 2023, no evento “C&C” foram realizados cursos, palestras, mesas redondas, entre outros, possibilitando aos estudantes uma aproximação com estudos voltados à Educação Física nas áreas da licenciatura, bacharelado, agregando ainda o Curso de Fisioterapia. Já na aproximação com o Programa de Pós-Graduação, foram realizados dois momentos de interação entre estes dois espaços.

O presente trabalho teve como objetivo fazer um relato sobre a 19ª edição do “C&C”, evento que ocorreu nos dias 21,22 e 23 de agosto, oportunizando o compartilhamento de estudos, pesquisas, e o contato entre os acadêmicos e professores destas áreas para trocas de ideias e experiências sobre as subáreas referidas. Destacamos que a direção, colegiados e departamentos apoiam de forma fundamental para que o evento aconteça, já fazendo parte do calendário acadêmico da unidade.

2. METODOLOGIA

Este resumo conta com a descrição do processo de organização do evento C&C no ano de 2023, realizado na Escola Superior de Educação Física (ESEF), onde os discentes inscritos tiveram possibilidade de assistir e participar diversas palestras e cursos, abordando conteúdos que não são aprofundados dentro da grade curricular. Também nesta edição do evento foi promovido uma abordagem holística no cuidado da saúde voltado para área de fisioterapia, por conta da parceria com as Ligas Acadêmicas de Fisioterapia, esta colaboração entre grupos permitiu a abertura de um leque de possibilidades para vincular os cursos de Educação Física e fisioterapia.

Para a construção do evento, os discentes integrantes do grupo PET realizaram encontros semanais para definições de funções de trabalho, organização de ideias e formulação do site para inscrições. A partir das reuniões o grupo PET/ESEF dividiu-se em cinco subgrupos assumindo determinadas funções: base das mídias. responsável pela divulgação e criação de artes e designs; base de inscrições, organizando a plataforma de validação de inscritos; base de *coffee-break*; base responsável pela “Mostra da tríade: Ensino, pesquisa, extensão” onde acontece apresentações de trabalhos que organiza diversos alunos e suas apresentações acadêmico-científicas; e por fim a base dos materiais, que possuía o trabalho de disponibilizar e arrumar toda infra-estrutura necessárias em todas as palestras. Este modo permitiu que cada um do grupo se concentrasse em uma área e desempenhasse seu papel de modo mais eficaz

A divulgação foi feita através dos integrantes do grupo que PET/ESEF que no decorrer das semanas que antecederam o evento, fizeram um divisão para que

pequenos grupos ficassem responsáveis de passar nas salas de aula e distribuir panfletos e cartazes pelos campus para todas as turmas de Educação Física e fisioterapia, junto a isso foram utilizadas as mídias sociais para fazer atualizações diárias sobre a programação, palestrantes, cursos e sorteios. Todas as palestras foram realizadas de forma gratuita por renomados palestrantes, muitos ex-alunos da pós-graduação da própria instituição.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aqui apresentamos o relato sumarizado de como o C&C foi desenvolvido no ano de 2023, evento esse que contou com mais de 200 participantes. Para realização das inscrições e controle dos cursos, o grupo utilizou uma ferramenta online chamada “SYMPLA”. A utilização da plataforma se deu pela praticidade e pela organização de pagamentos e emissão de certificados.

A participação dos discentes foi dividida em 3 turnos diários, onde em grande parte desses turnos o evento contou com o desenvolvimento de 3 cursos simultâneos. Em relação aos cursos oferecidos no evento tivemos foco em 3 áreas distintas contemplando interesses dos discentes de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física e discentes de Fisioterapia. Sendo possível, observar logo abaixo na Figura 1.

Figura 1: Cronograma do Ciência e Cultura 2023



Importante ressaltar que o grupo buscou formular cursos que houvesse um carácter mais prático, possibilitando assim um maior aprendizado por parte dos discentes que estavam participando dos cursos. Além disso, o evento contou também com mesas redondas que abrangeram todas as áreas, inclusive contando com convidados que já participaram das olimpíadas ajudando o quadro olímpico brasileiro de esportes.

Houve espaço para uma integração entre pós-graduação e os discentes da graduação em rodas de conversa, permitindo a troca de ideias e pensamentos entre os grupos. Houve ainda conversas sobre os caminhos para a pós-graduação para que os discentes soubessem como acontece o processo seletivo para ingressar na pós-graduação e as vantagens de ter uma especialização na área. Para encerrar, aconteceu no último dia do evento a “Mostra da tríade universitária: ensino, pesquisa e extensão” onde os discentes da UFPel tiveram a oportunidade de apresentar suas próprias pesquisas, projetos ou estudos, sendo 16 trabalhos apresentados no total. Isso permitiu que os estudantes compartilhassem suas descobertas com a comunidade acadêmica, e que recebessem feedback valiosos e ganhassem visibilidade em seu campo de atuação.

Na literatura encontramos diferentes estudos que apontam a importância da realização destes eventos, De Lacerda e colaboradores (2008) abordam que:

A comunidade científica vista como produtora e disseminadora de novos conhecimentos científicos precisa estar constantemente em busca de informações atualizadas, e para isso precisa fazer uso dos mais diversos canais de comunicação científica que permitam a identificação dos conhecimentos já existentes.

Tanto a estruturação como a realização destas ações favorecem a motivação para uma formação diferenciada dos estudantes, sendo assim, observa-se que o grupo buscou diversificar as oportunidades de cursos para os discentes da Escola Superior de Educação Física, sejam eles discentes de graduação em educação física, fisioterapia e da Pós-Graduação.

4. CONCLUSÕES

Com base na descrição acima, conclui-se que o evento “Ciência e Cultura” reuniu discentes com interesses e objetivos acadêmicos similares. Isso proporcionou oportunidades valiosas para fazer contatos profissionais, estabelecer colaborações e conhecer especialistas em seu campo. Além disso, para os Petianos esse formato de organização tem contribuído para o avanço do conhecimento da área da Educação Física e Fisioterapia, pois envolve a troca de ideias e a disseminação de descobertas e inovações bem como uma formação diferenciada para o grupo PET/ESEF que organiza cada uma das edições.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DE LACERDA, A. L.; WEBER, C.; PORTO, M. P.; DA SILVA, R. A.; . **A importância dos eventos científicos na formação acadêmica: estudantes de biblioteconomia.** Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, v. 13, n. 1, p. 130-144, 2008.

CAMPELLO, B. S.; CENDÒN, B. V.; KREMER, J. M. **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais.** Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2000.

DESAFIOS NA CRIAÇÃO DE UMA EMPRESA JÚNIOR: UM ESTUDO DE CASO

DELLINS MESTRETI LEMOS¹; KAROLINE BARCELLOS DA ROSA²; RODRIGO FLORES ESCOBAR³; PAULO ELIAS BORGES RODRIGUES⁴; JOÃO CARLOS COELHO JUNIOR⁵

¹Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) – dellins-lemos@uergs.edu.br

²Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) – karolbarcellos_@hotmail.com

³Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – rodrigoescobar94@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) – agronomopaulo2022@gmail.com

⁵Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – joao-junior@uergs.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Empresa Júnior (EJ) é uma organização vinculada a uma instituição de ensino, administrada por estudantes, que tem como objetivo principal promover o desenvolvimento profissional de seus membros e contribuir para o crescimento da comunidade (BRASIL JÚNIOR, 2016). Essa contribuição é realizada por meio da aplicação prática de conhecimentos empresariais, através da execução de projetos e prestação de serviços relacionados à área de estudo dos alunos envolvidos.

A vivência empresarial é o elemento central que impulsiona a transformação dos estudantes que participam de uma EJ. Isso implica na condução de projetos, definidos como empreendimentos temporários com a finalidade de criar produtos, serviços ou resultados únicos. Esses projetos geralmente contam com recursos limitados, incluindo pessoas, investimentos e equipamentos. Eles são desenvolvidos por meio da prestação de consultorias a clientes que buscam concretizar um objetivo ou solucionar um problema, tudo isso a um custo acessível, mantendo a qualidade comparável à de projetos realizados por empresas sêniores (BRASIL JUNIOR, 2016).

No contexto brasileiro, surgiram órgãos representativos do Movimento Empresa Júnior (MEJ), como a Confederação Nacional de Empresas Juniores e a Brasil Júnior, em 2003, bem como a Federação de Empresas Juniores do Rio Grande do Sul, em 2000. Essas entidades desempenham um papel crucial na definição de diretrizes padronizadas, visando assegurar que as EJ's estejam alinhadas com os princípios e valores do MEJ. Esse processo de organização e orientação é repetido em diversos estados do país, contribuindo para o fortalecimento e crescimento do MEJ em âmbito nacional (EMAD JR, 2009).

Com base nesses princípios, em 2019, foi estabelecida a Empresa Ecorural Junior, na unidade de Sant'Ana do Livramento, campus da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, vinculada ao curso de Bacharelado em Agronomia e Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial.

O principal objetivo é oferecer serviços de consultoria aos produtores rurais da região onde a EJ está localizada. Esse empreendimento possibilita que os estudantes, ainda durante sua graduação, tenham a oportunidade de se envolver diretamente com agricultores, cooperativas e empresas privadas, atendendo às necessidades práticas relacionadas ao campo de estudo.

Considerando esse cenário, o propósito deste estudo é divulgar os obstáculos enfrentados pelos estudantes da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul na abertura da Empresa Ecorural Júnior.

2. METODOLOGIA

Para conduzir esta pesquisa, optou-se pelo método qualitativo de caráter exploratório, mais especificamente, adotou-se uma abordagem de estudo de caso, amplamente empregada na área de estudos organizacionais (YIN, 2005; GIL, 2009). O estudo se concentra em um único caso, analisar as dificuldades encontradas durante o processo de estabelecimento da Empresa Ecorural até os dias atuais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O movimento dos para criação da Ecorural Jr. iniciou no ano de 2019 com o responsável pelo projeto e maior incentivador, o professor Dr. João Carlos Coelho Junior. A empresa contou inicialmente com 12 alunos de diferentes semestres e com predominância do curso de Agronomia.

No início do ano de 2020 a pandemia covid-19 afetou o processo de desenvolvimento da empresa, afastando os membros, dificultando a fundação da EJ e impedindo encontros presenciais e atividades práticas, como palestras e cursos. Dessa forma, as primeiras assembléias foram realizadas via Google Meet com atas online.

Em 2021 ocorreu a convocação dos membros e a eleição da diretoria executiva. Neste período a empresa sofreu evasão dos alunos, mantendo-se apenas seis. Logo, realizou-se o edital de seleção de novos membros e para a surpresa da EJ, resultou em vinte e uma inscrições.

Antes de concluir o estatuto social da empresa, ocorreu uma revisão e validação entre os membros. Visto que o documento detalha a estrutura de funcionamento, os cargos e as disposições relacionadas a todos os aspectos da associação. A concordância de todos os membros é de suma importância. Além disso, é fundamental considerar cuidadosamente o conteúdo do estatuto, devido a dificuldade de modificação posterior (BRASIL JÚNIOR, 2016).

Para apoiar nesse processo, os registros necessários para abertura da empresa foram realizados com a orientação de uma advogada.

Na sequência, houve a convocação da Assembleia Geral de fundação da EJ. Foi redigida uma ata, denominada ata de fundação, onde se fez necessária a aprovação do estatuto social da empresa e posse da primeira diretoria executiva.

No decorrer do ano de 2021 e 2022, houve o processo de migração das aulas do ensino remoto para presencial. Diante disso, a empresa Ecorural Jr sofreu novamente evasão, em razão de desistências e a formatura de alguns membros. O principal motivo da desistência foi relacionado a dificuldade do andamento do projeto, já que a burocracia estimulada pelos órgãos competentes se torna formalista demais.

O estatuto e a ata foram revisados e assinados por uma advogada com registro na OAB e encaminhados para registro no cartório. Para o registro dos documentos, o cartório de cadastro de pessoas jurídicas exige os seguintes documentos: ata de fundação, relação dos membros fundadores, relação dos

membros eleitos, estatuto com as folhas numeradas e rubricadas pelo Presidente eleito, secretário e advogado com inscrição na OAB.

Os próximos passos é a realização do preenchimento da ficha de cadastro para abertura de CNPJ no site da Receita Federal, que deve ter a assinatura da presidente reconhecida em cartório e deverá ser entregue junto com uma cópia dos documentos registrados na secretaria da Receita Federal.

A etapa seguinte envolve cadastro na prefeitura para pagamento de impostos e também para emissão do alvará de funcionamento. É exigida a seguinte documentação: comprovante de endereço da empresa, todos os documentos que foram registrados no cartório, CNPJ e Alvará de Liberação dos Bombeiros. Esta etapa ainda não foi concluída devido estarmos em processo de registro dos documentos em cartório.

Atualmente a Ecorural Jr tem seus documentos internos aprovados, a primeira diretoria eleita, além de diversas palestras realizadas para a comunidade externa e para os alunos de ambos os cursos da instituição. Também conta com a ajuda voluntária de uma advogada para realizar o registro em cartório, onde até o final do ano de 2023 será conferida a abertura de CNPJ na Receita Federal.

4. CONCLUSÕES

Considerando que a burocracia e os procedimentos governamentais do movimento no Brasil representam desafios significativos para o início de qualquer empreendimento, o propósito deste trabalho foi compartilhar as dificuldades enfrentadas na abertura da Empresa Ecorural Jr em quatro anos.

No decorrer da criação da EJ foram realizados diversos trâmites e atendidas várias exigências para viabilizar o início das suas atividades.

Tornou-se evidente a importância do acesso à informação e a orientações claras sobre as etapas a serem cumpridas. Portanto, este trabalho busca contribuir para futuras iniciativas de empresas juniores, divulgar a Empresa Ecorural Jr e compartilhar dificuldades encontradas durante o percurso.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brasil, Lei nº 13.267, de 6 de abril de 2016. Dispõe sobre o Conceito Nacional de Empresas Juniores. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 7 de abril de 2016.

BRASIL JÚNIOR. **Planejamento Estratégico da Rede 2016-2018**. Acessado em 18 de set. 2023. Online. Disponível em: https://uploads.brasiljunior.org.br/uploads/cms/institucional/file/file/12/Planejamento_Estrat_gico_da_Rede_2016-2018.pdf.

EMAD JR. **Histórico do MEJ**. Acessado em: 15 de set. 2019. Disponível em:

<https://wp.ufpel.edu.br/emadjr/aempresa/mej/>.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 175 p. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística ± IBGE. Demografia das Empresas. 1 ed. Rio de Janeiro, 2017. 90p

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. 212 p.

PROJETO VOLEIBOL CAVG E AS APROXIMAÇÕES ENTRE ESCOLA E UNIVERSIDADE

NICOLAS DE SOUZA DOS ANJOS¹; BEATRIZ RODRIGUES VARGAS²;
PATRÍCIA DA ROSA LOUZADA DA SILVA³; RODOLFO NOVELLINO BENDA⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – nicolasdosanhos0130@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – beatrizedfisica17@gmail.com

³Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense–câmpus Visconde da Graça – patricia.louzada@ifsul.edu.br

⁴Universidade Federal de Pelotas – rodolfobenda@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O Projeto Voleibol CaVG é uma realização do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense–câmpus Visconde da Graça (IFSul/CaVG), em parceria com a Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia (ESEF/UFPEL). O CaVG é uma instituição que oferta os cursos técnicos integrados em turno integral, com sistema de internato, o que possibilita aos estudantes de outras cidades permanecerem ao longo da semana residindo na instituição. O fato de manterem-se na escola, desperta para a implementação de atividades que, além de ocupar o tempo, fomentem novos aprendizados e potencializem o sentimento de pertencimento à escola e ampliem os vínculos socioafetivos.

O projeto de ensino esportivo Voleibol CaVG, a partir de agosto de 2022, vem sendo desenvolvido no câmpus e em 2023 assumiu uma maior proporção no que se refere ao movimento de aplicação do conceito de terceiro espaço de formação (ZEICHNER, 2010). O conceito fomenta a aproximação do espaço escolar ao espaço da universidade, criando de fato um terceiro espaço o qual torna-se lugar comum a ambos, onde o diálogo pode ser estabelecido minimizando ou extinguindo qualquer tipo de hierarquia. Segundo SILVA et al. (2022), o terceiro espaço de formação é capaz de ser implementado em diferentes situações, seja nos estágios curriculares supervisionados ou em projetos de ensino, pesquisa e extensão, vindo a colaborar e qualificar a formação profissional.

A parceria entre as instituições possibilita a qualificação da formação inicial de futuros treinadores de voleibol, pois adentram ao universo esportivo do treinamento esportivo nas aulas do projeto, bem como fomenta a formação continuada dos professores envolvidos, frente aos espaços de trocas, leituras e aperfeiçoamento. Diante do exposto, o presente resumo tem como objetivo descrever as ações desenvolvidas pelo projeto de ensino Voleibol CaVG.

2. METODOLOGIA

O projeto voleibol CaVG é realizado desde 2022 nas dependências da escola, participam do projeto 79 pessoas, com idade média de 16 anos, sendo 50 meninas e 29 meninos, estudantes dos cursos técnicos da instituição. Cabe destacar que não existe nenhum tipo de seleção para ingresso no projeto, apenas disponibilidade por parte do escolar e assiduidade para manutenção da vaga. A comissão técnica é composta por dez pessoas, uma professora de educação física (EF) do CaVG, coordenadora do projeto, um professor da ESEF/UFPEL e oito

estudantes do curso de EF da UFPel. As ações do projeto são pensadas visando o aprendizado e treinamento da modalidade de voleibol, bem como de promover espaço para trocas e criação de vínculos entre os participantes. As atividades do projeto são realizadas às quartas-feiras com treinos das 12h45 às 13h45 para as meninas e das 18h15 às 19h15 para os meninos. Os treinos contam com a disponibilidade de um espaço coberto e duas quadras de voleibol. Durante o treino em ambos os horários, o grupo é dividido, ficando em uma quadra os mais avançados, considerando o nível de habilidade e a na outra os alunos iniciantes ao voleibol.

Com o ingresso de novos participantes no segundo semestre de 2023, a comissão técnica verificou a necessidade de separar os grupos por sexo e por níveis de habilidade. A avaliação do nível de habilidade ocorreu por meio de um circuito que exigiu o desempenho de técnicas individuais (toque, manchete e saque), e em um segundo momento em situações de jogo verificando a ocorrência e qualidade de levantamento, recepção, ataque e defesa. A divisão em níveis de habilidade vem sendo mantida e visa qualificar o grupo avançado para disputa em competições escolares como os Jogos Escolares de Pelotas (JEPel) e os Jogos dos Institutos Federais (JIF).

O planejamento dos treinos de voleibol ocorre semanalmente, logo após o treino ministrado, em que a comissão técnica se reúne com o intuito de que os discentes possam dialogar junto à professora da instituição, discutindo sobre as características e habilidades que perceberam, sobre a defasagem e ou necessidade identificada. A partir dessa análise, a equipe formula o próximo treino, atendendo aos fundamentos do voleibol, com ênfase àqueles que o grande grupo de alunos apresenta maior dificuldade (BOJIKIAN; BOJIKIAN, 2012).

A organização do treino é realizada em três momentos: a) Aquecimento: quando os alunos realizam movimentos e técnicas em duplas, de modo progressivo, do menos intenso ao mais intenso; b) Parte principal: quando os participantes são divididos em estações e realizam diversas atividades que visam aprimorar os fundamentos técnicos e táticos, com a inserção em situações próximas ao jogo e, por fim, os alunos são desafiados a praticarem o jogo formal, recebendo *feedbacks* no sentido de que passem a aplicar o que foi treinado anteriormente; c) Parte final do treino: uma grande roda final é formada para que a comissão técnica possa realizar o fechamento do treino.

A triangulação das informações e a construção de conhecimento de forma interativa entre escola e universidade, no que compete ao professor da ESEF/UFPel tem ocorrido via mensagens e por meio de videoconferência, além de formações conjuntas quando toda a comissão técnica se reúne para discutir as ações do projeto, estudar sobre metodologia de ensino do voleibol e estruturar as ações futuras do projeto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O impacto positivo do projeto na comunidade escolar, pode ser percebido a partir da manutenção dos participantes entre o segundo semestre de 2022 e os semestres de 2023, bem como pelo seu aumento no número de participantes. Com a inserção de novos integrantes, fica evidente a disparidade de níveis técnicos e táticos, o que demonstra o quanto os participantes do projeto têm evoluído em relação ao conhecimento sobre o voleibol e desempenho na modalidade. Ainda, os participantes do projeto já representaram o IFSUL/CaVG no JEPel e por duas vezes no JIF. A participação nos jogos demonstrou que os alunos do projeto conseguiram aplicar numa situação competitiva os aprendizados promovidos no projeto, além de se perceber que os alunos vestiram com orgulho a camisa da instituição à qual estão matriculados.

Em relação aos discentes do curso de EF e o espaço de formação que o projeto se propõe, fica cada vez mais evidente o quanto participar do projeto tem sido associado à percepção de maior domínio das ações pedagógicas frente à ação de ensinar. Os acadêmicos verbalizam que o projeto tem possibilitado melhorar as ações de comunicação frente ao grande número de participantes. Assim como aprender a analisar as capacidades coordenativas e táticas dos participantes, detectar quais as necessidades, vindo a construir estratégias que busquem qualificar seu aprendizado durante os treinos do projeto. Esta prática atribui grandes experiências para a formação, capacitando os discentes para diversos desafios propostos fora da instituição.

A dinâmica empreendida possibilita a promoção de espaços para ampliar conhecimento sobre a modalidade, considerando as trocas constantes entre os discentes, alguns mais avançados e outros em período inicial de curso, além dos contatos informais e reuniões regulares com a coordenação do projeto.

4. CONCLUSÕES

O projeto voleibol CaVG está em andamento, e o presente resumo buscou descrever as ações desenvolvidas até o presente momento. O projeto seguirá em pleno desenvolvimento até as férias de final de ano, sendo posteriormente pensado as ações a serem desenvolvidas em 2024. O projeto vem cumprindo seus propósitos, tais como despertar o gosto pelo voleibol, assim como auxiliar o processo de preparação dos futuros professores de Educação Física que desejam ser treinadores, e que aproveitam a oportunidade e estão tornando sua formação mais significativa e concreta em um entrelaçar da teoria e da prática, em um movimento de fomento ao terceiro espaço de formação. Algumas limitações para uma melhor qualidade das ações do projeto são: o espaço físico, por não ter um ginásio, quaisquer intempéries de mau tempo, por exemplo, as chuvas ou mesmo o vento, inviabilizam os treinos. Convém ressaltar que o curto período de tempo para a prática do voleibol também dificulta um aprendizado mais rápido e efetivo, visto que dispõe de apenas uma hora semanal de prática. O desafio futuro é manter a qualidade das ações do projeto em crescimento para que possa seguir incentivando e motivando a prática e o ensino do voleibol junto aos seus conceitos e suas relações sociais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOJIKIAN, J. C.; BOJIKIAN, P. L. **Ensinando voleibol**. 5.ed. São Paulo: Phorte, 2012.

SILVA, L. R. P.; MONTIEL, C. F.; PINHEIRO, S. E. Terceiro espaço de formação: Contribuições do estágio curricular supervisionado na perspectiva discente. Formação Docente – **Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, v. 14, n. 31, p. 215-228, 2022. DOI: 10.31639/rbpfv14i31.620. Disponível em: <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/620>. Acesso em: 19 set. 2023.

ZEICHNER, K. Repensando as conexões entre a formação na universidade e as experiências de campo na formação de professores em faculdades e universidades. **Revista Educação**, v. 35, n. 3, p. 479-504, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/2357>. Acesso em: 18 set. 2023.

PROFESSORAS DOS ANOS INICIAIS E O JOGO DO REPARTIR – ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES

SIMONE MACEDO POERNER¹; EMERSON ERNANDE MESQUITA RODRIGUES²; VANIA ESCALANT PEREIRA³, ÁLISSON DUARTE LEITE⁴; SILVIA PRIETSCH WENDT⁵, RITA DE CÁSSIA DE SOUZA SOARES RAMOS⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – simonepoerner_mat@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – emersom_pel@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – vaniaescalant@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – alissonleite2k4@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – silviaclmd2@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – rita.ramos@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A Educação Matemática é uma área emergente que instiga os profissionais da área da educação, professores de todos os níveis, matemáticos e pesquisadores a debates intensos acerca dos seus conteúdos, bem como de suas técnicas operatórias e aplicações (ONUCHIC, 2012). Este campo de pesquisa tem, nos últimos anos, recebido atenção especial por parte dos docentes, que buscam de forma sistemática ensinar essa disciplina tão temida por muitos, de forma lúdica e com criatividade didática, como é o caso dos jogos matemáticos. Mas o maior desafio ainda é fazer com que os alunos percam o medo de se aventurar nesse universo de possibilidades que o saber matemático oferece.

O Laboratório Multilinguagens da Universidade Federal de Pelotas, por meio de ações de extensão universitária, busca instigar professores e estudantes de licenciaturas a promover a prática de resolução de problemas de forma a criar situações que desacomodem os estudantes e permitam criar caminhos de ação para a aprendizagem dos diversos conhecimentos (PINTO *et al.*, 2016). Este trabalho relata uma ação denominada Quatro Operações – teoria e prática, ministrada por estudantes da Licenciatura em Matemática para professoras da rede municipal de Pelotas, em parceria com o projeto Andorinha, da Secretaria de Educação e Desporto do município.

A resolução de problemas é algo que se experimenta em todas as fases da vida humana, desde as tentativas frustradas de montagem de blocos na infância até a tentativa de se sair de situações difíceis na fase adulta, às quais não se tem uma resposta pronta para resolver o problema, precisando, assim, utilizarmos-nos de estratégias que nos permitam encontrar saídas para determinadas situações, sendo “o ensino da matemática no Brasil ainda é marcado pelos altos índices de retenção, pela formalização precoce de conceitos, pela excessiva preocupação com o treino de habilidades e mecanização de processos sem compreensão” (ONUCHIC, 1999, p.200).

Tendo em vista a necessidade de ensinar o tema ‘divisão de números inteiros’ aos alunos dos anos iniciais, buscou-se aplicar um roteiro que pudesse ser desenvolvido em sala de aula, fazendo com que os alunos interagissem com os materiais manipuláveis, a fim de visualizar os procedimentos e criar estratégias para representar as operações matemáticas. Em consonância com a habilidade (EF03MA07) da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, os professores trabalham a Resolução de Problemas envolvendo diferentes significados da

multiplicação e da divisão, bem como a adição de parcelas iguais e repartição em partes iguais. Dessa forma, o presente trabalho visa apresentar uma aplicação do jogo do Repartir, oferecendo aos professores da educação básica, uma possibilidade pedagógica de apresentar como ocorrem as divisões de números inteiros (FALZETTA, 2006; BRASIL, 2008).

2. METODOLOGIA

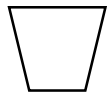



Segundo ONUCHIC (1999), a Resolução de problemas é uma Tendência em Educação Matemática que faz do estudante um agente ativo no processo ensino-aprendizagem, uma vez que ele constrói o conhecimento ao compreender como se dá o comportamento dos resultados à medida que ele próprio altera a posição e distribuição dos materiais manipuláveis, por exemplo, como é o caso dos jogos.

Ao investigar divisões inexatas, LAUTERT e SPINILLO (2015) destacam o papel do resto na divisão, afirmando que a compreensão do significado do resto depende da tomada de consciência da necessidade de não violar o princípio da igualdade entre as partes. A manipulação do resto leva as crianças a comparar o tamanho do resto e das partes, sendo o resto “um termo da divisão capaz de auxiliar a criança a desenvolver noções mais elaboradas sobre este conceito” (LAUTERT; SPINILLO, 2015, p. 27).

O Jogo Repartir, criado pelo Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia da Pesquisa e Ação (GEEMPA) tem por objetivo trabalhar de forma lúdica a divisão de números inteiros, bem como, fazer com que o aluno compreenda o comportamento do resto ao verificar se a conta deu certo Para RENDON (2018), o jogo resulta em conservar a quantidade discreta, organizar o espaço para partição adequada e contar de forma mais sofisticada. De acordo com a autora, o “jogo do repartir se relaciona principalmente com o eixo da estrutura multiplicativa, porém está entrelaçado com outros eixos da rede como, por exemplo, a estrutura numérica, aditiva e do estudo do espaço” (RENDON, 2018, p.90).

Os materiais utilizados no jogo são feijões, Copos de cafezinho (50ml) / 6 unidades para cada participante do jogo, 1 dado numerado; e Cartelas (Nº de cartelas de acordo com o nº de jogadores / geralmente 2 a 4 jogadores), como a Figura 1.

Figura 1 – Cartela do jogo do repartir

NOME					Cálculos
Retirar essa linha no caso de crianças pequenas →	Quantos copos?	Quantos feijões em cada copo?	Quantos feijões sobraram?	Quantos feijões ao todo?	

Fonte: Adaptado de Miranda (2014)

As regras do jogo consistem em : 1) De dois a quatro jogadores(as) por equipe, devem colocar os feijões no centro da mesa ou num prato grande; 2) Os

copinhos devem ficar empilhados no centro da mesa; 3) Antes de iniciar a primeira rodada, cada jogador deverá pegar um punhado de feijão e colocá-lo à sua frente; 4) Ao iniciar a rodada o/a primeiro(a) jogador(a) deve lançar o dado, pegar a quantidade de copinhos correspondente ao número indicado no dado, distribuir os feijões do seu punhado nesses copinhos, respeitando os seguintes critérios: Todos os copinhos devem ser usados; Todos os copinhos devem ter a mesma quantidade de grãos; Deve-se distribuir o maior número possível de grãos em cada copinho; Anotar na tabela, o resultado de grãos que ficou em cada copinho e no resto; Finalizada essa rodada, todos devem colocar os feijões novamente no centro da mesa (ou prato central); Os(as) demais jogadores(as), cada um(a) na sua vez, repetem os mesmos procedimentos. Antes de iniciar uma nova rodada, todos(as) devem pegar um novo punhado de feijões. O jogo termina quando todos(as) tiverem completado as cinco rodadas. Cada jogador(a) verifica o número total de grãos que obteve como resto durante as partidas, ou seja, efetua a somatória dos restos; Os(as) jogadores(as) preenchem juntos a tabela que indica o resto total de cada um(a); Vence aquele(a) que tiver o maior resto. Uma variação do jogo consiste em manter o número de copos e variar o número de feijões ou variar o número de copos e o números de feijões a cada partida, dessa forma, ao iniciar cada rodada os(as) participantes pegarão novo punhado de grãos e jogarão o dado para verificar a quantidade de copinhos que serão necessários para a rodada atual (FALZETTA, 2006; MIRANDA, 2014).

O jogo foi aplicado em uma oficina didática de 2 horas, como ação do projeto de extensão Laboratório Multilinguagens, intitulada Quatro Operações – teoria e prática, para o público de 12 professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A análise da ação diz respeito à compreensão de um grupo de cinco professoras, e às observações registradas pelos ministrantes da oficina.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a aplicação da oficina didática, as professoras leram as regras do jogo e iniciaram as jogadas. Em uma das jogadas, uma das professoras inseriu quantidades diferentes em cada copo, por não compreender as regras do jogo. Durante a discussão com os ministrantes da oficina, chegou-se ao argumento sobre os invariantes da divisão, como necessidade de partes iguais (LAUTERT; SPINILLO, 2015). As próprias professoras participantes se corrigiram e em conjunto jogaram e indicaram possibilidades de trabalho com seus alunos, sugerindo em quais anos/segmentos seria viável o uso do jogo.

Na coluna dos cálculos, tanto a expressão do tipo $y = ax + b$, com resto $0 \leq b < x$, quanto $(y \div x = a) + b$ foram organizadas, com as quantidades de feijões, copos e resto. Após a discussão sobre a escrita da expressão, as professoras do grupo afirmaram que para as crianças maiores o registro na forma de expressão é mais adequado, e para as pequenas o registro na forma de desenho e a conversa.

4. CONCLUSÕES

Tendo em vista a importância de se unir a teoria à prática, buscou-se explicar neste trabalho acadêmico a possibilidade pedagógica de trabalhar a Tendência em Educação Matemática “Resolução de Problemas” desenvolvendo no aluno a habilidade de lidar com diferentes significados da multiplicação e da divisão, bem como a adição e repartição de parcelas/partes iguais. A aplicação do

jogo do repartir foi feita por meio de uma ação de projeto de extensão, a professoras dos anos iniciais.

Os resultados obtidos indicaram que as professoras compreendem a necessidade de trabalhar divisões inexatas, e o significado do resto com estudantes de todos os anos escolares. O jogo do repartir foi considerado pelas participantes do projeto uma boa escolha de situação didática para a aprendizagem da divisão, tanto por trabalhar os invariantes desta operação quanto por proporcionar a resolução de problemas em sala de aula.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://download.basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 27 ago. 2023.

FALZETTA, R. Todas as contas num punhado só. **Nova Escola**, 2006. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/3260/todas-as-contas-num-punhado-so>. Acesso em: 27, ago. 2023.

LAUTERT, S. L.; SPINILLO, A. G. Resolução de problemas de divisão inexata a partir de reflexões sobre o significado do resto. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 1, p. 15 -27, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 ago. 2023.

MIRANDA, D. Jogo do Repartir – Geempa. **Atividades para alfabetização e matemática**, São Leopoldo, 13 jul. 2014. Disponível em: <http://dalililamiranda.blogspot.com/2014/07/jogo-do-repartir-geempa.html>. Acesso em: 27 ago. 2023.

PINTO, S. P. W.; RAMOS, R C. S. S.; CARVALHO, K. S.; MIRANDA, R. A. A.; RODRIGUEZ, L. L.; CENTENO, R. C. Laboratório Multilinguagens da UFPEL – uma experiência interligando ensino, pesquisa e extensão. In: **Encontro Nacional de Educação Matemática**, 12. São Paulo – SP, 13 a 16 de julho de 2016.

ONUCHIC, L. R. Ensino-aprendizagem de matemática através da resolução de problemas. In: BICUDO, M. A. V. (Org.) **Pesquisa em Educação Matemática: Concepções e Perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1999. p. 199-218.

ONUCHIC, L. R. A resolução de problemas na educação matemática: onde estamos e para onde iremos? In: **Jornada Nacional de Educação Matemática**, 17, Passo Fundo. Anais... Universidade de Passo Fundo, 2012, p. 1 – 15. Disponível em: <http://anaisjem.upf.br/download/cmp-14-onuchic.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2023.

RENDON, V. L. O ensino da Matemática nas séries iniciais à luz da Teoria dos Campos Conceituais. In: **Colóquio Internacional sobre a Teoria dos Campos Conceituais**, 3. Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia da Pesquisa e Ação – GEEMPA, 2018, p. 87 - 93. Disponível em: https://geempa.com.br/wp-content/uploads/2018/10/A-matem%C3%A1tica-nas-s%C3%A9ries-iniciais-_1_-VALERIA.pdf. Acesso em: 27. Ago. 2023.

AVALIAÇÃO NAS AULAS DE MÚSICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

LUANA KRÖNING ABRAHAN¹; HENRIQUE GUERREIRO DINIZ ALVARENGA E ELIADA GIOVANA GÔMES PORCIÚNCULA²; REGIANA WILLE³

¹Universidade Federal de Pelotas – luanakab0112@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – henriquegdalvarenga@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – regianawille@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A avaliação, na dinâmica das aulas da Educação Básica, é um processo de extrema importância, uma vez que possibilita tanto aos professores, quanto aos estudantes, analisarem criticamente o processo de ensino-aprendizagem, abrindo margem para a revisão das suas práticas. Analisando os Parâmetros Nacionais Curriculares, Nascimento (2022) afirma que para o professor, a avaliação viabiliza uma oportunidade de reflexão e revisão crítica da sua prática, possibilitando um aprimoramento da sua ação docente. Para o aluno, “a avaliação deve servir como uma ferramenta de conscientização do seu desenvolvimento educacional, suas conquistas, desafios e organizar meios para alcançar o objetivo da sua aprendizagem” (NASCIMENTO, 2022, p. 7).

No contexto da aula de música, a avaliação está diretamente ligada aos objetivos com os quais o professor deseja desenvolver as habilidades musicais dos alunos. Alinha-se a esse pensamento, o modelo “C(L)A(S)P” desenvolvido por Keith Swanwick (1999), que aponta a Composição (C), Apreciação (A) e Performance (P) como parâmetros essenciais da experiência musical. Este modelo também compreende como parâmetros periféricos da Educação Musical os Estudos Acadêmicos (L), que abrangem os conhecimentos teóricos, históricos e estilísticos que envolvem a prática musical, e a Aquisição de Habilidades Técnicas (S), que, de acordo com o pensamento do autor são recursos que conduzem a um fazer musical efetivo (FERNANDES, 2004).

Diante da realidade escolar atual uma problemática se estabelece: como conduzir aulas de música que promovam um amplo desenvolvimento musical dos alunos? E mais ainda: como tal desenvolvimento pode ser avaliado? O presente trabalho objetiva tecer um relato de experiência sobre o processo de avaliação das aulas de música da Escola Municipal de Ensino Fundamental Joaquim Nabuco, pertencente à rede municipal de Pelotas, regidas pelo professor Rodrigo Xavier nas turmas do 4º ano do Ensino Fundamental. Rodrigo é supervisor do grupo de alunos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), do qual os autores fazem parte. Por essa razão, foi possível aos autores observar in loco a prática docente do professor, que trabalha e incentiva os seus estudantes a desenvolverem criações musicais, individualmente e em grupos.

2. METODOLOGIA

Como abordagem metodológica para a construção do relato de experiência, foi realizada, no dia 12 de setembro de 2023, uma entrevista semiestruturada via Google Meet com o professor Rodrigo Xavier. No roteiro de entrevista, previamente organizado, buscou-se levantar do entrevistado os objetivos da atividade de criação

musical, os instrumentos da avaliação desta atividade, os seus critérios de avaliação e em que medida o processo de avaliação dos estudantes interfere no planejamento das aulas e/ou da sua revisão.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes mesmo do início da entrevista, Rodrigo explicou aos autores o processo de desenvolvimento da atividade de criação musical na sua atividade docente, declarando que, em sua própria trajetória de formação musical, a criação musical representou uma necessidade quase intrínseca de aplicar de forma inventiva o conhecimento musical construído. Nas suas palavras, “compor com os alunos partiu da minha própria experiência de iniciação na composição”, corroborando com Carvalho (2019, p. 7) que destaca a profunda relação entre as concepções do professor sobre música e aprendizagem musical e as suas práticas avaliativas. De modo que “as concepções dos professores representam uma importante ferramenta para acesso e compreensão sobre avaliação em música na sala de aula”.

Para Rodrigo, os alunos, munidos de uma sensibilidade musical trabalhada previamente nos anos anteriores, têm um inegável potencial de tirar um amplo proveito da experiência de composição em sala de aula. O professor se alia ao modelo de Swanwick (1999), anteriormente citado, no qual Composição, Apreciação e Performance estão, ou ao menos deveriam estar, fortemente integrados na Educação Musical.

Questionado acerca dos objetivos da atividade, o entrevistado destacou a importância da participação ativa e criativa dos alunos na vivência musical. Para ele, o “lugar” da criação musical é o de experimentar o som, organizá-lo e desorganizá-lo no tempo e no espaço de maneira musical. Isso é convivendo e dialogando com o outro, em uma proposta de empoderamento das crianças ao ultrapassarem o papel de meros consumidores passivos de produtos musicais. Interessante ressaltar que, para Rodrigo, o objetivo é ultrapassado pela prática, no sentido que a capacidade criativa das crianças supera as previsões do planejamento docente, conduzindo as aulas por caminhos diversos. A esse respeito, Escobar e Sanches (2016, p. 8) destacam a inevitabilidade do improviso docente em sala de aula. Assim como faz o professor Rodrigo, que considera “uma estratégia alternativa aos métodos tradicionais que se revelam não tão eficazes na condução de aulas ou situações específicas no contexto da aprendizagem”.

Sobre os instrumentos utilizados no processo de avaliação, Rodrigo enfatizou a importância da construção de processos avaliativos objetivos e honestos, sobretudo em atividades que envolvem a subjetividade e criatividade dos alunos, como ocorre em suas aulas. O entrevistado enfatizou que, apesar das críticas e sugestões a serem feitas, valer-se da documentação legal, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Documento Orientador Municipal de Pelotas (DOM), é a maneira mais honesta de desenvolvimento de processos avaliativos. Entre os parâmetros estipulados tanto pela BNCC, quanto pelo DOM, Rodrigo destacou os chamados “eixos transversais”, uma das unidades temáticas previstas na disciplina de Artes que objetiva “explorar a relação e articulação entre as diferentes linguagens e suas práticas” (PELOTAS, 2020, p. 616).

Ainda sobre os instrumentos de avaliação, o professor entrevistado declarou que, nas turmas onde desenvolve a atividade de criação musical, aplica trabalhos avaliativos escritos, sob o título de “prova”, que objetivam coletar dados sobre as obras musicais produzidas e instigar os estudantes à reflexão sobre as mesmas.

Na visão de Rodrigo, o uso do termo “prova” alerta a turma para a seriedade do momento e da própria disciplina de música. Essa escolha de ação docente, para ele, demonstra que “os alunos precisam entender que música é sério”, apesar do ambiente descontraído e alegre da maioria das aulas, conforme observado pelos autores nas próprias atividades do PIBID. Além disso, foi abordado pelo entrevistado a importância da construção de um “diário de classe pessoal”, um memorial extraoficial escrito das aulas, que permite ao professor tecer observações, bem como revisitar e refletir com mais propriedade sobre a prática docente desenvolvida. Acerca disso, Rodrigo comentou que, em sua concepção de educação, é justamente a reflexão acerca da prática docente que permite uma maior coesão e honestidade entre o planejamento das aulas, a condução das atividades e a avaliação do processo de ensino e aprendizagem.

Questionado quanto aos critérios do processo de avaliação que desenvolve, Rodrigo reafirmou a sua opção pessoal de alinhamento aos critérios sugeridos pelo DOM, visando uma avaliação mais justa e coerente às prescrições governamentais que regem o Sistema Educacional Brasileiro. Ademais, o entrevistado considera a presença dos alunos e a postura em sala de aula como critérios de avaliação. Para ele, a presença, cujo instrumento de avaliação é o diário de classe e a postura dos estudantes, ultrapassam uma mera ação passiva, indicativa de uma simples transferência de conhecimento. Consiste em uma postura de desejo da construção do conhecimento por meio da manipulação e exploração dos sons, que dialoga vivamente com o contexto social de onde os alunos advêm e deve refletir necessariamente na ação docente e no processo de avaliação. Sobre essa concepção expandida de educação musical, Brito (2001), ao falar do pensamento pedagógico-musical de Hans-Joachim Koellreutter, explica:

[...] que o aspecto mais importante a ser desenvolvido por meio da música é um raciocínio globalizante e integrador, conseqüente ao despertar da consciência, de interdependência de sentimento e racionalidade, de tecnologia e estética (KOELLREUTER apud BRITO, 2001, p. 22)

Por fim, ao responder em que medida o processo de avaliação dos estudantes interferia na sua ação docente, Rodrigo afirmou que a avaliação permite ao professor um aprofundamento do seu papel enquanto mediador, na condução de um processo de educação mais efetivo e positivo para os alunos. Para ele, o fenômeno da avaliação em sua compreensão holística, ao perpassar pelo respeito, tolerância e boa convivência, garante autonomia ao professor e aos próprios alunos para juntos pensarem e darem caminhos e direções para a prática educativa. No entanto, mesmo em turmas numerosas, que tendem a ser mais complexas na construção de uma avaliação aprofundada, deve ser tomado extremo cuidado em não tornar a avaliação uma construção unicamente subjetiva, de modo “a não fazer do fenômeno [da avaliação] um fantasma”. Dessa maneira, a transparência e objetividade, aliadas à valorização do aluno, de suas opiniões e manifestações, promove no professor uma compreensão mais humana do mundo da criança e da sua cosmovisão, quebrando os preconceitos e estereótipos que porventura tenha.

4. CONCLUSÕES

Com esse trabalho, foi possível observar que o fenômeno da avaliação perpassa todas as práticas e vivências no contexto educacional, não se limitando à simples constatação de um conhecimento transferido. Estende-se pela autonomia e independência do aluno na construção desse conhecimento. Nessa perspectiva,

cabe ao professor ser sensível às oportunidades criativas de avaliar seus alunos, encontrando e compreendendo os ambientes favoráveis para fazer desse processo uma experiência positiva de crescimento mútuo.

Mesmo em uma atividade tão delicada como a de criação musical, observou-se de modo muito claro a importância do cultivo da transparência e honestidade no processo de avaliação, compreendendo-o como fenômeno objetivo, muito embora não silencie e desconsidere em nada as pessoas dos alunos, suas demandas e interesses. Desse modo, a avaliação insere-se na vida escolar como uma oportunidade de aprimoramento do ensino e da aprendizagem, na perspectiva de uma ação coletiva e harmônica. Nas palavras de Rodrigo, “nós, professores, devemos fazer música com os alunos”.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITO, T. A. **Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical**. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2001.

CARVALHO, M. B. Avaliação em música: aspectos envolventes na concepção de professores. In: **CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**, 6. Campina Grande, 2019. Anais VI CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2019. Acessado em: 15 set. 2023. Online. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/59419>>.

ESCOBAR, B. T.; SANCHES, E. C. P. A presença do improviso na prática da docência". In: BECCARI, M. N.; MACHADO, C.C.(Eds.). **Seminários sobre Ensino de Design** [=Blucher Design Proceedings, v.2 n.10]. São Paulo: Blucher, 2016. P. 7 -14. Acessado em: 14 set. 2023. Online. Disponível em: <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/a-presenca-do-improvido-na-pratica-da-docencia-24226>.

FERNANDES, J. N. Normatização, estrutura e organização do ensino da música nas escolas de educação básica do Brasil: LDBEN/96, PCN e currículos oficiais em questão. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 10, p. 75-87, 2004.

NASCIMENTO, K.M,S. Avaliação em Educação Musical: um olhar investigativo a partir dos documentos oficiais. In: **CONGRESSO DA ANPPOM**, 32. Natal, 2022, Anais eletrônicos.... Acessado em: 14 set. 2023. Online. Disponível em: <https://anppom-congressos.org.br/index.php/xxxiicongresso/xxxiiCongrAnppom/paper/view/1150>).

PELOTAS. **Documento Orientador Municipal**. Pelotas: Secretaria Municipal de Educação e Desporto, 2020.

SWANWICK, K. **Teaching Music Musically**. London and New York: Routledge, 1999.

OFICINA DE MATEMÁTICA COM A HISTÓRIA “E O DENTE AINDA DOÍA”

CRISTIANE WINKEL ELERT¹; THAIS PHILIPSEN GRUTZMANN²

¹Universidade Federal de Pelotas – cristiane.elert@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – thaisclmd2@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente texto relata a aplicação de uma oficina de matemática do Projeto de Extensão “MathLibras – Ano V”, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). A turma escolhida é de uma das mestrandas do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEMAT) da UFPEL, a qual vem desenvolvendo sua pesquisa a partir do uso da literatura infantil vinculada às práticas matemáticas.

O ensino da matemática de forma lúdica, a partir de oficinas, é um momento de experimentações.


Experimentação é sempre o que se está fazendo... o que se está fazendo em uma oficina com conceitos, materiais e operações matemáticos? O que se está fazendo em uma sala de aula? O que se está fazendo em uma pesquisa? O que se está fazendo em uma escrita? Experimentações” (ROTONDO; CAMMAROTA; AZEVEDO, 2019, p. 13).

Neste cenário, busca-se uma matemática prazerosa e lúdica, que cativa os alunos e os faça perceber a relação possível entre a matemática e a literatura infantil. SMOLE et al. (2007) falam que é importante não sobrepor a Matemática à história, mas trabalhar as duas juntas, de forma complementar e harmoniosa.

2. METODOLOGIA

As atividades que aqui serão descritas fazem parte de uma oficina do projeto “MathLibras – Ano V” e foram realizadas em uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede privada de Pelotas/RS. Durante uma tarde de trabalho, a partir da história “E o dente ainda doía”, da autora Ana Terra, foram desenvolvidas as atividades citadas no Quadro 1. Esse desenvolvimento aconteceu com a professora da turma e umaicineira, coordenadora do projeto.

Quadro 1: História e atividades.

Obra literária	Atividades desenvolvidas
 <p>Título: E o dente ainda doía. Autora: Ana Terra Editora: DCL.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Contação da história. • Libras – sinais dos personagens. • Cartinhas com os personagens: sequência numérica, correspondência quantidade e numeral, sinal maior e menor, e batalha das quantidades. • Jogo da memória. • Atividade de registro.

Fonte: As pesquisadoras, 2023.

As atividades foram realizadas na ordem em que aparecem no Quadro 1, e participaram 20 alunos, do total de 21 que compõem a turma. A seguir serão descritas as atividades bem como uma breve discussão dos resultados obtidos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A oficina começou com a hora do conto. Primeiro a professora contou a história utilizando o livro, mostrando e explorando as imagens a cada página. A história conta sobre um jacaré que sente muita dor de dente, então vão aparecendo animais que tentam ajudar a resolver o problema, conforme a Tabela 1.

Tabela 1: Animais e suas soluções.

Nº	Animal	Solução
1	Jacaré	-
2	Coelhos	Cenoura
3	Corujas	Graveto
4	Tatus	Pedregulho
5	Patos	Carinho
6	Ratos	Sabão
7	Toupeiras	Raiz forte
8	Sapos	Mosca
9	Esquilos	Nozes
10	Pássaros	Pena

Fonte: As pesquisadoras, a partir dos dados do livro.

Em seguida, as crianças foram caracterizadas como os personagens e a história foi recontada com a participação de todos. Após a história, aicineira apresentou a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e ensinou os sinais dos personagens da história, os quais as crianças repetiam. Foi muito bom perceber o interesse das crianças durante a participação na história e o quanto esta motivação favorece possibilidades de novas aprendizagens, então, enquanto a criança está imersa na história cabe ao professor mediar esse processo, provocando os pensamentos matemáticos.

Crianças gostam de vivenciar histórias, de atuar como descobridores, detetives. Elas adoram encontrar respostas, jogar com quantidades, brincar de gincana, enfrentar desafios. Perceba os interesses delas, estimule processos. Dê-lhes materiais concretos com os quais possam representar quantidades, e acredite que serão capazes de encontrar soluções. Os números são o final do processo. (RAMOS, 2009, p. 64).

Então, após vivenciar a história chegou a vez de explorar as ideias matemáticas. As crianças foram organizadas em duplas para realizar as seguintes atividades utilizando cartinhas com as imagens dos personagens do livro.

Organizar as cartinhas em sequência de acordo com a quantidade, conforme mostra a Figura 1.



Figura 1. Sequência.

Fonte: As pesquisadoras, 2023.

Logo após as crianças receberam os números de 0 a 9 (números móveis) e estabeleceram a correspondência entre quantidade da cartinha e o numeral.

Então a professora apresentou o sinal de maior e menor utilizando a boca do jacaré. Cada um da dupla deveria tirar uma cartinha, fazer a contagem dos personagens e utilizar o sinal, conforme mostra a Figura 2.



Figura 2. Maior e menor.
Fonte: As pesquisadoras, 2023.

Em seguida, a mesma atividade foi realizada em forma de “Batalha das quantidades”, onde cada dupla recebeu uma folha de registros para anotar as quantidades retiradas por cada um e ainda deveriam colocar o sinal entre os dois numerais.

Para concluir, as duplas também puderam jogar o jogo da memória com figuras dos personagens e os objetos relacionados a solução que cada um dava ao jacaré, conforme mostra a Figura 3.

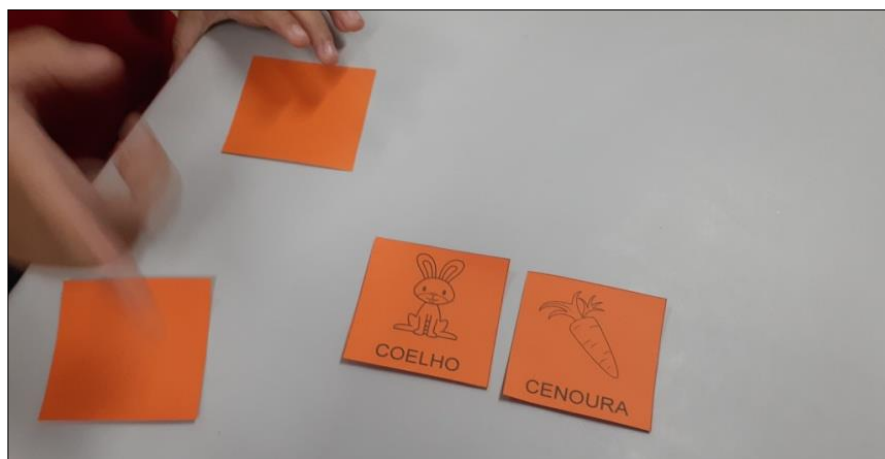


Figura 3. Jogo da memória.
Fonte: As pesquisadoras, 2023.

Assim, percebemos que as atividades realizadas em sala de aula, a partir da obra “E o dente ainda dói”, permitiram vivenciar a Matemática através da literatura infantil, pois através de um processo lúdico a criança elabora conceitos de forma significativa e prazerosa.

4. CONCLUSÕES

As histórias infantis promovem o encantamento e a ludicidade no processo educativo. Sendo assim, a literatura infantil pode ser articulada a qualquer área do conhecimento e nesta oficina articulamos à matemática.

Ao utilizar livros infantis os professores podem provocar pensamentos matemáticos através de questionamentos ao longo da leitura, ao mesmo tempo em que a criança se envolve com a história. Assim, a literatura pode ser usada como um estímulo para ouvir, ler, pensar e escrever sobre matemática. (SMOLE, 1999, p. 22).

Então, através de um processo lúdico a criança vivencia e internaliza conceitos que serão utilizados por ela durante sua vida escolar. Através do encantamento a mágica da aprendizagem acontece.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RAMOS, L. F. **Conversas sobre números, ações e operações**: uma proposta criativa para o ensino da matemática nos primeiros anos. São Paulo: Ática, 2009.

ROTONDO, M. S.; CAMMAROTA, G.; AZEVEDO, F. de O. **Experimentações em educação matemática**: entre oficinas e salas de aula. Curitiba: Appris, 2019.

SMOLE, K. C. S.; ROCHA, G. H. R.; CÂNDIDO, P. T.; STANCANELLI, R. **Era uma vez na matemática**: uma conexão com a literatura infantil. 6. ed. São Paulo: CAEM-IME/USP, 2007.

SMOLE, K. C. S.; CÂNDIDO, P. T.; STANCANELLI, R. **Matemática e Literatura Infantil**. 4 ed. Belo Horizonte: Lê, 1999.



"PASSADA PRO FUTURO": RELATO DA ESTRUTURAÇÃO E EXECUÇÃO DE UM PROJETO DE EXTENSÃO NA ESEF- UFPEL

CAMILA DA SILVA MOREIRA¹; LEONARDO FAGUNDES DOS SANTOS²; JULIA CAROLINA BAPTISTA GONÇALVES³; JULIANI DOS REIS STORCH⁴; ANA VALÉRIA LIMA REIS⁵; ROSE MÉRI SANTOS DA SILVA⁶.

¹ Universidade Federal de Pelotas – camiladasilvamoreira@gmail.com ²

Universidade Federal de Pelotas – leonardofagundes106@hotmail.com ³

Universidade Federal de Pelotas – juliacarolina132003@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas – julianirstorch@gmail.com

⁵ Universidade Federal de Pelotas – anavalerialimars@gmail.com

⁶ Universidade Federal de Pelotas – rose.esef@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o intuito de relatar o processo de estruturação e execução do projeto de extensão “Passada Pro Futuro”, sediado na Escola Superior de Educação Física (ESEF), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), e faz parte do Laboratório de Estudos em Esporte Coletivo (LEECol). Tal projeto iniciou suas atividades em 2017 e atualmente opera por meio de dois eixos, o Centro de Mini-Handebol (CEMINH), com chancela da Confederação Brasileira de Handebol (CBHb), e a Iniciação ao Handebol de Base. Possui como objetivo disseminar a prática da iniciação ao Handebol de uma forma alegre e prazerosa, para isso, conta com uma metodologia pautada nos princípios da Teoria e Prática do Mini-Handebol (ABREU; BERGAMASCHI, 2017) e da Iniciação Esportiva Universal (GRECO; BENDA, 2002). Para além disso, busca proporcionar e oportunizar aos discentes envolvidos um potente espaço para experimentar a prática pedagógica e o entendimento do ser professor. Deste modo, percebe-se que a presente ação extensionista funciona com um duplo sentido, trazendo benefícios para as crianças envolvidas, assim como para os discentes em sua formação inicial.

2. METODOLOGIA

São realizados três encontros semanais, que ocorrem no próprio espaço da ESEF/UFPEL, com duração de 2 horas cada, sendo dois para elaborar e ministrar as aulas com as crianças e outro como um grupo de estudos, com discussões sobre temáticas que subsidiam nossa atuação. O espaço da reunião, feita juntamente com a coordenadora do projeto, tem como finalidade expor os feedbacks da aula anterior para que possam ser discutidos junto ao grupo e, assim, caso necessário, realizar ajustes. Este mesmo espaço também contempla a estruturação das atividades da aula do dia, que compõem um aquecimento, parte principal (contendo de 3 a 4 atividades), e parte final (na qual é feita uma roda de conversa com a turma). Vale ressaltar que as atividades podem sofrer alterações devido ao número de crianças e/ou adversidades que surgem durante as aulas. Essas atividades são empregadas em um cronograma estruturado em microciclos de duas semanas, alinhando os conteúdos e as especificidades de

cada faixa etária. O projeto abrange crianças na faixa etária de 5 a 14 anos, separadas em quatro categorias: Mini A (5 a 6 anos), Mini B (7 a 8 anos), Mini C (9 a 10 anos) e Iniciação ao handebol de base (10 a 14 anos), destacando-se, como um ponto crucial do trabalho desenvolvido, o respeito à individualidade de cada aluno. Com isso, em alguns casos específicos, observa-se crianças com idades acima e abaixo de determinada categoria, pois a faixa etária é um balizador, ou mesmo um norteador e não um limitador.

Assim sendo, no Mini A e Mini B são contempladas as capacidades físicas (força, resistência, equilíbrio, flexibilidade, coordenação, agilidade e velocidade), as habilidades motoras básicas (correr, saltar, arremessar e quicar) e as fases do Mini-Handebol (Eu com a bola; Eu com o outro; Eu contra o outro). No Mini C e Iniciação temos, além dos conteúdos já citados, o acréscimo dos fundamentos do handebol (passe, recepção, arremesso, adaptação a bola, apreensão, drible, finta, progressão, posição básica de defesa, marcação e bloqueio). Tais conteúdos são trabalhados visando proporcionar alegria e diversão por meio de jogos e brincadeiras.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto abrange aproximadamente 52 crianças e é composto por uma equipe de nove discentes de Educação Física Licenciatura, Bacharelado e Área Básica de Ingresso (ABI), duas mestrandas, assim como a supervisão de uma professora da unidade e de um professor colaborador. Sua implementação se mostra como um potente instrumento de aprendizagem para os discentes envolvidos, visto que possibilita uma imersão total no papel de professor, tanto do ponto de vista prático, ministrando as aulas, como no ponto de vista do planejamento das aulas. Além disso, possibilita uma troca com as crianças envolvidas, proporcionando um ambiente positivo para o desenvolvimento das mesmas e um espaço de enriquecimento de seu repertório motor, assim como aumenta o prazer e o encantamento com a prática do Handebol.



Fonte: Arquivo CEMINH

4. CONCLUSÕES

Conclui-se que a realização deste projeto oportuniza para os participantes uma prática prazerosa da modalidade, destaca-se ainda que o projeto se materializa como uma importante ferramenta de visibilidade e disseminação da modalidade do handebol para os alunos da rede escolar de Pelotas, assim como se caracteriza em um relevante espaço de experiência aos discentes envolvidos, potencializando e qualificando sua formação profissional e viabilizando a efetiva indissociabilidade da tríade pesquisa, ensino e extensão, pois segundo

Scheidemantel et al. (2004), a extensão universitária deve funcionar como uma via de duas mãos, em que a universidade leva os conhecimentos e/ou assistência à comunidade e também aprende com o saber dessas comunidades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Diego Melo; BERGAMASCHI, Milton Geovani. **Teoria e prática do mini-handebol**. Paco Editorial, 2017.

GRECO, Pablo Juan; BENDA, Rodolfo Novellino. **Iniciação esportiva universal**. UFMG, 1998.

SCHEIDEMANTEL, Sheila Elisa; KLEIN, Ralf; TEIXEIRA, Lúcia Inês. A importância da extensão universitária: o Projeto Construir. In: **Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**. 2004. p. 1-6

A PROFISSÃO DO ENGENHEIRO DE PETRÓLEO

LORENZO RODRIGUES LUZ¹; CAMILE URBAN²

¹Universidade Federal de Pelotas – lorenzorodrigues0502@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – camile.urban@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A engenharia de Petróleo é uma profissão muito importante dentro do setor petrolífero mundial, sendo uma fonte essencial de energia, combustível e matéria-prima para uma variedade de indústrias, como citado na obra GEOLOGIA DO PETRÓLEO de RICHARD C. SELLEY E STEPHEN A. SONNENBERG. É dela que parte a responsabilidade de assumir inúmeras áreas dentro e fora das plataformas de petróleo, nas quais são indispensáveis para a economia nacional e internacional. Este trabalho tem como objetivo apresentar e analisar os resultados do Projeto de Extensão A Profissão do Engenheiro de Petróleo, destacando sua relevância tanto a nível nacional quanto internacional.

A indústria do petróleo desempenha um papel central na economia global, sendo responsável por fornecer a energia necessária para inúmeras atividades cotidianas, desde o abastecimento de veículos até a geração de eletricidade. Para que essa indústria funcione de maneira eficiente e sustentável, é fundamental contar com profissionais altamente qualificados, e é aí que entra o Engenheiro de Petróleo.

O Engenheiro de Petróleo insere-se dentro do campo interdisciplinar, combinando grandes capacidades para tomadas de decisões, uma das características principais de um engenheiro, com os conhecimentos de engenharia, geologia, química e física para explorar, extrair e processar os recursos de petróleo e gás natural de forma segura e econômica.

Apesar de sua importância, a Engenharia de Petróleo é pouco conhecida nos dias atuais. Isso faz com que o público não compreenda completamente seu papel e suas responsabilidades. Além disso, questões ambientais e a transição para fontes de energia mais limpas estão moldando o futuro da indústria do petróleo, o que levanta a questão de como os Engenheiros de Petróleo estão se adaptando a essas mudanças e contribuindo para uma indústria mais sustentável. Sendo assim, anualmente, poucos novos engenheiros de petróleo surgem no mercado de trabalho, como os egressos da Engenharia de Petróleo da UFPel, ocasionando na alta demanda por esses profissionais em inúmeras empresas.

Como fundamentação teórica para colocar o projeto em prática nos basearemos em uma revisão completa e detalhada sobre a profissão do engenheiro de petróleo incluindo estudos acadêmicos, relatórios técnicos e fontes especializadas. Foi explorada a formação necessária para se tornar um Engenheiro de Petróleo, as áreas de atuação dentro da indústria do petróleo, bem como as implicações ambientais e socioeconômicas dessa profissão, além de sua importância fora do setor petrolífero.

Ratifica-se, portanto, que os objetivos principais deste trabalho são:

- Transmitir a importância do profissional Engenheiro de Petróleo na indústria global de petróleo e gás.
- Destacar as áreas de atuação e as responsabilidades de um Engenheiro de Petróleo.

- Analisar como a profissão está se adaptando às mudanças no cenário energético global, incluindo preocupações ambientais e a busca por fontes de energia mais limpas.

2. METODOLOGIA

2.1 Criação da Página no Instagram

- Para disseminar informações sobre o projeto, foi criada uma página no Instagram com o título “A Profissão do Engenheiro de Petróleo”.
- Foi elaborada um padrão de publicações semanais com informações novas sobre o que faz um Engenheiro de Petróleo e suas abrangências, tendo em vista a consistência na divulgação de conteúdo.
- Cautelosamente, foram elaborados os temas para as publicações, entre as quais são subdivididos temas internos que são aprofundados semanalmente, são eles: Áreas de atuação do profissional Engenheiro de Petróleo; Grandes Empresas Petrolíferas Nacionais; A importância do Engenheiro de Petróleo na área da saúde; Áreas que um Engenheiro de Petróleo pode trabalhar e você provavelmente não sabia.
- O conteúdo foi elaborado com base em pesquisas bibliográficas e em fontes confiáveis, incluindo informações sobre as áreas de atuação, curiosidades sobre a profissão, importância ambiental, entre outros.

2.2 Participação no evento “MUNDO UFPEL: DE PORTAS ABERTAS PARA TI”

- O evento tem como ideia principal proporcionar uma oportunidade à comunidade conhecer a Universidade Federal de Pelotas e como ela é por dentro, conhecendo suas salas, laboratórios e alguns cursos que apresentaram-se para o público geral. Durante as apresentações, o membro da equipe do projeto, juntamente a alguns alunos e professores do curso, explicaram detalhadamente o curso de Engenharia de Petróleo, suas áreas de atuação e relevância no setor.
- Foram usados materiais brutos e digitais, para tornar as informações e explicações mais acessíveis e atrativas, como brocas de perfuração; amostra de petróleo e seus derivados; uma maquete de uma Plataforma de petróleo offshore; As revistas “The Driller Magazine”, “Offshore” (Edição Março/Abril 2023 e edições anteriores), imagens e gráficos contendo informações da Engenharia de Petróleo e suas ambiguidades, amostras de rochas que podem ser geradoras e reservatório de petróleo.
- Foram abertas sessões de perguntas e respostas para interagir com o público e esclarecer dúvidas.

2.3 VII Mostra de Cursos da UFPEL

- A Mostra de Cursos da UFPEL convida, anualmente, alunos dos terceiros anos do ensino médio, para que conheçam os cursos da Universidade. (Acréscimo de informações adicionais de como foi conduzido o evento).

- O objetivo principal é transmitir a importância do curso, assim como suas áreas de atuação e as estruturas Onshore e Offshore, contendo informações importantes e interessantes aos alunos para que se interessem em cursar um curso superior.
- Os materiais preparados para demonstrar o curso serão: uma maquete nova, de uma Plataforma de Petróleo Offshore, em impressão 3D, que será apresentada aos alunos no dia do evento, petróleo e seus derivados acondicionadas em garrafas transparentes, folders com explicação sobre o curso de Engenharia de Petróleo da UFPEL.
- Serão abertas sessões com perguntas e respostas para a interação com os alunos e visitantes à mesa do curso.
- O evento será realizado no dia 08 de novembro de 2023

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Página do Instagram

Durante o período de implementação da página no Instagram, foram publicadas informações abrangentes sobre as diversas áreas de atuação do Engenheiro de Petróleo, incluindo prospecção de reservatórios, estudos geológicos, exploração, produção, beneficiamento, refino, transporte, logística e, por fim, a comercialização. Ademais, notou-se um aumento significativo no número de seguidores da página, mostrando que o interesse pelas informações relacionadas à profissão aumentaram notoriamente.

3.2 MUNDO UFPEL: DE PORTAS ABERTAS PARA TI

O evento realizado foi um sucesso e proporcionou valiosos momentos de interação com os ouvintes que buscavam informações sobre a Engenharia de Petróleo. Durante o evento, o curso de Engenharia de Petróleo conseguiu atrair a atenção de um público diversificado, composto por estudantes de diferentes idades e áreas de interesse.

Conclui-se, portanto, levando-se em conta o feedback recebido durante as interações no evento, ao qual foi amplamente positivo, que o objetivo principal de transmitir informações necessárias sobre a profissão foi alcançado.

3.3 Discussão

Com base nos resultados obtidos até o momento, pode-se enfatizar que o objetivo principal do projeto está no caminho para atingir as metas desejadas. O engajamento da página no Instagram proporcionou que o projeto chegasse a um público amplo e diversificado e oportunidade de apresentar o curso no MUNDO UFPEL, concedeu uma oportunidade valiosa de interação direta com alunos em busca de informações sobre o curso. Meta essa que será buscada na “VII Mostra de cursos da UFPEL”.

No entanto, é importante lembrar que os resultados atuais representam apenas uma fase inicial do projeto. É necessário continuar com o projeto para que, cada vez mais, o profissional Engenheiro de Petróleo seja reconhecido e a formação de novos profissionais cresça cada vez mais. Ademais, é necessário continuar acompanhando o engajamento e a receptividade do público, além de

avaliar como essas atividades de divulgação impactam o interesse dos alunos em ingressar no curso de Engenharia de Petróleo.

A partir desses resultados, a meta do projeto é continuar a evoluir as estratégias para que as informações cheguem, cada vez mais, aos alunos interessados, sejam eles pelotenses, de outras cidades no entorno de Pelotas, ou aos que desconhecem essa profissão que é tão importante em inúmeros fatores indispensáveis ao planeta.

4. CONCLUSÕES

O projeto “A profissão do Engenheiro de Petróleo” buscou disseminar informações relevantes sobre a profissão de forma a criar consciência e interesse entre os estudantes e o público em geral. Embora os resultados apresentados até o momento não revelem números específicos, a crescente conscientização e a interação positiva para com o público geral mostram que o projeto vem traçando, aos poucos, o caminho previsto desde o início. Dessa forma, ratifica-se a importância de dar prosseguimento ao projeto, enfatizando o aperfeiçoamento das estratégias e o maior engajamento como consequência do intuito proposto.

A continuação deste trabalho é promissora, e novas estratégias podem ser exploradas para ampliar ainda mais o alcance e o impacto do projeto. A conscientização sobre a importância da profissão de Engenheiro de Petróleo é fundamental, especialmente em um contexto de mudanças na indústria energética global, e este projeto está contribuindo para esse objetivo de forma inovadora e eficaz, bem como contribuindo para a disseminação de que o Ensino na UFPEL é público, gratuito e de qualidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OFFSHORE VOLUME 83, ISSUE 2 MARCH/APRIL 2023, Top 5 Projects to Watch in 2023; NOIA **Special Section; and Energy Transformation Strategies Special Report**. Cáp 16-32

SELLEY, Richard C.; SONNENBERG, Stephen A. **Geologia do Petróleo**: Tradução da 3ª edição. Elsevier Brasil, 2016.

VERDUSCO, Jeremy. Showing How to Succeed in Drilling, Groundwater. The Driller (**Great Expectations**), mar. 2023.

DOCUMENTÁRIO - A PRODUÇÃO DE VÍDEO NA VISÃO DE ESTUDANTES E PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

ADRYAN COPELLO¹; JOSIAS PEREIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – adryancopeello@gmail.com 1

²Universidade Federal de Pelotas – josias.pereira@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo explorar a produção de vídeos estudantis na perspectiva de professores e alunos da educação básica, destacando sua importância como ferramenta pedagógica. Ao longo do processo de pesquisa, o professor Josias Pereira capturou material audiovisual em palestras, oficinas e festivais durante nove anos, buscando compreender as percepções dos professores e alunos em relação à prática de produção de vídeos na escola.

Segundo Ramos (2008), o documentário é uma forma narrativa que se baseia em imagens captadas por câmeras, geralmente acompanhadas de elementos visuais animados, além de recursos sonoros como ruídos, música e fala. Essas imagens, que originalmente eram silenciosas, são direcionadas pelo espectador em busca de informações sobre o mundo ao seu redor, seja esse mundo constituído por pessoas ou objetos. Em suma, o documentário se configura como uma narrativa visual que estabelece proposições acerca da realidade, dependendo da recepção do espectador em compreendê-lo como uma forma de expressão sobre o mundo. Nesse sentido, a produção de vídeos estudantis pode ser considerada uma forma de documentário, permitindo que os alunos expressem suas ideias, investiguem o mundo ao seu redor e compartilhem suas percepções por meio da linguagem audiovisual.

O documentário em desenvolvimento se propõe a contribuir para a compreensão da importância da produção de vídeos estudantis como uma ferramenta pedagógica relevante, utilizando como base as percepções e experiências compartilhadas pelos participantes envolvidos nesse processo. Por meio da análise desses depoimentos e da reflexão sobre os desafios e possibilidades inerentes à produção de vídeos estudantis, busca-se promover uma discussão enriquecedora para aprimorar as práticas pedagógicas e promover a aprendizagem significativa dos alunos.

2. METODOLOGIA

Para possibilitar a realização do documentário, inicialmente foi preciso uma minuciosa etapa de seleção e catalogação de todo o conteúdo disponibilizado para isso. Assim, foi necessário assistir todo o material em questão é, primeiramente, separar aqueles que não se encontravam em condições de uso, por estarem em uma qualidade de arquivo muito inferior, por possuírem erros de gravação ou estarem sem um arquivo de áudio sincronizado, por exemplo. Após essa etapa, foi primordial desenvolver uma ideia narrativa para o filme e a partir disso, começar a selecionar as entrevistas que melhor sintetizassem essa ideia. Para isso, realizaram-se uma série de reuniões com o orientador do projeto, professor Josias Pereira, onde ficou definido que o filme seria dividido em duas

partes de aproximadamente 40 minutos, uma que exemplifica o ponto de vista dos professores e outra dos alunos em relação à produção de vídeo nas escolas.



Figura 1: Trecho de uma entrevista realizada com alunos.



Figura 2: Trecho de uma entrevista realizada com professores.

Isto posto, após uma categorização do material utilizável e um planejamento do conteúdo e objetivo do filme, iniciou-se a etapa de montagem desse material, na qual o projeto se encontra em execução. Para isso, está sendo utilizado o software DaVinci Resolve, que conta com recursos de recorte e montagem de vídeos, assim como tratamento e mixagem de áudio, que são essenciais para o melhor tratamento desses arquivos e para possíveis correções de cor. O software foi escolhido, principalmente, por sua versatilidade, por conseguir agrupar edição de vídeo, cor e som no mesmo ambiente, e por já ser continuamente utilizado por profissionais da área do cinema e edição de conteúdo audiovisual. Como existe uma quantidade significativa de entrevistas e outros materiais gravados, essa definitivamente será a etapa mais demorada do projeto.

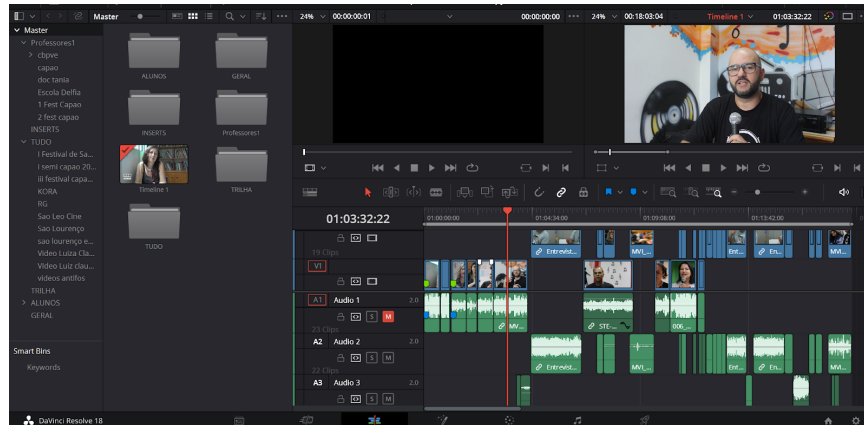


Imagem 3: Interface para edição e montagem de vídeo do DaVinci Resolve.

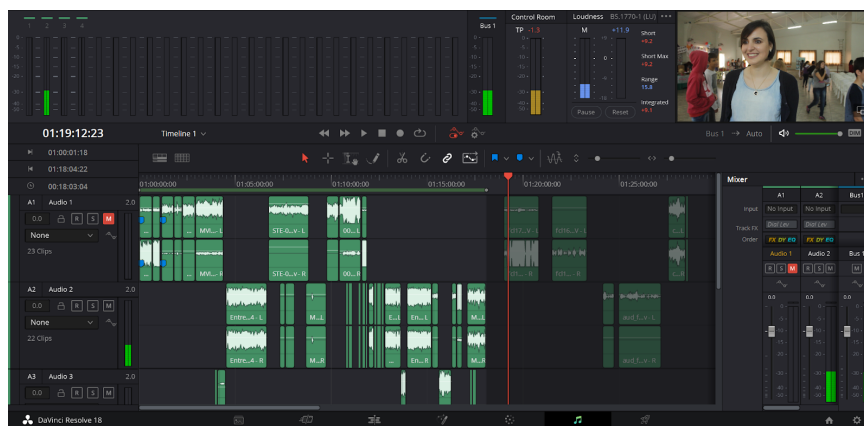


Imagem 4: Interface para edição e mixagem de áudio do DaVinci Resolve.

Desta forma, são realizadas reuniões periódicas para debater quais materiais estão contribuindo para a narrativa do filme e quais devem ser repensados. Além disso, é feita uma revisão para verificar se algum arquivo foi perdido nas etapas anteriores. A análise fílmica é realizada de forma progressiva, avaliando o conjunto de arquivos à medida que avança a montagem. Nesse período, as principais dificuldades estão relacionadas à possível incompatibilidade narrativa entre alguns materiais e a problemas técnicos nos próprios arquivos de gravação, como falhas no áudio em determinados momentos.

Após a montagem e mixagem de todos esses arquivos, de forma satisfatória e compreensível, entra-se na fase de finalização do filme. Nessa etapa, serão inseridos todos os letreiros necessários, incluindo os nomes dos entrevistados e eventuais avisos que precisem estar na tela, como local da entrevista, data e descrições de acontecimentos óbvios, além dos créditos e agradecimentos relacionados à execução do filme. Como último estágio, serão adicionadas legendas para todas as falas presentes no material, a fim de melhorar a acessibilidade do conteúdo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O material coletado por Josias Pereira apresenta uma diversidade de conteúdos audiovisuais, registrados em diferentes contextos e com equipamentos variados. O desafio enfrentado pelo editor foi selecionar cuidadosamente os trechos mais relevantes e inéditos, a fim de sintetizar o vasto acervo em um

documentário final com aproximadamente uma hora de duração. Para isso, o processo de seleção considera a importância dos depoimentos, bem como critérios técnicos para garantir a qualidade audiovisual da produção. Além disso, é fundamental desenvolver uma linguagem audiovisual adequada para o documentário, buscando utilizar recursos visuais, sonoros e narrativos que ampliem o impacto da mensagem transmitida. Por meio dessa linguagem, é possível criar uma experiência audiovisual envolvente, capaz de conectar o público às vivências e percepções dos professores e alunos envolvidos no processo de produção de vídeos.

Atualmente, o documentário se encontra em processo de finalização, passando pela etapa de adição de *motions* e legendas, assim como revisões finais em relação aos materiais montados. Apesar do grande número de materiais, muitas coisas acabaram ficando de fora do produto final, ou por estarem em uma qualidade não utilizável ou simplesmente por não se encaixarem com a narrativa escolhida pelo filme.

4. CONCLUSÕES

Em conclusão ao que foi abordado anteriormente, o projeto acredita que o desenvolvimento desse documentário servirá de suma importância para reforçar a eficiência e relevância do uso da produção de vídeo em sala de aula. Isso se dá tanto no sentido de melhorar o entendimento dos alunos em relação aos materiais didáticos apresentados, como também para explorar novas formas de compreender suas paixões e suas relações com colegas e outras pessoas. Além disso, permite que os estudantes tenham um ambiente de liberdade criativa e descoberta de novas possibilidades. Esse tipo de método incentiva aqueles que já possuem contato com essas tecnologias a trazê-las para a sala de aula e demonstrar seu próprio conhecimento sobre o assunto. Ao mesmo tempo, proporciona a oportunidade para aqueles que não estão familiarizados com essas tecnologias experimentarem novas alternativas e possibilidades.

Desta forma, o documentário está sendo pensado para servir tanto como uma forma de divulgação das experiências dos professores com o uso do audiovisual na sala de aula, com o intuito de incentivar novos projetos, como também como um material de apoio para aqueles que desejam implementar essas práticas em suas escolas, mas ainda não sabem como fazê-lo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RAMOS, F.P. Mas afinal... O que é mesmo documentário?. **Revista de História e Estudos Culturais Fênix**, Uberlandia -MG, v.6, n.2, p.1-11, 2009.

APRENDENDO COM A MESTRA MAGDA SOARES: PROJETO DE EXTENSÃO COM PROFESSORAS ALFABETIZADORAS

ARNALDO ANTÔNIO DUARTE DE DUARTE JUNIOR¹; RAFAEL MENDES²;
GABRIELLA DAS NEVES FURTADO³; GILCEANE CAETANO PORTO⁴

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – arnaldo.deduarte@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – rafaelmendesufpel@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – gabi03nf@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – gilceanep@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este resumo apresenta o andamento do projeto de extensão “Aprendendo com a mestra Magda Soares”, grupo de estudos que está sendo desenvolvido pelo grupo PET- Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) com a participação de professoras alfabetizadoras. Magda Soares, professora titular emérita da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pesquisadora do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale) da UFMG, faleceu em 1º de janeiro de 2023, deixando uma enorme contribuição para o campo da educação, especialmente para o campo da alfabetização.

Os estudos desta atividade iniciaram no ano de 2022 e estão sendo continuados no ano de 2023 com o estudo do livro *Alfaetrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*, publicado pela autora no ano de 2020. Este projeto visa conhecer a proposta pedagógica do projeto Alfaetrar, desenvolvido por Magda Soares no município de Lagoa Santa, possibilitando compreender a organização de uma das experiências relacionadas à alfabetização de grande êxito no Brasil. A pesquisa apresenta discussões voltadas tanto para a alfabetização quanto para o letramento, elementos centrais dos trabalhos da autora.

Conforme Soares (2020, p. 27), o letramento se refere às “capacidades de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita, o que implica habilidades várias, tais como a capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos”. A autora também destaca que a alfabetização é o “processo de apropriação da ‘tecnologia da escrita’, isto é, do conjunto de técnicas - procedimentos, habilidades - necessárias para a prática da leitura e da escrita” (SOARES, 2020, p. 27). Sendo assim, a alfabetização envolve o domínio do Sistema de escrita alfabética e da ortografia, bem como outras habilidades referentes ao uso das ferramentas de escrita, a direção correta da escrita e organização do texto, dentre outras (SOARES, 2020). Ressalta-se que a alfabetização e o letramento são processos cognitivos e linguísticos distintos, mas que são interdependentes e ocorrem simultaneamente (SOARES, 2020). Com isso, as discussões realizadas no grupo de estudos abordam essas temáticas de maneira interligada.

O projeto busca aprofundar a compreensão dessas ideias propostas por Magda Soares, destacando suas contribuições teórico-metodológicas que possuem grande influência nas práticas pedagógicas de professoras em todo o Brasil. Suas contribuições não apenas influenciaram como a alfabetização e o letramento são abordados no país, mas também proporcionaram que as professoras alfabetizadoras obtivessem maior êxito em suas práticas

pedagógicas. Buscando esse sucesso no processo de alfabetização, a reflexão sobre a prática e a colaboração entre pares, promove o aprofundamento do conhecimento teórico e sua aplicação eficaz na sala de aula.

Além disso, ao destacar a importância da interação entre os espaços profissionais, universitários e escolares, o projeto Aprendendo com a mestra Magda Soares reconhece a necessidade da relação entre a formação e a profissão docente (NÓVOA, 2019). Esse diálogo é fundamental para a promoção de vivências e práticas compartilhadas, onde os professores trabalham em equipe e refletem conjuntamente sobre suas ações. Assim, em um processo de formação continuada, conforme sugerido por NÓVOA (2019), não se deve dispensar contribuições externas, incluindo universitários e grupos de pesquisa. No entanto, seu verdadeiro poder reside no ambiente escolar, onde pode ser definida, enriquecida e desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento profissional dos professores. Dessa forma, a participação no grupo de estudos do livro *Alfaletrar*, tanto as professoras alfabetizadoras quanto os demais participantes, não apenas se beneficiam da expertise acadêmica, mas também contribuem para a construção de conhecimentos que se desenrolam em uma prática pedagógica mais potente e colaborativa.

2. METODOLOGIA

O projeto Aprendendo com a mestra Magda Soares está sendo desenvolvido pelo grupo PET- Pedagogia da UFPEL e atualmente tem como foco, o estudo do livro *Alfaletrar* (2020). Inicialmente os encontros ocorriam uma vez por semana e de maneira presencial durante o turno da noite. Contudo, em resposta às necessidades das professoras alfabetizadoras, os encontros seguiram sendo semanais, mas passaram a ser alternados entre presenciais e virtuais para uma participação mais efetiva.

Durante os encontros são realizadas discussões dos capítulos e temas do livro. As temáticas abordadas estão relacionadas à alfabetização e letramento, sendo discutidas de maneira articulada. Além disso, houve ênfase na aplicação prática das ideias. A leitura é realizada anteriormente ao grupo, mas, quando necessário, a leitura em voz alta também acontece para evidenciar as ideias da autora e fomentar a discussão de determinados pontos importantes. Para além da discussão teórica do livro, há espaço para que as professoras participantes compartilhem suas experiências e estratégias utilizadas em sala de aula referentes às suas práticas de alfabetização.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento, foram estudados três capítulos do livro *Alfaletrar* dos quais foram feitas leituras e discussões. Na introdução, a autora apresenta questões importantes em relação à articulação entre alfabetização e letramento, onde fala da necessidade de aliar o letramento à alfabetização, afirmando que é fundamental “aprender o sistema de escrita e, contemporaneamente, conhecer e aprender seus usos sociais: ler, interpretar e produzir textos. Não apenas alfabetizar, mas alfabetizar e letrar, *Alfaletrar*” (SOARES, 2020, p. 12). Partindo dessa perspectiva, ressalta-se o compromisso com a aprendizagem das crianças, confiando em suas capacidades e acreditando que toda criança pode aprender a ler e escrever (SOARES, 2020).

Do primeiro ao terceiro capítulo foram discutidos temas relacionados à alfabetização e letramento sob a perspectiva de alfalettrar. Foram estudados os conceitos de alfabetização e letramento e as camadas da escrita, a aprendizagem do sistema de escrita alfabética (SEA), o uso da escrita e o uso da escrita em contextos culturais e sociais. Todas essas questões foram abordadas pensando no texto como eixo central para a articulação entre alfabetização e letramento.

A inserção da criança na cultura escrita também foi pauta dos estudos, onde a criança começa a conhecer o sistema de escrita alfabética e passa a formular hipóteses sobre a escrita, nas quais partem de representações gráficas do próprio objeto, através de garatujas e/ou rabiscos, e futuramente compreendem que a escrita representa os sons da fala através das letras do alfabeto. Esse é um processo gradual no qual a criança precisa ser estimulada e provocada para que possa avançar. Enquanto a criança trilha esse caminho, diversas habilidades precisam ser desenvolvidas para que ela se aproprie do SEA e a consciência fonológica é uma dessas habilidades. Foi visto que trabalhar com a consciência fonológica deixa a criança mais próxima de compreender questões fundamentais sobre a escrita, bem como favorece seu avanço em relação aos níveis de escrita. Um exercício interessante de reflexão realizado durante os estudos foi resolver questões presentes no livro denominadas “Pare e pense”. Tal exercício possibilitou melhores reflexões e bons diálogos sobre os objetivos centrais de cada parte da obra.

Durante os encontros, foi perceptível a necessidade das professoras de um espaço para dialogar suas práticas, conquistas e angústias em relação às suas experiências. Nota-se que muitas das angústias estavam atreladas à situação da alfabetização das crianças que passaram pelo período de alfabetização no ensino remoto durante a pandemia de covid-19. Os relatos das professoras apontam preocupação sobre a defasagem na leitura e na escrita das crianças, bem como pela falta de políticas para superar os impactos do isolamento social na educação básica.

Os estudos terão continuidade ao longo do ano. O objetivo é continuar com o grupo para que esse diálogo entre a universidade e as escolas das quais as professoras fazem parte, possa se desenvolver e trazer benefícios para todos os envolvidos. Atrelado a outros projetos do PET Pedagogia, pretende-se unir os conhecimentos desenvolvidos no grupo de estudos com intervenções práticas nas escolas através de oficinas de alfabetização. Sendo assim, os diálogos e possibilidades de troca entre universidade e escola são importantes tanto para a formação docente dos discentes do curso de pedagogia quanto para a formação continuada das professoras alfabetizadoras.

4. CONCLUSÕES

Em suma, as discussões sobre o Alfalettrar demonstram a importância de integrar alfabetização e letramento, confiando nas capacidades das crianças. O diálogo entre universidade e escolas é essencial para enfrentar desafios educacionais, como os causados pela pandemia, e promover a formação docente contínua. A abordagem teórica aliada a intervenções práticas pode ser a chave para melhorar a qualidade da educação e apoiar os professores na formação das futuras gerações.

Além disso, os relatos das professoras sobre as dificuldades enfrentadas durante a pandemia evidenciam a necessidade de espaços para dialogar sobre suas práticas, bem como necessita-se de políticas educacionais que abordem as

defasagens que dizem respeito à alfabetização e letramento. Essa colaboração entre academia e escolas não apenas beneficia a formação de novos educadores, mas também contribui para a melhoria do ensino e, conseqüentemente, para o desenvolvimento educacional das crianças, preparando-as para um maior êxito na aprendizagem da leitura e da escrita. Com isso, a relevância da perspectiva de alfabetizar se dá, também, pelo compromisso de ensinar acreditando que todas as crianças podem aprender.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NÓVOA, Antônio. Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 44, n. 3, 2019.

SOARES, Magda. **Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2022.

EMAU JOÃO BEM: A CONTRIBUIÇÃO DO ESCRITÓRIO MODELO DE ARQUITETURA E URBANISMO NA REESTRUTURAÇÃO DOS COLETIVOS ACADÊMICOS.

MARÍLIA GABRIELA DA SILVA HÖRNKE¹; GABRIELA WREGE PARRA²; FELIPE AIRES TOHFEHRN³; MARCELA MILGAREJO⁴; NATÁLIA DOS SANTOS PETRY⁵ E LUÍSA DE AZEVEDO DOS SANTOS⁶

¹ Universidade Federal de Pelotas - UFPel – gabrielahornke@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas - UFPel – gabiwre@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas - UFPel – felipethofehrnr@hotmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas - UFPel – marcela.milgarejo@gmail.com

⁵ Universidade Federal de Pelotas - UFPel – natalia.petry@ufpel.edu.br

⁶ Universidade Federal de Pelotas - UFPel – arqluisa.azevedo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

As práticas pedagógicas extensionistas promovidas pelos coletivos acadêmicos nas Universidades têm se mostrado ao longo dos anos fundamentais no desenvolvimento profissional dos estudantes. É possível notar, portanto, que a correlação entre universidade e comunidade se qualifica como uma via de mão dupla, assim como coloca Melo (2004). Conforme o plano do MEC (1999) a extensão universitária deixou de ser vista apenas de forma rasa como uma prestação de serviço, mas sim como uma troca de saberes sistematizados dentro daquilo que se entende como extensão.

Diante disso, notou-se a necessidade de que o curso de Arquitetura e Urbanismo oferecesse assistência técnica às comunidades, colocando em prática a Lei nº11.888/2008, lei que assegura às famílias de baixa renda assistência técnica pública e gratuita para o projeto e a construção de habitação de interesse social (ATHIS), demonstrando um novo olhar para os estudantes e futuros profissionais arquitetos e urbanistas em relação ao seu papel na sociedade, além da elitização da Arquitetura no mercado de trabalho contemporâneo (Saergs,1977).Como estratégia para atender às comunidades, internas e externas, criou-se o Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da UFPel (EMAU - João Bem) em 1989, que permaneceu ativo até meados de 2019 (Callegaro; Ribeiro, 2014, p. 25).

Atualmente, o EMAU - João Bem está passando por um processo de reestruturação para retomada das atividades de extensão. Este trabalho tem como objetivo apresentar os detalhes do processo de reorganização do EMAU - João Bem e seu impacto na reconfiguração dos coletivos acadêmicos dentro da Universidade. Serão analisadas as motivações que levaram a iniciativa da reestruturação do coletivo, as etapas de reimplementação, projetos propostos e em andamento, bem como os resultados alcançados até o momento.

2. METODOLOGIA

O processo de reorganização do EMAU João Bem partiu de uma inquietação de um grupo - pequeno - de estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPel. Com intuito de resgatar as raízes do EMAU João Bem e reativar o Escritório Modelo, buscou-se a apropriação do espaço e da história do EMAU, por

meio da análise de documentos físicos encontrados na sede do escritório (sala 127 da FAUrb), além de conversas com antigos integrantes e professores que já atuaram no escritório anteriormente.

Posteriormente, foi organizado junto aos integrantes do grupo, uma data fixa para reuniões/encontros semanais, a fim de debater a retomada das atividades e reorganização do Escritório. Após algumas reuniões, foram traçados objetivos de curto, médio e longo prazo pelos integrantes. Sendo eles:

- **Curto prazo:** Divulgação do EMAU, captação de novos integrantes para o coletivo; reformulação do Projeto de Extensão existente; revisão da legislação e documentação referente aos EMAUs; conexão com outros coletivos da UFPel e outras instituições de ensino, além da Prefeitura de Pelotas.
- **Médio prazo:** Promoção de eventos/oficinas para integração dos coletivos acadêmicos e estudantes; atendimento de demandas provenientes da Prefeitura de Pelotas e UFPel para atendimento de comunidades em vulnerabilidade social, comunidade acadêmica, ou ainda, demandas que venham através dos meios de comunicação com o EMAU.
- **Longo prazo:** Manutenibilidade do EMAU, garantindo atuação do coletivo ao longo dos anos, mantendo sempre ativa a prática extensionista e a troca de experiências e saberes.

Traçados os objetivos, organizou-se a metodologia de trabalho do grupo em linhas de atuação, sendo eleitas duas principais:

- **Apoio Institucional:** Atender às demandas institucionais em parceria com a Coordenação de Obras e Planejamento Físico (COPF), em projetos de infraestrutura de interesse da comunidade acadêmica da UFPel, às demandas junto à Prefeitura de Pelotas através da Secretaria de Habitação e Regularização Fundiária (SHRF), promovendo ATHIS e demandas provenientes de parcerias com demais Escritórios Modelos, como o do IFSul.
- **Conexão: Ecologia e Arquitetura:** Resgatar a raiz do EMAU João Bem, na pesquisa de técnicas construtivas ecológicas, com intuito de valorizar e difundir outras práticas construtivas, educando os estudantes e a sociedade sobre as diversidades culturais que não as hegemônicas, reconhecendo-as como alternativas viáveis, econômica e ecologicamente para a construção civil e incorporando-as ao seu repertório de saberes.

Ainda focando no cumprimento dos objetivos de curto prazo, especialmente relacionado às estratégias de divulgação do EMAU, os integrantes decidiram apostar nas redes sociais. Diante disso, foi criada uma conta no aplicativo Instagram a fim de facilitar a divulgação do escritório, além das atividades que serão futuramente realizadas, como oficinas, debates, canteiros experimentais, apresentação de filmes e promoção da interação entre estudantes e demais coletivos.

Para integrar novas pessoas ao EMAU, está sendo realizado até o final deste semestre um processo seletivo que consiste em responder um questionário rápido elaborado pelos integrantes do escritório. A seleção está sendo amplamente divulgada nas redes sociais, já contando com algumas inscrições. Cabe salientar que o processo seletivo está aberto para toda comunidade acadêmica da UFPel e demais instituições de ensino, buscando a multidisciplinariedade da equipe.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A equipe estabeleceu reuniões com responsabilidades para cada membro, dividindo as demandas conforme a disponibilidade dos integrantes.

No que se refere ao atendimento às comunidades em situação de vulnerabilidade social, buscou-se firmar um convênio de parceria entre a Prefeitura Municipal de Pelotas através da Secretaria de Habitação e Regularização Fundiária. Além deste projeto, outras demandas surgiram de maneira gradual, no momento em que houve a oficialização de que o EMAU estaria voltando à ativa, sendo solicitado apoio ao Quilombo Urbano Canto de Conexão, ao Grupo de Agroecologia (GAE) no campus da UFPel no Capão do Leão, ao Quilombo Urbano Casa da Árvore, à ONG Corrente do Bem, dentre outras demandas internas da FAUrb.

Outra demanda interna da FAUrb seria referente a criação (projeto e execução) de lixeiras externas, na área da fachada do campus. Ainda em relação às demandas da FAUrb, o EMAU considerou como alto grau de prioridade a revitalização de um forno de pizza construído pelo EMAU em meados de 2014 no pátio do campus, espaço onde foram realizadas diversas confraternizações. O forno é um elemento simbólico, cujo material utilizado, além de tijolos e cimento, foi barro.

Ao realizar a conexão com o GAE, surgiu a demanda de reforma do galpão que sedia o coletivo dentro do campus Capão do Leão, com a utilização de materiais ecológicos, como as construções em terra e com materiais reciclados.

Ainda em relação a parceria com demais coletivos acadêmicos, foi realizado contato com representante do Escritório Modelo do curso Técnico em Edificações do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSul), onde surgiu a demanda de uma regularização fundiária em uma área onde a equipe deles estará realizando uma regularização de edificação.

As conexões com os Quilombos Urbanos e a ONG Corrente do Bem surgiram pelo contato direto dos representantes desses locais com algum membro do EMAU, sendo as demandas solicitadas pelos Quilombos Urbanos são de melhorias em suas sedes e, em relação à ONG Corrente do Bem, foi solicitado um projeto para a sede.

Quanto às estratégias adotadas para captação de recursos humanos e divulgação do escritório nas redes sociais, pode-se verificar uma boa aceitação do público-alvo (estudantes, professores, demais coletivos), visto que em cerca de 3 meses em funcionamento, já foram somados mais de 200 seguidores, contando com uma boa interação do público na visualização dos posts. Em relação ao processo seletivo, até o momento houveram inscrições, sendo todos estudantes de Arquitetura e Urbanismo na UFPel, porém o processo segue em aberto até o encerramento do semestre em vigência. Cabe salientar que em uma das questões do formulário de inscrição, pergunta-se ao candidato a forma que ele teve conhecimento do processo, e em 66,7% das respostas obtidas até o momento foi por meio das redes sociais do escritório e 33,3% na própria faculdade, por meio de divulgações verbais ou pelos corredores do campus.

4. CONCLUSÕES

Diante de todo material exposto, conclui-se que os coletivos acadêmicos são de extrema importância na capacitação do estudante na sua trajetória até a profissionalização e a atuação no mercado de trabalho. Mesmo contando com as dificuldades citadas para a manutenção e prevalência dos coletivos dentro da Universidade, salienta-se a relevância da integração entre coletivos e o incentivo por parte da academia para garantir a continuidade dos projetos e promover a integração e a ecologia de saberes.

É perceptível o impacto positivo que a existência dos projetos extensionistas trazem à sociedade e à comunidade acadêmica, tanto no aumento da adesão na integração do grupo por parte dos estudantes que buscam esse contato direto com as comunidades, quanto ao aumento significativo no número de demandas do EMAU em pouco tempo desde a reestruturação.

Espera-se que, com o passar do tempo, o EMAU conte com mais integrantes e principalmente mais incentivos por parte da Universidade, para que seja possível atender a uma demanda ainda maior, interna e externamente, sempre promovendo a troca de saberes e, quando possível, inserir estratégias arquitetônicas ecológicas nos projetos atuantes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALLEGARO, L. D.; RIBEIRO, R. B. Processos de projeto, mobilização e articulação de comunidades: a atuação do escritório modelo de Arquitetura e Urbanismo da FAURB|UFPEL. Regulariza Uruguai. Anais do 3º Encontro Internacional Cidade Contemporaneidade e Morfologia Urbana. Pelotas: UFPel, 2014. p.25-27. Disponível em: . Acesso em: 13 set. 2023.

SAERGS. **Programa ATME**. Assistência Técnica Gratuita à Moradia Econômica. Porto Alegre: Proarte, 1977.

TONSIG, LM. **Os Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo (EMAU) e a formação do arquiteto e urbanista**. 2020. 272p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

BRASIL/MEC. **Plano Nacional de Extensão**. Ministério da Educação. Brasília, 1999.

MELO NETO, J. F. **Extensão universitária, autogestão e educação popular**. João Pessoa: Ed. Universitária; UFPB, 2004. p. 89

BRASIL. **Lei nº 11.888**, de 24 de dezembro de 2008. Assegura às famílias de baixa renda assistência técnica pública e gratuita para o projeto e a construção de habitação de interesse social e altera a Lei nº 11.124, de 16 de junho de 2005. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2008. Acessado em 10 de setembro de 2020. Online. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11888.htm>.

UMA EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA EM ARTES VISUAIS NA EMEF DR. BRUM DE AZEREDO – PELOTAS/RS

LIZIANE ALDRIGHI LEMOS¹;
MARISTANI POLIDORI ZAMPERETTI²

¹Universidade Federal de Pelotas – lizialdrighilemos@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – maristaniz@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo visa socializar o projeto de extensão fomentado pela Universidade Federal de Pelotas intitulado “Processos e práticas em Artes Visuais na formação docente em contextos escolares”, sob coordenação da Profa. Dra. Maristani Polidori Zamperetti. Em fase inicial, desenvolveu sua primeira ação entre os meses de setembro a novembro do ano de 2022, totalizando cinco encontros com professoras, coordenadoras e auxiliares da educação pertencentes a EMEF Dr. Brum de Azeredo, situada no bairro Fragata, em Pelotas/RS.

O referido projeto tem como objetivo geral desenvolver processos e práticas em Artes Visuais prioritariamente, porém dependendo da solicitação da escola (como foi o caso, por meio de sua coordenadora), atingiu temáticas que envolveram a música, o cinema e os direitos humanos, buscando a inter-relação entre os diversos campos. Como o projeto tem em seus componentes profissionais de variados campos do conhecimento, foi possível diversificar suas ações de acordo com as demandas do público.

A equipe contou com um total de cinco orientandos (de Mestrado e Doutorado – PPGE/FaE/UFPe e da Especialização em Artes – CA/UFPe) e uma bolsista (aluna das Artes Visuais – Licenciatura – CA/UFPe), além da coordenadora do projeto. Assim, a ação se desenvolveu com uma acadêmica responsável pelo reconhecimento dos profissionais da escola e as demandas dos mesmos, quatro propositores de minicursos com temáticas distintas dentro do campo das artes e uma bolsista destinada a observar, anotar e registrar (fotografia e/ou vídeo) as atividades desenvolvidas.

Como fundamentação teórica utilizamos o livro “Extensão ou comunicação?” (1983), do educador brasileiro Paulo Freire, o artigo “Os Professores e a sua Formação num tempo de Metamorfose da Escola” (2019), do educador português António Nóvoa e dois capítulos do livro “Formação Continuada de Professores” (2010), do educador espanhol Francisco Imbernón, os quais contribuíram na reflexão sobre a formação continuada ocorrida no projeto de extensão.

[...] A formação inicial de professores foi exercida, de uma forma ou de outra, desde a Antiguidade, desde o momento em que alguém decidiu que outros educariam os seus filhos e esses outros tiveram que se preocupar em fazê-lo. Mas a inquietação de saber como (na formação inicial e principalmente continuada), de que maneira, com quais conhecimentos, quais modalidades de formação são mais inovadoras e, sobretudo, a inquietação de ter a consciência de que a teoria e a prática da formação devem ser revisadas e atualizadas nos tempos atuais é muito mais recente. (IMBERNÓN, 2010, p. 12)

Por fim, se intenciona com esta ação específica promover a formação continuada dos professores da escola supracitada. Concomitantemente, coube ao

projeto contribuir na formação dos estudantes do Ensino Fundamental por meio do aproveitamento obtido pelos professores contemplados pela iniciativa.

2. METODOLOGIA

O projeto de extensão “Processos e práticas em Artes Visuais na formação docente em contextos escolares” foi iniciado no dia 1º de agosto de 2022, e nos meses posteriores suas atividades foram sendo realizadas. A metodologia esteve pautada no desenvolvimento de propostas possíveis de serem aplicadas em sala de aula a partir dos minicursos ministrados pelos acadêmicos voltados aos profissionais da Pedagogia, suscitando diálogo e discussão entre as partes envolvidas. Além disso, promoveu-se reflexões a partir dos minicursos, buscando estender as compreensões das participantes, para que, a partir das vivências com as metodologias artísticas pudessem criar outras possibilidades de ação em suas salas de aula.

Diante das palavras de Imbernón (2010), a principal questão a ser investigada de imediato estava relacionada as expectativas individuais dos profissionais de educação. Sendo assim, a primeira visita à escola ocorreu no dia 09 de setembro de 2022 com a ida da coordenadora juntamente com a acadêmica da Especialização em Artes e Profa. Ms. Adriene Coelho para que fossem ouvidas as demandas das professoras, coordenadoras e auxiliares da educação infantil, desdobrando-se então, na elaboração dos minicursos adequados às solicitações.

Neste ponto salientamos a importância da construção conjunta do grupo de pesquisa: Pesquisa, Ensino e Formação Docente nas Artes Visuais (UFPel/CNPQ), coordenado pela segunda autora, em torno das proposições para os minicursos. As temáticas selecionadas convergiram para as necessidades de formação dos participantes, o que é de extrema importância para o processo extensionista, aqui visto como comunicacional, interpelado pelos diálogos estabelecidos entre os/as proponentes e as professoras. De outra forma atende também aos anseios de socialização de pesquisas dos/as acadêmicos/as-proponentes, visto que as temáticas dialogam com seus estudos. Tal proposta contraria modelos impositivos, invasivos ou transmissivos como esclarece Freire (1983) ao mencionar que a extensão é antes de tudo, educativa para ambas as partes, pois além de atender à uma demanda da sociedade, também atinge aos propositores das ações, transformando-os, a partir das reflexões sobre as práticas.

No primeiro minicurso a temática abordada foi “Visualidades”, elaborada pelo acadêmico de Mestrado e professor de Artes Visuais Rafael Goulart, sendo ofertada no dia 23 de setembro. Em sequência, “Visualidades na escola: a hipótese-cinema, a educação e a formação de educadores/as”, trazida por Josenildo de Souza, Doutorando em Educação e professor da UFAM, no dia 21 de outubro. “Como formar um ser pensante? um diálogo com os Direitos Humanos”, foi o minicurso trazido por Claudia Bistrichi, Mestranda em Educação e professora de Artes Visuais, no dia 11 de novembro e, por fim, “Musicalização a partir do canto: exercício de terapia vocal”, por Gabriela Sulczinski, acadêmica da Especialização em Artes, no dia 25 de novembro. (Fig. 1).



Figura 1: Encontros realizados na EMEF Dr. Brum de Azeredo, 2022, fotografia. Acervo: Projeto de Extensão. Acesso em: 01 jul. 2023.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O grupo de professoras, coordenadoras e auxiliares contemplados com o projeto chegou a totalidade de 10 participantes, entre eles: duas coordenadoras pedagógicas, cinco pedagogas e três auxiliares da educação infantil, que ao término dos minicursos se dispuseram a responder algumas questões acerca das atividades que participaram. Ao todo obtivemos nove devolutivas após a conclusão da ação do projeto de extensão na escola.

Comparando as respostas dos profissionais da educação, todos apontaram ter sido agradável participar da experiência dos minicursos, cinco deles não haviam participado de outros momentos de formação sobre artes, dois responderam que procuraram participar deste tipo de formação e outros dois participaram somente no período que remonta a formação acadêmica.

Quando questionados sobre melhorias na formação continuada, a Pedagoga 1 pontuou que: “Na minha opinião foi perfeito como foi realizado, ou seja, dentro do horário, no espaço da escola, com profissionais que primeiramente vieram investigar nossas expectativas”, enquanto o Auxiliar da Educação Infantil 3 sugeriu: “Abranger o foco para as idades dos prés”. É interessante observar a importância da formação ter ocorrido dentro da escola e em horário compatível de trabalho das participantes, ponto positivo e que promoveu adesão. De igual forma, a Pedagoga 1 menciona a relevância do grupo estar atento às suas necessidades formativas, ainda que atendidas de forma relativa, como menciona o professor auxiliar.

É por meio de um breve recorte das respostas, como nos dois exemplos trazidos no parágrafo acima, que podemos perceber apontamentos distintos, pois tratam-se de reflexões individuais acerca dos minicursos, e é a partir da reflexão individual que Imbernón (2010, p. 32) discorre sobre a importância formativa no ambiente escolar, visto que avaliar nossa própria prática favorece o aprendizado

dos estudantes, assim como, compartilhá-la com os demais docentes. Este breve relato vem ao encontro das proposições de Nóvoa (2019, p. 7) quando sugere a necessidade de uma metamorfose da/na escola:

Do mesmo modo que a metamorfose da escola implica a criação de um novo ambiente educativo (uma diversidade de espaços, práticas de cooperação e de trabalho em comum, relações próximas entre o estudo, a pesquisa e o conhecimento), também a mudança na formação de professores implica a criação de um novo ambiente para a formação profissional docente.

Por fim, os resultados obtidos demonstram que ouvidas as demandas, outras surgiram e não foram contempladas, o que demonstra a necessidade de continuidade das ações do projeto de extensão com os educadores da EMEF Dr. Brum de Azeredo. Tal situação reforça a emergência da formação continuada para que os desafios que se apresentam no ambiente da sala de aula possam ser solucionados a partir de um suporte possível aos profissionais da educação, permeado por ações extensionistas universitárias. Ademais, corroborou à discussão que a construção coletiva é mais eficaz ao abordarmos e tratarmos da temática educação, com escuta e fala atentas.

4. CONCLUSÕES

O projeto de extensão “Processos e práticas em Artes Visuais na formação docente em contextos escolares” com a sua primeira ação favoreceu a aproximação entre a universidade e a escola, levando propostas possíveis de serem abordadas pelos educadores em suas realidades, como também, beneficiando os mesmos e seus estudantes. Ressaltamos aqui a importância da interlocução dos acadêmicos a partir de seus temas de pesquisa com as vivências e expectativas escolares, ao elaborarem os minicursos e seu posterior desenvolvimento, o que trouxe aportes teóricos e existenciais às suas formações em nível de graduação e pós-graduação. Esperamos que esta contribuição promova movimentos de metamorfose na escola, como aponta Nóvoa, ao discutir temas importantes para nossas formações nos entremeios das práticas desenvolvidas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** tradução de Rosisca Darcy de Oliveira – prefácio de Jacques Chonchol. 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

IMBERNÓN, Francisco. Aprendemos muito, mas ainda há muito para avançar. In: **Formação continuada de Professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010. Cap.2, p.26-38.

IMBERNÓN, Francisco. É necessário conhecer de onde viemos para saber aonde vamos. In: **Formação Continuada de Professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010. Cap.1, p.13-26.

NÓVOA, António. Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, e84910, 2019. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2175-623684910>>. Acesso em: 08 jul. 2023.

ENTRE ONLINE E OFFLINE: A TRANSIÇÃO PÓS-PANDEMIA DAS AÇÕES DE EXTENSÃO DO GRUPO BLOGUEIRAS DO GEPAC

RAQUEL RAU¹; GUILHERME RODRIGUES DE RODRIGUES²; RANGEL
CARRARO TOLEDO BORGES³; RENATA MENASCHE⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – cdc.rau19@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – guilhermerdr.rodrigues@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – rangelcarraro2013@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – renata.menasche@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Durante o período da pandemia de COVID-19, entre os anos 2020 e 2022, fomos forçados a realizar inúmeras adaptações em nossas vidas. No ensino superior e na pós-graduação não foi diferente. Desafios metodológicos e pedagógicos surgiram com a emergência do mundo online, como a presença de câmeras desligadas, nomes sem rostos e microfones ocasionalmente ativados em momentos inadequados (RIBEIRO *et. al.*, 2023). Naquele momento, a partir de iniciativas de ensino, pesquisa e extensão do Grupo de Estudos e Pesquisas em Alimentação, Consumo e Cultura – GEPAC, foi desenvolvido um conjunto de ações online, que partiam da sala de aula envolvendo o ensino de graduação e pós-graduação, integrantes do Grupo e colaboradores.

As *Blogueiras*, como se denominou o grupo de pessoas que gerenciou as ações, foram responsáveis por criar, inicialmente, no primeiro semestre de 2021, um canal no YouTube e perfis nas redes sociais Instagram e Facebook (RODRIGUES; MENASCHE, 2021). No semestre seguinte, foi criado, no Spotify, o Podcast Comida para Pensar¹ (BORGES *et. al.*, 2022). A partir do retorno das atividades ao modo presencial de ensino, tais ações precisaram ser adaptadas e seu uso ressignificado. É a respeito desse processo de transição para o offline que nos propomos, neste trabalho, a refletir.

O retorno às aulas presenciais, no chamado período pós-pandêmico, trouxe novos desafios: por um lado, discentes e docentes haviam perdido o ritmo de estar em sala de aula e, por outro, havíamos incorporado um conjunto de ferramentas pedagógicas próprias ao online que não poderiam ser desperdiçadas. O Grupo de Estudos, em especial as Blogueiras, foram então provocadas a repensar estratégias metodológicas de ensino. Percebemos que era possível aproveitar muitas das ferramentas criadas para o período de aulas remotas. Da mesma forma que outros setores – a exemplo do comércio, entre outros – modificaram, no período que se seguiu à pandemia, características de seus empreendimentos, incorporando em seu dia-a-dia algumas das inovações então desenvolvidas, na “volta à normalidade” passamos a utilizar algumas ferramentas pedagógicas que caracterizaram as atividades do período de ensino remoto. É nesse quadro que se insere a continuidade do Podcast Comida para Pensar.

¹ [Acesse o Podcast Comida para Pensar clicando aqui.](#)

2. METODOLOGIA

Durante o período de ensino remoto, foram lançadas duas temporadas do podcast. No âmbito da disciplina Antropologia da Alimentação² (semestre letivo 2021/2), as Blogueiras lançaram o Podcast Comida para Pensar, cuja primeira temporada teve como temática “Tendências da Alimentação Contemporânea”. Na ocasião, duplas ou trios de discentes responsabilizaram-se por abordar textos sobre a temática trabalhados no componente curricular, apresentando-os em áudio-resenhas de até 8 minutos (BORGES *et. al.*, 2022). No semestre seguinte, a segunda temporada teve como temática “Gente é tech, gente é pop, gente é tudo”, abordando temas da disciplina Antropologia Rural. A condução desse componente curricular, de caráter extensionista, teve parceria da Escola Família Agrícola da Região Sul – EFASUL. Foi assim que alguns episódios desta temporada contaram com a participação de discentes dessa escola, colocando em diálogo conteúdos trabalhados na disciplina com vivências do cotidiano daqueles jovens rurais (OLIVEIRA *et. al.*, 2022).

A terceira temporada, realizada a partir da disciplina Antropologia do Consumo, é marcada pela transição do ensino remoto para o presencial e, nesse cenário, houve a combinação do retorno à sala de aula convencional com a incorporação do uso de plataformas de apoio online. Com o êxito das temporadas anteriores e a dedicação de discentes, foi proposta a construção da terceira temporada, cujo tema seria “Consumo: significados, identidades e relações” (RAU *et. al.*, 2023).

A produção das temporadas do podcast – cujos episódios foram sempre produzidos como ferramenta de avaliação do aproveitamento dos discentes no componente curricular em questão – seguiam as seguintes etapas: formação das duplas ou trios, escolha do texto, orientação aos grupos, escrita do roteiro (em linguagem adequada, mais fluída), avaliação do roteiro pela equipe Blogueiras, gravação do episódio pelo grupo, gravação das introduções e vinhetas pela equipe, produção das trilhas de áudio, edição e masterização, confecção dos encartes e, por fim, postagem na Plataforma “Spotify for Podcasters”, do Spotify, seguida de divulgação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto desenvolvido pelas Blogueiras teve sua origem na sala de aula, a partir de componentes curriculares regularmente ofertados: Antropologia da Alimentação, Antropologia Rural e Antropologia do Consumo. O projeto tornou-se uma via de mão dupla, na medida em que, ao mesmo tempo que materiais já elaborados eram disponibilizados como ferramenta pedagógica, outros iam sendo produzidos, abrangendo também atividades de pesquisa e extensão, já que extrapolavam o ambiente da sala de aula.

Até o momento, foram produzidas e disponibilizadas no Spotify três temporadas do podcast, totalizando 30 episódios. Desses, há o episódio inaugural, que apresenta o projeto do Podcast Comida para Pensar, enquanto os demais estão divididos entre as três temporadas, cada uma delas composta por

² Todos os componentes curriculares mencionados neste trabalho foram ministrados pela professora Renata Menasche no Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas, sendo que Antropologia do Consumo foi ministrada conjuntamente também para o Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPel.

um episódio de abertura, seguido dos demais. O podcast atingiu, até o presente (setembro de 2023), cerca de 130 seguidores no Spotify e 1200 reproduções, com uma média de 40 ouvintes por episódio.

Para além do Brasil, em outros 15 países já foi dado *play* no Comida para Pensar: Alemanha, Argentina, Canadá, Chile, Dinamarca, Equador, Espanha, Estados Unidos, Japão, México, Paraguai, Peru, Portugal, Reino Unido e Uruguai. O público que se interessa pelo conteúdo é diverso: 52% homens e 48% mulheres; 47% entre 23 e 44 anos e 48% entre 45 e 59 anos.

Tivemos, a partir dos discentes, retorno positivo em relação às aulas que incorporam uma variedade de recursos pedagógicos e métodos alternativos de avaliação. Estudantes demonstraram motivação, interesse, atenção e maior produtividade considerando o contexto do ensino à distância e também no período que se seguiu. Lidamos com diferentes formas de engajamento – articuladas a partir do ambiente virtual de aprendizagem, o e-aula –, através da leitura de textos, visualização de vídeos, audição de podcasts ou da criação de roteiros para esse tipo de plataforma. Essa abordagem, que faz uso de diversas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), ampliou significativamente as maneiras pelas quais os discentes apreendem conteúdos apresentados (RIBEIRO *et. al.*, 2023). Isso foi desenvolvido durante a pandemia e, na sequência, levado para os componentes curriculares que voltavam a ser ministrados presencialmente.

Dedicado a promover a divulgação científica e produzir recursos para ensino, pesquisa e extensão no campo da Antropologia, notamos que o projeto das Blogueiras do GEPAC construiu um caminho em direção à inovação em sala de aula e também para além dela, tornando mais porosos os muros da Universidade. Podemos sugerir que fomos capazes de converter o enfrentamento de desafios pedagógicos decorrentes da adoção do ensino remoto durante a pandemia de COVID-19 em oportunidade criativa. O projeto das Blogueiras obteve reconhecimento e premiações: na UFPel, foi destaque de sala no IX Congresso de Extensão e Cultura da 8ª SIIPE (BORGES *et. al.*, 2022) e, nacionalmente, menção honrosa no prêmio ABA de Ensino de Antropologia³, na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia.

4. CONCLUSÕES

Em um primeiro momento, o grupo das Blogueiras do GEPAC foi constituído para dar resposta a demandas surgidas com a pandemia, em decorrência das medidas de distanciamento social, que conduziram à sala de aula remota. Nesse contexto, desenvolvemos e testamos abordagens, técnicas e formas de comunicação que se diferenciavam dos métodos convencionais, uma vez que encontrávamo-nos em cenário inédito, uma sala de aula em novo modelo.

Já no retorno às atividades presenciais, com a oferta do componente curricular Antropologia do Consumo, o que antes fora pensado para atender a situação em que o contato era limitado, o projeto foi ressignificado como inovação, sendo os habituais seminários substituídos pela elaboração e execução do podcast. Além de se constituir em oportunidade aos discentes de divulgar seus trabalhos, seus relatos dão conta de que também houve maior aprendizagem e assimilação de conteúdos, quando trabalhados no formato de podcast.

³ [Veja a matéria da premiação clicando aqui.](#)

Concluindo, temos que a proposta do Podcast Comida para Pensar abarca o tripé a que se propõe a atuação da Universidade: Ensino, ao desenvolver-se a partir da apropriação de conteúdos do componente curricular e da interação entre discentes; Pesquisa, ao estimular o aprofundamento das abordagens presentes na bibliografia em reflexão a partir do diálogo com contextos estudados e vivenciados pelos discentes; e Extensão, ao oportunizar a interlocução com parceiros externos à Universidade e ao levar o produto de todo esse processo de reflexão a partir da Antropologia a espaços mais amplos, dentro e fora da Universidade, chegando a públicos diversos, podendo alcançar a toda a gente a quem um podcast é capaz de chegar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Rangel Carraro Toledo; OLIVEIRA, Raphael Meireles de; RODRIGUES, Guilherme Rodrigues de; MENASCHE, Renata. Estamos no ar: podcast Comida para Pensar. *In: V ENPSSAN*. Salvador: V ENPSSAN, 2022.

BORGES, Rangel Carraro Toledo; RODRIGUES, Guilherme Rodrigues de; OLIVEIRA, Raphael Meireles de; MENASCHE, Renata; SALAMONI, Giancarla. Curta e compartilhe: antropologia em ação extensionista e divulgação científica nas redes sociais. *In: IX Congresso de Extensão e Cultura*, 8ª SIIPE UFPEL. Pelotas: UFPEL, 2022.

OLIVEIRA, Raphael Meireles de; BORGES, Rangel Carraro Toledo; RODRIGUES, Guilherme Rodrigues de; MENASCHE, Renata. Antropologia no rural: um relato sobre monitoria e a segunda temporada do podcast Comida para Pensar. *In: VIII Congresso de Ensino de Graduação*, 8ª SIIPE UFPEL. Pelotas: UFPEL, 2022.

RAU, Raquel, MENASCHE, Renata, OLIVEIRA, Raphael Meireles de, BORGES Rangel Carraro Toledo (Locução). Consumo: significados, identidades e relações, 3ª temporada, episódio 00 [06 minutos e 23 segundos]. *In: Podcast Comida para Pensar*. 08 de maio de 2023. Produção: GEPAC. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/13RXIYdlxHCsRt6THGCxQN?si=f38b5318867f4b0c>. Acesso em: 11 set. 2023.

RIBEIRO, Renata Tomaz do Amaral; RODRIGUES, Guilherme Rodrigues de; TRAJANO, Janice Alves; MENASCHE, Renata. Práticas on-line de ensino, pesquisa e extensão em antropologia: a experiência das blogueiras. *In: AVILA, Christiano Martino Otero; BOLZAN, Larissa Medianeira; NORBERG, Lüi; SILVA, Rosaura Espírito Santo da. Relatos de práticas exitosas no ensino remoto*. [Livro eletrônico]. Pelotas: Ed. dos autores, 1ª edição, 2023. p. 28-48.

RODRIGUES, Guilherme Rodrigues de; MENASCHE, Renata. Ative nosso sininho: projeto Comida para Pensar nas redes e mídias sociais. *In: VII Congresso de Ensino de Graduação*, 7ª SIIPE UFPEL. Pelotas: UFPEL, 2021.

NOSSA EXPERIÊNCIA NA MOSTRA DAS REGIÕES BRASILEIRAS DOS CURSOS DE GEOGRAFIA & CIÊNCIAS SOCIAIS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

ELIANE IRIGOITE GASSO¹; PATRÍCIA DA ROSA LOUZADA DA SILVA²; PEDRO
HENRIQUE SOARES RAUPP³; GABRIELA DAMBRÓS⁴; VERA LÚCIA DOS
SANTOS SCHWARZ⁵; MARIA REGINA CAETANO COSTA⁶

¹Universidade Federal de Pelotas - gassoeliane@gmail.com

²Instituto Lar de Jesus - patricia_pris@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - pedroraup2014@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas - gabbydambros@yahoo.com.br

⁵Universidade Federal de Pelotas - vlsschwarz@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas - maria.regina@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência resulta da participação do(a)s aluno(a)s do 5º ano do ensino fundamental do Instituto Lar de Jesus na Mostra das Regiões Brasileiras¹.

O projeto, de atividade integrada, foi cadastrado na Pró-reitoria de Extensão e Cultura da UFPel e é coordenado por professoras do LEAA/Geografia e IFISP.

O trabalho foi desenvolvido em parceria com a Escola de Ensino Fundamental Lar de Jesus, de Pelotas e teve como principais objetivos oportunizar aos acadêmicos dos cursos de graduação da Geografia e Ciências Sociais uma experiência de identificação de características estruturantes da formação do território do país e sua expansão, ao mesmo passo em que buscava proporcionar uma experiência de aprendizado que fosse motivadora dos estudantes do ensino fundamental, com o incentivo de que atuassem, como protagonistas, durante todo o processo, em um trabalho que envolveu a pesquisa e o aprendizado sobre as cinco regiões do Brasil (Norte, Nordeste, Centro Oeste, Sudeste e Sul).

O objetivo pretendido pelas autoras desse relato, uma pedagoga há doze anos e estudante do 5º semestre do curso de Geografia/UFPel e a segunda, professora de Educação Física do mesmo Instituto, é compartilhar as experiências vividas durante o primeiro semestre letivo de 2023 da Universidade, participando da Mostra das Regiões Brasileiras, em parceria com a turma de escolares do 5º ano do Ensino fundamental do Instituto Lar de Jesus².

2. METODOLOGIA

O projeto foi desenvolvido durante três meses do ano de 2023, com uma turma de 20 alunos/as do 5º ano do Ensino Fundamental do Instituto Lar de Jesus. A escola é de turno integral e desenvolve um trabalho de aprofundamento

¹ A Mostra das Regiões Brasileiras, é uma ação de extensão, vinculada ao Projeto Mostra das Regiões Brasileiras: Caracterizações e Identidades, vinculada aos Cursos de Geografia e Ciências Sociais (UFPel) em parceria com o Instituto Lar de Jesus.

² Instituto Lar de Jesus: Escola de Ensino Fundamental localizada na Avenida Cristóvão José dos Santos, nº651.

social, integrando a comunidade escolar e comunidade externa. É importante lembrar que a escola se localiza no interior de um bairro ocupado por famílias em situação de vulnerabilidade social.

Para desenvolvimento do projeto, as crianças foram divididas em cinco grupos e cada grupo escolheu e se concentrou em uma região brasileira específica. Ao tomarem conhecimento do trabalho de pesquisa que passariam a desenvolver, foram orientado(a)s de que uma das tarefas finais seria a da criação de uma apresentação, destacando os aspectos geográficos, culturais, econômicos e sociais de cada região.

Para garantir que as crianças tivessem contato com novos conhecimentos e experimentassem uma verdadeira imersão na diversidade das Regiões do Brasil, foram organizadas várias atividades práticas. Os grupos tiveram a oportunidade de levantar informações utilizando livros, revistas, na internet, aprofundando e apropriando-se das características da sua região. Após o processo inicial da pesquisa, passou-se à etapa da construção dos “produtos”, envolvendo a confecção de materiais para a exposição e apresentação finais.

Entre os temas, trabalhados pelos diversos grupos da turma, o da Conscientização Ambiental foi uma das primeiras propostas. A ideia esteve presente desde a origem das atividades, tendo como consequência o nascimento da ideia da criação de guarda-chuvas de material reciclado, para a exposição dos resultados das primeiras pesquisas. As informações de cada Região eram descritas em pequenos pedaços de papel ou tecido, que eram, pouco a pouco, pendurados nas extremidades dos guarda-chuvas. As peças montadas, ao final, além de destacar as mensagens eleitas pelo grupo, davam a elas a sensação de movimento.

Outro tema desenvolvido, no decorrer da proposta pedagógica, envolveu os conceitos de Cidadania e Participação. Para tanto, foi criado, no interior da turma, uma simulação de processo eleitoral em que cada estado da Federação deveria indicar um(a) representante e um(a) vice-representante. Cada estado deveria indicar seu/sua candidato(a), ou seja, cada criança que desejasse se candidatar apresentava-se pelo estado e capital do Brasil que representava. A estratégia agregou um valor educativo geográfico à eleição, ou seja, despertou nas crianças o aprendizado sobre Cidadania, além da localização das capitais dos diversos estados brasileiros.

Um outro exemplo da riqueza das propostas desenvolvidas foi a pesquisa realizada, durante as atividades da disciplina de Educação Física, referente às brincadeiras populares de cada Região brasileira. O(a)s estudantes iam investigar, de modo mais aprofundado, quais eram suas origens e quais as suas principais características. Os grupos buscaram as informações no site Mapa do Brincar, utilizando o notebook, celular da escola e outros recursos impressos. Posteriormente à busca, criaram, ou adaptaram, cinco brincadeiras, representando cada uma das regiões. Em dia combinado, realizaram, no pátio da escola, uma mini mostra, expondo os brinquedos e jogos para a vivência de todos/as. Todo o processo de construção, apresentação e compartilhamento foi registrado nos apontamentos das professoras orientadoras e documentado, por meio de fotos e vídeos. O planejamento e acompanhamento do projeto envolveu diálogos constantes entre as professoras da escola e a docente da disciplina Formação Territorial do Brasil, do curso de Geografia da UFPel.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ação de extensão, denominada Mostra das Regiões Brasileiras, desenvolvida em parceria do Instituto Lar de Jesus e a UFPel, ultrapassou as fronteiras do processo formal de ensino-aprendizagem da sala de aula. Em verdade, a atividade tomou uma proporção maior do que a originalmente planejada pelas orientadoras, dado que abrangeu o corpo docente, os estudantes, seus familiares e outro/as servidores do instituto, em múltiplas tarefas como a coleta de materiais, a elaboração dos trabalhos e o próprio zelo para que os mesmos fossem concluídos e ficassem protegidos até o dia da atividade no espaço da UFPel.

O processo foi envolvente e era possível perceber a satisfação estampada no rosto de cada criança, à medida em que as ideias iam sendo colocadas em prática. Foi estimulado que cada estudante apresentasse novas sugestões, dando maior significado ao trabalho construído coletivamente.

O resultado da participação pode ser sentido desde os primeiros passos do projeto. O prazer de construir podia ser observado a cada momento, como na transformação de materiais descartáveis em algo útil e criativo. Um dos ápices destas atividades se deu na elaboração dos guarda-chuvas didáticos. Os grupos se uniram e coletaram guarda-chuvas em suas casas, com o auxílio de parentes que abraçaram a ideia, protagonizando momentos de grande alegria nas transformações necessárias. Associavam as ideias do aproveitamento de resíduos com a produção de artefatos úteis para o processo pedagógico, ao mesmo tempo em que desenvolviam atividades em grupos, treinavam suas habilidades artísticas e liberavam seus instintos criativos.

Além do conteúdo da educação ambiental, através da experiência com a reciclagem de materiais, outro conceito apresentado aos estudantes foi o de cidadania e participação. A vivência no processo de escolha dos representantes de turma foi outro caso de sucesso vivido pelos estudantes do Instituto. As apresentações dos/as candidatos/as foram memoráveis e mostraram como os/as alunos/as, ao serem instigados/as, podem ir além do que se possa previamente imaginar. Cada um/a usou de suas estratégias para construir a propaganda. Imagens, desenhos, fatos interessantes e curiosidades sobre o estado e capital que representavam, foram usados para “conquistar” os votos dos colegas. A urna foi construída no espaço da sala de aula e a estratégia de votação inovadora não apenas tornou o processo mais educativo, mas também reforçou a ideia de que todos têm um papel importante na democracia.

Para a formação inicial de professores/as a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, são essenciais à qualificação profissional, inclusive sendo assegurados pela legislação brasileira. No entanto, a distribuição equilibrada de tais pilares é um desafio às Instituições de Ensino Superior. Estas, devido a diversas circunstâncias, muitas vezes centram suas demandas pedagógicas prioritariamente no ensino e na pesquisa. Para Nóvoa (2019, p. 61) “se não construirmos um ambiente institucional que valorize, igualmente, as diferentes dimensões universitárias, não conseguiremos investir as energias necessárias à renovação do gesto pedagógico”.

O autor deixa evidente a necessidade de uma formação inicial capaz de ofertar também, como caminho formativo, a extensão, servindo como oportunidade para que a universidade adentre os espaços da comunidade ou, ainda, abrindo as portas da instituição para que a comunidade se aproxime e usufrua dos espaços e ações desenvolvidas.

Através do estudo detalhado das cinco regiões formadoras do território brasileiro, buscou-se integrar as atividades desenvolvidas na academia com aquelas propostas aos alunos do 5º ano do Instituto Lar de Jesus, possibilitando, o compartilhamento de espaços, diálogos, troca de saberes e construção conjunta sobre o território.

4. CONCLUSÕES

Os relatos da professora acadêmica do curso de Geografia durante os encontros da disciplina impulsionaram a participação dos escolares do Lar de Jesus na Mostra de Extensão da Universidade, que ocorreu em setembro último, nos saguões e corredores do Campus ICH II da UFPel. Cabe destacar que um ônibus foi disponibilizado pela universidade para buscar e levar os alunos da escola até o referido evento.

Para fechamento das ações do projeto destacamos como resultado muito significativo a participação dos/as alunos/as do Lar de Jesus no dia da Mostra das Regiões na UFPel, no ambiente acadêmico mostraram-se muito motivados/as, dividiam espaço e interagiam com os/as acadêmicos/as, ao mesmo tempo que apresentavam suas produções na escola, compartilhando seus trabalhos divididos em regiões conheciam e vivenciavam as demais apresentações, aprendendo com as explicações dos/as universitários/as. Houve diversas degustações, com variedades de alimentos típicos de cada região, músicas, danças, capoeira e trajés típicos de várias partes das regiões brasileiras

O projeto foi concluído e avaliado como exitoso, pois as crianças não apenas coletaram informações das regiões do Brasil, como também desenvolveram habilidades de pesquisa, trabalho em equipe, exercitavam a análise crítica e por meio dos estudos e da apresentação de seus trabalhos desenvolveram a comunicação.

O projeto da Mostra se constitui em uma demonstração da importância da extensão e de toda sua potencialidade durante a formação, por ser um mecanismo que aproxima a comunidade e a universidade. A participação das crianças no espaço da UFPel, dividindo os corredores com acadêmicos e acadêmicas, professores e professoras e comunidade externa, o que gerou um sentimento de pertencimento e construção coletiva. Certamente, estar nos meandros da Universidade, fará diferença na educação e desenvolvimento pessoal dos estudantes, no sentido de que poderá inspirá-los/as na continuidade de seus estudos e acreditando que o ensino superior é alcançável.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NÓVOA, António. O futuro da universidade: o maior risco é não arriscar. **Revista Contemporânea de Educação**, 2019. v. 14, n. 29, p. 54-70.

SCHÖN, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, António (Coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. v. 2, p. 77-91.

MAPA DO BRINCAR. Acessado em 21 de Ago.2023. Online. Disponível em: <https://mapadobrinicar.folha.com.br>

O ENSINO ATRAVÉS DE JOGOS: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS HUMANAS EM CANGUÇU/RS

FAGNER FERNANDES DUARTE¹; GUILHERME DA SILVA CRIZEL²; THALES ROBERTO BARBOSA³; GABRIELA DAMBRÓS⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – fagnerfernandesduarte26@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – crizelguilherme@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – thalesrobertobr@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – gabbydambros@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A iniciativa do grupo Geografia em jogos, partiu da necessidade da busca de novas metodologias de ensino perante uma nova realidade educacional encontrada diariamente em salas de aula. O aluno está cada vez mais inserido no mundo virtual e desconectado do espaço da sala de aula. Em virtude disso buscou-se relacionar os jogos com o ensino, uma vez a dinâmica de jogar faz parte do cotidiano social do indivíduo, assim como algumas teorias citadas por Huizinga:

[...] segundo uma teoria, o jogo constitui uma preparação do jovem para as tarefas sérias que mais tarde a vida dele exigirá; segundo outra, trata-se de exercício de autocontrole indispensável ao indivíduo. Outras veem o princípio do jogo como um impulso inato para exercer uma certa faculdade, ou como um desejo de dominar ou competir. (Huizinga, 2019, p.2)

Nessa perspectiva, o trabalho proposto foi elaborado pelo grupo Geografia em Jogos, da Universidade Federal de Pelotas com apoio da Secretaria de Educação, Esporte e Cultura de Canguçu/RS, em formato de minicurso de formação de professores, sendo aplicada com docentes da rede pública de educação do município de Canguçu/RS. O encontro contou com a presença de 20 professores graduados em Geografia e História que compartilharam seus conhecimentos acerca dos jogos e suas vivências como professores.

No evento foi apresentado o conceito de jogos, a relação da gamificação e a aprendizagem baseada em jogos e os jogos digitais no ensino. Logo após a introdução teórica, ocorreu a demonstração e construção de uma estratégia gamificada através do Google Forms. Para finalizar o encontro, os docentes, organizados em grupos construíram no papel uma proposta gamificada a ser posteriormente desenvolvida no Google Forms.

2. METODOLOGIA

Como mencionado anteriormente, o minicurso de formação de professores do município de Canguçu/RS, ocorreu no dia 15 de agosto de 2023, com a temática jogos e Ensino, contando com a ampla participação dos professores que relataram suas experiências com jogos dentro de sala de aula. No decorrer do diálogo e, para surpresa de muitos deles, os jogos estavam presentes em diversas das suas metodologias de Ensino, tanto para incentivar os alunos, como para recompensá-los pelo desempenho em atividades propostas.

O minicurso desenvolvido, terá sequência em um encontro previsto para o mês de novembro desse ano. Nesse primeiro momento, trabalhou-se os conceitos que foram considerados importantes para a compreensão dos participantes acerca dos jogos como uma ferramenta metodológica para auxiliar o professor com a aprendizagem do aluno.

Assim, o encontro ocorreu em três etapas: a primeira contou com a introdução conceitual do que é jogo e a compreensão que cada participante tinha sobre a palavra “jogo” e onde poderia ser aplicado. Em seguida o que significa gamificação e como isso se aplica na aprendizagem através dos jogos.

A segunda etapa contou com a exibição de um jogo chamado “Missão Genin”, que trabalha a Geografia física do 6º ano com auxílio ilustrativo do anime “Naruto”, elaborado previamente no Google Forms. A explicação de cada etapa foi necessária para que os professores viessem a compreender como criar um jogo através dessa plataforma, aproveitando todas as ferramentas disponibilizadas para a gamificação produza um jogo maior e completo.

Na terceira e última etapa, os professores se dividiram em cinco grupos e elaboraram o passo a passo de uma estratégia de ensino gamificada, no formato de um esquema com estrutura similar ao Google Forms contendo uma narrativa e perguntas sobre a área do conhecimento que trabalham na escola. Com base no conteúdo que estavam trabalhando com seus alunos, cada grupo construiu em uma folha A4 um plano de aula gamificado com a perspectiva de futuramente construir o jogo no Google Forms com base nesse plano. Após concluir o projeto, os mesmos apresentaram para os demais colegas suas propostas de forma que todos puderam contribuir com ideias e melhorias para os projetos desenvolvidos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao se trabalhar com o tema jogo em sala de aula é normal encontrar resistência por parte de alguns professores, pois alguns ainda tem a visão de ser perda de tempo. Não diferente disso, havia professores que começaram o curso com essa compreensão. Entretanto, no decorrer das etapas a visão do jogo como ferramenta de ensino foi sendo construída em cada docente (Figura 1). Pois, a partir da compreensão que desde cedo na vida a competição é um processo e tem como extinto próprio a competição como um fenômeno social a ser construído e desenvolvido.

Figura 1: Registro do encontro de formação.



Fonte: Acervo do autor, 2023.

Todavia, a preocupação mais latente nos docentes era o momento de o jogo deixar de ser uma ferramenta de ensino e passar apenas a um mecanismo de diversão e passa tempo. Entretanto, ficou bem elucidada a proposta de desenvolver uma temática educativa, mas também tornando divertido aprender. A final, a escola não deve ser um local monótono e pesado ao aluno, mas sim possibilitar que ele seja um agente participativo no processo de aprendizagem.

A utilização do jogo como recurso didático possibilita a inserção do ensino escolar no cotidiano do aluno, fazendo com que os planos de aula possam ir além dos recursos tradicionais que são utilizados normalmente em sala de aula, como livros, textos, vídeos, etc. Porém, deixando evidente que o recuso do jogo não veio para substituir outros recursos ou se sobrepor a alguma metodologia, mas sim trabalhar em conjunto, aprimorando o alcance que os demais instrumentos educacionais podem atingir.

4. CONCLUSÕES

Perante a aplicação do minicurso, a partir das etapas propostas pelo grupo Geografia em Jogos, pode-se alcançar com êxito as expectativas almejadas pela equipe responsável pela organização e execução da ação. Da mesma forma foi possível perceber a satisfação dos professores pela aprendizagem desenvolvida e por proporcionar novas ideias e recursos para aplicarem em sala de aula.

A troca de experiências também foi enriquecedora para a equipe responsável pelo minicurso, pois trouxe novas perspectivas sobre a utilização de jogos em sala de aula através das experiências relatadas pelos professores. Assim, como proporcionou uma visão do espaço escolar rural mediante as tecnologias de ensino, demonstrando que o uso desse recurso no ensino pode apresentar resultados até mais satisfatórios nesse espaço educacional muitas vezes subestimado por não se localizar em um grande centro urbano. Ademais, essa ação extensionista foi importante para estreitar e fortalecer os laços da UFPEL com a comunidade do seu entorno.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

MULHERES NA COZINHA: UM ESTUDO INICIAL SOBRE MULHERES MÃES E AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NA VIDA ACADÊMICA E NO MERCADO DE TRABALHO

HELENA FARIAS MATTOS¹; TATIANE KUKA VALENTE GANDRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – helena.mattos@ufpel.edu.br

²Universidade Federal de Pelotas – tkvgandra@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Historicamente o mundo do trabalho foi predominantemente associado ao universo masculino, enquanto as mulheres enfrentaram uma longa jornada para ingressar no mercado de trabalho, especialmente após a Revolução Industrial e durante as Guerras Mundiais. No século passado havia a ideia que as mulheres eram as únicas responsáveis pelo cuidado da casa e dos filhos, enquanto os homens eram os provedores econômicos. Entretanto, atualmente, esses dois papéis distintos se juntam para as mulheres e a maioria delas passa a operar como cuidadoras da casa, dos filhos e provedoras econômicas (CAPELLE et al., 2006; COELHO, 2019).

No cenário culinário, existe um paradoxo intrigante em que a cozinha doméstica é tradicionalmente atribuída às mulheres, enquanto a profissional é predominantemente ocupada por homens. "Os grandes Chefs da história da gastronomia continuaram a ser homens. De Antonin Carême a Ferran Adrià não há dúvidas de que estamos diante da dinastia do trabalho masculino" (DÓRIA, 2012). Enquanto os homens ocupam os melhores cargos na alta gastronomia, as mulheres frequentemente enfrentam a responsabilidade do cotidiano.

A presente situação é motivo de preocupação para as mulheres que optaram pela gastronomia como profissão. Além de se depararem com a persistência do machismo enraizado ao longo de séculos nas cozinhas profissionais, elas enfrentam desafios decorrentes do preconceito relacionado as suas escolhas em relação à maternidade, uma vez que essas decisões podem impactar diretamente em sua trajetória na carreira.

Devido à escassez de dados disponíveis sobre o tópico em questão, este estudo optou por realizar uma consulta junto às ex-alunas do Curso Superior de Tecnologia em Gastronomia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), com o intuito de analisar o percurso profissional de mulheres afim de propor iniciativas institucionais extensionistas. Além disso essa abordagem visa contribuir com o Projeto de Permanência e Qualidade Acadêmica do Curso Superior de Tecnologia em Gastronomia obtendo resultados relevantes sobre o perfil acadêmico e, no âmbito de gênero e maternidade dentro da área da gastronomia e da Universidade.

2. METODOLOGIA

Primeiramente foi realizado um levantamento do número de egressas e alunas sem vínculo por abandono junto ao Colegiado. A partir dos dados, a consulta foi enviada às alunas egressas do Curso, sendo essa conduzida através de um questionário online por meio da plataforma Google Forms contendo 24 perguntas, induzidas a seções subsequentes baseadas nas respostas dadas pelas participantes. As perguntas, com o tempo máximo de 5 minutos para respostas, estavam relacionadas ao tempo de conclusão do curso, à maternidade durante o

tempo de integralização do curso, a inserção no mercado de trabalho e as dificuldades enfrentadas durante o curso e no mercado de trabalho.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No momento atual, o Curso Superior de Tecnologia em Gastronomia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) registra um total de 235 egressos, dos quais 157 são mulheres, representando uma parcela majoritária. Estes números destacam-se como significativos, no entanto, é importante notar que, apesar de sua maioria numérica, as mulheres ainda não ocupam uma presença proporcionalmente relevante no mercado de trabalho do setor gastronômico, apesar de sua comprovada capacidade e competência para atuar em suas áreas de formação.

A pesquisa, conduzida por meio da plataforma Google Forms, obteve um total de 70 respostas, compostas por 49 ex-alunas do curso de Gastronomia da UFPEL e o restante de mulheres que não concluíram sua graduação. Uma das perguntas direcionadas às egressas indagava: “Você viu dificuldade em ingressar no mercado de trabalho por ser mulher mesmo sendo formada em gastronomia na UFPEL?” As respostas a essa questão se dividiram igualmente, com 50% afirmativamente e 50% negativamente. No entanto, destaca-se que entre as alunas formadas no período de 2022 a 2019, a maioria, correspondendo a 60,3%, respondeu afirmativamente, enquanto as alunas formadas entre 2018 e 2015, em sua maioria, 60,9%, relataram não enfrentar dificuldades.

Ao observar os números obtidos, tem-se a ideia de que o machismo aumentou nas cozinhas profissionais, mas pode ser uma questão de conhecimento mais disseminado sobre o preconceito existente. Em um artigo publicado por CARVALHO E SORLINO (2017), exemplifica essa questão ao entrevistar mulheres que atuam em restaurantes. Uma entrevistada comenta que começou a trabalhar em 1990 no único restaurante que a aceitou como estagiária, mas ela nunca tinha pensado nisso como uma questão de gênero. Isso ressalta a importância do debate sobre essa temática, desde os ambientes acadêmicos até os espaços profissionais.

Um outro ponto a ser destacado é a análise feita por COELHO (2019), onde as mulheres que se destacam em suas áreas de atuação atingindo cargos altos, acabam por ter que pagar com um menor sucesso na área doméstica, como divórcio, casamento tardio, dificuldade com filhos. Já as que tem sucesso na ordem doméstica, acabam com uma renúncia parcial ou total do sucesso profissional.

Das 21 mulheres que responderam ao questionário e não concluíram a sua formação, 4 já eram mães durante o tempo na faculdade e, para 3, este fator foi determinante para a evasão. Quando indagadas sobre o apoio disponível, seja de amigos ou familiares, para cuidar de seus filhos enquanto estavam na Universidade, apenas uma delas afirmou ter tido acesso a essa rede de apoio. Neste sentido, é relevante notar que todas as mães responderam que “ter um local seguro para deixar seus filhos teria facilitado consideravelmente a conclusão do Curso”.

Dentre as graduadas no Curso de Gastronomia, 7 delas já eram mães enquanto cursavam a faculdade. Nota-se uma distinção notável em relação à participação no mercado de trabalho durante os estudos: enquanto as mulheres que não eram mães representaram 43,5% daqueles que trabalharam em restaurantes durante o período acadêmico, aquelas que já eram mães, em sua maioria, focaram suas atividades no estágio final e empreendedorismo. Das que optaram pelo empreendedorismo, 3 o fizeram por necessidade, enfrentando desafios na busca por emprego e na compatibilização de horários com suas

responsabilidades maternas, enquanto apenas uma delas escolheu empreender por vontade própria.

Quando se fala em empreendedorismo feminino, podemos observar mais questões ligadas à necessidade em relação aos homens. De acordo com GEM (2019), o empreendedorismo feminino vem crescendo, chegando a igualar-se ao masculino no estágio inicial, mas que elas partem de uma necessidade. A maior parte das mulheres buscam o empreendedorismo como algo provisório, em apoio a renda familiar e abandonam em momento de melhora. Isso liga-se a outros aspectos culturais, como os afazeres domésticos, já que, mesmo trabalhando fora, elas cumprem em médio 8,2 horas a mais por semana que os homens também atarefados (IBGE, 2019).

4. CONCLUSÕES

Em resumo, este estudo sublinha a constante relevância das questões de gênero, especialmente no contexto da gastronomia, evidenciando que mulheres que são mães enfrentam desafios adicionais e preconceitos em suas carreiras. Enquanto aquelas que não são mães muitas vezes conseguem se inserir no mercado de trabalho ainda estudantes, as que já são mães tendem a empreender ou se limitar ao estágio obrigatório. Isso levanta questões sobre as práticas dos estabelecimentos de alimentação em Pelotas e na região, uma vez que, em tais casos, elas poderiam buscar oportunidades em setores alternativos enquanto estudavam.

Além disso, a maioria das mulheres que já eram mães e concluíram sua formação contou com uma rede de apoio ou não precisaram dela devido ao fato de seus filhos serem mais velhos. No entanto, aquelas que não tinham esse apoio ou que acabaram abandonando seus estudos demonstraram a necessidade absoluta de um ambiente seguro para cuidar de seus filhos, a fim de facilitar sua formação.

Os resultados deste estudo sugerem que iniciativas de apoio, como creches ou programas de auxílio à maternidade oferecidos pela própria Universidade através de programas e/ou ações extensionistas, poderiam ter um impacto significativo na capacitação das mulheres que são mães, além de melhorar sua renda e qualidade de vida. Assim, é importante destacar que o debate e a conscientização sobre essas questões são fundamentais para promover uma maior igualdade de oportunidades no campo da gastronomia e em outras áreas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPPELLE, M. C. A., BRITO, M. J., MELO, M. C. O. L, VASCONCELOS, K. A. A produção científica sobre gênero nas organizações: uma meta-análise. **Revista Eletrônica De Administração**, 13(3), 502–528. Acessado em 17 set 2023. Online. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/read/article/view/39960>

CARVALHO, A. C. R., SORLINO, F. B. Lugar de mulher é na cozinha: confissões femininas sobre o universo gastronômico. **Investigação Qualitativa em Ciências Sociais**, v.3., 2017.

COELHO, Andréia de Oliveira. **Mulheres Gestoras e Mães Sozinhas: Desafios e estratégias na conciliação entre carreira e maternidade**. Dissertação de Mestrado em Ciências Empresariais. Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2019.

DÓRIA, Carlos Alberto. **Flexionando o gênero: a subsunção do feminino no discurso moderno sobre o trabalho culinário.** *Cadernos Pagu*, nº 39, julho-dezembro de 2012, p. 251-271.

GEM - Global Entrepreneurship Monitor. **Empreendedorismo no Brasil: 2019.** Erika Onozato, Paulo Alberto Bastos Junior, Simara Maria de Souza Silveira Greco, Vinicius Lorangeiras de Souza. Disponível em: <https://ibgp.org.br/wp-content/uploads/2021/02/Empreendedorismo-no-Brasil-GEM-2019.pdf>.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Mulheres dedicam mais horas aos afazeres domésticos e cuidado de pessoas, mesmo em situações ocupacionais iguais a dos homens.** Agência IBGE Notícias. Estatísticas sociais, 26 abr. 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/24266-mulheres-dedicam-mais-horas-aos-afazeres-domesticos-e-cuidado-de-pessoas-mesmo-em-situacoes-ocupacionais-iguais-a-dos-homens>

NOTAS SOBRE A REVISTA CADERNOS DE EDUCAÇÃO E SUA PROPOSTA EXTENSIONISTA

DIEGO DA ROSA ALVES ¹; JOSIMARA WIKBOLDT SCHWANTZ ²; FERNANDO CESAR RIPE ³

¹Universidade Federal de Pelotas – diegoalves.rosa@outlook.com

²Universidade Federal de Pelotas – josiwikboldt@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – fernandoripe@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, iremos explorar as explicativas associadas à publicação Cadernos de Educação, com o intuito de enfatizar os componentes que enriquecem a compreensão aprofundada do tema abordado, bem como os estudos empreendidos sobre o conceito de extensão em Freire (1970) o qual mostra como o conceito em extensão pode abordar a relação entre o educador e o educando e a forma como o conhecimento é produzido e transmitido. Por meio da análise empreendida no projeto de extensão da revista, almejamos oferecer uma visão mais completa e esclarecedora sobre o assunto em questão. Ao examinarmos esses elementos explicativos, esperamos aprofundar nossa percepção sobre as ideias e informações apresentadas, contribuindo assim para uma apreciação mais abrangente e informada do conteúdo da Revista Cadernos de Educação disponíveis no site <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/educacao/about> e nas redes sociais por meio do link <https://www.instagram.com/revista.cadernos/>.

Cadernos de Educação desempenha um papel fundamental no cenário editorial da Universidade Federal de Pelotas, uma vez que teve sua fundação em 1992, tornando-se o periódico permanente e de publicação contínua mais antigo da UFPEL. A Revista é uma colaboração entre a Faculdade de Educação (FaE) e o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE). Contando com 67 edições contínuas publicadas até o momento, a Revista tem a importante missão de reunir uma produção diversificada de pesquisadores dedicados à divulgação de conhecimentos educacionais relevantes e manter o seu foco em enriquecer a escrita, leitura e debates no contexto da diversidade presente na Educação.

A Revista publica artigos originais e inéditos de pesquisadores brasileiros, representando várias regiões do país, isso a torna uma plataforma importante para a divulgação e troca de conhecimentos na área da Educação, abrangendo uma variedade de temas e abordagens relacionadas à prática educativa, pesquisa em educação e debates atuais nessa área.

A Revista Cadernos de Educação é considerada como sendo um periódico de alto estrato, pois foi classificada como Qualis A2 pela avaliação quadrienal da Capes (2017-2020). Ela possui dois números de ISSN: 2178-079X para a versão online e 0104-1371 para a versão impressa. A partir do número 64, o periódico adotou a política de publicação em fluxo contínuo, agilizando a divulgação dos trabalhos científicos após todas as etapas do processo editorial. Essa abordagem é aplicada tanto para submissões em fluxo contínuo quanto para seções temáticas e dossiês. Além disso, segue a política de acesso livre, garantindo que seu conteúdo seja de visualização imediata, promovendo a democratização do conhecimento científico.

Além disso, ela também inclui contribuições de pesquisadores estrangeiros, especialmente pela publicação de artigos que se expressam em espanhol, inglês e

francês, apresentando também dossiês temáticos, resenhas críticas de obras educacionais e entrevistas com profissionais do campo.

Atualmente, ela está passando pelo processo de digitalização de suas edições iniciais, além de estar se adaptando ao sistema *Open Journal Systems* na versão 3.14. Essas iniciativas visam a ampliar a base de leitores e a disseminação dos conteúdos publicados pela Revista. A equipe editorial enfrenta desafios consideráveis, requerendo dedicação significativa de tempo e esforços.

Os trabalhos submetidos podem estar em língua portuguesa, inglesa ou espanhola e passam por avaliação rigorosa pelo Conselho Editorial ou por parceiros reconhecidos antes de serem aceitos para publicação. Cada artigo é apresentado com títulos e resumos nas línguas indicadas anteriormente, visando facilitar a acessibilidade e compreensão internacional. Sendo assim, sua contribuição se torna mais significativa para a comunidade acadêmica, proporcionando não apenas um espaço para a divulgação de pesquisas, mas também promovendo o diálogo entre pesquisadores e elevando os debates na área da Educação. Deste modo, a Revista Cadernos de Educação marca seu momento de conhecimento educacional, com três décadas de contribuição

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste estudo é baseada em uma abordagem que envolve a análise de diferentes fontes de informação para compreender o contexto e os conceitos relacionados à extensão universitária e à Revista Caderno de Educação. O objetivo é obter uma compreensão mais profunda desses temas e sua relação com a Educação. Primeiramente, foram explorados os recursos *online*, como o site oficial da Revista Caderno de Educação para coletar informações sobre a história da revista, sua equipe editorial e sua missão. Além disso, foi realizada uma análise da página de perfil da revista no Instagram, onde foram buscados conhecimentos sobre sua origem, trajetória e interações com a comunidade online.

O estudo também incluiu a revisão de leitura relevante. Nesse contexto, o livro "Comunicação ou Extensão?" de Paulo Freire foi consultado para entender o conceito de extensão universitária, pois se trata de um dos principais teóricos da Educação nacional. Além disso, o artigo "A extensão universitária: história, conceito e propostas" de João Antônio de Paula foi base para obter uma visão mais abrangente sobre o histórico e os conceitos relacionados à extensão universitária.

Os dados coletados a partir das fontes *online* e da leitura foram analisados em conjunto, permitindo a identificação de conexões e relações entre o trabalho da Revista Caderno de Educação e os conceitos de extensão universitária. Assim, foram tiradas conclusões sobre a importância da Revista Caderno de Educação no contexto da educação e da extensão universitária, e bem como esses conceitos se relacionam. Por fim, foram destacadas as contribuições do estudo, incluindo conhecimentos sobre a importância da divulgação acadêmica e da extensão universitária para o avanço da educação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A abordagem de analisar diversas fontes de informação, incluindo recursos *online*, a leitura relevante e a conexão entre essas fontes, demonstra um esforço significativo para obter uma compreensão profunda do tema.

A exploração do site oficial da Revista Caderno de Educação e da sua presença nas redes sociais, como o Instagram, foi uma abordagem interessante

para entender não apenas a história da revista, mas também a sua interação com a comunidade online, o que é relevante em um contexto atual.

A consulta a obras de renomados teóricos da Educação, como o livro de Paulo Freire e o artigo de João Antônio de Paula, mostra um comprometimento em fundamentar o estudo em fontes confiáveis e estabelecidas no campo acadêmico.

A conclusão das conexões entre o trabalho da Revista Caderno de Educação e os conceitos de extensão universitária parece ser um passo importante, fornecendo conhecimentos valiosos sobre o papel da revista nesse contexto. Além disso, a abordagem nas contribuições do estudo, destacando a importância da divulgação acadêmica e da extensão universitária para o avanço da Educação, demonstra uma visão abrangente e uma preocupação real em compartilhar conhecimento e promover a educação como um todo. No geral, parece que o estudo foi conduzido de maneira estável e proporcionou uma compreensão mais profunda dos temas abordados.

4. CONCLUSÕES

Um dos aspectos transformadores é a consulta a obras de renomados teóricos da Educação, como o livro de Paulo Freire e o artigo de João Antônio de Paula, demonstrando um comprometimento em fundamentar o estudo em fontes confiáveis e estabelecidas no campo acadêmico. A principal atividade deste trabalho reside na abordagem integrada adotada para compreender o tema em questão.

Por fim, a conclusão das conexões entre o trabalho da Revista Caderno de Educação e os conceitos de extensão universitária representa um avanço importante, fornecendo conhecimentos importantes sobre o papel da revista nesse contexto. Além disso, a importância das contribuições do estudo para a promoção da divulgação acadêmica e da extensão universitária como elementos essenciais para o avanço da educação demonstra uma visão abrangente e um comprometimento natural em compartilhar conhecimento e fortalecer a educação de forma abrangente. No geral, essas abordagens e importâncias fornecem uma base fixa para uma compreensão mais profunda dos temas explorados no trabalho.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Sobre a Revista | Cadernos de Educação (ufpel.edu.br), disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/educacao/about>. Acessado 13 ago. 2023

Revista Cadernos de Educação | UFPel. Portal Institucional UFPel, disponível em: <https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/u5300>. Acessado 13 ago. 2023

PAULA, J. A. de. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces** - Revista de Extensão da UFMG, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 5–23, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/18930>. Acesso em: 12 ago. 2023.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 1970. Disponível em: https://docs.google.com/file/d/0B17CBePMBxFWVXIDY1RnSTdvbk0/edit?resourcekey=0-fiCaTRO1mEiHM4l6rf_w2w. Acessado 12 ago. 2023

O PAPEL ESTRATÉGICO DO CENTRO DE ATENDIMENTO AO TURISTA (CAT) NA FENADOCE

NATHALIA MENDES BRANDT¹; NATALIA DE SOUSA ALDRIGUE²

¹Universidade Federal de Pelotas – nathbrandt@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – nataldrigue@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo principal ressaltar a significância do Centro de Atendimento ao Turista (CAT) da FENADOCE. Nesse contexto, é crucial compreender as relações que se estabelecem entre a Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) e a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC), os quais desempenham um papel fundamental na captação dos voluntários pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), provenientes do Curso de Bacharelado em Turismo e áreas afins.

Para tanto, temos a FENADOCE desempenhando um papel crucial e multifacetado na cidade de Pelotas, promovendo a cultura local, estimulando a economia, atraindo turistas, preservando o patrimônio histórico-cultural e fortalecendo o senso de comunidade. É um evento que demonstra como a tradição doceira de Pelotas é uma parte essencial da identidade da cidade e contribui significativamente para o seu desenvolvimento e reconhecimento nacional. De acordo com NETO (2001, p.53):

Eventos são atividades de entretenimento, com grande valor social, cultural e, sobretudo, histórico. Suas atividades constituem um verdadeiro mix de marketing, entretenimento, lazer, artes e negócios. Tal a sua importância no contexto social, cultural, econômico e político da cidade e região e, em alguns casos até mesmo do país, podemos denominá-los de agentes do patrimônio histórico-cultural.

O CAT da FENADOCE não é apenas um ponto de informação, mas sim um elo essencial na cadeia de experiência do turista, já que os voluntários são responsáveis por cativar e orientar os visitantes que chegam à feira, bem como passar informações tanto da sua estrutura quanto da região.

Uma vez que a captação desses indivíduos é realizada a pedido da CDL em contato com a PREC, existe uma lacuna de informações deixadas pelo órgão, pois não descreve sua demanda de acordo como deveria, detalhando o perfil de voluntário para atuar no setor, somente informa à PREC de que precisa de pessoas em geral para o trabalho. Desta forma, os alunos voluntários que se engajam no CAT acabam ficando desassistidos no que se refere às informações que deverão ser passadas para o visitante em relação à feira e a cidade.

Visto que esses alunos desempenham um papel vital ao transformar informações em experiências enriquecedoras para os turistas, entende-se que tal instrução seja primordial, pois são os membros da CDL que detêm as informações e deveriam compartilhar este conhecimento com os alunos voluntários para que eles atuem como embaixadores da FENADOCE e de Pelotas. CARVALHO (2011, p.65) menciona que:

Além de possibilitar momentos de integração comunitária e de compartilhamento de experiências, os eventos possuem uma nítida associação com o turismo, ao significarem formas distintas de expressão da diversidade cultural, contribuindo para a captação de fluxos de visitantes, e

de incremento das opções de visitação turística num determinado período ou época do ano.

Assim, compreende-se que o entrelaçamento entre o CAT da FENADOCE, a CDL e a PREC não apenas realça a importância dessas entidades individuais, mas também evidencia como a colaboração entre elas é a base para oferecer uma experiência turística memorável. A troca contínua de informações e conhecimentos entre esses elementos cria um ambiente propício para que os alunos voluntários desempenhem um papel crucial na construção de memórias positivas para os visitantes do evento.

2. METODOLOGIA

Com o propósito de alcançar essa finalidade, é relevante enfatizar que o estudo sobre o Centro de Atendimento ao Turista (CAT) da FENADOCE teve seu embasamento inicial em um levantamento bibliográfico. A literatura consultada abrangeu temas relacionados ao turismo, atendimento ao cliente, colaboração entre organizações, gestão de pessoas e gestão de eventos, que permitiu situar o estudo em um contexto mais amplo e identificar as melhores práticas em termos de comunicação com turistas e coordenação de esforços entre diferentes entidades.

A etapa subsequente consistiu na imersão direta no ambiente do CAT da FENADOCE. Por meio da observação participante, tendo a oportunidade de acompanhar de perto as interações entre os voluntários do CAT, os representantes da CDL e da PREC, os turistas e os lojistas. Isso proporcionou uma compreensão aprofundada das dinâmicas de comunicação, das necessidades dos turistas e das estratégias utilizadas para fornecer informações e assistência.

Além disso, em paralelo à observação participante, foi elaborado um manual de comunicação destinado aos alunos voluntários que atuam no CAT. Este manual foi construído com base nas práticas identificadas durante a observação, bem como nas diretrizes e informações fornecidas pela CDL e pela PREC. O manual teve como objetivo fornecer orientações claras e diretas aos voluntários, auxiliando-os na comunicação eficaz com os turistas e lojistas, contribuindo para uma experiência positiva no evento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através de uma abordagem prática e participativa, com foco na interação direta com o Centro de Atendimento ao Turista (CAT) da FENADOCE, tem como objetivo primordial, realçar a importância desse centro, buscando compreender em profundidade como a relação entre o CAT, a CDL e a PREC impacta a experiência dos turistas. E para além disso, avaliar minuciosamente a eficácia das estratégias de comunicação adotadas nesse contexto.

Assim, para atingir esses objetivos, optou-se por combinar a pesquisa bibliográfica com a observação participante, a fim de obter uma compreensão da interação entre o CAT, a CDL e a PREC, e como essa interação repercute na experiência dos visitantes. Como parte desse esforço, tornou-se essencial a elaboração de um manual de comunicação especializado, desempenhando um papel crucial ao proporcionar uma abordagem prática e aplicada. Este manual foi concebido com a finalidade de otimizar a comunicação entre todos os atores envolvidos, garantindo uma experiência turística mais enriquecedora e satisfatória, sendo dividido em em 6 partes:

Este documento efetivamente atingiu os principais objetivos da análise do trabalho de campo e do estudo sobre o Centro de Atendimento ao Turista (CAT) da FENADOCE. Por meio desta abordagem prática e participativa, procurou-se cumprir as seguintes metas:

- I. **Captação e Convocação de Voluntários:** Estabelecendo um método claro e organizado para recrutar voluntários, garantindo a cobertura adequada durante a feira. A partir da interação com os colegiados e a coleta das disponibilidades dos alunos, estabelecemos diretrizes para garantir uma equipe eficiente.
- II. **Elaboração de Escala de Trabalho:** Planejando e organizando a escala de trabalho voluntário com antecedência, garantindo que todos os horários necessários fossem preenchidos. Isso foi feito por meio da colaboração dos interessados, proporcionando uma distribuição justa e eficaz das responsabilidades.
- III. **Logística de Transporte e Alimentação:** Considerando-se a logística de transporte e alimentação dos voluntários, assegurando que eles tivessem informações claras sobre como chegar ao local do evento e onde obter suas refeições. Isso contribuiu para a organização geral dos participantes.
- IV. **Fornecimento de Informações Relevantes:** Definiu-se a função do CAT como voluntária e destacando a importância de fornecer informações sobre a feira e, ocasionalmente, sobre o turismo na região. Isso ajudou a alinhar as expectativas dos voluntários com suas responsabilidades.
- V. **Informações Importantes sobre a Feira:** Abordamos aspectos cruciais sobre a feira, como locais de interesse, pontos de referência, serviços disponíveis e procedimentos de comunicação em caso de problemas na estrutura do evento. Isso garantiu que os voluntários estivessem bem preparados para lidar com as necessidades dos visitantes.
- VI. **Conduta e Comportamento Adequados:** Estabelecemos diretrizes claras de conduta e comportamento para os voluntários, enfatizando a importância do respeito, da cortesia e da resolução adequada de problemas. Essas diretrizes visam proporcionar uma experiência positiva aos visitantes e manter uma relação respeitosa com a organização da feira.

No geral, este documento não apenas delineou as ações a serem tomadas durante a FENADOCE, mas também enfatizou a importância de manter um alto padrão de qualidade no atendimento ao público. Através de uma abordagem estruturada e detalhada, os objetivos principais da análise do trabalho de campo e do estudo do CAT foram alcançados, promovendo uma experiência satisfatória tanto para os voluntários quanto para os visitantes da feira.

Nossa abordagem visa, portanto, aprimorar não apenas a compreensão dos mecanismos de interação entre as entidades envolvidas, mas também a qualidade da experiência que os visitantes da FENADOCE desfrutam. Comprometidos em promover uma sinergia eficaz entre o CAT, a CDL e a PREC, a fim de fortalecer o turismo local e proporcionar aos turistas uma visita satisfatória da feira bem como uma estadia memorável e enriquecedora em nossa cidade.

4. CONCLUSÕES

Em conclusão, ficou evidente que o documento proposto se revelou de grande utilidade para aqueles que participaram das edições subsequentes da FENADOCE. Ao coletar informações e consolidar instruções de anos anteriores, prevenindo que

os futuros voluntários ficassem desorientados diante de suas responsabilidades, pois a comunicação entre o CDL e a PREC, muitas vezes se limita a convocações, sem fornecer as orientações necessárias para uma atuação eficaz no CAT da FENADOCE. Portanto, surgiu a necessidade de oferecer uma forma estruturada de captação e instruções essenciais que eles devem buscar e transmitir aos visitantes.

É importante ressaltar que, em algumas ocasiões, a falta de alunos voluntários do curso de turismo, exigiu a convocação de estudantes de outros cursos mas de áreas afins, mas que não estavam tão familiarizados com o contexto de um CAT. No entanto, mesmo para os alunos do curso de turismo se faz necessário conhecimento prévio, de o como é importante a FENADOCE para o turismo na cidade e região, bem como o funcionamento do CAT, que no caso inclui não apenas a prestação de assistências aos visitantes, mas também a capacidade de fornecer informações adicionais sobre Pelotas e localidades ao entorno, quando necessário.

Dessa forma, acredita-se que o documento desempenhou um papel fundamental na capacitação dos voluntários e na promoção de uma experiência mais enriquecedora tanto para os visitantes da feira, quanto para os voluntários que passam as informações, pois o conhecimento prévio sobre as responsabilidades e o contexto da feira como um todo, fortalece a qualidade do serviço prestado no CAT e contribui para a promoção da cidade de Pelotas e toda região turística.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, K. D . Identidade, turismo e tradução cultural: Análise da dinâmica dos eventos juninos no Maranhão. **Revista Rosa dos Ventos**, v.3, n.1, jan-jun. 2011, p.62-72.

COSTA, Isabela Fernanda Soares et al. Planejamento e Organização de Eventos-estudo de caso da festa de São João de Queluz/SP. **Revista H-Tec Humanidades e Tecnologia**, v. 2, n. 2, p. 6-25, 2018.

DEL PUERTO, Brum Charlene; MUSSI, Paula Pinheiro; FRANCISCO, Giovani. ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS EM UM MEIO DE HOSPEDAGEM NA CIDADE DE PELOTAS/RS. **UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE-FURG INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO/ICHI**, p. 10, 2019.

NETO, F.de P. Evento: de ação, de entretenimento a agente de promoção do patrimônio histórico-cultural IN: FUNARY, P. P.; PINSKY, J. (Orgs.). **Turismo e Patrimônio Cultural**. São Paulo: Contexto, 2001.

METODOLOGIA PVE EM: INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

THIAGO MARTINS¹; JOSIAS PEREIRA²; JOSIAS PEREIRA³

¹Universidade Federal de Pelotas – thiagocalcagno@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – josiasufpel@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – josiasufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A produção de vídeo estudantil, também conhecida como metodologia PVE (Produção de Vídeo Estudantil), é uma ferramenta poderosa na educação. Este material dialoga com a preocupação de que muitos professores da educação básica ainda não realizam vídeos com seus alunos, e busca desmistificar essa prática por meio de uma metodologia simples, utilizando ações que esses professores já incorporam em seu cotidiano pedagógico. Por esse motivo, o título do livro é 'Intervenção Pedagógica: Metodologia PVE na Educação Infantil'. A metodologia PVE é uma abordagem pedagógica que estimula a criatividade, aprimora as habilidades de comunicação, incentiva a colaboração em equipe e potencializa a aprendizagem dos alunos. Nesse sentido, dialogando com os princípios de Paulo Freire, entendemos que o vídeo é uma forma de expressão e diálogo que permite aos estudantes se tornarem sujeitos ativos em seu próprio processo de aprendizagem.

2. METODOLOGIA

Segundo PEREIRA; JOSIAS (2014) o uso da produção de vídeo estudantil promove um ambiente de interação e troca de ideias, no qual os alunos são desafiados a refletir, se expressar e se posicionar de forma crítica diante dos temas abordados. É por meio desse processo dialógico que eles se tornam protagonistas de seu próprio aprendizado. No contexto da educação infantil, surge o desafio de como fazer vídeos com os alunos. É nesse sentido que o Laboratório Acadêmico de Produção de Vídeo Estudantil está desenvolvendo um livro com dicas para os professores interessados em realizar vídeos com seus alunos na educação infantil. O livro, intitulado 'Metodologia PVE em: Intervenção Pedagógica na Educação Infantil', visa auxiliar o professor a perceber que muitas das ações retratadas já fazem parte de sua prática diária, permitindo que ele insira gradualmente o vídeo de forma mais harmoniosa nesse contexto. Por exemplo, uma das ações abordadas no livro é a recriação oral de histórias junto às crianças, algo que os professores já realizam. Com a metodologia PVE, eles podem organizar e realizar essa atividade utilizando o vídeo como suporte, compreendendo que a produção do vídeo é valiosa pelo processo de aprendizagem que os alunos vivenciam. O professor pode solicitar a cada aluno que recrie uma história e grave-os contando-a. Ao exibir o vídeo para a turma, os alunos poderão observar as diferentes formas de expressão de seus colegas e, ao se verem na tela, contribuirão para a criação de esquemas mentais diferenciados em relação à primeira ação de contar histórias.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a conclusão do roteiro pelo grupo de pesquisa do Lab PVE, direcionado aos professores da educação básica como público-alvo, deu-se início a um instigante debate sobre a composição dos personagens. Inicialmente, como estava no roteiro surgiram o astronauta, a professora e um carismático cachorro espacial como protagonistas.

A Professora

Figura 1 – A Professora

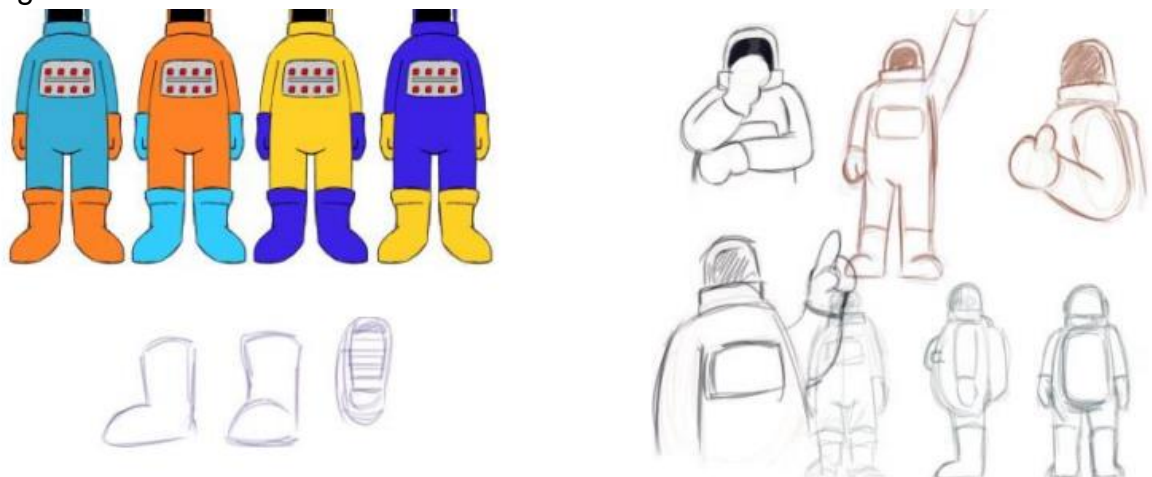


Fonte - Elaborado pelo autor (2023)

Para criação da professora escolhi a figura de uma mulher jovem, que veste cores azuis e amarelas. O azul transmite serenidade e sabedoria, características que um(a) educador(a) precisa para sua profissão. O amarelo transmite clareza e energia, algo também muito importante para um comunicador.

Astronauta

Figura 2 – Astronauta

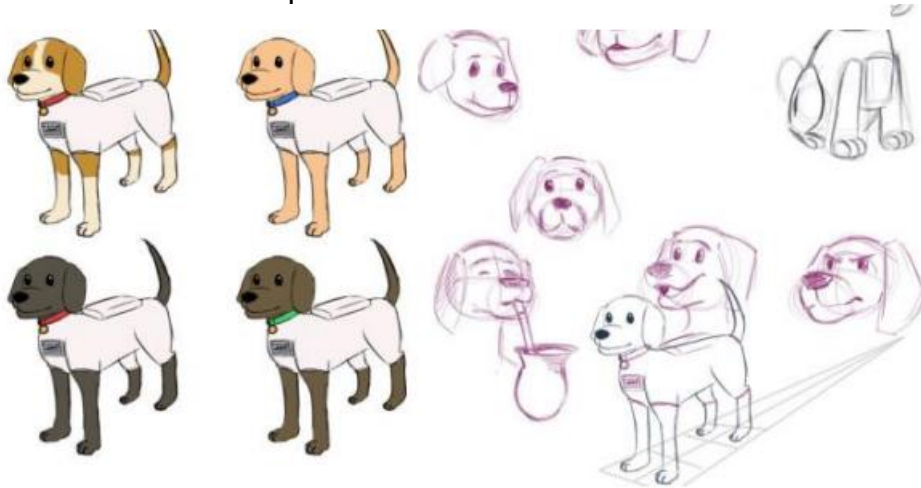


Fonte - Elaborado pelo autor (2023)

Para criar o astronauta, me inspirei em trajes futuristas dos anos 60, período da corrida espacial e do boom das histórias de ficção científica. A cor de seu traje laranja significa energia, vibração, expansão e destoa de tons frios como de suas luvas e o fundo escuro e extenso que é o espaço.

Cachorro Espacial

Figura 3 – Cachorro Espacial

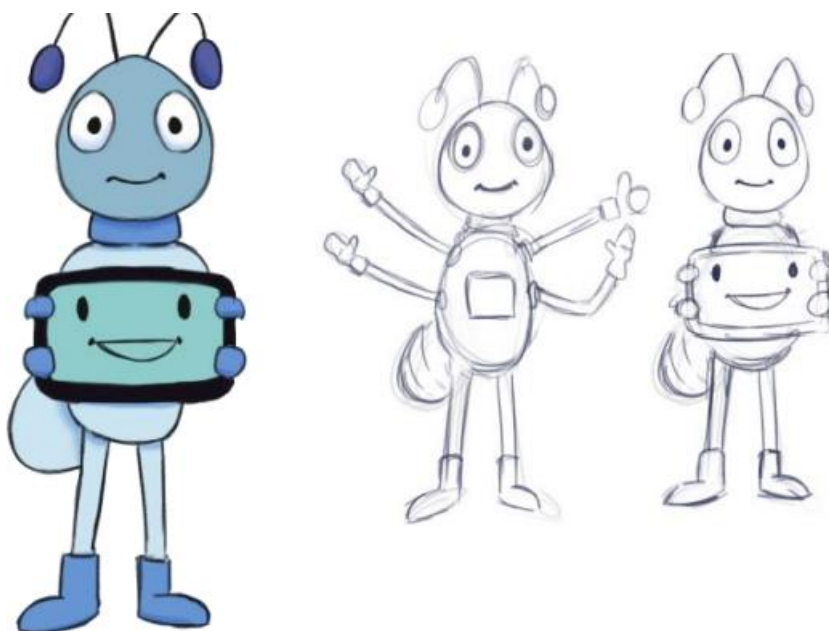


Fonte - Elaborado pelo autor (2023)

Houveram muitas ideias para deixar o visual do cãozinho ajudante o mais carismático possível, por isso imaginei que um cão da raça Beagle pudesse ter um apelo bom e transmitir confiança e serventia.

Formiguinha

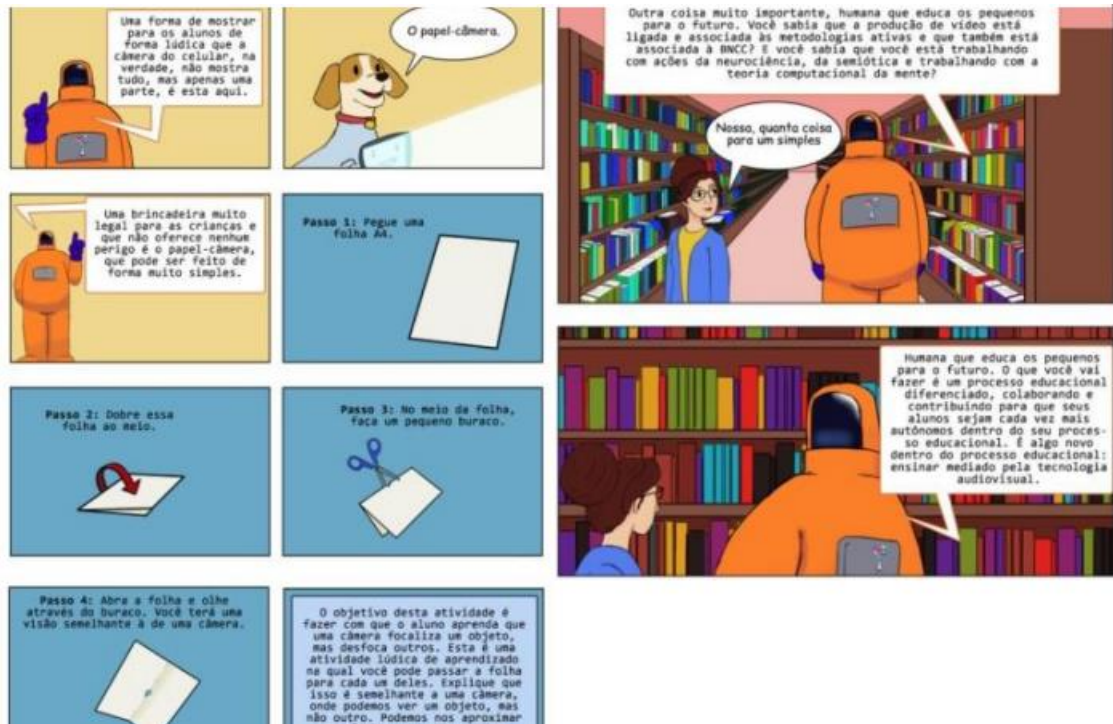
Figura 4 – Formiguinha



Fonte - Elaborado pelo autor (2023)

A formiguinha também tem seu valor, pois é um animal coletivo e muito trabalhador. Seu papel nessa história é disponibilizar e ilustrar os conteúdos necessários para o leitor. No entanto, ao unir harmoniosamente o texto à parte gráfica, sentimos uma lacuna que nos motivou a desenvolver um novo elemento: a formiguinha, cuja valiosa função é segurar o tablet espacial.

Figura 5 – Personagens e Ambiente



Fonte – Elaborado pelo autor (2023)

No entanto, ao unir harmoniosamente o texto à parte gráfica, sentimos uma lacuna que nos motivou a desenvolver um novo elemento: a formiguinha, cuja valiosa função é segurar o tablet espacial. Ademais, enfrentamos o desafiador objetivo de estabelecer equilíbrio entre as falas presentes em cada página, ao passo que refinamos a ação visual do texto, buscando instigar a interação e promover a compreensão aprimorada do conteúdo pelos leitores.

4. CONCLUSÕES

Visando a narrativa e os aspectos lúdicos de uma história em quadrinhos, a produção do livro tem como objetivo condicionar o conteúdo informativo através de personagens carismáticos em um ambiente que performa uma sala de aula, com toda a imensidão da criatividade que um aluno pode ter. A ideia da interação de um astronauta (uma figura que representa o futuro, a exploração e a evolução) com uma professora (que transmite conhecimento, comunicação e acolhimento) é a chave para traduzir o que a Metodologia PVE tem como objetivo. Produzir o livro tem sido uma experiência muito interessante e desafiadora, pois a criação de uma história em quadrinhos tem como objetivo combinar elementos de composição e gestual de personagens em cena com diálogos e linearidade de escrita. O visual

tem que ser chamativo e agradável para o olhar do leitor, e a busca de cores e formas mais simples remetem às ilustrações de livros infantis. A escolha da paleta de cores ao fundo foi uma forma cíclica de trazer um sentido a uma roleta de cores, no qual se inicia nos tons mais quentes como rosa e laranja, até os mais frios como azul e ciano, fechando mais uma vez no rosa e seguindo o mesmo percurso. O espaço e as figuras futuristas do astronauta e seu companheiro canino (e também a presença da formiguinha ajudante) dialogam com o ambiente escolar e a professora que está interessada em todo o conhecimento para transmitir aos seus alunos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Tese/Dissertação/Monografia

PEREIRA, Josias. **A produção de vídeo estudantil na prática docente: uma forma de ensinar**. 2014. 222p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. Acesso em 21/07/2023. Disponível em: <http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/3193/1/SILVA%2c%20Josias%20Pereira%20da.pdf>.

PARA ADULTOS? SUJEIRA E BAGUNÇA. PARA CRIANÇAS, POSSIBILIDADES.

SIBELLY MARTINS MIRANDA¹; ANA DO CARMO GOULART GONÇALVES².

¹Universidade Federal do Rio Grande – sibellymiranda@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande – acarmogg@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esta escrita busca refletir acerca das práticas de disciplinamento, que limitam e anulam as experiências das crianças, sob um olhar através das experiências vivenciadas e observadas na 49^a Feira do Livro da FURG, dentro do espaço proporcionado pelo Ateliê da Infância, projeto de extensão vinculado ao Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação da Infância - NEPE, da Universidade Federal do Rio Grande. Cabe mencionar que este trabalho tem inspiração na vertente pós-estruturalista e tem como principal fundamentação teórica, o conceito de disciplinamento – enquanto uma tecnologia de poder -, do filósofo francês Michel Foucault.

O Ateliê da Infância realiza ações articuladas entre si, que proporcionam um funcionamento pautado em discussões entre as discentes e bolsistas vinculados ao projeto. O grupo é formado por professoras lotadas no Instituto de Educação; estudantes de pós-graduação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU - FURG); e estudantes remunerados e voluntários cursam pedagogia na FURG.

2. METODOLOGIA

Este trabalho constitui-se a partir da metodologia de observação. Segundo Gil (1999), a observação é a maneira mais apropriada para conhecer a realidade, pertinente a espaços públicos. Na observação é possível focalizar em comportamentos que ocorrem naturalmente em seu ambiente natural, tendo o pesquisador como observador que nele não interfere.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Ateliê da Infância tem como objetivo oportunizar um espaço para formação inicial e continuada na área da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede de ensino do município de Rio Grande. O Ateliê acredita na importância das brincadeiras e das expressões por meio das múltiplas linguagens, das crianças estarem em contato com seus pares, uma vez que, para Borba (2007), é através das brincadeiras e das interações com seus pares e adultos que as crianças repensam o mundo ao qual pertencem, e sendo desafiadas pelas diversas formas de expressão que o Ateliê oportuniza dentro deste espaço para as brincadeiras, com realizações de oficinas, ações de formação continuada, exposições, contação de histórias, entre outras ações que envolvem bebês e crianças. Pois, a criança é imaginativa, tem necessidade de contar sobre sua realidade. Através do brincar, ela transforma elementos simples em uma atividade importante e, a partir dela, especula sobre o mundo.

Participar da Feira do Livro, evento organizado pela FURG que aproxima a comunidade da Universidade, das suas pesquisas e dos projetos desenvolvidos a partir do ensino e da extensão, possibilita que o Ateliê encontre outras formas de receber a infância, que não apenas junto de alguma forma, do contexto escolar. Assim, possibilitando formas outras de refletir acerca dessas infâncias, sobretudo no que se refere à família, uma vez que parte das crianças que o Ateliê recebe durante a feira, chegam acompanhadas junto de seus familiares ou responsáveis. E é a partir das observações feitas dentro deste contexto, que este trabalho estará alicerçado, a fim de refletir acerca das práticas de disciplinamento, baseadas na obra Vigiar e Punir, do filósofo francês Michel Foucault, que limitam e podam as experiências que poderiam ser vivenciadas pelas crianças.

Participar como bolsista do Ateliê da Infância, na 49ª Feira do Livro proporcionou diversas experiências que certamente contribuirão muito na formação dos integrantes, sendo esse um espaço de possibilidades, que encanta as crianças, o espaço do Ateliê é um dos momentos mais aguardados, houve crianças que se fizeram presentes em todos os dias, tornando-se quase parte da equipe. Entre oficinas, corações ansiosos pela hora da massinha, afetos, pinturas, sorrisos e interações, tinha algo ali, imiscuído, camuflado, quase invisível, mas não o suficiente aos olhos de um "foucaultiano", através de uma lente construída a partir de muitos estudos das obras do filósofo, o que mais impactou foram os sorrisos que se esfacelavam, escorriam como água em peneira, os olhares que ao partir, ficavam naquela experiência que não pode ser vivida, naquele momento que quase, existiu.

É importante destacar que, para Foucault, o poder não está localizado somente no Estado, as relações de poder são múltiplas, microfísicas e capilares (FOUCAULT, 1990), e estende-se por toda a parte, em todos os espaços. Logo, as práticas de disciplinamento se manifestam de diversas formas. Durante a oficina de massinha de modelar, uma, entre tantas outras atividades oferecidas às crianças no espaço do Ateliê da Infância/NEPE, onde se utiliza materiais como farinha, óleo, sal, água e tintas, tendo as mãos como principal ferramenta da sua produção, muitos responsáveis acabavam tirando seus filhos da mesa junto de outras crianças ao passo que percebiam a possibilidade de seus filhos sujarem suas roupas e entrarem numa grande bagunça. Ao passo que observava as crianças se afastando da atividade, com seus pais, e deixando ali apenas uma grande vontade de produzir suas massinhas, me questionava: Para os adultos, sujeira e bagunça, para as crianças... possibilidades.



Não era diferente na mesa de pinturas, em que se manipulavam tintas, pincéis encharcados de águas coloridas que respingavam por toda a parte. De forma sucinta, os responsáveis convidavam as crianças para quem sabe, realizar a mesma atividade, mas com giz de cera no lugar das terríveis tintas, inculcando na

criança uma vontade que não é sua. Outros, talvez não tão sucintos, entravam em embate com as crianças que ousavam usar a tal da autonomia e manifestar sua vontade de realizar tais atividades. Alguns pais, até mesmo faziam as massinhas no lugar de seus filhos a fim de evitar uma lambança, “agilizar o processo” e livrar-se logo daquela situação. Assim, limitando a experiência.



Em Foucault, podemos compreender a disciplina como um conjunto de “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (FOUCAULT, 2013, p. 133). A todo tempo, é possível observar as crianças que frequentavam o espaço, sendo “docilizadas”, disciplinadas, condicionadas às vontades dos adultos sob suas justificativas legítimas. Sendo a disciplina uma das tecnologias de poder que visa não somente o

aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se, então, uma política das coerções, que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, gestos e comportamentos (FOUCAULT, 2013, p. 133).

Tais práticas inocentes, vão de forma sorrateira, condicionando os corpos sob essas justificativas legítimas, “não pode sujar o casaco” diz um pai, “se sujar a roupa vai andar suja depois” justifica outra responsável. E dessa forma, as crianças vão inculcando desde cedo, que a disciplina pautada em justificativas socialmente condicionadas devem estar acima de suas vontades. Para essas crianças, buscávamos oferecer massinhas que já estavam prontas por algum outro motivo, assim, ainda que não pudessem participar do processo de construção, poderiam levar para casa sua massinha que já não oferecia nenhum risco às suas roupas.



Em outro momento, ao perceber que sua roupa havia sujado, um menino prontamente entra em aflição, larga tudo que estava fazendo e corre para a pia na tentativa de limpar antes que sua mãe veja, “minha mãe vai me matar” diz ele, que sequer volta para recuperar a massinha. Percebi que sua mãe nem mesmo estava próxima ou observando, mas só o fato de saber da possibilidade dessa regulação, a criança se autodisciplina, isso porque segundo Foucault (2013), basta somente a possibilidade de saber que está sendo vigiado e regulado, para que o sujeito se “autodiscipline”.

Cabe destacar que não se trata de uma crítica aos pais e responsáveis, entendendo que são adultos que outrora foram crianças disciplinadas, e na sua fase adulta apenas reproduzem tal disciplinamento de forma sistemática, como parte de um mecanismo maior. Mas sim refletir sobre essas práticas automáticas, pois, embora esteja inserido num regime de verdade que delimita sua ação, somente a “codificação estratégica desses pontos de resistência que torna possível uma revolução” (FOUCAULT, 1977, p. 92). Somente, a partir da tomada de consciência, é possível promover rupturas.

4. CONCLUSÕES

Por fim, que através da codificação das práticas de disciplinamento, os adultos possam perceber que a infância é um ciclo único, em que as crianças deveriam ter o direito de se manifestar através de experiências que convirjam para as múltiplas linguagens, e se perguntar: De que forma suas crianças lembrarão dessa fase, que memórias afetivas terão construído? As roupas, deixam de servir, as memórias afetivas, as experiências acompanharão o indivíduo ao longo de sua vida e serão parte de sua construção pessoal como sujeito social. Portanto, de que forma, o adulto já condicionado, está impactando as infâncias? De que forma silencia as múltiplas linguagens?

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORBA, Angela Meyer. **A brincadeira como experiência de cultura na educação Infantil.**

Revista Criança, n 44, p.9-17, nov. 2007 FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:** história da violência nas prisões. Tradução de Raquel Ramallete. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2013

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Tradução de Roberto Machado. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

PODCASTS COMO ESTRATÉGIA DE DIFUSÃO DO CONHECIMENTO: A EXPERIÊNCIA DO “POD-CRÍTICA NA PÓS-MODERNIDADE”

JÚLIA DE OLIVEIRA MOREIRA¹; ANGÉLICA TEIXEIRA DA SILVA LEITZKE²;
CHRISTIAN PERES DA COSTA³; JÉSSICA URRUTIA PEREIRA⁴; FRANCIELE
ROOS DA SILVA ILHA⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – juliaoliveiramoreira2003@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – leitzke.angelica@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – christianescola92@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – urrutia.pereira.satolep@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – francieleilha@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Na atualidade novos artefatos culturais¹ e tecnologias midiáticas revolucionam a produção e disseminação do conhecimento, acirrando mudanças em contextos sociais, econômicos, políticos e educacionais (ANTOUN, 2008; FISCHER, 2013). Um artefato midiático de destaque neste contexto são os chamados *podcasts*.

Os *podcasts* constituem-se de um material entregue na forma de áudio, muito semelhante à mídia de rádio. Como principais diferenciais destaca-se a disponibilidade do material para que se escute quando quiser, bem como sua característica de produção de conteúdo sob demanda em meio digital, sem maiores instrumentos tecnológicos necessários, o que permite sua produção e distribuição ampliada, tornando-a possível à qualquer pessoa. (CORADINI et al. 2020; BOSCARIOL, 2023).

O formato de áudio dos *podcasts* conquistou uma audiência significativa, tornando-se um hábito de consumo para muitos usuários da *internet* tanto no Brasil quanto no mundo. O Brasil, destacou-se como o quinto país com o maior crescimento na produção de *podcasts* durante a pandemia de COVID-19, com um aumento de 7 milhões de ouvintes entre 2019 e 2020, a maioria usando smartphones para acessar conteúdo (VILELA, 2021). A análise do cenário atual no Brasil revela que os *podcasts* têm se consolidado como plataformas de comunicação significativas, tanto em termos de relevância quanto de popularidade (ROLLING STONE, 2022).

Assim, os *podcasts* têm emergido como uma forma de mídia extremamente influente, abordando uma ampla gama de tópicos. Dentre os temas mais abordados destacam-se as categorias "Sociedade & Cultura", "Educação", "Comédia", "Religião & Espiritualidade" e "Saúde & Fitness". (ROLLING STONE, 2022).

Considerando a relevância e abrangência dos *podcasts* na atualidade, compreende-se que estes podem contribuir na produção do conhecimento em variados âmbitos, incluindo os âmbitos acadêmicos. Neste sentido, é objetivo deste trabalho relatar a experiência desenvolvida junto ao projeto “Pod-Crítica na Pós-Modernidade: um Podcast sobre perspectivas Pós-Críticas e a Educação” relacionado ao Grupo de Estudos Interdisciplinares Pós-Críticos (GEIP),

¹ Artefatos culturais são compreendidos a partir da descrição de Fischer (2013) acerca da produção midiática humana: livros, produções cinematográficas e televisivas, produções audiovisuais, banners, outdoors, jogos eletrônicos, dentre outros produtos.

discutindo percepções acerca da relevância dos *podcasts* como estratégia de difusão do conhecimento. Salienta-se que a presente produção faz parte das atividades desenvolvidas junto à bolsa de iniciação à extensão, fomentada pelo Edital 03/2023 - Bolsas AÇÕES AFIRMATIVAS PBA/Extensão/AAF da Universidade Federal de Pelotas.

2. METODOLOGIA

Conforme destacado, o presente trabalho constitui-se de um relato de experiência produzido a partir das ações articuladas no decorrer da bolsa de iniciação à extensão.

Compreende-se o relato de experiência, conforme Mussi, Flores e Almeida (2021), enquanto uma das modalidades de escrita acadêmica, com destaque para o registro, descrição e divulgação de intervenções e experiências vividas junto a ações ou projetos de variadas ênfases, seja de pesquisa, ensino ou extensão. Neste viés, o relato deve se estruturar de forma crítica e reflexiva, tal como a própria experiência relatada deve ser vivenciada. Assim, para a construção do conhecimento e aprendizagem através da experiência vivida, é indispensável a análise e reflexão crítica permanente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto "Pod-Crítica na Pós-Modernidade" representa uma abordagem inovadora na difusão do conhecimento, utilizando o *podcast* como ferramenta central. A categoria do *podcast* na plataforma é Educação e seu escopo circula no tratamento das chamadas perspectivas pós-críticas.

As teorias ou perspectivas pós-críticas emergem como contrapartida das teorias críticas, ao rejeitarem determinismos a priori, os universalismos e o sujeito centrado do iluminismo, abrindo-se a multiplicidade e diversidade, considerando o papel produtivo que a linguagem assume nos processos sociais e na constituição dos sujeitos.

Os temas já abordados no "Pod-Crítica" foram: Episódio 1: apresentação do grupo: objetivos do grupo, participantes, projetos, publicações; Episódio 2: E essa tal pós-modernidade - Apresentação da Pós-Modernidade: autores, noções, contrapontos à modernidade; Episódio 3: E as perspectivas pós-críticas - surgimento das perspectivas pós-críticas. Assim, percebe-se que os assuntos tratados têm direcionado os ouvintes para as temáticas relacionadas a referida perspectiva. Os *podcasts* já gravados foram pensados para comporem a Temporada Zero, de modo que os subseqüentes serão nomeados de Temporada 1, Temporada 2, para cada perspectiva pós-crítica abordada.

Planeja-se ainda o tratamento das seguintes perspectivas teóricas pós-críticas: pós-estruturalismo, estudos de gênero, multiculturalismo, teoria queer, estudos étnico-raciais, estudos feministas, estudos culturais e pós-colonialismo.

O cronograma de roteirização é elaborado pela coordenadora do Projeto, a partir de textos selecionados que tratem do tema e representem uma fonte segura de produção de conhecimento. O roteiro segue uma ordem com o chamamento dos participantes, a apresentação do tema, a discussão e finalização. Os texto base dos capítulos gravados foram: "*Modernidade/pós-modernidade: tensões e repercussões na produção de conhecimento em educação*" de Silvio Gallo (2001); "*Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação e currículo: trajetórias*,

pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas” de Marlucy Alves Paraíso (2012).

A estrutura temática dos episódios é uma característica relevante do projeto. Cada tópico abordado representa uma lente pela qual as perspectivas pós-críticas são examinadas e a diversidade de assuntos abordados reflete a complexidade dessas discussões e amplia o apelo do *podcast* para diversos públicos.

A gravação da Temporada Zero e os títulos dos episódios foram escolhidos pelo Grupo de Estudos Interdisciplinares Pós-Críticos (GEIP) e após gravados são publicados no *Spotify*² e ainda no *You Tube*³.

A promoção do *podcast* se dá principalmente através da plataforma de rede social *Instagram*⁴, dado o seu amplo reconhecimento como um veículo midiático estabelecido, percebendo que esta divulgação tem potencial para exercer um impacto significativo nas taxas de visualização do “Pod-crítica”, no entanto, ainda não foi possível a articulação de um cronograma fixo de postagens no *Instagram* do GEIP, o que prejudica a divulgação do *podcast*.

É relevante observar que no episódio 1, veiculado no serviço de *streaming Spotify*, registraram interações através de uma enquete por parte da audiência, sugerindo maior interesse por parte do público ouvinte em relação ao conteúdo discutido. Outra parcela do público opta por consumir o conteúdo em áudio sem, contudo, se envolver ativamente em enquetes e comentários relacionados. É notável que o número de reproduções do “Pod-crítica” ainda não é expressivo, mesmo que tenha alcançado resultados satisfatórios, por ser um *podcast* recente e com poucos capítulos publicados, bem como por tratar de um assunto específico, mais vinculado ao âmbito acadêmico.

Na produção dos episódios a coordenadora do projeto assume o papel de roteirista e apresentadora, buscando na apresentação garantir uma conexão direta e envolvente com os ouvintes. Inicialmente, as gravações online foram uma resposta à necessidade de adaptação durante o retorno gradual às atividades presenciais pós-pandemia, demonstrando a flexibilidade do projeto em se ajustar a circunstâncias adversas, sendo que o último episódio publicado já pôde ser gravado presencialmente, enriquecendo a dinâmica das discussões.

A interação entre os participantes na gravação de cada episódio proporciona uma variedade de perspectivas sobre os temas pós-críticos interrelacionados à Educação. Essas discussões envolventes são capturadas por dispositivos inteligentes, preservando a autenticidade das discussões realizada para publicação dos episódios do *podcast*.

4. CONCLUSÕES

Realizou-se neste trabalho um relato da experiência vivida na realização das atividades de iniciação à extensão no projeto “Pod-Crítica na Pós-Modernidade”, Assim, destaca-se as ações executadas, suas relevâncias e as dificuldades postas.

Pode-se perceber alguns pontos limites dessa experiência vivida, os quais devem ser qualificados. Destacam-se como limites a articulação da agenda dos

² Link do *podcast* “Pod-crítica na Pós-modernidade” no *spotify*: <https://spotify.link/FgX3WpyRhDb>

³ Link do *podcast* “Pod-crítica na Pós-modernidade” no Youtube do GEIP: <https://youtube.com/@grupodeestudosinterdiscipl9525?si=8WqOJ0ULK7IZR-Ig>

⁴ Link da página do *Instagram* do GEIP: <https://instagram.com/geipufpel?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>

participantes para as gravações e para o processo de edição e publicação dos episódios, assim como a baixa frequência de publicações de episódios. Sugere-se assim a intensificação do calendário de gravações e publicações, a fim de manter a audiência conquistada no canal do *podcast*, potencializando ainda sua visibilidade. Além disso, o chamamento de novos participantes e convidados para interagir no projeto são fundamentais para ampliar o debate, ouvindo outras vozes sobre os temas tratados.

Ainda enquanto proposta futura, percebe-se a necessidade de conceber e implementar um calendário de publicações no *Instagram*, estruturado com vistas a estimular um maior nível de envolvimento por parte dos seguidores da página aumentando a visibilidade do “Pod-Crítica”.

A estratégia de focar nas perspectivas pós-críticas na Educação destaca a relevância do “Pod-Crítica na Pós-modernidade” considerando o cenário educacional contemporâneo. Assim o referido *podcast* atua como um veículo de produção e difusão de reflexões que podem enriquecer práticas pedagógicas e debates acadêmicos. Percebe-se assim, através da própria experiência vivida, que os *podcasts* são relevantes estratégias de produção e difusão do conhecimento.

5. REFERÊNCIAS

BOSCARIOL, Matheus. Podcast: o que é, para que serve e como fazer um podcast. Rocketcontent, 20 abr. 2023. Acessado em 1 ago. 2023. Online. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/podcast-o-que-e-como-fazer-um-podcast/>

GALLO, Sílvio. Modernidade/pós-modernidade: Tensões e repercussões na produção de conhecimento em educação. Campinas: Autores Associados, 2001.

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Práxis Educacional, Vitória da Conquista*, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i48.9010. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010>. Acesso em: 21 set. 2023.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

ROLLING STONE. Podpah, com Igã e Mítico, é o podcast mais ouvido de 2022. 30 nov. 2022. Acessado em 17 ago. 2023. Online. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/entretenimento/podpah-com-igao-e-mitico-e-o-podcast-mais-ouvido-de-2022/>

VILELA, Luiza. Brasil é o 5º no ranking mundial de crescimento na produção podcast. *Consumidor Moderno*, 23 jul. 2021. Acessado em 1 ago. 2023. Online. Disponível em: <https://www.consumidormoderno.com.br/2021/07/23/podcasts-modelo-pandemia-brasil/>

O IMPACTO DO PET CONEXÕES DE SABERES – DIVERSIDADE E TOLERÂNCIA PARA A COMUNIDADE DE PELOTAS (RS)

GIOVANA POZZA¹; BIANCA LEOCADIO DUARTE²; TAYANNE COSTA SILVA ³;
GIULIA DUARTE DOS SANTOS⁴; ALESSANDRA GASPAROTTO⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – giovana.pozza23@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – byanka0529@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – tayannecosta2509@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas- giuliaddsantos@live.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – agasparotto@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O Programa de Educação Tutorial (PET) foi criado e implantado em 1979 pela CAPES como um programa acadêmico destinado a estudantes regularmente matriculados em cursos de graduação. Em dezembro de 1999 sua gestão passou para a Secretaria de Educação Superior SESu/MEC, onde os grupos são selecionados pelas Instituições de Ensino Superior (IES).

Os grupos são selecionados pelas IES que participam do programa recebendo orientação acadêmica de professores selecionados para serem tutores (DIAS, et al., 2006)

A Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) soma 15 grupos PET; cada grupo com particularidades. Existem PETs direcionados a cursos de graduação específicos e alguns com metodologia interdisciplinar, que é o caso do Programa de Educação Tutorial Conectando Saberes – Diversidade e Tolerância (PET DT).

Este PET foi idealizado pela professora doutora Lorena Almeida Gill, e foi aprovado pelo MEC no edital de 2009. O grupo é composto por 12 alunos bolsistas de vulnerabilidade social, que fazem parte de diversos cursos de graduação da UFPEL. Para ingressar ao PET o estudante deve se inscrever seguindo um edital de chamada pública passando por uma banca avaliadora.

Estes grupos, então, passam a desenvolver projetos no âmbito da pesquisa, ensino e extensão. Nesse sentido, o PET contribui de maneira a ampliar o desenvolvimento de aprendizagem dos participantes agregando conhecimento e contribuindo para experiências valiosas. Segundo Silva (1996) ensino, pesquisa e extensão constituem as três funções básicas da Universidade, as quais devem ser equivalentes e merecer igualdade em tratamento por parte das instituições de ensino superior, pois, ao contrário, estarão violando esse preceito constitucional.

Para a UFPEL, projetos como o PET são de suma importância para a formação dos seus alunos, ainda mais quando neles encontra-se conexão de saberes interdisciplinares e trabalho em equipe. Os grupos PET interdisciplinares de conexão de saberes são os grupos que selecionam alunos de diversos cursos, trazendo um conhecimento diversificado para a produção de suas atividades.

O PET Diversidade e Tolerância possui mais de 50 projetos que abrangem o tripé acadêmico, mas daremos ênfase aos seguintes projetos, que tem ênfase na extensão universitária: : *PET Explica Casa Indígenas e Quilombola, Oficina no Grupo de Idosos na Universidade Aberta para Pessoas Idosas (UNAPI), O que leem as Petianes, Protagonismo Negro, Jornal Conectando saberes e oficinas da IX Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária (JURA).*

Neste sentido, o presente trabalho busca apresentar ações e projetos desenvolvidos pelo PET DT, problematizando os reflexos e contribuições destas ações para a comunidade local.

2. METODOLOGIA

A extensão, sobre a qual será focado o presente trabalho, nada mais é que a troca entre a comunidade e a universidade através de projetos que possam gerar um impacto social, de maneira que retribua o investimento gerado pelo governo proporcionando vivências diversas que contribuem para a formação do acadêmico. Segundo Oliveira e Garcia (2009) extensão, hoje, articula um processo educativo, cultural e científico, ao lado do ensino e da pesquisa, gerado pela possibilidade e pela força articuladora que está na natureza das ações nascidas das relações sociais e comunitárias. Além de servir ao povo, os projetos ajudam na formação profissional dos estudantes.

Sendo assim, foi realizada uma análise de alguns projetos voltados para a comunidade, a partir de uma relação mútua de aprendizagem, pois, segundo Menezes (1983), a extensão é um serviço social para com a sociedade, sendo ele essencial aos estudantes e ao público.

O *Projeto PET Explica* visa aproximar assuntos da Universidade à comunidade, explicando assuntos associados a vida acadêmica, como acessala, ou facilitando assuntos científicos com uma linguagem mais popular. A primeira atividade do PET Explica foi realizada na Casa indígena e quilombola da UFPEL, com a temática “O que você precisa saber ao entrar na Universidade?”, teve como proposta um café da manhã e uma roda de conversa a fim de tirar dúvidas dos moradores da casa com o intuito de apresentar e acolher os recém chegados à universidade, ocorreu no sábado 15 de julho de 2023 pela manhã.

A *Oficina grupo de idosos UNAPI*, onde a UNAPI surge como forma de oportunizar à população idosa um espaço educacional, social e cultural gerando uma troca de experiência entre gerações.

O *que leem as petianes* é um projeto que estimula a leitura dos membros do PET e do público externo, apresentando livros e artigos.

Protagonismo Negro é um projeto que visa destacar as pessoas negras que muitas vezes ficam apagadas em nossa sociedade racista, a fim de divulgar suas trajetórias a toda população.

O *Jornal Conectando Saberes* trata-se de um projeto a fim de estimular o pensamento crítico dos petianos a partir da pesquisa e escrita de seus textos, e poder compartilhar tanto com a comunidade acadêmica quanto com o público em geral.

Além disso, o grupo PET DT participou da *IX Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária (JURA)*, intitulada: Reforma Agrária Popular - Em defesa da natureza e dos alimentos saudáveis. A JURA possui o intuito de apresentar e criar espaços de debates acerca da reforma agrária, na qual implique na produção e consumo de alimentos agroecológicos. Essa jornada é desenvolvida por diferentes instituições de ensino e movimentos sociais, envolvendo um conjunto de ações que são implementadas por meio de: atividades culturais, rodas de conversas, exposição e comercialização de produtos agroecológicos e oficinas pedagógicas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O PET DT desde sua criação planeja e realiza atividades de suma importância para o aprendizado e para sua comunidade, dentre as tantas, no presente trabalho destacamos as que tiveram relevância significativa e que foram escolhidas pela autora e suas co-autoras.

O projeto *o que leem as petianos* foi criado em 2021, trata-se de uma atividade de divulgação dos livros e artigos lidos pelos petianos com temáticas variadas escolhidas pelo grupo. Em agosto deste ano, por exemplo as publicações se deram sobre a visibilidade lésbica. O objetivo é incentivar a formação de jovens leitores incentivando a importância da leitura tanto do grupo, como da comunidade externa, promovendo a divulgação de livros e artigos diversificados

O *Jornal Conectando Saberes* teve sua primeira edição no ano de 2011 no qual envolve todos os petianos desde a escrita dos textos, arte e confecção. A cada ano, lança novas edições no quais abordam temas de relevância para a sociedade. A 32ª edição, publicada em Agosto de 2023, foi intitulada “*Desembrulhando a Destruição: Qual Brasil depois desses quatro anos?*” e teve como intuito abordar o negacionismo nas mais variadas esferas brasileiras.

No que se refere ao *Projeto Protagonismos Negros*, é abordado como referencial principal negros e negras que foram importantes na construção da história da nossa cidade, assim como destaca também suas lutas contra as desigualdades vividas em sua época, dentre elas a luta por igualdade de direitos para todos. O projeto baseou-se no livro escrito pela professora Beatriz Loner e alguns parceiros acadêmicos; A família Silva Santos e outros escritos. Os personagens das histórias narradas foram apagados da historiografia, e buscando reconstituir essas histórias e entregá las ao público o PET - DT reuniu as informações sobre eles e desenvolveu vídeos onde contava resumidamente os passos dessas pessoas, suas demandas e lutas e as postava nas suas redes sociais, a fim de tornar pública a história das pessoas negras da cidade de Pelotas e região que não tiveram o reconhecimento merecido dado pela nossa sociedade.

Participação no *Programa Universidade para Pessoa Idosa (UNAPI)* que ocorreu em 2020, onde a antiga tutora Lorena Almeida Gill ofertou disciplinas e oficinas onde os petianos puderam se envolver em seu funcionamento. Ocorreram varal de poesias, oficinas de hipertensão, oficina de diabetes, oficina de plantas medicinais e projeto Fotografando Pelotas. Com intuito de promover novos conhecimentos aos idosos e proporcionar a troca de aprendizagem com os petianos. Durante a pandemia as oficinas ocorreram de maneira online com temáticas diversas, além de produzirem um diário de pandemia para ser um momento de explicar suas emoções e vivências.

O *PET Explica na casa Índigena e Quilombola* da UFPEL ocorreu em 15 de julho de 2023, com a temática “ O que você precisa saber ao entrar na Universidade?”, direcionado a estudantes ingressantes Índigenas e Quilombolas, através de um café da manhã com conversas sobre políticas de cotas, auxílios ofertados, e potências e desafios desses sujeitos dentro da universidade. A atividade foi uma troca enriquecedora para todos.

Entre os dias 21 de agosto e 06 de setembro do presente ano, ocorreu a IX edição da *Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária (JURA)* da região sul do Rio Grande do Sul. Nesta edição, o grupo PET Diversidade e Tolerância organizou e ministrou oficinas em escolas de Educação Básica da rede pública na região sul do Rio Grande do Sul, centradas no aprofundamento de dois temas específicos: “Reforma Agrária e Agroecologia” e “Marco Temporal”.

4. CONCLUSÕES

Em síntese, o PET Conexões de Saberes – Diversidade e Tolerância desempenha um papel fundamental na sociedade, visto o impacto que suas atividades têm para a população de Pelotas. Ao transcender os muros da universidade, suas ações promovem conhecimento e informações essenciais sobre diversidade, tolerância e inclusão. Isso não apenas fortalece os valores da UFPEL, mas também contribui para a conscientização da sociedade sobre questões críticas, tendo como eixo principal as desigualdades. Suas produções e ações têm o potencial de atingir um público amplo e, assim, influenciar positivamente a forma como a população percebe e aborda essas questões.

Nesse contexto, o investimento na ciência e na educação é fundamental, uma vez que essas áreas impulsionam a produção de conhecimento que pode embasar a formulação de políticas públicas mais inclusivas e aproximar a ciência da sociedade. O grupo PET Conexões de Saberes – Diversidade e Tolerância exemplifica como a pesquisa e a educação podem ter um impacto real na sociedade, capacitando as pessoas com informações e perspectivas que promovam a diversidade. Portanto, sua presença e compromisso em compartilhar conhecimento são essenciais para a construção de uma sociedade mais informada e justa, em última análise, contribuindo para o progresso social e o avanço dos valores democráticos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DUARTE, Bianca Leocadio. A valorização dos protagonismos negros na história de Pelotas. In: Semana Integrada UFPEL, 8., 2022, Pelotas. Anais... Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2022. p. 206.
- LOPES, L. UFMS, O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (PET) E A PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES NA UFMS. [S.l.: s.n.], [s.d.]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pet>. Acesso em: 27 ago. 2023.
- MARTINS, Iguatemy Lucena. **Educação tutorial no ensino presencial: uma análise sobre o PET**. [S.l.: s.n.], [s.d.]
- MENEZES NETO, P. E. Universidade: ação e reflexão. Fortaleza: Edições UFC; **Imprensa Universitária**, 1983. 233 p.
- UFPEL. **Institucional Projetos UFPEL. UNAPI** Disponível em: <https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/u692>. Acesso em: 26 ago. 2023.
- OLIVEIRA, T. M.; GARCIA, B. R. A extensão e seu papel na formação acadêmica. **Revista Univali**, Itajaí, v. 14, n. 1, p. 111-117, 2009.
- EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: O IMPACTO DE UM PROJETO DE EXTENSÃO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS DISCENTES NA EDUCAÇÃO SUPERIOR. [S.l.: s.n.], [s.d.]
- UFPEL. **Programa de Educação Tutorial (PET)**. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/cec/pet/>. Acesso em: 26 ago. 2023.
- UFPEL. **PET Diversidade - Sobre nós**. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/petdiversidade/sobre-nos/>. Acesso em: 27 ago. 2023.

POPULARIZAÇÃO E APLICAÇÃO DA QUÍMICA FORENSE EM SÉRIES DO ENSINO FUNDAMENTAL

CARINA MACHADO LIMA¹; CARLA DE ANDRADE HARTWIG²; CAROLINE IEQUE SILVEIRA²; GABRIELLY QUARTIERI SEJANES²; TAIS POLETTI²; CLAUDIO MARTIN PEREIRA DE PEREIRA³

¹Universidade Federal de Pelotas - carinamachadolima@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - lahbbiufpel@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - claudiochemistry@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

De acordo com Souza (2008) e outros autores, o ensino da área de Ciências pode ser um trabalho difícil de ser transmitido para os estudantes, uma vez que os métodos de ensino tradicionais utilizados podem, às vezes, serem vistos como entediantes, maçantes ou pouco proveitosos. Deste modo, contextualizar a química com assuntos da atualidade e que estejam presentes na vida dos alunos, pode aprimorar e ampliar o conhecimento, de modo que a educação brasileira acompanhe o desenvolvimento tecnológico/científico do mundo (SANTOS; SOUZA, 2016).

Nos últimos anos, pode-se observar um grande interesse na área das Ciências Forenses devido às séries televisivas como, por exemplo, *Crime Scene Investigation* (CSI), que englobam as análises de impressões digitais, exames de DNA, testes de bafômetro, entre outros (SANTOS; RIBEIRO, 2020). Desta maneira, contextualizar a química/ciência utilizando conceitos e experimentos forenses pode ser bastante promissor, pois tem-se um grande potencial para aprimorar o ensino e a aprendizagem, principalmente por conquistar a atenção dos alunos através de um método de ensino diferente, que estimula a criatividade e um lado questionador dos discentes (LIMA, 2018). Nesse sentido, o objetivo deste projeto foi realizar uma ampla divulgação das Ciências Forenses para alunos do ensino fundamental, desde as séries iniciais (1º, 2º, e 3º anos) até as séries mais avançadas (4º, 5º, 6º e 9º anos), utilizando experimentos de Química Forense como uma ferramenta de ensino. Além disso, realizar uma aproximação entre Universidade e escola.

2. METODOLOGIA

As atividades propostas foram realizadas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Margarida Gastal, localizada na cidade do Capão do Leão- RS. As práticas tiveram uma duração de aproximadamente duas horas por classe. Inicialmente, para todas as salas de aulas foram apresentados os conceitos básicos sobre as diferentes atividades acompanhadas de questionamentos e contextualizações de situações cotidianas.

Os alunos do 1º e 2º anos foram divididos em grupos para a realização da atividade prática, a qual utilizou-se pincéis, tinta guache, esponjas, folhas A4, lápis de cor e canetas hidrocor. Os alunos revelaram suas próprias impressões digitais utilizando tinta guache colorida e, em seguida, fizeram diversos desenhos utilizando essas impressões digitais como base.

Os alunos do 4º, 5º e 6º anos também realizaram atividades práticas envolvendo impressões digitais, no entanto, eles depositaram suas impressões digitais sebáceas latentes em lâminas de vidro e revelaram utilizando pós

reveladores naturais, de canela ou cúrcuma, com o auxílio de pincéis de cerdas sintéticas. Posteriormente, utilizando as suas impressões digitais que foram coletadas anteriormente com uma almofada de carimbo e depositadas em papel A4, os alunos analisaram, compararam, classificaram e identificaram suas impressões digitais.

Por fim, as atividades com o 9º ano foram realizadas na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), no Campus do Capão do Leão. Foram desenvolvidas práticas de teste de bafômetro e de revelações e classificações de impressões digitais latentes utilizando três diferentes métodos, sendo eles, método da ninhidrina, do vapor de iodo e a técnica do pó.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Ciência Forense é uma área interdisciplinar que envolve física, biologia, química, matemática e várias outras ciências de fronteira (SEBASTIANY *et al*, 2013). Neste contexto, foram escolhidas atividades relacionadas a Química Forense para fornecer uma interação e contextualização da química para alunos do ensino fundamental.

Deste modo, o principal intuito da realização das atividades com alunos do ensino fundamental foi despertar a curiosidade e o interesse com o estudo das Ciências Forenses, além de aproximar os alunos de atividades que são desenvolvidas em meio acadêmico, como no curso de Química Forense. Ademais, o contato dos alunos do 9º ano, por exemplo, com práticas realizadas no laboratório de Química da UFPel foi de extrema importância para a interação entre universidade e escola.

Com isso, observou-se que conceitos básicos sobre impressões digitais, foram capazes de despertar inúmeras curiosidades e descobertas para os alunos, além de demonstrar, de uma maneira positiva, que cada indivíduo é único por possuir impressões digitais diferentes. Logo, deve-se respeitar as diferenças e individualidades de cada ser humano. Em geral, foi possível notar uma ampla participação dos alunos durante as atividades, além do grande interesse, por meio de perguntas e curiosidades, sobre tudo que engloba as Ciências Forenses. Também se observou que os alunos ficaram instigados com a contextualização e a utilização de experimentos químicos para resoluções de alguns crimes. A **Figura 1** abaixo exemplifica o desenvolvimento das atividades realizadas e o entusiasmo dos alunos.



Figura 1. Desenvolvimento de atividades relacionadas às Ciências Forenses com alunos do ensino fundamental. (A) Árvore feita com as impressões digitais dos alunos das séries iniciais de ensino fundamental; (B) Apresentação de conceitos básicos sobre impressões digitais; (C) Demonstração de revelação de impressão digital pela reação da ninhidrina; (D) Criação de desenhos com as impressões digitais desenvolvidos pelos alunos.

4. CONCLUSÕES

A popularização das Ciências Forenses pode permitir respostas e compreensões de muitos questionamentos e dúvidas do cotidiano. Deste modo, conclui-se que utilizar experimentos no âmbito da Química Forense para a contextualização da ciência/ química no ensino fundamental foi extremamente eficaz, tendo em vista o grande interesse e o conhecimento adquirido pelos alunos, tanto para os assuntos abordados teoricamente quanto pelas práticas realizadas. Além disso, foi observada uma propagação de conhecimentos e uma aproximação entre diversos alunos do ensino fundamental com a Universidade. Por fim, com a continuidade das atividades desse projeto espera-se que ocorra uma maior expansão dessa ferramenta de ensino e aprendizagem.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIMA, J. **Novos métodos de ensino modificam cenário brasileiro**. AUN: Agência Universitária de Notícias, São Paulo, 19 fev. 2018. Acessado em 08 set. 2023. Disponível em: <https://aun.webhostusp.sti.usp.br/index.php/2018/02/19/novos-metodos-de-ensino-modificam-cenario-brasileiro/>

SANTOS, O.R., SOUZA, A. D. Utilização de experimentos de Química Forense no ensino de Química. In: **ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE QUÍMICA**, 18., Florianópolis, 2016. Os desafios da formação e do trabalho do professor de química no mundo contemporâneo. Florianópolis: Sociedade Brasileira de Química, 2016.

SANTOS, T.S; RIBEIRO. N.C.G. CSI: Investigação Criminal no ensino de Ciências – elaboração e aplicação. **Arquivos do Mudi**, v.24, n. 2, p. 7-21, 2020.

SEBASTIANY, A. P. *et al.* A utilização da Ciência Forense e da Investigação Criminal como estratégia didática na compreensão de conceitos científicos. **Educación Química**, v. 24, n. 1, p. 49–56, 2013.

SOUZA, C.M. **Ciências Forenses Em Sala De Aula**. Web Artigos, 01 out. 2008. Acessado em 07 set. 2023. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/ciencias-forenses-em-sala-de-aula/9772/>.

ENSINO DE FILOSOFIA E SOCIOLOGIA NO CURSO DESAFIO PRÉ-UNIVERSITÁRIO POPULAR: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O PERÍODO PANDÊMICO AOS DIAS ATUAIS

SIMONE MARQUES¹; GABRIELA PECANTET SIQUEIRA²; CATIA FERNANDES
DE CARVALHO³

¹Universidade Federal de Pelotas – *slima_8@hotmail.com*

²Universidade Federal de Pelotas – *gabrielapecantet@gmail.com*

³Universidade Federal de Pelotas – *catiacarvalho.ufpel@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A pandemia da Covid-19, declarada em março de 2020 pela Organização Mundial de Saúde (OMS), provocou diversas consequências na vida social. No campo educacional as escolas da rede pública tiveram que fechar temporariamente, levando a migração ao ensino remoto. Isso expôs a falta de acesso igualitário à internet e dispositivos (como celulares, computadores e tablets), agravando a desigualdade educacional. O que se tornou também uma questão de cunho político. A educação enfrentou desafios tendo em vista a necessidade de adaptação rápida dos métodos de ensino e avaliação. Muitos estudantes tiveram dificuldades de aprendizado com o isolamento social e impactos na saúde mental. Segundo Bauer, representante da UNICEF em 2020 no Brasil, a exclusão escolar durante o período pandêmico afetou principalmente quem já vivia em situação mais vulnerável. A maioria fora da escola era composta por pretas(os), pardas(o) e indígenas. E de cada 10 crianças e adolescentes fora da escola, 6 viviam em famílias com renda familiar per capita de até ½ salário mínimo. A desigualdade social presente em nossa sociedade se expressa nesse cenário de exclusão escolar, que aprofunda o distanciamento de crianças e adolescentes ao direito fundamental à educação.

Com a pandemia da Covid-19 a desigualdade e a exclusão se agravaram ainda mais. Com escolas fechadas, quem já estava excluído ficou ainda mais distante do seu direito de aprender. Os estudantes que estavam matriculados, mas tinham poucas condições de estudar em casa – seja por falta de acesso à internet, pelo agravamento da situação de pobreza e outros fatores – acabaram tendo seu direito à educação negado. As consequências foram o aumento das taxas de evasão escolar devido às dificuldades enfrentadas pelos alunos, sobretudo, devido às dificuldades de transição para o ensino remoto e outras questões socioeconômicas. O Fundo das Nações Unidas pela Infância (Unicef), estima que cerca de 4,1 milhões, de 6 a 17 anos, apresentaram dificuldade em acessar o ensino remoto em 2020 e que aproximadamente 1,3 milhão destes abandonaram a escola. No final do ano de 2020, mais de 5 milhões de crianças e adolescentes não tinham acesso à educação no Brasil.

Neste contexto, o curso Pré-Universitário Popular Desafio, projeto estratégico vinculado à Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PREC), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), também necessitou passar por uma adaptação. O curso é um projeto de extensão, em funcionamento desde 1993, que conta com uma equipe multidisciplinar de educadores e colaboradores, que atuam a fim de atender estudantes de baixa renda da região que visam ingressar em uma universidade. No período da pandemia o Desafio suspendeu as aulas presenciais e passou a ofertar aulas na modalidade *online* no período noturno. Em 2020, novas estratégias pedagógicas, planejamentos e recursos, foram

mobilizados como forma de contornar os obstáculos. No ano seguinte, em virtude da continuidade da pandemia, as aulas continuaram sendo dadas virtualmente. Em 2022, o curso voltou a ter aulas presenciais, porém, considerando o alcance propiciado pelas aulas *online*, estas também se mantiveram.

Neste período, adotamos o verbo “esperançar”, mesmo perante adversidades educacionais, como forma de atuar no ensino voltados a pessoas de baixa renda, acreditando na capacidade individual como potencial de libertação por meio da educação crítica e da ação coletiva e dialógica entre educadores e educandos (FREIRE, 1970). Assim, no presente trabalho apresentamos as rearticulações no período pandêmico, a partir do planejamento e execução das aulas de Filosofia, bem como o processo de retorno à modalidade presencial, a partir de 2022, com as aulas de Sociologia e Filosofia. O objetivo principal foi analisar as estratégias pensadas neste território extensionista a partir de um olhar freiriano.

2. METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido a partir das participações observantes e da aproximação de experiências de duas educadoras, das disciplinas de Sociologia e Filosofia, com embasamento nos princípios freirianos no projeto de extensão Desafio (PREC/UFPEL). Através da participação observante, não apenas consideramos o que aconteceu na sala de aula, mas também atuamos de forma participativa e ativa no ambiente educacional, interagindo de forma direta e pessoal com os alunos, buscando pôr em prática um olhar e uma escuta sensíveis. Tal processo nos levou a reflexões a respeito do período pandêmico, com a oferta de aulas *online*, e ao retorno das aulas presenciais, com base nas nossas experiências em sala de aula. O empirismo dessas alunas e colaboradoras tiveram um olhar atento não só para a parte do conteúdo das aulas, mas também para a situação de vulnerabilidade que se perpetua inclusive nos dias atuais pela falta de esclarecimento e acesso, principalmente no período pandêmico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O curso Desafio funciona a partir de princípios freirianos. Estes dão eticidade real à fala de Freire, que sempre dizia que a “palavra precede o mundo”. Freire desenvolveu uma abordagem educacional que enfatiza a participação ativa dos alunos no processo de aprendizado, incentivando a reflexão crítica para a transformação social. O autor sublinha a importância do diálogo como uma ferramenta central na educação e da compreensão crítica da realidade social, econômica e política das pessoas. A partir da sua abordagem, o curso Desafio se rearticulou durante a pandemia considerando, sobretudo, a realidade dos alunos. Para tanto, na disciplina de Filosofia, foram adotadas medidas considerando que os alunos, alvo do projeto, são de baixa renda, e que as ferramentas tecnológicas apresentam suas particularidades no processo cognitivo de aprendizagem. O papel da educadora foi mediar a matéria e conteúdos necessários a serem trabalhados em aula buscando entender o contexto dos estudantes e a melhor ensiná-los de forma a favorecer a construção do pensamento crítico-filosófico dos estudantes (FREIRE, 1996).

As aulas, em 2020, foram realizadas e gravadas pela *Webconf*, plataforma oficial da UFPEL, com reprodução no canal no *YouTube* do curso (a playlist referentes às aulas de Filosofia está disponível em:

<https://youtu.be/w5mWjUOqS6U>). Em 2021, as aulas do Desafio continuaram sendo realizadas por esta plataforma, mas para estimular uma maior participação dos alunos em aula, foi decidido pela não publicação no *YouTube*. Além disso, ferramentas complementares também foram utilizadas, como o uso de apostila *online*, construída com uma linguagem acessível e mais coloquial para a compreensão de todos os alunos do projeto, auxiliando o entendimento e alcançando, ainda, um público tanto dentro do município de Pelotas como de outros estados do Brasil. O uso das redes sociais, como o *Instagram*, com postagens para motivar os alunos, também foram utilizadas. Colaboradores da área de *designer* gráfico participam ativamente na divulgação e elaboração com a ajuda dos educadores, que previamente enviavam o material das aulas a serem explanadas.

O retorno às aulas presenciais do curso, em 2022, evidenciou uma série de consequências deixadas pela pandemia, tanto para os educadores quanto para os alunos. Importante considerar que os educadores e colaboradores, em sua maioria, são discentes da UFPEl, que também tiveram que migrar ao ensino remoto no período pandêmico, enfrentando falta de interação presencial e diminuição da motivação e engajamento em seus estudos. O reflexo mais evidente foi a significativa evasão destes no Desafio. O curso realiza chamadas para a integração anualmente, e no contexto pós-pandêmico redobrou esforços para fortalecer a equipe de educadores. Embora esses necessitem de horas complementares em sua graduação, a falta de colaboradores ainda é crescente quando comparado a demanda de alunos interessados no projeto. Tendo em vista que muitos dos colaboradores são também de outras cidades, muitos ainda participam ativamente de forma *online*, mas sempre presentes. Uma das maiores dificuldades ainda é a falta de estrutura de alguns colaboradores alunos, que além de terem que manter os seus estudos, tem que se esforçar para manter a excelência como educadores do projeto presencial ou remoto.

Durante o período de ensino remoto, muitos alunos tiveram acesso desigual à educação devido à falta de recursos tecnológicos, conexão à internet e suporte em casa. Isso resultou na defasagem de aprendizado, aumentando a necessidade de estratégias para lidar com essa disparidade. Nas aulas de Sociologia, em 2022, uma das estratégias adotadas para despertar o interesse e a compreensão dos conteúdos foi aproximar estes com o cotidiano dos estudantes, por meio de conexões tangíveis com sua realidade. Foram utilizados memes, exemplos a partir de notícias nas mídias e assuntos em voga para gerar debates e conexões entre a vida cotidiana e os conceitos, teorias e autores apresentados em sala de aula. Na área de Filosofia não foi diferente, com a apresentação de filmes, memes e informações que contribuíssem para o melhor entendimento dos educandos. Temas de internet e situações que traziam para a realidade do dia a dia.

4. CONCLUSÕES

A prática extensionista universitária traz o potencial de promover pontes entre a universidade e a sociedade em geral que possibilita as trocas de conhecimentos e saberes. Às educadoras estudantes universitárias, autoras deste trabalho, o projeto Desafio possibilitou a reflexão e reconstrução de conhecimentos docentes na prática, bem como o aprofundamento teórico nas respectivas áreas de formação, contribuindo a sua atuação em sala de aula para sua futura ação profissional. De acordo com o *Guia do Extensionista da UFPEl*

(2019), um profissional, de qualquer área, com qualidade social é aquele que tem consciência social, que se importa com a comunidade na qual vive e que deseja o progresso social que, em síntese, é a melhoria da qualidade de vida da população (p. 6). Segundo o Plano Nacional de Extensão Universitária (2001), o conceito de extensão universitária aparece como dimensão “capaz de imprimir um novo rumo à universidade brasileira e de contribuir significativamente para a mudança da sociedade” (BRASIL, 2001, p. 2). Com o advento da pandemia de COVID-19, vários obstáculos foram enfrentados. A nova realidade acelerou a adoção de tecnologias educacionais e trouxe desafios únicos para os professores, como o ensino remoto e a adaptação às mudanças nas dinâmicas de sala de aula. Durante um período pandêmico o curso Desafio nos fortaleceu em várias reflexões. A vivência em torno do conceito de Educação nos faz questionar a integridade do educador, a capacitação do educando, a realidade do discente e a real obrigação enquanto nós educadores temos, no papel de inclusão do aluno. O projeto Desafio almeja ajudar cada vez mais quem o sistema exclui. A proposta do projeto é adaptar-se cada vez mais com o novo “normal” pós pandemia. Nesse sentido, seguindo o exemplo de Freire, usar o esperar é fazer *Fazer* o que podemos com a capacidade que temos e não esperar que algo chegue mas usar as ferramentas necessárias e possíveis do momento para contribuir e tirar esse conceito tão grande de opressão a esperança nos faz entender nosso papel como docente também como cidadãos políticos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu/MEC. **Plano Nacional de Extensão Universitária**, Edição Atualizada. 2001.

FREIRE, . **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

UFPel. **Guia do Extensionista da UFPel**. Pelotas: Ed da Ufpel, 2019.

UNICEF – Fundo das Nações Unidas pela Infância. **Cenário da Exclusão Escolar no Brasil**: Um alerta sobre os impactos da pandemia da COVID-19 na Educação. 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/14026/file/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil.pdf>

DESAFIOS DA PERMANÊNCIA EM UM CURSO POPULAR PRÉ-UNIVERSITÁRIO: AS MOTIVAÇÕES PARA EVASÃO ESTUDANTIL ENTRE EDUCANDOS

GABRIEL CALEGARO¹; RAQUEL PERES MACÊDO²; GUILHERME LUBKE QUEVEDO³; CÁTIA FERNANDES DE CARVALHO⁴; GABRIELA PECANTET SIQUEIRA⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – gcalegaro@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – raquelmacp@outlook.com

³Universidade Federal de Pelotas – guilubke@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – catiacarvalho.ufpel@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – gabrielapecantet@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Desafio Pré-Universitário Popular é um projeto de extensão vinculado a Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PREC), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), e visa a inclusão social de estudantes em situação de vulnerabilidade social através do ingresso ao ensino superior (FACIN; ANTUNES, 2017). Iniciado em 1993, através de princípios freireanos de educação popular e sendo composto majoritariamente por discentes de graduação e pós-graduação da UFPEL, o Desafio promove aprendizados a discentes de vários cursos da UFPEL e possibilita o ingresso de inúmeras pessoas em universidades públicas e privadas (FACIN; ANTUNES, 2017).

A educação popular, baseada na inclusão social de seus educandos, visa proporcionar o desenvolvimento de um pensamento crítico para que estes reconheçam sua posição perante a sociedade e seu poder para modificá-la, através da contextualização de seus conteúdos de acordo com a vida deles (LESSA, 2021). Os cursos populares desempenham um papel crucial em manter o aprendizado e o acesso de estudantes de baixa renda à universidade através da educação popular.

Com as diferentes adversidades decorrentes da pandemia de Covid-19 em 2020, adaptações foram necessárias para a continuidade do trabalho do Desafio, como a oferta de aulas remotas (FABRIS et al., 2020). Em 2023, após o contexto pandêmico, o Desafio passou a enfrentar uma forte evasão estudantil nas duas turmas do projeto, presencial e remota, o que suscitou a criação de uma comissão específica para desenvolver uma pesquisa a fim de compreender os possíveis motivos relacionados à evasão dos educandos, a Comissão de Permanência Estudantil (CPE).

Em primeiro momento, foi realizada uma coleta de dados por meio de questionários aplicados a ambas as turmas. Neste trabalho, apresentaremos os resultados preliminares obtidos com a pesquisa com foco na análise descritiva das motivações dos educandos para a evasão estudantil referentes à turma presencial.

2. METODOLOGIA

Através de um questionário semiestruturado, com 40 perguntas, em blocos sobre perfil sociodemográfico, trabalho e atividades domésticas, transportes, sede do projeto, satisfação e motivação com o projeto, internet e conectividade, tempo de estudo e evasão. Para este trabalho, foram utilizados apenas os dados do bloco sobre evasão, sendo questionado se o educando pensou em evadir e por qual motivo.

A CPE do Desafio realizou a coleta de dados através do *Google Forms* entre os dias 26 e 30 de junho. Durante o período de coleta de dados e para garantir a participação de todos os educandos do projeto, foi enviado o link do questionário em grupos de *WhatsApp* das turmas por educadores da CPE com lembretes diários para participar desta pesquisa. A participação dos educandos foi voluntária e confidencial, tendo a participação de 34 dos 35 educandos matriculados.

Foi realizada uma análise descritiva do quantitativo de educandos que pensaram em evadir e uma análise temática para o agrupamento e codificação dos dados sobre motivação para a evasão estudantil. A codificação e a análise descritivas foram realizadas no *Microsoft Excel* (2013).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os principais resultados sobre evasão estudantil demonstram que a possibilidade de evasão atingiu 44,2% dos educandos, com 26,5% que quase desistiram do Desafio (Figura 1). Os principais motivos citados são a dificuldade de conciliar as atividades do projeto com outras tarefas, problemas psicológicos, problemas familiares e ficar muito cansado em função da rotina diária (Figura 1).

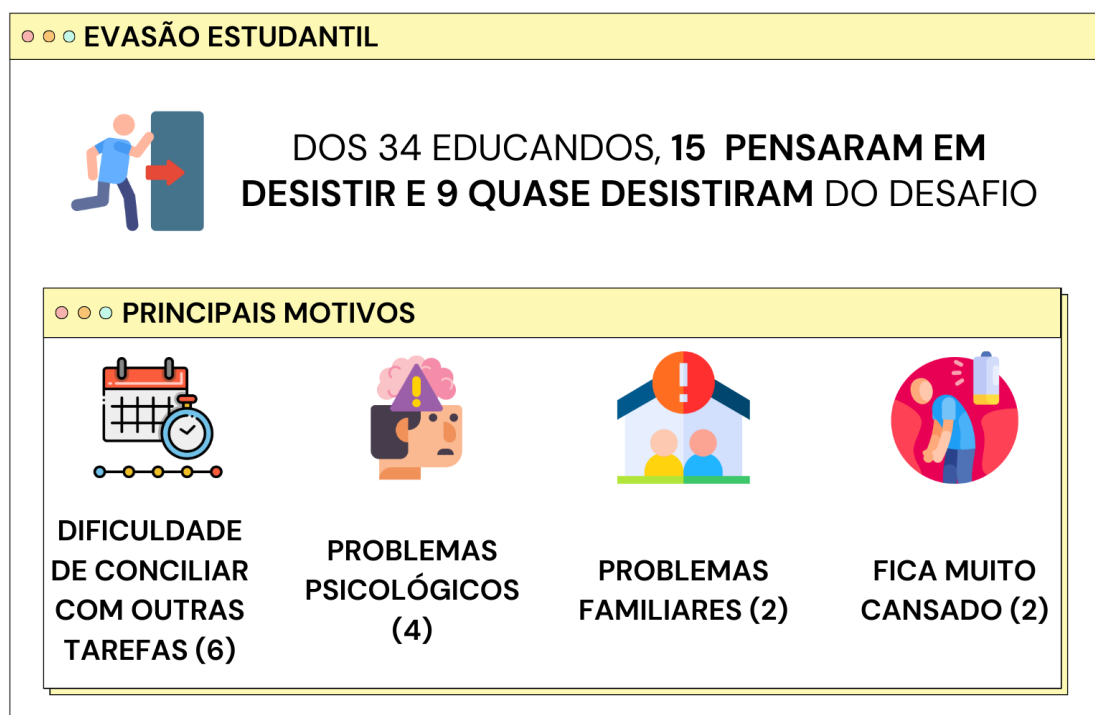


Figura 1. Motivações para evasão estudantil entre educandos da turma presencial do Desafio Pré-Universitário Popular. (n=34)

A dificuldade de conciliar as tarefas domésticas, de trabalho, pessoais e escolares com as atividades presenciais do projeto foi a motivação mais citada

enquanto resposta principal dos educandos. Problemas psicológicos, auto relatados, foi a segunda motivação mais citada enquanto resposta principal dos educandos, em que os educandos relatam sentimento de insegurança, medo do fracasso e transtornos como ansiedade e depressão. Problemas familiares e ficar muito cansado em função da rotina diária também foram citadas enquanto motivações para considerar a evasão, mas todas as respostas foram sucintas, sendo as menos citadas enquanto motivações principais.

As duas principais motivações ficam ilustradas, respectivamente, nestas duas respostas de educandas diferentes:

“Me senti desmotivada pois parei de ir a terapia, pois o único turno disponível que eu tinha para ir a terapia era a tarde, por isso me senti sobrecarregada. Pois além disso, trabalhava em 'bicos', ajudava com as tarefas de casa e a supervisionar as atividades diárias da minha irmã, como verificar se fez os deveres da escola, se fez as tarefas da casa, se comeu no horário certo, se se arrumou para ir para escola, pois como minha mãe trabalha e é mãe solo, ela não pode fazer isso por minha irmã.”
- Mulher, parda, menos de 18 anos, reside no Centro, renda familiar de menos de um salário mínimo.

“Desmotivada, depressão, pensamentos que me dizem que sou incapaz de concluir a faculdade dos sonhos” - Mulher, preta, 18 a 24 anos, reside no Areal, renda familiar de menos de um salário mínimo.

Nossos achados, ainda que preliminares, estão em consonância com a literatura brasileira sobre a evasão estudantil no ensino superior, onde fatores estudantis, como atributos de persistência e autoconfiança estudantil, e fatores situacionais, como necessidade de apoiar a família em atividades domésticas e com renda, a dificuldade de conciliar os estudos com atividades de trabalho, aspectos psicológicos e outras circunstâncias da vida pessoal, que são muito influenciados pelo nível socioeconômico dos educandos (DOS SANTOS; PILATTI; BONDARIK, 2022; TEIXEIRA; MENTGES; KAMPFF, 2019)

4. CONCLUSÕES

Em um contexto pós pandêmico, onde as famílias de menor nível socioeconômico foram as mais afetadas, necessitando de novos arranjos de organização familiar, nossos achados demonstram que a necessidade de estar mais presente no contexto doméstico, seja cuidando dos afazeres domésticos ou trabalhando para prover o sustento do domicílio, e o estado de saúde mental acabam sendo fatores que têm grande peso na tomada de decisão dos educandos para a evasão do projeto.

Acreditamos que este trabalho se constitui como um importante passo na sistematização dos contextos e reivindicações de aprimoramentos e demandas dos educandos necessárias à longevidade e resistência de um projeto histórico da UFPEL junto à comunidade pelotense. A partir disso, as ações CPE no âmbito do projeto de extensão Desafio, devem ser baseadas nas evidências e contexto dos educandos retratados nos dados obtidos a partir desta pesquisa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOS SANTOS, Cidmar Ortiz; PILATTI, Luiz Alberto; BONDARIK, Roberto. Evasão no ensino superior brasileiro: conceito, mensuração, causas e consequências. **Debates em Educação**, v. 14, n. 35, p. 294-314, 2022.

FABRIS, S.D.; CARRARA, A. J. T.; ALVES, B. F.; LEAL, N. M. P. M. DESAFIO PRÉ-UNIVERSITÁRIO E A DIVULGAÇÃO DE AULAS EM TEMPOS DE ENSINO REMOTO. **Congresso de Ensino de Graduação**, 6., Pelotas, 2020. Pelotas: Pró-reitoria de Ensino, 2020.

FACIN, Helenara Plaszewski; ANTUNES, Denise Dalpiaz. Projeto de extensão Desafio: compromisso social, formação docente e ensino superior. **Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación**, p. 197-200, 2017.

LESSA, Ingrid Medeiros. **Pré-universitário popular como espaço de desenvolvimento da educação ambiental: um estudo a partir do desafio Pup**. 2021. 98f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande.

TEIXEIRA, Rita de Cássia Petrarca; MENTGES, Manuir José; KAMPFF, Adriana Justin Cerveira. Evasão no ensino superior: um estudo sistemático. **Publicação em final de outubro, 2019, Brasil.**, 2019.

CARTOGRAFIA SOCIAL COMO METODOLOGIA DE APOIO AO PROCESSO DE PROJETARCOM

SAMANTA QUEVEDO DA SILVA¹; JUAN MANUEL DIEZ TETAMANTI²;
ADRIANE BORDA ALMEIDA DA SILVA³

¹Faurb/UFPEL – samantaq@outlook.com¹

²UNPSJB – juan.dt@conicet.gov.ar²

³Faurb/UFPEL – adribord@hotmail.com³

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho busca refletir os resultados da ação “Cartografia Social na escola EFASUL/Canguçu”. Esta ação foi elaborada para aliar um interesse de ensino – desenvolvimento de um TFG (Trabalho Final de Graduação) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (FAURB/UFPEL) – a uma demanda de promoção da construção de sede própria de uma escola de segundo grau do ensino médio e técnico, a Escola Família Agrícola da Região Sul (EFASUL), situada no município de Canguçu. De caráter extensionista, esta ação teve o objetivo de compreender como os estudantes se apropriam dos espaços existentes, quais os desejos, percepções e sentimentos sobre o espaço da escola, a partir da metodologia da cartografia social. Desta maneira, existiu a proposta de entender como devem ser pensados os espaços construídos da escola, para o desenvolvimento de um projeto arquitetônico.

A ação de extensão permite a troca de conhecimentos e interação entre os envolvidos, elementos fundamentais para o desenvolvimento de um projeto arquitetônico, quando pode contar com a colaboração dos principais atores que utilizam os espaços projetados. Britto (2021) facilita compreender a dinâmica necessária para projetar de maneira colaborativa, nomeada no referido estudo como “Projetarcom”. A dinâmica mencionada propõe a inclusão de todos os atores, humanos (usuários, legisladores) e não humanos (meio ambiente, meios técnicos, recursos) no processo de projeto. Com isto, integra o design especializado, realizado pelo projetista, com o design difuso, praticado por pessoas com conhecimentos prévios diversos, teóricos e/ou práticos. A abordagem Projetarcom introduz no projeto uma complexidade maior de possibilidades e variações de propostas, pois cada indivíduo irá contribuir e opinar de acordo com aquilo que conhece, necessita e afeta suas vidas no dia a dia, assim como cada elemento não humano irá condicionar ou determinar decisões projetuais.

A cartografia social é uma metodologia que pode dar apoio no desenvolvimento da dinâmica do Projetarcom, através da construção coletiva de mapas e de um diálogo recíproco entre os participantes e envolvidos na atividade. Deve-se estabelecer um vínculo em que todos se sintam confortáveis em compartilhar conhecimentos, sentimentos, experiências e ideias referente a qualquer tipo de assunto que se deseja trabalhar. O sistema de representação é “social”, onde não há um mapa pré-estabelecido, mas sim o desenvolvimento de um mapa próprio, coletivo e criativo, que representa a forma de como esse coletivo vê o mundo (TETAMANTI, 2019).

2. METODOLOGIA

A ação foi estruturada a partir das seguintes etapas: 1) Revisão Bibliográfica: compreendendo-se a dinâmica do Projetarcom e a importância da colaboração do ator difuso no processo de projeto; e as estratégias metodológicas da cartografia social, compreendendo como desenvolver uma atividade de extensão que resulte em informações fundamentais para o processo de projeto; 2) Planejamento de um dispositivo: um roteiro, que é um percurso que apresenta direcionamentos para o coletivo durante a oficina (figura 1), onde considera-se o objetivo a ser mapeado, quem irá participar (os cartógrafos sociais) e em qual espaço físico será realizado; 3) Realização da atividade: a partir do roteiro os mapas foram desenvolvidos, neste estudo, envolvendo estudantes, sendo levados materiais como cartolinas grandes, canetinhas coloridas para cada um dos estudante, postites e doces (como adicionais na atividade); 4) Apresentação e discussão: cada grupo apresentou o seu mapa para a turma; 5) Análise dos resultados: os mapas criados pelos estudantes foram escaneados para o desenvolvimento da sistematização dos resultados; para cada mapa foi feita uma planilha para entender os espaços que os estudantes utilizam atualmente na escola e quais os desejos para o futuro da EFASUL; 6) Reflexões para o desenvolvimento do programa de necessidades do projeto arquitetônico da escola e para o zoneamento e configuração de alguns ambientes do projeto.

Figura 1: roteiro desenvolvido para a atividade

Estágio	Aspecto	Estágio	Aspecto	Obs.
Estágio 1 (cor marrom)	Vamos desenhar todos os espaços que acessamos e ocupamos quando estamos na EFASUL. Além de desenhar, vamos descrever com palavras ou frases o tipo de atividade que fazemos em cada um dos lugares desenhados. (Lugares de estudo, lazer, descanso, alimentação, etc.)	Estágio 3 (cor azul)	Vamos desenhar ou descrever o que poderia existir na EFASUL que não temos hoje. Podemos imaginar qualquer coisa que quisermos, vamos ativar a imaginação.	Além de desenhar ou escrever, podemos criar ícones, símbolos ou o que acharmos necessário para produzir o mapeamento. Toda a liberdade está nas mãos dos cartógrafos sociais.
Estágio 2 (cor verde)	Vamos descrever as qualidades dos espaços da EFASUL. Quais os espaços que nos sentimos confortáveis aqui na escola. Quais palavras podemos utilizar para expressar as memórias afetivas que temos com este lugar. Porque gostamos desses lugares.	Estágio 4 (post-it)	Vamos escrever em post-it e colar no mapa o que não temos na EFASUL, mas que temos na nossa casa. O que sentimos falta de casa quando estamos na EFASUL.	
		Estágio 5	Apresentamos os mapas	

Fonte: Autores, 2023.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seleção do local desta ação decorreu da proposta da primeira autora em desenvolver o tema do TFG referente à escola EFASUL. A motivação surgiu no ano de 2019, a partir do atendimento voluntário de uma demanda desta Escola para auxiliar os estudantes na apropriação de tecnologias digitais (edição de texto, planilhas, criação e apresentação de slides), conforme registrado em Garcez et al. 2020. Durante esta atividade extensionista, percebeu-se a precariedade das instalações da Escola, as quais são provisórias embora haja a possibilidade de construção de uma sede própria no mesmo terreno onde hoje se situa. Espaços adequados para o desenvolvimento das atividades seria algo transformador para a realidade da EFASUL.

Participaram da oficina um total de 17 estudantes com 13 meninos e 4 meninas. A atividade foi realizada na sala de aula da EFASUL, em um período de 3 horas. No primeiro momento, houve a organização da oficina: disposição das mesas, divisão da turma em três grupos de 5 a 6 pessoas, distribuição das cartolinas, canetinhas e postites. Logo após, cada grupo recebeu o roteiro e o período de desenvolvimento dos mapas foi em torno de 2 horas. Para estimular a dinâmica e tornar mais descontraída, foram distribuídos doces ao longo da atividade e músicas escolhidas pelos estudantes foram ativas para tocar no

celular. Logo, quando terminaram o desenvolvimento dos mapas, cada grupo apresentou suas representações e desejos, destacando os espaços que utilizam quando estão na escola, as qualidades, o que gostam desses lugares, o que está faltando na EFASUL e o que eles sentem falta de casa enquanto estão na escola. Isto porque, a escola possui a pedagogia da alternância, onde há uma troca de saberes, entre o saber cultural recorrente pelo estudante/família e o saber técnico introduzido no ensino escolar (EFASUL, 2018). Logo, os estudantes passam uma semana na escola e a outra na propriedade agrícola da família. Na figura 2, pode-se observar registros do momento de desenvolvimento e apresentação dos mapas.

Figura 2: registros do desenvolvimento dos mapas durante a oficina.



Fonte: Autores, 2023.

O desenvolvimento desta atividade, permitiu compreender quais os locais que os estudantes utilizavam enquanto estavam na escola e gerou um repertório para o levantamento do lugar realizado para o TFG, referente ao que acontece em cada um dos espaços mencionados. Os desejos em relação aos espaços, dispostos na tabela 1, foram associados aos três tipos de atividades: área dos alojamentos, com os dormitórios, espaços de lazer e convivência; área das aulas teóricas, com salas de aulas e de apoio aos estudos; área de produção, onde são realizadas as aulas práticas. Os resultados proporcionaram o entendimento de como seria a escola dos sonhos dos estudantes, em termos de projeto arquitetônico e de interiores. O roteiro da atividade buscou deixar espaço para a expressão de forma livre, para que o estudante pudesse imaginar qualquer tipo de coisa para a escola.

Tabela 1: sistematização dos mapas desenvolvidos durante a oficina

	DESEJOS DOS ESTUDANTES		
	AMBIENTES INTERNOS	AMBIENTES EXTERNOS	EQUIPAMENTOS
ALOJAMENTOS	Sala de jogos (carteado, sinuca, ping-pong, tv para jogos) ; Refeitório maior e devidamente equipado; Espaço para fazer churrasco; Espaço para colocar roupas de cama; Um banheiro em cada dormitório; Mais um banheiro maior; Garagem; Mais quartos.	Cobertura e passarela de cimento conectando os espaços nos dias de chuva; Espaços cobertos para os fumantes nos dias de chuva; Estacionamento coberto; Mesa Futmesa; Casinha para os cachorros; Bancos; Marcação e emparelhamento do terreno no campo de futebol/vôlei; Rede nas traves	Bebedouros ; Porta com fechadura nos quartos; Armário com fechaduras; Tvs e Sofás; Churrasqueira; Material esportivo
AULA TEÓRICA	Laboratório de física e química; Biblioteca; Sala de cine debate; Sala de Informática; Mais duas salas de aula; Sala de música		Computadores
ÁREA DE PRODUÇÃO		Produção animal	Trator; Implementos Agrícola

Fonte: Autores, 2023.

A escola abrange uma pluralidade de povos, como filhos de agricultores, assentados de reforma agrária, quilombolas e jovens que se encontram na área urbana e que um dia foram expulsos da área rural (Portifólio da EFASUL, 2023). Dispõe de uma infraestrutura provisória e se sustenta com poucos recursos financeiros. Neste contexto, a partir da cartografia, foi possível compreender a

importância de projetar um local qualificado para que possa ser identificado como moradia e escola ao mesmo tempo, com espaços de descanso para além de um dormitório e espaços de estudo para além da sala de aula. Os estudantes relataram que a escola não possui o reconhecimento e a visibilidade necessária no município, mencionando sobre a falta de apoio no auxílio transporte. Compreende-se que a arquitetura pode ser um meio de impulsionar um empoderamento social, no sentido de construir um sentimento de pertencimento ao lugar. Materializar os desejos desses estudantes em um projeto arquitetônico, pode contribuir para a construção de sonhos e transformação da condição em que lhes foi imposta pela sociedade, que inviabiliza o ensino da alternância em comparação ao ensino tradicional.

4. CONCLUSÕES

A atividade de extensão através da dinâmica da metodologia da cartografia social, permitiu a interação do design difuso com o design especializado, mencionado no estudo do Projetarcom. Introduziu o estudante no processo de projeto, como apoio à estruturação do programa de necessidades que subsidiará o desenvolvimento do projeto arquitetônico da Escola, a ser desenvolvido pela primeira autora. O estudo segue avançando com a adição dos demais atores a serem envolvidos, sob a intenção de sobreposição dos mapas dos desejos para que logo se possa retornar à escola com as propostas de projeto, e aí então, problematizar as ideias com o coletivo, para que efetivamente atuem no processo de desenvolvimento do projeto arquitetônico.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITTO, T. F. **PROJETAR É PROJETARCOM: O processo de projeto como construção coletiva**. 2021. 134f. Tese (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas.

EFASUL. **Escola Família Agrícola da Região Sul**. Youtube, 9 de jul. de 2018. Acessado em 26 de jul. de 2023. Online. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QAQN0Epyuk>

GARCEZ, L. P.; SILVA, S. Q.; SILVA, A. B. A. Aprendizagens Compartilhadas em Alfabetização Digital: Uma Ação Extensionista junto à Escola Família Agrícola da Região Sul. In: **XXVIII CICLO DE PALESTRAS SOBRE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO**, Porto Alegre, 2020. Anais do XXVIII CICLO DE PALESTRAS SOBRE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2020. p. 21-30.

PORTIFÓLIO EFASUL. **ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DA REGIÃO SUL**. 2023. Disponibilizado pela coordenadoria da escola.

TETAMANTI, J. M. D. **CARTOGRAFÍA SOCIAL: Claves para el trabajo en la escuelas y organizaciones sociales**. Patagonia: Esp. Gladys Alcarraz, 2019.

UMA ABORDAGEM PARA O ENSINO DE ESTRUTURAS DE DADOS HOMOGÊNEAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

RAFAEL SEABRA FERRÃO¹; LUIZE VARGAS ABREU²; LUCIANA FOSS³;
SIMONE A. DA COSTA CAVALHEIRO⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – rafael.sf@inf.ufpel.edu.br

²Universidade Federal de Pelotas – lvabreu@inf.ufpel.edu.br

³Universidade Federal de Pelotas – lfoss@inf.ufpel.edu.br

⁴Universidade Federal de Pelotas – simone.costa@inf.ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O Pensamento Computacional (PC), segundo WING (2006), representa uma abordagem que visa desenvolver a capacidade de abordar os desafios complexos que permeiam o mundo contemporâneo. Essencialmente, ele busca capacitar indivíduos a questionar o quão difícil um problema é, a buscar a melhor solução disponível e, por fim, a elaborar estratégias concretas para alcançá-la com sucesso. Desta maneira, o PC estimula o desenvolvimento da habilidade de descrever problemas e soluções, uma tarefa que não é trivial.

Para isso, o PC tem presente em sua base conceitos da Ciência da Computação, como abstração, generalização, automação, decomposição e análise de problemas. A aplicação destes conceitos no ensino não apenas atende às demandas do mundo contemporâneo, mas também transcende o âmbito da Computação, abrangendo diversas outras áreas.

Neste contexto, recentemente o Pensamento Computacional foi incorporado ao Complemento em Computação à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A BNCC é um documento que tem como objetivo estabelecer diretrizes para um conjunto fundamental de conhecimentos que todos os estudantes devem adquirir ao longo das etapas da Educação Básica.

Com essa adição à BNCC, surgem novas necessidades para explorar todo o seu potencial dentro da Educação Básica. BARBOSA (2020) discorre acerca de um componente curricular, ofertado no curso de Licenciatura em Matemática, que inclui o PC. São discutidos as vantagens e os desafios de incluir este tópico na formação inicial de professores. Isto enaltece uma nova necessidade em adaptar os docentes para este novo modelo, oferecendo-lhes materiais e formações adequadas.

OLIVEIRA (2021) enumera alguns desafios no Ensino da Computação, dentro do âmbito da Computação Desplugada — que é uma metodologia recorrente no ensino básico. Entre estes desafios, destacam-se três: **desenvolvimento de atividades para além da disponibilização de equipamentos**, que está intimamente ligada à Computação Desplugada, como uma forma de contornar os problemas estruturais das escolas; **desenvolvimento de abordagens para a Educação Infantil**, devido à pequena quantidade de estudos de atividades que tenham sido conduzidas neste nível, apesar de ser um dos principais potenciais do PC; **desenvolvimento e avaliação de novos materiais didáticos**, pois há uma carência acerca da produção de novos materiais, o que acaba limitando a viabilidade e adaptação destas atividades para diferentes contextos e realidades.

Este trabalho vem a colaborar com o atendimento a esta necessidade pela criação de novos materiais didáticos, a fim de propor uma atividade que trabalhe com estruturas de dados homogêneas, aplicando os conceitos do Pensamento

Computacional. Por meio de uma abordagem lúdica, a atividade introduz os conceitos de vetores e matrizes, estimulando os alunos a aplicarem conceitos fundamentais do PC na análise e resolução de problemas com estas estruturas.

Uma atividade proposta por BERARDI (2018) utiliza caixas de ovos para trabalhar estes mesmos conceitos de forma desplugada, porém é aplicada a estudantes do ensino superior.

Em contraste com outras abordagens, a atividade apresentada no atual trabalho se concentra especificamente no Ensino Fundamental, abordando um tópico de extrema importância no campo da Computação que é pouco explorado em outras atividades de Computação Desplugada. Muitas das demais atividades relacionadas concentram-se predominantemente na exploração de algoritmos.

O presente trabalho faz parte do projeto "Explorando o Pensamento Computacional para a Qualificação do Ensino Fundamental" (ExpPC). Esse projeto atua como uma ligação entre a academia e a comunidade no campo do Pensamento Computacional, destacando a relevância deste tópico e a importância de sua inclusão no Ensino Fundamental. Anualmente, novas atividades são propostas e implementadas em escolas municipais, juntamente com a disponibilização de planos de aula e materiais educacionais para os professores da comunidade. O ExpPC tem como objetivo tornar o Pensamento Computacional mais acessível desde o Ensino Fundamental, visando melhorar a qualidade da educação (EXPPC, 2023).

2. METODOLOGIA

Na presente seção, descreve-se a proposta da atividade “Uma Aventura no Espaço”, que vem sendo desenvolvida desde 2020 pelo ExpPC e, atualmente, passou por diversas reformulações. Dentre essas mudanças, destaca-se: **número de atividades**, que passou de 4 para 6 atividades no total, visando uma distribuição mais eficaz dos conteúdos explorados ao longo das aulas; **reescrita e criação de novos planos de aula**, oferecendo mais exemplos e assertividade quanto as terminologias que serão empregadas ao longo das aulas; **reescrita e criação de listas de exercícios**, para a prática e fixação dos conteúdos vistos em aula alinhada aos novos planos de aula; **criação de testes**, para avaliar os resultados desta atividade no aprendizado dos alunos. Essas alterações tem, como objetivo, enriquecer e avaliar o aprendizado acerca dos conceitos explorados.

Inicialmente, há um teste para ser aplicado a fim de avaliar o conhecimento genérico dos alunos acerca dos conceitos que serão desenvolvidos ao longo das atividades. Desta forma, as questões não incluem as terminologias e especificidades dos conceitos que só serão introduzidos no futuro, mas já avaliam a capacidade deles de resolver problemas semelhantes aos que serão explorados. Após o fim das atividades, este mesmo teste é aplicado, com a intenção de analisar se houve alguma melhora no desempenho dos alunos.

Essa atividade utiliza um contexto de “exploração espacial” incorporado a cenários lúdicos para, desta forma, servir como uma motivação para os conceitos explorados. Os alunos assumem o papel de astronautas responsáveis por pilotar uma nave espacial, traçar rotas de viagem entre os planetas do sistema solar e coletar e armazenar amostras de pedras para pesquisas científicas. Para realizar essas tarefas, eles utilizam vetores e matrizes, com o objetivo de tornar a aprendizagem desses conceitos mais envolvente e prática.

Assim, a atividade trabalha, de forma incremental, a utilização de um mapa do nosso sistema solar, apresentado na Figura 1, como recurso central. Na primeira

atividade, os alunos aprendem a como traçar rotas entre os planetas utilizando este mapa. Após isso, são utilizados símbolos de navegação, representados pelas setas (\uparrow , \downarrow , \rightarrow , \leftarrow), para preencher vetores que efetivamente descrevem como partir de um planeta e chegar a outro. Além disso, introduz-se as terminologias adequadas para vetores, como índices, posições e dimensão.



Figura 1: Mapa do sistema solar.

Na segunda atividade, os alunos aprendem como criar vetores de rota reversos e compostos, para ampliar suas capacidades de descrever viagens maiores e mais complexas. Na terceira atividade, eles gerenciam a bateria da nave, através de um vetor que representa a carga disponível da nave, utilizando 1's e 0's para representar células com e sem carga.

Nas atividades seguintes, a matriz é explorada de forma mais aprofundada. Na quarta atividade, os alunos são introduzidos às matrizes, utilizando caixas de ovos para representá-las. Essa atividade simula a coleta de amostras de pedras pelos alunos, permitindo que eles relacionem linhas (pedras), colunas (planetas) e posições (quantidade) para registrar o tipo de pedra, o planeta onde foi encontrada e a quantidade coletada. Na quinta atividade, outra matriz é utilizada, onde tanto as linhas quanto as colunas representam planetas, e as posições contêm a distância mínima entre eles. Os alunos devem encontrar e registrar essas distâncias.

Por fim, na última atividade, utiliza-se um jogo para retomar os conceitos trabalhados. Os alunos são divididos em equipes e recebem um objetivo, envolvendo visitar planetas e coletar amostras de pedras. Para concluir os objetivos, as equipes precisarão traçar rotas utilizando o mapa, construir os vetores de rota, gerenciar a bateria da nave e registrar as pedras coletadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade "Uma Aventura no Espaço", concebida em 2020, passou por diversas mudanças com o objetivo de aprimorá-la para sua aplicação em turmas do Ensino Fundamental. Para isso, foi necessário visitar e minuciosamente avaliar vários elementos relevantes para a execução das atividades planejadas, incluindo terminologia, exemplos fornecidos, exercícios, abordagem explicativa e materiais de apoio.

No momento atual, essa atividade está sendo aplicada a uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental do Colégio Municipal Pelotense, por meio de encontros semanais com duração de 45 minutos. Antes do início das tarefas, os alunos foram submetidos a um teste de avaliação. Ao término das atividades, esses mesmos alunos serão novamente submetidos ao teste, com o propósito de avaliar o impacto da atividade no aprendizado dos conceitos explorados ao longo dos encontros semanais.

4. CONCLUSÕES

Neste artigo, foi apresentada a atividade intitulada Uma Aventura no Espaço, criada com o propósito de promover e avaliar o desenvolvimento das competências do Pensamento Computacional. Especificamente, esta atividade se concentra na exploração de conceitos relacionados a vetores e matrizes.

Além disso, fora ressaltada a relevância deste trabalho, que se justifica pelas crescentes necessidades da educação básica, especialmente devido à inclusão da Computação na Educação Básica na BNCC. Este trabalho se destaca pela sua distinção em relação a trabalhos relacionados, uma vez que há uma notável escassez de atividades que explorem o potencial do PC no contexto do ensino fundamental, em particular, com um enfoque voltado para conceitos relacionados a matrizes e vetores.

Adicionalmente, fornecemos informações detalhadas sobre o estado atual de implementação desta atividade, bem como a sua estrutura e os conceitos abordados em suas tarefas. Acredita-se que essa atividade possui um grande potencial para aprimorar habilidades essenciais associadas à resolução de problemas, ao envolver os participantes em tarefas que exploram a temática espacial e fazem uso de vetores e matrizes para representar essas situações.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, L. da S.; LUCIANA; MALTEMPI; VINÍCIUS, M. Matemática, pensamento computacional e bncc: desafios e potencialidades dos projetos de ensino e das tecnologias na formação inicial de professores. **Revista Brasileira de Ensino de Ciências e Matemática**, v. 3, n. 3, nov. 2020.

BERARDI, R. C. G.; BIM, S. A.; MACUCH, R.; FORNO, L. F. D. Experiência de uso de caixas de ovos no apoio ao ensino de vetores e matrizes. In: **Anais do XXVI Workshop sobre Educação em Computação**. Porto Alegre, RS, Brasil: SBC, 2018.

ExpPC. **Explorando o Pensamento Computacional para a Qualificação do Ensino Fundamental**. Acessado em 22 set. 2023. Online. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/pensamentocomputacional>

OLIVEIRA, W.; CAMBRAIA, A.; HINTERHOLZ, L. Pensamento computacional por meio da computação desplugada: Desafios e possibilidades. In: **Anais do XXIX Workshop sobre Educação em Computação**. Porto Alegre, RS, Brasil: SBC, 2021. p. 468–477.

WING, J. M. Computational thinking. **Commun. ACM**, Association for Computing Machinery, New York, NY, USA, v. 49, n. 3, p. 33–35, mar 2006.

O PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DOS ESTUDANTES DO DESAFIO PRÉ-UNIVERSITÁRIO POPULAR

RAQUEL PERES MACÊDO¹; GABRIELA PECANTET SIQUEIRA²; GUILHERME
LUBKE QUEVEDO³; CÁTIA FERNANDES DE CARVALHO⁴; GABRIEL
CALEGARO⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – raquelmacp@outlook.com

²Universidade Federal de Pelotas – gabrielapecantet@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – guilubke@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – catiacarvalho.ufpel@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – gcalegaro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Desafio Pré-Universitário Popular é um projeto de extensão da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), onde seus processos didático-pedagógicos são guiados pelo conceito de Educação Popular, que é pautado da inclusão social de seus educandos, contextualizando seus conteúdos de acordo com a vida dos mesmos, proporcionando o desenvolvimento de um pensamento crítico para que estes educandos reconheçam sua posição perante a sociedade e seu poder para modificá-la (LESSA, 2021).

Neste ano, 2023, com a crescente evasão dos educandos em ambas as turmas, presencial e remota, foi constituída uma comissão, Comissão de Permanência Estudantil (CPE), com o objetivo de investigar esta situação e, a partir do resultado desta investigação, propor ações para garantir uma maior retenção de educandos no projeto.

No contexto escolar, a evasão estudantil está associada a fatores como a condição socioeconômica, necessidade do aluno de trabalhar, falta de transportes, motivação para permanecer na instituição (ROSA, 2020). Visando ter um melhor entendimento do contexto de vida dos educandos, este processo de investigação foi realizado por meio de uma coleta de dados por meio de questionários aplicados em ambas as turmas. Neste trabalho, apresentaremos os dados quantitativos preliminares do questionário aplicado à turma presencial sobre perfil sociodemográfico, trabalho e transporte.

2. METODOLOGIA

Os dados utilizados são provenientes de questionário semiestruturado, com 40 perguntas, em blocos sobre perfil sociodemográfico, trabalho e atividades domésticas, transportes, sede do projeto, satisfação e motivação com o projeto, internet e conectividade, tempo de estudo e evasão. Para este trabalho, foram utilizados apenas os dados sobre perfil sociodemográfico, trabalho e transportes.

As variáveis sociodemográficas utilizadas foram gênero, raça/cor, faixa etária, renda familiar, bairro de residência, número de moradores por domicílio e situação de trabalho. Para os educandos que trabalham é questionado se sua renda é essencial para o domicílio. Sobre transportes, a variável utilizada foi meio de transporte utilizado para ir até o projeto, caso utilizasse ônibus, era questionado se os custos relacionados ao deslocamento comprometeram despesas fixas do domicílio, como aluguel, alimentação, energia elétrica.

Ressalta-se que a presença majoritária de mulheres em um curso preparatório para o Ensino Superior suscita discussões sobre os movimentos de feminização e feminilização no Brasil (YANNOULAS, 2012). Mesmo que ocupem em peso as salas de aula (feminilização), enfrentam barreiras que as impedem de se desenvolverem em diferentes âmbitos da vida acadêmica em uma perspectiva qualitativa (feminização), ou seja, no processo de elevação do valor social de suas profissões, em especial nas carreiras de *STEM* – Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática (MILANO; PEREIRA; CUNHA; MACÊDO, 2021). Nesse sentido, cabe a reflexão, quanto ao desdobramento desses dados, sobre os impactos que a feminilização do Desafio tem na inserção dessas mulheres em áreas de *STEM* na Universidade Federal de Pelotas.

A respeito das características socioeconômicas, a maioria dos educandos declararam que possuem renda familiar de até dois salários mínimos, com uma renda per capita de R\$930, estando abaixo da média nacional e regional, respectivamente R\$1586 e R\$1814 (IBGE, 2023). Entre aqueles que trabalham, metade afirma que o sustento de suas casas depende exclusivamente de sua renda.

Contudo, denuncia-se o fato de que esses educandos, jovens em sua maioria, são os grandes responsáveis pela manutenção de lares com renda per capita inferior a um salário mínimo - imposição esta que está presente no percurso de jovens de camadas populares de outros estados (ABRAHMO; VENTURI CORROCHANO, 2021) -, o que tem se mostrado aspecto determinante para as decisões a respeito da continuação ou não da formação acadêmica e profissional (TILLMANN; COMIM, 2016). Inicialmente, tais informações apresentaram-se conforme o esperado, visto que, existindo quanto projeto de educação popular, o curso tem por objetivo atingir pessoas que, em razão do perfil socioeconômico, por exemplo, estão alijadas de direitos sociais fundamentais, como o direito à educação.

Por fim, definido como o principal meio de transporte utilizado para deslocamento ao Desafio, o gasto com transporte coletivo, isto é, ônibus e/ou micro-ônibus, tem sido responsável pelo comprometimento dos custos fixos domiciliares de 64,2% daqueles que o utilizam. As informações, portanto, convergem com a literatura apontada sobre a relação entre as dificuldades de acesso e utilização do transporte público, pobreza e percalços na formação de jovens, como a evasão (ROSA, 2020).

4. CONCLUSÕES

A pesquisa buscou apreender quantitativamente o perfil dos educandos que integram o Desafio Pré-Universitário Popular da Universidade Federal de Pelotas a fim de traçar estratégias para lidar com problemas persistentes dentro do programa, especificamente a evasão. Nesse sentido, foram levantados dados em que mulheres, jovens, brancas e residentes periféricas são predominantes. Além disso, discutiu-se as questões relacionadas à renda em uma expectativa de compreensão das principais barreiras enfrentadas pelo público alvo do projeto, salientando a importância do acesso ao transporte público gratuito como frente de enfrentamento destas.

Isso posto, os próximos passos serão orientados para as respostas de questões que ponderem sobre quais as ferramentas, recursos e apoios oferecidos pela instituição para que a CPE leve adiante as estratégias de combate à evasão. Além disso, recortes importantes serão tratados como, por exemplo, a já

mencionada ligação entre a feminização do curso preparatório e possíveis incentivos ao ingresso em STEM e a experiência de conciliação de estudos com os cuidados de filhos e/ou outros familiares.

Acredita-se que este trabalho configura como um importante passo na sistematização das demandas atuais e fundamenta reivindicações de aprimoramentos necessários à existência – e resistência - de uma ação histórica da UFPel junto à comunidade pelotense. Logo, como produto da criação e atuação da Comissão de Permanência Estudantil, essa pesquisa é parte da mobilização científica de seus colaboradores a favor da inserção das camadas populares em uma universidade pública, gratuita e de qualidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, H. W.; VENTURI, G.; CORROCHANO, M. C.. ESTUDAR E TRABALHAR: Um olhar qualitativo sobre uma complexa combinação nas trajetórias juvenis. **Novos estudos CEBRAP**, v. 39, n. 3, p. 523–542, set. 2020.

IBGE. **Rendimento de todas as fontes : 2022 / IBGE, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios**. 2023. 12f. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Acesso em 13 de set. 2023. Online. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102000>

GONÇALVES DE JESUS, J.; HOFFMANN, R. . De norte a sul, de leste a oeste: mudança na identificação racial no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População**, [S. l.], v. 37, p. 1–25, 2020. Disponível em: <https://rebep.org.br/revista/article/view/1700>. Acesso em: 15 set. 2023

MILANO, D. J.; PEREIRA, K. S; CUNHA P. R. C.; MACÊDO, R. P. FEMINIZAÇÃO E FEMINILIZAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR: UM OLHAR VOLTADO PARA A LITERATURA. In: Ezequiel Martins Ferreira. (Org.). **Epistemologia e Metodologia da Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**. 1ªed.: Atena Editora, 2021, v. , p. 40-49.

LESSA, Ingrid Medeiros. **Pré-universitário popular como espaço de desenvolvimento da educação ambiental: um estudo a partir do desafio Pup**. 2021. 98f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande.

ROSA, Sandra da. **Relação entre pobreza e evasão escolar: Um aporte teórico**. 2020. 28f. Monografia. Curso de Pedagogia, Faculdade Unina.

TILLMANN, E. A.; COMIM, F. Os Determinantes da Decisão entre Estudo e Trabalho dos Jovens no Brasil e a Geração Nem-Nem. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v. 46, n.2, p. 47-78, 2016.

YANNOULAS, Silvia Cristina. Feminização ou Feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria. **Temporalis**, [S. l.], v. 11, n. 22, p. 271–292, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/1368>. Acesso em: 15 set. 2023.

ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO TERCEIRO FESTIVAL DE MINI-HANDEBOL: PROJETO PASSADA PRO FUTURO

JÚLIA CAROLINA BAPTISTA GONÇALVES¹; CAMILA DA SILVA MOREIRA²,
LEONARDO FAGUNDES DOS SANTOS³; ANA VALÉRIA LIMA REIS⁴; ROSE
MÉRI SANTOS DA SILVA⁵.

¹Universidade Federal de Pelotas – juliacarolina132003@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – camiladasilvamoreira@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - leonardofagundes231@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas - anavalerialimars@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – roseufpel@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo relatar a trajetória de constituição e o processo de execução do terceiro festival de Mini-Handebol, realizado pelo projeto de extensão “Passada Pro Futuro”, que tem sua sede na Escola Superior de Educação Física (ESEF), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e faz parte do Laboratório de Estudos em Esportes Coletivos (LEECOL). Tal projeto iniciou suas atividades em 2017 e atualmente atua por meio de dois eixos, o Centro de Mini-Handebol (CEMINH), com chancela da Confederação Brasileira de Handebol (CBHb), e o trabalho de Iniciação ao Handebol de Base. Possuindo como meta disseminar a prática da iniciação ao Handebol de uma forma prazerosa e motivadora, para além disso busca proporcionar e oportunizar um potente espaço de intervenção aos graduandos envolvidos. Para isso, conta com uma metodologia baseada nos princípios da Teoria e Prática do Mini-Handebol (DE ABREU; BERGAMASCHI, 2017) e da Iniciação Esportiva Universal (GRECO; BENDA, 1998).

Os festivais esportivos no geral, promovem o desenvolvimento cognitivo, socioafetivo e motor, além do gosto pelo esporte. Trazendo atividades festivas com caráter recreativo e que envolvam os pais e responsáveis, dessa forma, permitem a flexibilidade em relação à idade, ao tempo de jogo e as modificações das regras em comum acordo, para que não haja a eliminação de nenhuma equipe e todos tenham a oportunidade de jogar inúmeras vezes (DE ABREU; BERGAMASCHI, 2017; SCAGLIA, 2006; GALATTI et al. 2008).

Os festivais de Mini-Handebol seguem uma metodologia proposta por De Abreu e Bergamaschi (2017), sendo um evento que promove jogos e atividades com ou sem conotação esportiva, que visam o fair-play e a socialização, a celebração do Mini-Handebol, sendo realizado como uma confraternização de final de semestre ou ano letivo.

2. METODOLOGIA

Para a realização do terceiro festival de Mini-Handebol organizado pelo projeto “Passada Pro Futuro”, ocorreram reuniões semanais com um mês de antecedência da data prevista, durante uma hora, nas segundas e quartas-feiras, para a construção do planejamento do evento, tal como as atividades desenvolvidas para as crianças de acordo com as suas faixas-etárias, as oficinas de pintura, espaço da ginástica e a demanda dos materiais necessários. Para melhor organização, foram criadas comissões compostas pelos professores do

projeto sendo elas, infraestrutura (som, microfone e música), divulgação (redes sociais, cartazes, grupos de whatsapp), decoração (arco de balões e cartaz de boas-vindas) e alimentos (cachorro-quente, pipoca, sucos e água).

Além disso, foram enviados convites de participação para todas as crianças já frequentadoras do projeto e para escolas parceiras da rede pública e privada, sendo determinada a faixa etária de 5 até 14 anos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O festival ocorreu no dia 8 de julho de 2023, no ginásio da ESEF/UFPEL, das nove horas da manhã até o meio dia, contando com a cooperação de nove professores do projeto e doze colaboradores voluntários. O valor da entrada foi 1kg de alimento não perecível, que posteriormente foi doado para os funcionários terceirizados da unidade.

Para auxiliar na estrutura, uma tabela com o cronograma geral do evento foi distribuída entre os organizadores.

Figura 1. Cronograma geral do evento.

	Programação	Recursos	
9h - Chegada	- Separação por idades (fitas na mão) - Divisão de equipes	Fichas Fitas Mesas	Alimentação - Pipoca - Suco - Cachorro quente <input type="checkbox"/> Pipoqueiras <input type="checkbox"/> Pipoca, sal, óleo e saquinhos <input type="checkbox"/> Cachorro-quente (cotar preço pão) (relação ingredientes) <input type="checkbox"/> Copos descartáveis <input type="checkbox"/> Café, chá, açúcar, colheres <input type="checkbox"/> Garrafas térmicas
9h30 - Abertura	- Abertura do Festival (Rose Habla)	Microfone Caixa de som	
10h às 10h30 - Início das Atividades	- 1ª Rodada Atividades nos quadrantes	2 bolas de pilates, bolas H1, bambolês, bolinhas de plástico, bolas 00, tatame,	
10h30 às 11h	2ª Rodada A - pintura/Mural B - Ginástica		Banca da camiseta - Encomendas de camisetas
11h às 11h30	3ª Rodada A - Ginástica B - Pintura/Mural		12h30 Encerramento/Premiação - Certificado de participação (Julia fazer modelo) - Bottom
Cooperativas	- Pula-pula Jokenpo - Atravessando o Rio - Arco com spaghettis		Checklist Festival MH 2023 <input type="checkbox"/> Google forms para inscrição (faixa etária) <input type="checkbox"/> Cartaz "Boas-Vindas ao Festival" <input type="checkbox"/> Mural de informações e curiosidades sobre Handebol e MH. (Aproximar a comunidade com o esporte) <input type="checkbox"/> Mural dos participantes, onde pode ser colocado folhas de ofício com mensagens e desenhos sobre o MH e o festival de MH. <input type="checkbox"/> Fotos de cada criança na entrada do evento <input type="checkbox"/> Local para armazenar bebidas geladas <input type="checkbox"/> Caixa de som <input type="checkbox"/> Microfone <input type="checkbox"/> Balões espalhados pelo ginásio <input type="checkbox"/> TNT (desenhar leão no TNT?) (Camila e Julia) <input type="checkbox"/> Música (microfone e caixa de som)
		Quadra inteira Meia quadra	
Atividades Independentes	- Pintura Facial - Boca do leão - Mural do Festival (desenhar/escrever algo sobre o festival/projeto)	<input type="checkbox"/> Materiais de arte: Tintas, Pincel, Cartolina, Folha de ofício, Lápis, Borracha, Apontador, Canetinhas <input type="checkbox"/>	

Ao todo, 35 crianças participaram do evento, sendo a maioria já participantes do projeto. No dia do festival o tempo estava bastante chuvoso e nublado, o que foi um fator chave para quórum de crianças abaixo do esperado no evento.

Mesmo com as adversidades, o festival realizou seu propósito e iniciou sua abertura com uma brincadeira de coreografia musical que contou com a interação dos professores organizadores e as crianças presentes, seguido pela separação das crianças em grupos previamente selecionados por braceletes com cores na entrada do evento para a criação do grito de guerra da equipe e sugestão de nome do mascote do projeto que foi votado, escolhido e divulgado pela comissão ao final do evento, conforme mostra a Figura 2.

A primeira rodada foi a divisão das categorias, as crianças foram separadas por idade, sendo Mini A (5 - 6 anos), Mini B (7 - 8 anos) Mini C e Iniciação (9 - 14 anos). Atividades que visam as capacidades físicas e habilidades

motoras básicas de forma recreativa foram desenvolvidas utilizando espaços separados para cada categoria na quadra, conforme a Figura 3.

Figura 2. Abertura do festival.



Figura 3. Atividades Mini C e Iniciação.

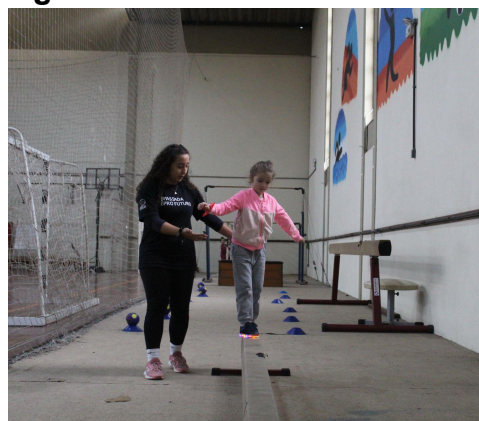


A segunda rodada, como mostra as Figuras 4 e 5, foi designada para a oficina de desenho e pintura facial, bem como para a ginástica nas categorias Mini A e Mini B. A oficina de desenho e pintura foi pensada para que as crianças pudessem se expressar, pois o desenho é uma linguagem gráfica em que a criança deixa registrada a sua história, onde cada traço, risco e rabisco revelam um pouquinho da sua identidade, do sentir e do pensar (HANAUER, 2011). Esses desenhos foram pendurados em um mural exposto em uma das paredes da entrada do ginásio. A oficina no espaço de ginástica foi voltada para atividades de deslocamento, força, equilíbrio e precisão no arremesso de alvo, trazendo características de gestos motores da modalidade handebol. Ainda na segunda rodada, a categoria Mini C e Iniciação puderam desfrutar do espaço da quadra inteira para o jogo formal de handebol, sendo divididos em 4 times com coletes de cores distintas. O festival também contou com áreas destinadas a venda de camisetas e bottons do projeto, e alimentação onde foi servido às crianças e responsáveis sucos, água, cachorro-quente e pipoca.

Figura 4. Desenho e pintura.



Figura 5. Ginástica.



Por fim, como podemos observar na Figura 6 e 7, a última rodada do festival foi a premiação, todos os participantes receberam uma medalha de campeão pela participação no 3º festival de Mini-Handebol realizado pelo Projeto Passada Pro Futuro. Os agradecimentos pela manhã de diversão, jogos e brincadeiras foi comandado pela professora coordenadora e foi deixado o convite

para as crianças não participantes do projeto e seus responsáveis de conhecerem as aulas e o desenvolvimento do “Passada Pro Futuro”.

Figura 6. Premiação.



Figura 7. Premiação.



4. CONCLUSÕES

Conclui-se que a organização e o desenvolvimento do 3º festival de Mini-Handebol realizado pelo Projeto Passada Pro Futuro, sediado na ESEF/UFPEL foi uma manhã de diversão por meio de jogos e brincadeiras utilizando do esporte como meio de interação social, possibilitando para as crianças uma prática prazerosa da modalidade. Além de proporcionar aos discentes envolvidos no projeto um espaço de experiência, potencializando e qualificando sua formação profissional e viabilizando a efetiva indissociabilidade da tríade pesquisa, ensino e extensão.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DE ABREU, D. M., & Bergamaschi, M. G. (2017). *Teoria e prática do mini-handebol*. Paco Editorial.

GALATTI, L. R., Ferreira, H. B., da Silva, Y. P. G., & Paes, R. R. (2008). Pedagogia do esporte: procedimentos pedagógicos aplicados aos jogos esportivos coletivos. *Conexões*, 6, 397-408.

GRECO, P. J., & Benda, R. N. (1998). *Iniciação esportiva universal*. UFMG

HANAUER, F. (2011). Riscos e rabiscos: o desenho na educação infantil. *Revista de Educação do Ideau, Rio Grande do Sul*, 6(13), 1-13.

SCAGLIA, A. J., MEDEIROS, M., & SADI, R. S. (2006). Competições Pedagógicas e Festivais Esportivos: questões pertinentes ao treinamento esportivo. *Revista Virtual EF Artigos*, 3(23).

PROJETO FAZENDO UM SOM: EXPERIÊNCIAS NA MUSICALIZAÇÃO COM ÊNFASE NA PRÁTICA VOCAL

LAIS DOS SANTOS TAVARES¹; SABRINA DA COSTA OBIEDO²; ISABEL BONAT HIRSCH³

¹Universidade Federal de Pelotas - laissantos_07@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - sassaobiedo@gmail.com²

³Universidade Federal de Pelotas - isabel.hirsch@gmail.com³

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade mostrar o desenvolvimento do projeto de extensão "Fazendo um Som" promovido pelo Curso de Música Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas.

O projeto tem por objetivo oportunizar crianças, adolescentes, jovens e adultos a obterem um aprendizado musical, com o intuito de promover a inclusão social por meio da música. O trabalho desenvolvido no projeto, em suas diferentes ações, se dá por meio da Integralização da Extensão na disciplina de Orientação e Prática Pedagógico-musical I, onde alunos são integrados ao projeto através desse componente curricular, e por voluntariado, onde o aluno se dispõe a participar do projeto com o intuito de obter e aprimorar conhecimentos.

Para esse trabalho, será apresentada a ação "Fazendo um Som no Instituto São Benedito" que ocorre na cidade de Pelotas/RS, e é desenvolvido com meninas de 9 a 11 anos na instituição e que atende crianças e adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade social.

Essa ação desenvolve a musicalização e atividades vocais, oficinas que foram ofertadas às meninas durante o ano de 2023.

O grupo vocal ou coro pode ter papel socializador, bem como importante espaço de ensino-aprendizagem. Segundo Gaborim-Moreira (2011)

[...] o coro representa essencialmente um ambiente de socialização, em que os resultados são compartilhados em uma via de mão dupla: o regente não só ensina, como também aprende. Ademais, quando existe a sensibilidade de imaginar-se no lugar de seu coralista, pode-se compreendê-lo melhor em suas dificuldades (GABORIM-MOREIRA, 2021, p. 83).

Nesse sentido, Gaborim-Moreira e Ramos (2016) indicam que esse tipo de prática é importante para

desenvolver com os coralistas noções básicas de técnica e saúde vocal, em um processo contínuo de construção musical. Isso significa levar a criança a reconhecer as diferenças entre a voz cantada e a voz falada; identificar seus mecanismos respiratórios, bem como identificar a relação desses mecanismos com a produção vocal; estabelecer uma postura corporal que favoreça o canto; buscar clareza na dicção e expressão do texto cantado; experimentar diferentes formas de emissão vocal, sentindo como as mudanças na forma da boca e no posicionamento da laringe interferem na produção vocal e na qualidade sonora [...] (GABORIM-MOREIRA; RAMOS, 2016, P.3).

2. METODOLOGIA

O Instituto São Benedito fica localizado no centro da cidade de Pelotas-RS, onde estudam apenas meninas de 6 a 12 anos. O Instituto as recebe pela manhã para o período escolar onde recebem o ensino regular; posteriormente é servido o almoço e, à tarde, são oferecidas atividades extracurriculares, como aulas de reforço, aulas de música, aulas de dança, entre outras atividades. O Instituto possui uma equipe administrativa e de acompanhamento e é mantido por uma diretoria leiga que ajuda a prover a manutenção econômica.

A fim de organizar as oficinas de música no Instituto, a coordenação do projeto “Fazendo um Som” entrou em contato com a direção da escola, que aceitou a parceria com o projeto para as oficinas de música, que deram início em março e seguirão até dezembro de 2023

Foram ofertadas oficinas de musicalização para as meninas de 9 a 11 anos com uma monitora em cada turma, e os encontros ocorrem nas segundas e quartas feiras, com duração de 1h cada.

A oficina de musicalização tem como objetivo a percepção e apreciação musical abordando conhecimentos musicais básicos até a prática e o desenvolvimento vocal, a fim de desenvolver nas alunas a capacidade de pensar sobre os aspectos básicos da música e colocar em prática na voz.

Para que essa capacidade de pensar sobre a música fosse trabalhada em vários aspectos, foi desenvolvido um plano de ensino a ser colocado em prática. Como base de conhecimento, além dos aspectos musicais, abordagens como coordenação motora, atenção, lateralidade e noção de espaço também foram vivenciados. Durante o desenvolvimento da oficina estão sendo trabalhados diversos conteúdos musicais como: percepção musical, parâmetros sonoros, ritmo, pulsação, andamento. Todos esses conteúdos estão sendo desenvolvidos a fim de percorrer um caminho até chegar na parte vocal com objetivo de demonstrar, na voz e na execução de canções, tudo que foi trabalhado ao longo das aulas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante as aulas tem sido perceptível o crescimento das alunas, embora elas já sejam bastante musicais, algo que percebi logo no começo das aulas, elas não tinham tido contato com musicalização antes. Portanto foi possível observar o avanço, a confiança e a evolução delas ao longo das aulas e das atividades propostas, pois elas entenderam na prática todos os conteúdos musicais abordados, e sempre compreenderam as atividades e as executaram com muita dedicação e facilidade.

Para que esse crescimento ocorresse, foi necessário elaborar um plano que atendesse essa demanda e que sempre pudesse suprir as lacunas que surgiam ao longo das aulas. Um plano de ensino nunca é um plano fechado, estático, onde nada do que colocamos ali pode ser modificado, portanto “É preciso buscar caminhos para um melhor entendimento de como a música pode contribuir para a formação da criança e elaborar uma prática educacional musical que aproxime a música dos estudantes” (OLIVEIRA, 2021,p.20). Ao longo das aulas os planos foram alterados várias vezes a fim de buscar caminhos para



melhor entendimento das alunas, para que as dúvidas que surgiam durante as aulas pudessem ser sanadas. Assim, houve retomadas de conteúdos e atividades, para reafirmar o que desenvolvemos.

É importante perceber o que o aluno necessita, quais as demandas, o que precisa ser ajustado, o que precisa ser retomado e melhorado, para melhor compreensão deles e para que eles cheguem ao final, no momento de execução das canções entendendo tudo que foi aprendido e saberem identificar isso ao longo das canções. Os parâmetros curriculares nacionais (1998) previam que

o canto desempenha um papel de grande importância na educação musical infantil, pois integra melodia, ritmo e, frequentemente, harmonia, sendo excelente meio para o desenvolvimento da audição. Quando cantam, as crianças imitam o que ouvem e assim desenvolvem condições necessárias à elaboração do repertório de informações que posteriormente lhes permitirá criar e se comunicar por intermédio desta linguagem (BRASIL, 1998, p.59).

Sendo assim, a intenção desse trabalho, que ainda está sendo desenvolvido, é musicalizar essas meninas de forma que elas possam perceber a importância de aprenderem os aspectos básicos musicais, de forma que ao longo do trabalho com as canções elas possam perceber esses aspectos e colocá-los em prática, o que já tem acontecido ao longo das aulas, pois elas já têm percebido alguns conteúdos que falamos durante as aulas. Esse processo é muito rico, pois permite que elas reflitam sobre o que fazemos, e compreendam que não são apenas atividades ou brincadeiras sem sentido, mas que são utilizadas ao longo da prática vocal.

4. CONCLUSÕES

Ao mesmo tempo em que as alunas do Instituto obtiveram um crescimento tanto musical como corporal com o trabalho desenvolvido, também pude perceber meu aprendizado como educadora musical, e o quanto também evolui na formação docente. Obtive conhecimento prático-musical e também conhecimento vocal, pois trabalhar a voz é algo extremamente novo para mim, algo que é a primeira vez que desenvolvo em uma oficina de musicalização, percebi a extrema importância da análise e percepção das necessidades dos alunos em sala de aula. Essa experiência mostrou outra perspectiva de ensinar alunas que não tinham nenhum conhecimento musical, e me incentivou a ter um outro olhar sobre as necessidades das alunas baseada na parte vocal, que é o objetivo final da oficina.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte** Brasília: MEC/SEF, 1998.

GABORIM-MOREIRA. Ana Lúcia; RAMOS, Marco Antônio S. **A pedagogia vocal na regência coral infantojuvenil: conceitos e reflexões**. XXVI Congresso da

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música – B. Horizonte - 2016

GABORIM-MOREIRA, Ana Lúcia. O regente-educador: aspectos pedagógicos do trabalho coral. In: GERALDO, Jorge Augusto Mendes; FERNANDES, Angelo José Fernandes; RASSLAN, Manoel Camara (Org.). Regência em pauta: diálogos sobre canto coral e regência. Campo Grande: UFMS, 2021. p. 76-90.

OLIVEIRA, C. B. N; **A prática do canto coral infantil como processo de musicalização**. 2012. 89f. Dissertação (mestrado em práticas interpretativas) - Instituto das Artes - Universidade de Campinas - UNICAMP.

CONSTRUINDO PONTES PARA A INCLUSÃO: O PASSO- A- PASSO PARA UMA INCLUSÃO DE SUCESSO – UM RELATO DE CASO

ANDRÉIA MONKS XAVIER¹; MAXIMIRA ROCKEMBACK DA PORCIÚNCULA²;
RITA DE CÁSSIA MOREM CÓSSIO RODRIGUEZ³

1Universidade Federal de Pelotas– axmonks@hotmail.com

2Universidade Federal de Pelotas-maxrp53@gmail.com

3Universidade Federal de Pelotas – rita.cossio@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A proposta desse estudo de caso tem como objetivo apresentar as vivências do aluno durante o período de estudos do curso de geografia (bacharelado) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

Essa vivência vai abordar as formas de acessibilidade dentro do ambiente acadêmico.

O relato de caso à seguir será abordado pela autora.

2. METODOLOGIA

A metodologia é um relato de caso sobre acessibilidade no ambiente acadêmico.

É uma pesquisa de dados qualitativos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Apresentando o Relato de Caso

Eu me chamo Andréia, tenho 44 anos, sou casada, tenho um filho de 16 anos e uma mãe de 79 anos que mora comigo e possui Alzheimer e sou deficiente física.

Entrei na Universidade Federal de Pelotas no ano de 2014, ingressando no curso de bacharel geografia. Nesta época eu também trabalhava.

No ano de 2015, tive minha primeira internação hospitalar por ter uma dor súbita no corpo e perder os movimentos inferiores. Eu me sentia horrível, pois não sabia descrever o que me afligia.

Fiquei internada durante 15 dias e saí do hospital sem diagnóstico definitivo, mas com um provável diagnóstico de “isquemia transitória”, que seria uma isquemia mais branda, menos agressiva e que não deixaria sequelas.

3.2 Levantamento das barreiras físicas, emocionais, mentais e arquitetônicas.

Voltei para o ambiente universitário com o auxílio de muletas, pois não conseguia ficar erguida por muito tempo, e não consegui retornar as minhas atividades laborais.

Eu não sabia que as minhas limitações seriam um grande empecilho para mim. Mas, eu tinha que voltar e me formar. A minha meta era dar a minha família uma vida mais digna.

Haviam aulas que eu não conseguia participar, pois às aulas eram administradas no andar superior, e eu não conseguia subir, até poderia subir mas eu sentia muita dor e por conta disso o meu rendimento acadêmico caía.

E, não era só isso, as aulas poderiam ser no andar superior mas os banheiros eram no térreo. Se eu descesse depois teria mais dificuldades para subir.

Elevador?! Até tinha, mas era de carga e eu não poderia utilizar. Por conta disso, comecei a ir trancando algumas disciplinas e as quais eram essenciais para o meu currículo e formação.

Is 4 anos que eu iria me formar, passaram a se transformar em 6 anos, 8 anos...

Os meus colegas eram solidários à mim e tentavam me apoiar de todas as maneiras e formas possíveis. E, foi isso que me motivou um pouco mais, pois eu estava prestes a desistir da faculdade.

Eu via as dificuldades mas eu não conseguia solução para o que me impedia. E foi, através de um colega da licenciatura que me apresentou o NAI (Núcleo de Acessibilidade e Inclusão). Foi lá que eu fiquei sabendo dos meus direitos, e os quais possuía dentro da universidade.

O NAI, na universidade tem como responsabilidade de organizar, adequar e executar ações para a inclusão de pessoas com deficiência no ramo acadêmico, profissional e à vida deste aluno, unindo toda a comunidade acadêmica em prol deste aluno.

E, foi com o auxílio deles que o meu ambiente acadêmico começou a mudar.

As aulas que eram no andar superior, passaram a ser administradas no térreo. Os laboratórios que também eram no andar superior, foram disponibilizados no térreo.

No ano de 2016, eu tive uma nova internação e perdi novamente os movimentos inferiores e a parte da deglutição, e, por conta disto novamente tive que trancar o curso.

Outras internações aconteceram e eu só piorava. Numa dessas internações eu obtive o diagnóstico de Esclerose Lateral Primária (ELP).

Voltei para a casa numa cadeira de rodas e com sonda alimentar. Entrei em contato com o NAI e expliquei a situação. Passei por uma avaliação médica dentro da UFPEL que foi decidido que eu poderia fazer as aulas domiciliares e com o apoio de um tutor.

Por um tempo eu até tentei, mas a depressão foi imensa. E, fiquei infrequente, não tranquei a matrícula. Foi uma bagunça generalizada.

Conversei com o NAI, expliquei a situação e o que estava acontecendo comigo, com o meu “Ser”. E, eles foram corretíssimos comigo e trancaram a minha matrícula.

Retornei no ano de 2020, em plena pandemia. Resultado: as aulas tiveram que ser remotas.

Hoje, estamos no presencial e retornei novamente ao ambiente acadêmico. E, estou perto de me formar e me tornei bolsista no NEPCA (Núcleo de Estudos e Pesquisa em Cognição e Aprendizagem), no qual foi uma das melhores coisas que poderia ter me acontecido.

Quero deixar claro aqui, que a inclusão não é só um direito que necessitamos, vai além disso, e a Lei nº 13.146/2015, visa e tem como objetivo de assegurar esses direitos. Possibilitando uma inclusão qualitativa com condições de igualdades, promovendo o exercício dos direitos e das liberdades que são fundamentais para a pessoa com deficiência.

4. CONCLUSÕES

Agora o que eu posso dizer com certeza, é que sem o auxílio do NAI e de todo o ambiente de uma inclusão quase “perfeita”, pois no seu todo ainda não se é perfeita. Mas, é necessária e, muito necessária, o meu sonho de me formar não estaria se concretizando.

Eu optei por escrever esse relato, não só para contar a minha vivência, mas também para ajudar pessoas com deficiência de qualquer tipo e que se consideram incapazes de cursar o ensino superior público e supondo que na universidade não será disponibilizado acesso às suas necessidades. E, mostrando que apesar das dificuldades encontradas é possível chegar e ocupar esses espaços.

Que esse relato sirva também para núcleos ou/entidades públicas que oferecem atendimento gratuito, que observem o que a pessoa com necessidades especiais enfrentam no seu dia-a-dia.

Não precisamos de mais obstáculos, precisamos de incentivo.

E, eu só percorri esse caminho até aqui por causa da minha persistência, por que as barreiras são imensas.

Eu desejo que daqui para a frente a acessibilidade se torne um compromisso de todos, pois não serei a primeira e nem a última a percorrer esses espaços.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Constituição de 1988. **Lei nº 13.146/2015**. Governo Federal. Acessado em 15 de julho de 2023. Online. Disponível em:
<https://www.gov.br/mdh/pt-br>

A Educação Especial na Perspetiva da Inclusão Escolar: a escola comum inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2010.

CONVERSAS COM QUEM GOSTA DE ENSINAR: CONSTRUINDO PONTES ENTRE DISCENTES DA PEDAGOGIA E PROFESSORAS ALFABETIZADORAS

LAURA VITÓRIA GOMES¹; ARNALDO ANTÔNIO DUARTE DE DUARTE JUNIOR²; CAMILY ALVES SAN MARTIN³; GILCEANE CAETANO PORTO⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – lauravgomes4@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – arnaldo.deduarte@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – camilysanmartinpetpedagogia@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – gilceanep@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A alfabetização foi uma das áreas mais impactadas pelo Ensino Remoto Emergencial (ERE) e o isolamento social causados pela Pandemia de COVID 19, considerando as desigualdades sociais que se manifestaram em desigualdades educacionais nesse período, conforme apontaram os dados da Rede Nacional de Alfabetização - ALFAREDE (2020).

Esta problemática é reafirmada pelos recentes dados divulgados pela pesquisa Alfabetiza Brasil, do Ministério da Educação (MEC), que revelam que 56,4% das crianças que estão no segundo ano do ensino fundamental ainda não estão alfabetizadas (BRASIL, 2023).

Diante desse cenário, o grupo PET Pedagogia/UFPEL procura saber como as professoras alfabetizadoras de Pelotas estão enfrentando essa realidade e quais as estratégias de superação desenvolvidas por elas, a partir da pesquisa *Ensinar e aprender nos desafios da docência*, que objetiva identificar práticas pedagógicas dos diferentes eixos linguísticos que têm contribuído para a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) pelas crianças.

Articulada a essa pesquisa surge o projeto de extensão *Conversas com quem gosta de ensinar*, que será relatado no presente trabalho. A ideia dessa atividade é dar espaço ao protagonismo de professoras alfabetizadoras, conhecendo e valorizando as práticas por elas desenvolvidas que contribuem para a aprendizagem das crianças. Temos como objetivo promover a aproximação dos estudantes do Curso de Pedagogia das realidades das escolas da região e do trabalho docente no ciclo de alfabetização. O projeto prevê a realização de quatro encontros, um por mês, com professoras convidadas abordando diferentes temáticas. Destaca-se que as professoras que farão parte das atividades são egressas do Curso de Pedagogia da FaE/UFPel.

Espera-se, com essa ação, contribuir para a aprendizagem dos estudantes de Pedagogia sobre os conhecimentos linguísticos necessários para a alfabetização. Sobre isso, os estudos de Soares (2021; 2022) salientam a importância de alfabetizar letrando, tendo em vista as demandas de uma sociedade grafocêntrica, em um processo denominado por ela de “Alfaletrar” (SOARES, 2022). A autora ainda ressalta o fato de que “pode se concluir da discussão a respeito do conceito de alfabetização, que essa não é uma habilidade, é um conjunto de habilidades, o que a caracteriza como um fenômeno de natureza complexa, multifacetado” (SOARES, 2021, p. 20). Desse modo, torna-se relevante para professoras alfabetizadoras e estudantes de Pedagogia o estudo sobre os quatro eixos estruturantes da linguagem: oralidade, leitura,

produção de textos e análise linguística (BRASIL, 2012) e das práticas vinculadas a eles que têm sido desenvolvidas nas escolas.

Assim, a seguir será apresentada a metodologia utilizada para o projeto, seguida dos resultados que obtivemos até agora. Posteriormente, serão apresentadas as conclusões e as referências utilizadas.

2. METODOLOGIA

O projeto *Conversas com quem gosta de ensinar* é desenvolvido pelo grupo PET Pedagogia/UFPEL e ocorre mensalmente. Nos encontros as professoras convidadas apresentam práticas pedagógicas que realizam com suas turmas do ciclo de alfabetização. As docentes são convidadas a falar sobre diferentes temáticas e os quatro assuntos que pretendemos abordar são: o uso do livro didático, possibilidades de trabalho com livros de literatura infantil, qual o lugar dos jogos em suas práticas pedagógicas e como acompanham o processo de aprendizagem de seus alunos, articulando esses temas à organização do trabalho pedagógico.

As palestras são dialogadas e procura-se criar um espaço de reflexão e de interação entre docentes e estudantes de Pedagogia, com trocas de experiências e saberes com o objetivo de qualificar o processo formativo de ambos.

O projeto foi planejado para ser desenvolvido em quatro encontros durante o turno da noite, nossa expectativa de público são os estudantes do curso de Pedagogia ou professores das redes públicas e municipais de ensino.

A seguir, serão apresentados os resultados que podem ser mensurados até o momento e nossas expectativas a partir do que já foi desenvolvido.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atualmente, o projeto promoveu a realização de dois encontros, ocorridos nos dias de 27 de julho e 29 de agosto, na Faculdade de Educação (FaE). Respectivamente, os temas abordados foram o trabalho com livros didáticos no ciclo de alfabetização e o acompanhamento diagnóstico e sua relação com o trabalho pedagógico.

Os eventos possibilitaram o contato dos estudantes de Pedagogia com relatos de práticas pedagógicas reflexivas, diversificadas e contextualizadas. O primeiro encontro, além do trabalho com livros de literatura infantil e suas possibilidades de práticas sistematizadas, abordou o trabalho com o livro didático como tema central, destacando que sua utilização é direito do aluno e dever do professor e da escola. Nesse sentido, foi exposto que o livro didático pode oferecer potencialidades para o ensino da língua materna, podendo estar envolvido em sequências didáticas que mantenham o princípio de intencionalidade ao escrever, isto é, o uso real e efetivo da língua escrita. Para isso, é necessário que o professor não o tenha como um manual a ser seguido à risca, e busque um trabalho crítico e contextualizado.

O segundo encontro tratou da importância do acompanhamento diagnóstico para o trabalho pedagógico, que foi definido como um requisito para o fazer docente. Isso se dá devido a sua função essencial de instrumento de acompanhamento da evolução dos alunos no que diz respeito ao conhecimento de determinados conteúdos, além de oferecer subsídios para o planejamento do professor nas atividades em sala de aula. A partir das informações adquiridas com o diagnóstico, o professor pode observar e refletir sobre o processo de

aprendizagem do aluno, as habilidades já consolidadas e o que ainda precisa ser trabalhado, como em que hipótese sobre o funcionamento da escrita (Ferreiro; Teberosky, 1999) este se encontra. De posse desses dados, é possível refletir de modo a definir estratégias didáticas de intervenção para que a criança avance na sua compreensão sobre o SEA.

Além da explanação das práticas desenvolvidas, também foram explicitadas as teorias que as sustentavam, os objetivos das ações e o porquê de terem sido produtivas. Tais reflexões são importantes no processo de formação de professores alfabetizadores, tendo em vista a necessidade de se pensar e identificar práticas pedagógicas no ciclo de alfabetização que contribuem para a apropriação do SEA pelas crianças no atual contexto social. Isto é, no contexto em que o domínio da língua escrita é uma condição para o exercício da cidadania, ao mesmo tempo em que as desigualdades educacionais, acentuadas durante o período pandêmico e pós-pandêmico, resultam em milhares de crianças que passam pelo ciclo de alfabetização sem aprender a ler e escrever.

Ressaltamos que a partir dos encontros, através dos relatos das três professoras sobre as suas trajetórias acadêmicas - na Faculdade de Educação - e profissionais, foi possível estabelecer trocas dialógicas entre as convidadas e as estudantes presentes, favorecendo o processo de qualificação acadêmica. O diálogo também enriquece a formação das profissionais que já atuam nas escolas, que não é algo pronto e acabado, mas sim um processo contínuo que atravessa toda a vida (NÓVOA, 2019).

Momentos como esses são extremamente importantes para qualificar a formação docente, pois, de acordo com Nóvoa (2019), é na interação entre três espaços – profissionais, universitários e escolares – que se encontram as potencialidades transformadoras da formação docente.

Esperamos, com os próximos encontros, continuar promovendo esse ambiente de partilha de conhecimentos e experiências, aproximando as docentes dos estudantes de graduação.

4. CONCLUSÕES

A partir do que foi observado até o momento, entendemos que o projeto *Conversas com quem gosta de ensinar* é uma ação frutífera no que diz respeito à qualificação acadêmica dos estudantes de Pedagogia e a qualificação profissional das docentes. O cenário de aproximação entre docentes e graduandos, bem como de socialização de teorias e práticas que auxiliam no ensino da língua materna no ciclo de alfabetização, é relevante para o desenvolvimento da pesquisa *Ensinar e aprender nos desafios da docência*.

Por fim, compreendemos que o projeto é uma oportunidade para a aprendizagem dos estudantes do curso de Pedagogia no que diz respeito aos conhecimentos linguísticos necessários para a alfabetização, e os diálogos e os estudos com as professoras auxiliam no processo de qualificação dos integrantes do PET - Pedagogia para as ações pedagógicas que serão realizadas nas escolas e que estão previstas na pesquisa mobilizadora dos projetos do grupo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFABETIZAÇÃO EM REDE: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O ENSINO REMOTO DA ALFABETIZAÇÃO NA PANDEMIA COVID-19- RELATÓRIO

TÉCNICO (PARCIAL). (2020). **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 13, p. 185-201

BRASIL, Ministério da Educação. **Alfabetiza Brasil**: diretrizes para uma política nacional de avaliação da alfabetização das crianças, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/alfabetiza-brasil/resultados>. Acesso em 02/08/2023.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral – DICEI. Coordenação Geral do Ensino Fundamental – COEF. **Elementos conceituais e metodológicos para definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento do ciclo básico de alfabetização (1º, 2º e 3º anos) do ensino fundamental**. Brasília, DF: MEC, 2012

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999 [1984], p.17-42.

NÓVOA, Antônio. Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 44, n. 3, 2019.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2021.

_____. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2022.

FORMAÇÃO CONTINUADA EM EDUCAÇÃO MUSICAL - FOCEM

SABRINA DA COSTA OBIEDO¹; LAIS DOS SANTOS TAVARES²; ISABEL
BONAT HIRSCH³

¹Universidade Federal de Pelotas – sabrina.obiedo@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – laissantos_07@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – isabel.hirsch@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O projeto Formação Continuada em Educação Musical - FOCEM, é um projeto com ênfase em extensão do curso de Música Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas e tem como objetivo musicalizar professores unidocentes/pedagogos.

O FOCEM propõe a eles certa autonomia para desenvolver atividades com música em sala de aula, fazendo com que internalizem os conteúdos musicais para que assim, se desejarem, possam fazer uso da música de forma consciente em suas práticas.

O projeto foi criado em 2009, por conta da demanda solicitada pelos professores de arte e unidocentes/pedagogos do município, com o objetivo de formar repertório musical para a sala de aula. De acordo com Caetano e Gomes (2012),

A música é uma forma de expressão, é manifestação de sentimento, um meio de comunicação existente na vida dos seres humanos. Devido a sua importância, deve ela estar presente no contexto educacional (CAETANO; GOMES, 2012, p. 74.)

Por esse motivo, torna-se necessário que os professores levem a música para dentro da escola, e o FOCEM surgiu com esse formato, ainda com o nome de Oficina de Repertório Musical para professores. No entanto, com o passar do tempo, os monitores perceberam a necessidade de musicalizar os professores antes de dar a eles conteúdo para sala de aula, pois tornou-se nítida a dificuldade que os participantes tinham de aprender o conteúdo sem ter internalizado os princípios básicos da música, e, assim, o objetivo do projeto passou a ser musicalizar os próprios professores, pois acreditamos que, como afirma Manzke et al. (2013)

Embora tenhamos a consciência de que o desenvolvimento do trabalho em educação musical deva ser desenvolvido por profissionais especialistas, ou seja, licenciados em música, acreditamos que, em virtude da não ocupação atual deste espaço por professores especialistas, o momento é de assegurar aos alunos, crianças, jovens e adultos, o direito de usufruírem em sua formação dos benefícios advindos do desenvolvimento das atividades oriundas da educação musical (MANZKE et al., 2013)

Por conta disso, o FOCEM reconhece os professores unidocentes/pedagogos como aliados da educação musical nas escolas, pois

Quando o professor unidocente possui a capacidade de discernir os conteúdos básicos e executá-los, o mesmo terá condições favoráveis para abordar uma aula qualitativa de música e potencializar o conhecimento musical de seus alunos (REINICKE; HIRSCH; MANZKE, 2016).

Com a mudança de nome e de objetivos, o projeto se propõe a musicalizar os professores, já que o aprendizado musical é pouco ou quase inexistente nos cursos de formação inicial da maioria deles, de maneira que os participantes possam posteriormente desenvolver atividades musicais de qualidade com seus alunos.

2. METODOLOGIA

Desde sua criação, o projeto sofreu diversas mudanças ao longo do tempo, de acordo com suas necessidades. Pensado originalmente para ser ofertado de forma totalmente presencial desde a sua criação, nos anos de 2020 e 2021 precisou ser reinventado para poder ser realizado de forma remota por conta da pandemia da Covid-19. Atualmente, o projeto funciona somente no formato presencial, com as oficinas “tradicionais” de encontros semanais durante um semestre, e com oficinas itinerantes, que são oferecidas aos municípios da zona sul do RS, de forma concentrada.

A equipe do projeto muda a cada semestre, pois é vinculado ao componente curricular Orientação e Prática Pedagógico Musical I, através da integralização da extensão no currículo do curso de Música Licenciatura, então os estudantes do curso que se matriculam na disciplina entram, automaticamente, no projeto durante o semestre, depois continuam se assim desejarem. Além disso, há também os monitores voluntários, que entram no projeto para obtenção de conhecimento e experiência. As oficinas são ministradas de acordo com a disponibilidade dos monitores.

O procedimento de inscrição dos professores nas oficinas tradicionais se dá por formulário de inscrição online, no Google Docs, que enviamos para a Secretaria Municipal de Educação de Pelotas e para as escolas do município. O formulário permanece aberto por um tempo pré-determinado e, quando fecham as inscrições, formam-se as turmas. Depois disso, é enviado um e-mail de confirmação de inscrição e cria-se um grupo no WhatsApp para comunicação com cada uma das turmas.

Já no FOCEM Itinerante, por sua vez, são as Secretarias de Educação das cidades interessadas ou a direção das escolas que entram em contato com o FOCEM, fazem suas próprias inscrições e depois passam as informações para a coordenadora do projeto, para fins de organização dos monitores para como será realizada a oficina.

No primeiro semestre do ano de 2023, o FOCEM contou com duas oficinas tradicionais: a de Musicalização Básica, que atua com jogos e brincadeiras, e a de Violão, que traz mais foco para o ensino do instrumento. Para além disso, também tivemos as Oficinas Itinerantes em 4 municípios, que trazem a musicalização como foco principal, assim como a tradicional, mas de forma mais concentrada, pois o tempo é limitado, geralmente durando cerca de três horas, ocorrendo de forma intensiva durante uma manhã.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A oficina de Musicalização Básica é desenvolvida com jogos e brincadeiras, de forma lúdica e divertida, proporcionando conhecimentos básicos sobre música de forma prática. Dessa forma, os professores também desenvolvem questões de atenção, concentração, lateralidade, espacialidade, entre outros aspectos importantes além de sua musicalidade.

Já a oficina de Violão tem como objetivo oferecer aos professores o conhecimento básico sobre o instrumento, de forma que consigam tocar músicas que façam uso de acordes básicos e, proporciona o conhecimento básico sobre música, mas através do instrumento. É uma oficina com bastante demanda por parte dos professores, pois veem no violão um grande aliado e uma ferramenta útil em sala de aula.

Para além disso, com o objetivo de poder atender uma grande demanda de interesse por parte de professores de municípios vizinhos, oferecemos a Oficina de Musicalização Básica Itinerante, que costumamos chamar apenas de FOCEM Itinerante. Esta não é uma oficina contínua, diferentemente das demais. Para o FOCEM Itinerante, geralmente os monitores são chamados para as mais diversas cidades da região para ministrar uma grande oficina de musicalização básica aos professores, onde realizam-se dezenas de atividades musicais, num tipo de compilado de tudo o que ensinamos na oficina tradicional. Essas oficinas itinerantes têm sido bastante requisitadas e os monitores já se deslocaram até várias cidades da região para ministrá-las, sempre com as vagas de inscrição lotadas com dezenas de professores interessados. Cada uma dessas oficinas acaba trazendo novas experiências interessantes para todos os envolvidos, pois trazem muito aprendizado tanto para osicineiros do FOCEM quanto para os professores inscritos, e pode agregar muito na forma como utilizam a música em sala de aula. Os resultados das oficinas são sempre satisfatórios e, por vezes, surpreendentes, e a equipe do FOCEM, geralmente, encerra a oficina com previsão de retorno garantido por conta da aprovação dos professores inscritos.

Geralmente, os resultados obtidos com o FOCEM, tanto nas oficinas tradicionais quanto nas itinerantes, são sempre satisfatórios para todos os envolvidos, tornando-se uma experiência de grande valia.

4. CONCLUSÕES

O FOCEM é uma experiência única para todos, pois cada oficina tem um formato diferente e cada monitor leva consigo seu conhecimento musical e sua própria forma de ensinar música. O projeto atende todos os professores que procuram as oficinas e, até o presente momento, todos os nossos feedbacks e resultados obtidos foram extremamente positivos.

Há carência na formação musical de professores unidocentes/pedagogos, ao mesmo tempo que há uma grande necessidade de trabalhar música em sala de aula. O projeto busca sanar essa lacuna na formação desses professores para torná-los aliados da educação musical nas escolas, mas jamais com a intenção de fazer com que substituam profissionais especialistas em música.

O FOCEM é um projeto feito em equipe, com muito comprometimento e dedicação por parte de todos, e ele traz consigo o verdadeiro significado de amor: amor à arte, à música e à docência.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAETANO, M. C.; GOMES, R. K. A importância da música na formação do ser humano em período escolar. **Educação em Revista**, v. 13, n. 2, p. 71-80, 2012.

MANZKE, Vitor Hugo Rodrigues *et al.* OFICINA DE REPERTÓRIO MUSICAL PARA PROFESSORES. **Seminário de Extensão Universitária da Região Sul**, Santa Catarina, ed. 31, 2013.

REINICKE, P. K. S.; HIRSCH, I. B.; MANZKE, V. Formação continuada para professores unidocentes: sentidos e reflexões a partir da prática como ministrante da oficina de repertório musical para professores. **28º Seminário Nacional de Arte e Educação e 9º Encontro de Pesquisa em Arte**, n. 25, p. 34–39, 2016.

MOSTRA CIENTÍFICA: UMA ANÁLISE PARA O ENSINO DE QUÍMICA

LARISSA MAIA SCHMIDT¹; MARIA EDUARDA BATISTA TEIXEIRA²;
TRINITY BESSA²; WILIAM BOSCHETTI³; BRUNA ADRIANE FARY⁴.

¹Universidade Federal de Pelotas – maiaschmidtmarissa@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – maria-ebteixeira@educar.rs.gov.br

²Universidade Federal de Pelotas – trinitybessa@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – wiliamcaxias@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – fary.bruna@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Percebe-se atualmente que, principalmente a Química, uma matéria considerada abstrata pelos alunos, com métodos de aprendizagem, por vezes, atrelada a memorização, atividades repetitivas, pode vir a gerar um desinteresse por parte dos estudantes. Nesse sentido, nota-se a importância da contextualização do conteúdo científico estudado pelos alunos ao cotidiano de cada um. É uma forma que rompe com o que os discentes estão acostumados, que é a aprendizagem tradicional (CALLEGARIO, 2015).

A partir disso, pode-se salientar a importância de conhecer metodologias, e aprendizagens que instiguem os alunos, conforme abordado por Callegario (2015) sobre a importância de inovações nos métodos de aprendizagens. Por conseguinte, é possível abordar os conteúdos de Química, bem como, proporcionar a construção de pensamentos críticos para os estudantes, como por exemplo, por meio de mostras científicas nas escolas. De acordo com Xavier e Flôr (2015), faz-se necessário interligar novos métodos para inovar o ensino de Química, mediando o estudante a obter um conhecimento científico a partir de saberes que fazem parte da sua cultura.

Dessa forma, percebe-se que as mostras científicas, tem uma grande importância no ensino de química, pois desenvolve por parte dos estudantes uma inserção ao cotidiano vivenciado, bem como, interesse ao conteúdo científico que pode ser abordado no processo escolar. Este trabalho tem como o objetivo apresentar uma mostra científica com ênfase no tema ambiental, interligando a química ao meio ambiente.

2. METODOLOGIA

É importante destacar que uma mostra científica foi realizada com os alunos, entretanto ela foi elaborada por outros colegas. Neste trabalho será relatado acerca da reprodução dela.

A opção metodológica desse trabalho é qualitativa, pois possibilita quem está investigando, ver diferentes ponto de vista de quem está sendo investigado, através dos questionamentos que foram abordados. A mostra foi realizada no saguão da escola Municipal Jeremias Fróes, com alunos ensino fundamental. Foi formado um circuito onde os alunos percorreriam nos três eixos abordados, que foram: consumo, descarte e reciclagem. Em cada um dos eixos temático seria abordado uma discussão, no consumo se abordou sobre a tendência *fast fashion* e os alimentos industrializados consumidos no dia-dia. No descarte o uso das esponjas de louça e seu descarte incorreto e na reciclagem como ela ocorre. A mostra foi

realizada por alunos do curso de Licenciatura em Química do primeiro semestre, como uma atividade da disciplina de química e cotidiano, agregando profundamente nossa iniciação à docência.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em primeira análise, para realização desta mostra entendeu-se a importância da elaboração de uma mostra científica nas escolas, onde interligamos o cotidiano dos alunos com a Química, buscando romper com o método tradicional que os alunos estão acostumados, como proposto na literatura de Callegario (2015). A mostra trouxe resultados satisfatórios, sendo que a mesma foi desenvolvida com êxito ao seu público-alvo, onde conseguiu-se introduzir a Química junto a uma questão ambiental interligando ao cotidiano dos discentes. Ao decorrer da prática, notou-se a participação e interesse dos estudantes, visto que eles questionaram e se interessaram no assunto que se abordou na mostra.

A mostra foi dividida em três eixos, onde no consumo discutiu-se com os alunos sobre alimentos, que ao serem consumidos fazem mal tanto para nós, como para o restante do ambiente. Foi abordado alguns alimentos industrializados que fazem parte do cotidiano, observou sua tabela nutricional e seus ingredientes, e com a ajuda do aplicativo Desrotulando pode-se classificar esses alimentos com uma nota de 1 sendo ruim, até 100 sendo assim considerado ótimo. O aplicativo avalia aspectos como a quantidade de gorduras, sal, açúcar presentes nos alimentos, como resultado observou-se o interesse dos alunos em compreender quais ingredientes presentes nos rótulos de alimentos são prejudiciais, outro assunto comentado sobre o consumo foi a tendência da moda *fast fashion*, que incentiva o consumo rápido de roupas, onde os produtos são feitos de baixa qualidade com tecidos sintéticos que acabam liberando microplástico na natureza.

No eixo do descarte, abordou-se o tema sobre a quantidade de tempo que um material leva para se decompor, utilizou-se como exemplo as esponjas de lavar louça que estão presentes na maioria das casas dos discentes. Discutiu-se que essas esponjas quando consumidas liberam microplásticos na natureza, e acumulam bactérias ao decorrer do seu uso, além de levarem cerca de 400 anos para se decompor. Apresentou-se como substituição as esponjas vegetais que além de não liberarem microplásticos, não acumulam tantas bactérias, se decompõem em semanas, inclusive podendo descartá-las em composteiras. Muitos alunos relataram que não sabiam que poderia haver a troca de uma esponja de louça, por uma esponja vegetal que é mais sustentável. É uma ótima perspectiva, foi que a maioria escolheu fazer essa troca por pensar no planeta em que vivemos.

Na reciclagem com o auxílio de um banner demonstrou-se aos alunos as etapas necessárias para ocorrer a reciclagem dos resíduos, neste mesmo banner pode-se demonstrar aos alunos quais são os resíduos orgânicos e quais são os inorgânicos. Perguntou-se a eles “onde eles descartavam o lixo de suas casas?” a grande maioria respondeu “no lixo”, não evidenciando nenhum ato de separação de resíduos. Pode-se notar um grande interesse dos alunos em todas as etapas apresentadas na mostra científica, bem como a contribuição em suas respostas.

4. CONCLUSÕES

Foi possível realizar todas as etapas previstas com êxito, onde os alunos participaram, demonstraram interesse na mostra e compreenderam as temáticas

abordadas. Pode-se concluir que a mostra científica, aos olhos dos alunos, provavelmente foi uma inovação em sua aprendizagem. Mais do que uma experiência aos alunos, por a mostra ser efetivada por licenciandos do primeiro semestre do curso de Licenciatura em Química, esse projeto foi um dos primeiros momentos em que se teve contato com uma escola de fato, sendo este contato antecipado de extrema importância para formação de futuros professores.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALLEGARIO, Laís J. et al. A História da ciência no ensino de química: uma revisão. **Revista virtual de química**, v. 7, n. 3, p. 977-991, 2015. Disponível em: <https://rvq-sub.sbq.org.br/index.php/rvq/article/view/1195/611>

XAVIER, Patrícia Maria Azevedo; FLÔR, Cristhiane Carneiro Cunha. Saberes populares e educação científica: um olhar a partir da literatura na área de ensino de ciências. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)**, v. 17, p. 308-328, 2015.

MUSICALIZAÇÃO INFANTIL: RETOMADA APÓS A PANDEMIA

KETHELEN DA FONSECA BILHALVA DE LIMA¹; REGIANA BLANK WILLE²

Universidade Federal de Pelotas – ketheelenbl@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas – regianawille@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O projeto de Musicalização Infantil da UFPEL existe desde 2007, tendo como princípios sempre estimular a musicalidade da criança, transmitindo o conhecimento musical através de atividades que envolvem o fazer musical nas suas três dimensões a saber execução (cantar, tocar) apreciação (ouvir) e criação (compor) além claro dos movimentos corporais e exploração de sons, sejam eles corporais ou instrumentais (SWANWICK, 2003).

Tendo como pressuposto que tal atividade tende a influenciar e obter resultados positivos na vida dessas crianças, nesta comunicação apresentarei reflexões acerca de como essas ações musicais interferem e motivam o desenvolvimento físico, motor e cognitivo-musical da criança, de acordo com cada faixa etária, e seus processos de aprendizagem.

2. METODOLOGIA

As aulas ocorrem presencialmente no Laboratório de Educação Musical (LAEMUS), tendo duração média de 45 minutos, ocorrendo uma vez na semana. Nesses dois últimos dois semestres estamos com turmas de 0 a 2 anos de idade (retornamos bem depois em função da pandemia do COVID 19).

Em nossas aulas seguimos uma sequência de organização de forma lógica, prezando que as crianças se sintam confortáveis em realizar as atividades propostas, e assim obtenham um melhor aprendizado. Seguem abaixo os momentos das aulas:

1° Saudação; a aula se inicia com uma canção que inclui o nome do aluno, mostrando a ele que a aula está começando, como também que ele tem importância naquele ambiente e que o momento é para ele.

2° Limpeza de ouvidos: separar as crianças das atividades sonoras do cotidiano, das atividades da aula de música;

3° Escala musical: cantamos a escala falando o nome de cada nota, acompanhados de um instrumento com altura definida, como violão, piano ou xilofone;

4° Contorno melódico: cantamos uma sequência de canções que evidenciem contornos melódicos ascendentes e descendentes;

5° Percussão e cirandas: em cada encontro escolhemos um instrumento de percussão infantil, em que apresentamos com uma música falando seu nome e pedindo para o manipularem. Posteriormente fazemos uma ciranda caminham em círculos, ora para um lado, ora para outro, tocando o instrumento, enquanto cantando músicas da cultura popular;

6º e 7º Apreciação e relaxamento: guiamos a atenção dos alunos para uma apreciação musical ativa, em que cantamos ou tocamos uma canção de ninar, ou alguma música mais tranquila, enquanto relaxam. Nesse momento usamos algum material de apoio, como bolinhas ou lenços, para os responsáveis massagear ou acariciar a criança.

8º Despedida: cantamos uma canção de despedida, indicando que a aula acabou, e que na próxima semana terá mais.

Nas reuniões semanais, discutimos questões relevantes e fazemos leituras juntamente com a coordenadora, visando a melhoria das aulas e maior entendimento pelos monitores dos processos que ali ocorrem. Partindo disso, os encontros são pensados respeitando o desenvolvimento e a capacidade das crianças de acordo com a faixa etária. Deste modo, obtemos uma sequência de procedimentos mais efetivos, prezando sempre o protagonismo das crianças, garantindo que elas possam aprender ouvindo, articulando, se movimentando, cantando, dançando e brincando.

Sempre temos inserido nas aulas complementando as canções, o gestual que são movimentos sem ou com locomoção, em determinados momentos percussão corporal, e o que chamamos de brinquedo projetivo, em que “a criança faz o papel do adulto e se projeta no brinquedo fazendo-o andar, pular ou dançar” (FERES, 1998, p. 39).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A música está presente na vida de todos, desde que nascemos até nosso último dia de vida, e através dela podemos manifestar nossas emoções, nos divertir e nos comunicar. É de senso comum que a vida com música nos traz benefícios, e pensando na criança e seu processo de aprendizagem, não seria diferente. O desenvolvimento cognitivo e o desenvolvimento musical estão inteiramente conectados (COSTA- GIOMI, 2017). Portanto, a criança que tem a oportunidade de crescer em um ambiente que a estimule musicalmente irá resultar em vantagens em seu amadurecimento cognitivo, tal como diz Bréscia (2003):

O processo de construção do conhecimento envolvendo musicalização favorece o desenvolvimento afetivo da criança e aumenta a atividade cerebral. Sendo assim, melhora seu desempenho, proporcionando avanços relacionados à sensibilidade, à criatividade, ao senso rítmico, à imaginação, à memória, à concentração, à atenção, à autodisciplina, ao respeito ao próximo, à socialização e à apreciação musical. Além disso, corrobora em uma efetiva consciência corporal e motora, favorecendo a integração social do sujeito (BRÉSCIA, 2003).

A rotina fixa dos encontros é parte essencial das atividades, pois acreditamos que “[...] a repetição traz previsibilidade e a previsibilidade traz segurança” (RODRIGUES, 2005 p. 67 apud. FARIA, 2017 p. 7), dessa forma resultam em uma maior fixação dos conhecimentos musicais. As crianças ao escutarem alguns sons e combinações sonoras repetidamente, melhoram sua discriminação auditiva (COSTA-GIOMI, 2017). Não só, mas especialmente esse

fator da rotina se faz muito indispensável em nossos encontros, visto que aderimos a ideia de inclusão, tendo parte das vagas garantidas para crianças com deficiências e condições diversas, dentre elas crianças dentro do Transtorno do Espectro Autista (TEA), as quais exigem essa previsibilidade dos acontecimentos.

É importante ressaltar que a participação dos responsáveis de cada criança nas aulas vai para além de apenas um acompanhante, atuando principalmente como estimulador. Essa pessoa/responsável participa integralmente do desenvolvimento do aluno, dedicando nesse momento atenção total na criança, fortalecendo o contato afetivo e musical.

Percebeu-se ao longo dos encontros que é extremamente necessário que as crianças mantenham frequência na aula, visto que pelo que analisamos, quando algum deles falta recorrentemente, fica nítida a diferença em relação aos demais colegas. A volta é mais mais agitada, não são compreendidos alguns momentos da aula, tendo episódios de desatenção, hiperatividade fora do comum e ainda dificuldade de socialização, de compartilhamento das atividades e ou objetos.

4. CONCLUSÕES

Visto que o projeto tem como propósito musicalizar crianças dentro da faixa etária de 0 à 4 anos, nossa atuação exige muita responsabilidade, considerando que estamos influenciando diretamente no desenvolvimento e construção de identidade desses indivíduos. Através da musicalização infantil, utilizando o lúdico, conseguimos a atenção da criança e colaboramos para que desenvolvam seu senso crítico musical, desenvoltura e sensibilidade, podendo tornarem-se futuros bons apreciadores musicais, ou até mesmo músicos.

Portanto, a criança que se desenvolve sendo exposta desde cedo ao estímulo musical, estará propícia a ter um melhor desempenho no seu processo de aprendizagem, socialização e relação afetiva.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRÉSCIA, V. L. P. **Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva**. São Paulo: Átomo, 2003.

COSTA- GIOMI. E. Cognición musicae en la infancia. In: GLUSCHANKOF, C. e PÉREZ- MORENO, J. **La música en educación infantil. Investigaciones y práctica**. Dairea Ediciones, Madrid, 2017.

FERES, Josette S. M. **Bebê: música e movimento: orientação para musicalização infantil**. Jundiaí, São Paulo: J. S. M. Feres, 1998. Acesso em: 17 de setembro de 2023.

RODRIGUES, H. A festa da música na iniciação à vida: da musicalidade das primeiras interações humanas às canções de embalar. **Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**, Lisboa, n. 17, p. 61-80, 2005. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/4188>. Acesso em: 4 julho 2023.



SWANWICK, K. **Ensinando Música Musicalmente**. São Paulo: Moderna, 2003.

TROCA DE SABERES SOBRE NEUROPLASTICIDADE COM PROFESSORES MUNICIPAIS DE PELOTAS- RS

NÍCOLAS CONDE¹; GIOVANA GAMARO²; ADRIANA LOURENÇO DA SILVA³

¹*Instituto de Biologia-UFPEL – nicpconde142@gmail.com*

²*Centro de Ciências Químicas, Farmacêuticas e de Alimento-UFPEL
giovanagamaro@hotmail.com*

³*Instituto de Biologia-UFPEL – adrilourenco@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A neurociência é uma área do conhecimento que adota uma abordagem interdisciplinar, abrangendo uma ampla gama de estudos relacionados à evolução, fisiologia, anatomia e outros campos. Seu principal propósito consiste em aprofundar a compreensão do funcionamento do cérebro humano e seus processos subjacentes. Dezenas de descobertas da década de 1990, do século passado, destacam-se pelo seu enfoque e ênfase na pesquisa e compreensão das complexidades do sistema neural, sendo batizada como a 'Década do Cérebro' (CHAVES, 2023).

De maneira geral a aprendizagem, é foco de intensos estudos sendo caracterizada por alterações no Sistema Nervoso Central (SNC), com diferentes graus de persistência, e se manifestam em resposta à exposição do indivíduo a estímulos e experiências de vida, sendo tais modificações subsequentemente traduzidas em transformações na arquitetura cerebral (CHAVES, 2023). Essas modificações do Sistema Nervoso Central (SNC), possuem caráter mais ou menos permanente e resultam em alterações cerebrais anatômicas e fisiológicas (ROTTA et al., 2021). Enquanto isso, os estudos sobre neuroplasticidade desempenham um papel crucial na compreensão dos processos de aprendizagem e no debate sobre o desenvolvimento cognitivo humano. Perguntas essenciais, como os mecanismos de aprendizagem, sua definição e a relação com a plasticidade cerebral, continuam a intrigar educadores e pensadores, impulsionando avanços em várias áreas de conhecimento ligadas à educação (ALMEIDA et al., 2022).

O principal propósito da extensão universitária reside na promoção de um diálogo ativo e construtivo com a sociedade, com o intuito de consolidar compromissos éticos e sociais por parte das instituições de ensino superior. A responsabilidade social atribuída às universidades está intrinsecamente ligada ao atendimento das demandas específicas da comunidade, tanto em âmbito regional quanto local, buscando abordar essas necessidades de maneira colaborativa e integrativa (SILVA; MELO; SILVA; RAMOS, 2014).

O presente trabalho foi desenvolvido através do Projeto de Extensão "Curiosamente", que está vinculado ao Programa Andorinha. Foi desenvolvido para os professores que atuam no AEE (Atendimento Educacional Especializado) da rede do município de Pelotas-RS. Tendo por objetivo: a) estabelecer uma parceria e intercomunicação de saberes entre a academia e a comunidade escolar; b) a divulgação do conhecimento científico relacionado a neuroaprendizagem, com enfoque na neuroplasticidade

2. METODOLOGIA

Após a reunião entre os diferentes projetos vinculados ao Programa Andorinha e a SMED, A Coordenadora Pedagógica Geral do Centro de Apoio, Pesquisa e Tecnologias para Aprendizagem (CAPTA-SMED) em Pelotas, solicitou uma capacitação para professores que atuam junto às Salas de Recursos no Atendimento Educacional Especializado, sobre aspectos biológicos que influenciam na aprendizagem.

O grupo de extensão Curiosamente, buscou informações científicas atualizadas para compor uma palestra com duração de 4 horas de duração, conforme solicitado pela SMED.. As atividades do projeto foram realizadas de forma remota e presencial, com utilização da plataforma de video-conferência da UFPE

Foram realizados encontros semanais da equipe com suas orientadoras em que eram discutidos os temas para a revisão de literatura e elaboração de temas relacionados à neuroaprendizagem. No ambiente virtual, foi escolhido o artigo científico intitulado “Neurociência e aprendizagem” de Raquel Lima Silva Costa, que foi objeto de discussão, seguida da atribuição de responsabilidades específicas a cada membro da equipe do projeto. Essas atribuições incluíam a síntese das informações e a criação de apresentações por meio das plataformas Canva e PowerPoint, adequação ao contexto escolar e buscar de outras fontes de informações científicas relacionadas.

Cada integrante ficou encarregado de um tema particular do artigo, sendo que, no contexto deste trabalho, um desses temas abordados de forma mais aprofundada foi a neuroplasticidade. Isso implicou em uma distribuição eficiente das áreas de estudo, permitindo uma análise mais detalhada e especializada do conteúdo do artigo, com foco na neuroplasticidade como um dos principais tópicos em destaque.

Antes da palestra para os professores da rede municipal, foi realizada uma última reunião com as orientadoras no intuito de apresentar o conteúdo previamente estipulado a cada aluno participante do projeto. Durante esta etapa foram realizadas correções e melhorias nos slides, bem como aconselhamento de oratória e dicas de apresentação.

No dia destinado à apresentação direcionada ao público-alvo, contabilizou-se uma presença significativa de mais de 70 professores que atuam no ensino básico da rede municipal de Pelotas, localizada no estado do Rio Grande do Sul. Essa audiência compreendeu educadores provenientes de diversas escolas da região, caracterizando um grupo diversificado e representativo de profissionais da educação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em síntese, os resultados deste projeto de divulgação de conhecimento evidenciam a importância da interligação entre Ensino, Pesquisa e Extensão no contexto universitário, bem como a sua extensão para além dos limites físicos da instituição acadêmica. A receptividade entusiástica por parte dos professores ouvintes demonstra a necessidade de estabelecer canais eficazes de compartilhamento de saberes entre a academia e a comunidade educacional.

O engajamento em encontros de divulgação de conhecimento desempenha um papel crucial na promoção da ampliação da valiosa interligação entre Ensino, Pesquisa e Extensão no contexto universitário. Além disso, essa interação estende-se para além dos limites físicos da universidade, proporcionando oportunidades para o crescimento e a disseminação de uma cultura social fundamentada nos princípios de aprofundamento e melhoria da qualidade, com o objetivo último de democratizar o acesso ao conhecimento (GADOTTI, 2017).

Os resultados obtidos a partir da execução deste projeto revelaram aspectos altamente positivos, que merecem destaque. Em primeiro lugar, foi notada uma receptividade extremamente favorável por parte dos professores que participaram como ouvintes nas palestras e discussões. No que diz respeito ao conhecimento adquirido, observou-se um enriquecimento notável por parte dos professores ouvintes. As palestras proporcionaram uma oportunidade valiosa para a aquisição de novos insights, conceitos e informações pertinentes à neuroaprendizagem, neuroplasticidade e outros tópicos relacionados à educação. Essa expansão do conhecimento foi evidenciada pelos questionamentos, comentários e discussões engajadas durante as apresentações.

Essa participação ativa aponta o impacto positivo do projeto na comunidade educacional, estimulando o engajamento e a reflexão. Onde, por meio do intercâmbio de vivências e da exploração de novas perspectivas educacionais, estabelecido em um contexto colaborativo entre professores em início de carreira e aqueles com vasta experiência, em consonância com a colaboração entre a universidade e a instituição de ensino fundamental, um ambiente caracterizado pela democracia é forjado. Este ambiente se revela propício à reformulação da realidade social e humana a partir do domínio pedagógico (MELLO; SALOMÃO DE FREITAS, 2017).

Foi repassado um formulário online para levantamento da satisfação e aproveitamento da atividade, mas infelizmente não tivemos retorno. Desta forma, nas próximas atividades levantaremos estes dados pessoalmente após a atividade realizada. Contudo, foi solicitada outra atividade a ser realizada com estes professores em novembro do presente ano.

Em resumo, os resultados desta ação demonstram não apenas a receptividade positiva por parte dos professores ouvintes, mas também a ampliação do conhecimento, a troca de saberes enriquecedora e a participação ativa e engajada da audiência, culminando em um ambiente propício à melhoria da prática educacional.

4. CONCLUSÕES

Assim, conclui-se que a divulgação científica do conhecimento e a interação entre a academia e a comunidade educacional não apenas enriquecem o saber, mas também fortalecem os laços entre essas esferas, promovendo a melhoria da qualidade da educação e contribuindo para a construção de uma sociedade mais informada e engajada. O acesso democratizado ao conhecimento é, portanto, um objetivo nobre que pode ser alcançado por meio dessas colaborações e trocas constantes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. T. et al. Uma Reflexão Sobre a Neuroplasticidade e os Padrões de Aprendizagem: A Importância de Perceber as Diferenças / A Reflection on Neuroplasticity and Learning Patterns: The Importance of Noticing Differences. **ID on line. Revista de psicologia**, v. 16, n. 61, p. 309–318, 31 jul. 2022.

CHAVES, J. M. Neuroplasticidade, memória e aprendizagem: Uma relação atemporal. **Revista Psicopedagogia**, v. 40, n. 121, p. 66–75, abr. 2023.

COSTA, R. L. S. Neurociência e aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, v. 28, p. e280010, 2023.

GADOTTI, M. Extensão Universitária: Para Quê? **Instituto Paulo Freire**, São Paulo, p. 1-16, 2017.

MELLO, E. M. B. SALOMÃO DE FREITAS, D. P. A formação docente no viés da Inovação Pedagógica: processo em construção. Anais... [recurso eletrônico] / **XXVIII Simpósio Brasileiro de Política e Administração da Educação: estado, políticas e gestão da educação: tensões e agendas em (des) construção. João Pessoa - PB, 2017, p. 1793 - 1802.**

SILVA, Flora Moritz da; MELO, Pedro Antônio de; SILVA, Julio Eduardo Ornelas; RAMOS, Alexandre Moraes. COMPROMISSO SOCIAL E EXTENSÃO: A PRÁTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Revista Alcance Eletrônica**, Governador Valadares, v. 21, n. 1, p. 77-97, mar. 2014. Disponível em: www.univali.br/periodicos. Acesso em: 31 ago. 2020.

ROTTA, N. T. Transtorno da atenção: aspectos clínicos. In: ROTTA, N. T. et al. **Transtorno da Aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed. 2006, p. 301-313.

PROJETOS MUITO MAIS QUE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E CURIOSAMENTE NO RUAS DE LAZER: RELATO DE EXPERIÊNCIA

BRUNO SAVIUS SIILVEIRA FRANCK¹; DORA ELISA DUARTE DA ROCHA²;
ADRIANA LOURENÇO DA SILVA³; GIOVANA DUZZO GAMARO⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – saviusbruno@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – dorarochoa354@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – adrilourenco@gmail.com

⁴Univerisidade Federal de Pelotas – giovana.gamaro@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A suspensão das atividades presenciais na Universidade Federal de Pelotas, em razão da pandemia do COVID, impactou significativamente o desenvolvimento das ações de extensão neste período, sendo necessário uma readequação dos projetos para o formato digital. Logo, a retomada das atividades nos bairros ocorreu no segundo semestre de 2023, em duas edições do Programa Ruas de Lazer, viabilizando o exercício da prática extensionista, por meio da exposição dos conteúdos desenvolvidos pelo projeto e consequente interação com a população local.

Nesse sentido, o projeto de extensão "Muito mais que divulgação científica" o qual produz materiais de divulgação científica em linguagem acessível uniu-se ao projeto de extensão CuriosaMente, que trabalha com neuroaprendizagem com o intuito de desenvolver atividades lúdicas e educativas voltadas ao raciocínio lógico junto ao Programa Ruas de Lazer. Este programa reúne projetos da UFPel interessados em levar lazer e conhecimento para população de forma itinerante, aproximando a UFPel dos diferentes bairros da cidade. Assim, o presente trabalho tem como objetivo relatar as experiências das ações dos projetos Muito mais que divulgação científica e CuriosaMente, em suas participações no Ruas de Lazer, através da ótica dos orientadores e integrantes dos projetos. Além disso, pretende-se caracterizar as atividades desenvolvidas e as populações assistidas pelo projeto.

2. METODOLOGIA

As atividades foram realizadas nos dias 02 de julho e 27 de agosto de 2023, na cidade de Pelotas, nos bairros Guabiroba e Navegantes, respectivamente, sendo desenvolvidas pelos coordenadores docentes, bolsistas e voluntários do projeto. Organizamos uma mesa expositora com as seguintes atividades: torre de Hanói, quebra cabeça 3D e jogo da memória seletiva. As demandas logísticas para a realização dos encontros, tais como disponibilização de mesas e cadeiras, foram atendidas pela Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PREC). Ademais, estas atividades foram planejadas com intuito de divulgar os diversos neuro conhecimentos através das brincadeiras, auxiliar na elaboração e desenvolvimento das funções executivas, como memória, flexibilidade cognitiva, planejamento, resolução de problemas e raciocínio (DIAS, 2013). Considerando o público alvo como sendo escolares de nível fundamental, foi adotada como estratégia a utilização de recompensas, por meio de brindes para aqueles que realizassem corretamente as atividades, reforço de estímulo positivo. A

participação foi contabilizada por meio do preenchimento de uma ata contendo nome e idade, somente após esse registro, foi conduzido para realizar a atividade.

Para melhor compreensão de cada uma das propostas interativas, cabe um breve esclarecimento acerca de cada uma delas. A torre de Hanoi consiste em uma base de madeira onde estão firmados três hastes verticais e um certo número de discos de madeira, de diâmetros diferentes, furados no centro. O jogo possui duas regras: somente um disco pode ser posto de cada vez e um disco maior nunca pode ser posto sobre um disco menor. Assim, através da torre de Hanoi, podemos trabalhar o conceito de sequência numérica e, particularmente de progressão geométrica e observar o crescimento de funções exponenciais (MANOEL, 2013). O quebra-cabeça 3D utilizado possuía peças de madeira para ser montado em forma de um cubo, tendo como finalidade o desenvolvimento das funções executivas, sendo a flexibilidade cognitiva uma das que estão relacionadas com esta habilidade de resolução de problemas, visão espacial e planejamento (CINCOTO, 2022). O jogo da memória seletiva é, resumidamente, um exercício de memorização dos cartões apresentados, a partir dos quais foram feitas perguntas para os participantes para testar a capacidade de memória de trabalho, memória bem breve mas de extrema importância para a formação de memórias mais longas. Sabe-se que os circuitos neuronais que modelam a memória são modificáveis de acordo com os estímulos recebidos, sendo esta função denominada neuroplasticidade, a qual é exercitada com a atividade proposta pelo jogo (WALKER, 2006).

Assim, tendo como base os recursos humanos e materiais, como também o planejamento para a realização da atividade de extensão, foi possível assistir nos dois encontros crianças e jovens em idade escolar, praticando exercícios de raciocínio e aproximando-os das instituições de ensino superior através do contato com acadêmicos e docentes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro encontro foi realizado no bairro Guabiroba, com quatro horas de duração, contudo, permaneceu esvaziado durante a primeira hora. Notou-se um certo receio inicial por parte da população, tendo em vista que havia também no local expositores de venda de artesanato, por isso algumas pessoas questionaram se as atividades do projeto eram cobradas. Em todos os casos, foram esclarecidos os objetivos do projeto e negado a existência de qualquer cobrança. Assim, após este ocorrido, aos poucos o público aderiu a nossa proposta, sobretudo, as crianças. Além disso, a mesa expositora do projeto contou com grande audiência e até mesmo fila de espera após o início da distribuição dos brindes.

Com relação ao desenvolvimento dos três jogos, não foram elaborados métodos objetivos para avaliar a qualidade e o tempo médio para a realização de cada uma delas. A discussão, nesse sentido, fica restrita ao que foi observado pelos autores. Apesar disso, foi possível perceber diferenças no tempo para a realização de cada uma delas e também o êxito para resolvê-las ou não. Com base nisso, observou-se que a Torre de Hanói foi a atividade que despendeu mais tempo para a realização e também necessitou de pelo menos duas repetições da explicação das regras e demonstração da execução. O quebra-cabeça 3D, por sua vez, foi a atividade com maior desistência e, além disso, nenhum dos participantes conseguiu montá-lo sem uma demonstração prévia do gabarito.

O segundo encontro ocorreu no bairro Navegantes, também com duração de quatro horas, porém com boa adesão do público desde o início. Nesta ocasião, não haviam expositores comerciais, tampouco houveram questionamentos acerca da atividade ser ou não gratuita. Ademais, uma peculiaridade da população escolar das duas regiões foi que uma certa quantidade de crianças com mais de 7 anos que relataram, não saber ler e nem escrever, quando foram solicitados a participar do jogo dos cartões de memória e também para assinar a ata da atividade. Porém, não foram estimados com precisão os dados desses participantes e nem quantificados. Nesse sentido, é válido para as próximas edições ser realizado um levantamento mais apurado acerca desses dados e avaliação comparativa entre os locais onde foram desenvolvidas as atividades do projeto. Além disso, será necessário também uma adaptação das atividades para este recorte do público, ainda que a leitura não seja exigida em todas elas, a fim de atingir o objetivo da acessibilidade, preconizada pelo projeto e também excepcional para qualquer atividade extensionista. No bairro Navegantes, a maioria das crianças estavam desacompanhadas de pais ou responsáveis, ou ao contrário do bairro Guabiroba. No bairro Guabiroba adultos também participaram de algumas brincadeiras, no bairro Navegantes tivemos pouca participação da população adulta. Desta forma, pode-se perceber a particularidade de cada bairro, bem como a diversidade das diferentes comunidades em nossa cidade. Porém, a carência de atividades de lazer nos bairros da cidade é o fator em comum nestas duas comunidades, e poder aliar o lazer ao aprendizado pode incentivar a permanência das crianças na escola, por despertar a curiosidade pelo novo. Ademais, as ações do projeto permaneceram ativas até o horário previsto para o término, porém foi observado um novo esvaziamento da exposição após o término dos brindes que foram distribuídos, em ambos os bairros.

4. CONCLUSÕES

Por fim, considerando os princípios e diretrizes da extensão universitária, a dialogia da interação de acadêmicos e docentes com a sociedade, por meio da troca de conhecimentos e contato com a produção científica acadêmica, foram objetivos pretendidos com a ação do projeto durante o Ruas de Lazer. Além disso, foi possível observar na prática o impacto causado por uma universidade quando se propõe a ir até a comunidade, tanto para a população quanto para os acadêmicos. Logo, a experiência adquirida com as ações nestes dois encontros evidencia o caráter indissociável entre a universidade e a comunidade em seu entorno.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CINCOTO, BV. **Flexibilidade cognitiva em crianças do Ensino Fundamental: os desafios de quebra-cabeças como instrumentos de intervenção.** 2022. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências.

DIAS NM, SEABRA, AG. Funções executivas: desenvolvimento e intervenção. **Temas sobre Desenvolvimento 2013**, São Paulo, v.19, p.206-212.



UNESP. **Torre de Hanói**. Manoel, Luís Ricardo da Silva. Secretaria da Educação do Paraná, Curitiba, 07 jun. 2013.

Acessado em 9 set. 2023. Online. Disponível em:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/mydownloads_01/singlefile.php?cid=46&lid=1951

WALKER, M. P.; STICKGOLD, R. Sleep, memory and plasticity. **Annu. Rev. Psychol**, Boston, v. 57, p. 139-166, 2006.

CICLO DE ESTUDOS E DEBATES SOBRE ALFABETIZAÇÃO E INCLUSÃO: A IMPORTÂNCIA DA QUALIFICAÇÃO DOCENTE

DIULI ALVES WULFF¹; RAFAEL MENDES²; MATEUS VALADÃO DE SOUZA;
GABRIELLA DAS NEVES FURTADO; RAFAELA ELERT STRELOW ;
GILCEANE CAETANO PORTO;

¹Universidade Federal de Pelotas– diulii.alves@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – rafaelmendesufpel@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – matheussouza396485@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – gabi03nf@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – strelowrafaela@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas - gilceanep@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Ao levar em consideração que a prática docente é a profissão mediadora do processo de construção de cidadania dos educandos, entende-se que cabe ao professor estar preparado para a pluralidade do ambiente escolar, reconhecendo que cada desenvolvimento é particular em sua maneira de aprender e de compreender o mundo. Nesse sentido, refletindo sobre as alteridades no âmbito educacional, considera-se também fundamental debater sobre o processo de inclusão. A discussão sobre a temática demonstra-se imprescindível, tendo em vista a qualidade que o mesmo oferecerá enquanto profissional ao ingressar na escola.

Em virtude disso, o grupo PET Pedagogia, refletiu sobre a necessidade de estudar com os demais discentes, dando início ao ciclo de estudos e debates sobre alfabetização e inclusão. O ciclo de palestras é uma atividade de extensão organizada pelo grupo, com o objetivo de explorar temas relacionados à alfabetização e inclusão. Os encontros ocorrem mensalmente na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. As atividades são desenvolvidas por um convidado e mediadas por um bolsista do grupo. Os estudantes inscritos no ciclo têm acesso a uma leitura prévia sobre a temática que está sendo discutida no mês.

O presente trabalho objetiva descrever os encontros, assim como abordar as temáticas estudadas durante o ciclo de estudos e debates sobre alfabetização e inclusão. Utilizou-se ao longo do trabalho como aporte teórico os textos analisados e disponibilizados ao longo dos encontros. As temáticas propostas levaram em consideração a ausência de discussão da temática ao longo da graduação. Ademais, o tema inclusão ainda registra as marcas históricas do processo de marginalização e de exclusão que permearam durante séculos. Segundo Pacheco e Alves (2007, p. 246):

[...] a inclusão social é o processo pelo qual a sociedade se adapta para incluir as pessoas com deficiência em seus sistemas, ao mesmo tempo que estas preparam-se para assumir seus papéis na sociedade. É então, um processo bilateral no qual tanto a pessoa ainda excluída, quanto à sociedade, busca equacionar problemas, buscar soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos.

Ao compreender a importância da qualificação docente, entende-se também que esse processo perpassa por diferentes conhecimentos, sendo alguns a própria abordagem em sala de aula, de como fazer, elaborar ou posicionar-se frente a diferentes aspectos. Nesse sentido, ao passo que o processo de inclusão ainda carece de esclarecimentos e de avanços significativos, faz-se necessário repensarmos nosso papel enquanto futuros docentes. Em sequência é fundamental questionar qual é a importância de incluir, ao que evidencia a autora Mantoan (2015, p. 30):

Incluir é necessário, primordialmente para melhorar as condições da escola, de modo que nela se possam formar gerações mais preparadas para viver a vida na sua plenitude, livremente, sem preconceitos, sem barreiras. Não podemos contemporizar soluções, mesmo que o preço que tenhamos de pagar seja bem alto, pois nunca será tão alto quanto o resgate de uma vida escolar marginalizada, uma evasão, uma criança estigmatizada sem motivos.

Diante da reflexão sobre a temática, planejou-se a construção do ciclo de estudos e debates sobre alfabetização e inclusão. A seguir, aborda-se um pouco do processo metodológico tanto das palestras, quanto em relação ao convite dos professores e divulgação dos eventos.

2. METODOLOGIA

Com o objetivo relatar os encontros do grupo PET Pedagogia, e as temáticas abordadas no projeto, nesta seção apresentamos a descrição e o relato das atividades propostas durante cada encontro do ciclo. Para a seleção dos temas considerou-se aspectos atuais da educação, assim como assuntos pouco ou não discutidos durante as disciplinas do curso de Licenciatura em Pedagogia. No primeiro encontro, foi discutido o transtorno do espectro autista (TEA) e transtornos de aprendizagem. No segundo encontro, abordou-se o transtorno desafiador opositor (TOD). No terceiro encontro, o tema foi a paralisia cerebral. Cada encontro tem a duração de uma hora e ocorre preferencialmente na última terça-feira do mês.

Para a seleção de palestrantes considerou-se profissionais que estabelecem ligação direta com a temática proposta, atuando em diferentes áreas. Para o primeiro ciclo foram convidadas duas professoras, uma ligada à temática TEA e a outra vinculada aos transtornos de aprendizagem. No primeiro encontro, as palestrantes propuseram uma dinâmica de grupos. . No segundo, uma professora da rede pública que trabalha na sala de recursos abordou a temática TOD. Neste dia foram utilizados slides e alguns livros foram indicados ao longo do ciclo. No terceiro encontro foram utilizados slides e dinâmicas envolvendo os discentes participantes. O palestrante convidado, terapeuta ocupacional e professor na universidade, abordou a temática paralisia cerebral.

A divulgação dos ciclos ocorreu por meio de divulgação de cards tanto pela plataforma *Instagram*, quanto pela distribuição de panfletos, como também através de avisos em sala de aula. Os materiais para a divulgação foram elaborados na plataforma *Canva*. Ademais, optou-se também pela criação de um grupo na plataforma *Whatsapp*, tanto para a divulgação do material, quanto para discussões e avisos. As inscrições foram realizadas através de formulários da plataforma *Google Forms* e as presenças registradas por chamadas físicas a

cada encontro. Cabe ressaltar que o referencial teórico de cada ciclo permanece disponível para consulta na plataforma *Google Drive*, ao qual foi criada uma pasta para o ciclo. Em sequência, os demais resultados frutos do processo de construção do presente trabalho.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A adesão e a participação dos estudantes nas atividades do ciclo mostraram interesse na discussão sobre o processo de inclusão, refletindo nas suas preocupações com as abordagens em sala de aula. Com um embasamento teórico sólido, podemos fundamentar a prática e nos tornar profissionais mais seguros. Em diante, refletimos sobre nosso compromisso enquanto professores, segundo a autora Vieira (2020, p.61)

Ao professor, enquanto mediador do processo de construção de conhecimento, cabe a atribuição de favorecer o desenvolvimento cognitivo do educando com TEA e, para tanto, é primordial conhecer e considerar suas habilidades, estilos e ritmo de aprendizagem, possibilidades, afinidade com determinadas áreas, repertório de comportamentos e definir, de forma multidisciplinar e interdisciplinar, encaminhamentos que orientem ações necessárias, especialmente nas etapas iniciais de escolarização em que o suporte individualizado é mais exigido como meio de ampliar potencialidades e minimizar limitações.

Ao compreender que a abordagem da autora refere-se ao transtorno do espectro autista, podemos observar que essa afirmação poderia enquadrar-se em outros transtornos ou deficiências. Em paralelo, ao nos debruçarmos sobre o aporte teórico necessário, é possível para além da reflexão sobre a prática, conhecermos mais sobre as singularidades que nos cercam. Uma das temáticas atuais que demonstrou maior desconhecimento por parte do público refere-se ao tema transtorno opositor desafiador. Segundo as autoras Menezes, Meneses e Duarte (2022, p.426) “O TOD (transtorno opositor desafiador) é um transtorno que atinge a área comportamental, ou seja, um transtorno do neurodesenvolvimento.” As autoras também afirmam que esse transtorno é visto também como rebeldia, falta de paciência ou agressividade. Nesse aspecto, à medida que conhecemos mais sobre a temática é possível também buscarmos alternativas que beneficiem o processo de aprendizado do aluno, como também seu bem estar e permanência em sala de aula.

Outrossim, outra temática abordada durante o ciclo foi a paralisia cerebral (PC) ministrada por um professor da Faculdade de Educação e terapeuta ocupacional. Uma das intenções do ciclo é que além de abordar algumas questões que implicam a motricidade dos educandos com PC, também fosse possível estabelecer o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento. Com relação a motricidade a palestra trouxe aspectos importantes na reflexão sobre as práticas, trazendo consigo alguns conceitos da área médica e explicando seu significado. Nesse aspecto, considera importante que o professor entenda as habilidades e limitações do educando, para então planejar suas atividades de maneira acessível a todos os alunos.

Na última atividade do ciclo realizada no mês de agosto, procuramos aprofundar os conhecimentos sobre a paralisia cerebral, já que é uma temática pouco abordada durante a graduação, a fim de ampliar nossa compreensão e

preparação como profissionais. Segundo os autores Fonseca et al.(2008), “a paralisia cerebral (PC) é uma encefalopatia crônica infantil que se caracteriza por distúrbios motores de caráter não-progressivo, que se manifestam em um cérebro em desenvolvimento (antes dos 3 anos de idade) levando a distúrbios de motricidade, tônus e postura, podendo ou não se associar a um déficit cognitivo.”

A partir disso, é possível compreender a importância da realização do ciclo, assim como de cada uma das discussões trabalhadas ao decorrer das atividades, direcionando para as considerações finais.

4. CONCLUSÕES

Ao que confere a formação docente, entende-se que o processo de qualificação do profissional perpassa pelo diálogo entre diferentes áreas do conhecimento. Nesse sentido, procuramos demonstrar ao longo deste trabalho, que para desenvolver a aprendizagem dos alunos é fundamental que o professor reconheça a pluralidade dos seus educandos, para que sua proposta pedagógica atenda as especificidades de aprendizagem de cada um. Dessa forma, ratifica-se que o professor enquanto mediador desse processo precisa dialogar e reconhecer a diversidade que compõem o ambiente escolar.

Outro aspecto evidenciado ao longo do presente trabalho se refere a importância das atividades de extensão. As experiências vivenciadas durante a graduação desempenham um papel fundamental na formação profissional de cada indivíduo. Nesse sentido, ao abordar diferentes temáticas é possível expandir o repertório teórico e conseqüentemente qualificar a futura abordagem docente.

Ao longo dos ciclos de estudos também se evidenciou que parte importante no processo de inclusão se dá a partir de reconhecer o educando no ambiente escolar. Nessa perspectiva, mesmo com diferentes temáticas abordadas ao longo do ciclo, o repertório teórico manteve a proposta de que sem o conhecimento do aluno, o professor torna-se incapaz de realizar uma abordagem qualificada.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONSECA, L. F. et al. Paralisia Cerebral: classificação e apresentação clínica. **Paralisia Cerebral-Neurologia, Ortopedia e Reabilitação**. Rio de Janeiro: Medbook, p. 47-52, 2008.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar – **O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Summus, 2015.

MENEZES, Patrícia Oliveira; MENESES, Karinne Oliveira; DA SILVA DUARTE, Eli. **O desafio do professor na alfabetização de crianças com tod-transtorno opositor desafiador**. Facit Business and Technology Journal, v. 3, n. 39, 2022.

PACHECO, Kátia Monteiro De Benedetto; ALVES, Vera Lucia Rodrigues. **A história da deficiência, da marginalização à inclusão social: uma mudança de paradigma**. Acta fisiátrica, v. 14, n. 4, p. 242-248, 2007.

IMPORTÂNCIA DA ECAPE (EMPRESA JÚNIOR DE CONSULTORIA AGROPECUÁRIA E PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO) NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS ALUNOS DE AGRONOMIA E ZOOTECNIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

GABRIEL COSTA DE ABREU¹; DIOGO KUHN SCHERDIEN²; LUÍSA MENEZES BIGHELINI³; LUIZA EHLERT BIERHALS⁴; KAROLAIN KLUG SCHILLER⁵; PABLO MIGUEL⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – gabrielcostadeabreu@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – diogoscherdien@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – sv.s.luisamenezes@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – bierhalsluiza@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – schillerkarolain@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – pablo.miguel@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A Empresa Júnior de Consultoria Agropecuária e Planejamento Estratégico (ECAPE) é uma associação sem fins lucrativos, vinculada à Universidade Federal de Pelotas, formada por estudantes dos cursos de Agronomia e Zootecnia. A empresa é federada junto à Federação das Empresas Juniores do Rio Grande do Sul (FEJERS) desde o ano de 2019. Fundada em 2000, a FEJERS é a instância que representa todas as empresas juniores gaúchas (FEJERS, 2023). A FEJERS é uma das federações que fazem parte do Movimento Empresa Júnior (MEJ) que é o maior movimento de empreendedorismo jovem do mundo. Seu propósito é formar, por meio da vivência empresarial, lideranças comprometidas e capazes de transformar o Brasil em um país mais empreendedor (Brasil Júnior, 2023).

A ECAPE, presta serviços agropecuários para pequenos e médios produtores rurais do município de Pelotas e cidades próximas e tem o objetivo de colaborar com o desenvolvimento destes através de seus projetos e compartilhamento de informações. Entre os serviços mais executados, está a análise de solo e recomendação de adubação e calagem.

Participar da ECAPE é uma oportunidade única de aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula, permitindo que os alunos desenvolvam habilidades práticas, além de se preparar para o mercado de trabalho. Por isso, é importante relatar as atividades desenvolvidas pela ECAPE através do desenvolvimento de projetos e prestação de serviços, principalmente aqueles que são desenvolvidos fora da Universidade, caracterizando assim a extensão na sua essência.

2. METODOLOGIA

Uma das maiores vantagens de fazer parte da ECAPE é a oportunidade de vivenciar a prática de uma empresa de consultoria agropecuária antes mesmo de finalizar o curso de graduação. Ao realizar projetos para clientes, os alunos têm a chance de aplicar técnicas e conceitos aprendidos ao longo do seu curso de

origem, enriquecendo seu aprendizado. A experiência prática proporcionada pela ECAPE em suas diversas atividades é um diferencial, pois permite aos alunos ter uma visão mais completa e aprofundada de como funciona o mercado de trabalho.

Dentro da ECAPE, os membros são divididos em cinco setores onde podem executar atividades que possuem mais afinidade ou procuram se desenvolver mais. Os setores são: Administrativo e Financeiro, Comercial, Recursos Humanos, Projetos e Marketing. Além das atividades em seus setores, os membros participam da realização de projetos agropecuários para clientes e demais atividades que dizem respeito à empresa, por exemplo, organização de eventos.

Ao executar as atividades oferecidas pela ECAPE o aluno desenvolve habilidades interpessoais, como trabalho em equipe, liderança, comunicação assertiva e resolução de conflitos. O contato direto com clientes e colegas de equipe estimula a capacidade de se adaptar a diferentes situações. Essas habilidades são amplamente valorizadas pelo mercado de trabalho e contribuem para o sucesso profissional dos graduandos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde o início do ano de 2023 até o momento a ECAPE já realizou quatorze projetos junto a pequenos produtores rurais de diferentes cidades da região sul do estado do Rio Grande do Sul. Em doze desses projetos os membros auxiliaram na coleta de amostras de solo para posterior análise e recomendação de adubação e calagem quando necessário.

Os membros da ECAPE também tiveram a oportunidade de participar de eventos, organizados pela FEJERS, um deles o GRUPEIRA que foi realizado na cidade de Rio Grande- RS, e contou com a participação de empresas juniores da região sul, o outro foi o EGEJ, que aconteceu em Farroupilha- RS e contou com a participação de empresas juniores de todo o estado, além de momentos com a colaboração de empresas sênior. Nesses eventos aconteceram muita troca de conteúdo e de ideias com o objetivo de agregar no desenvolvimento das empresas e seus membros. Durante a semana do dia das mulheres, nos dias 08 e 09 de março de 2023, foi realizado pela ECAPE o evento Agroinspiradoras nas dependências da FAEM, que teve o objetivo de homenagear as mulheres e realizar palestras relacionadas ao agronegócio para os alunos.

A ECAPE segue sempre em busca de novas atividades e projetos que proporcionem aos seus membros o desenvolvimento de suas habilidades pessoais, como a comunicação, capacidade de trabalhar em equipe e o aprimoramento de seus conhecimentos técnicos, conseqüentemente, também o desenvolvimento da empresa.

4. CONCLUSÕES

A participação dos alunos dos Cursos de Agronomia e Zootecnia da UFPel na ECAPE é uma oportunidade única para desenvolverem habilidades práticas,

interpessoais e ampliem o seu conhecimento teórico e prático sobre diferentes áreas. Além disso, a experiência na empresa júnior contribui significativamente para o crescimento pessoal e profissional dos alunos. Portanto, é essencial que a UFPel incentive e apoie o trabalho realizado pela ECAPE dentro da universidade junto com os alunos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FEJERS, 2023. Federação das Empresas Juniores do Rio Grande do Sul - FEJERS. Disponível em: <https://fejers.org.br/>
Brasil Júnior, 2023. Conheça o MEJ. Disponível em: <https://brasiljunior.org.br/conheca-o-mej>

DESENVOLVIMENTO DE UM CURSO DE FORMAÇÃO PARA PROFESSORES

LUIZE VARGAS ABREU¹; RAFAEL SEABRA FERRÃO²; RENATA HAX SANDER REISER³; SIMONE A. DA COSTA CAVALHEIRO⁴; LUCIANA FOSS⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – lvabreu@inf.ufpel.edu.br

²Universidade Federal de Pelotas – rafael.sf@inf.ufpel.edu.br

³Universidade Federal de Pelotas – reiser@inf.ufpel.edu.br

⁴Universidade Federal de Pelotas – simone.costa@inf.ufpel.edu.br

⁵Universidade Federal de Pelotas – lfoss@inf.ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A área de educação tem sido constantemente desafiada a encontrar maneiras inovadoras e eficazes de promover o aprendizado, especialmente em relação ao ensino de disciplinas complexas, como o Pensamento Computacional (PC). O PC, compreendido como a capacidade de resolver problemas de forma lógica e estruturada, tem se tornado cada vez mais relevante em um mundo cada vez mais digitalizado.

Nesse contexto, o projeto SACCI Pelotas: Rede de Saberes Articulando Ciências, Criatividade e Imaginação (Rede SACCI) assume o compromisso de transformar a educação e a sociedade na metade sul do Rio Grande do Sul, conectando o conhecimento escolar à produção científica gerada nas universidades. O objetivo geral do projeto é integrar a metodologia do Pensamento Computacional no desenvolvimento de habilidades relacionadas a área de ciências, com o propósito de aperfeiçoar e inovar as metodologias de ensino nessa área de conhecimento (SACCI, 2021).

As atividades desenvolvidas no SACCI Pelotas incluem a elaboração e a aplicação de cursos de formação destinados a professores do ensino fundamental. Estes cursos têm como finalidade fornecer suporte à elaboração de atividades que estimulem o Pensamento Computacional, juntamente com outras habilidades previstas nos currículos das áreas de ciências. Com base nesse objetivo, o presente artigo descreve o desenvolvimento de um curso de formação voltado para professores, centrado na atividade Uma Aventura no Espaço¹. Essa atividade, alinhada com os princípios do Pensamento Computacional, propõe um ambiente de aprendizagem desplugado, lúdico e interativo, onde os educadores podem adquirir habilidades essenciais para promover o PC entre seus alunos.

2. METODOLOGIA

A atividade Uma Aventura no Espaço busca promover o entendimento de estruturas de dados homogêneas, com ênfase em vetores e matrizes. Esta atividade não apenas envolve os participantes, mas também os desafia a pensar de forma estratégica e lógica.

O principal objetivo dessa atividade é contribuir para o desenvolvimento de uma das habilidades propostas no Complemento à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o 4º ano do Ensino Fundamental, no eixo do Pensamento Computacional. Essa habilidade envolve a capacidade de reconhecer objetos que podem ser representados por meio de matrizes, estruturas que organizam

¹ Atividade disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/pensamentocomputacional/planos/>

informações sistematicamente em linhas e colunas. Além disso, incentiva os participantes a aprimorar suas habilidades na manipulação dessas estruturas.

A atividade também se dedica à exploração dos vetores, que também são destacados neste contexto. Vetores são considerados casos especiais de matrizes com apenas uma linha, e a exploração desses conceitos proporciona uma compreensão mais abrangente das estruturas de dados em geral.

Inicialmente, a atividade Uma Aventura no Espaço estava dividida em cinco tarefas, cada uma contendo um plano de aula e uma lista com atividades complementares, sendo que as três primeiras abordam os conceitos de vetores, a quarta tarefa apresenta o conceito de matriz, e a quinta e última tarefa introduz o jogo da atividade envolvendo todos os conceitos mencionados anteriormente (ABREU; AGUIAR; PIANA; MAZZINI; CAVALHEIRO; FOSS, 2022). Entretanto, os membros do grupo de pesquisa responsável pelo desenvolvimento das atividades, identificaram a necessidade de readequar algumas tarefas da atividade para tornar seus conceitos mais claros e objetivos. Como resultado, a quarta tarefa foi dividida em duas, resultando em um total de seis tarefas na atividade.

As adaptações das tarefas visam melhorar a compreensão dos conceitos e oferecer uma progressão mais eficaz na aprendizagem. Todas as modificações foram discutidas e planejadas em conjunto com os membros do grupo de pesquisa do projeto.

O curso de formação para professores encontra-se em fase final de elaboração. Foram realizadas reuniões semanais para discutir a metodologia a ser empregada em cada etapa, além de desenvolver abordagens para tornar a apresentação e exemplificação dos conceitos envolvidos mais compreensíveis. Este curso será inicialmente disponibilizado para a comunidade através de tutoriais gravados em vídeos. Estes vídeos serão disponibilizados no site do grupo do projeto e em outros repositórios educacionais. Posteriormente, este curso será ministrado para professores da rede municipal de ensino de Pelotas em ações de formação promovidas pela Secretaria Municipal de Ensino e Desporto.

Este curso tem como objetivo não apenas instruir os professores sobre o funcionamento do jogo, mas também fornecer uma base sólida nos conceitos subjacentes. O propósito central é capacitar os educadores e habilitá-los a aplicar a atividade de forma efetiva em suas salas de aula, enriquecendo assim a experiência educacional de seus alunos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A estrutura do curso compreende vídeos tutoriais para cada plano de aula das tarefas. Todos os tutoriais iniciam com um breve resumo do que foi abordado na tarefa anterior, com exceção dos tutoriais da tarefa 1 e 6. Cada tutorial se encerra com informações de contato da equipe do projeto, para caso de dúvidas por parte dos professores que estão visualizando os tutoriais. Após as adaptações realizadas na atividade, o conteúdo de cada vídeo tutorial foi reorganizado da seguinte maneira:

- 1. Tutorial da Tarefa 1:** Este tutorial inicia com uma breve introdução ao grupo de pesquisa em Pensamento Computacional, expondo os projetos do grupo e o site do projeto onde as atividades estão disponíveis. Em seguida, é introduzida a atividade Uma Aventura no Espaço, apresentando a história da personagem Alex. Posteriormente, é abordado o primeiro

conceito da atividade: vetores. Aqui, é dada uma explicação abrangente sobre vetores de rota, definindo o que é um vetor, posição, dimensão e os valores que podem ser armazenados dentro de um vetor, que são os símbolos de navegação. Após isso, são apresentadas as etapas para a construção de um vetor de rota (Figura 1).

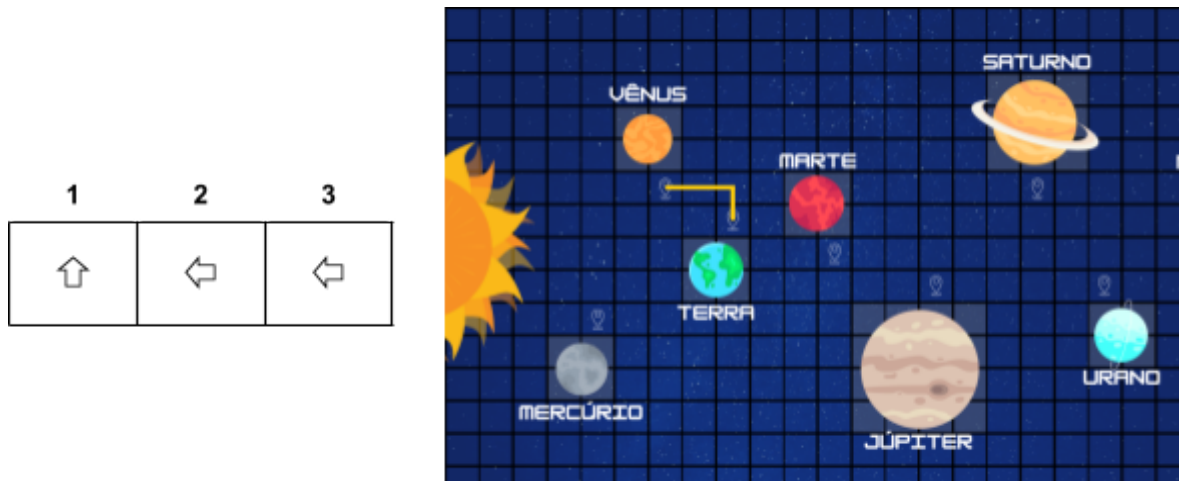


FIGURA 1. Exemplo de um vetor de rota e o traçado correspondente no mapa.

2. **Tutorial da Tarefa 2:** Este tutorial aborda a compreensão da elaboração de rotas reversas, ou seja, a criação de uma rota que parte do planeta destino e retorna ao planeta de origem. Para isso, serão apresentadas as etapas para a construção de uma rota reversa. Além da rota reversa, essa tarefa também ensina a criação de rotas com paradas intermediárias. Então, após a explicação da primeira parte da tarefa, são apresentados os passos para a construção de uma rota com paradas intermediárias, utilizando a composição de rotas. É explicado o passo a passo para construir esse vetor de rota composta, concluindo com a visualização da rota composta e das rotas que a originaram.
3. **Tutorial da Tarefa 3:** O foco da tarefa 3 é a composição de rotas e a capacidade de ajustar o vetor de bateria da nave (um vetor com 10 posições) para monitorar a energia restante à medida que o participante avança no percurso de sua viagem espacial. A bateria da nave é apresentada, indicando os valores das posições que ela pode assumir. Para verificar a capacidade e a carga de energia da bateria, é fornecido um passo a passo dividido em duas partes: a primeira parte verifica a capacidade da bateria da nave, e a segunda parte verifica a carga de bateria da nave.
4. **Tutorial da Tarefa 4:** Neste tutorial, introduz-se o segundo conceito da atividade: matrizes. São explicados os conceitos de matriz, sua dimensão, os tipos de dados que podem ser armazenados nela e como acessar esses dados. Em seguida, é apresentada a caixa de coleta, representada por uma matriz, na qual Alex armazena amostras de pedras encontradas durante sua jornada. Após essa explicação, exemplos são fornecidos para ilustrar como acessar e atualizar os dados dentro dessa matriz.
5. **Tutorial da Tarefa 5:** No tutorial da tarefa 5, são apresentadas duas outras matrizes: o mapa de pedras e a matriz de planetas. O mapa de pedras

fornece informações sobre as pedras presentes em cada planeta, incluindo suas quantidades. A matriz de planetas armazena as distâncias entre os planetas, permitindo determinar as rotas mais curtas entre eles. Após explicar o que é cada uma dessas matrizes, são feitos alguns exemplos para mostrar como usá-las, incluindo como armazenar e atualizar as informações do mapa de pedras e as distâncias dos planetas na matriz de planetas.

- 6. Tutorial da Tarefa 6:** O tutorial da tarefa 6 tem como objetivo explicar o jogo, que permite a aplicação prática dos conceitos aprendidos nas tarefas anteriores, e seu funcionamento. Inicia com uma recapitulação da história da Alex e seu objetivo de encontrar amostras de pedras específicas, que será o objetivo de cada equipe no jogo. Em seguida, são detalhadas as regras, a execução e como criar uma estratégia de viagem para um planeta destino. Também são apresentados os materiais utilizados durante o jogo, incluindo o mapa do Sistema Solar, a matriz de coleta, o mapa de pedras e a matriz de planetas, as cartas surpresa, as cartas-objetivo e as cartas-perguntas.

Os vídeos tutoriais do curso ainda não foram gravados, no entanto, as apresentações das tarefas 1 a 5, assim como o roteiro das tarefas 1 a 4, já estão concluídos. Todos os materiais de apresentação e roteiros estão sendo revisados pelos membros do grupo de pesquisa do projeto.

4. CONCLUSÕES

Este artigo descreve o progresso no desenvolvimento de um curso destinado à formação de professores do ensino fundamental, com o objetivo de capacitá-los a ensinar conceitos do Pensamento Computacional, com foco em vetores e matrizes. O curso está sendo desenvolvido pela equipe do projeto SACCI Pelotas, a partir da atividade anteriormente proposta, denominada Uma Aventura no Espaço.

Como trabalhos futuros, estão sendo discutidos os detalhes do desenvolvimento da versão virtual desta atividade, utilizando uma mesa tangível como interface interativa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, L.V.; AGUIAR, M.S.; PIANA, C.F.B.; MAZZINI, A.R.A.; CAVALHEIRO, S.A.C.; FOSS, L. EXTENSÃO E ADAPTAÇÃO DA ATIVIDADE UMA AVENTURA NO ESPAÇO. In: **IX Congresso de Extensão e Cultura da UFPel**, Pelotas, 2022, **Anais...** Pelotas: Ed. da UFPel, 2022.p.72-75.

SACCI. **SACCI Pelotas: Rede de Saberes Articulando Ciências, Criatividade e Imaginação**. UFPel, Pelotas, 2021. Acessado em 21 set. 2023. Online. Disponível em: <https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/u1491>

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E HISTÓRIA INDÍGENA NA REGIÃO DE PELOTAS

ISABELA LOURENÇO CRUZ;¹
RAFAEL GUEDES MILHEIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – isa.lourenco.c@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – milheiraraafael@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Arqueologia, Educação Patrimonial e História Indígena em Pelotas é um projeto que tem como objetivo trazer discussões sobre a História pré-colonial do Rio Grande do Sul, com foco principalmente na região de Pelotas e adjacências, promovendo na sociedade debates em torno desse passado pré-colonial, disseminando informações sobre o patrimônio arqueológico presente em Pelotas e divulgando os trabalhos e pesquisas realizados pelo Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ-UFPEL). Este projeto é feito em parceria com escolas públicas e privadas, prefeituras municipais e instituições que demonstram interesse no trabalho realizado pelo projeto.

Pretende-se, por meio da divulgação científica, incitar a criação de uma consciência histórica que permita a valorização e a preservação do patrimônio arqueológico e da memória de nossa sociedade (NOELLI, 2004), visibilizando as consequências que a ausência de preservação acarreta para a vida cotidiana da sociedade. A título de ilustração, o caso dos empreendimentos imobiliários na região do Pontal da Barra, Pelotas, (MILHEIRA, CERQUEIRA e ALVES, 2012), que além de colocar em risco uma grande diversidade de sítios arqueológicos, parte das primeiras ocupações indígenas da região (construtores de cerritos e Guaranis, que dominaram as terras pampeanas), traz risco para o banhado, suas espécies endêmicas e para a vida dos moradores da região.

2. METODOLOGIA

O projeto utiliza, para a propagação de informações científicas, visitas guiadas ao Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia e a sítios arqueológicos, a organização de exposições temporárias e itinerantes, palestras interativas com o uso de materiais didáticos disponíveis no LEPAARQ, que são em sua maioria resultado de doações feitas ao laboratório por moradores da região e consistem em materiais líticos, como bolas de boleadeira, quebra-coquinhos e pontas de projéteis, além de fragmentos de cerâmica dos construtores de cerritos e Guaranis e réplicas feitas de resina e cerâmica de peças como o zoólito de tubarão. Há um movimento também nas redes sociais virtuais, via cards e vídeos, que alcançam públicos variados além dos muros da Universidade. Também foram realizadas oficinas de educação patrimonial, enfatizando a atuação em grupos que se encontram em áreas onde há contextos arqueológicos, com o propósito de sensibilizar a sociedade para a necessidade e importância da preservação de sítios arqueológicos, ampliando o entendimento da sociedade sobre a complexidade cultural dos grupos indígenas brasileiros.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram realizadas atividades em parceria com escolas públicas e privadas, onde turmas de Ensino Médio e Fundamental participaram de visitas guiadas pelo Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia (LEPAARQ), com palestras e muita interação com objetos didáticos, com o propósito de conscientizar os alunos sobre os conceitos de Arqueologia e propagar conhecimento sobre a História Indígena na região de Pelotas. No ano de 2023, essas atividades envolveram três turmas, sendo duas delas com alunos do 1º ano do Ensino Médio da escola SESI e uma com alunos do 3º ano do Ensino Fundamental da escola Mario Quintana. As turmas de Ensino Médio tinham cerca de 50 alunos cada, além dos professores acompanhantes, e a turma do Ensino Fundamental era composta por cerca de 70 alunos e 6 professores acompanhantes.

Além dessas ações, foi executada na vila da Capilha, Rio Grande – RS, uma atividade envolvendo os alunos do 4º ano da Escola Municipal do Ensino Fundamental Aurora Ferreira Cadaval, que participaram de uma palestra sobre o contexto arqueológico da região e sobre as pesquisas que estão sendo realizadas no projeto Arqueologia dos Cerritos em Unidades de Conservação, no ambiente da Estação Ecológica do Taim. Os alunos fizeram uma visita a um dos sítios arqueológicos que estava sendo escavado no banhado do Taim, onde puderam ver de perto as etapas do processo de escavação de um sítio arqueológico e os tipos de materiais encontrados. Eles também receberam uma história em quadrinhos feita pelo laboratório, onde se explicava o que é patrimônio e o que fazer quando se acha algum material arqueológico.

O projeto também atuou por meio de exposições temporárias no estande da UFPel na Feira Nacional do Doce (Fenadoce, Pelotas), onde foi feita a divulgação da História indígena da região por meio de materiais arqueológicos expostos e materiais de auxílio visual. A exposição contou com um grande número de visitantes de idades variadas que puderam entrar em contato com o material exposto de maneira interativa.

Foi realizada também a organização da exposição itinerante “O passado aflora nos cacos”, que faz parte do trabalho de extensão realizado pelo curso EAD em História da UFPel. A exposição, montada com auxílio da reserva técnica do LEPAARQ, é composta de materiais coloniais, como louças; garrafas de vidro; vidros de remédio; grés, e pré-coloniais, como fragmentos de cerâmica; materiais líticos como bolas de boleadeira, pontas de projéteis, cachimbos e lâminas de machado, além de réplicas como a do zoólito de tubarão e pontas de projéteis feitas em resina. Para essa atividade, além do preparo da exposição, foram feitas fotos do material arqueológico para serem usadas na divulgação do projeto, que ocorre em cinco cidades do Rio Grande do Sul (Gramado, São Francisco de Paula, Sapiranga, Picada Café, Sapucaia).

Ademais, o projeto teve participação no evento Mundo UFPel organizado pela Universidade Federal de Pelotas, onde houve a abertura do LEPAARQ para visitas. Foram recebidos grandes grupos de visitantes, que em sua maioria eram alunos do Ensino Médio acompanhados dos responsáveis, que tinham o objetivo de conhecer os cursos de graduação oferecidos pela UFPel. Realizaram-se visitas guiadas pelas dependências do laboratório e pela reserva técnica, onde se explicou o que é a arqueologia, como é feito o trabalho de um arqueólogo e as áreas de atuação da profissão. Foram expostos materiais que serviram para uma explicação sobre a arqueologia pré-colonial no Rio Grande do Sul e o trabalho e pesquisas realizados pelo laboratório.

Todas as atividades realizadas foram pensadas de maneira que pudessem, de forma dinâmica e instrutiva, propagar informações científicas sobre o patrimônio Histórico pré-colonial gaúcho e o trabalho da comunidade e da arqueologia no esforço de preservação desse legado

4. CONCLUSÕES

As atividades desenvolvidas pelo projeto Arqueologia, Educação Patrimonial e História Indígena em Pelotas atingiram um grande número de pessoas de variadas faixas etárias, em grande parte do estado do Rio Grande do Sul. Apesar de ser voltado para a região de Pelotas, o projeto alcançou comunidades além dessa região. As ações do projeto tiveram um impacto considerável, principalmente nos ambientes escolares, e conseguiram criar um cenário pró-preservação, colocando a comunidade como protagonista nesses esforços, visto que a Educação Patrimonial não deve se limitar a atividades pontuais ou promocionais aos empreendimentos, mas, sobretudo, deve fomentar a construção coletiva do conhecimento e a autonomia dos sujeitos (BAIMA, BIONDO e NITO, 2015).

Majoritariamente, foram as crianças que demonstraram interesse em assumir posições ativistas em relação à preservação de patrimônios arqueológicos indicando a existência de uma maior receptividade para o tema abordado entre os jovens. O esforço de conscientização do projeto, portanto, se mostrou eficiente, indicando que a educação patrimonial leva a formação de jovens cientes da importância que a preservação de patrimônios arqueológicos e históricos

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAIMA, C.; BIONDO, F.; NITO, M. K. Educação Patrimonial no Campo da Arqueologia: desafios e contribuições. **Revista Arqueologia Pública**, Campinas, SP, v. 9, n. 3[13], p. 1–11, 2015.

MARTINS, D.S.; SOARES, A.L.R. O Estudo dos Grupos Marginalizados na História do Brasil e a Educação Patrimonial - Experiências de uma Proposta Inclusiva. In: **SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS**, 12., Novo Hamburgo, 2015. Anais...Novo Hamburgo: FEEVALE, 2015

MILHEIRA, R.G.; CERQUEIRA, F.V.; ALVEZ, A.G. Programa Arqueológico de Diagnóstico e Prospecção na Região do Pontal da Barra, Pelotas – RS. **Memoria em rede**, v. 2, n. 7, p. 1-27, 2012.

MILHEIRA, R.G. **Arqueologia Guarani na laguna dos Patos e serra do Sudeste**. Pelotas: EDUFPEL, 2014

NOELLI, F.S. Educação Patrimonial: Relatos e Experiências. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1413-1414, 2004.

MARTINS, D.S.; SOARES, A.L.R. O Estudo dos Grupos Marginalizados na História do Brasil e a Educação Patrimonial - Experiências de uma Proposta Inclusiva. In: **SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS**, 12., Novo Hamburgo, 2015. Anais...Novo Hamburgo: FEEVALE, 2015.

MILHEIRA, R.G.; PIRES, C. A. Arqueologia, Educação Patrimonial e História Indígena em Pelotas. In: CAMPOS, Juliano Bitencourt; RODRIGUES, Marian Helen da Silva Gomes; SANTOS, Marcos César Pereira (Org.). **Patrimônio cultural, direito e meio ambiente: educação contextualizada – Arqueologia diversidade (volume III)**. Criciúma: UNESC, 2018. Cap. 4., p. 81– 94x.htm

AVALIAÇÃO DE PENDÊNCIAS DE PROTOCOLOS SUBMETIDOS AO CEP DA FACULDADE DE ODONTOLOGIA NOS ÚLTIMOS 18 MESES

JANDRYCE SILVEIRA DE SOUZA¹; GABRIELLE FERREIRA CARDOSO²;
RAFAELA CORREA MARTINS³; SARAH ARANGUREM KARAM⁴; MARIANA
GONZALEZ CADEMARTORI⁵; FRANÇOISE HÉLÈNE VAN DE SANDE⁶

¹Universidade Federal de Pelotas Faculdade de Odontologia – jandryce@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas Faculdade de Odontologia – gabrielleferreiracardo@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas Faculdade de Odontologia – rafaellacorreamartins@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas Faculdade de Odontologia – sarahkaram_7@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas Faculdade de Odontologia – marianacademartori@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas Faculdade de Odontologia – fvandesande@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Pesquisas envolvendo seres humanos são todas aquelas que tenham como participante o ser humano, em sua totalidade ou partes dele, envolvido de forma direta ou indireta, individual ou coletiva, o que inclui o manejo de seus dados, informações ou materiais biológicos (RESOLUÇÃO CNS No. 466/2012). Todas as pesquisas envolvendo seres humanos devem ser submetidas à apreciação de um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) através do Sistema CEP / CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa), e devem ser tramitadas via Plataforma Brasil (NORMA OPERACIONAL CNS No. 001/2013).

A apresentação do protocolo não está relacionada à complexidade ou ao grau acadêmico da pesquisa, dessa forma estudos de graduação, iniciação científica, doutorado ou outras pesquisas de natureza acadêmica ou prática podem ser submetidas ao CEP. O acompanhamento desses projetos é feito desde a elaboração até o relatório final e sua publicação. Além disso, envolve formação multidisciplinar incluindo representantes de diferentes categorias profissionais (BATISTA et al., 2012).

Os trabalhos desenvolvidos pelos Comitês de Ética em Pesquisa envolvem, além da apreciação de projetos, uma interlocução com os pesquisadores envolvidos. Esta interlocução é realizada através dos pareceres emitidos, e muitas vezes, através de orientações adicionais individuais, realizadas sob demanda, diretamente entre os pesquisadores e o CEP.

O projeto de extensão “Pontos-chave na análise de projetos de pesquisa: CEP Faculdade de Odontologia” visa facilitar o acesso à informação de forma coletiva e não apenas individual, para otimizar a adequação dos projetos às normativas éticas em protocolos de pesquisa envolvendo seres humanos. Para possibilitar novas ações, é fundamental identificar os pontos de maiores necessidades de esclarecimentos aos pesquisadores. Desta forma, o objetivo deste trabalho foi avaliar os pareceres de projetos submetidos ao CEP da Faculdade de Odontologia nos últimos 18 meses para quantificar as pendências encontradas e identificar os principais tipos de pendências.

2. METODOLOGIA

Para a avaliação das pendências, todos os pareceres emitidos pelo CEP da Faculdade de Odontologia de janeiro de 2022 até junho de 2023 foram incluídos. Para cegar o nome dos pesquisadores envolvidos, dois membros do CEP censuram estas informações nos pareceres com uma tarja preta, em documentos do tipo PDF. Os arquivos foram inseridos em uma pasta no Google Drive para permitir o acesso remoto e restrito aos integrantes do projeto de extensão.

Para a coleta dos dados, reuniões foram realizadas para determinar quais dados seriam extraídos, e uma planilha foi confeccionada no programa Excel (Microsoft Excel). Foram coletadas as seguintes informações (variáveis) de cada projeto:

- o parecer recebido na primeira versão submetida do projeto (aprovado, pendente ou não-aprovado);
- o número de pendências encontradas na primeira versão de projetos com parecer pendente;
- os tipos de pendências encontradas na primeira versão de projetos com parecer pendente (metodologia, riscos previstos, benefícios esperados, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, cronograma, orçamento, outros termos de apresentação obrigatória);
- e o número de versões ressubmetidas até aprovação;

Após a extração dos dados na planilha do Excel, a análise foi realizada no mesmo programa (Microsoft Excel), determinando as frequências absolutas e relativas encontradas para as variáveis obtidas. Para o número de pendências encontradas por projeto, foi calculada a média e desvio-padrão (Microsoft Excel), e os dados foram também categorizados para apresentação das frequências absolutas e relativas em categorias.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontrados 40 projetos no período de 2022 a junho de 2023. Destes, 4 (10%) projetos foram aprovados na primeira versão apresentada, 2 (5%) receberam parecer não-aprovado, e 34 (85%) receberam parecer pendente.

Na primeira versão dos projetos com parecer pendente, o número de pendências encontradas variou entre um e onze, e no geral, a média de pendências foi de 4,7 (desvio padrão = 2,6). Para melhor descrição, conforme pode ser observado na Tabela 1, 50% dos projetos apresentaram até 4 pendências, e 50% tiveram cinco ou mais itens com pendências.

Sobre os tipos de pendências encontradas, pode-se destacar problemas no reporte da metodologia, dos riscos e do TCLE (Tabela 1), cada um presente em 71% dos projetos. Ainda, itens como cronograma e benefícios também apresentaram problemas com elevada frequência (Tabela 1). Cabe ponderar que uma leitura cuidadosa das resoluções, normativas e carta-circulares, disponíveis para consulta na Plataforma Brasil, apresentam todas as orientações necessárias para evitar erros ou omissões no reporte dos projetos. No entanto, apesar disso, cabe também ao CEP identificar as dificuldades para criar estratégias que auxiliem os pesquisadores neste processo. Um ponto mais sensível diz respeito à adequação da metodologia proposta, uma vez que o conhecimento de metodologia de pesquisa é essencial para delinear um projeto de pesquisa adequado aos fins que se destina.

Dentre os 34 projetos com pendências, pouco mais que a metade (53%) foi aprovado após a segunda ressubmissão (Tabela 1). Um número reduzido de projetos se apresentou adequado na sua primeira versão submetida à apreciação (10%), ou mesmo na primeira versão de ressubmissão (15%; Tabela 1). Portanto, em posse destes dados, ficou evidente a necessidade de ações específicas a serem conduzidas neste projeto de extensão, que serão orientadas pelos dados obtidos neste trabalho, e de outros levantamentos que estão previstos.

Tabela 1. Frequências absolutas (n) e relativas (%) de acordo com o número e o tipo de pendências encontradas na primeira submissão, e o número de ressubmissões do projeto até aprovação.

	n (%)
Número de pendências	
1 a 4	17 (50)
5 a 8	14 (41)
≥9	3 (9)
Tipo de pendências	
Metodológicas	24 (71)
Riscos	24 (71)
Benefícios	14 (41)
TCLE	24 (71)
Cronograma	15 (44)
Orçamento	12 (35)
Outros termos obrigatórios	13 (38)
Número de ressubmissões	
1	5 (15)
2	18 (53)
3	9 (26)
4	1 (3)
5	1 (3)

4. CONCLUSÕES

As pendências mais frequentemente encontradas nos projetos de pesquisa avaliados foram na descrição de Metodologia, Riscos e TCLE, apontando oportunidades para o desenvolvimento de ações voltadas aos pesquisadores.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MINISTÉRIO DA SAÚDE, CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA. Resolução No. 466, de 12 de dezembro de 2012: Dispõe sobre Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, DF: Diário Oficial da União No. 12, Seção 1, p. 59, 2013.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Norma Operacional No. 001 de 2013. Dispõe sobre Organização e funcionamento do



Sistema CEP/Conep e procedimentos para submissão, avaliação e acompanhamento do desenvolvimento da pesquisa envolvendo seres humanos no Brasil. 2013.

BATISTA, K. T.; ANDRADE, R. R. DE; BEZERRA, N. L. O papel dos comitês de ética em pesquisa. *Revista Brasileira de Cirurgia Plástica*, v. 27, n. 1, p. 150–155, 2012.

EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS NA ADAPTAÇÃO DE CONTEÚDO LINGUÍSTICO E INTERCULTURAL EM UM CURSO DE LÍNGUA INGLESA PARA NÍVEL A2

RENATA FERREIRA SILVEIRA E SILVA¹; JOSÉ CARLOS MARQUES
VOLCATO²

¹Universidade Federal de Pelotas – renatafss@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – jose.carlos.marques.volcato@ufpel.edu.br,
zaeca1@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Programa Idioma sem Fronteiras (IsF), inicialmente criado para suprir uma necessidade de proficiência em língua inglesa dos candidatos ao Programa Ciência sem Fronteiras (CsF) (BRASIL, 2012), amplia-se a partir da Portaria MEC nº 30, de 26 de janeiro de 2016, tornando-se a Rede Nacional de Especialistas em Língua Estrangeira – Idiomas sem Fronteiras (Rede IsF). A Rede IsF visava a fortalecer as ações de internacionalização e formação de professores de língua estrangeira nas universidades brasileiras (ANDIFES, 2019). Em 2019, após o MEC demonstrar não ter interesse na continuidade do programa, a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), cria, por meio da Resolução do Conselho Pleno da Andifes nº 01/2019, a Rede Andifes de Idiomas sem Fronteiras (Rede Andifes IsF). A Rede Andifes IsF tem como finalidade, então, propiciar a formação inicial e continuada e a capacitação em idiomas de estudantes, professores e pessoal técnico-administrativo das IFES vinculadas à Andifes, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de uma política linguística para o país (ANDIFES, 2019).

Esse trabalho propõe apresentar e discutir os desafios de adaptação do conteúdo linguístico e intercultural de língua inglesa em um curso proposto para falantes de nível A2 do Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas – QEQR (*Common European Framework of Reference for Languages – CEFR*). O referido curso, *Comunicação Intercultural em Língua Inglesa*, faz parte do projeto de extensão registrado na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pelotas, com o título de Rede Idiomas sem Fronteiras – Núcleo de Língua (NuLi)/UFPEL, e foi ofertado em 2023, de maneira presencial, com 4h/aula semanais, totalizando uma carga horária de 32 horas.

Os cursos de idiomas promovidos pelo NuLi objetivam promover o amplo acesso a línguas estrangeiras de estudantes, professores, técnicos administrativos, bem como da comunidade em geral, cumprindo, desse modo, o papel de integrar a universidade a outros setores da sociedade por meio da extensão universitária, difundindo conhecimento e promovendo interação dialógica entre estes. (UFPEL, 2023).

2. METODOLOGIA

O Quadro Europeu Comum de Referência para Língua (QEQR) é um padrão reconhecido internacionalmente que descreve as habilidades linguísticas em diferentes línguas em termos de conhecimentos, capacidades e competência e níveis de proficiência. O QEQR define seis níveis de proficiência linguística, que vão do A1 (iniciante) ao C2 (proficiente). Cada nível descreve as habilidades linguísticas em quatro áreas principais: compreensão oral, compreensão escrita,

expressão oral e expressão escrita. O quadro fornece descrições detalhadas de cada nível, ajudando a determinar a capacidade de um indivíduo de comunicar-se em uma língua estrangeira em diferentes situações e contextos.

De acordo com o QECR, espera-se que o falante de uma língua estrangeira com nível A2 possa compreender frases isoladas e expressões frequentes relacionadas com áreas de prioridade imediata, além de ser capaz de comunicar em tarefas e em rotinas que exijam uma troca de informação simples e direta sobre assuntos familiares e habituais. O falante A2 pode, também, descrever de modo simples a sua formação, o meio em que vive ou no qual está inserido e, ainda, referir assuntos relacionados a necessidades imediatas (CONSELHO DA EUROPA, 2001).

Segundo o catálogo de cursos do Programa Idiomas sem Fronteiras, o curso Comunicação Intercultural insere-se no nível A2 e objetiva formar um aluno apto a interagir em contextos multiculturais, que possa compreender a diversidade multicultural presente nas relações internacionalizadas e adaptar-se a ela, além de identificar elementos verbais e não-verbais apropriados para diferentes situações de comunicação intercultural.

A comunicação intercultural pode ser definida, de maneira simples, como um intercâmbio de informação e ideias entre indivíduos ou grupos que pertencem a culturas diferentes (SERVAES, 2002). Destaca-se, então, a importância do aspecto intercultural no processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira, já que a comunicação intercultural não apenas aprimora as habilidades linguísticas, mas prepara o falante de língua estrangeira para o mundo diversificado e multicultural no qual está inserido.

Cabe ressaltar-se que durante as inscrições pede-se uma comprovação de proficiência para o curso desejado, entretanto, com a atual conjuntura da Rede Andifes IsF em que não há oferta de testes de proficiência gratuitos, a comprovação tem sido abordada com uma menor rigorosidade, ficando a cargo do estudante estabelecer o seu nível de proficiência. É importante observar, então, o amplo desconhecimento por parte da população em geral acerca do QECR e de seus níveis de proficiência linguística.

Partindo desses conceitos, discutir-se-á nesse relato, os desafios de abordar os aspectos interculturais e linguísticos previstos no programa do curso de acordo com o nível esperado em apenas 32 horas e com estudantes que não possuíam todas as competências definidas pelo nível A2 do QECR.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O curso em questão teve início na data 17 de julho de 2023 e término em 06 de setembro de 2023, com duração total de 32 horas. Inicialmente, previu-se início em 26 de junho; entretanto, não houve um número suficiente de inscritos, e decidiu-se, por isso, adiar o começo do curso e estender o período de inscrições. Após a segunda rodada de inscrições, 17 alunos demonstraram interesse em estudar *Comunicação Intercultural em Língua Inglesa*.

Durante o período de inscrições, a ministrante do curso preparou-se por meio de reuniões com o orientador do projeto, além da leitura do programa do curso disponível pelo catálogo de cursos do IsF e da confecção de material didático. Esperava-se que os estudantes inscritos fossem capazes de ler pequenos textos e compreender discursos versando sobre diversidade cultural e relações pessoais

interculturais. Linguisticamente, esperava-se que os alunos tivessem um bom domínio de tempos verbais como o *simple present*, *past simple* e *future*, além de um certo nível lexical e de estruturas da língua inglesa.

No primeiro dia de aula, quatro dos dezessete inscritos compareceram. Para começar o curso, propôs-se uma apresentação, falando sobre profissão, carreira e interesses pessoais, aspectos condizentes com o nível esperado do curso. Dos quatro alunos presentes, apenas um não teve nenhuma dificuldade com a tarefa. O estudante explicou que já estudava inglês há um bom tempo e achou o curso uma boa oportunidade para melhorar o seu nível. A ministrante estimou o nível do aluno como B1/B2, demonstrando o desconhecimento do aluno acerca dos níveis do QECR, situação que se repete entre inscritos noutros cursos ofertados pelo NuLi. Nas demais aulas outros estudantes frequentaram as aulas, tendo oito da lista inicial comparecido a alguma das aulas e cinco concluído o curso. A grande maioria dos alunos poderia ser classificada como A1, ou entre A1 e A2.

Tendo em vista o perfil dos alunos que compareceram às aulas, foi preciso adaptar o plano de ensino e avaliar, aula a aula, as suas necessidades. Inicialmente, esperava-se trabalhar com textos que discutissem aspectos culturais referentes a países anglófonos. Avaliou-se, entretanto, que os estudantes desconheciam tempos verbais simples e apresentavam dificuldades com estruturas do presente e com o verbo *be*, e, portanto, não conseguiam compreender e produzir discussões sobre assuntos culturais. Foi preciso, então, diminuir as expectativas e voltar ao básico, ensinando e desenvolvendo atividades similares às de um curso destinado a alunos A1.

Efetivamente, os aspectos funcionais e interculturais previstos no conteúdo programático do curso não puderam ser desenvolvidos ao longo do curso, já que não havia base linguística suficiente por parte dos alunos. Foi preciso revisar, e em alguns casos, ensinar pela primeira vez, aspectos linguísticos que pelo menos teoricamente precediam os previstos para o curso. Foi possível, mesmo assim, abordar alguns dos pontos gramaticais e linguísticos do conteúdo programático, como por exemplo polidez a partir de modais e comparativos e adjetivos com atenção a sentidos potenciais.

Ao final do curso, após a revisão das expectativas, esperava-se conseguir abordar minimamente conteúdos interculturais, entretanto, devido ao final do semestre letivo da universidade, e ao constante mau tempo na cidade de Pelotas, houve muita abstenção, impossibilitando, desse modo, a introdução de maior número de conteúdos próprios ao nível A2.

4. CONCLUSÕES

É possível concluir que há um desconhecimento generalizado acerca dos níveis de proficiência do QECR. Ademais, muitos estudantes consideram seu nível em língua estrangeira superior ao que são realmente capazes de produzir. Conclui-se, também, que o público dos cursos de língua inglesa da comunidade da UFPEL necessita majoritariamente de cursos voltados ao nível inicial da língua.

Ademais, a discussão desse relato leva à reflexão por parte da ministrante do curso acerca das suas práticas docentes, questionando a abordagem e os métodos utilizados no ensino de língua estrangeira.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDIFES. Conselho Pleno. **Resolução nº 01/2019, de 12 de novembro de 2019.** Cria na estrutura da associação nacional dos dirigentes das instituições federais de ensino superior (ANDIFES), a da rede Andifes-nacional de especialistas em língua estrangeira – Idiomas sem Fronteiras, denominada Rede Andifes IsF. Brasília: Conselho Pleno da Andifes, 2019. Disponível em: https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2021/05/Resolucao-Conselho-Pleno-01_2019.pdf. Acesso em 22 set. 2023.

BRASIL. Portaria nº 1.466, de 18 de dezembro de 2012. MEC, **Idiomas sem Fronteiras.** Institui o Programa Inglês sem Fronteiras. Disponível em: https://isf.mec.gov.br/images/pdf/portaria_normativa_1466_2012.pdf.

CONSELHO DA EUROPA. **Quadro comum europeu de referência para as línguas:** aprendizagem, ensino, avaliação. Edição portuguesa. Porto: Edições Asa, 2001. Disponível em: http://area.dge.mec.pt/gramatica/Quadro_Europeu_total.pdf. Acesso em 21 set. 2023.

SARMENTO, Simone; ABREU-E-LIMA, Denise; MORAES FILHO, Waldenor (Organizadores). **Do Inglês sem Fronteiras ao Idiomas sem Fronteiras** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

SERVAES, Jan. Comunicaciones Interculturales y diversidade cultural: um mundo, muchas culturas. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 10, n. 20, p.65-81, 2003.

UFPEL. **Portal UFPel**, 2023. Extensão Universitária. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/prec/sobre-a-prec/extensao-universitaria/>. Acesso em: 22 set. 2023.

PRÁTICAS DE ENSINO DE LÍNGUA ALEMÃ NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: DESAFIOS E APRENDIZAGEM

GABRIELA CASSIANO¹; YAGO BADARÓ², RIAM FAGUNDES³;
LUCIANE LEIPNITZ⁴

¹ UFPel – *gabiccassiano13@gmail.com*

² UFPel - *badaroyago@gmail.com*,

³ UFPel - *coelhodarosariam@gmail.com*

⁴ UFPel – *luciane.leipnitz@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto da experiência de 04 (quatro) professores no projeto de extensão Cursos de Línguas, graduandos da Licenciatura em Letras - Português e Alemão da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), no semestre de 2023.1. Seu objetivo é apresentar práticas de ensino e aprendizagem de Língua Alemã em sala de aula na extensão e reflexões sobre a formação em Letras no apoio a práticas extensionistas.

A Universidade é o espaço de produção, acumulação e disseminação de conhecimentos, fundamentando-se em três pilares inter-relacionados e indissociáveis: ensino, pesquisa e extensão (GONÇALVES, 2015). A extensão universitária corresponde às ações da Universidade junto às comunidades, permitindo compartilhar o conhecimento adquirido por meio do ensino e da pesquisa desenvolvidos na instituição, com o objetivo de interação e transformação da realidade social. Trata-se da prática efetiva no cotidiano social, por meio da vivência do cenário da realidade (SÍVERES, 2013).

Na Licenciatura em Letras - Português e Alemão, temos a oportunidade de vivenciar práticas extensionistas nas ações dos Cursos de Línguas oferecidos pela Câmara de Extensão do Centro de Letras e Comunicação (CLC) da UFPel. Semestralmente são oferecidos cursos básicos de línguas estrangeiras - alemão, espanhol, francês e inglês - à comunidade interna e externa da Universidade. Há turmas presenciais e remotas, e são oferecidos os níveis básicos de 1 a 4, que correspondem aos níveis A1.1, A1.2, A2.1 e A2.2 do Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (CONSELHO DA EUROPA, 2001). A participação como ministrante nos Cursos de Línguas possibilita o contato com a docência desde o início da formação em Letras, paralelamente às experiências em sala de aula previstas nos Estágios Obrigatórios da grade curricular.

Os alunos dos Cursos de Línguas da UFPel têm perfis bastante diversos, ou seja, tem-se pessoas das mais diversas idades, entre 18 e 60 anos, de diversos gêneros e com diferentes níveis de escolaridade. As aulas, em geral, ocorrem nos sábados pela manhã, das 9 às 12 horas no Campus II da UFPel, no centro da cidade de Pelotas. Mas, como já referimos, após a Pandemia, mantivemos alguns grupos remotos. Nestes grupos, a duração das aulas é menor, das 10 às 12 horas também nos sábados pela manhã.

Neste trabalho apresentamos: 1) o contexto extensionista na UFPel; 2) teorias que utilizamos em nossas aulas e a relação com a formação em Licenciatura em Letras; 3) observações práticas nas aulas de alemão na extensão universitária e reflexões sobre essas observações; e 4) nossas conclusões sobre as práticas nos cursos de línguas.

2. METODOLOGIA

Nossa metodologia segue a abordagem qualitativa com análise de reflexões acerca das observações em sala de aula nos Cursos de Línguas. Procuramos, desse modo, a partir dos seguintes passos, tratar nossas experiências em dados: 1) compreender o contexto extensionista; 2) identificar pontos em comum e aspectos particulares das turmas; 3) refletir sobre esses pontos em relação à formação; e 4) apresentar uma reflexão sobre as práticas com base nas teorias (MISOCH, 2019, p. 3).

A partir da observação da diversidade que integra os grupos que frequentam os Cursos de Línguas na Extensão da UFPel, buscamos analisar a particularidade do contexto de nossas turmas e alunos, uma vez que reunimos aqui experiências de quatro (04) turmas diferentes (VIEIRA-ABRAHÃO, 2015, p.30). Tomaremos para esta reflexão sobre nossas práticas o “parâmetro da particularidade”, visto que:

[...] requer que qualquer pedagogia de ensino de línguas, para ser relevante, precisa ser sensível a um grupo particular de professores, ensinando um grupo particular de aprendizes, buscando um conjunto particular de objetivos, dentro de um contexto institucional particular, inserido em um contexto sociocultural particular. (KUMARAVADIVELU, 2003, p. 34, tradução nossa)

E entendemos assim que, para o desenvolvimento de uma teoria e de uma prática sensível ao contexto, o professor necessita envolver-se no ciclo contínuo de observação, reflexão e ação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os Cursos de Língua Alemã do semestre 2023.1 tiveram início no dia 01.07.23 e término em 23.09.23, sendo ministrados em treze encontros de 3 horas/aula presenciais, e, no formato remoto, em 2 horas/aula síncronas e 2 horas/aula assíncronas. Nos quatro grupos de Língua Alemã, tivemos um total de 45 alunos, assim distribuídos: Língua 1 - 25 alunos, Língua 2 - 12 alunos, Língua 3 - 5 alunos, Língua 4 - 3 alunos.

Os conteúdos são distribuídos a cada encontro em atividades de *Hören*, *Lesen*, *Sprechen* e *Schreiben* (ouvir, ler, falar e escrever) de acordo com Planos de Aula, previamente organizados pelos ministrantes com base no livro didático *Menschen* e supervisionados pelos professores orientadores, docentes do curso de Letras - Português e Alemão.

O processo de formação ocorre permanentemente através de situações e momentos dentro e fora da sala de aula, como na interação com a turma ou no planejamento. Köhler e Meyer (2013, p. 6) elencam seis características para o bom exercício do ensino de línguas: 1) estabelecer uma atmosfera de direitos e obrigações entre os alunos, 2) balancear atividades que podem entrar em divergência, como o cuidado com um aluno em particular e o apoio igualitário a toda turma, 3) ter conhecimento técnico e teórico sobre o conteúdo, 4) tratar os indivíduos com respeito e criar uma cultura de aula democrática, 5) refletir e atualizar a própria prática de ensino permanentemente e 6) trabalhar em equipe e compreender-se como parte de uma comunidade de profissionais.

Tomando como base essas características a partir da nossa experiência particular, observamos em nossas aulas: 1) utilização de diferentes mídias (p.ex. *Google Classroom*, *WhatsApp*, *E-Mail*) para comunicar tarefas e manter um

contato efetivo com estudantes, 2) reflexão sobre as diferenças entre alunos, visto que a bagagem cultural pode variar entre cursistas e é necessário fazer intervenções para garantir que todos progridam durante as aulas, 3) utilização de conhecimentos adquiridos em experiências acadêmicas (linguística aplicada, intercâmbio, congresso para professores de alemão) e aplicá-los na extensão, 4) adaptação de avaliações e tarefas às necessidades dos alunos, ouvindo também quando a turma pediu para que determinado conteúdo fosse trabalhado, 5) reavaliação e alternância no uso de atividades, procurando experimentar, por exemplo, o método comunicativo através de atividades diferentes, 6) na extensão, temos a oportunidade de trabalhar em equipe, pois precisamos planejar as aulas de acordo com a estrutura do próprio projeto de extensão dos cursos de línguas.

Durante o período analisado, percebemos as mídias como fortes aliadas ao trabalho, mesmo nos cursos 100% presenciais. Embora o período de três horas de aulas seja, em geral, muito produtivo, é fato que o aprendizado de línguas exige a maior quantidade de input possível para ser efetivado. Nesse sentido, as ferramentas nos proporcionaram criar comunidades online, nas quais tanto os ministrantes quanto os alunos compartilham modos variados de contato com a língua (desde Hausaufgaben - tarefas de casa - até recomendações de filmes, músicas e séries). É através das mídias, também, que todo o contato com os alunos é efetuado e, nesse sentido, por onde oferecemos apoio às mais diversas situações de aprendizagem.

Ademais, o exercício da prática docente enquanto graduandos de Licenciatura em Letras nos permite ter uma atitude crítica-reflexiva perante os textos e teorias que são apresentados na Universidade, bem como diante da nossa própria prática docente. Nesse sentido, podemos estar em constante aperfeiçoamento e processo de inovação, sendo possível perceber, a cada semestre do Curso de Línguas, uma melhora na atuação como ministrante (p. ex. maior confiança, fluidez ao falar, produção de materiais etc.), graças aos estudos e ao contato com os alunos, colegas e professores-orientadores.

4. CONCLUSÕES

A partir das discussões reunidas neste trabalho, observamos que as práticas em sala de aula nos cursos de extensão universitária em Língua Alemã na UFPEL tem um impacto positivo na formação acadêmica dos discentes, ministrantes bolsistas (CHAVES; SOETHE, 2020, p. 44). Após dar aulas na extensão, percebemos mais facilidade na fixação de conteúdos e consolidação dos conteúdos já estudados na graduação em Letras, o que impacta diretamente a autoconfiança dos alunos-professores. As habilidades de planejamento de aulas e a criação de atividades didáticas também são aprimoradas. Na posição de professores, os graduandos adquirem na extensão a capacidade de transmitir os conteúdos através da comunicação, que é uma habilidade essencial para explicar novos conteúdos da maneira mais compreensível possível.

Portanto, concordamos com a afirmação de Bohn (2001, p. 128) de que o professor precisa viver em “estado de aprendizagem” e em “permanente construção” (GIMENEZ, 2005, p. 186) e deve adotar uma atitude reflexiva e emancipatória, tornando-se pesquisador de sua própria prática (CELANI, 2001, p. 29), buscando sempre aperfeiçoar suas aulas, de modo a construir o conhecimento com base na ação e na investigação de processos de aprendizagem em contextos específicos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOHN, H. I. Maneiras inovadoras de ensinar e aprender: a necessidade de des(re)construção de conceitos. In: LEFFA, V. (Org.). **O professor de línguas estrangeiras**: construindo a profissão. Pelotas, RS: Educar, v.1, 2001, p.115-124.

CELANI, M. A. A. Ensino de línguas estrangeiras: ocupação ou profissão? In: LEFFA, V. (Org.) **O professor de línguas estrangeiras**: construindo a profissão. Pelotas, RS: Educar, v.1, 2001, p.23-44.

CHAVES, G.; SOETHE, P. Alemão no Brasil: demanda evidente, oferta viável?. In: PORTINHO-NAUIACK, C.; BOHUNOVSKY, R.; WRUCK, V. (Hg.): **Ensinar Alemão no Brasil**. Percursos e procedimentos. Curitiba: Editora UFPR, 2020. p. 31-51

GIMENEZ, T. Desafios contemporâneos na formação de professores de línguas: Contribuições da linguística aplicada. In: FREIRE, M. M.; ABRAÃO, M. H. V.; BARCELOS, A. M. F. **Linguística aplicada e contemporaneidade**. São Paulo: Pontes, 2005. p.183-201.

GONÇALVES, N. G. Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão: um princípio necessário. **Revista Perspectiva** - UFSC, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 1229 - 1256, set./dez. 2015.

KÖHLER, O.; MEYER, H. Vom "guten Unterricht" zum "guten Lehrer". In: **Tätigkeitsbericht 2013 des DSZ** - Deutsches Stiftungszentrum. Vom Glück der Bildung Stiftungen, 2013. p. 28-31.

KUMARAVADIVELU, B. **Beyond Methods: Macrostrategies for Language Teaching**. New Haven, CT: Yale University Press, 2003.

MISOCH, S. **Qualitative Interviews**. De Gruyter: Oldenbourg, Berlin, 2019.

SÍVERES, L. (Org.). **Extensão Universitária como um Princípio de Aprendizagem** Brasília: Liber Livro, 2013. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000232083> Acesso em 06.09.23.

VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. Algumas reflexões sobre a abordagem comunicativa, o pós-método e a prática docente. **Revista EntreLínguas**, Araraquara, v.1, n.1. p. 25-41, 2015.

TELA, PINCEL E COZINHA: QUANDO A ARTE ENCONTRA A COMIDA OU EXPERIÊNCIAS DE UM LABORATÓRIO DE CRIAÇÃO EM GASTRONOMIA

RANGEL CARRARO TOLEDO BORGES¹; PAULA GARCIA LIMA²;
TATIANE KUKA VALENTE GANDRA³

¹Universidade Federal de Pelotas – rangelcarraro2013@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – paulaglima@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – tkvgandra@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este resumo busca apresentar resultados iniciais da pesquisa-ação de meu Projeto de Especialização em Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que tem como Orientadora a professora Paula Lima, e como Co-orientadora a professora Tatiane Gandra, da Gastronomia.

Como base para a construção da Monografia, proponho um Laboratório de Criação em Gastronomia, parceria extensionista, que unifica duas áreas distintas (mas cadastrada como Projeto de Ensino, já que está vinculada à sala de aula), entre o Centro de Artes e o Curso de Gastronomia da UFPel. Para realizar a ação, o Projeto Tópicos em Gastronomia abriga o Laboratório na sala 232-E, o Auditório de Aulas Show da Faculdade de Nutrição.

Tenho recente formação em Gastronomia e percebi ao longo da graduação que o processo de compor sabor, cores e texturas, despertar sentimentos e nostalgias e, unir a multisensorialidade às criações, em um único prato, exige inúmeros conhecimentos prévios, além do tempo e dedicação para tal, assim, acaba por nem ser aplicado no cotidiano de uma cozinha profissional. Desta forma, com a dificuldade em criar pratos a partir de um tema ou uma ideia, tal proposta surge como uma formação complementar a estes alunos.

O Laboratório de Criação em Gastronomia busca abordar em suas oficinas referências de arte, composição e fotografia, por exemplo, e capacitar os alunos para ousar em suas criações, e tem como objetivo desenvolver um esquema de processo criativo que faça sentido para um gastrônomo em formação, indicando uma base de referências artísticas e gastronômicas, teóricas e práticas. O curso tem a finalidade de agilizar este processo na cozinha, seja aplicado na sala de aula ou no dia a dia de uma cozinha profissional.

2. METODOLOGIA

Já com a ideia de prestar processo seletivo na Especialização e realizar este laboratório experimental, comecei a fazer alguns cursos, oficinas, e leituras de temas que abordam arte aplicada à gastronomia, seja em design, fotografia, empratamento, etc. Todos os assuntos que busquei estudar existiam no mercado, mas existiam em separado, era preciso um esforço para que eles adentrassem o universo da gastronomia. Observando essa constante dificuldade penso na proposta do projeto. Ele tem como fio condutor a teoria de bell hooks (2017), que preza por uma educação para a liberdade, em que os conteúdos são explanados de forma leve e descomplicada nas aulas, e após a aula, cada aluno tem total autonomia para pensar em seu próprio processo criativo na sua casa e no seu tempo.

Ao produzir o plano de aulas, tive por foco o empratamento final, de uma forma que compreendesse todo o passo a passo anterior. A ideia do Laboratório, então, foi dividida em dez oficinas separadas em três módulos (Módulo I - oficinas 1, 2 e 3; Módulo II oficinas 4, 5, 6 e 7; e Módulo III - oficinas 8, 9 e 10), como mostra a tabela abaixo.

Programa do Laboratório de Criação			
Oficina 1	Compartilhamento das experiências pessoais, mostra do plano de aulas e documentário de arte e gastronomia.	Oficina 6	Fotografia digital (imagem, luz, fotometragem, composição e técnicas), storytelling, prática fotográfica e produção da ficha técnica.
Oficina 2	Transdisciplinaridade, gastronomia e arte, design thinking e sua Metodologia aplicada à gastronomia, criação da lista de referências pessoais.	Oficina 7	Food styling, portfólio, estúdio fotográfico para comida e prática de campo com aplicação de técnicas de fotografia.
Oficina 3	Círculo cromático, teoria de cores, psicologia das cores, cor na gastronomia, cor e sazonalidade, processo criativo e criação do moodboard.	Oficina 8	Montagem e execução final do prato no laboratório de aulas práticas (cozinha) e aplicação dos conhecimentos de fotografia no registro fotográfico.
Oficina 4	Psicanálise e prazer, memória afetiva, cinco sentidos e sensorialidade, marketing sensorial, texturas, rodas de sabores e criação do mind map.	Oficina 9	Marketing para alimentação em redes sociais, noções de edição e tratamento de imagens, aplicativos para celular e prática de edição da própria foto.
Oficina 5	Performance, semiótica da degustação, estética do gosto, criações e autorias, eating design, composição, empratamento, desenhos de pratos e criação do croqui.	Oficina 10	Compartilhamento do portfólio pessoal, confraternização de um prato à escolha do aluno e roda de conversa sobre o laboratório de criação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto inicia com a pergunta central que move seu planejamento: “Por que a arte é importante para a gastronomia?”. De forma expositiva, são mostrados os conteúdos com base em inúmeras referências: artigos, monografias, livros, sites e documentários, tudo isso para capacitar teoricamente e instigar a curiosidade dos participantes, com o objetivo de estimular que eles busquem suas próprias referências, pensando no que os inspira como gastrônomos, para, no decorrer das oficinas, guiar seus processos criativos.

Para iniciar o esquema de processo criativo de cada um, proponho que criem uma lista de referências e um *moodboard* (quadro de ideias), onde são provocados a identificar qual a temática do prato que pretendem desenvolver, acrescentando cores que querem presentes no preparo, emoções que pretendem transmitir e imagens que remetem à tal proposta.

Após, são convidados a pensar em sabores complementares e harmonização, dando uma direção para essas ideias e transformando-as em um

min map (mapa mental), já podendo visualizar ingredientes e preparações presentes no prato. Trago o exemplo de um processo criativo feito por uma aula do Laboratório, em que une referências da França (Filme Amélie Poulain) e México (a artista Frida Kahlo).

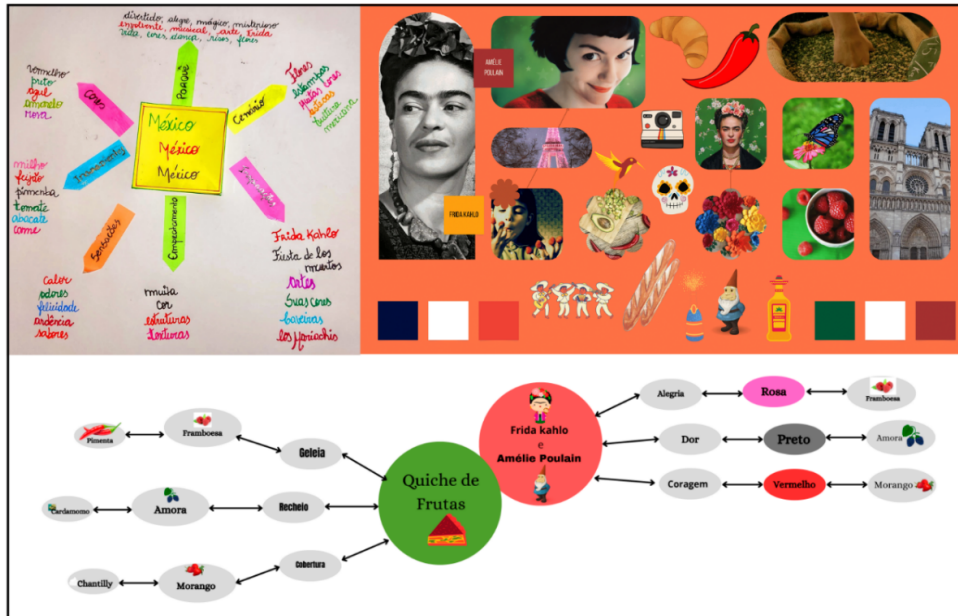


Figura 1: Processo criativo inicial de uma aluna do Laboratório nas oficinas 1, 2, 3 e 4. Fonte: Participantes do Projeto.

Para o quinto encontro, proponho que eles criem um *croqui* (esboço) do prato, assim, já podem começar a visualizar a preparação. Para isso, eles precisam utilizar o processo feito anteriormente. Pensar no esboço faz o gastrônomo pensar fora da caixa, em empratamentos que vão além do tradicional prato redondo e branco, dando espaço para explorar a multissensorialidade, o que pode fazer com que o comensal se sinta mais ou menos conectado com aquela preparação, que lembre de memórias afetivas e tenha sensação de nostalgia, ou não. A aluna em questão criou uma quiche doce, feita de frutas vermelhas.

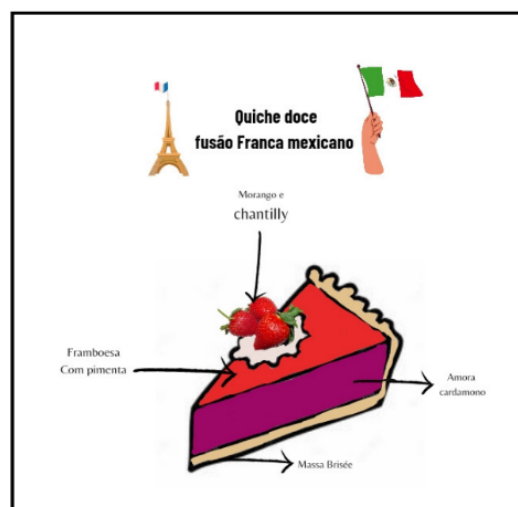


Figura 2: Planejamento da montagem do prato (Croqui). Fonte: Participantes do Projeto.

Para os próximos encontros, que ainda não aconteceram até o momento de escrita deste trabalho, pretende-se capacitar os alunos com noções básicas de fotografia em câmera digital, ensinar a produzir uma ficha técnica, abordar noções de *Food Styling* e ensinar a construir um estúdio de fotos de comida, para melhorar a qualidade das imagens, até que, finalmente, se chegue no sétimo encontro, que será totalmente prático. Ele consistirá na montagem e execução final do prato, em que cada um apresentará sua criação de acordo com todas as técnicas já estudadas, levando em consideração o esboço produzido. Também deverá realizar o registro fotográfico, para posteriormente editar e tratar sua imagem. Aprender edição e composição de cenário é fundamental no momento em que estamos, em que redes sociais como o *Instagram* dominam a internet, e em que um marketing bem feito faz com que se venda mais. Por isso, é importante que eles saibam fazer isso sozinhos para aplicar em seu próprio negócio.

Como um momento de finalizar o Laboratório teremos uma confraternização, onde cada um será convidado a partilhar uma preparação com a turma e irá compartilhar seu portfólio pessoal produzido ao longo dos encontros. Por fim, em formato de roda de conversa, farei alguns questionamentos a respeito do Laboratório de Criação, com o objetivo de melhorar o plano de oficinas, avaliando o que está bem construído, o que precisa ser retirado e o que necessita ser melhorado e acrescentado.

4. CONCLUSÕES

Além de agregar conhecimento à formação dos participantes, fazendo com que consigam atingir uma estética apropriada e bem pensada em suas criações, o produto final da Monografia, que compreende a reunião deste acervo todo de referências bibliográficas de gastronomia e arte, pretende facilitar a busca de quem tem interesse em estudar temas caros a estas áreas. Além disso, este projeto piloto de Laboratório de Criação em Gastronomia, também pode servir para que seja montada uma Disciplina Optativa para o Curso de Gastronomia da UFPel, podendo agregar ainda mais conhecimento na vivência acadêmica dos graduandos e servindo para capacitação em quem tem interesse na área de Arte aplicada à Gastronomia.

5. REFERÊNCIAS

Hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017. 283p.

MENINAS NA CIÊNCIA: EXPERIÊNCIAS, EXPERIMENTOS E FEIRA DE CIÊNCIAS COMO FERRAMENTAS PARA ATRAIR NOVOS TALENTOS PARA A QUÍMICA

HELENA GONÇALVES DOMINGUES¹; DANIELA DA SILVA DE GARCIA²,
MARIANNE MOREIRA SANTOS DE MELO³, LILIAN NACHTIGAL FEHLBERG⁴,
LARISSA CRISTINE ANDRADE DA COSTA⁵, MARCIA FOSTER MESKO⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – helenagoncalvesdomingues@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – dani.garcia81@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – marianne_msmelo@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – cristine.andradec@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – ilianfehlberg.bg005@academico.ifsul.edu.br

⁶Universidade Federal de Pelotas – marciamesko@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A procura por uma forma de ensino-aprendizagem que seja atraente, harmônica e eficiente enquanto proposta de ensino, tem sido motivo de debate em diversos grupos de pesquisa focados na educação. Dentro da atualidade, os conteúdos de ciências ainda apresentam muitas diferenças no processo do ensino-aprendizagem, em que o saber científico em sala de aula torna-se maçante, gerando barreiras ao relacionar a teoria lecionada em sala de aula com a realidade do cotidiano (DE MENEZES, et al. 2020).

Vale destacar que o ensino de disciplinas como as ciências exatas, especificamente a química, ainda é um problema desde o ensino básico. Uma vez que, os estudantes tendem a demonstrar dificuldade na absorção de conceitos inerentes a essa disciplina. Este fato, pode estar associado, principalmente, à forma como os conceitos estão sendo abordados, o que geralmente ocorre de forma teórica e sem nenhuma aplicação prática que possa ser correlacionada com o cotidiano destes estudantes. Sendo assim, a maioria dos estudantes não é capaz de perceber a importância do papel da ciência, o que inclui a química, no desenvolvimento da sociedade, bem como na compreensão de fenômenos e das propriedades dos materiais que os cercam. Portanto, a falta de contextualização apropriada e a falta de preparo de conteúdo para o ensino de disciplinas da área de ciências, acaba acentuando o desinteresse desses estudantes (WHARTA, 2013; FILHO, et al. 2020).

Além disso, outra temática que tem sido motivo de debate entre a comunidade científica do ensino, é o desestímulo de jovens meninas ao ingresso na carreira de química. Quando se trata de um contexto histórico e social acerca da vida profissional de uma mulher, ainda é notório que há um incentivo social para a atuação dessas mulheres em graduações relacionadas a saúde e educação (DASGUPTA, et al. 2014). A falta de estímulo ao ingresso em áreas de exatas é presente em diversos âmbitos da vida social da jovem mulher, tanto no âmbito escolar quanto no familiar. Adicionalmente, a falta de representatividade em setores importantes da sociedade ainda é uma realidade que sustenta com veemência o desestímulo destes jovens (DASGUPTA, et al. 2014). Assim, observa-se que, a maioria dessas jovens não conseguem se vislumbrar tendo uma carreira em certas áreas de atuações profissionais, principalmente nas exatas, uma vez que o quantitativo de mulheres que atuam nessas áreas é defasado, somado ao fato de que, essas mulheres são menos reconhecidas profissionalmente do que homens.

Portanto, é importante enfatizar a relevância do desenvolvimento de projetos

que possibilitem a interação (teórica e prática) de jovens meninas em idade escolar com a área de exatas, fazendo com que essas interações proponham não somente o contato, como também, a motivação de ingresso dessas jovens na carreira de ciências exatas, especificamente química (PAGLIARINI, 2015).

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é propor um maior contato de jovens meninas estudantes, por meio de experimentos e oficinas que utilizem temas do cotidiano, com os conteúdos de ciências, visando estimular o prosseguimento nos estudos, a capacidade de liderança feminina, e o incentivo ao ingresso na carreira de química e áreas afins. Além disso, tem-se como objetivo proporcionar aos jovens estudantes do ensino básico de forma geral, utilizando temas motivadores em sala de aula, uma maior troca de conhecimento entre professores e estudantes.

2. METODOLOGIA

O projeto foi realizado juntamente com uma escola parceira da universidade, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Margarida Gastal, foram inicialmente realizadas reuniões com as coordenadoras da escola para que pudesse ser definido quais estudantes meninas seriam selecionadas para participarem do projeto, e para que fosse definido o cronograma de atividades da universidade com a escola.

A respeito das estudantes meninas, estas foram selecionadas com o intuito de estimular mais o interesse pela química entre as mulheres, que ainda são minoria nas áreas de exatas. As meninas foram escolhidas para terem um acompanhamento com estudantes de graduação e pós-graduação em química para que pudessem aprender melhor a química do cotidiano e do ensino básico, e assim, propagar os ensinamentos para os demais colegas de classe. Para isso, o desenvolvimento deste projeto definiu-se em 4 etapas: *i)* para o desenvolvimento do trabalho, foram realizados encontros periódicos na universidade com as estudantes selecionadas, nos quais realizaram-se experimentos de química de maneira mais didática e lúdica. Os encontros tinham como finalidade facilitar a compreensão em química dessas estudantes, e por consequência, motivá-las a compartilharem os conhecimentos adquiridos com os demais colegas, de maneira mais atrativa e extrovertida; *ii)* foram realizadas visitas técnicas ao campus universitário com toda a turma em que se realizaram oficinas de química para os estudantes; *iii)* realizaram-se feiras de ciências na escola parceira, bem como feira de ciências municipal com as demais escolas; *iv)* para que pudesse ser avaliado o nível de compreensão dos estudantes da turma, bem como das estudantes selecionadas, foram realizados questionários, para que pudesse ser compreendido de maneira mais efetiva o impacto deste trabalho para os estudantes (conforme apresentado no Quadro 1).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A respeito dos encontros periódicos, os experimentos realizados abordaram temas como: chuva ácida, avaliação do pH, fenômenos químicos de uma erupção vulcânica, fenômenos de densidade e polaridade, entre outros. Após a explicação dos experimentos para as quatro estudantes, estas foram orientadas a replicar os experimentos e o conhecimento para os demais colegas em sala de aula. Adicionalmente, as estudantes também auxiliaram na construção de jogos didáticos que abordam temas que foram lecionados em sala de aula, como a tabela periódica, em formato de jogo da memória e dominó.

No que diz respeito às visitas técnicas, foi realizada uma visita técnica dos estudantes até o campus universitário, nesta visita os estudantes puderam conhecer a estrutura laboratorial do grupo parceiro, além de aprenderem sobre os

trabalhos realizados pelo grupo de maneira dinâmica e construtiva. Além disso, os estudantes também assistiram uma oficina cuja temática foi “teste de chama”, associando o fenômeno químico à queima de fogos de artifício. Ao término da atividade, foi aplicado um questionário de nivelamento (de 4 questões) para poder ser compreendido o nível de interesse dos estudantes pela área de ciências exatas. O primeiro questionário foi realizado com 22 dos estudantes de ensino básico, em que 45% do público eram meninos e 54% eram meninas. Os resultados obtidos na aplicação deste questionário estão demonstrados na tabela abaixo:

Quadro 1. Questões de nivelamento aplicadas aos estudantes e respostas obtidas.

N. º	Questões	Respostas em termos de porcentagem	
		Sim	Não
1	Você gosta de ciências?	27%	72%
2	Você acha a ciência importante?	86%	13%
3	Quando você pensa em profissão, gostaria de algo relacionado à ciência?	40%	54%
4	Você acha que o projeto irá influenciar seu futuro?	72%	18%

No que diz respeito ao questionário realizado, quando comparados os gêneros e as escolhas de suas matérias favoritas, foi observado que de 27% de pessoas que gostam de ciências, cerca de 22% são meninas e 4,5% são meninos. Dado este fato, pode-se perceber que as mulheres estão em maior número. Quando avaliado a compreensão dos estudantes sobre a importância da ciência, foi possível observar que 86% entendem a relevância da ciência para a sociedade, e sua influência no cotidiano direta ou indiretamente. A respeito dessa importância, houve relatos como: *“Sim. Porque ela explica muita coisa que no dia a dia não sabemos. Sem contar sobre a cura de doenças e diversas outras coisas”*. Quando questionados sobre a possibilidade de suas atuações como cientistas no futuro (questão 3), 40% disseram que sim, pretendem seguir carreira na ciência. Vale destacar que desses 40%, cerca de 27% são meninas e demonstraram relatos como: *“Sim, penso em fazer química, porque me chama atenção essa profissão”*. A respeito dos 54% que não pretendem seguir na área da ciência, foi possível obter respostas como, *“Ciências é bastante interessante, mas o que eu queria mesmo é trabalhar na área de cinema ou na programação”*, o que demonstra que apesar de os estudantes optarem por não seguir na área da ciência, ainda assim, estes demonstram interesse em outras áreas.

A questão 4 foi idealizada com uma finalidade mais estratégica a respeito da execução do projeto e a percepção desses estudantes em relação a ele. Portanto, elaborou-se uma questão mais discursiva para que os estudantes pudessem expressar suas opiniões. Foi possível avaliar que os estudantes compreendem a relevância do projeto para a compreensão da química no cotidiano deles, compreendem positivamente a facilidade em absorver os conteúdos de química com as estratégias didáticas utilizadas pelo projeto facilitando significativamente na fixação dos conteúdos. Em relação às feiras estudantis realizadas nos meses de setembro e outubro (local e municipal, respectivamente), em que os estudantes realizam experimentos químicos para poderem ter um maior contato com a ciência experimental e, além disso, vivenciarem a experiência de serem cientistas por um dia. É importante destacar que este trabalho buscou alcançar o

maior número de estudantes possíveis, especialmente, por meio da feira de ciências municipal. Nestes eventos pode-se mostrar, por meio da experimentação, a importância da ciência no nosso cotidiano. Para todas essas ações serão aplicados questionários visando avaliar o impacto das ações realizadas.

Por fim, para ser possível compreender melhor o nível de absorção de conteúdo, e simultaneamente o nível de percepção da importância do projeto, as estudantes selecionadas serão avaliadas via questionário. O questionário conterá 10 perguntas estratégicas para mensurar essas percepções, sobre suas vidas pessoais, bem como profissionais também, futuramente.

4. CONCLUSÕES

Dada a execução do trabalho, foi possível observar uma maior interação entre a pesquisa científica e a educação básica, com consequente motivação para as áreas de ciências exatas, destacando potenciais futuros(as) cientistas, além da descoberta de estudantes que almejam uma carreira profissional em outras áreas. É importante destacar também uma maior compreensão dos conceitos teóricos por meio da experimentação, durante as aulas de ciências do ensino fundamental. Além de obter uma percepção significativa dos estudantes em relação à importância e aplicação da ciência no cotidiano. Vale destacar que essas percepções foram mensuradas por meio de questionários aplicados durante a execução do trabalho. Portanto, com o desenvolvimento deste trabalho, foi possível despertar nos estudantes uma maior curiosidade e interesse em aprender química, e principalmente, por terem se tornado detentores de um maior conhecimento químico por meio da metodologia aplicada neste manuscrito.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DASGUPTA, N.; STOUT, J. G. **Girls and women in science, technology, engineering, and mathematics: STEMing the tide and broadening participation in STEM careers**. Policy Insights from the Behavioral and Brain Sciences. v. 1, n. 1, p. 21 – 29, 2014.

DOS SANTOS, L. R., DE MENEZES, J. A., **A experimentação no ensino de Química: principais abordagens, problemas e desafios**. Revista Eletrônica Pesquisaeduca, v. 12, n. 26, p. 180–207, 2020.

FILHO, E. B., CAVAGIS, A. D. M., BENEDETTI, L. P. S., **Jogo didático de cartas para revisões conceituais no ensino de química orgânica**. Experiências em Ensino de Ciências, v. 15, n. 3, p. 580 – 590, 2020.

PAGLIARINI, C. D., FLORES, A. S., ESCOLANO, A. C. M. **Atividades experimentais como recurso didático para alunos de Ensino Médio**. 8º Congresso de Extensão Universitária da Universidade Estadual Paulista, São Paulo, UNESP, 2015.

WARTHA, E. J.; SILVA, E.L; BEJANARO, N.R.R. **Cotidiano e contextualização no ensino de química**. Química Nova na Escola, v. 35, n. 2, p. 84-91, 2013.

UM CAMINHO PARA CULTURA OCEÂNICA NA GEOGRAFIA ESCOLAR

LYÉGI SILVEIRA XAVIER¹; MELISSA CARDOSO BAJDIUK²; JÚLIA NYLAND RIBEIRO DO AMARAL³

¹Universidade Federal do Rio Grande – lyegixavier@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande – melbajdiuk@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande – julianylandar@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Cultura Oceânica é uma iniciativa que visa despertar a consciência da sociedade em relação ao oceano, capacitando-a a tomar decisões sobre a utilização dos recursos marinhos e sua sustentabilidade (UNESCO, 2020). Ao entender que “a Cultura Oceânica deve ser compreendida como o desenvolvimento de uma relação cívica com o oceano” (UNESCO, 2020, p. 61), foi elaborado, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, o documento “Cultura Oceânica para todos: kit Pedagógico” (Kit-UNESCO) publicado em 2020.

Vinculada a esse tema está a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas (ONU), adotada em 2015 pelos 193 Estados membros da ONU (ONU Brasil, 2020). O compromisso constitui um plano de ação que aborda desafios como a preservação dos recursos naturais (ONU Brasil, 2020). A Agenda inclui 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), como o ODS 14 - “Vida na Água”, ocupando posição central nas iniciativas da Consciência Oceânica.

No país, em 2021, foi lançada a Aliança Brasileira pela Consciência Oceânica, “uma rede [...] engajada e mobilizada na implementação de ações locais alinhadas com as metas nacionais e globais da Década do Oceano, com foco na promoção da consciência oceânica para o desenvolvimento sustentável” (UNIFESP, [s.d.]). A rede visa fortalecer municípios e instituições na integração da consciência oceânica na implementação de políticas públicas (UNIFESP, [s.d.]).

No entanto, o tema não é adequadamente abordado na educação, conforme observado por Alexander Turra, professor do Instituto Oceanográfico (IO) da Universidade Federal de São Paulo (USP), em entrevista à rádio da universidade. Turra observa que “a base nacional curricular comum não enfatiza o oceano o suficiente para que os temas oceânicos sejam claramente integrados ao currículo” (LEMOS, 2022). Porém, há um caminho crescente no sentido de incorporar a Cultura Oceânica no plano curricular do Ensino Fundamental e Médio, principalmente em escolas localizadas em municípios defrontantes ao mar. A exemplo disso, tem-se o caso de Santos (SP) que em Novembro de 2021 aprovou a Lei de Cultura Oceânica (Lei nº3.935/2021), tornando-se a primeira cidade do mundo a ter uma lei com essa destinação (ONU BRASIL, 2021).

Os municípios que sua economia dependem do oceano apresentam necessidade na implementação da Cultura Oceânica, como Rio Grande (RS), o qual possui atividades da indústria pesqueira, da pesca artesanal e do setor portuário. Além de ter a praia do Cassino, considerada em extensão territorial a maior do mundo e o curso de Oceanologia na Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Cabe destacar que apesar da Cultura Oceânica poder ser implementada na arte, música e cultura (UNESCO, 2020, p. 62), a Geografia possui espaço para que o tema seja abordado dentro do processo de aprendizagem. Nessa disciplina, o indivíduo tem uma formação em sua integralidade, auxiliando-o na compreensão das mudanças derivadas da interação dos fenômenos da natureza, permitindo que seja capaz de estabelecer relações sociais, naturais, econômicas e culturais (BARBOSA, 2016).

Portanto, objetivou-se correlacionar os Objetivos de Aprendizagem do Kit-UNESCO às Habilidades do Documento Curricular do Território Rio-grandino (DOC-RG) para a disciplina de Geografia, visto que, recentemente, esse aderiu à Aliança Brasileira pela Consciência Oceânica, fazendo parte do Projeto Escola Azul, segundo a notícia do Grupo Oceano (2023). O projeto visa engajar a comunidade escolar em prol da sustentabilidade do oceano, tomando como base os 17 ODS. Para alcançar a certificação de Escola Azul, a instituição de ensino precisa desenvolver um projeto relacionado à realidade local, que promova a Cultura Oceânica no ambiente escolar, com uma duração de um a dois anos.

Sendo assim, o DOC-RG de 2019 e o Kit-UNESCO podem, em conjunto, auxiliar no enriquecimento do currículo escolar no município do Rio Grande, proporcionando aos estudantes uma educação conectada com as questões locais e globais relacionadas ao oceano e à sua sustentabilidade. Isso contribui para formar cidadãos mais conscientes e comprometidos com a preservação do meio ambiente marinho e com o desenvolvimento sustentável da região.

2. METODOLOGIA

A metodologia do trabalho consiste em correlacionar os objetivos propostos pelo Kit-UNESCO com as Habilidades previstas pelo DOC-RG (PMRG, 2019). Para isso, foram selecionados um objetivo de cada uma das três categorias de Objetivos de Aprendizagem (Cognitiva, Sócio-emocional e Comportamental).

Da Aprendizagem Cognitiva foi escolhido o objetivo “o aluno compreende a ecologia marinha básica, os ecossistemas e as relações predador-presa”, o qual foi adaptado para “o aluno compreende a ecologia marinha básica, os ecossistemas e suas relações geográficas”. Já da Aprendizagem Sócio-emocional foi “o aluno é capaz de mostrar às pessoas o impacto que a humanidade está tendo nos oceanos (perda de biomassa, acidificação, poluição, etc.) e o valor de oceanos saudáveis e limpos”; e da Aprendizagem Comportamental, “o aluno é capaz de pesquisar sobre como seu país depende do mar”.

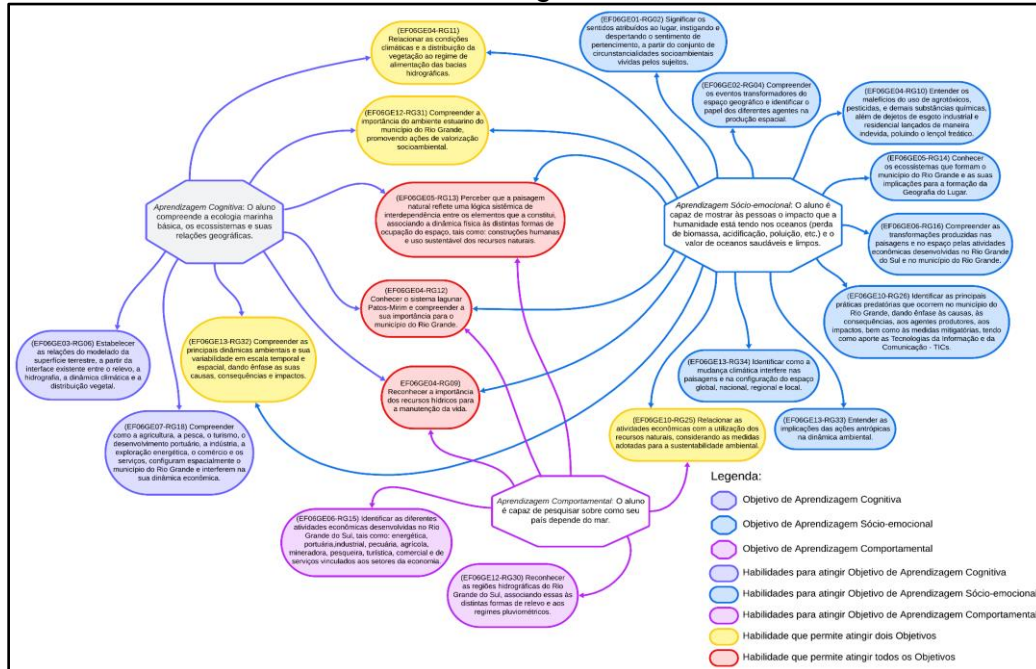
Em relação às Habilidades, foram reconhecidas aquelas que contemplam o 6º ano do Ensino Fundamental da disciplina de Geografia. Isso, devido ao fato de ser momento do ensino em que os estudantes iniciam o contato com diversas áreas do conhecimento. Portanto, a proposta é identificar, a partir das Habilidades, a possibilidade de abordar assuntos voltados ao oceano, sustentabilidade, preservação, conservação e impactos, tendo como referência os Objetos de Aprendizagem. O desafio é reconhecer a interação entre as abordagens previstas para serem trabalhadas com os alunos que envolvam, principalmente, o ODS – 14.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Mapa Mental (Figura 1) apresenta a relação entre os três objetivos selecionados dentre as três categorias de Aprendizagem e as Habilidades da disciplina de Geografia do 6º ano do Ensino Fundamental que podem proporcionar

que os mesmos sejam alcançados. Pode-se observar que há três Habilidades que conseguem compreender todos os objetivos, sendo essas: (1) Reconhecer a importância dos recursos hídricos para a manutenção da vida; (2) Conhecer o sistema lagunar Patos-Mirim e compreender a sua importância para o município de Rio Grande; (3) Perceber que a paisagem natural reflete uma lógica sistêmica de interdependência entre os elementos que a constitui, associando a dinâmica física às distintas formas de ocupação do espaço, tais como: construções humanas e uso sustentável dos recursos naturais.

Figura 1: Mapa Mental da correlação Objetivos de Aprendizagem e Habilidades da Geografia.



Fonte: própria das autoras

Cabe destacar que foram identificadas no total dezanove Habilidades dentre 34 previstas para serem contempladas no 6º ano do Ensino Fundamental de Geografia. Isso significa que há possibilidade de atender a proposição da Cultura Oceânica no ambiente escolar, quando se trata do ensino dessa disciplina.

As Habilidades podem ser apresentadas em sala de aula por meio de dinâmicas. Dessa forma, o professor pode utilizar exemplos de atividades econômicas existentes no município que sejam dependentes do oceano e/ou da Lagoa dos Patos, para que o aluno possa ser capaz de reconhecer a importância do oceano no local em que vive. Ademais, o professor pode promover debates sobre a pesca sustentável, por meio de uma dinâmica de diálogos de impactos (positivos e negativos) da pesca artesanal e da pesca industrial.

A fim de abranger atividades na escola e não somente em sala de aula, sugere-se que sejam convidados palestrantes para tratar do tema sobre as mudanças climáticas e ameaças aos sistemas marinhos e costeiros. Além disso, a escola pode desenvolver, junto às turmas de 6º ano, campanhas de conscientização, através de ações de limpeza de praia, na areia e no mar.

4. CONCLUSÕES

Ao utilizar o conjunto pedagógico disponibilizado, o educador se encontra capacitado a discernir as competências necessárias para atingir os objetivos

fornecidos no documento diretriz do município. Nesse contexto, é interessante examinar de que maneira tais atividades particulares podem ser atribuídas à essência da Cultura Oceânica. Uma via plausível para concretizar tal intento reside na oferta da leitura de obras literárias voltadas ao público infanto-juvenil, as quais abordam sobre o ecossistema marinho, a exemplo do livro "O Boto Charlie", escrito por Ivonei Peraça, que narra a trajetória de um golfinho-nariz-de-garrafa, uma espécie comumente encontrada na região.

Ademais, é possível que as instituições de ensino estabeleçam parcerias colaborativas com entidades como o Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental Rio Grande (NEMA), o qual constrói esforços no âmbito da educação ambiental e promove atividades interativas junto ao público infantil. Também oferece a oportunidade de apresentar às crianças e aos exemplos de fauna marinha da praia do Cassino, e conscientizá-las acerca de sua relevância, enquanto abrigo da diversidade biológica. Emerge, também, a possibilidade de concretização de ações de arte educação, propiciando o ensejo de exercitar a imaginação e a criatividade de maneira lúdica.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, M. E. S. A geografia na escola: espaço, tempo e possibilidades. **Revista de Ensino de Geografia, Uberlândia**, v. 7, n. 12, p. 82-113, jan./jun. 2016.

GRUPO OCEANO. **Rio Grande é a 1ª cidade gaúcha a aderir ao Programa Escola Azul: Município também é pioneiro em integrar a Aliança Brasileira pela Cultura Oceânica**. Oceano, Rio Grande, 28 jun. 2023. Acessado em: 14 set. 2023. Disponível em: <https://www.grupooceano.com.br/noticias/rio-grande/rio-grande-e-a-1a-cidade-gaucha-a-aderir-ao-programa-escola-azul-30502>.

LEMOS, S. **Cultura oceânica propõe trabalho de educação e conscientização sobre o mar**. Jornal da USP, São Paulo, 21 de fev. de 2022. Acessado em: 1º ago. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/cultura-oceanica-propoe-trabalho-de-educacao-e-conscientizacao-sobre-o-mar>.

PMRG - Prefeitura Municipal do Rio Grande. **Documento Orientador Curricular do Território Rio-grandino: Ensino Fundamental**. Rio Grande: SMED, 2019.

UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo. **Aliança Brasileira pela Cultura Oceânica**. [s.d.]. Acessado em: 22 ago. 2023. Disponível em: <https://maredeciencia.com.br/projetos/alianca>.

ONU BRASIL – Organização das Nações Unidas Brasil. **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Nações Unidas Brasil**, Brasília, 2020. Acessado em: 1º ago. 2023. Disponível em: <https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/agenda2030-pt-br.pdf>.

ONU BRASIL – Organização das Nações Unidas Brasil. **Santos faz história e se torna a primeira cidade a transformar cultura oceânica em política pública**. Nações Unidas Brasil, Brasília, 23 de nov. de 2021. Acessado em: 1º ago. 2023. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/159848-santos-faz-historia-e-se-torna-primeira-cidade-transformar-cultura-oceanica-em-politica>.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Educação. **Cultura Oceânica para todos: Kit Pedagógico**. Manuais e Guias da COI, 80. UNESCO, Paris, 2020.

PROJETO ARTE NA ESCOLA: AÇÕES DE FORMAÇÃO

PIETRA LEAL MACIEL; CARMEM REGINA SILVEIRA NOGUEIRA²; NÁDIA DA CRUZ SENNA³

¹Universidade Federal de Pelotas1 – pietraleal39@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – carmemnogueira@gmail.com

³Universidade Federal e Pleotas– nadaiadacruzenna@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Projeto Arte na Escola Polo-UFPEL integra uma rede nacional que reúne 33 polos em instituições de ensino e pesquisa em 17 estados brasileiros, unidos pela missão de impulsionar a formação continuada de professores e demais profissionais no campo da arte educação. O polo UFPEL é um dos mais antigos, tendo sido implantado através do convênio feito entre a UFPEL e o Instituto Arte na Escola em 1993. Nosso compromisso abrange a região geoducacional de Pelotas, incluindo a comunidade escolar dos municípios vizinhos, em prol do desenvolvimento do ensino da arte, qualificação profissional e formação de público. As ações se caracterizam pela disponibilização do acervo de materiais instrucionais imagéticos e bibliográficos, oferta de cursos e seminários, ciclos de debates e oficinas e participação em grupos de estudo e pesquisa. O programa de atividades é voltado para atender a linha extensionista em prol da qualidade do ensino, na área de artes, incluindo todas as linguagens oferecidas pelo Centro de Artes. Desse modo, também contribuimos para a formação dos futuros docentes, estimulando a atuação junto a comunidade de forma inclusiva, crítica e sensível.

2. METODOLOGIA

A linha metodológica segue uma abordagem contemporânea, Artografia, que reúne professor, artista e pesquisador sem estabelecer divisões de papéis. Ao contrário, reconhece o quanto são imbricados entre si, propondo inovações na produção de narrativas, artefatos e dispositivos para ampliar a compreensão dos processos e fenômenos. A natureza aberta e híbrida permite operar com diferentes materiais e métodos para alcançar os objetivos propostos. Concorrem: identificação de demandas, discussão de propostas, redefinição de metas, pesquisa bibliográfica, cartográfica, pesquisa-ação, pesquisa poética, execução das ações (mostras, seminários, ciclos de debates, grupos de estudos, oficinas, empréstimo e manutenção do acervo), avaliação, registro, divulgação e disseminação de resultados e produtos para a rede arte na escola.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Organizamos um plano de atividade que compreende os 4 eixos de ações principais do projeto: ações de formação continuada, midiateca e biblioteca arte na escola, práticas artísticas e pedagógicas e grupo de estudos e pesquisa. A intenção é atender todas as dimensões do conhecimento em artes, que implicam sobre a experiência estética, os processos de criação e o pensamento crítico. As

atividades são propostas para atender demandas do próprio grupo participante, relacionadas aos contextos culturais e sociais, baseadas na partilha de saberes e nas trocas sensíveis.

Contamos com a capacidade da arte para proporcionar o diálogo e abrir espaço para a inventividade, ampliando percepções e repertórios em torno de temas transversais e pautas contemporâneas. As práticas artísticas possibilitam compreender as relações entre tempos, espaços e imaginários dos sujeitos na sua interação com a arte e a cultura.

Trazemos aqui a experiência extensionista ocorrida na EEEF. Dr. Francisco Simões, junto a uma turma de 5º ano, com crianças com idade entre os 10 e 12 anos. Aconteceram 5 encontros que contemplaram técnicas de gravura a partir de materiais didáticos diversos, incluindo a “Caixa de Cultura-Gravura” do Instituto Itaú Cultural, que integra nosso acervo. A coleção de imagens reúne obras de artistas brasileiros, que utilizam diferentes técnicas, desde as mais tradicionais como a xilogravura, litogravura, água-forte, serigrafia, e também, possibilidades alternativas como a linóleo gravura, estêncil, carimbos e tatuagens.

A “Caixa” despertou a curiosidade do grupo, pois não conheciam as técnicas, embora já tivessem contato com imagens de reprodução em série: lambes, cartazes, xerox, entre outros impressos. As obras que mais impactaram a turma foram as de Gilvan Samico e Carlos Scliar, com representações ligadas ao folclore, à cultura popular e literatura de cordel.

A conversa com a turma avançou sobre o conhecimento de gravura e arte, ampliando noções e propondo o exercício de desenho e pintura, o futebol foi um dos temas que emergiram, bem como o imaginário da cultura visual midiática, com seus personagens de séries e animações. Um dos objetivos que norteou a ação foi a busca por maior conscientização em relação ao meio ambiente, a importância da natureza e a compreensão de uma convivência respeitosa e harmônica. Para tanto optamos pelos processos alternativos e sustentáveis na produção das gravuras, utilizamos a técnica do carimbo com tintas não tóxicas. As matrizes foram feitas a partir da coleta de materiais naturais (folhas e flores) e materiais descartados (tampinhas, garrafas, plásticos, lacres). Papelão e EVA serviram para a confecção dos carimbos que estamparam a peça de algodão cru. (Fig. 1 e Fig 2)



Fig. 1- Carimbos realizados pela turma. Acervo das autoras



Fig. 2 – Entintagem da matriz. Acervo autoras

O trabalho final foi a construção de uma peça vestível, em modo coletivo, cuja referência foi o manto elaborado por Arthur Bispo do Rosário, também apresentado para a turma. O encontro culminou com a performance dos alunos com o objeto construído (Fig. 3).



Fig. 3 - Performance com o manto. Acervo das autoras.

A ação contribuiu para o aprendizado de técnicas específicas, compreendendo a amplitude dos processos, se constituindo como uma experiência cognitiva (Barbosa, 2023; Dewey, 2010), que contempla o fazer, a reflexão e a expressão artística.

4. CONCLUSÕES

A nossa atuação junto ao Projeto Arte na Escola impacta diretamente a formação profissional, complementar e continuada, pela oportunidade de atualizar conteúdos, trazer para o debate temas de interesse da comunidade, partilhar experiências e pesquisas, que fomentam o intercâmbio entre grupos em âmbito regional, nacional e internacional.

As ações nas escolas buscam fomentar o intercâmbio com a Universidade efetivando o papel social da Instituição, seja por proporcionar formação complementar para os grupos participantes, seja pela experimentação com processos criativos e propositivos nas diferentes linguagens artísticas, ou ainda pela possibilidade de estabelecer um diálogo multicultural, inclusivo e plural.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae. CUNHA, Fernanda Pereira da. **Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais**. São Paulo: Editora Cortez, 2023.

Caixa de Cultura Gravura: história e Técnica. Núcleo de Projetos Educativos. São Paulo: Itáu Cultural, 2002.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

PÉREZ-BARREIRO, Gabriel. CAMNITZER, Luis. **Educação para a Arte/Arte para a Educação**. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2009.

CLUBE DE LEITURA: (IN) CORPORANDO LITERATURAS BRASILEIRAS

MATEUS VALADÃO DE SOUZA¹; DIULI ALVES WULFF²; LUZIA HELENA BRANDT MARTINS³; GABRIELLA DAS NEVES FURTADO⁴ GILCEANE PORTO CAETANO⁵:

¹Universidade Federal de Pelotas – matheussouza396485@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – diulii.alves@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – luziaamartins@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – gabi03nf@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas - gilceanep@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um dos projetos de extensão do grupo PET Pedagogia, - o “Clube de Leitura: (in) corporando as Literaturas Brasileiras”. O projeto tem como propósito oportunizar no curso de Pedagogia da UFPel espaços para experienciar a leitura e discussões de textos literários de forma compartilhada, assim como, construir coletivamente com os/as estudantes uma diversidade e multiplicidade de repertórios literários.

Através do projeto, o grupo tem a intenção de ressaltar a importância da leitura, visto que a mesma desempenha um papel fundamental na formação de pedagogos. Segundo FREIRE (1989), o ato de ler pode ser compreendido como parte de um processo que exige permanência e constância, levando em conta que trata-se de questões diretamente ligadas ao mundo social e cultural em que os leitores estão inseridos.

A iniciativa se deu por reconhecer o espaço/tempo universitário com um período de iniciação e/ou continuação de referências culturais. Para FRIGOTTO (2020. p.22)

Na esfera da universidade, o currículo de Pedagogia está sempre em pauta, buscando referenciais culturais, epistemológicos e sociopolíticos capazes de formar um profissional crítico, atuante e comprometido com a transformação social, tendo como horizonte uma sociedade mais justa e igualitária.

A partir desta proposta o grupo pretende que as leituras literárias, contribuam para a ampliação dos repertórios culturais dos participantes e para sua formação inicial. Compreendemos que é importante que haja espaços na formação docente para práticas que contribuam para a formação de profissionais críticos, reflexivos e atuantes socialmente. Como nos ensina COSSON (2021. p. 30), essa prática se constitui em um círculo de cultura, espaço que:

[...] assume as características de uma atividade de leitura autônoma, com os alunos reunidos em grupos pequenos e temporários fazendo discussões a partir de anotações, com registro do que foi discutido, e mediados pelo professor que modela e orienta as diversas fases da atividade.

De acordo com COSSON (2021), o círculo/grupo é caracterizado por reuniões com leituras prévias, acompanhadas e ritmadas com a devida mediação. Considerando o contexto escolar, COSSON sugere a mediação através do professor, mas ponderamos que há diversificações de mediações em círculo/clube de leitura.

Para NEITZELL, BRISON E WEISSeitzell (2016) o papel do “[...] mediador de leitura não é o de impor suas impressões sobre a obra, mas o de conduzir, estimular, despertar e/ou detalhar a visão do leitor sobre o escrito.”, desta forma, os mediadores são quem iniciam a relação entre leitores e texto escrito. É possível compreender que há diversas formas de tocar e ser tocado pelo texto literário. Sobre este aspecto, BÉZARD (2007. p. 27), afirma que:

o texto literário ostenta a capacidade de reconfigurar a atividade humana e oferece instrumentos para compreendê-la, posto que, ao verbalizá-la, cria um espaço específico no qual se constrói e negociam os valores e sistema estético de uma cultura.

A intenção do projeto é proporcionar que os (os) estudantes se relacionem e ressignifiquem o escrito a partir de suas compreensões prévias, tendo assim, uma experiência e sensibilização literária. FRIGOTTO (2020. p.23) ao relatar a experiência com grupo literários, afirma que “[...] ele (o clube de leitura) não se destina a transmitir conhecimentos pragmáticos no sentido de ensinar como ensinar literatura ou sobre a literatura.”, mas sim, que dê oportunidade para que as participantes vivam a literatura através dos encontros, regados de discussões, compartilhamentos e trocas.

Assim é pensado o Clube de Leitura: (In) Corporando Literaturas Brasileiras, na perspectiva de ofertar espaços/tempos para que possamos ler e se relacionar com leituras literárias e que possamos compartilhar as percepções, observações e curiosidades diante de um mesmo escrito. A seguir apresentamos a metodologia adotada no projeto.

2. METODOLOGIA

Para a organização do Clube de Leitura, elencamos seis frentes que se tornaram fundamentais neste processo. a) seleção, para posterior divulgação aos inscritos, de cinco títulos: *Amora*, de Natalia Borges Polesso; *Pai, Pai*, de João Silvério Trevisan; *Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo*; *Rainhas da Noite: as travestis que tinham São Paulo a seus pés*, de Chico Felitti e *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior. b) elaboração de card para divulgação. Após termos os cinco títulos escolhidos, começou-se o trabalho para a divulgação do clube. Para isso, foram feitas consultas sobre as obras, assim como sobre os autores e autoras; e ao fim foi publicado no instagram do PET Pedagogia um carrossel, contendo todas as informações do clube, das obras e dos autores e autoras sugeridos. c) construção de um grupo no *Whatsapp*. Os bolsistas criaram um grupo virtual, para que todos os interessados no projeto tivessem contato para compartilhar interesses e tirar dúvidas; d) envio de convite virtual e presencial. Após o card ser publicado no perfil oficial do PET Pedagogia, começou-se uma série de compartilhamento e convites entre os estudantes de Pedagogia. Os bolsistas também imprimiram os cards, os quais continham o QR CODE para acesso ao grupo de *Whatsapp*. e) organização de slides de apresentação do clube e da proposta para os participantes. Para o primeiro encontro, os estudantes organizaram uma apresentação em slide contando sobre a iniciativa do projeto, qual a proposta principal e os acordos que faríamos a partir daquele momento; f) criação de pasta no Google Drive para troca de indicações culturais referente ao livro, - a ideia da criação desta pasta no google drive é para que tivéssemos um espaço virtual para compartilhar músicas, entrevistas, reportagens, imagens e

textos referentes à temática do livro. E que também pudéssemos expor esse material em determinados encontros.

Neste encontro foi definida a obra literária de maior interesse pelos participantes. O livro *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior, foi escolhido para ser compartilhado no grupo. Apresentamos, a seguir, as principais discussões acerca do projeto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro encontro do projeto aconteceu durante o semestre 2023/1, o qual contou com a participação de estudantes de diferentes semestres da graduação em Pedagogia.

O nome do projeto foi concebido a partir da definição do tema, cujo o cerne reside na exploração das corporeidades nas literaturas brasileiras, um enfoque que examina como o corpo é retratado e explorado nas narrativas literárias, especialmente no contexto das questões de gênero e sexualidade abordadas nas obras. A escolha foi realizada após uma conversa entre os organizadores do projeto, que resultou na ideia de explorar e valorizar a literatura brasileira como objetivo do clube.

Após discussões colaborativas, o grupo decidiu a realização de encontros quinzenais para aprofundar a exploração sobre a obra escolhida. Para otimizar nossos debates, cada encontro será focado em partes específicas do livro escolhido, onde antes de cada encontro, cada membro tem como “tarefa” realizar a leitura antecipada das seções indicadas. A estrutura quinzenal nos dará tempo suficiente para absorver e refletir sobre os temas abordados, promovendo discussões mais enriquecedoras durante nossas reuniões.

Como mediadores do clube, estamos empenhados em criar diálogos enriquecedores entre o livro e outras referências relevantes. Para esse fim, estabelecemos uma pasta compartilhada no drive, onde os membros podem contribuir com sugestões teóricas e culturais que se relacionem com a obra em discussão. Entre as indicações, incluímos a música “Torto Arado” do cantor Rubel, cuja atmosfera e temática se entrelaçam harmoniosamente com o livro.

A trama se desenrola na fictícia fazenda Água Negra, situada na Chapada Diamantina, coração da Bahia. Para ampliar a compreensão visual desse cenário, organizamos slides contendo imagens da Chapada, que foram apresentadas em um dos nossos encontros. Essas fotos foram extraídas da pesquisa de doutorado do autor, disponibilizada no site da editora do livro, a Todavia. Dessa forma, os participantes podem visualmente imergir no ambiente que serviu de inspiração para a narrativa.

A religiosidade brasileira é uma força proeminente na trama, trazendo à tona o universo do Jarê, uma religião de sincretismo que incorpora influências da matriz africana, indígena e do catolicismo rural. Essa crença, enraizada na Chapada Diamantina, ganha vida nas páginas do livro, permitindo aos leitores explorar a rica tapeçaria das tradições espirituais e culturais da região. Com isso, trouxemos trechos de uma entrevista do autor falando sobre essa religiosidade.

Em uma passagem marcante do livro, encontramos a frase: “Que ela havia parido irmãs, e não inimigas, e que não iria tolerar mais nossos calundus” JUNIOR (2019, p. 49). Reconhecemos que o uso do termo “calundus” não é acidental, pois, como evidenciado por SIMAS (2021), há uma profunda carga histórica ligada a esse termo nas diferentes manifestações de umbanda no Brasil. O calundu se destaca como uma prática sincrética que entrelaçou elementos das

religiosidades de matriz africana, indígena e catolicismo durante o período colonial.

Ao incorporar esses elementos visuais, sonoros e culturais à nossa discussão literária, buscamos enriquecer nossa compreensão da obra, aprofundar nossas análises e estabelecer conexões significativas entre a literatura, a cultura e as vivências retratadas no livro. A seguir apresentamos as considerações finais.

4. CONCLUSÕES

A constituição de um clube de leitura na graduação busca suprir uma carência formativa de espaços que se dedicam à literatura e ao convívio das (os) estudantes fora de sala de aula, possibilitando com que novos referenciais sejam construídos.

A proposta apresenta a possibilidade de enriquecimento do repertório cultural e literário das (os) graduandas (os). A discussão de temas transversais presentes na literatura contribui para a formação de indivíduos críticos e conscientes, capazes de compreender e abordar questões sociais relevantes em um contexto pedagógico.

O projeto também oportuniza aos estudantes do PET Pedagogia a experimentação do espaço pedagógico, sendo eles, os mediadores do Clubes de Leitura, buscando referenciais e metodologias para construção de ambientes prazerosos e acolhedores, tendo o foco a leitura literária.

A continuidade e a expansão desse clube podem contribuir significativamente para a melhoria da qualidade da formação pedagógica e, por consequência, para o avanço da educação como um todo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÉZARD, J. Ler na escola: os “livros de leitura”. In.: **Andar entre livros: A leitura literária na escola.** COLOMER, Teresa. [tradução: Laura Sandroni] - São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Como Criar círculos de leitura na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2021.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez editora, 1982.

FRIGOTTO, E. **Leitura literária e formação de professores.** Sede de Ler, v. 2, n. 1, p. 22-28, 21 out. 2020.

NEITZELL, Adair de Aguiar; BRISON, Janete; WEISS, Cláudia Suéli. **Mediações em leitura:** encontros na sala de aula. REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS (RBEP) - online, Brasília, v. 97, n. 246, p. 305-322, maio/ago. 2016.

SIMAS, Luiz Antonio. Poéticas do encantamento. **Umbandas: uma história do Brasil.** 1.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. p. 31-51.

JUNIOR, Itamar Vieira. **Torto arado.** São Paulo: Todavia, 2019.

INNOVACIÓN EN LA ENSEÑANZA DE LA QUÍMICA: IMPACTO DEL PROYECTO 'DO LABORATÓRIO DE PESQUISA AO LABORATÓRIO ESCOLAR' EN LAS ESCUELAS PARTICIPANTES DE PELOTAS-RS

DANIEL ENRIQUE DE JESUS SAN JOSE MOYA ¹;
BRUNO DOS SANTOS PASTORIZA ²

¹ Universidad Federal de Pelotas – danielsanjosemoya18@gmail.com

² Universidad Federal de Pelotas – bspastoriza@gmail.com

1. INTRODUCCIÓN

Este trabajo se propone examinar la implementación y el estado actual del proyecto "*Do laboratório de pesquisa ao laboratório escolar*" de la Universidad Federal de Pelotas, destacando cómo ha contribuido a mejorar las condiciones en los laboratorios escolares y, por ende, el proceso de enseñanza y aprendizaje en el campo de la química. Además, se discutirá sobre la efectividad de las intervenciones realizadas hasta la fecha.

El proyecto, tiene como objetivo: Permitir el uso, organización, sistematización y mantenimiento desde el punto de vista técnico de la formación en química en los laboratorios escolares a través de una alianza entre el proyecto, los profesores de Educación Superior, los Profesores de Escuela y el equipo directivo de la escuela. Dicho proyecto se enfoca en el ámbito de la educación química abordando la problemática existente en los laboratorios de química escolares de la ciudad de Pelotas-RS que suelen carecer de recursos adecuados y una organización eficiente. Esta deficiencia impacta en la calidad de la enseñanza de la química y en la experiencia de aprendizaje de los estudiantes.

A través de este análisis, se busca resaltar la relevancia del proyecto en el contexto de la educación química y su contribución al fortalecimiento de la enseñanza y el desarrollo de los estudiantes de la escuela participantes.

2. METODOLOGÍA

La realización de este estudio se basó en el desarrollo de un conjunto de 9 etapas articuladas, diseñadas para abordar de manera integral la situación de los laboratorios escolares, siendo esta las siguientes:

- 1) Establecimiento de alianzas con Colegios: La primera etapa consistió en establecer alianzas con colegios de la ciudad de Pelotas, lo que incluyó la ampliación del equipo de trabajo.
- 2) Reconocimiento y Análisis de Condiciones: Luego, se llevó a cabo un reconocimiento del espacio físico de los laboratorios escolares, seguido de un análisis detallado de sus condiciones, lo que estaba faltando y como podría ser mejorado.
- 3) Relevamiento de Materiales y Espacios: Se realizó un inventario de los materiales disponibles en los laboratorios, ya que las escuelas no tenían un

registro de los mismos, así como se discutió las potencialidades de uso y debilidades de los espacios.

4) Organización de Protocolos y Documentos: Se procedió a realizar por parte de los miembros del equipo la realización y organización de protocolos de seguridad, buenas prácticas, uso sistemático y dinámicas de trabajo. También se crearon documentos para establecer modelos de práctica general.

5) Planificación de Usos y Destinos: La planificación de los usos y destinos de reactivos y residuos se abordó en esta etapa, considerando aspectos fundamentales para la seguridad y descarte adecuado de residuos siguiendo lo aprendido en la graduación, donde fueron recogidos y llevados hasta el campus Universitario para el debido descarte.

6) Organización del Espacio Físico: Se llevó a cabo la limpieza y rescate de los laboratorios, pasando una reorganización del espacio físico de los laboratorios, que busco las condiciones físicas de los laboratorios .

6) Creación de Sistemas de Utilización: Se Realizó un documento para uso de los laboratorios por parte de los profesores, con el fin de establecer procesos más eficientes y coordinados a la hora de solicitar la preparación previa de alguna práctica.

7) Capacitación de Sujetos Escolares: Fue orientado a los profesores y alumnos de las escuelas sobre los documentos previamente mencionados así como de cómo debe ser realizado el descarte de residuos. Estas acciones se enfocaron en temas como el mantenimiento de la organización dentro del laboratorio.

8) Apoyo a los Docentes: Durante los procesos de uso de los laboratorios, se brindó apoyo constante a los docentes para asegurar una implementación efectiva de las prácticas y también la partición del equipo del proyecto para auxiliar a los profesores durante las prácticas experimentales.

9) Reuniones Periódicas de Planificación y Evaluación: Esta etapa estuvo presente desde el inicio del proyecto donde se llevaron a cabo reuniones periódicas para planificar y evaluar el avance del proyecto, garantizando así su seguimiento y ajuste continuo.

3. RESULTADOS Y DISCUSIÓN

Tras completar las distintas etapas del proyecto, se lograron establecer vínculos con las siguientes escuelas durante el primer semestre de 2023: *Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, Colégio Tiradentes Da Brigada Militar, Colégio Municipal Pelotense, Eeeb Osmar Da Rocha Grafalha – Ciep y Escola Estadual de Ensino Médio Cel. Pedro Osório*. Durante el proceso de colaboración con cada una de estas escuelas, nos enfrentamos a desafíos específicos que requerían acciones de laboratorio para mejorar la organización de los espacios y la dinámica en general.

Durante el primer semestre del año en curso, el proyecto logró con éxito sus objetivos iniciales, que consisten en ordenar los espacios y mejorar las

dinámicas de los laboratorios escolares. Esto no solo facilitó el desarrollo fluido del proyecto, sino que también permitió a los participantes, incluyendo profesores y alumnos de las escuelas asociadas, aprovechar al máximo las oportunidades que se presentaron

Una de las contribuciones clave de este proyecto fue la reestructuración de los laboratorios, basada en una evaluación meticulosa. Esta reestructuración optimizó los espacios para el aprendizaje práctico, permitiendo una experiencia más efectiva y segura. La implementación de protocolos de seguridad, la capacitación continua y el apoyo durante el uso de los laboratorios representaron enfoques innovadores para garantizar la seguridad y la eficacia en todas las escuelas participantes.

Los sistemas de programación y gestión implementados durante el proyecto han tenido un impacto notable en la optimización de la utilización de los laboratorios escolares. Esta sistematización ha establecido un nuevo estándar para la calidad de educación química en las escuelas, demostrando que el proyecto ha generado una innovación significativa y un impacto positivo en la mejora de los espacios y la calidad educativa en las escuelas asociadas.

Sin embargo, durante el segundo semestre, el proyecto se vio obligado a realizar reajustes y reorganizaciones. Esto se debió a la irregularidad del semestre académico y a la salida de algunas escuelas asociadas. Uno de los cambios más significativos fue la vinculación del proyecto a una escuela específica, el "Instituto Estadual de Educação Assis Brasil". Esta medida se tomó para asegurar la continuidad del proyecto mientras se lleva a cabo su reorganización más estamos trabajando para aumentar el equipo y el número de escuelas participantes.

4. CONCLUSÕES

Este proyecto ha demostrado ser una iniciativa innovadora en el campo de la educación química al abordar de manera integral la problemática de los laboratorios escolares en la ciudad de Pelotas. La principal innovación en su enfoque colaborativo que involucra a profesores de Educación Superior, profesores de escuela y el equipo directivo de las escuelas, con el propósito de mejorar la organización y el mantenimiento de los laboratorios desde una perspectiva técnica.

A través de las nueve etapas articuladas, se logró establecer alianzas con varias escuelas, analizar y mejorar las condiciones de los laboratorios, organizar protocolos y documentos, y brindar capacitación tanto a docentes como a estudiantes. Estos logros han contribuido significativamente a la mejora de los laboratorios escolares y, en última instancia, a la calidad de la enseñanza de la química.

A pesar de los desafíos encontrados en el segundo semestre, como la irregularidad del semestre académico y la salida de algunas escuelas asociadas, el proyecto ha demostrado su capacidad de adaptación y reorganización. La vinculación del proyecto a una escuela específica, el "Instituto Estadual de

Educação Assis Brasil", garantizará su continuidad mientras se ajusta y se reorganiza junto a otras escuelas.

En resumen, el proyecto "Do laboratorio de pesquisa ao laboratório escolar" ha logrado una innovación valiosa al abordar las deficiencias en los laboratorios escolares y al establecer alianzas efectivas con escuelas. Esta experiencia demuestra la importancia de la colaboración interinstitucional y la adaptabilidad en proyectos educativos similares.

5. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, M. S.; SANTOS, J. A. A importância do laboratório de química na educação básica. *Revista Brasileira de Ensino de Química*, v. 10, n. 1, p. 1-12, 2022.

SILVA, M. A.; FERREIRA, M. S. O laboratório de química escolar: um espaço de aprendizagem inclusiva. *Revista Brasileira de Educação*, v. 24, n. 72, p. 1-20, 2019.

UFPel, Guia de Extensión de la Universidad Federal De Pelotas, 2 de mayo de 2019, Acceso en 10 mar. 2023. Online. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/prec/files/2019/10/guia-do-estudante-extensionista.pdf>

UM RELATO SOBRE O CURSO “INTERAÇÕES COTIDIANAS EM LÍNGUA INGLESA” COM ENFOQUE NA INTEGRAÇÃO DE TECNOLOGIA

STEPHANIE DOS SANTOS MACHADO¹; JOSÉ CARLOS MARQUES
VOLCATO²; MÁRCIA MORALES KLEE³

¹Universidade Federal de Pelotas – stephnmachado@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – jose.carlos.marques.volcato@ufpel.edu.br,
zaeca1@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – marcia.klee@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresentamos um relato sobre o uso de tecnologias no ensino e na aprendizagem do curso “Interações cotidianas em Língua Inglesa” ofertado pelo programa Idiomas sem Fronteiras (IsF) da Universidade Federal de Pelotas no ano de 2023. As aulas ocorreram de maneira presencial com 4h/aula semanais, totalizando um curso de 32h. O objetivo do curso era ensinar a língua inglesa contemplando a compreensão de formas usuais de comunicação que são empregadas para falar sobre si mesmo e sobre pessoas conhecidas nas comunidades em que transita, reconhecendo a variedade de propósitos e estilos de comunicação presentes nas interações do dia a dia.

O programa IsF teve origem em 2012, desenvolvido pelo Ministério da Educação em parceria com Instituições Federais de Ensino Superior com a finalidade de estimular o processo de internacionalização do ensino superior brasileiro (MEC, 2017). O programa foi concebido com a finalidade de valorizar a capacitação especializada de docentes de línguas estrangeiras (PAIVA; ALVES, 2020), bem como fomentar a colaboração entre instituições de ensino superior nacionais e internacionais, a mobilidade acadêmica e o contato entre culturas (RIBEIRO, 2022). A portaria normativa nº 105/2012 estabeleceu o primeiro grupo de trabalho no projeto e, ao decorrer do tempo, as ofertas de língua inglesa foram gradualmente consolidadas nas instituições parceiras. À época, o programa era designado como Inglês sem Fronteiras. O programa cresceu, passou por diversas modificações e ampliou sua oferta de cursos para incluir outras línguas estrangeiras/adicionais, como espanhol, francês, seguidos por italiano, japonês, alemão e português como língua adicional. O programa englobava ainda atividades voltadas para a capacitação de estrangeiros, além de proporcionar testes de proficiência em língua estrangeira e cursos na modalidade on-line e presencial. No ano de 2019, o IsF foi extinto pelo MEC e reformatado como Rede Andifes-IsF, fomentada por Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) vinculadas à Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior credenciadas pela Rede para colaborar no processo de internacionalização do ensino superior brasileiro.

2. METODOLOGIA

No período que antecede o início do curso, os professores e os coordenadores da respectiva área se dedicam à elaboração do plano de aulas, aderindo estritamente à ementa do curso e aos seus objetivos definidos. No curso ofertado em 2023, as aulas aconteceram na sala disponibilizada pelo IsF no Campus Anglo, a duração do curso era de oito semanas e cada semana possuía temática, objetivos e conteúdos próprios.

A presença de tecnologias no campo da educação não é uma novidade introduzida pela pandemia do COVID-19. Na realidade, as tecnologias, sejam elas digitais ou analógicas, há muito têm sido componentes integrantes dos ambientes educacionais, atuando como ferramentas de mediação. Isso também se aplica ao ensino de línguas, onde a utilização de tecnologia é uma prática comum (RABELLO, 2021). Durante as semanas, os alunos desfrutaram de 2h de aula presencial e o uso de tecnologias desempenhou um papel proeminente na criação de recursos didáticos empregados durante as aulas. Entre esses recursos houve a utilização do website do *British Council*, que oferece planilhas com atividades de escuta, escrita, leitura e fala, bem como a elaboração de slides realizados por meio da plataforma *Canva*, que foram posteriormente apresentados em sala de aula utilizando um projetor. Ao final de algumas aulas, os alunos tiveram a oportunidade de aplicar o conhecimento adquirido por meio da plataforma de jogos educacionais *Kahoot!*. Nesse aplicativo, é possível testar o entendimento sobre uma determinada lição, ou um tema mais específico, em jogos na forma de *quizzes*. As temáticas/pontos gramaticais de apoio às interações orais comunicativas das aulas seguiram esta ordem:

- Introductions
- Verbe To be
- Simple present
- Possessives nouns
- Possessive adjectives
- Family members
- Present continuous
- Animal vocabulary

Para analisar a integração de tecnologias nas aulas, consideremos o tópico *Family Members* como um exemplo. O objetivo da aula era introduzir e ensinar vocabulário relacionado aos membros da família em língua inglesa para estudantes do nível básico ou iniciante, equivalente ao nível A1 no Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (*Common European Framework of Reference for Languages – CEFR*). Inicialmente, foi desenvolvido um plano de aula dividido em 6 partes que foi adaptado para que se encaixasse ao limite de tempo de 2 horas. Após a elaboração do plano de aula, foi realizada uma pesquisa utilizando recursos provenientes de livros didáticos digitais, disponíveis gratuitamente, como o website do *British Council* e também da *Cambridge University Press*. Essa pesquisa serviu para embasar o desenvolvimento de slides para serem empregados durante as aulas. No início da aula, os alunos participaram de uma discussão para avaliar seu conhecimento prévio sobre o assunto, e paralelamente, os slides elaborados com auxílio de recursos digitais foram apresentados para introduzir de maneira concreta o tema. Em seguida, foi disponibilizado um breve vídeo em inglês, encontrado no *YouTube*, contendo animações relacionadas ao tópico. Isso visou a aprimorar a habilidade de escuta dos estudantes. Posteriormente, os alunos foram engajados

em exercícios práticos para reforçar o vocabulário aprendido, abordando outras três habilidades linguísticas essenciais: a fala, a compreensão leitora e a escrita. Ao término da aula, foi promovida uma atividade lúdica por meio da plataforma de jogos educacionais *Kahoot!*. Esta atividade, além de reforçar os conceitos discutidos durante a aula, também proporcionou uma revisão de tópicos gramaticais de apoio previamente estudados, como o *Simple Present* e o *Present Continuous*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os avanços obtidos com a implementação das tecnologias nas aulas de língua inglesa são notáveis. A combinação de diversos recursos proporcionou um ambiente de aprendizado rico e envolvente. As pesquisas utilizando livros didáticos digitais de qualidade contribuiu para a adoção e criação de materiais de ensino mais robustos e atualizados. Além disso, a utilização do website do *British Council* e da *Cambridge University Press* permitiu a expansão dos recursos educacionais, oferecendo aos alunos acesso a uma ampla gama de materiais de estudo. Vale ressaltar que essas fontes incluem documentos sonoros que, mesmo no nível iniciante A1, já contemplavam variações linguísticas diatópicas (geográficas) e diastráticas (de diferentes grupos sociais), apresentando sotaques diversos, o que é especialmente benéfico para o desenvolvimento da compreensão auditiva e da conscientização linguística por parte dos alunos.

Os resultados do curso foram progressivos, ou seja, analisados de acordo com o avanço das aulas. À medida que os estudantes participavam das aulas e completavam as tarefas, ficou evidenciada a evolução nas habilidades orais, escritas e de compreensão auditiva, no comparativo entre o desempenho de uma semana com o da semana anterior. A realização das aulas em língua estrangeira impactou a timidez dos estudantes, os quais expressaram certo receio em se comunicar no idioma-alvo. No entanto, é importante ressaltar que o ambiente das aulas buscou ser extremamente acolhedor e receptivo. Ao término de cada semana, o professor sempre abria espaço para questionar os alunos sobre suas percepções em relação às aulas, avaliando se o ritmo do conteúdo estava adequado às suas necessidades. Além disso, todos os materiais utilizados foram compartilhados na plataforma *Google Drive*, permitindo que os estudantes tivessem acesso aos conteúdos em suas casas e pudessem trazer dúvidas para as sessões de aula.

4. CONCLUSÕES

Durante o período de oito semanas, tive a oportunidade de assumir o papel de instrutora em uma sala de aula, onde pude compartilhar meus conhecimentos em língua inglesa e, ao mesmo tempo, aprender com os alunos a arte do ensino. Com o avanço das tecnologias e a ascensão da inteligência artificial, ministrar o curso "Interações Cotidianas em Língua Inglesa" me proporcionou a oportunidade de desenvolver habilidades de letramento digital. Isso me permitiu aprimorar os planos de aula, tornando-os mais interativos, o que resultou em uma maior dinâmica na interação entre os alunos e também comigo, como instrutora. Ao explorar essas novas ferramentas tecnológicas, adaptei-as às minhas necessidades e às dos alunos, com o objetivo de criar processos de ensino-aprendizagem significativos e relevantes mediados por essas tecnologias. Este desafio me incentivou a explorar as vastas possibilidades que as tecnologias oferecem para enriquecer a experiência de ensino, tornando-a mais atrativo e eficaz.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, R. A.; PAIVA, M. F. A internacionalização e o programa Idiomas sem Fronteiras nas universidades estaduais: desafios e transformações. **Revista Transmutare**, Curitiba, v. 5, n. 5, p. 1-18, 2020

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Idiomas sem Fronteiras**, 2017. Entenda o IsF. Disponível em: <http://isf.mec.gov.br/programa-isf/entenda-o-isf>. Acesso em: 29 ago. 2023.

RABELLO, C. R. L. Tecnologia, ensino de línguas e pandemia: presente, passado e futuro. **Revista Línguas & Ensino**, Rio de Janeiro, v. 3, p.11-32, 2021.

RABELLO, C. R. L. Tecnologias digitais e ensino superior: uma experiência de desenvolvimento profissional docente na UFRJ. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 265–266, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/2119>. Acesso em: 4 set. 2023.

Rede ANDIFES-ISF oferta curso “**Internacionalização: Interações cotidianas em língua inglesa**” – DRI – Diretoria de Relações Internacionais. Disponível em: <https://www.ufmg.br/dri/noticia/rede-andifes-isf-oferta-curso-internacionalizacao-interacoes-cotidianas-em-lingua-inglesa/>. Acesso em: 29 ago. 2023.

RIBEIRO, L. **A internacionalização das universidades brasileiras e a importância do ensino de línguas estrangeiras no ambiente acadêmico**. Tesouro linguístico, 23 mar. 2000. Online. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/tesouro-linguistico/category/politicas-linguisticas/>. Acesso em: 04 set. 2023

EXPLORANDO O MUNDO ATRAVÉS DA BRINQUEDOTECA

CAROLINE KRUGER¹; ROGÉRIO COSTA WÜRDIG²; EDSON PONICK³

¹Universidade Federal de Pelotas – carolkruger.pel@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – rocwurdig@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – edsonponick@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A brinquedoteca da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas – BrinqueFaE/UFPeL – um projeto de ensino, pesquisa e extensão coordenado por dois docentes e com o apoio de sete estudantes voluntárias: seis do curso de graduação em Pedagogia (vespertino e noturno) e uma do curso de Especialização em Educação. É um espaço especialmente projetado para acolher crianças a partir dos 4 anos de idade, tanto de escolas públicas como privadas, como de outras instituições e grupos diversos de todas as regiões da cidade e de outros municípios próximos à cidade de Pelotas-RS. Além das crianças, também recebe adultos, de diferentes idades e contextos. Esse ambiente, além de contar com uma ampla variedade de brinquedos e fantasias, proporciona total liberdade para que as crianças brinquem espontaneamente durante uma hora, sempre acompanhadas pelas bolsistas voluntárias e demais adultos responsáveis.

Neste trabalho analisaremos as experiências das crianças durante o ato de brincar na brinquedoteca. Durante as visitas lúdicas, observamos que as crianças reproduzem durante suas brincadeiras, situações do cotidiano presentes em suas casas e outros espaços importantes nas suas vidas. Os brinquedos que mais expressam essa reprodução são: as casinhas, os(as) bonecos(as) pequenos(as), comida, utensílios de cozinha e as fantasias. As crianças compartilham, por meio desses objetos e outros similares, suas experiências de maneira divertida e espontânea. Durante as brincadeiras constroem cenas com diálogos produzidos durante as refeições, os afazeres domésticos, as crenças... Assim, procuramos analisar e compreender o que as crianças expressam através das diferentes brincadeiras ocorridas num espaço destinado ao brincar autêntico, criativo e imprevisível.

2. METODOLOGIA

Desde outubro de 2022, data da reabertura da brinquedoteca (pós pandemia), registramos as visitas a partir dos seguintes instrumentos: diários de campo, fotografias e filmagens (LÜDKE, ANDRÉ, 1986; BOGDAN, BIKLEN, 1994). Para esse trabalho, utilizamos os diários como referencial central e inspiração para pensar o brincar das crianças. Os demais instrumentos foram complementares e serão incorporados nos próximos trabalhos. A leitura intensa e cuidadosa dos diários de campo, bem como as discussões coletivas da equipe de brincantes ajudou na definição e discussão dos seguintes aspectos. Analisar os diários de campo referente às crianças com faixa etária dos 5 aos 7 anos de idade, oriundo de escolas públicas e privadas da cidade de Pelotas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

É interessante observar como as crianças reproduzem de maneira espontânea situações que vivenciam em suas casas e no seu cotidiano. Elas “constroem seus mundos sociais em interação com os pares e com o mundo adulto através do desenvolvimento de rotinas culturais” (EVANGELISTA E MARCHI, 2022, p. 10). Por meio do brincar, elas conseguem expressar e compreender melhor seu mundo, seus valores e suas crenças.

Em uma ocasião, fui convidada por uma menina para brincar com bonecos e bonecas de pano e de casinha. Então, com muita dedicação, ela montou uma família, dentro da pequena casinha de brincar. Havia uma mãe, um pai, uma avó, um avô e, é claro, crianças. Conforme a brincadeira se desenvolvia, a menina criou um enredo espontâneo, como se fosse uma história real sendo produzida naquele momento. Ela dava vida aos personagens, fazendo-os interagir entre si. Em um determinado momento, enquanto brincávamos juntas, ela se dirigiu a mim e falou:

– *O homem e a mulher dormem juntos para descansar e as crianças ficam com a avó e com o avô assistindo televisão* (Diário de campo, 2022).

O exemplo acima permite pensarmos sobre como as brincadeiras espelham a realidade da criança ou expressam seus desejos em relação ao mundo que a cerca.

Além das brincadeiras comuns, a questão religiosa também se faz presente nas brincadeiras das crianças. Elas trazem consigo as influências religiosas do ambiente familiar e do dia a dia, e as refletem na maneira como interagem na brinquedoteca.

Em 2022, durante uma visita, um garoto decidiu juntar várias fantasias e criou uma roupa que simbolizava uma divindade da cultura africana. Ele se divertia girando e rindo junto às outras crianças e adultos presentes na brinquedoteca. Essa situação demonstra que a criança, ao brincar, reproduz situações que ocorrem no seu cotidiano, o espaço da brinquedoteca fez com que o menino se sentisse à vontade para expressar suas crenças de forma lúdica. Sendo assim, “a participação das crianças nas rotinas culturais vividas junto aos adultos, desde o início da vida, se transforma de ‘limitada’ em uma ‘plena participação’ (EVANGELISTA E MARCHI, 2022, p. 12). A criança se sente pertencente à cultura e à crença dos adultos que a cercam. Na brinquedoteca as crianças, no seu brincar, têm liberdade de se expressarem e de reinterpretar, no brincar, as situações cotidianas que as afetam.

Brincar de médico também é uma atividade marcante entre as crianças. Esta questão está relacionada com o cuidado também.

Ainda em 2022, uma bolsista da brinquedoteca relatou no seu diário de campo, o brincar de hospital com uma menina:

Uma menina me convidou para brincar com ela, onde fui incentivada a me fantasiar e brincar de hospital.

A ideia era encenar que eu estava doente e ela curava a doença, trocou várias vezes de perucas, até achar uma que ela mais se agradasse (Diário de campo, 2022).

Ao assumir o papel de médica, a menina demonstrou, através do brincar, o cuidado com o próximo. Já a troca de perucas, poderíamos pensar que foi uma tentativa de buscar uma identidade adulta e profissional com o ato de ser médica.

4. CONCLUSÕES

A brinquedoteca da UFPEL desempenha um papel importante ao oferecer um ambiente acolhedor e diversificado, que estimula a imaginação e a criatividade das crianças. Dessa forma, elas têm a oportunidade de explorar diferentes ideias, sentimentos e perspectivas, além de desenvolver habilidades sociais.

É essencial valorizar e respeitar as brincadeiras e as vivências das crianças, pois é por meio delas que elas constroem seu conhecimento e aprendem sobre si mesmas e sobre o mundo ao seu redor. A brinquedoteca é um espaço privilegiado para isso, onde elas podem se expressar livremente e serem acolhidas em suas experiências.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1991.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

EVANGELISTA, N; MARCHI, R. Sociologia da infância e reprodução interpretativa; um modelo redondo do desenvolvimento infantil. **Educ. Pesqui.** São Paulo, v. 48, e241891, 2022.

FRIEDMANN, A. A evolução do brincar. In: FRIEDMANN, A. et al. **O direito de brincar: a brinquedoteca**. São Paulo: Edições Sociais: Abring, 1998.

SIMPÓSIO DE REPRODUÇÃO ANIMAL COMPARADA: COMPARAÇÃO ENTRE 1ª E 2ª EDIÇÃO

NICOLE FREITAS GONÇALVES¹; YASMIN PRADO LOPES DA SILVA²; IZANI
ACOSTA BONEL³; CAROLINE VIÉGAS PINTO⁴; CARINE DAHL CORCINI⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – nicolefreitasg@outlook.com

²Universidade Federal de Pelotas – yasminprado.100s@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – izanibonel@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – carolineviegas18@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – corcinicd@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos as Instituições de Ensino Superior (IES) passaram por inúmeras transformações em seus processos de ensino-aprendizagem, passando a focar suas atividades para além do ensino, por meio do desenvolvimento de atividades investigativas para a construção de uma formação interdisciplinar e extramuros (Da Silva et al, 2023)

A extensão universitária é um dos meios de construção do conhecimento que desconstrói a ideia de formação acadêmica técnica e passa a abranger a educação política, a cultura, as ciências, as humanidades e os elementos técnicos para formar profissionais que buscam analisar situações cotidianas.

Uma visão panorâmica da nossa realidade. Com isso, os grupos de ensino proporcionam um aprendizado mais aprofundado sobre diversas áreas do conhecimento (AZEVEDO et al., 2018).

O projeto RAC (grupo de pesquisa em reprodução animal comparada, parceria entre a Universidade Federal do Rio Grande e a Universidade Federal de Pelotas) moldou-se para acompanhar a evolução iniciada no meio acadêmico, promovendo palestras semanais na modalidade online acerca de temas voltados à área de reprodução, através da plataforma YouTube. Além dos eventos semanais, organizados 1 vez por um simpósio que abrange diversas áreas que são correlatas a reprodução animal.

A reprodução animal é composta por inúmeras vertentes, sendo estas essências para chegarmos no resultado desejado, ou seja, confirmação da gestação. Para traçar este caminho utilizamos de uma gama de biotecnologias e técnicas reprodutivas, que visam além de quantidade a qualidade das futuras gerações.

Optar por transmitir conteúdo via YouTube foi a escolha mais acessível para o momento pandêmico que enfrentávamos e torna-se viável tendo em vista nosso público diverso e a possibilidade de palestrantes nacionais e internacionais.

Essa ferramenta permite que pessoas interessadas no tema possam acessá-la de qualquer lugar e em qualquer dispositivo. A plataforma YouTube, por ser popular e de fácil acesso, também permite que as pessoas participem mais da dinâmica permite a interação (Júnior, 2021).

Este trabalho visa discutir a evolução dos simpósios desenvolvidos pelo grupo, comparando as duas edições que já ocorreram sendo uma em 2021 e outra em 2022.

2. METODOLOGIA

A fim de conectar os resultados das atividades desenvolvidas em modalidade online à perspectiva do público, foi elaborado um questionário direcionado aos ouvintes das palestras promovidas com o intuito de pautar as realizações do projeto RAC, tendo em vista a avaliação de alcance, desempenho e impacto apresentados, esboçando o nível de satisfação, disseminação de informação científica e cobertura de diferentes regiões do país.

Foram analisados os dados coletados através dos formulários de presença das palestras que ocorrem durante o simpósio de 2021 e de 2022, onde obtivemos 615 respostas.

Por fim, os resultados foram tabelados e as frequências das respostas avaliadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na tabela 1 temos a identificação dos simpósios, os módulos, números de inscritos e números de ouvintes.

Tabela 1 – Comparação entre os simpósios I e II em relação aos números de inscritos.

	Módulos das palestras	NI	NO
I SIMPÓSIO	Módulo I – Grandes animais	22	107
	Módulo II – Silvestres e exóticos	3	93
	Módulo III - Pequenos animais	10	85
	Módulo IV – Patologias reprodutivas	6	74
	Módulo V – Animais aquáticos	4	20
	Todos os módulos	111	-
	Módulo II e V – Silvestres e Aquáticos	1	-
	Módulo I, II e IV – Grandes, silvestres e patologias	1	-
	Módulo I, III e IV – Grandes, Pequenos e patologias	1	-
	TOTAL	159	379
II SIMPÓSIO	Módulo I – Pequenos animais	23	84
	Módulo II – Silvestre, exóticos e aquáticos	16	58
	Módulo III – Grandes animais	33	63
	Módulo IV – Biotecnologias da reprodução	6	31
	Módulo I e IV – Pequenos + Biotecnologias	2	-
	Módulo III e IV – Grandes + Biotecnologias	1	-
	Todos os módulos	178	-
	TOTAL	259	236

NI= Número de inscritos e NO= Número de ouvintes

Em relação à qualidade das palestras, 98% dos ouvintes consideram o evento bom ou ótimo, demonstrando a ação construtiva dos projetos.

Quando questionados sobre a compreensão do conteúdo apresentado, 84% alega que obteve entendimento satisfatório, feedback positivo que também se fez presente no tocante à vida profissional, em que 89% do público afirma que os tópicos agregaram bastante nesse aspecto, sugerindo propriedade benéfica na contribuição de aprendizagem e edificação capacitatória.

No que se refere a expectativa de desempenho futuro, 95% dos participantes pretendem dar continuidade à presença nas palestras, indicando o alto índice de fidelização, onde ainda 92% declaram recomendar o evento a outras pessoas.

Quanto à disseminação de informação científica, 86% do público afirma que absorveu informações das quais ainda não tinha conhecimento ao assistir a palestra, comprovando o caráter educativo das atividades exercidas pelo grupo.

Diante dessa situação, é possível observar que o evento possui uma importância significativa na comunidade acadêmica, com abrangência substancial e desempenho favorável. Fica claro que a transformação induzida pelo período pandêmico na estrutura educacional não apresenta uma característica completamente reversível, estando agora completamente integrada à rotina dos alunos, fazendo parte da "nova normalidade" e desencorajando sua interrupção no futuro pós-pandemia.

As mudanças que começaram e se prolongaram nos anos de 2020 e 2021 têm a tendência de aprofundar raízes, refletindo uma peculiaridade habitual que demonstra um bom desempenho e conecta um objetivo em comum.

O interesse em incorporar esse recurso ao método de ensino justifica a continuidade das atividades remotas e impulsiona projetos que promovem uma globalização no meio acadêmico.

4. CONCLUSÕES

Concluimos que é a utilização das lives como um importante instrumento pedagógico à formação, informação e comunicação no campo da educação e à intensificação dos eventos científicos online como caminho para ampliação dos espaços de comunicação científica.

Consideramos ainda que, a diversidade dos temas abordados pelo projeto tem sido de grande importância para a formação profissional dos alunos/ouvintes, uma vez que eles têm sido os principais interessados.

Vislumbramos também que as universidades possuem grande responsabilidade em fomentar tais discussões e desenvolver estratégias para que os conteúdos gerados cheguem ao público interessado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, I.C.; SILVA, R. C. L.; CARVALHO, D. P. S. R. P.; CRUZ, G. K. P.; LIMA, J. V. H.; JÚNIOR, M. A. F. Importância do Grupo de pesquisa na formação do estudante de enfermagem. **REUFMS REVISTA DE ENFERMAGEM DA UFSM**, Santa Maria, v.8, n.2, p.390-398,2018.

DA SILVA, J.L.L.; AMORIN, J. de S.; DOS SANTOS, F.A. da C.; DOS SANTOS, D.A.; MESSIAS, C.M. Ciência & Saúde UFF: conteúdos sobre saúde e minicursos on line para comunidade. **Revi Pró-UniversusSUS**, v14, n1, p.112-124, 2023.

JÚNIOR, A.S.C. Eventos científicos online: a experiência do projeto de lives do programa de pós-graduação em educação da universidade estadual do sudoeste da Bahia no contexto da pandemia de covid-19. **Publ. UEPG Appl. Soc. Sci.** v29, pg 1-6, 2021.

UNIVERSIDADE E ESCOLA: AULÃO PREPARATÓRIO DE GEOGRAFIA PARA VESTIBULARES

ALEXANDRA LUIZE SPIRONELLO¹; FERNANDA PUGLIA DIAS²; VINICIUS ALBUQUERQUE DE LIMA³; LIZ CRISTIANE DIAS⁴

¹Universidade Federal de Pelotas- UFPel – alexandraluize14@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas- UFPel – dfernanda308@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas- UFPel – viniciusalbuquerquedalima@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas- UFPel – lizcdias@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Para as classes mais populares, o ingresso no ensino superior ainda é distante e muito desejado. A possibilidade da obtenção de um diploma, tem significados múltiplos a essa parcela da sociedade, como exercer a profissão “dos sonhos”, a possibilidade de ascender econômica e intelectualmente dentre outras.

Pensando nisso, o Laboratório de Estudos Geográficos e Ambientais (LEGA) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) elaborou o projeto de extensão intitulado “Aulão das Humanas” em parceria com o Centro Acadêmico da Geografia (CAGeo) e o Programa de Pós-Graduação em Geografia, cujo objetivo era proporcionar aos alunos da rede pública da cidade de Pelotas-RS, um preparatório para vestibular e demais provas de ingresso ao ensino superior, com foco nas disciplinas de humanas. Nesse sentido, compreendemos que os projetos de extensão trazem benefícios tanto à universidade quanto para a comunidade, sendo estes um

[...] conjunto articulado de projetos e outras ações de extensão (cursos, eventos, prestação de serviços), preferencialmente integrando as ações de extensão, pesquisa e ensino. Tem caráter orgânico-institucional, clareza de diretrizes e orientação para um objetivo comum, sendo executado a médio e longo prazo (FORPROEX, 2007, p. 35).

Em consonância, é citada na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação Nacional nº 9.394 de 1996, no Art. 53, que “a extensão universitária estabelece planos, programas e projetos de pesquisa científica, produção artística e atividades de extensão” (BRASIL, 1996). Na presente proposta, convidamos os alunos das escolas públicas a participarem do projeto, segundo (NETO; BORGES; AYOUB, p. 04, 2022),

[...] a parceria entre escola e universidade faz-se necessária e promissora, na medida em que tem contribuído para o desenvolvimento e o acompanhamento dos estagiários, para a produção de conhecimentos acerca do ensino e do agir pedagógico em diferentes cenários, para a apropriação do espaço escolar e, enfim, para a inserção profissional dos futuros docentes.

Com a proximidade das provas de ingresso à universidade, em específico às provas que dão acesso à UFPel, sendo elas: o Programa de Avaliação da Vida Escolar (PAVE) e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), surge a oportunidade de proporcionar para os alunos, um preparatório gratuito na área das ciências humanas.

Segundo BENAC (2016, p. 30) “[...] é importante para os alunos da rede pública pelo fato de ser gratuito e por complementar os saberes construídos na escola de forma que aumente as chances de ingresso desses alunos no ensino superior”. Sendo assim, visamos uma equidade no ensino superior, para que os alunos das classes populares tenham acesso a um preparatório antes dos exames e, conseqüentemente, uma oportunidade de aprendizado.

2. METODOLOGIA

Com base nos autores e referenciais que ressaltam a importância da extensão universitária (BRASIL, 1996), a parceria entre escola e universidade (NETO; BORGES; AYOUB, 2022) e a importância dos cursos pré-vestibulares gratuitos para alunos de escolas públicas (BENAC, 2016), o planejamento do aulão iniciou em meados de setembro de 2022, partindo de uma iniciativa do LEGA e da coordenação do curso de Geografia da UFPel. A ideia central visava o retorno de ex-alunos da UFPel, o ingresso ao ambiente escolar por parte dos licenciandos envolvidos no projeto e a inserção dos alunos das escolas públicas na estrutura da UFPel. Dessa forma, o caminho metodológico da presente ação de extensão ocorreu em três (03) grandes momentos:

1- Reuniões de planejamento realizadas com o grupo de alunos vinculados ao LEGA, membros do CAGeo, com a professora coordenadora do projeto e com o coordenador do curso de Geografia. Nesses encontros, teve-se: a preparação de material de divulgação, como panfletos e imagens para divulgação nas redes sociais; a definição do público alvo, como sendo alunos dos 2º e 3º anos do Ensino Médio de escolas públicas do município de Pelotas-RS; a escolha dos professores participantes do aulão, sendo escolhidos quatro (04) professores, dois (02) de Geografia e dois (02) de História, ambos egressos da UFPel; a escolha da data e do local do evento, a qual permeou a proximidade às provas PAVE e ENEM, tendo como local o Campus 2 da UFPel; e o agendamento de visitas às escolas públicas do município de Pelotas-RS.

2- Visita às escolas e divulgação nas redes sociais para apresentação do projeto e inscrição dos alunos interessados. Foram disponibilizadas para o evento o total de 130 vagas, onde as inscrições puderam ser feitas através de um *QR code* e *link* disponibilizados durante as visitas e nas redes sociais do LEGA e CAGeo. Para a inscrição e contabilização dos dados, utilizamos a plataforma *Google Forms*.

3- Organização no dia do evento, englobando a preparação do local, organização de mesas para credenciamento no saguão, sinalização e identificação do local, organização de equipamentos de som e entrega de um questionário avaliativo sobre o evento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ação de divulgação nas escolas, propiciou a visita em onze (11) escolas públicas e em torno de sessenta (60) turmas de Ensino Médio. Treze (13) alunos dos cursos de Geografia, bacharelado e licenciatura, estiveram envolvidos na organização do evento, articulando uma aproximação entre os diferentes grupos de estudo, pesquisa e de cunho estudantil do curso de Geografia.

Referente aos professores que fizeram parte da aplicação do aulão, os mesmos trabalham em cursinhos preparatórios e escolas de Educação Básica de Pelotas, com as disciplinas de Geografia e História. Ressalta-se também, que os professores de Geografia convidados, são egressos do curso de Geografia da UFPel, o qual têm contato próximo com o coordenador do curso, fato que acabou por facilitar o processo.

Durante o dia do evento contamos com a presença de 59 participantes, a maioria sendo alunos do 3º ano do Ensino Médio, com idade regular ao fluxo escolar, e de escolas do centro do município de Pelotas. No momento de acesso ao aulão, os inscritos poderiam doar 1kg de alimento não perecível, resultando no total de 56 kg arrecadados, que foram destinados a uma casa de acolhimento, localizada no Capão do Leão - RS.

Observou-se, durante a tarde do aulão, que os alunos levaram materiais para anotação, bem como mostravam-se participativos das dinâmicas dos professores, questionando sobre a prova e conteúdos. Ao fim do evento, foi disponibilizado um questionário avaliativo do aulão, contendo questões referentes à como ficou sabendo do evento, a motivação em participar, local do evento, conhecimento dos espaços da UFPel, sugestões e avaliação do evento.

No que tange à forma como os alunos tomaram conhecimento do aulão, 52,7% (29 alunos) relataram a divulgação nas escolas, seguido da divulgação feita pelos professores do aulão, redes sociais e divulgação feita pelos professores do Desafio, o pré-universitário popular da UFPel, onde alunos da Geografia fazem parte. Sobre a motivação em participar do aulão, destacam-se a preocupação com as provas, ENEM e PAVE, e com os conteúdos a serem abordados. Quando questionados sobre o ICH Campus 2 da UFPel, a maioria dos alunos não o conhecia, sendo que somente onze (11) alunos já haviam acessado.

Para avaliação geral do evento, utilizou-se a métrica de 1 à 5, os alunos sinalizaram de forma positiva, sendo que a média de avaliação foi 4,81. Os estudantes acreditam que o aulão contribui para o seu desempenho nas provas de ingresso à universidade (média 4,57) e recomendariam o Aulão para alguém que está prestes a realizar o ENEM e/ou PAVE (média 4,81).

No bloco de sugestões para o Aulão em 2023, os alunos apontaram para disponibilização de materiais para estudo após o aulão, questões para resolução, e um aulão que abrangesse as demais disciplinas do currículo, como as disciplinas das ciências exatas.

Com base no que vivenciamos durante a aplicação do aulão junto da análise das questões do questionário, podemos constatar que os professores fizeram boas relações entre os conteúdos e os processos seletivos, contribuindo positivamente, ocorrendo uma troca de experiências entre alunos da escola pública, graduação e palestrantes.

Destacamos ainda que, experiências como estas, que aproximam graduação e escola pública, com destaque para o fato de auxiliar para com os processos seletivos, são o que realmente fazem a diferença no nosso percurso dentro da graduação, visto que estamos nos movimentando, planejando e impactando diretamente na busca dos alunos por uma melhor qualificação.

4. CONCLUSÕES

A proximidade da universidade com a comunidade, apresenta-se fundamental para a formação acadêmica. No que tange a proximidade entre escola e universidade, destaca-se o potencial de construir uma relação mútua e recíproca, contribuindo para as dinâmicas de ensino e aprendizado dos alunos e o fortalecimento das instituições.

Assim, o presente projeto pôde destacar o importante papel dos preparatórios gratuitos para as provas de ingresso à universidade, possibilitando aos alunos de escolas públicas sanar dúvidas com relação às provas e uma revisão de conteúdo, preparada por professores de cursinhos pré-vestibulares. Por outro lado, observou-se a importância de proporcionar a inserção dos alunos de escola pública aos ambientes da universidade, como forma de mostrar que a universidade apresenta-se de portas abertas e que o sonho de um curso superior não está longe.

Nesse viés, ressalta-se a importância de egressos dos cursos da UFPel, de graduação e mestrado, retornarem à universidade, por meio de projetos, palestras e eventos. Esse retorno possibilita que os colegiados de cursos e os Programas de Pós-Graduação sigam acompanhando sua jornada, como forma de manter os laços profissionais e pessoais. Ademais, o projeto contribuiu para a formação dos discentes envolvidos, ao adquirir conhecimentos e experiência na organização e preparação de eventos, junto do fato de possibilitar um contato entre futuro professor e instituições escolares.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF, 1996.

BENAC, D. M.. **A IMPORTÂNCIA DO PRÉ-VESTIBULAR GRATUITO PARA ALUNOS DA REDE PÚBLICA E PARA O LICENCIANDO: DESAFIOS, POSSIBILIDADES E APLICAÇÕES PRÁTICAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA**. - Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do grau Licenciado em Geografia. Campos dos Goytacazes – RJ, 2016.

Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Extensão Universitária: organização e sistematização / Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras**; organização: Edison José Corrêa. Coordenação Nacional do FORPROEX. -- Belo Horizonte: Coopmed, 2007.

NETO, S. S.; BORGES, C.; AYOUB, E.. Formação de professores na contemporaneidade: desafios e possibilidades da parceria entre universidade e escola. **Pro-Posições**, Campinas, SP, V. 32, e20210031, 2022.

OFICINA DE MINI-HANDEBOL PARA PROFESSORES DA REDE DE ENSINO ESTADUAL NO MUNICÍPIO DE PELOTAS/RS

FELIPE WICKBOLDT DOS SANTOS¹; PIETRA CAZEIRO CORRÊA² MARIANA BÓRIO XAVIER³; ANA VALÉRIA LIMA REIS⁴; ROSE MÉRI SANTOS DA SILVA⁵.

¹ Universidade Federal de Pelotas – felipe.wdsantos@gmail.com ²

Universidade Federal de Pelotas – pietracorreia@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – marianaborioxv@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas – anavalerialimars@gmail.com

⁵ Universidade Federal de Pelotas – roseufpel@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O esporte, especialmente os esportes coletivos, é considerado um dos maiores fenômenos socioculturais contemporâneos, sendo consumido diariamente por milhares de pessoas, tal fenômeno é associado principalmente pelo fator de imprevisibilidade nas diversas situações dos jogos (Paes, 2012). Estes fatores, de acordo com Greco, Morales e Aburachid (2012) provocam um processo de desenvolvimento mais eficaz para capacidades coordenativas e habilidades técnicas. A metodologia para o ensino do esporte no decorrer da história tende a uma forma mais fragmentada, utilizando-se da repetição excessiva de movimentos técnicos da modalidade. Esta metodologia tradicional torna o ensino monótono, e falha principalmente na falta de situações reais de jogo, resultando em alunos desestimulados e questões segregadoras para os praticantes de menor habilidade (Greco, 2006). Com o objetivo de romper com esse ensino tradicional do esporte, surgem os jogos esportivos coletivos, que têm potencial para ser uma boa ferramenta de ação, pois através deles efetiva-se a comunicação entre os jogadores, cooperação e a contracomunicação exercida por jogadores da equipe adversária. Dentro dessa perspectiva é importante ressaltar a relevância dos jogos de invasão tais como o handebol, que possuem papel fundamental dentro desta classificação (Reverdito; Scaglia, 2020).

Segundo Greco (2012), o handebol enquadra-se em conjunto às demais modalidades, pois apresenta elementos próprios nos âmbitos cognitivos, físicos, técnicos, táticos e psicológicos de forma dinâmica e complexa. A inserção do indivíduo no desporto potencializa habilidades motoras e movimentos básicos fundamentais, tais como correr, saltar e arremessar. Portanto, com o intuito de desenvolver tais fundamentos através do esporte, surge o projeto “Passada pro Futuro” que tem vinculado ao Centro de Mini Handebol (CEMINH) tendo como população alvo alunos da rede de ensino de Pelotas/RS, oportunizando vivências esportivas e integração social com o ambiente universitário.

Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência acerca de uma oficina de formação sobre Mini-Handebol para professores da rede de ensino de Pelotas/RS, a qual foi ministrada por discentes da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (ESEF/UFPEL). Esta experiência não se delimita apenas na compreensão do desporto, mas também destina-se a disseminar, potencializar e qualificar a prática docente dos professores através da filosofia do Mini-Handebol.

2. METODOLOGIA

Inicialmente, foi feito um contato com uma professora responsável pelo setor de educação física escolar do estado para organizar uma capacitação para os professores, visando desenvolver a temática do Mini-Handebol voltado para o ensino infantil e os anos iniciais do ensino fundamental. Ao longo deste processo, foi agendada a data para a realização da capacitação, bem como o local para a mesma.

O evento ocorreu no dia 23 de junho de 2023 no Colégio Estadual Cassiano do Nascimento em Pelotas/RS. A capacitação foi dividida em duas etapas. No primeiro momento, houve uma parte teórica com duração de uma hora e trinta minutos, apresentando o projeto Passada Pro Futuro em conjunto com a metodologia e filosofia do Mini-Handebol. Em continuidade a isso, ocorreu uma parte prática ministrada no ginásio do estabelecimento, com duração de uma hora.

Este segundo momento foi subdividido em três estágios, para apresentação e discussão de atividades esportivas com os presentes. Em cada estágio foi apresentado uma categoria do projeto de Mini-handebol vinculado ao Passada Pro Futuro, sendo elas o Mini-A, Mini-B e Mini-C, com as respectivas faixas etárias, 5 e 6 anos, 7 e 8 anos, 9 e 10 anos. Os discentes envolvidos ministraram as atividades em duplas, mantendo-as do mesmo modo de atuação do projeto. Cada atividade era explicada ao grande grupo, abordando os complexos propostos para esta. Eram então solicitados voluntários para realizar a prática dos jogos e exercícios, enquanto os demais observavam a execução da mesma. Ao final, era aberta uma discussão com o grande grupo para possíveis adaptações, sugestões e dúvidas sobre a prática.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta capacitação contou com a participação de mais de quarenta e cinco professores da rede de ensino estadual do Rio Grande do Sul, sendo majoritariamente profissionais do município de Pelotas e cidades da região.

Ao final da intervenção alguns professores presentes no evento buscaram os palestrantes para uma breve conversa informal, e em seus relatos comentaram positivamente sobre o encontro, expondo a importância de ações para formação continuada. Indo ao encontro destes relatos, Cunha (2015) afirma que a construção do profissional é um caminho contínuo, que sofre interferência de fatores internos e externos à cultura, e portanto evidenciando que a formação deve ser inicial, mas também continuada e ou especializada.

Como discentes de graduação, esta demanda de intervenção com profissionais que atuam diretamente com a área de estudo, tem um papel fundamental para nos desafiar em manter-se atualizado sobre a temática, a fim de executar com maestria este eixos de extensão do projeto.



Fonte: Arquivo CEMINH

4. CONCLUSÕES

Após a realização desta capacitação, pôde-se observar que o evento se apresentou como uma ferramenta eficaz de formação continuada para professores de educação física da rede de ensino em Pelotas/RS. Contribuindo a filosofia do Mini Handebol que busca tornar as aulas atrativas aos alunos, bem como questões práticas, ministrando atividades que possam ser executadas nas demais escolas.

Ademais, esta intervenção ressaltou a importância da formação continuada para os profissionais, visto que a formação inicial não abrange determinados conhecimentos, e torna-se de extrema relevância que o profissional busque meios para se manter atualizado sobre as temáticas relacionadas à sua área de atuação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA A.C. **Ser professor: bases de uma sistematização teórica.** Argos Editora. Chapecó. 2015.

PAES, R. R. **A pedagogia do esporte e os jogos coletivos.** In: ROSE JR. Esporte e atividade física na infância e adolescência. São Paulo: Artmed, 2002.

GRECO, P. J.; MORALES, J. C. P.; ABURACHID, L. M. C. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos: iniciação esportiva universal, aprendizado incidental-ensino intencional.** Rev Min Educ Fís, v. 20, n. 1, p. 145-174, 2012.

GRECO, P. J. **Conhecimento tático-técnico: eixo pendular da ação tática (criativa) nos jogos esportivos coletivos.** Revista brasileira de educação física e esporte. 2006.

REVERDITO, R.S.; SCAGLIA, A.J. . **Pedagogia do esporte: jogos coletivos de invasão.** Phorte Editora, 2020.

PERCEPÇÕES DA MONITORIA: USO DE AMOSTRAS DE MINERAIS E ROCHAS NAS AULAS PRÁTICAS DE GEOLOGIA

JOÃO FELIPE CAMPANARO¹; AUGUSTO NOBRE GONÇALVES²

¹Universidade Federal de Pelotas – joaofelipecampanaro@hotmail.com

²Universidade Federal de Santa Maria – augusto.nobre@ufsm.br

1. INTRODUÇÃO

O Programa de Monitorias da UFPel tem como objetivo otimizar o sistema de ensino-aprendizagem, por meio de uma abordagem didática criativa e inovadora, a fim de edificar a caminhada acadêmica dos discentes (UFPEL, 2018).

Para FARIA & SCHNEIDER (2004), a monitoria é, além de uma atividade de auxílio à aprendizagem, uma oportunidade de iniciação à docência, através do trabalho realizado em conjunto com o professor. LINS *et al.* (2009) caracteriza a monitoria como uma importante contribuição para a formação de alunos nas modalidades de ensino, pesquisa e extensão, que busca melhorar o aprendizado na graduação.

A utilização de materiais didáticos também é de grande relevância para o aprendizado, pois possibilita o contato prático dos alunos com os temas estudados, mesmo quando restritos à sala de aula. SCARDELATO *et al.* (2005) menciona a importância de coleções de geologia como parte importante no desenvolvimento e aprimoramento dos conhecimentos relacionados às Ciências da Terra.

O curso de Geografia da UFPel, no ano de 2022, realizou a catalogação e organização, com o auxílio da equipe de monitores, de sua coleção de geologia que se encontrava em estado de degradação e dissociação, dificultando o uso do material em aulas práticas, conforme relata CAMPANARO (2022).

O presente trabalho tem como objetivo discorrer acerca de percepções referentes ao trabalho no Programa de Monitoria da UFPEL, com foco na importância do uso de amostras de geologia nas aulas. A referida disciplina é de Geologia do curso de Geografia (bacharelado e licenciatura), e foi ministrada pelo Professor Doutor Augusto Nobre Gonçalves no segundo semestre de 2022.

A atividade foi realizada em um contexto pós-pandemia, representando uma ação auxiliar na retomada das atividades presenciais. O emprego de amostras geológicas durante a disciplina estruturou as aulas práticas e representou a retomada de seu uso didático com os alunos.

2. METODOLOGIA

A disciplina teve um total de 29 alunos matriculados e seu desenvolvimento ocorreu através de encontros presenciais semanais. Foram abordados temas como: origem do Sistema Solar; ciclo das rochas; rochas sedimentares, ígneas e metamórficas; geologia estrutural; mineralogia; hidrogeologia; tectônica de placas; geologia do Brasil e do Rio Grande do Sul, além de outros tópicos.

O método de avaliação foi estruturado pela aplicação de duas provas teóricas, uma prova prática e a execução de exercícios, orientados pela

manipulação das amostras. A exposição dos conteúdos programáticos ocorreu por meio de apresentação oral, auxiliada por exposição de imagens digitais e blocos-diagrama realizada pelo professor, assim como pela disponibilização de materiais on-line no ambiente de aprendizagem E-Aula da UFPel.

Ao final da apresentação de cada tópico, a turma foi dividida em grupos os quais fizeram análises macroscópicas de amostras geológicas, de acordo com os conteúdos abordados em sala de aula. As descrições foram consideradas como exercícios, a fim de integrar a avaliação, além de estimular e preparar os alunos para a realização da atividade prática.

As amostras utilizadas foram preparadas semanalmente no Laboratório Didático de Geografia Física (LDGF) do Instituto de Ciências Humanas (ICH) de acordo com o andamento do calendário. A preparação do material ocorreu em paralelo com o trabalho de limpeza e organização das amostras de minerais e rochas, conforme relato de CAMPANARO (2022). Conforme as amostras foram selecionadas para a utilização em sala de aula, elas foram organizadas em caixas e transportadas para o Campus II do ICH.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades do Programa de Monitorias foram realizadas de maneira presencial, em conjunto com o professor responsável pela disciplina. Dentre as atividades executadas, consta o auxílio na montagem dos kits de amostras, o transporte destes para o campus onde ocorrem as aulas, assim como o auxílio nas aulas.

Através da metodologia das aulas práticas, pode-se observar que o uso de amostras para a realização de análises macroscópicas possibilitou a expansão do conhecimento, assim como maior profundidade dos temas abordados, pois com o material em mãos foram identificadas características composicionais, texturais e estruturais dos materiais geológicos.

Os alunos puderam realizar suas próprias considerações sobre o material, desenvolvendo um senso crítico acerca dos parâmetros técnicos utilizados para descrever as amostras. Um exemplo disto é a divergência que ocorreu em algumas aulas práticas entre os alunos para definir as cores das amostras.

As aulas práticas geraram maior interação entre a turma, pois os discentes discutiam com os membros do próprio grupo, assim como também com os membros dos outros grupos, o que fortaleceu também o trabalho em equipe.

Uma prática pontual com uso de microscópio petrográfico, ilustrou feições e propriedades dos minerais e rochas em escala microscópica, dando oportunidade dos alunos contrastarem a visão a olho nu com a vivência com equipamentos especializados.

Enquanto monitor, durante as aulas práticas ficava à disposição da turma, para tirar dúvidas em relação as litologias estudadas, auxiliando os alunos a edificarem o conteúdo teórico, identificando minerais, texturas, entre outras características.

4. CONCLUSÕES

A disciplina de Geologia abrange um grande volume de conteúdos em pouco tempo, sendo assim, o uso de amostras geológicas nas aulas práticas é relevante para o processo de ensino-aprendizagem. Além disso, as atividades práticas geram maior interação entre os alunos e estimularam o trabalho em equipe.

O momento da aula destinado às práticas de descrição, não só edifica o conteúdo para os discentes matriculados, mas também para o discente monitor, que tem a oportunidade de rever conceitos aprendidos em sala de aula, colocando-os em prática na forma de auxílio. A monitoria nas aulas práticas também estimula o discente monitor em trabalhos de docência, pois este tem contato direto com a organização e execução da disciplina que está envolvido.

Por fim, conclui-se que a organização e preservação de amostras de geologia para o uso prático em sala de aula deve ser fomentada, a fim de melhor estruturar o sistema de ensino-aprendizagem e o relato completo das atividades realizadas foi objeto de artigo submetido à periódico científico.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LINS, L. F.; FERREIRA, L. M. C.; FERRAZ, L. V.; CARVALHO, S. S. G. A importância da monitoria na formação acadêmica do monitor. In: **JORNADA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, IX**, Recife, Anais... Recife: Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2009.

FARIA, J. P.; SCHNEIDER, M. **Monitoria: uma abordagem ética**. 2004. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CAMPANARO, J. F. **Proposta de organização da coleção de minerais e rochas do departamento de geografia da Universidade Federal de Pelotas**, 9., Pelotas, 2022, **Anais...PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA PPGE0 10 ANOS: REPRESENTATIVIDADES E REFLEXOS NA SOCIEDADE**.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Conselho Coordenador do Ensino, da Pesquisa e da Extensão. **Resolução nº 32, de 11 de outubro de 2018**. Dispõe sobre a aprovação das Normas para o Programa de Monitoria para Alunos de Graduação da UFPel. Pelotas: SEI/UFPEL, 2018. Disponível em https://wp.ufpel.edu.br/scs/files/2018/10/SEI_UFPel-0312781-Resolu%C3%A7%C3%A3o-32.2018.pdf. Acesso em: 07 jun. 2023.

TRAZENDO A MATEMÁTICA À VIDA ESCOLAR: O PROJETO DE EXTENSÃO 'MATEMÁTICA NA ESCOLA' DA UFPEL

LARA DILELIO ALVES¹; GLEISSON COUTO DE OLIVEIRA² DANIELA
STEVANIN HOFFMANN³; PATRICIA DA CONCEIÇÃO FANTINEL⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – laradilelio@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – gleissoncoutoo@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – danielahoffmann.ufpel@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – patricia.fantinel@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

No âmbito educacional, a matemática é uma disciplina fundamental que desempenha um papel crucial no desenvolvimento intelectual dos estudantes. No entanto, frequentemente, o ensino da matemática se depara com desafios que vão desde altas taxas de reprovação até a falta de motivação por parte dos alunos (NÓVOA, 2007). Para enfrentar essas questões e promover uma vivência mais significativa da matemática nas escolas, surge o Projeto “Matemática na Escola”, uma iniciativa da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

A matemática não deve ser vista como um obstáculo intransponível, mas sim como um ferramenta poderosa que pode enriquecer a formação dos estudantes, capacitando-os a enfrentar os desafios do mundo contemporâneo (D'Ambrosio, 2001). Nesse contexto, o Projeto “Matemática na Escola” se destaca com um agente de transformação, unindo a universidade e a comunidade escolar em prol do aprimoramento do ensino e da aprendizagem.

O Projeto, que está em seu último ano, foi iniciado em 2020 com o objetivo de promover uma vivência mais significativa da matemática nas escolas da região de Pelotas, combatendo a reprovação em matemática e a evasão escolar. Para os estudantes de graduação envolvidos, o projeto oferece a oportunidade de desenvolver práticas didático-pedagógicas, compondo sua formação docente. Além disso, a apresentação de trabalhos nas disciplinas do curso e a produção de relatos de experiência em eventos acadêmicos têm o potencial de atrair outros estudantes e expandir ainda mais o projeto.

Justificado pela necessidade de superar a “matofobia” e os altos índices de reprovação em Matemática na Educação Básica, o projeto se alinha com o papel fundamental da UFPEL na formação de professores e pesquisadores na área. A proposta pedagógica visa a (re)construção dos conceitos matemáticos, ultrapassando os meros algoritmos e procedimentos, e busca a complementação da formação inicial dos licenciandos, integrando teoria e prática.

Ao longo deste trabalho, examinaremos as publicações realizadas sobre as ações exercidas pelo projeto nos anos anteriores, destacando resultados concretos e lições aprendidas. Inspirados pela visão de COURANT E ROBBINS (1996) sobre o ensino dinâmico e motivador da matemática, exploraremos como o projeto tem contribuído para a mudança de paradigmas no ensino dessa disciplina.

Assim, ao longo deste trabalho, analisamos as ações e iniciativas que compõem o Projeto “Matemática na Escola”, sobre as quais foram publicados os seguintes trabalhos: Projeto “Matemática na Escola”: apoio matemático adaptado à forma remota” (BITTENCOURT *et al.*, 2020), Jogo Stop Matemático de Forma

Remota: Apoio Para Aprendizagem de Matemática (BITTENCOURT *et al.*, 2021), Matemática na Escola: Pesquisa da Escola Parceira (ALVES *et al.*, 2022) e Caça ao Tesouro Matemático (OLIVEIRA *et al.*, 2022). Destacamos o fato de que o Projeto tem contribuído para a promoção de uma educação matemática mais acessível e significativa.

2. METODOLOGIA

Nessa pesquisa, adotamos uma metodologia que se baseia na análise de artigos escritos pelos próprios participantes do Projeto “Matemática na Escola” como principal fonte de informações. A escolha dessa abordagem visa garantir a qualidade e a relevância das informações apresentadas ao longo deste trabalho.

Para identificar os artigos que serviram como fonte de dados e informações, realizamos uma extensa busca nos registros e relatórios produzidos pelos participantes do projeto nos anos anteriores. Esses documentos forneceram informações detalhadas sobre as ações realizadas, os resultados alcançados e as lições aprendidas ao longo do tempo.

Após a identificação dos artigos escritos pelos participantes do projeto, procedemos à sua avaliação crítica, considerando os critérios como relevância, qualidade metodológica, originalidade e contribuição para a área de educação matemática. Selecionamos os artigos que atenderam a esses critérios de forma mais sólida.

Com os artigos selecionados em mãos, realizamos uma análise detalhada do conteúdo de cada um deles, identificando tendências, padrões e informações relevantes relacionadas às ações do Projeto “Matemática na Escola” e seus impactos no ensino de matemática. As informações coletadas foram sintetizadas de forma a destacar as principais descobertas de cada artigo.

Os resultados da análise dos artigos escritos no projeto servirão como base para as discussões e conclusões apresentadas neste trabalho. Ao utilizar fontes produzidas internamente, buscamos apresentar uma perspectiva autêntica e informada sobre o desenvolvimento e os resultados das ações do projeto ao longo dos anos anteriores.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo dos anos anteriores, o Projeto “Matemática na Escola” da Universidade Federal de Pelotas realizou uma série de ações significativas para o aprimoramento do ensino de matemática nas escolas parceiras da região de Pelotas. Essas ações foram documentadas em diversos artigos escritos pelos próprios integrantes do projeto, fornecendo uma visão detalhada do progresso e dos resultados alcançados.

Dentre as principais ações destacadas nos artigos, encontram-se iniciativas direcionadas à recriação de vínculos entre alunos e escolas, em função da pandemia de COVID-19, em especial para estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental. Essa escolha estratégica baseou-se na defasagem escolar de dois anos que muitos estudantes de escolas públicas enfrentam, tornando o 8º ano equivalente ao 6º ano em termos de conteúdo curricular. Nesse sentido, o projeto buscou oferecer apoio metodológico para reduzir essa defasagem decorrente do isolamento social (BITTENCOURT *et al.*, 2020).

Os resultados da pesquisa no ano de 2022, apontam que a equipe do projeto “Matemática na Escola” identificou um total de 14 escolas na região de

Pelotas como possíveis parceiras. Dessas, duas estão localizadas no bairro Porto e 12 no bairro Centro, sendo 4 com administração municipal e 10 estaduais. A análise do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) revelou que as escolas com IDEB menor ou igual a 3 foram priorizadas para o convite (ALVES, *et al.* 2022).

Esses resultados demonstram o compromisso do projeto em identificar escolas que mais necessitam de apoio no ensino de matemática e, assim, contribuir para o combate à reprovação nessa disciplina e à evasão escolar. Os artigos analisados revelam não apenas os passos iniciais, mas também o potencial de impacto positivo na comunidade escolar da região de Pelotas.

Além disso, o projeto também inclui aplicação de atividades de gamificação como o “Stop Matemático” e a “Caça ao Tesouro Matemático”, como estratégias para envolver os alunos de maneira ativa no processo de aprendizado, tornando a educação mais acessível e significativa. Estes métodos foram Documentados em artigos, fornecendo insights valiosos sobre as estratégias adotadas e os desafios enfrentados, permitindo uma compreensão mais completa do Projeto “Matemática na Escola” e de seu papel na promoção de uma educação acessível e significativa (BITTENCOURT *et al.*, 2021 e OLIVEIRA *et al.*, 2022).

4. CONCLUSÕES

O Projeto “Matemática na Escola” da UFPel desempenha um papel importante na promoção de uma educação matemática mais acessível e significativa para os estudantes da região de Pelotas. Ao longo dos anos anteriores, o projeto empreendeu uma série de ações voltadas para o aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem de matemática, com resultados promissores.

Os artigos produzidos pelos próprios membros do projeto revelam iniciativas que visam recriar vínculos entre aluno e escola, especialmente para aqueles do 8º ano do ensino fundamental, que enfrentam defasagens decorrentes da pandemia de COVID-19 e isolamento social. A escolha criteriosa das escolas parceiras, baseada em critérios como o IDEB, demonstra compromisso do projeto em atender às necessidades das instituições que mais necessitam de apoio.

Em resumo, os resultados obtidos até o momento, conforme documentados nos artigos, refletem a dedicação e o esforço da equipe do Projeto “Matemática na Escola” em contribuir para o combate à reprovação em matemática e à evasão escolar. Este trabalho destaca a importância das ações realizadas e do potencial impacto positivo do projeto na comunidade escolar da região de Pelotas.

O Projeto “Matemática na Escola” continua a ser uma iniciativa valiosa para a melhoria do ensino e da aprendizagem da matemática, fortalecendo os laços entre a universidade e a comunidade escolar e promovendo uma visão mais dinâmica e motivadora do ensino dessa disciplina. A busca pela inovação educacional é contínua, e o projeto se mantém firme em sua missão de tornar a matemática uma aliada no desenvolvimento intelectual dos estudantes e no enfrentamento dos desafios do mundo contemporâneo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, L.D.; QUEIROGA, R.M.; FANTINEL, P.C.; HOFMANN, D.S. Matemática na Escola: Pesquisa da Escola Parceira. In: IX CONGRESSO DE CULTURA E

EXTENSÃO DA UFPEL - VIII SEMANA INTEGRADA DE INOVAÇÃO, ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UFPEL, Pelotas, 2022. Anais do IX CEC, 2022. p. 332-334.

BITTENCOURT, J.C.; LOUREIRO, A.L.M.; RIBEIRO, F.F.; QUEIROGA, R.M.; FANTINEL, P.C.; HOFFMANN, D.S. Projeto “Matemática na Escola”: apoio matemático adaptado à forma remota. In: VII CONGRESSO DE CULTURA E EXTENSÃO DA UFPEL - VI SEMANA INTEGRADA DE INOVAÇÃO, ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UFPEL, Pelotas, 2020. Anais do VI CEC, 2020. p. 501-504.

BITTENCOURT, J.C.; RIBEIRO, F.F.; FANTINEL, P.C.; HOFFMANN, D.S. Jogo Stop Matemático de Forma Remota: Apoio Para Aprendizagem de Matemática. VIII CONGRESSO DE CULTURA E EXTENSÃO DA UFPEL - VII SEMANA INTEGRADA DE INOVAÇÃO, ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UFPEL, 2021, Pelotas. Anais do VII CEC, 2021. p. 257-260.

COURAN, R., ROBBYNS, H. O que é matemática? Fundação Calouste Gulbenkian. 1996.

D'AMBROSIO, U. Etnomatemática: Elo entre as tradições e a modernidade. Editora Ática. 2001.

ERNEST, P. The Philosophy of Mathematics Education. Routledge. 1991.

NÓVOA, A. Profissão professor. Editora Porto. 2007.

OLIVEIRA, G.C., VILELA, H.D., DEMIQUEI, R.C., FANTINEL, P.C.; HOFFMANN, D.S. Caça ao Tesouro Matemático. In: IX CONGRESSO DE CULTURA E EXTENSÃO DA UFPEL - VIII SEMANA INTEGRADA DE INOVAÇÃO, ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UFPEL, 2022, Pelotas. Anais do VIII CEC, 2022. p. 189-192.

CONTAÇÕES DE LENDAS FOLCLÓRICAS E DOBRADURAS: UMA COMBINAÇÃO QUE DEU MUITO CERTO

ALEXANDRE HENZEL BARCELOS¹; TAMARA DIAS NUNES²; ROSE ADRIANA
ANDRADE DE MIRANDA³

¹Universidade Federal de Pelotas – alexandrehenzelbarcelos@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – benvita1418@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – rosemiranda.estagioufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O folclore é a essência das nossas identidades e histórias, o valorizar é imprescindível, para que em enquanto povo pertencente e produtores de uma cultura possamos a garantir que nosso povo não seja apagado ou esquecido no futuro, e por isso nós do projeto Folclore e Educação buscamos e estudamos lendas que veem sido esquecidas, as mais conhecidas e dinâmicas para que os professores possam trabalhar com elas em suas salas de aula.

Concordo com Pereira (2007) com a defesa de que folclore é um conjunto de ações humanas ao longo da história, que fundamentam as tradições, que variam de povo para povo, e que está presente, principalmente, na culinária, danças, contos e lendas, artesanato, festivais, rito de passagens e outros elementos culturais de um povo.

Durante o ano de 2021, foi oferecida pelo Projeto Folclore e Educação a oficina “Contação de lendas folclóricas e histórias do cotidiano”, o qual elaborei em conjunto com meus colegas de projeto e apliquei de forma remota. Pela metade do ano de 2022 surgiu pelo projeto Andorinhas uma oportunidade de oferecer essa oficina, presencialmente como uma formação continuada para os docentes da EMEI Mário Quintana, conversei com minha orientadora que poderíamos redesenhar essa oficina e unir a dobradura com a contação de histórias, e assim nasceu a oficina chamada “Contação de lendas folclóricas e histórias do cotidiano utilizando estratégias com dobraduras”, ação essa que, ao longo desse texto, buscarei relatar sob as lentes teóricas de Pereira apresentando sua elaboração, aplicação e aprendizagens construídas.

2. METODOLOGIA

Inicialmente minha orientadora e eu nos reunimos para discutir como poderíamos replanejar a antiga oficina para poder oferecer em modo presencial, pensamos na possibilidade de realizar dinâmicas que unissem a dobradura e a contação de lendas folclóricas, então, a partir dessa ideia, começamos a elencar lendas indígenas e lendas sul riograndenses pouco conhecidas e que também possuísem personagens que fossem mais fáceis de representar, escolhemos as lendas dos livros “As 100 melhores lendas do folclore brasileiro” (FRANCHINI, 2012), “As aves no folclore do Rio Grande do Sul” (OLIVEIRA, 2009) e “Estórias e Lendas do Rio Grande do Sul” (LESSA, 1963), após as escolhas das lendas comecei a fazer o planejamento para sua aplicação.

Inicialmente a oficina era para acontecer em dois sábados em 2022, mas devido a alguns empecilhos burocráticos do município ela ocorreu semente em um sábado no mês de novembro, tivemos que unir os planejamentos dos dois

dias em um só, visto isso, por uma questão de tempo tivemos que deixar a parte das dobraduras para outra oportunidade, felizmente eles gostaram tanto da primeira oficina que pediram para retornarmos em 2023, então minha colega de projeto, Tamara, e eu conseguimos retornar em mais dois sábados na escola nos meses de agosto e setembro desse ano.

Os encontros aconteceram da seguinte forma:

Primeiro encontro (novembro de 2022) – Participaram desse encontro os docentes e demais funcionários da escola (auxiliares, coordenação, direção e demais servidores), minha orientadora e eu. Dividimos esse encontro em 6 momentos: (1) apresentamos nosso grupo, projeto e ações; (2) apresentei a proposta da oficina; (3) contei lenda da lua, dos indígenas sul riograndenses; (4) disponibilizamos em folhas algumas lendas do nosso estado retiradas dos livros de LESSA (1963), OLIVEIRA (2009) e FRANCHINI (2012), para que pudessem escolher as que achavam mais interessantes e então propomos a tarefa de que lessem em grupo as lendas e pensassem em uma maneira de contar com suas palavras as escolhidas; (5) os grupos contaram as lendas que escolheram criando painéis com representação das mesmas; (6) ocorreu o encerramento da oficina, onde solicitamos uma avaliação, suas impressões e sugestões.

Imagem 1: Registro da oficina de novembro de 2022



Fonte: Arquivo pessoal de Rose Miranda

Segundo encontro (agosto de 2023) – Participaram desse encontro os docentes e demais funcionários da escola (auxiliares, coordenação, direção e demais servidores), Tamara e eu. Dividimos em 5 momentos: (1) expliquei a dinâmica da oficina; (2) minha colega Tamara ensinou a dobradura base de um corpo humano; (3) disponibilizamos, em folhas impressas, lendas sul-riograndenses do livro “Estórias e Lendas do Rio Grande do Sul” (OLIVEIRA 2009), para que eles escolhessem uma e em grupos pensassem maneiras de contar a lenda escolhida e, após a escolha, a representassem em dobraduras; (4) eles contaram as lendas escolhidas com as dobraduras produzidas, essa dinâmica demandou muito tempo e então no quinto momento o encerramento foi bem sucinto, pois já estava próximo ao fim de expediente da escola.

Terceiro encontro (setembro de 2023) – Participaram desse encontro os mesmos participantes do encontro anterior. (1) Tamara ensinou duas dobraduras – a do corpo de uma ave e a de um mamífero base; (2) sorteamos para cada grupo de participantes um personagem folclórico, dois eventos bons e dois eventos ruins, onde os grupos tiveram de elaborar uma história envolvendo o personagem e os eventos que foram sorteados para eles, construindo um cenário

com dobraduras para representar a história criada, (3) aconteceu a apresentação da história com as dobraduras produzidas; (4) encerramento e avaliação da oficina.

Imagem 2: Produção de um dos grupos de participantes do 3º encontro



Fonte: Arquivo pessoal de Alexandre Henzel Barcelos

Importante destacar que as oficinas ocorreram em sábados letivos, que a escola dedicou para a formação continuada dos professores. Antes de cada oficina comunicávamos a escola sobre os materiais que precisaríamos para a realização das atividades, bem como levávamos alguns, os materiais levados por nós, que não haviam sido utilizados, deixávamos para eles. No final da última oficina passamos uma avaliação para que os participantes pudessem avaliar a ação e deixar sugestões para próximas que eles desejassem que tivesse na escola. Tivemos a média de 22 professores que participaram das oficinas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tamara e eu gostamos de trabalhar com os professores dessa escola, durante a realização da oficina percebemos que cada grupo de participantes se envolveu bastante com as dinâmicas propostas, foram assíduos, se divertiram e construíram dobraduras muito criativas, vimos que conseguimos cumprir o objetivo dessas oficinas no qual era de maneira descontraída compartilhar ideias e lendas folclóricas, ao mesmo tempo que mostrávamos para eles maneiras de trabalhar essas lendas folclóricas com dobraduras. Eles nos mostraram outras formas de fazer essas dobraduras e maneiras de interpretar essas lendas.

A ação ocorreu no refeitório da escola e acontecia um intervalo onde eles nos convidavam para comer, e isso fez que nos aproximássemos dos participantes e desse um clima de acolhimento para as dinâmicas que acarretou uma aprendizagem e avaliações muito positivas. A dinâmica de reunião, aula, oficina em um ambiente acolhedor e com comida é um futuro tema de estudos de nosso projetos.

As avaliações dos participantes foram unanimemente positivas, então pode-se dizer que conseguimos oferecer um momento de formação continuada significativa para esses professores, também eles nos retornaram com ótimas sugestões para oficinas na escola, bem como o desejo de possíveis encontros extras dessa oficina, assim evidenciando que construímos uma boa relação com aquela escola. Ao final do último encontro os participantes nos deram um presente demonstrando que eles gostaram muito das atividades e de nós.

Atualmente nosso projeto segue em contato com a escola, estamos analisando possibilidades de novas oficinas, com novos temas e materiais, que possamos oferecer para eles. Também estamos avaliando a oficina para poder

aperfeiçoá-la cada vez mais, e a possibilidade de oferecer ela para outras escolas. Com essa ação percebi a necessidade do nosso grupo criar um livro próprio, resgatando os contos e as lendas folclóricas sul riograndenses, bem como a de catalogar as lendas para melhor enxergar qual lenda é mais fácil de realizar uma dobradura ou outras possíveis dinâmicas.

4. CONCLUSÕES

A ideia de unir as dobraduras com a contação de lendas folclóricas, bem como trabalhar com as lendas mais esquecidas ao longo dos anos pela sociedade sul riograndense foi uma grande inovação desse trabalho, o ambiente diferenciado, criado pela proposta da oficina, mostrou que a quebra do ambiente tradicional pode tornar os momentos de formação continuada bem mais empolgantes e produtivos. A última dinâmica, de criar uma história com base nos elementos sorteados e unir com as dobraduras, também foi uma inovação que surgiu com a elaboração dessa oficina.

Fico feliz em poder compartilhar essas dinâmicas com a escola e relatá-las nesse evento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LESSA, B. **Estórias e Lendas do Rio Grande do Sul**. São Paulo, EDIGRAF Ltda., 1963.

PEREIRA, Natividade. **Cultura Popular e folclore na educação: brincadeiras, artesanato, superstições e músicas**. São Paulo: Paulinas, 2007.

FRANCHINI, A S. **As 100 melhores lendas do folclore brasileiro**. Porto Alegre, L&PM, 2012.

OLIVEIRA, R G. **As aves no Folclore do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Edigal, 2009.

MÚSICA COMO UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE FISILOGIA VEGETAL NO ENSINO DE CIÊNCIAS DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

THIAGO ESCOUTO DA FONSECA¹; BRUNO MADEIRA²; THOMÁS DA LUZ RODRIGUES³; EUGENIA JACIRA BOLACEL BRAGA⁴ e GUSTAVO MAIA SOUZA⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – thiagoescoutodafonseca@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – brunoo.madeiraa@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – tho.l.rodrigues@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – jacirabraga@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – gumaia.gms@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A educação é um campo em constante evolução, e para manter a relevância e eficácia juntamente da atenção do aluno no processo de ensino-aprendizagem, é essencial incorporar elementos criativos e inovadores (CASTOLDI, 2009). O presente trabalho apresenta uma experiência realizada no âmbito da disciplina de Fisiologia Vegetal do curso de Ciências Biológicas (Licenciatura) da UFPel, onde o desafio era aplicar uma aula de forma envolvente e acessível aos estudantes. A proposta deste projeto pedagógico foi a de explorar a criatividade como uma ferramenta fundamental para a eficácia do ensino de fisiologia vegetal.

Foi planejada uma aula que, desde o início, buscou motivar os alunos através de uma metodologia inovadora pois, com a ocorrência de tantos estímulos e distrações, os professores se preocupam com o tempo de atenção e interesse dos discentes que, por conta de uma educação ainda tradicional e conservadora, vem diminuindo cada vez mais (ROCHA, 2018).

A aula em si teve sua característica expositiva, onde foi explicado os conceitos e processos do crescimento e desenvolvimento de uma planta, passando pelos diferentes estádios do desenvolvimento desde a formação da semente até atingir a fase reprodutiva de floração. A aula foi ministrada por três discentes no papel de professores, cada um fantasiado de um estágio de desenvolvimento da planta. O professor 1 estava fantasiado de semente com radícula (parte do embrião das plantas com semente que dá origem à raiz primária), o professor 2 estava fantasiado de plântula com seus cotilédones (folhas embrionárias modificadas para fornecimento de nutrientes) e o professor 3 estava fantasiado de flor, representando o estágio que a planta está apta à reprodução.

Tudo isso, com base na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) onde está prevista a necessidade e obrigatoriedade do ensino do conteúdo de mecanismos reprodutivos do 8º ano do ensino fundamental.

Ao fim da aula, como instrumento de revisão, os professores prepararam uma canção referente ao conteúdo, encenaram uma coreografia e cantaram junto à turma. A música está muito presente na vida das pessoas e atua como entretenimento, forma de expressão, hobby e, por que não, como um instrumento para facilitar o aprendizado e memorização de conceitos. Esta foi a proposta dos professores (discentes) nesta aula, inovar a revisão da aula onde cada conceito foi explanado, explicado e discutido, de uma forma leve, rápida e divertida (BARROS et al., 2013). A escolha de realizar uma música como recurso didático não substitui os conceitos e discussões detalhadas em sala de aula, mas soma neste processo.

Definição dos objetivos educacionais como: Estabelecer os objetivos de aprendizagem da aula de Fisiologia Vegetal, com foco nos conceitos relacionados ao crescimento e desenvolvimento das plantas. Promover a criatividade como uma ferramenta fundamental para a eficácia do ensino de Fisiologia Vegetal. Cativar a atenção dos alunos desde o início da aula e mantê-la ao longo da sessão.

Seleção dos Recursos: Seleção dos recursos que foram utilizados na aula, incluindo fantasias representando diferentes estádios do desenvolvimento das plantas (semente, plântula e flor), uma canção temática e uma coreografia.

Tesoura, elástico, EVA, palitos de churrasco e cola branca para a construção das fantasias. A música foi escrita com base no conteúdo abordado em aula (crescimento e desenvolvimento) buscando uma melodia simples e uma letra fácil.

Preparação dos Professores: Os professores responsáveis atuaram no planejamento da aula, na escolha do conteúdo a ser abordado e na preparação das atividades criativas para serem utilizadas para a explicação. Os professores prepararam as fantasias que representaram os estádios de desenvolvimento das plantas e praticaram suas falas e apresentações.

Desenvolvimento da Aula: A aula iniciou com uma explicação teórica sobre os conceitos de crescimento e desenvolvimento, buscando uma linguagem envolvente para capturar a atenção dos alunos. Cada professor estava “fantasiado” representando um estágio de desenvolvimento da planta (semente, plântula e flor) e foi responsável pela explicação dos conceitos de Fisiologia Vegetal relacionados àquele estágio. Durante a explicação, os professores utilizaram as fantasias e adereços relacionados aos estádios para tornar a aula visualmente atrativa e envolvente. Ao final da aula, os professores apresentaram a canção preparada referente ao conteúdo, e convidaram a turma para cantarem juntos, envolvendo os alunos na música e na coreografia.

Documentação e Compartilhamento: A experiência foi registrada com fotos e vídeos da aula criativa e compartilhada com toda a turma. Os resultados e a metodologia utilizada foram compartilhados com outros educadores, promovendo a disseminação de práticas inovadoras no ensino de Fisiologia Vegetal.

Vamos lá que eu vou te ensinar, agora tu não vais esquecer
As plantinhas não são inativas e nós vamos falar sobre crescer
Altura, largura, espessura, é crescimento
Maturidade e reprodução, só pode ser desenvolvimento
A semente que vai germinar, os cotilédones vão se abrir
Passar do tempo, a terra romper e uma nova plantinha florir
(FONSECA, 2023).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao aplicar a experiência apresentada na disciplina de Fisiologia Vegetal, logo ficou evidente o potencial pedagógico que ela possui que, por sua vez, demonstrou eficácia na abordagem criativa de ensino, ao transformar uma aula expositiva em uma experiência envolvente e memorável para os alunos. A utilização de fantasias,

coreografias e uma canção, facilitou a compreensão dos conceitos complexos relacionados ao crescimento e desenvolvimento das plantas e prendeu a atenção dos alunos.

4. CONCLUSÕES

Tendo em vista o interesse demonstrado pela turma e o entusiasmo com que os estudantes participaram das atividades propostas, concluímos que é de extrema importância incorporar elementos criativos e inovadores no processo de ensino, não apenas para manter a relevância, mas também para melhorar a eficiência do ensino de conceitos complexos, como os de Fisiologia Vegetal, e estimular o interesse e a participação dos alunos.

A promoção da criatividade como ferramenta pedagógica revelou-se benéfica, quando observado a euforia, aprovação e elogios dos colegas e professores que presenciaram o trabalho.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Marcelo Diniz Monteiro de; ZANELLA, Priscilla Guimarães; ARAÚJO-JORGE, Tania Cremonini de. A MÚSICA PODE SER UMA ESTRATÉGIA PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS? ANALISANDO CONCEPÇÕES DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)**, v. 15, p. 81-94, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: **MEC**, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>.

CASTOLDI, Rafael; POLINARSKI, Celso Aparecido. A utilização de recursos didático-pedagógicos na motivação da aprendizagem. **I Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia**, v. 684, 2009.

ROCHA, Vivianne Klissia Oliveira et al. Gerações e estilo de aprendizagem: um estudo com alunos de uma universidade pública em Alagoas. **Revista Economia & Gestão**, v. 18, n. 50, p. 80-96, 2018.

THIAGO FONSECA. **Crescimento e Desenvolvimento**. Pelotas, 2023. (1 min).

O QUE É SER INÚTIL: PROCESSO DE CRIAÇÃO DO ESPETÁCULO INSERVÍVEIS

TATIANA DUARTE CUBA¹; MARIA FONSEGA FALKEMBACH²

¹Universidade Federal de Pelotas – tatianaduartecuba@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – maria.falkembach@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Durante a pandemia e até o presente momento o projeto unificado Tatá Núcleo de Dança - Teatro vem desenvolvendo a obra cênica *Inservíveis* com direção da professora Maria Falkembach. Essa é a quinta obra cênica do Grupo Tatá, estas obras são criadas com o objetivo de serem levadas para as escolas. O grupo Tatá é um projeto de extensão da Universidade Federal de Pelotas que tem como foco principal as ações de extensão. A produção de espetáculos para serem apresentados nas escolas e com isso propor mediações, debates e reflexões a partir do que foi apresentado. No momento, o grupo é formado por acadêmicas dos cursos de teatro e dança, e egressos. A obra *Inservíveis* tem como tema o descarte - desde objetos a pessoas - e usa da ironia para problematizar a forma como a sociedade se desfaz dos mesmos.

O processo de *Inservíveis* também aborda questões acerca do descanso, de como nos dias atuais, na grande maioria das vezes, não desfrutamos de momentos de lazer, de autocuidado. O “parar” em meio ao caos, à rotina do dia-dia. A obra aborda a ideia de que “parar” nos tempos em que vivemos nos torna pessoas “inservíveis” para a sociedade. Este texto tem o objetivo de descrever e analisar o processo de criação do espetáculo *Inservíveis* (que ainda está em desenvolvimento) a partir das classificações que a sociedade impõe aos nossos corpos, nos delimitando em “útil” e “inútil”.

2. METODOLOGIA

Entendo como metodologia, neste trabalho, o modo de organizar os conhecimentos e dados que emergem da prática, do processo de criação. O processo de criação também tem seu modo de ser realizado. Então, há uma dupla metodologia, que se relaciona: da criação e da sistematização do processo. É a construção de um diário de bolsista onde coloco todas as anotações das nossas pesquisas, como referencial teórico, ideias construídas nas reuniões do grupo, reflexões sobre livros e textos que ajudam nas nossas pesquisas, assim como registros nas redes do projeto, como o blog, onde escrevo sobre as nossas produções e sobre tudo o que já conseguimos realizar até o momento, para que assim possamos visualizar e ter um controle de tudo o que estamos conseguindo criar. É um espaço de registro para que nenhuma das pesquisas do grupo se perca. Como referência deste artigo trago o autor *Ailton Krenak* com o livro *A vida não é útil* que é uma das referências no processo de *Inservíveis*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em abril deste ano entrei para o projeto como bolsista, o processo de Inseríveis já havia começado com algumas experimentações e algumas atividades do grupo Tatá no Comitê de Desenvolvimento Dunas (CDD), então aos poucos, fui me inserindo. Durante alguns encontros realizamos algumas rodas de conversa somente com integrantes do grupo. A partir disso, fomos criando diferentes estratégias para que pudéssemos ter um melhor entendimento do que estávamos fazendo e porque. Partindo das nossas rodas de conversa, começamos a pesquisar elementos que tivessem ligação com o tema que estamos trabalhando como também leitura de livro, inclusive o livro *A vida não é útil* de Ailton Krenak, assim como pesquisas na internet como notícias, vídeos e imagens.

Paralelamente às reflexões, realizamos as experimentações na prática. Os elementos cênicos escolhidos foram as cadeiras de praia e a cuia de chimarrão, pois durante as nossas observações e pesquisas percebemos que sentar para tomar chimarrão - seja calçada de casa, no parque, na praia -, principalmente na companhia de outras pessoas, é um hábito muito comum na região e o momento de lazer e descanso de muitas pessoas. Pensando nisso, observamos que esta prática muito comum do dia-a-dia tinha total ligação com o trabalho que estamos desenvolvendo, com Inseríveis. Sentar para tomar chimarrão, descansar, respirar, viver o presente também pode ser considerado uma atitude inútil em uma sociedade que não para nem um segundo. Conforme nos alerta Krenak (2020), não podemos “vender” o amanhã, pois não se sabe o que vai acontecer depois. O processo de Inseríveis expõe estas classificações em que somos colocadas o tempo todo, quem são os corpos considerados “inúteis” e sem serventia? Por que o descanso é inútil? Isso não faz parte da vida? Por que sentar para tomar chimarrão não tem serventia alguma? E durante o processo buscamos de alguma forma questionar estas classificações, e refletir sobre elas.

Também percebemos, através das nossas reflexões nos ensaios, que não existe somente um grupo de pessoas ou atividade que seja considerada sem utilidade. Exemplo: pessoas com deficiência que infelizmente ainda enfrentam dificuldades em conseguir igualdade em nossa sociedade, indígenas que ainda enfrentam discriminação, mulheres que ainda buscam por direitos igualitários, etc. Sempre vão aparecendo novas classificações. Pensando nisso, observamos que o processo de Inseríveis também sempre está se modificando como o mundo em que vivemos, não temos como definir exatamente o que é ser Inserível pois também estamos descobrindo o que pode ser o tempo todo.

4. CONCLUSÕES

Como uma das ações do grupo Tatá é a extensão, os próximos passos do projeto será desenvolver contato com as escolas e levar até elas o processo de Inseríveis, com o objetivo de propor fruição, reflexão, diálogo e mediações no ambiente escolar. Daremos seguimento, assim, ao trabalho realizado com as outras obras já criadas pelo grupo, como AXÊRO em 2021 e “Quando você me toca” em 2019. Além das escolas, Inseríveis também deve circular com o processo em outros espaços para que assim variados públicos possam ter acesso



a obra. E com este trabalho temos como objetivo, a criação de mediação que é uma forma da obra levar para o público não só a estética mas também atividades pensadas pelo grupo a partir do que estamos trabalhando, no caso inservíveis.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: SCHWARCZ S.A, 2020.

DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS E OBJETIVOS DAS AÇÕES AFIRMATIVAS

LIZ FERNANDA CARRARD DE LIMA¹; MÁRCIO SCHELLIN BERGMAN²;
SHELEN DOS REIS DA SILVA³; FRANCISCO DOS SANTOS KIELING⁴

¹Universidade Federal de Pelotas– liz.carrard@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas– márcio.bergman@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas–shelendosreiss@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas–fraciscokieling@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo demonstrar o reflexo das ações afirmativas para democratização do acesso ao ensino superior. A educação, como direito social reconhecido constitucionalmente, conforme o artigo 6º, passou a ser considerada um direito fundamental de natureza social.

No que se refere à educação superior, esta deve ser acessível, segundo um dos princípios educacionais estabelecidos no artigo 206, IX, da Constituição Federal de 1988 (CF/88). Esse princípio assegura o direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida. Além disso, a mesma legislação enfatiza a importância da qualidade da educação e da gratuidade do ensino público. Isso ocorre pelo entendimento de que a educação desempenha um papel essencial na emancipação do indivíduo, capacitando-o a compreender seus direitos e deveres como cidadão e a buscar uma vida digna.

O objetivo do trabalho é contestar a ideia de igualdade de condições para o ingresso de grupos específicos no ensino superior, uma vez que a meritocracia tende a perpetuar desigualdades entre classes e grupos diversos. Portanto, busca-se abordar a seguinte questão central: Como a implementação e manutenção de cotas no ensino superior torna possível que grupos historicamente excluídos ingressem no ensino superior?

No decorrer deste artigo, será abordado a importância da discussão em relação à democratização do acesso à educação. Duarte (2005) aponta que a CF/88 busca a inclusão social e a promoção da justiça social e distributiva, como metas a serem atingidas por intermédio da democratização ensino.

Para tratar sobre a complexa realidade brasileira, serão utilizados os conceitos de Piovesan (2005), uma vez que há uma preocupante conjuntura de exclusão social e de discriminação. Estes dois fenômenos, que estão estreitamente interligados, formam um ciclo prejudicial no qual a exclusão perpetua a discriminação e, por sua vez, a discriminação contribui para a exclusão.

Nesse sentido, a Lei 12711/2012¹ regulamenta a reserva de vagas nas instituições públicas federais, denominada Lei de cotas. Estão abrangidos pela legislação federal os estudantes que cursaram integralmente o ensino médio em

¹Art. 3º Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas de que trata o art. 1º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (Redação dada pela Lei nº 13.409, de 2016) (BRASIL, 2012)

escola pública, subdividindo-os em recortes socioeconômicos, étnico-raciais e para pessoas com deficiência.

É neste viés que a democratização do acesso ao ensino superior objetiva a inclusão de diversos atores ao sistema educacional, ocorrendo à progressiva inserção das minorias nos espaços historicamente reservados às elites dominantes. No cenário educacional brasileiro, infere-se a problemática entre a massificação e a democratização desse acesso, uma vez que ambos os processos estão presentes. No entanto, a massificação, cuja conotação pressupõe viés negativo, precede à democratização (SENKEVICS, 2021).

Saviani (2010) demonstra a elitização do ensino, apontando que historicamente a continuidade da formação era reservada às elites dominantes, uma vez que havia poucas instituições de ensino superior, cujas vagas eram reservadas às pessoas com recursos financeiros, centralizando-se em indivíduo homem, branco, classe média alta.

Atualmente, de acordo com Silva (2007), com base nos artigos 16 e 20 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, a estrutura e composição da Educação Superior no Brasil podem ser divididas em três sistemas distintos, cada um com suas próprias formas de funcionamento e financiamento.

O sistema federal é composto por Instituições Federais de Ensino Superior, que são mantidas pelo governo federal. O sistema estadual encontra-se sob a jurisdição dos estados federativos, ao passo que as instituições privadas de ensino superior são geridas por pessoas físicas ou jurídicas, destacando-se a finalidade lucrativa presente em diversas instituições privadas.

A Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), constitui-se como uma universidade pública, gratuita e de qualidade. Visando a democratização do acesso ao ensino superior e ao desenvolvimento da região, a instituição possui um processo seletivo próprio, denominado Programa de Avaliação da Vida Escolar (PAVE). O PAVE configura-se como um vestibular seriado, realizado ao longo do ensino médio, a ele são reservadas 20% das vagas de todos os cursos de graduação presenciais ofertados pela instituição. Dessas vagas, 90% são destinadas a alunos que cursaram integralmente o ensino médio em escola pública.

2. METODOLOGIA

Para a elaboração desse trabalho será utilizado o método dedutivo, com o fim de se compreender o reflexo das ações afirmativas no acesso ao ensino superior. Parte-se da revisão bibliográfica para entender os conceitos acerca da democratização do acesso ao ensino superior, direito social à educação e como as políticas públicas refletem nesses direitos. Assim, o tema-problema deste estudo questiona qual a importância das ações afirmativas na democratização do acesso ao ensino superior?

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse viés, conforme amplamente discutido nesse trabalho, a educação possui o condão de efetivar a emancipação dos sujeitos, visando o seu pleno desenvolvimento, sua autonomia e sua liberdade. Valores intrínsecos à dignidade. Contudo, a efetivação da educação não se apresenta de maneira orgânica no

país, haja vista o contexto histórico apresentado em que predomina a meritocracia, a discriminação e a marginalização dos sujeitos em vulnerabilidades sociais. Portanto, sabe-se que a educação de qualidade está condicionada a privilégios coloniais existentes.

Para tanto, verifica-se que as ações afirmativas possuem o condão de democratizar o acesso ao ensino superior, tendo em vista que ampliam as possibilidades de acesso a grupos historicamente excluídos. A UFPel possui como uma das vias de ingresso o PAVE, como uma ação afirmativa, capaz de diminuir as desigualdades sociais e promover a educação superior na região.

Discute-se, neste trabalho, como as instituições públicas podem fomentar a educação superior, tendo em vista que o cenário educacional perpassa diversos desafios, dentre eles, a falta de ingressantes, a evasão e retenção de alunos. Ainda, verifica-se que diversas instituições públicas concentram seus cursos em turno integral, o que também se constitui como barreira ao ingresso em cursos de graduação.

4. CONCLUSÕES

O ensino superior encontra-se em um momento de expansão de vagas a candidatos que historicamente não teriam acesso a frequentar cursos de graduação gratuitos e de qualidade. Em consonância com a democratização do ensino, a Lei de Cotas encontra-se em fase de revisão, uma vez que em 2022 completou dez anos de sua vigência.

A proposta de legislação no que se refere às cotas visa ampliar as suas balizas, contemplando um maior número de sujeitos em diferentes situações de vulnerabilidade; um exemplo é a comunidade quilombola, atualmente não contemplada pela Lei 12.711/2012.

Percebe-se que ações afirmativas são importantes ferramentas no que se refere ao ensino, uma vez que tornam os processos de ingresso mais justos em comparação àqueles que normalmente aconteciam apenas pelo ingresso universal. Nesse sentido, o PAVE vem ao encontro das políticas afirmativas, possibilitando que a UFPel possua discentes com as mais diversas características.

A educação proporciona que os indivíduos se emancipem, conheçam seus direitos e deveres perante a sociedade. Nesse sentido, a luta pela igualdade, pela justiça social fortifica-se quando os cidadãos se reconhecem como seres

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUARTE, Clarice Seixas. A educação como um direito fundamental de natureza social. **Educação & Sociedade**, v. 28, p. 691-713, 2007.

PIOVESAN, Flavia. Ações afirmativas da perspectiva dos direitos humanos. **Cadernos de pesquisa**, v. 35, p. 43-55, 2005.

SAVIANI, Dermeval. A expansão do ensino superior no Brasil: mudanças e continuidades. **Poíesis pedagógica**, v. 8, n. 2, p. 4-17, 2010.



SENKEVICS, Adriano Souza. O acesso, ao inverso: Desigualdades à sombra da expansão do ensino superior brasileiro, 1991-2020. **Universidade de São Paulo**, 2021.



PROJETO DE EXTENSÃO “BASQUETE COMUNITÁRIO NA UFPel”: UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS ATLETAS SOBRE AS PRÁTICAS ESPORTIVAS E PEDAGÓGICAS DO PROJETO

LUÍS FELIPE DE AZAMBUJA ZECHLINSKI¹; PAULO VICENTE BURIN DE BARROS CORREIA²; MARCELO OLIVERA CAVALLI¹

¹Universidade Federal de Pelotas – lf.zech@gmail.com

²Colégio São José – paulinho.di3@gmail.com

¹Universidade Federal de Pelotas – maltcavalli@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo investigar as ações do projeto de extensão “Basquete Comunitário na UFPel” que atende pelo nome de Basquete UFPel. O referido projeto tem como propósito congrega a comunidade basquetebolista externa à Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que demonstre interesse e habilidade na prática esportiva do basquetebol com ênfase tanto no aspecto recreativo como competitivo.

A proposta central reside na disseminação da prática do basquetebol dentro da comunidade em geral, enquanto busca fomentar e fortalecer uma política de extensão que responda às demandas sociais e curriculares, não somente dos programas de Educação Física, mas também em outras unidades acadêmicas da UFPel.

Além disso, o projeto se disponibiliza a atender demandas de estudos relacionados ao campo esportivo, proporcionando também espaços pedagógicos que possibilitam a observação, estágios, contribuições acadêmicas voluntárias e curricularização da Extensão. Dentro do âmbito do projeto são desenvolvidas atividades extensionistas que abrangem tanto as categorias de base quanto a categoria adulta. Estas ações fomentam a prática esportiva de maneira gratuita junto à comunidade.

No contexto da categoria adulta, os atletas representam a UFPel em competições de cunho regional e estadual, desempenhando um papel significativo na promoção da imagem da instituição. No contexto das categorias de base é importante ressaltar que na comissão técnica temos a participação de alunos da graduação e da pós-graduação, da Escola Superior de Educação Física (ESEF) da UFPel, de forma voluntária, sob orientação de dois professores.

Inicialmente, o projeto estava concentrado exclusivamente na categoria adulta. No entanto, em virtude da expressiva procura por parte de jovens com idade inferior a vinte anos, foi constatada a necessidade de introduzir uma nova iniciativa de extensão para atender a demanda por espaços qualificados dessa faixa etária. Essa ampliação demandou a colaboração de um grupo de alunos encarregados da condução de um processo seletivo. Na primeira edição desse procedimento, trinta e sete jovens da comunidade escolar local se inscreveram para participar. Foram selecionados vinte e sete jovens para participar da equipe “Basquete UFPel” na categoria de base. O mesmo grupo de alunos que conduziu o processo seletivo, foi absorvido para constituir a comissão técnica, que passou a programar as atividades e conduzir os treinamentos sob a supervisão dos docentes do Projeto.

Com periodicidade semanal, as atividades são realizadas nas instalações da Escola Superior de Educação Física (ESEF) e no Ginásio da UFPel (antiga AAB), com foco no atendimento das categorias masculinas.

Acreditamos que o projeto assume um papel significativo na formação esportiva, pessoal e social dos jovens. Por meio de um engajamento esportivo organizado, os jovens participantes têm a oportunidade de estabelecer e compreender a existência de uma relação entre eles e o mundo ao seu redor, em que a interação com "os outros" é central, ajudando a desenvolver uma noção de senso coletivo.

Em síntese, o Basquete UFPel converge com as visões expressas sobre o potencial do impacto social e educativo do esporte. As atividades oferecidas potencializam as oportunidades de socialização, aprendizado e crescimento individual dos jovens, refletindo uma harmonia com os princípios que têm embasado a inclusão da Educação Física no contexto educacional.

Dentro deste contexto destacamos a visão de BRACHT (2007) sobre como o esporte de alto rendimento, que se insere no escopo da Educação Física, pode estar sujeito a ser analisado à luz das teorias da reprodução, que indicam como as instituições educacionais muitas vezes desempenham um papel conservador, transmitindo valores, normas e hierarquias sociais que sustentam o sistema capitalista. Entretanto, SÁENZ-LÓPEZ (2005) acrescenta ao debate em questão a relevância de discernir entre diferentes níveis de prática esportiva, cada um com objetivos próprios, sendo o esporte educacional um deles. Através do olhar de SÁENZ-LÓPEZ (2005), podemos considerar que o esporte educacional possui a capacidade de se configurar como um poderoso meio de educação, desde que sua implementação seja efetuada com sucesso. No entanto, é crucial enfatizar que a execução inadequada da prática esportiva também pode ocasionar efeitos prejudiciais aos jovens praticantes.

O papel desempenhado pelo professor no âmbito esportivo é destacado por RUBIO et al. (2000) como sendo de significativa influência, desempenhando uma função crucial na moldagem abrangente dos indivíduos envolvidos na prática esportiva. De acordo com CAMPOS et al. (2016) os ganhos advindos da prática extensionista, se manifestam na contribuição para o preparo de indivíduos destinados a serem profissionais no futuro. Isso é alcançado por meio da abordagem educacional, que disponibiliza espaço e tempo propícios para a exploração e a vivência das matérias pertencentes à grade curricular de graduação, bem como pela dimensão da pesquisa, que capacita os estudantes da instituição com conhecimento técnico-científico e profissional.

Projetos de extensão esportiva exercem uma influência favorável sobre os jovens participantes como constatam SILVA et al. (2021): essa influência se estende não apenas ao contexto da atividade esportiva propriamente dita, mas também repercute em outras esferas da vida dos indivíduos, manifestando efeitos que se estendem também à comunidade escolar em si. Entretanto, na visão de BRACHT (2007), existe uma abordagem esportiva que confere uma perspectiva diferente ao desempenho e à competição, em contraste com a tradicional ênfase na excelência competitiva e de alto rendimento. Esta abordagem reconhece a possibilidade dessa mudança. Nesse sentido, podemos considerar, que a visão de BRACHT (2007) considera que o esporte deve ser abordado e valorizado como aquele que coloca menos ênfase no alcance máximo de desempenho e na competição acirrada e mais ênfase no desenvolvimento pessoal.

2. METODOLOGIA

Este estudo adotou o método de pesquisa qualitativo de natureza exploratória. Para avaliar o projeto "Basquete Comunitário na UFPel" sob a

perspectiva dos atletas participantes, foi desenvolvido um questionário, que foi enviado de forma online via link para vinte e sete atletas participantes retornando vinte e uma respostas.

O questionário teve como objetivo coletar informações relacionadas a contribuição do projeto no desenvolvimento esportivo, pessoal e social dos participantes, assim como para a comunidade como um todo.

Além disso, o questionário também abordou questões relativas à satisfação dos atletas em relação aos métodos que estão sendo aplicados e resultados sendo obtidos. Foi proporcionado, ainda, um espaço para a oferta de contribuições voltadas à melhoria das atividades ou à inclusão de novas práticas e metodologias.

A análise dos dados foi realizada por meio de cálculos estatísticos de porcentagem, o que permitiu a identificação de dimensões, categorias, tendências, padrões e relações que explicitamente ilustram as questões, utilizando um extrato específico do conjunto de dados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos questionários evidenciou que a maioria dos atletas conheceu o projeto por meio de diferentes canais. Cerca de 43% dos atletas se inscreveram no processo seletivo por indicação de pessoas que já participavam do projeto. Outros 33% dos atletas conheceram o projeto por intermédio de colegas e amigos. Foi identificado, ainda, que as redes sociais também desempenharam um papel importante na divulgação e comunicação das atividades do projeto, sendo o meio pelo qual 24% dos atletas descobriram o Basquete UFPel. Esses dados destacam a importância das redes de comunicação pessoal e digital na promoção dos projetos de basquete da Universidade junto à comunidade em geral.

Em relação aos porquês de estarem interessados no projeto foi identificado uma variedade de motivações e objetivos, dentre os quais se destacaram: paixão pelo esporte; desenvolvimento de habilidades; interesse no projeto; equilíbrio entre esporte e estudos; sonhos profissionais; participação em competições; oportunidades proporcionadas pelo projeto; experiência de jogo em equipe. Dentre as respostas foi possível identificar que a paixão pelo esporte foi motivação central.

Foi identificado que a oportunidade de treinar e jogar pelo Basquete UFPel é considerada pelos participantes uma maneira de aprimorar suas capacidades no esporte. Outra motivação destacada pelos respondentes foi o interesse específico no projeto, indicando que a estrutura e os recursos disponibilizados pela Universidade são atraentes e gratuitos. Nesse sentido, acreditam que treinar e jogar pela Universidade lhes proporcionará experiências e oportunidades únicas, inclusive de seguir uma carreira profissional no basquete e consideram a sua participação como um passo nessa direção.

Nas questões relacionadas à satisfação, os participantes foram solicitados a atribuir uma pontuação de zero (pior) a dez (melhor), no intuito de avaliar práticas implementadas pela comissão técnica, bem como ao retorno percebido do projeto.

Em relação à percepção dos benefícios que o Basquete UFPel trouxe para a comunidade, observou-se que aproximadamente 76% dos entrevistados indicaram a pontuação máxima de dez, enquanto 19% atribuíram nota nove e 5% deram nota oito. Na questão sobre a recomendação a seus amigos e conhecidos, 95% dos participantes atribuíram a pontuação máxima de dez, e 5% designaram nota nove.

No que diz respeito à avaliação do trabalho realizado pela comissão técnica, 67% dos participantes concederam a pontuação máxima de dez, 24% deram nota

nove e 9% atribuíram nota oito. Quanto ao comprometimento da comissão técnica com o projeto, 86% dos entrevistados ministraram a pontuação máxima de dez, e 14% atribuíram nota nove.

Em relação ao comprometimento dos atletas participantes, observou-se que 38% deram a pontuação máxima de dez, 33% deram nota oito, 14% atribuíram nota nove e 14% atribuíram nota sete.

Pode-se denotar, portanto, que os resultados encontrados indicam um alto nível de satisfação geral dos atletas em relação ao projeto, com a menor pontuação registrada sendo sete, em todas as questões avaliadas.

4. CONCLUSÕES

Os resultados do estudo revelam que o projeto é eficaz na atração, motivação e manutenção dos participantes. A divulgação do projeto por meio de redes de comunicação pessoal e digital demonstrou ser um fator crucial para seu sucesso. Destaca-se, ainda, a importância das relações interpessoais e da presença online na promoção de iniciativas esportivas. A alta satisfação dos participantes em relação às práticas da comissão técnica e ao retorno proporcionado pelo projeto reflete a qualidade do trabalho realizado e a percepção positiva dos benefícios oferecidos à comunidade.

As evidências levantadas nos questionários indicam que o Basquete UFPel é uma iniciativa bem-sucedida que não apenas promove a prática esportiva, mas também contribui para o desenvolvimento pessoal e profissional da comissão técnica e dos atletas, reforçando seu impacto positivo na comunidade. Essas informações podem orientar futuras estratégias de divulgação e desenvolvimento do projeto, bem como contribuir para a compreensão mais ampla das dinâmicas motivacionais e de satisfação em projetos esportivos similares.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRACHT, V. ESPORTE NA ESCOLA E ESPORTE DE RENDIMENTO.

Movimento (ESEFID/UFRGS), v. 6, n. 12, p. XIV–XXIV, 23 out. 2007.

CAMPOS, I. S. L. et al. ESPORTES DE COMBATE E EXTENSÃO

UNIVERSITÁRIA: INSERÇÕES COM O ENSINO E A PESQUISA. **Revista**

Conexao, UEPG, v. 12, n. 2, p. 352–363, 2016.

RUBIO, K. et al. Iniciação esportiva e especialização precoce: as instâncias

psicossociais presentes na formação esportiva de crianças e jovens. **Revista**

Metropolitana de Ciências do Movimento Humano, v. 4, n. 1, 2000.

SÁENZ-LÓPEZ, Pedro. El deporte como contenido y práctica educativa. In:

CARRIZOSA, Manuel Vizueté.; PRECIADO, Ventura García (Coords.). **Valores**

del deporte en la educación (año europeo de la educación a través del

deporte). Madrid: Ministerio de Educación y Ciencia, 2005. p. 29-61. (Colección

Aulas de Verano, Série Humanidades)

SILVA, J. et al. PROJETO DE EXTENSÃO ESPORTIVO DE BASQUETEBOL EM

CONTEXTO ESCOLAR: PERCEPÇÕES DOS TREINADORES. **Revista**

Conexao UEPG, v. 17, n. 2021, p. 1–20, 2021.

DESIGN NA EDUCAÇÃO POPULAR: UM ENSAIO REFLEXIVO SOBRE A COMUNICAÇÃO E IDENTIDADE VISUAL DO PROJETO DESAFIO PRÉ-UNIVERSITÁRIO POPULAR

LARISSA DE VARGAS DA SILVA¹; CATIA FERNANDES DE CARVALHO²

¹Universidade Federal de Pelotas – larissadevargas.dasilva@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – catiacarvalho.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo entender, com uma perspectiva interna, como o design e a comunicação, na educação popular, dentro do Projeto de Extensão “Desafio Pré-universitário Popular” podem andar lado a lado. Por se tratar de um projeto estratégico da PREC-UFPEL, pautado nos princípios da educação popular, constituindo-se como território educativo no qual a inclusão social e o acesso à educação pública de qualidade são objetivos centrais. Nesse sentido, a proposta do curso é o acesso ao ensino pela comunidade, considerando os saberes de vida e as histórias dos diferentes sujeitos. Sendo assim, irei contextualizar um pouco sobre o design popular e a importância dele para transformar um profissional consciente de seu papel e com atuação cada vez melhor e engajada na realidade concreta.

Em sua origem, o design é social, porém, desde a década de 1990, a discussão do papel como designer – dentro de uma sociedade – e a contribuição para desenvolver um design mais sustentável e inclusivo vem tomando grandes proporções. Segundo Braga (2011), devemos entender o que é o papel social de uma função e o design gráfico em si.

O papel social é um conjunto de direitos e deveres relativo à função social que se espera que um indivíduo exerça em determinada posição social [...] A posição social é a posição que o indivíduo ocupa em dada estrutura de uma sociedade [...]. Portanto, uma categoria profissional é uma categoria social, fruto de uma divisão social do trabalho. (BRAGA, 2011, p. 10)

O arquiteto William Morris, pioneiro do movimento Arts and Crafts¹, declarou que era impossível dissociar a arte da moral, da política e da religião (BRAGA, 2011, p.17). Há uma grande discussão, a qual não será abordada neste artigo, se design e arte são sinônimos, todavia, independente da conclusão, a afirmação de Morris se encaixa perfeitamente no contexto do design social.

O Projeto de extensão “Desafio Pré-universitário Popular” tem como objetivo oferecer aulas de matérias e assuntos presentes nas provas, que servem como meios de acesso à universidade pública – como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) – sendo elas: Português, Literatura, Língua Estrangeira, Redação, História, Geografia, Filosofia, Sociologia, Química, Biologia, Matemática, Física e Atualidades². Com foco em pessoas em condições de vulnerabilidade social e econômica, o “Desafio” tem a intenção de criar seres pensantes e políticos, que entendem seus direitos e deveres, que sabem se posicionar como parte de uma

¹ Movimento artístico criado na Inglaterra, no século XIX, sendo considerado o primeiro grande movimento do design moderno.

² Aulas ministradas por convidados e/ou colaboradores, abordando assuntos da atualidade. Dessa forma, o estudante tem um repertório e conhecimento maior.

sociedade. De tal modo, nesse projeto, que tem como base os princípios da educação popular³ de Paulo Freire, as aulas são ministradas por colaboradores – estudantes de graduação, mestrado, doutorado e professores já formados em suas respectivas áreas – que aprendem, na prática, como ministrar aulas, constituindo-se como educadores populares e potencializando o protagonismo dos educandos no seu processo de aprendizado.

O projeto geralmente é divulgado através de ações em escolas públicas, programas de rádio e TV, através de cartazes nos espaços públicos e nas redes sociais. Assim sendo, o foco deste artigo é nos materiais produzidos para redes sociais.

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi feita com caráter exploratório descritivo, fazendo um ensaio reflexivo sobre o papel do designer e extensionista, dentro do projeto “Desafio Pré-Universitário Popular”. Como uma graduanda em processo de formação profissional e entendendo o papel de profissional em uma sociedade, pretendo abordar uma experiência pessoal do que já foi feito dentro do âmbito do design e da comunicação, no cenário da educação popular do projeto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O “Desafio” tem como lema “incluir quem o sistema exclui”, pois entendem que o acesso à educação pública, gratuita e de qualidade é um direito constitucional, que deveria ser acessível a todos e que, infelizmente, o acesso aos cursos universitários ainda é mais difícil para estudantes de escola pública e mais fácil para os de escolas particulares. O objetivo do projeto é educar os estudantes para que eles tenham autonomia e oportunidade de entrar em uma universidade federal, mas, para essa missão se realizar, é importante que haja visibilidade do programa, para que mais pessoas façam parte e consigam usufruir desse território educativo. Nesse contexto, quando vamos usar o design para a educação, devemos levar em consideração dois fatores principais:

Duas vertentes são postas em debate: a primeira, no que concerne à preocupação central do design na solução de problemas referentes aos artefatos mediadores de aprendizagem; a segunda refere-se à sua concepção epistemológica e metodológica, enquanto pensamento, ou seja, conhecimento associado ao processo de formação dos indivíduos. (BRAGA, 2011, p. 137)

Em maio de 2023 – entendendo que a preocupação central do design é a solução de problemas, facilitar o entendimento e aprendizagem no parâmetro da educação – foi levantada a necessidade de uma nova identidade visual para o projeto, mas antes disso se concretizar, eu precisava entender quem era o público com o qual iria me comunicar. A partir de breves relatos da coordenadora atual, Catia Carvalho, consegui entender um pouco dos sonhos, necessidades e

³ Também conhecida como “educação freiriana”, por ser proposta pedagógica desenvolvida pelo educador brasileiro Paulo Freire, utiliza como princípios a linguagem e o diálogo, e se caracteriza por ser dinâmica, que se faz e refaz a partir da interação coletiva (entre educadores e educandos), a partir da percepção das realidades sociais e experiências dos estudantes no processo ensino-aprendizagem, de modo que eles consigam enxergar sentidos na importância de aprender e pensar autonomamente.

dificuldades dos ingressantes no curso. Quem entra para o “Desafio” tem sonhos de ingressar na faculdade para mudar a própria vida e a da família, muitas vezes sendo a primeira pessoa da casa a entrar numa faculdade. A necessidade desse estudante é entender sobre assuntos e matérias que nunca aprendeu, seja por falta de oportunidade ou por um sistema de educação falho, alguns tendo que lidar com a dificuldade de ter que trabalhar, em paralelo, para se sustentar ou com a distância e a falta de condições para se locomover da casa até a sede do projeto, outros com alguma deficiência, que acaba se cruzando com outros elementos que dificultam o seu aprendizado, demandando do projeto uma postura mais inclusiva e dialógica às diferentes realidades desses sujeitos que ingressam no projeto.

Pude, então, compreender que precisaria diminuir os elementos de apoio – o excesso de informação acabava atrapalhando a leitura, principalmente para pessoas com baixa visão – acrescentar elementos de apoio como “balões” e “caixas”, que trazem destaque a palavras-chaves, trabalhar com duas cores principais e duas secundárias, sendo elas respectivamente: azul e vermelho; branco e preto. Para não criar uma mudança ainda mais drástica, foi mantida a textura de folha como elemento gráfico. Vale destacar que a identidade do desafio já possuía elementos e cores muito características que não foram retirados, para manter a identidade base.



Figura 1 - Card de divulgação “Faltam 34 dias - ENEM 2022” - 2022.

Fonte: material de divulgação retirado do instagram do projeto.



Figura 2 - Card de divulgação “Saiu a lista de selecionados para o desafio” - 2023.

Fonte: material de divulgação do projeto, desenvolvido pela autora do artigo.

A logo do desafio mantém-se a mesma, mas será modificada até o fim deste ano, com o propósito de ser mais moderna, amigável, esperançosa e clean⁴. Além de informar os estudantes, tenho também o objetivo de passar informações para os colaboradores do projetos, seja via instagram ou whatsapp, e divulgar os projetos que são ou serão feitos. Meu objetivo é gerar um design bem estruturado e claro, para que a informação chegue de forma fácil e acessível a todos. Quando são avisos de extrema importância, utiliza-se o vermelho como cor de fundo, realçando as informações principais com “caixas” azuis – tudo isso é pensado para que se destaquem em meio às outras mensagens.



Figura 3 - Card de aviso “Ciclo de formação de docente” - 2023.

Fonte: material de divulgação do projeto, desenvolvido pela autora do artigo.

4. CONCLUSÕES

O design é estratégia para solucionar problemas. Por isso, acredito que o nosso papel como designers, dentro de um projeto de extensão e compreendendo como podemos transformar a sociedade na qual vivemos, é estar em constante evolução, procurando por mais experiências de vida e nos colocando no lugar do próximo, para compreender os problemas e, com o design, solucioná-los.

Espero que, a partir deste ensaio, mais pessoas se interessem pelo assunto e possam ampliar o âmbito de pesquisa sobre o design social e o nosso papel para a inclusão de pessoas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, M. **O Papel Social do Design Gráfico: História, Conceitos e Atuação Profissional**. São Paulo: Senac São Paulo, 2011.

MARCELINO, Tânia. **A educação voltada para valores humanos de Paulo Freire continua atualíssima**. jornal da unesp, 24 set. 2021. Acessado em 19 mar. 2023. Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2021/09/24/a-educacao-voltada-para-valores-humanos-de-paulo-freire-continua-atualissima/>

Arts and Crafts. Enciclopédia ItaúCultural, 06 fev. 2018. Acessado em 19 mar. 2023. Online. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo4986/arts-and-crafts>

⁴ No português: limpo. É usado para classificar algo sem excesso de informação, um design “limpo”.

PROJETO DE EXTENSÃO ESCALADA E MONTANHISMO NA COMUNIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

WILLIAN CUSTÓDIO PÉRES¹; CARLA DE CARVALHO TEIXEIRA²; CESAR
AUGUSTO OTERO VAGHETTI³

¹Universidade Federal de Pelotas – williancustodio177@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – carla.cteixeira99@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – cesarvaghetti@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A escalada esportiva surgiu como uma forma de treinamento técnico e físico para os escaladores de alta montanha. Em 1912, houve no Brasil um marco inicial do montanhismo, ficando conhecido como a conquista do Dedo de Deus, e em 1919 fundou-se o primeiro clube de montanhismo da América Latina, no Rio de Janeiro. Após esse período, esse tipo de atividade cresceu muito, portanto, de acordo com a Federação Internacional de Escalada Esportiva, nos dias atuais mais de 45 países praticam regularmente competições mundiais.

As atividades de escalada podem ser trabalhadas como um veículo para inclusão social de várias formas. De acordo com MENDES (2010) a escalada tem um forte teor de socialização, uma vez que os colegas de escalada confiam sua segurança uns aos outros, e este vínculo pode fortalecer os laços sociais entre as pessoas. Além da confiança, podem ser trabalhados durante a atividade exercícios que estimulam a coletividade e a cooperação social, assim como a autonomia, criatividade e responsabilidade (SOUZA, 2011).

Outra característica desse tipo de atividade, é que a integração com a natureza inclina o indivíduo a interagir e priorizar a conscientização ambiental. Nesse sentido, nas Diretrizes Curriculares da Educação Física (Brasil. MEC. CNE. CES, 2004), é descrito que as questões pertinentes à educação ambiental deverão ser abordadas no trato dos conhecimentos da formação do graduado em Educação Física. Desse modo, enfatiza-se a importância e a responsabilidade dos profissionais da área em lidar com tais questões.

No entanto, a prática das atividades de escalada e montanhismo requer dos atletas uma manutenção corporal importante para um melhor desempenho. De acordo com WATTS (1993), se considerarmos a massa livre de gordura, dos atletas em etapas de competição, menores valores representam uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos finalistas e suas respectivas classificações. Nesse sentido, a massa corporal e o percentual de gordura corporal, além das vantagens metabólicas adquiridas com o treinamento regular, são fundamentais para um melhor desempenho na escalada esportiva.

Com base no exposto, o projeto de escalada e montanhismo na comunidade tem como objetivo mostrar a escalada como uma atividade esportiva e interativa, além de apresentar um relato de experiências das atividades desenvolvidas dentro do respectivo projeto de extensão. Nesse sentido, o objetivo do presente estudo é

fazer um relato de experiência sobre o projeto de extensão Escalada e Montanhismo para a comunidade.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa é um relato de experiência, na qual a metodologia aplicada foi a de observação de um projeto de extensão, cujo objetivo é desenvolver atividades práticas e teóricas de escalada e montanhismo para a comunidade em geral, visando a inclusão de atividades lúdicas e interdisciplinares no ambiente de graduação.

Para participação no projeto deve-se manifestar interesse, que ocorre através do contato do interessado com o aluno bolsista responsável, que por sua vez, realiza a inserção do novo participante nas atividades propostas. Portanto, participam das atividades, além dos bolsistas e professores responsáveis, alunos e indivíduos da sociedade em geral, sendo estes últimos o público alvo das atividades realizadas no campus da Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

Para a realização das atividades, os respectivos bolsistas e professores responsáveis formulam conteúdos teóricos-práticos em reuniões de planejamento e realizam dois encontros semanais de cunho prático para os treinamentos de escalada com os participantes. Atualmente a modalidade de escalada praticada é do tipo boulder, que utiliza de pequenas formações rochosas ou parede artificiais para escalada, mas sem a necessidade de uso de materiais de proteção, como cordas por exemplo, devido sua pequena dimensão, que geralmente não ultrapassa 5 metros de altura.

Durante o treinamento prático, os instrumentos utilizados são sapatilha e bolsa de magnésio, além da parede artificial e um colchão de proteção que fica apoiado próximo a parede. Nos dias de atividades práticas, o tempo de treinamento geralmente varia entre 1 a 2 horas, devido a alta habilidade que a modalidade boulder demanda dos treinadores, por ser uma atividade física intensa e exigir movimentos mais técnicos do que escalas mais longas.

Em suma, o desenvolvimento do projeto, em geral, ainda é recente e as atividades descritas ainda estão em fase de expansão. Ademais, tem-se o intuito de implementar outros tipos de atividades, como inserção de outras modalidades de escalada, saindo das escaladas indoor para as outdoor em outros locais em Pelotas. Além do fortalecimento de um grupo de treinadores e divulgação e expansão das atividades do projeto nas redes sociais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objetivo do estudo é fazer um relato de experiência sobre o projeto de extensão Escalada e Montanhismo para a comunidade, em que são desenvolvidas atividades teórico-práticas de escalada e montanhismo para público em geral, ou seja, indivíduos que se mostraram interessados na inclusão de atividades radicais ou de aventura na prática da educação.

Para Pereira (2007), o processo de inserção da escalada ou atividades similares na educação, deve ter como base o foco e interesse por uma Educação Física inserida em uma perspectiva tanto histórica quanto cultural da aprendizagem. Com base nisso, tais atividades podem ajudar o jovens a desenvolver múltiplas valências de forma lúdica e prazerosa, ao mesmo tempo em que torna a aula de Educação Física mais interessante por incluir uma nova prática esportiva.

Nesse contexto, outras vantagens da participação nas atividades do projeto, é poder proporcionar a inclusão de jovens excluídos socialmente e minimizar os danos causados pelo isolamento e a obesidade, já que com a evolução da tecnologia muitos jovens passam horas na frente de telas de celulares ou computadores, mesmo na presença física de outros indivíduos. Um hábito que, além de distanciar fisicamente as pessoas, em geral, tende a deixar os usuários crônicos deste tipo de socialização obesos e/ou sedentários, além de muitas vezes também ficarem isolados em casa (CASTELLS, 1999).

Ademais, a escalada pode ser um meio para se trabalhar a interdisciplinaridade, pois estimula a visão ecológica no contato e uso responsável, assim como trabalhar os ângulos da matemática e assim por diante (PEREIRA, 2007).

4. CONCLUSÕES

A experiência com o projeto de extensão tem permitido verificar a importância do desenvolvimento de atividades que visem a interação social e a inserção das práticas de atividades físicas com cunho interdisciplinar, uma vez que, as atividades realizadas promovem o desenvolvimento de habilidades e adaptações motoras além de evidenciar o trabalho e a cooperação social.

Outrossim, as atividades desenvolvidas promovem uma atenção a importância da conscientização ambiental e redução do sedentarismo, temas de fundamental importância a serem tratados nos dias atuais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TRIANI, F.S.; SOUZA, A.C.C.; JÚNIOR, C.A.O.M.; TELLES, S.C.C. Representações sociais de graduandos em Educação Física sobre o meio ambiente e a relação homem, esporte e natureza. **Rev. bras. Estud. pedagog.**, Brasília, v. 102, n. 260, p. 205-217, jan./abr. 2021.

BERTUZZI, R; PIRES F.O.; SILVA, A.E.L.; GAGLIARDI, J.F.L.; OLIVEIRA, F.R. Fatores Determinantes do Desempenho na Escalada Esportiva: Umas das Contribuições da Professora Maria Augusta Kiss para o Desenvolvimento das Ciências do Esporte no Brasil. **Rev Bras Med Esporte** – Vol. 17, No 2 – Mar/Abr, 2011.

PRADO, L.F.R.P. **A Escalada Esportiva Para Socialização de Jovens**. 2016. Trabalho de conclusão de Curso em Licenciatura em Educação Física pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde Centro Universitário de Brasília.



Confederação Brasileira de Montanhismo e Escalada. **Montanhismo e Escalada**. Senado Federal, 4 jun. 2008. Online. Disponível em: https://www.senado.gov.br/comissoes/ce/ap/ap20080604_silverio_filho.pdf

BRINCAR É COISA SÉRIA: A IMPORTÂNCIA DAS INTERAÇÕES E BRINCADEIRAS PROMOVIDAS PELA AÇÃO 4 DO ATELIÊ DA INFÂNCIA

LAÍS DE OLIVEIRA BARBOSA¹; SIBELLY MARTINS MIRANDA²; LETÍCIA LUCAS PEREIRA GUILHAMILHO ÁVILA³; ANA DO CARMO GOULART GONÇALVES⁴

¹Universidade Federal do Rio Grande – laisoliveira1709@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande – sibellymiranda@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande – leticiapereiraga@gmail.com

⁴Universidade Federal do Rio Grande – acarmogggmail.com

1. INTRODUÇÃO

A partir da participação no projeto de extensão Ateliê da Infância: espaço de brincadeira, educação e criação, surge o interesse de tecer reflexões acerca das brincadeiras constituídas no local. Este projeto, é vinculado ao Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação da Infância - NEPE, o qual estabelece em uma de suas ações, a recepção das crianças dentro da Universidade Federal do Rio Grande, local em que se encontra a sala do projeto.

O espaço do Ateliê recebe preferencialmente, escolas da rede municipal do Rio Grande, através de um agendamento prévio. Desde novembro de 2022 diversas escolas já estiveram no espaço com suas professoras e suas crianças, desde bebês até crianças maiores que frequentam os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Adentrando a construção da proposta, identificou-se a importância de haver um tempo alargado para as brincadeiras de diferentes formas, tanto para Educação Infantil, quanto para os anos iniciais, com isso, este trabalho tem como objetivo discorrer e refletir acerca da importância das interações e brincadeiras na infância, utilizando como metodologia de forma bibliográfica conforme o adensamento de estudos voltados para o brincar, sendo como Souza e Vieira (2010) nos suscita, através do ato de brincar, a criança toma decisões, expressa sentimentos e angústias, desenvolve múltiplas linguagens, organizam pensamentos e descobre regras.

2. METODOLOGIA

Ainda que esta escrita não derive de uma pesquisa, e sim de uma experiência vivenciada por um grupo de estudantes de graduação em um programa de ensino, pesquisa extensão, nos inspiramos enquanto metodologia, na pesquisa bibliográfica, tal como apontam Lima e Miotto (2007).

Nesta esteira, buscamos nos debruçar em pesquisadores e estudiosos que versam sobre aspectos relevantes, tais como as crianças e suas infâncias, tematizando também, acerca das brincadeiras e brinquedos, como Kishimoto (2002), Malaguzzi (1999); Souza e Vieira (2010); Piaget (1978). Também é relevante mencionar que buscamos realizar aproximações com a perspectiva pós-estruturalista a partir das contribuições de Resende (2010) e Guattari (1987), possibilitando a articulação com a observação realizada a partir das propostas vivenciadas no Ateliê da Infância.

Importa destacar que a observação é parte da metodologia utilizada, para retratar de forma mais apropriada as vivências constituídas no cotidiano (GIL, 1999) das propostas realizadas pelo Ateliê da Infância.

3. DISCUSSÃO

A ação 4, intitulada Brincadeiras e Vivências com as múltiplas linguagens, acontece na sala de referência do projeto, onde é organizada com diversos espaços circunscritos com objetivo de explorar as múltiplas linguagens. A cada visita o espaço se transforma, de acordo com o contexto da turma que será recebida. Há diversas atividades como por exemplo, leitura e contação de histórias que contribuem para a posterior expressão plástica, musical, corporal das crianças.

Para Malaguzzi (1999), as experiências com múltiplas linguagens atribuem valor ao percurso, ou seja, à construção da capacidade em atribuir significados e desenvolver-se nesse processo. Parte dos materiais e ferramentas utilizadas nesse processo, são construídos pelos próprios bolsistas, partindo da necessidade e intencionalidade de cada atividade, dentro da ação 4.

Com a chegada dos anos iniciais e a demanda dos conteúdos a eles atrelados, é comum encontrar na escola o que se chama de “abafamento da infância”, Guattari faz-nos questionar como as crianças se prendem às semióticas dominantes ao ponto de perderem muito cedo toda e qualquer verdadeira liberdade de expressão (GUATTARI, 1987, p. 50) em nome da manutenção de um sistema de governo que visa a produtividade e utilidade. Dessa forma, as interações e brincadeiras se tornam uma importante ferramenta para conciliar a demanda dos conteúdos que chegam junto dos anos iniciais, para talvez, mitigar esse silenciamento da infância, estabelecido em detrimento da produtividade. Já que segundo Piaget (1978), o jogo num sentido mais amplo, não é apenas uma forma de entretenimento, mas um meio que contribui e enriquece o desenvolvimento intelectual.

Entendemos que “brincar é coisa séria” pois, em uma perspectiva sociocultural, a brincadeira define-se pela maneira que as crianças têm para interpretar e assimilar o mundo, os objetos, a cultura, as relações e o afeto das pessoas (SOUZA; VIEIRA, 2010). Nesse sentido, o brincar se torna um espaço característico da infância para experienciar o mundo adulto, pois, a criança é imaginativa, tem necessidade de contar sobre sua realidade. Através do brincar, ela transforma elementos simples em uma atividade importante e, a partir dela, especula sobre o mundo.

Kishimoto (2002) propõe a discussão e diferença da educação pelo brinquedo e educação para o brinquedo, neste, é possível compreender a proposta do Ateliê como defesa da educação para o brinquedo, em que “será sempre um suporte para a criação e situação imaginária, não tem outra finalidade que o seu próprio processo” (p. 9). As crianças que frequentam esse espaço disposto de diferentes materiais são encorajadas a imaginar e criar, sendo esses aspectos os principais norteadores das ações realizadas.

No cotidiano da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, etapas recebidas no espaço do Ateliê da infância, o brincar pelo imaginário e o brincar pelos conteúdos compõem os planejamentos escolares. Todavia, na etapa dos anos iniciais a educação pelo brinquedo torna-se ainda mais veemente manifestada, em que, todos os processos se tornam inclinados para a obtenção de algum conteúdo específico. Como explicado, “ao propor o

brinquedo como recurso para o ensino de determinado conteúdo explicita-se seu objetivo” (KISHIMOTO, 2002, p. 11)

Visto que os documentos orientadores (BRASIL, 2018) apontam a importância do brincar, a potencialidade e necessidade do espaço se torna ainda mais explícita ao assegurar o direito das crianças. No que tange às crianças maiores, percebe-se, com as visitas das escolas e reflexões acerca do entrelace entre infâncias e aprendizagens, que ocorre um afastamento da possibilidade de imaginação e os momentos de brincadeiras se restringem a intencionalidades pedagógicas.

Ainda, esses discursos que permeiam o silenciamento da infância, o que se diz sobre a criança e sobre sua própria história, corrobora para uma caracterização de uma infância “atemporal, ingênua, sem condição de falar, de ser ouvida. Constrói-se, assim, uma infância pautada na continuidade cronológica, no tempo como sucessão e sequência de etapas do desenvolvimento” (RESENDE, 2010, p. 252). E isso se acentua ao observar as expressões das crianças dos anos iniciais que chegam no Ateliê, esse “afastamento da possibilidade de imaginação” é resgatado no Ateliê da Infância, com contações de histórias que envolvem e encantam.

Cabe destacar que, não é intenção deste estudo dizer que, todas as brincadeiras devem ser intencionalizadas objetivando contemplar alguma habilidade do desenvolvimento, pois esta concepção vai de encontro ao que Guatarri e Resende nos fala acerca do silenciamento das infâncias, em nome de uma organização social que gira em torno da produção, e nessa organização não há espaço para criar por lazer, não há espaço para o deleite (RESENDE, 2010, p.253). No entanto, não podemos ignorar o fato de que os documentos oficiais asseguram o aprendizado como direito dessas crianças, e a partir disso, apoderar-se das brincadeiras para tornar esses aprendizados significativos, atrelando a ludicidade e respeitando a infância.

4. CONCLUSÕES

Logo, o Ateliê da Infância não somente proporciona um espaço para que essas crianças possam experienciar as brincadeiras e interações, mas também atua na formação continuada ao passo que as professoras ao acompanhar suas crianças nessa aventura, também podem, através da observação, se beneficiar de repertórios e práticas que envolvem o brincar. Sempre considerando que,

o brinquedo é uma reprodução dos objetos da vida e da sociedade, que são produzidos pelos adultos a partir de sua herança cultural e adaptáveis às crianças conforme a idade, com a finalidade de facilitar o desenvolvimento e a aprendizagem de maneira prazerosa durante a brincadeira (SOUZA; VIEIRA, 2010)

Sendo assim, um espaço que promova experiências para as crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental e de Educação Infantil de forma que resgata a imaginação e para que estabeleçam relações cada vez mais complexas com o mundo, um momento de deleite e descobertas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GUATTARI, F. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- KISHIMOTO, Tikuzo Morchida. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- LIMA, TELMA Cristiane de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Katál. Florianópolis, v. 10, n. esp. p.37-45, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141449802007000300004&script=sci_abstr a ct&lng=pt. Acesso em 10 set. 2023.
- MALAGUZZI, L. Histórias, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- SOUZA, A. P; VIEIRA, J. J. **A Importância do Brincar e do Jogar nas Séries Iniciais**. FIEP BULLETIN, v. 80 (2010): Special Edition - Article II, 2010.
- RESENDE, H. DE. **Notas sobre modernidade, pedagogia e infância a partir de Michel Foucault**. ETD - Educação Temática Digital, v. 12, n. 1, p. 242, 30 dez. 2010
- PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogos, sonho, imagem e representação**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora Koogan, 1978.

RELATO DE AÇÕES EXTENSIONISTAS DO PPGQTA/FURG PARA PROMOÇÃO DE ACESSO AOS JOVENS DE PROJETOS SOCIAIS NOS ESPAÇOS DA UNIVERSIDADE: POR GURIAS NA CIÊNCIA

DANIELE MÜLLER¹; EMANUELE LESSA²; ALESSANDRA DA COSTA³;
JULIANA MARTINS⁴; ADRIANA NEVES⁵; VANIA DE LIMA⁶

¹Universidade Federal do Rio Grande – dgomesmuller@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande – emanuelef.lessa@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande – ale_gcosta@hotmail.com

⁴Universidade Federal do Rio Grande – martinsdíasjuliana@gmail.com

⁵Universidade Federal do Rio Grande – adrianamdasneves@gmail.com

⁶Universidade Federal do Rio Grande – vrlima23@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O projeto de extensão "Representatividade Feminina, Divulgação Científica e Inserção Social a partir do Programa de Pós-Graduação em Química Tecnológica e Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande: Gurias na Ciência (PPGQTA/FURG)" é coordenado pela Prof.^a Dr.^a Vania Lima da Escola de Química e de Alimentos (EQA/FURG). O projeto surgiu durante as comemorações dos 15 anos do PPGQTA, em 2022. Na ocasião, constatou-se que o Programa de Pós-Graduação (PG) é constituído, majoritariamente, de representatividade feminina na produção científica – englobando as pesquisadoras de Rio Grande e Santo Antônio da Patrulha (os Campi da FURG que compõe o Programa). Nesta época, foram iniciadas ações para discutir os desafios e estratégias das mulheres cientistas interna e externamente ao PPGQTA.

Inicialmente, o projeto objetivou o empoderamento feminino das cientistas atuantes, a partir da "Série Mulheres na Ciência" do PPGQTA idealizado para divulgar os estudos, vivências e a produtividade delas na academia. Dessa forma, nas lives, foram abordados temas como a universidade e mercado de trabalho, assédio, maternidade e falta de representatividade em cargos de liderança.

A partir das lives, surgiu a ideia de continuar a divulgação das cientistas estendendo à comunidade. Assim, foi criado o Projeto de Extensão de representatividade feminina, não apenas com mulheres, mas contando com alguns homens cientistas do PG enquanto apoiadores.

O projeto de extensão deve aproximar o universo científico da sociedade trazendo colaborações como um todo, levando o conhecimento e estreitando o distanciamento entre a academia e a comunidade. De certa forma, o projeto de extensão une teoria e prática, fazendo com que o conhecimento seja divulgado (DIVINO et al., 2013). O ensino transcende o conhecimento da sala de aula saindo do ambiente da universidade, para que haja a inclusão e troca de conhecimentos provenientes do ambiente. Dessa maneira ampliam-se os conteúdos a nível multidisciplinar (RODRIGUES et al., 2013). Os conhecimentos são constantemente trocados entre os indivíduos da ação, trazendo benefícios socioculturais para ambas as partes interessadas, essa aproximação é relevante para a formação de todos os envolvidos. Nesse sentido, o grupo de extensionistas elaborou uma cartilha inclusiva intitulada "*Mulheres na Ciência que você tem o acesso e o poder de compartilhar*" (COSTA et al., 2022) levando as cientistas às escolas locais vinculadas à FURG. A partir da experiência nas escolas o Projeto Gurias na Ciência (GC) passa a ser reconhecido e houve a necessidade de ampliarem as atribuições

extensionistas para além da elaboração e divulgação da cartilha inclusiva na rede escolar. Atualmente, o GC também atua prestando consultorias em Feiras de Ciência das escolas de Santo Antônio da Patrulha e tem coordenado a recepção de projetos sociais de Rio Grande e São José do Norte na universidade, incluindo atividades laboratoriais direcionadas para esse público.

Nesse sentido, o trabalho aqui descrito pretende relatar as ações do projeto de extensão do PPGQTA/FURG voltadas aos projetos sociais a fim de aproximá-los da vida acadêmica, de modo a despertar o interesse dos jovens em situação de vulnerabilidade para as áreas da Ciência fazendo com que os mesmos sintam-se representados pelas cientistas locais.

2. METODOLOGIA

A ação extensionista do Gurias na Ciência ocorreu em duas etapas – Recepção dos jovens dos projetos no ambiente acadêmico e a visita aos laboratórios e ao centro de análises multiusuário da FURG. Para essa ação, o grupo do GC foi dividido em tarefas a fim de atender melhor os visitantes. As etapas da ação são descritas a seguir.

2.1. RECEPÇÃO DOS PROJETOS SOCIAIS NA UNIVERSIDADE: As cidades vizinhas Rio Grande e São José do Norte têm projetos sociais voltados a meninos e meninas – na faixa etária entre 14 e 17 anos – em situação de vulnerabilidade social que oferecem além de cursos profissionalizantes, atividades socioeducativas para os jovens. Primeiramente, ao chegarem à Universidade os jovens foram recepcionados no auditório da Escola de Química e de Alimentos (EQA) da FURG pela direção do EQA e também pela coordenação do PPGQTA, juntamente com integrantes do coletivo GC. Foi elaborada uma breve apresentação das mulheres cientistas e foi relatado o trabalho que é realizado pelo projeto. Houve a fala das cientistas do PG e também questionamentos. As cientistas falaram sobre a figura no imaginário de um cientista e instigaram os jovens a desconstruir essa imagem, mostrando que independente da origem, etnia, gênero podemos fazer Ciência. As falas foram contextualizadas e remeteram aos relatos e associações com os dados apresentados nos estudos referentes ao “Draw a Scientist Test” (CHAMBERS, 1983; MIELE, 2014). Os jovens formaram grupos para conhecer os espaços da universidade (laboratórios da EQA) e Centro Integrado de Análises (CIA-FURG), sendo orientados pelas cientistas até os laboratórios.

2.2. VISITA AOS LABORATÓRIOS E ATIVIDADES DE EXPERIMENTAÇÃO: Nos laboratórios as extensionistas com a colaboração dos técnicos em química da EQA, apresentaram o ambiente de trabalho dos pesquisadores, falaram sobre como proceder com segurança nesses ambientes. Alguns experimentos já haviam sido montados na espera para demonstração e explicação dos fenômenos. Nessa ocasião, os jovens puderam também realizar os experimentos com a ajuda dos técnicos, manipular alguns equipamentos, conhecer técnicas utilizadas na investigação de eventos, tais como: destilação, filtração e revelação de digitais entre outros experimentos disponibilizados durante a visita.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir desta ação articulada entre o GC e técnicos da EQA foram recepcionados ao campus FURG - Carreiros no Rio Grande três projetos sociais: Garotas Brilhantes, Ametista e Renascer. Embora as recepções tenham

ocorrido em datas distintas, até o momento foram contabilizados no total 130 jovens contemplados pelo GC.

No dia 8 de dezembro de 2022, o projeto Gurias na Ciência, recebeu a visita das Garotas Brilhantes (GB), projeto social de empoderamento feminino desenvolvido pela Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais (ADRA) que faz parte do conselho da Organização das Nações Unidas (ONU). Nesta ocasião foram recebidas 30 meninas, conforme a Figura 1.



Figura 1 - Ações na recepção do projeto social GB à FURG: Apresentação das cientistas do GC, direção da EQA e PPGQTA, foto das meninas do GB após apresentação do GC e atividades experimentais para as jovens orientadas pelos técnicos nos laboratórios da universidade

No início do mês de agosto, durante três dias a equipe do projeto GC recebeu cerca de 100 estudantes dos projetos sociais: “Ametista” e “Renascer”, no auditório da Escola de Química e Alimentos (EQA) para uma apresentação de diversos temas que envolvem a divulgação científica e o acesso à educação superior, de acordo com a Figura 2. Os projetos são desenvolvidos de forma colaborativa a partir de um acordo de cooperação entre o Comando do 5º Distrito Naval (5º DN), as prefeituras do Rio Grande e de São José do Norte e seus respectivos Conselhos Tutelares.



Figura 2 - Ações na recepção dos projetos sociais na universidade: Recepção dos jovens pela direção da EQA e PPGQTA no auditório, jovens dos projetos (Ametista e Renascer) após apresentação do GC, atividades experimentais dos projetos Ametista (meninas) e Renascer (meninos) nos laboratórios da EQA e CIA-FURG

4. CONCLUSÕES

O projeto de extensão do PPGQTA - GC tem ganhado visibilidade devido a divulgação do projeto, suas ações e resultados nas mídias locais e redes sociais, de fato, têm contribuído diretamente para o reconhecimento do GC na cidade de Rio Grande. É possível constatar que, a relação do Gurias na Ciência com os meninos e meninas que integram os projetos sociais têm sido fortalecida a partir do aumento na procura e solicitação de agendamento das visitas à universidade. Haja vista que, o retorno dos projetos já está previsto ainda no calendário da FURG para 2023. Conclui-se que os objetivos do GC foram alcançados através da divulgação do trabalho das cientistas, do acesso aos ambientes de laboratórios e das atividades envolvendo a experimentação durante as visitas à universidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DA COSTA, A.G. et al. **Mulheres na Ciência: que você tem acesso e o poder de compartilhar informação**. Rio Grande: Editora da FURG, 2022.

CHAMBERS, D. Stereotypic images of the scientist: The Draw-a-scientist test. **Science Education**, v.67, n.2, p. 255-265, 1983.

DIVINO, A.E.A. et al. A extensão universitária quebrando barreiras. **Caderno de Graduação – Ciências Humanas e Sociais**, Aracaju, v.1, n.16, p.135-140, 2013.

MIELE, E. Using the draw-a-scientist test for inquiry abd evaluation. **Journal of College Science Teaching**, v.43, n.4, p. 36-40, 2014.

O FÓRUM DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO EXTREMO SUL GAÚCHO E A IMPORTÂNCIA DE DISCUTIR AS POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

JULIA REGINA HUBER DA SILVA ALVES¹; THAIS MACEDO NIEDISBERG²;
JÉSSICA FONSECA DE OLIVEIRA³; ANA DO CARMO GOULART GONÇALVES⁴

¹Universidade Federal do Rio Grande – huberjulia392@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande – thais2005.niedisberg@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande - jessica0103.oliveira@gmail.com

⁴Universidade Federal do Rio Grande – acarmogg@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a organização e o funcionamento do Fórum de Educação Infantil do Extremo Sul Gaúcho - FEIESG, sendo este um espaço suprapartidário, articulado por diversas instituições, órgãos e entidades comprometidas com a expansão e melhoria da qualidade da Educação Infantil. Ademais, o presente trabalho também possui a finalidade de pontuar a importância de um espaço de discussão das políticas públicas voltadas para a Educação Infantil bem como se apresenta o FEIESG.

Sendo assim, vale destacar que o Fórum de Educação Infantil do Extremo Sul Gaúcho é ligado ao Fórum Gaúcho de Educação Infantil - FGEI e ao Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil - MIEIB. O FEIESG surgiu no ano de 2011, a partir da proposta do Fórum Gaúcho de Educação Infantil de que a região sul do nosso Estado instituisse um Fórum Regional, para que assim, houvesse a problematização de questões político-pedagógicas referentes à educação da infância, tendo como principal objetivo discutir e promover ações que visem uma educação pública de qualidade para todas as crianças de 0 a 6 anos.

Além disso, importa dizer que o FEIESG constitui-se em uma instância de articulação, de mobilização das Instituições governamentais e não-governamentais, em âmbito regional, bem como, em um fórum de discussão permanente, de proposições e de monitoramento das Políticas Públicas para a infância, prioritariamente ao que tange à Educação Infantil. O Fórum é organizado por um Comitê Gestor, tendo representantes de escolas da rede pública, Sindicato, Secretaria de Educação e do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação da infância- NEPE.

Nos últimos anos, o Fórum de Educação Infantil do Extremo Sul Gaúcho teve suas atividades interrompidas. No entanto, em outubro de 2022, o Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação da Infância - NEPE tornou a participar do Fórum Gaúcho de Educação Infantil - FGEI. Dessa forma, reacendeu o desejo de reinstaurar o FEIESG, objetivando ter um espaço potente para discutir e monitorar as políticas públicas para a Educação Infantil.

2. METODOLOGIA

Neste trabalho em que buscamos apresentar o Fórum de Educação Infantil do Extremo Sul Gaúcho, enquanto uma das ações desenvolvidas pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação da Infância - NEPE, faz-se relevante mencionar a forma que o Fórum tem encontrado para sua reorganização.

Conforme mencionado, em outubro de 2022, o NEPE retomou a sua participação no FGEI, e desde então, intencionou a retomada do FEIESG. Através de reuniões quinzenais, foi preparando uma Reunião Ampliada que objetivou a restauração do FEIESG, bem como a discussão dos principais programas e políticas destinadas à Educação Infantil do Ministério da Educação. Para tanto, o comitê gestor, realizou reuniões quinzenais em que foram estudadas e debatidas políticas como “Pacto Nacional Criança Alfabetizada” e “Programa de Apoio Manutenção da Educação Infantil”.

O FEIESG também esteve presente em alguns eventos, tais como o Encontro dos Fóruns de Educação Infantil do Rio Grande do Sul e Diálogos sobre a transição do Governo Federal, realizado em dezembro de 2022 em Porto Alegre, o XIX Encontro Estadual 2023, A identidade da Educação Infantil: temas em disputa, realizado em maio deste ano em Porto Alegre, e o XII Encontro Regional SUL do MIEIB, realizado em agosto de 2023 em Curitiba.

Nesta esteira, todas as ações pensadas e realizadas no âmbito do FGEI são amplamente debatidas, apostando na ideia do fórum enquanto um espaço de caráter político, constituindo-se em espaço permanente de discussão e atuação, tal como aponta Movimento Interfóruns de Educação Infantil (2002).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No ano de 2011, o fórum foi instaurado para atuar na defesa da garantia de acesso ao atendimento de qualidade para crianças de zero a seis anos, visto que essas são sujeitos sociais e de direitos. (COHN, 2005)

Além disso, o FEIESG tem como objetivo fortalecer a discussão acerca de aspectos importantes para o pleno desenvolvimento da primeira etapa da educação básica. Ainda que nos últimos anos, o FEIESG tenha tido suas atividades interrompidas, ele retorna às suas atividades através do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação da Infância-NEPE, intentando discussões e ações tão necessárias e urgentes na busca pela garantia dos direitos das crianças, no ano de 2023.

Acreditamos que as ações desenvolvidas pelo fórum promovem um espaço que reúne diversas pessoas, organizações e entidades comprometidas com a Educação Infantil dos municípios do Extremo Sul Gaúcho, promovendo assim, discussões sobre as respectivas demandas desses municípios, como a oferta e demanda de vagas e a obrigatoriedade de matrícula no primeiro ano da educação básica, por exemplo. Assim, o fórum atua como um movimento que tem protagonizado ações decisivas através de importante mobilização da sociedade, tal como aponta FLORES (2010).

Como também, ao se tratar de um espaço comprometido com o pleno acesso da criança a uma educação de qualidade, o FEIESG possui, dentro de seus princípios fundamentais, o compromisso com as normativas nacionais presentes na Constituição Federal, no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), na Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), na Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), nas regulamentações municipais que dizem respeito à oferta da Educação Infantil e nas convenções internacionais sobre os Direitos da Criança. Bem como, compromisso com a defesa da Educação Infantil gratuita provida pelo poder público, com a defesa do acesso, da permanência e da expansão da Educação Infantil e com a formação continuada de professores e demais profissionais que atuam nesse âmbito da educação.

Ao considerar o momento atual da Educação Infantil, torna-se evidente a importância de um espaço permanente de discussão e proposição à respeito das políticas públicas voltadas para essa etapa da Educação Básica, não restringindo-se apenas à organização de encontros ou eventos, mas, a partir dessas reuniões, atuando de forma direta na garantia dos direitos das crianças atendidas pelas escolas de Educação Infantil.

4. CONCLUSÕES

Procurou-se, ao longo deste trabalho, evidenciar a relevância de um espaço democrático e suprapartidário como o FEIESG, tanto para o Núcleo, por ser um espaço formativo que envolve a Educação Infantil e seus desdobramentos, quanto para a asseguarção de direitos das crianças que se encontram nesta etapa de grande importância para a Educação Básica. Por conseguinte, faz-se notória a grande valia do debate acerca de políticas públicas voltadas para a Educação Infantil de qualidade, visto que este também seja um viés da garantia desses direitos.

Portanto, conclui-se que a retomada das atividades executadas pelo Fórum de Educação Infantil do Extremo Sul Gaúcho, sendo este um espaço de discussão e defesa de uma Educação Infantil de qualidade, é de suma importância ao considerar a Educação Infantil em todas as duas demandas e especificidades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FLORES, Maria Luiza Rodrigues. **Movimentos na construção do direito à Educação Infantil: histórico e atualidade Educação**. Revista do Centro de Educação, vol. 35, núm. 1, janeiro-abril, 2010, pp. 25-38. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS.

MOVIMENTO INTERFÓRUMS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO BRASIL. **Educação Infantil: construindo o presente**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2002.

“O SACI”: A OBRA PARA MÃO ESQUERDA DE LUIZA CAMARGO E SEUS ASPECTOS TÉCNICOS E INTERPRETATIVOS EM SALA DE AULA

HENRIQUE GUERREIRO DINIZ ALVARENGA¹; ISABEL BONAT HIRSCH²

¹Universidade Federal de Pelotas – henriquegdalvarenga@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – isabel.hirsch@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

As obras para mão esquerda constituem, dentro do repertório pianístico universal, uma categoria peculiar. Segundo Brofeldt (s.d.), suas origens remontam à invenção do piano moderno e seu desenvolvimento histórico está relacionado, grosso modo, a casos de mutilação do braço direito ou de exploração das potencialidades virtuosísticas da *mano sinistra*. Como exemplo do primeiro caso, destaca-se a figura de Paul Wittgenstein, pianista austríaco que, tendo perdido o braço direito na Primeira Guerra Mundial, comissionou diversas obras para mão esquerda solo, dentre as quais se destacam o Concerto para Mão Esquerda de Maurice Ravel, o Concerto para Piano n.4 (para mão esquerda) de Sergei Prokofiev e o Concerto para Piano n.2 (para mão esquerda) de Sergei Bortkiewicz. Em se tratando de exemplos do segundo caso, o de exploração das potencialidades da mão historicamente relegada ao acompanhamento harmônico, destacam-se as notáveis contribuições de Leopold Godowsky para o repertório para a mão esquerda solo, como os seus 53 Estudos sobre os Estudos de Chopin, 22 dos quais foram compostos para mão esquerda. No repertório pianístico brasileiro para a mão esquerda, destacam-se obras como as “14 pecinhas para mão esquerda” de Francisco Mignone, a “Sonata n.11” de Almeida Prado e “Elegia” e “Polca para mão esquerda” de Ernesto Nazareth.

Entre os compositores que se dedicaram a escrever para a mão esquerda, figura o nome Luiza Maia da Silva Vaz de Camargo (1934 – 2017), personagem ilustre no ensino do piano em Belém do Pará, não obstante desconhecida pela grande maioria dos pianistas brasileiros. Compositora de mais 30 obras, Luiza Camargo formou gerações de pianistas na capital paraense. Sua produção caracteriza-se por uma íntima ligação com a atividade docente, visto que suas composições dialogam vivamente com as dificuldades e necessidades técnicas de seus alunos, comuns a maioria dos estudantes do instrumento. Nesse contexto, as composições de Luiza assumem um caráter pedagógico ao serem caracterizadas pela própria compositora como peças: obras que, juntamente com os exercícios técnicos e estudos, constituem “um programa com metas definidas, com uma progressão na aprendizagem, que leve a um perfeito conhecimento do instrumento, de sua técnica, de seus meandros” (CAMARGO, 2013, p.19), podendo ser apresentadas em recitais desde o período de adaptação do aluno ao instrumento.

Desse modo, o presente trabalho tem por objetivo analisar a peça “O Saci”, composta por Luiza Camargo em 1985, destacando os aspectos teóricos e interpretativos passíveis de serem trabalhados no processo de preparação dessa peça, articulando a linguagem idiomática expressa na partitura, os comentários da compositora e das organizadoras do livro “Pequenas Peças para Piano”, que compila a maior parte da produção de Luiza, e a prática dessa peça no contexto de sala de aula.

2. METODOLOGIA

Para a constituição de uma análise dos aspectos técnicos e interpretativos de “O Saci”, realizou-se, em primeiro plano, uma análise minuciosa da partitura, observando os aspectos a serem trabalhos no processo ensino-aprendizagem com o aluno, por meio do estudo da peça. Ademais, tais aspectos foram interpretados à luz dos comentários tecidos pela compositora e pelas organizadoras no livro, de modo a aproximar o ponto de vista do docente à intenção pedagógica da compositora.

Por fim, para analisar o real aproveitamento das intenções da compositora e no docente no processo ensino-aprendizagem, realizou-se a análise do item “Feedback” dos planos de aula e do caderno de anotações de sala de aula do docente. O processo de leitura e aprimoramento da peça “O Saci” em sala de aula se deu ao longo dos meses de março e maio de 2023, com um aluno do Projeto “Fazendo um Som”, dentro da ação “Fazendo um Som com as Orquestras” do curso de licenciatura em Música da Universidade Federal de Pelotas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em primeiro plano, foram analisados os aspectos técnicos e interpretativos da peça “O Saci” expostos na partitura, mediante linguagem idiomática. Verificou-se que, em se tratando dos aspectos técnicos, a peça trabalha com diferentes tipos de articulação: *legato* e *scatatto*; com motivos curtos que requerem transferências de peso entre os dedos (intimamente ligado às variações de articulação); com diferentes patamares sonoros de melodia e acompanhamento; com passagens do polegar por debaixo do terceiro dedo; com saltos grandes e relativamente rápidos entre intervalos e com mecanismos que requerem rotação do pulso.

Nos aspectos interpretativos, há de se observar que a ausência de indicações de dinâmica supõe utilização do bom senso na escolha de dinâmicas coerentes com a peça. Supõe-se também que o caráter da peça (muito embora esta não tenha indicação de andamento) gira em torno das concepções acerca do personagem folclórico Saci, cujo movimento de pular em somente uma perna é emulado diversas vezes ao longo da peça (*staccatos*). Notou-se também que os intervalos de “acompanhamento”, no segundo e terceiro tempo do compasso 2, por exemplo, lembram a própria pronúncia da palavra “Saci”:



Figura 1 Compasso 2 de "O Saci" (CAMARGO, 2013).

Os comentários tecidos pela compositora e pelas organizadoras, por sua vez, apontam para o desenvolvimento da mão esquerda como principal objetivo da peça, cuja dificuldade principal “consiste nos saltos de intervalos de quintas e sextas melódicos e harmônicos e o uso de oitavas” (CAMARGO, 2013, p. 26). Na linha de pensamento das autoras, compreende-se que além da própria dificuldade dos saltos, há de se realizar na execução da peça uma clara distinção do que é melodia e o que é acompanhamento. Desse modo, espera-se que o aluno consiga construir ou aprimorar o conceito de melodia e acompanhamento, traduzindo-o sonoramente por meio de distintos patamares sonoros (dinâmicas) e diferentes mecanismos de ataque das teclas.

Em sala de aula, as maiores dificuldades do discente estavam relacionadas aos saltos entre os intervalos, conforme previsto pelas organizadoras, mas também na compreensão das diferentes articulações da peça e dos diferentes patamares sonoros. Na resolução dessas dificuldades, foram elucidadas questões de movimentação da mão esquerda, objetivando saltos cada vez mais precisos e limpos. Para tanto, partiu-se o pressuposto da “aterrisagem” dos dedos nas teclas, na qual estuda-se o movimento de transição entre a posição da mão inicial para a final, sem necessariamente executar as notas, nos primeiros momentos do estudo. Desse modo, o aluno consegue concentrar no movimento da sua mão/pulso/braço, corrigindo, muitas vezes de forma autônoma, os movimentos curtos ou longos demais, que atrapalham uma execução clara da peça.

Quanto às dificuldades relativas às articulações da peça, foi trabalhado, inicialmente, com o aluno a compreensão do sentido musical das articulações, primeiramente por meio da imitação com a voz e depois com uma imitação cuidadosa dos movimentos ao piano. Desse modo, o aluno rapidamente conseguiu executar as articulações com precisão. No relativo aos diferentes patamares, foram trabalhadas com o aluno diferentes analogias que relacionavam a linha melódica a figura do Saci e o acompanhamento a um coro ou um cenário que ora comentava o seu nome: “Saci”, utilizando a comparação evidenciada acima.

Desse modo, com o devido cuidado de estabelecer no aluno uma correta movimentação da mão esquerda, especialmente nos saltos, no ataque à tecla (ênfase na questão da dinâmica) e na retirada do dedo da tecla (ênfase na articulação), foi possível construir com o aluno uma interpretação satisfatória e exitosa do “Saci” de Luiza Camargo.

4. CONCLUSÕES

Diante dos resultados obtidos, verificou-se que tanto a linguagem idiomática utilizada por Luiza Camargo na sua obra, quanto os comentários tecidos por ela e pelas organizadoras do livro, articulam-se vivamente com a realidade em sala de aula e com as dificuldades dos alunos em nível iniciante-intermediário. Deste modo, compreende-se que a análise cautelosa da partitura e a pesquisa bibliográfica acerca das peças a serem trabalhadas podem ser um poderoso auxílio para o professor, no intuito de vislumbrar as possíveis dificuldades dos seus alunos e planejar as melhores abordagens para superá-las.

Observa-se também que as peças para a mão esquerda também possuem propósitos didáticos, especialmente para o desenvolvimento da mão esquerda, na sua capacidade de executar melodias e harmonias, saltos e articulações distintas.

Da experiência de uso de “O Saci” como repertório nas aulas de piano, constatou-se também a curiosidade e o entusiasmo manifestados pelo aluno em relação à obra, quer por ser uma composição brasileira, quer pelo fato de ser uma peça para mão esquerda solo. Além disso, observa-se que a interpretação musical da peça, frequentemente interpelada por imagens extramusicais, como as analogias para o estabelecimento de patamares de dinâmica e diferentes articulações, anteriormente, citadas, ajudam a desenvolver no discente um senso mais apurado da técnica pianística, bem como de uma capacidade interpretativa mais segura.

Por fim, destaca-se a importância sempre atual de valorizar a produção brasileira, nas diversas etapas da formação musical e na superação dos mais variados desafios no aprendizado de um instrumento musical.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROFELDT, H. **Piano Music for the Left Hand Alone**. [S. l.], s.d. Acessado em 16 mai. 2023. Disponível em: <http://www.left-hand-brofeldt.dk/#top>.

DINIZ, E. **Chiquinha Gonzaga: uma história de vida**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1999.

CAMARGO, L. **Pequenas peças para piano**. 2 Ed. Ampliada e Comentada. Belém: Editora do PPGARTES/ICA/UFPA, 2013.

ENTRE-LUGARES: ONDE O PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL SE MISTURAM

JÚLIA MARIA NEUTZLING SCHULZ¹; DENISE MARCOS BUSSOLETTI ²

¹Universidade Federal de Pelotas – juliaschulz05@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas– denisebussoletti@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Ao conhecer a história e o universo cultural em que está inserido, o indivíduo tem a possibilidade de compreender o mundo que o cerca. Segundo o IPHAN, a educação patrimonial, como instrumento de "alfabetização cultural", é importante pois, além de reforçar a autoestima dos indivíduos e comunidades, reforça a valorização da cultura.

A cidade de Pelotas possui um dos maiores acervos de estilo arquitetônico eclético do Brasil, em quantidade e qualidade, com 1300 prédios inventariados, de acordo com o IPHAN. Anualmente, a Prefeitura de Pelotas organiza o Dia do Patrimônio que conta com exposições, visitas a prédios, feiras e outras atrações. O tema deste ano de 2023 foi "Há 10 anos celebrando pessoas, lugares e histórias". O casarão 2, que faz parte deste acervo foi palco de uma exposição organizada pelo grupo PET Fronteiras e Práticas Populares da UFPel intitulada "A paixão de contar: As saias da Mestra Griô Sirley Amaro"

A dona Sirley da Silva Amaro, uma mestra griô reconhecida pelo Ministério da Cultura através da Ação Griô Nacional, uma das ações do ministério, desenvolvida no âmbito do Programa Cultura Viva, nasceu em Pelotas em 12 de janeiro de 1936 e faleceu na mesma cidade em 28 de outubro de 2020. Filha de um pai cozinheiro e folião e de uma mãe que inventava pomadas e unguentos com ervas e temperos, teve uma infância muito rica e viveu intensamente os conhecimentos tradicionais transmitidos em família. Além de acompanhar o carnaval, colaborou na organização de vários festejos na sua comunidade. Como Mestra passou a ministrar oficinas de contação de histórias e de narração de vivências que a tornaram conhecida e premiada nacionalmente (UFRGS, 2017).

O PET FRONTEIRAS é um dos braços de apoio na implementação das propostas de conservação e divulgação da memória e do patrimônio cultural representado pelos saberes da Mestra. Justifica-se a importância desta atividade pelo papel que a Mestra representou e representa tanto na formação interna do grupo PET FRONTEIRAS, com o dos saberes populares e da cultura local, regional e nacional

A educação tutorial se dá de tal forma que possibilite transitar por espaços educativos de forma autoral, individual e coletivamente. Espaços que podem ser definidos como entre-lugares. Esses entre-lugares "fornecem o terreno para elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade (BHABHA, p.20, 1998).

Este trabalho, portanto, faz parte de uma atividade desenvolvida pelo grupo do Programa de Educação Tutorial da UFPel - PET FRONTEIRAS- que sustenta-

se por uma proposta de educação voltada à diversidade social e cultural e ao respeito aos direitos humanos com princípios nos marcos que os estudos culturais conferem como sendo o de uma Pedagogia da Fronteira (BUSSOLETTI; VARGAS).

2. METODOLOGIA

A realização desse trabalho, desenvolvido pelo grupo PET Fronteiras de forma multidisciplinar teve a participação de discentes oriundos de cursos das mais diversas áreas do conhecimento. A organização da exposição parte de uma saia branca vazia colocada no centro de uma das salas do Casarão 2, de forma a criar um trajeto que possibilite que o visitante o percorra de forma circular, fazendo uma referência não só a construção da saia, como também ao marco civilizatório afrocentrado da circularidade.

Dessa forma, podendo estender à comunidade de maneira interativa, a atividade foi desenvolvida com o intuito de que a prática dos saberes populares e da interação com a exposição possibilitassem acender a curiosidade e o sentimento de pertencimento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao percorrer a exposição o visitante pode ter contato com alguns artefatos expostos, bem como registros imagéticos que pretendiam despertar a reflexão quanto o papel das saias da Dona Sirley em suas atuações. A partir de fuxicos já alinhavados e um pedaço de papel cada pessoa teve a oportunidade de escrever uma palavra que remetesse a uma memória e, assim seguir contando histórias, seguindo um legado: O legado da Mestre Griô Sirley Amaro.

A saia branca vazia foi sendo preenchida por centenas de fuxicos coloridos costurados a ela pelos próprios visitantes da exposição, fazendo com que cada indivíduo passasse a fazer parte da exposição. As imagens a seguir pretendem ilustrar alguns momentos da exposição.



Imagens da exposição “A paixão de contar: As saias da Mestra Griô Sirley Amaro”
Fonte: Da autora, 2023

4. CONCLUSÕES

A produção, bem como a participação na exposição, proporcionou ao grupo PET Fronteiras a oportunidade de vivências únicas em contato com os inúmeros visitantes da exposição, contribuindo com a formação e a informação, fazendo com que o público se reconheça e entenda mais sobre a existência da arte e da identidade cultural. Além disso, buscando combater toda e qualquer forma de hierarquização e invisibilização de outras artes, culturas e histórias, que não as hegemônicas.

Através da atividade foi possível fazer com que os visitantes tivessem um olhar diferente sobre o patrimônio material e imaterial da cidade, de maneira que não sejam apenas prédios antigos ou saberes esquecidos, mas sim parte da construção da identidade cultural pelotense. Esperamos que a saia da Dona Sirley Amaro continue, assim, a materializar a importância dos saberes e das práticas populares, tanto para a formação acadêmica como para a construção de relações educativas mais justas, belas e humanas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, Homi. O local da cultura. Belo Horizonte: editora UFMG, 1998.

BUSSOLETTI, Denise Marcos; VARGAS, Vagner de Souza. **Por entre fronteiras de uma pedagogia que pauta a educação pelas artes gingando saberes e práticas populares.** Extraprensa, São Paulo, ano 8, nº 4, p. 41 – 48, 2014.

INSTITUTO DO PATRIMONIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Guia Básico de Educação Patrimonial. Portal do IPHAN.** Acessado em: 25 abril. 2023. Disponível em:
http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial.pdf.pdf

EXPERIÊNCIA DOCENTE NA EDUCAÇÃO POPULAR

HENRIQUE JACOBUS BASTOS¹; CÁTIA FERNANDES DE CARVALHO²

¹Universidade Federal de Pelotas – henrique.jb00@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – catiacarvalho.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O trabalho presente procura apresentar as dificuldades enfrentadas por educadores no campo do ensino popular, mais focado na experiência pessoal do autor dentro do projeto do Desafio Pré-Vestibular vinculado a UFPel. O projeto do Desafio começou em 1993, com a ideia de alunos que queriam disponibilizar o acesso da educação e do preparo para os vestibulares para alunos de baixa renda, que dificilmente teriam acesso a cursinhos preparatórios particulares.

Em 1997 o projeto ganhou o título de projeto de extensão da UFPel, o Desafio ajudou a inúmeros alunos a conseguirem ser aprovados em diversas instituições de ensino superior, se utilizando de uma forma de educação popular baseada nos escritos de Paulo Freire e outros escritores. Como bem sabemos, o acesso a universidades, mesmo as públicas, não é algo democrático, devido a imensa falta de estrutura das escolas públicas do Brasil, além disso, muitas pessoas nem sequer conseguem ter acesso a educação básica, quanto mais à educação superior. Para tanto, KAVALEK nos traz ressaltando sobre o papel social do desse projeto:

Os cursos pré universitários ministrados por estudantes de licenciatura, nesse sentido, constituem-se em espaços ricos para que o compromisso que a universidade tem com a sociedade seja efetivado, contribuindo também com a práxis, ou seja, o estabelecimento da relação entre a teoria (vista nos cursos de licenciatura) e a prática (trabalho na sala de aula). À vista disso, é notável a importância de as instituições universitárias assumirem iniciativas como projetos/programas de extensão, dando o suporte necessário ao desenvolvimento do trabalho. A universidade assume sua função social, contribui na preparação de jovens para a continuidade dos estudos e, ao mesmo tempo, prepara melhor os licenciandos para a prática e desafios da sala de aula (KAVALEK, 2023, p.2).

A importância do surgimento de setores que propaguem a educação popular, gratuita e de qualidade para pessoas de baixa renda é indiscutível, porém, por ser um cursinho popular, há muitas dificuldades enfrentadas por seus administradores, educadores e até mesmo pelos alunos. Muitas vezes por falta de recursos, por falta de organização da instituição superior e até mesmo falta de apoio da prefeitura do local, fica difícil manter um projeto assim e com qualidade. O desafio é um projeto cercado de dificuldades enfrentadas e neste trabalho trarei as dificuldades enfrentadas por educadores.

2. METODOLOGIA

O trabalho foi realizado a partir de leituras de textos sobre educação popular, leitura do regimento do Desafio Pré-Vestibular, feito também fichamentos para consultas do que deveria ser usado no trabalho e o que não seria. Após isso, foi feita uma busca por compreensão das dificuldades enfrentadas por educadores da área de

História do Desafio através de breves conversas com roteiros semiestruturados para entender bem o que cada educador passa, além de relatos do próprio autor que é educador da área de História, também. De tal modo trata-se de um estudo de cunho qualitativo e de caráter exploratório-descritivo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como educador, se entra no projeto como voluntário, não recebe absolutamente dinheiro nenhum para atuar como professor, apenas horas complementares na faculdade, ou seja, trata-se de uma atuação em rede e de postura colaborativa. O que motiva a participar é a vontade de ensinar, a possibilidade de exercício da docência, o desafio de dar aula e o prazer de preparar as pessoas que não têm acesso a educação paga, a cursinhos particulares e sonham em ingressar numa universidade pública. Assim, além das horas extras ganhas, podemos destacar ganhos profissionais e pessoais, mesmo, aprende-se a lidar com diversos tipos de pessoas diferentes e de realidade distintas da sua e até mesmo entre eles, diferença de como cada um aprende melhor, como pega a matéria mais fácil e quais as dificuldades que cada aluno tem para com o aprendizado:

Quanto mais se problematizam os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio. Desafiados, compreendem o desafio na própria ação de captá-lo. Mas, precisamente porque captam o desafio como um problema em suas conexões com outros, num plano de totalidade e não como algo petrificado, a compreensão resultante tende a tornar-se crescentemente crítica, por isto, cada vez mais desalienada. Através dela, que provoca novas compreensões de novos desafios, que vão surgindo no processo de resposta, se vão reconhecendo, mais e mais, como compromisso. Assim é que se dá o reconhecimento que engaja. (Freire, 1987, p. 40)

Dentro do Desafio, os educadores têm contato entre si o que faz com que todos possam se ajudar e trocar ideias, conhecimentos e experiências, que podem facilitar na hora de dar sua aula, de aprender um jeito novo de compartilhar o conhecimento com os alunos para que consigam aprender de forma mais efetiva, ou seja, são estabelecidos e criados espaços de compartilhamento da docência.

Assim, o objetivo deste trabalho é de construir uma reflexão a cerca da atuação dos educadores dentro do projeto do Desafio, procurando mapear e entender quais as maiores dificuldades que são enfrentadas na hora de dar a aula e além da aula, também, dificuldades na montagem da aula, na elaboração e na delimitação das temáticas para o ano todo, questões de planejamento da área de inserção do educador que é também um estudante extensionista. Além desses elementos que fazem parte do campo de saberes-fazeres docentes. Cabe pensar nas condições concretas para essa atuação: os empecilhos enfrentados pessoalmente como, locomoção, atendimento aos alunos fora da sala de aula, conexão à Internet para dar aula online.

4. CONCLUSÕES

As dificuldades encontradas pelos educadores demonstra muito a defasagem da educação no Brasil, como um todo, e a pouca preocupação que existe em auxiliar professores e alunos de baixa renda. Pouco se faz por estes que tanto ajudam a

comunidade na qual estão envolvidas, na qual trabalham semanalmente para que possa espalhar conhecimentos e para ajudar alunos que estão sendo oprimidos, negligenciados e esquecidos pela sociedade com um todo. Os professores, voluntários, precisam se desdobrar para poderem dar as aulas, pois, exige muito preparo, cuidado e estudo para que saia uma boa aula e para que os alunos compreendam tudo que o professor falou, para que o ajude na prova do vestibular ou do ENEM.

Hoje em dia, os professores também sofrem com a locomoção do Desafio que fica longe do centro pelotense, dificuldade com a infraestrutura online que existe, com a dificuldade de acesso dos alunos e também pela alta evasão que acontece durante o ano justamente pelas dificuldades que os estudantes enfrentam.

Há muito que se possa falar sobre, que se possa discutir, o lado dos educadores dos cursinhos pré-vestibular também deve ser exaltado, estudado e compreendido pela academia e pela sociedade, porque é um ato de empatia, de coragem e de luta pela igualdade da educação para todos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KAVALEK, D. S. **Potencialidades de um curso pré-universitário popular frente ao conhecimento pedagógico de conteúdo na formação inicial de docentes**. Travessias, Cascavel, v. 17, n. 2, p. e31328, 2023. DOI: 10.48075/rt.v17i2.31328. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/31328>. Acesso em: 22 set. 2023.

MEMÓRIA E APRENDIZAGEM: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELO CURIOSAMENTE

DORA ELISA DUARTE DA ROCHA¹; GIOVANA GAMARO²; ADRIANA LOURENÇO DA SILVA³

¹Universidade Federal de Pelotas – dorarocha354@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – giovanagamaro@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – adrilourenco@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é um relato de experiência sobre uma atividade desenvolvida através do projeto “CuriosaMente”, vinculado ao Programa Vizinhança. O objetivo do Projeto CuriosaMente divulgar a neurociências e suas aplicações no cotidiano. Assim, realizamos formação para 70 professores da rede do município de Pelotas, a qual ocorreu no dia 24 de agosto de 2023. Na referida ocasião, apresentamos os objetivos do projeto com a finalidade de disseminar conhecimento acerca de um assunto que é pouco falado: quais os tipos de memória e como ela se forma, o que determina que lembramos de alguns fatos da vida e outros não, ela é importante para o aprendizado?.

A importância de falar sobre memória se relaciona ao fato de que é por meio dela que armazenamos fatos, acontecimentos importantes em nossa vida e, além disso, é a parte principal para a aprendizagem. Portanto, não há como falarmos da memória e não falar disso, pois a aprendizagem é o processo em que se adquire novos conhecimentos, opiniões, comportamento ou memória. Segundo Campos(1987):

[...] a aprendizagem é um Processo contínuo: a aprendizagem está sempre presente, desde o início da vida. Por exemplo, ao sugar o seio materno, a criança enfrenta o primeiro problema de aprendizagem: terá que coordenar movimentos de sucção, deglutição e respiração. É um processo de aprendizagem desde a idade escolar, na adolescência, na idade adulta e até em idade mais avançada, na terceira idade (sem página).

Mais recentemente, neurocientistas têm descoberto que o cérebro tem capacidade de modifica durante todo o ciclo vital, inclusive na idade adulta. Estas modificações são realizadas pelo aprendizado que gera uma constante reconfiguração cerebral (LENT, 2008).

Desse modo, realizamos palestra com o objetivo de conscientizar professores sobre os processos de formação de diferentes tipos de memória e os fatores que influenciam a consolidação ou seu esquecimento.

2. METODOLOGIA

Para a realização da referida atividade, buscamos bibliografia relacionada ao tema. Após reuniões em grupo discutindo a bibliografia, optamos por ser o texto da autora Costa (2023), como o texto base. Durante os encontros, além do conteúdo, foram discutidos as formas de abordagens e estratégias para propiciar

o engajamento dos ouvintes, como imagens que pudessem ilustrar melhor os tipos de memórias que criamos, e para quando utilizamos. Abaixo temos o primeiro exemplo da memória procedimento que é quando dirigimos um carro.

Figura 1



Imagem:<https://autopapo.uol.com.br/curta/cachorro-estava-dirigindo-diz-mulher-apos-bater-o-carro/>

A atividade de formação, ocorreu no auditório da Secretaria Municipal de Educação e Desporto de Pelotas (SMED), começou em torno das 13:30 da tarde e terminou por volta das 17:00. Foram abordados vários assuntos relacionados à neuroaprendizagem, contudo, o retado deste trabalho se refere a minha experiência como estudante de Letras sobre a criação de uma palestra envolvendo os processos de aprendizado e memórias do ponto de vista biológico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como mencionamos anteriormente, para a realização da atividade, recorreremos a autores que tratam do tema da memória e buscamos ilustrar os conteúdos abordados com imagens que representam situações do cotidiano. Partimos do pressuposto que a noção de memória é polissêmica: pode estar relacionada a afetos e a aspectos culturais, mas também tem relação com o desenvolvimento cerebral.

Outro fator importante é que o esquecimento é tão importante quando a própria preservação da memória, e que sem uma justa medida para a retenção ou o descarte das informações acessadas, a vida se tornaria insuportável e a própria capacidade de memória seria prejudicada (IZQUIERDO, 2011).

As professoras participaram ativamente da atividade, dando exemplos dos tópicos abordados no cotidiano do trabalho com os alunos, principalmente os alunos da sala de recursos de atendimento especializado.

Tópicos levantados como a atenção sendo o primeiro passo na formação da memória foi relacionado com as distrações que equipamentos eletrônicos provocam.

Quando falamos sobre o sono sendo o período importante não só para o descanso físico e mental, mas como um processo que ajuda a fixar a memória, muitos professores relataram a dificuldade de aprendizado daqueles alunos cujos pais não impõe horas de sono necessárias para seus filhos.

Quando demonstramos a diferença das memórias de acordo com o tempo, explicamos a diferença entre estudar antes da prova e estudar constante, um pouco a cada dia formando uma memória mais duradoura.

Em suma, relacionamos os fatores como poucas horas de sono, muito tempo no celular, passar a noite toda jogando, má alimentação, falta de atividade física, o estado emocional com os processos que influenciam a memória e o aprendizado. Muitas das explicações neurocientíficas foram elucidando a vivência prática destes professores em sala de aula.

Finalizando, estes aspectos biológicos sobre a memória foi uma descoberta e também novo aprendizado para mim estudante de letras- português, foi uma descoberta nova que agregou muito, eu sempre tive dificuldades para dormir a noite por motivos de ficar muito ansiosa com trabalhos de faculdades e questões do dia- a - dia, ao ler mais sobre a importância do sono e do que precisamos para ter um bom sono e eu comecei a repensar o que eu precisava fazer para mudar isso e apartir dai comecei a me exercitar e percebo uma boa diferença principalmente para dormir bem é claro.

A minha experiência apresentando foi muito compensadora, eu tava um pouco nervosa, não tinha o hábito de usar o microfone mas depois fui me soltando não esperava que os professores fossem participar tanto das discussões e gostar tanto do tema, foi gratificante passar uma informação que ajudará a todos.

4. CONCLUSÕES

Ao longo do trabalho realizado na formação de professores, foi possível observar muitos elementos, tais como o relato dos professores sobre os alunos não dormirem ou dormirem tarde, o que ocasiona em um aprendizado ruim. Além disso, os professores foram bem participativos e comentaram que foi muito importante o tema que levamos. Dessa forma, foi possível concluir que levar o conhecimento científico e atual aos professores do ensino básico é importante para que estes professores consigam compreender e auxiliar nos processos educacionais durante as diferentes fases da vida do educando, auxiliando também aqueles alunos que por ventura apresentam alguma dificuldade provisória ou permanente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, R. L. S. Neurociência e aprendizagem. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, vol.28, 1-22, 2023.

IZQUIERDO, I. **Memória**. 2. ed. rev. e atual. Porto Alegre: Artmed, 2011.



LENT, R. Às portas da percepção: as bases neurais da percepção e da atenção.
In: LENT, R. **Cem bilhões de neurônios: conceitos fundamentais de neurociência**. São Paulo: Atheneu; 2001. Cáp.17, 611-642.

EXPERIÊNCIA DE PIBIDIANOS(AS) DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA FRANCISCO SIMÕES

LEONARDO DA COSTA FURTADO¹; MARINA PORTELA²; FRANCIELE ROOS DA SILVA ILHA³, NEIR PADILHA⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – leo_furtado7@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – portelamarina@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – francieileilha@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – neir-apadilha@educar.rs.gov.br

1. INTRODUÇÃO

A experiência trazida pela participação no Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência (PIBID) de acadêmicos/as de todos os cursos com foco no trabalho docente tem papel fundamental na formação destes futuros profissionais. O PIBID, programa da CAPES, tem como objetivo antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública.

A escola, como maior formadora de seres humanos, merece ter uma atenção especial por parte deste aspirante a professor desde cedo, o colocando a par dos desafios que a mesma proporciona.

O trabalho da Escola Francisco Simões tem papel valioso na comunidade em que se insere, trabalhando arduamente para proporcionar o melhor aprendizado de crianças e adolescentes da melhor forma possível.

No campo da Educação Física não é diferente, por vezes, necessitando de uma atenção ainda maior visto o potente meio de inserção social encontrada na cultura corporal e tudo que a compõe, além do constante trabalho para a pedagogização da Educação Física.

A Educação Física na Escola Francisco Simões, em específico, tem papel de caráter formador e essencial no desenvolvimento dos alunos como forma de promover a formação de valores através da cultura corporal.

O olhar pedagógico para a Educação Física precisa ser trabalhado de acordo com as necessidades e evolução da população, não se atendo apenas a parte biológica de como funcionamos, e focando primeira na formação de atitudes (ARCHANGELO GUIMARÃES, 2001).

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo relatar a experiência de pibidianos(as) do campo da Educação Física acerca de sua participação no Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência.

2. METODOLOGIA

A vivência dos/as Pibidianos/as e a compreensão da vivência daqueles que compõem a escola, dentro e fora da mesma, foram vitais para a composição deste trabalho, além da orientação de seus professores orientadores, tanto na Universidade Federal de Pelotas quanto na Escola Francisco Simões. Dessa forma, este estudo é de natureza qualitativa e é um relato de experiência. O relato é realizado por dois participantes do PIBID, que realizam as suas atividades na Escola Estadual Francisco Simões com estudantes do 6 ao 9º ano do ensino fundamental.

Semanalmente, os/as Pibidianos/as conciliam a observação dos alunos através de aulas de Educação Física na escola e demais atividades que ocorrem nesse espaço, e também reuniões com a coordenadora do PIBID, o supervisor da escola e o grupo de pibidianos/as para refletir e debater sobre aquilo que é visto na escola, bem como planejar ações e aprimorar a fundamentação teórica para às mesmas. Durante estas reuniões na Escola Superior de Educação Física (ESEF) tivemos encontro de estudo e discussões sobre o Referencial Curricular Gaúcho (RCG) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que formam a linha de raciocínio e montagem da grade curricular de todas as escolas do âmbito nacional e regional. A próxima temática será a discussão acerca de abordagens pedagógicas da Educação Física, fundamental para os iniciantes na área da docência, buscando melhor contextualizar e fundamentar as práticas docentes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho do professor, principalmente na rede pública, tem papel fundamental na formação de jovens e adolescentes. Quando falamos em educação física, pode vir a ser até uma forma de vida futura para o aluno envolvido. Independente do mesmo vir a viver disso ou não, o papel principal do trabalho docente nesta área é de criar valores morais, incentivar a ética e boa conduta dentro e fora da escola, além, claro, da qualidade de vida física e mental.

As atividades desenvolvidas no Projeto, por sua vez, envolvem observação e participação voluntária dos/das Pibidianos/as na montagem e desenvolvimento de aulas para os/as estudantes do 6º ao 9º ano. Neste período em que estivemos na escola, trabalhamos com os conteúdos de Punhobol, Futsal, Rugby, assim como atividades voltadas para ritmo e música.

Nos dias onde não pudemos nos deslocar até a quadra poliesportiva, criamos atividades dentro de sala de aula onde aprendemos sobre o Skate e utilizamos Chromebooks, que são ótimas ferramentas que facilitam a distribuição de material didático.

Na escola Francisco Simões encontram-se diversos profissionais dispostos a lutar pela boa formação das mentes do nosso futuro, apesar de tantas dificuldades como falta de recursos, incentivo e espaço adequado para práticas esportivas e demais atividades.

Já nas reuniões dentro da ESEF, buscamos sempre manter vivo o pensamento crítico e entender o que podemos aprender e ensinar dentro do ensino público. Neste contexto onde os/as Pibidianos/as estão inseridos, é mais fácil aprender com os/as estudantes e demais envolvidos no funcionamento da escola do que propriamente exercer o papel de professor e ensinar, mesmo que tenham autonomia para tal.

Com todas essas informações, cada vez mais nos sentimos preparados para compreender e cooperar com a formação de crianças e adolescentes, entendendo seus contextos, suas virtudes e dificuldades, para, assim, ensiná-los sobre bons valores éticos e morais que a cultura corporal pode fornecer.

4. CONCLUSÕES

Com a evolução das aulas se foi criada uma maior facilidade de comunicação com os/as estudantes, e é notória a facilidade do/da Pibidiano/a, com uma energia mais jovial universitária, de se entrosar com as turmas de anos iniciais. O uso do

Ensino 'do' e 'através do' Esporte (GRECO; BENDA, 1998) se fez presente nas aulas que tratamos sobre isso, o esporte compondo uma das diversas camadas do que chamamos de Cultura Corporal. O olhar pedagógico para a Educação Física precisa ser trabalhado de acordo com as necessidades e evolução da população, não se atendo apenas a parte biológica de como funcionamos, e focando primeira na formação de atitudes (ARCHANGELO GUIMARÃES, 2001). É essencial a vivência dentro deste ambiente para formar um professor capacitado, por isso, fica o agradecimento a CAPES, o PIBID, e aos professores orientadores por proporcionarem esta experiência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENDA, Rodolfo Novellino; GRECO, Pablo Juan. **Iniciação Esportiva Universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico**. Belo Horizonte: Ed. UFMG

ARCHANGELO GUIMARÃES, Ana. **Educação Física Escolar: Atitudes e Valores**. Presidente Prudente: UNESP

O TRABALHO PÚBLICO DE SERVIDORES PÚBLICOS NA EDUCAÇÃO: UMA PROPOSTA FORMATIVA

ISADORA CABREIRA DA SILVA¹; ANTONIO SILVEIRA JÚNIOR²; DÉBORA AVENDANO DE VASCONCELLOS SINOTI³; FABIANA CELENTE MONTIEL⁴; MARI REGINA ROCHA JANKE⁵; VALDELAINÉ DA ROSA MENDES⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – isadorasilvacabreira@gmail.com

²Instituto Federal Sul-rio-grandense – antoniosilveirajunior@gmail.com

³Prefeitura Municipal de Pelotas – debsinoti@gmail.com

⁴Instituto Federal Sul-rio-grandense – fabianamontiel@ifsul.edu.br

⁵Universidade Federal de Pelotas – marireginarochakanke@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – valdelainemendes@outlook.com

1. INTRODUÇÃO

O presente texto busca relatar as ações de extensão do projeto intitulado “O trabalho público de servidores públicos na educação” que surgiu durante o período da pandemia de Covid-19 e desenvolve ações de ensino e extensão voltadas às discussões sobre o serviço público. O projeto foi criado com a finalidade de compreender o papel e a importância do servidor público a partir de estudos e discussões coletivas, bem como buscar contribuir para a visibilidade do tema, pois há uma escassez de estudos na área. Segundo Darcy (2017), os serviços públicos consistem em ações efetuadas pelo estado para o atendimento das necessidades básicas e coletivas da sociedade, e que não estão submissos aos propósitos de determinados grupos políticos que passam pelas gestões dos entes da federação.

Foram realizadas ao longo dos últimos três anos ações de ensino e extensão, pontuando tais ações com notória relevância para a garantia dos Artigos 205-214 da Constituição Federal (BRASIL, 1988), embasadas na produção científica sobre o serviço público em relação ao Direito à Educação.

O projeto possui membros da Universidade Federal de Pelotas; do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense; do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha; do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul; da Rede Municipal de Ensino da Prefeitura Municipal de Pelotas; da Rede Municipal de Ensino da Prefeitura Municipal de Piratini; da Rede Estadual de Ensino do Estado do Rio Grande do Sul; Universidade Federal de Rio Grande; da Universidade Federal do Pampa; da Universidade Federal do Rio de Janeiro; tais membros são servidores da educação, estudantes de graduação e pós-graduação.

Os principais objetivos do projeto são: 1) ampliar a discussão sobre a importância e o papel do servidor público na educação; 2) aprofundar compreensões e qualificar a discussão sobre os aspectos do trabalho feito por tais servidores; 3) fomentar as discussões sobre a temática, tanto dentro quanto fora da universidade.

A partir disso, temos como objetivo apresentar as ações de extensão realizadas durante os três anos do projeto, com o propósito de compartilhar as discussões e interações com os pares que ocorreram nesse período.

2. METODOLOGIA

Nos anos de 2020, 2021 e 2022, as ações de extensão ocorreram de maneira *on-line*, a partir de transmissões ao vivo pelo canal do *YouTube* intitulado “Trabalho Público na Educação Ação Extensão UFPEL” que, após o término, ficaram disponíveis no canal do projeto para visualizações posteriores.

A cada transmissão um membro do projeto mediava as atividades, as temáticas discutidas serão apresentadas nos quadros abaixo:

Quadro 1 - Atividades de 2020 e 2021

Temática	Palestrante	Data da Transmissão
O trabalho público de servidores públicos na educação	Luis Henrique Schuch	08/12/2020
O trabalho de servidores públicos em tempos de pandemia	Amanda Moreira da Silva	23/03/2021
Desmonte do Estado, desmonte do serviço público	Maria Lucia Fattorelli	27/04/2021
A Dívida Pública do RS e a sua relação com a Dívida da União	Josué Martins	25/05/2021
Dívida Pública: origem e constituição	Nildo Ouriques	22/06/2021
O que a sociedade perde com o sistema da dívida pública?	Antônio Cruz	27/07/2021
Reflexos da dívida pública na Educação	Lauro Borges	24/08/2021
O que a sociedade perde para a PEC 32?	Eisler Rosa Cavada	28/09/2021
Reforma tributária: mudanças e impactos para a sociedade	Daniel Corrêa da Silva	26/10/2021
A devastação do trabalho: rumo à uberização do funcionário público?	Ricardo Antunes	24/11/2021

Fonte: Canal YouTube Trabalho Público na Educação Ação Extensão UFPEL (2023)

Quadro 2 - Atividades de 2022

Temática	Palestrante	Data da Transmissão
Trabalho, Educação e Lutas Sociais	Virginia Fontes	22/02/2022
Precarização do Trabalho: importância do serviço público	Giovanni Alves	22/03/2022
Escravidão no Brasil e no Mundo	Tiago Muniz Cavalcanti	24/05/2022
O trabalho dos servidores públicos da Educação na Bolívia	Jaqueline Villafuerte Bittencourt	28/06/2022
Estado e serviços públicos na Argentina	Luís Aguilar	13/09/2022
Estado e serviços públicos o Uruguai	Alfredo Falero	04/10/2022
Estado e serviços públicos no Chile	Fabian Cabaluz	08/11/2022

Fonte: Canal YouTube Trabalho Público na Educação Ação Extensão UFPEL (2023)

As temáticas suscitam proeminentes reflexões não apenas da realidade brasileira, mas proporcionam o conhecimento da realidade do serviço público em outros países e as conexões que tensionam ações para o desmantelamento e a precarização do serviço público essenciais à sociedade.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das atividades transmitidas ao vivo no canal do projeto, tais discussões ficaram enquanto um conteúdo permanente no site, para acesso posterior dos membros do projeto que não puderam acompanhar ao vivo, para o público geral interessado na atividade e atualmente para um embasamento nas construções dos textos de pesquisa que o projeto está elaborando. Sendo assim, um acervo de discussões teóricas foi construído, totalizando 4.061 visualizações até a data de 20 de setembro de 2023.

A questão formativa não esteve direcionada somente ao público externo, pois a qualificação da formação dos componentes do projeto aconteceu de forma gradual, relatada através de conversas nas reuniões de planejamento das ações de extensão e nas reuniões de estudos. As discussões acerca de temas mais complexos como o Sistema da Dívida Pública foi apropriada pelos membros de maneira coletiva.

Limites e dificuldades apareceram no decorrer do projeto, sendo as tecnologias e usos do tempo os principais, dificuldades de conexão e até de transmissão por conta da oscilação na conexão à internet, em relação aos usos do tempo, os relatos de atendimento as tarefas domésticas e participação simultânea nas atividades do projeto foram recorrentes por parte das participantes.

Com o retorno das atividades presenciais nas instituições públicas, o projeto desenvolveu, até então, três atividades presenciais, sendo a primeira intitulada “Estados e serviços públicos no Uruguai” realizada no dia 04 de outubro de 2022; a segunda intitulada “A luta sindical na Educação Pública” realizada no dia 13 de abril de 2023 e por fim, o evento “Seminário O Serviço Público e o Direito à Educação” que ocorreu nos dias 15 e 16 de junho de 2023, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

3. CONCLUSÕES

Para além das ações formativas, o projeto construiu um compromisso político em relação ao serviço público e o direito à educação, a partir das discussões realizadas nas ações de ensino e extensão, principalmente em relação a importância de expandir o entendimento dos direitos presentes na Constituição Federal de 1988 que serão garantidos pela oferta de serviços públicos de qualidade, e que o acesso a tais serviços devem ser monitorados e avaliados por os sujeitos que fazem seu uso.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, BRASIL. **[Constituição (1988)]**. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, [2023].

DARCY, Norberto C. Los servicios públicos essenciais e La satisfacción de los derechos humanos. **Revista Éforos**. 2017.

GAMEPAD: ATIVIDADE FÍSICA E INCLUSÃO SOCIAL PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

ISRAEL ISAQUE ARMSTRONG LOBATO LABANCA¹; CESAR AUGUSTO
OTERO VAGHETTI²

¹Universidade Federal de Pelotas - UFPEL – isaque.labanca@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - UFPEL – cesarvaghetti@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A educação inclusiva é um pilar fundamental para promover igualdade de oportunidades no ambiente educacional. Os Exergames são ferramentas que desempenham um papel significativo no processo de aprendizado dos alunos, fazendo uso de videogames e aproveitando a facilidade de acesso ao mundo digital. Autores como GEE (1991), KNOBEL (1999) e LUKE & ELKINS (2000) discutem como o aumento do uso da tecnologia em nosso cotidiano tem proporcionado maior acesso a informações e recursos que podem ser benéficos para o desenvolvimento dos alunos.

De acordo com VAGHETTI (2012), os videogames, também conhecidos como jogos ativos, jogos de atividade física, exergames ou EXGs, são sistemas de entretenimento que incorporam o esforço físico como parte essencial da jogabilidade, o que os diferencia dos videogames convencionais. Esse tipo de abordagem não apenas envolve os jogadores digitalmente, mas também os incentiva a se movimentarem fisicamente, o que pode ser benéfico para a saúde e o desenvolvimento motor dos alunos.

Ao longo dos anos, as pessoas com deficiência (PCD) têm enfrentado a exclusão social, o que tem um impacto direto na qualidade de vida e contribui para o aumento do sedentarismo (ALVES; DUARTE, 2011) e as crianças surdas ou com perda auditiva frequentemente enfrentam desafios relacionados à coordenação motora, percepção espaço-temporal e ritmo. No entanto, é possível atenuar ou resolver essas dificuldades por meio de atividades que promovam o desenvolvimento motor. (SILVA et al., 2014).

Portanto, o objetivo desta pesquisa foi realizar um relato do projeto.

2. METODOLOGIA

Este estudo constitui uma pesquisa de natureza descritiva, enquadrada no tipo de relato de experiência, cujo propósito é apresentar as vivências decorrentes do projeto de extensão denominado “GamePad: Videogames de Movimento para Pessoas com Deficiência”.

O projeto, ainda em andamento, está sendo conduzido nas instalações da Escola Superior de Educação Física (ESEF), especificamente no ExergameLab Brasil, o Laboratório de Exergames da ESEF. O projeto envolve a participação de duas instituições: nove alunos com surdez e dois com perda auditiva, que cursam do 2º ao 5º ano do ensino fundamental na Escola Bilíngue Professor Alfredo Dub, e um grupo composto por 10 alunos que apresentam deficiências múltiplas, pertencentes à Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE).

Os consoles Xbox 360 e Nintendo WiiU foram utilizados como plataformas de jogo, e foram empregados os seguintes jogos: Kinect Sports, Just Dance e os jogos de equilíbrio presentes no Wii Fit U.

Os procedimentos empregados neste estudo compreendem o uso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), sendo que as sessões com estudantes surdos ocorrem nas tardes das terças-feiras, com uma duração média de aproximadamente duas horas e meia, enquanto as atividades com pessoas com deficiência (PCD) ocorrem nas manhãs das quartas-feiras, com uma duração média de aproximadamente uma hora e meia. A intervenção consistiu na realização dos movimentos físicos exigidos em cada jogo, acompanhada de instruções em LIBRAS fornecidas aos participantes, visando permitir o acompanhamento da progressão do jogo e de sua narrativa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Devido ao fato do projeto estar em andamento, percebeu-se um aumento de participação dos alunos nas atividades propostas não apenas direcionadas para esportes e um maior engajamento em atividades lúdicas. A principal preocupação inicialmente era a receptividade dos alunos a uma abordagem diferente, especialmente considerando que o grupo era composto por alunos surdos e deficientes auditivos. Houve a preocupação de que alguns alunos pudessem resistir ou criar barreiras em relação a essa nova abordagem, como foi o caso de um aluno do 4º ano, que inicialmente só concordou em participar das atividades se fossem relacionadas ao futebol. Felizmente, essa preferência não se mostrou um problema, pois o jogo Kinect Sports inclui uma modalidade de futebol. No entanto, os demais alunos demonstraram receptividade e disposição para experimentar novos jogos.

Os videogames, que durante muito tempo foram associados à inatividade e ao sedentarismo, conforme ressaltado por Dornelles et al. (2019), atualmente adquirem um novo conceito, o de incentivar a prática do exercício físico, além de serem utilizados em diversos estudos relacionados ao bem-estar, desenvolvimento motor e equilíbrio, como já evidenciado na extensa literatura.

A barreira linguística se revelou um desafio em determinados momentos, apesar da competência do bolsista na comunicação em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Algumas atividades careciam de sinais previamente estabelecidos para identificar seus nomes, o que demandou o uso de gestos e demonstrações para esclarecer o propósito do jogo. Além disso, em situações em que se esquecia algum sinal ou era difícil transmitir informações específicas, pais e professores também colaboraram na comunicação.

Além disso, o período das atividades foi aproveitado para coletar dados para outro estudo, cujo foco é avaliar o desenvolvimento das habilidades motoras a partir dos exercícios propostos nos jogos.

Esses momentos de intervenção foram de extrema importância para o desenvolvimento individual de cada aluno. Alguns demonstraram maior facilidade em se adaptar, enquanto outros enfrentam outras dificuldades para compreender os jogos. No entanto, a cada sessão, era evidente o crescimento do interesse de todos em experimentar essa nova ferramenta.

4. CONCLUSÕES

As atividades realizadas atendem aos objetivos do projeto, além disso pais e professores também se mostraram bastante interessados e motivados.

Em uma primeira análise, a atividade física e a inclusão social podem ser realizadas com videogames de movimento, proporcionando não apenas exercício físico, mas também exercícios cognitivos para essa população.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, M. L. T.; DUARTE, E. Os caminhos percorridos pelo processo inclusivo de alunos com deficiência na escola: uma reflexão dos direitos construídos historicamente. **Rev. Educ. Espec.**, Santa Maria, v. 24, n. 40, p. 207-218, maio/ago. 2011. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>

DORNELLES, J.; ROSA, L. R.; DIAS, C. P.; TIGGEMANN, C. L. Influência do índice de massa corporal e do nível de atividade física no desenvolvimento motor e aptidão física de crianças. **Arq. Ciênc. Saúde UNIPAR**, Umuarama, v. 23, n. 3, p. 163-169, set./dez. 2019

GEE, J. P.; Social linguistics and literacies: Ideology in discourses. **Falmer Press**, Londres, v. 37, n. 8, p. 53-64, 1991.

KNOBEL, M.; Everyday literacies: Students, discourse, and social practice. **New York: Peter Lang Publishing**, Nova Iorque, 1999.

LUKE, A., & ELKINS, J.; Re/mediating adolescent literacies. **Journal of Adolescent & Adult Literacy**, Nova Iorque, v. 43, n.5, p. 396-398, 2000.

SILVA, F. D.; La Educación Física inclusiva para alumnos con discapacidad auditiva. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, v. 18, n. 190, 2014. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd190/educacao-fisica-com-deficiencia-auditiva.htm>

VAGHETTI, C, A, O.; DUARTE, M, A.; RIBEIRO, P, O.; BOTELHO, S, S, C.; Using Exergames as Social Networks: Testing the Flow Theory in the Teaching of Physical Education. **XI SBGames**. Brazil, v. 2, n. 4, p. 29-37, nov. 2012

LIGA ACADÊMICA DE CUIDADOS PALIATIVOS E TANATOLOGIA DA UFPEL

LUCAS CORRÊA FERRARI¹; JULIETA MARIA CARRICONDE FRIPP²

¹UFPEL – lucasferrari212@gmail.com

²UFPEL – julietafripp@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020), Cuidados Paliativos se referem à um conjunto de práticas multidisciplinares que visam a melhora da qualidade de vida de pacientes associados a doenças potencialmente fatais e seus familiares através da prevenção e do alívio do sofrimento físico, psicológico, social e espiritual.

O presente trabalho busca abordar um tema de relevância crescente na área da saúde. Segundo a OMS (2020), estima-se que quase 60 milhões de pessoas necessitem de cuidados paliativos em todo o mundo, embora apenas cerca de 14% os recebam de fato.

A Liga Acadêmica de Cuidados Paliativos e Tanatologia (LACPAT) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) foi desenvolvida na Faculdade de Medicina (FAMED-UFPEL) no ano de 2014, sendo atualmente supervisionada pela diretora geral da mesma. Esta liga, presente fisicamente na Unidade Cuidativa da UFPEL de Pelotas, opera em um modelo interdisciplinar que agrega estudantes matriculados nos cursos de Medicina, Enfermagem, Psicologia, Fisioterapia, Nutrição, Terapia Ocupacional e Serviço Social, oriundos de instituições de ensino superior tanto públicas quanto privadas localizadas na cidade de Pelotas/RS.

A LACPAT conduz uma variedade de projetos abrangendo as esferas do ensino, pesquisa e extensão, destacando-se pela harmonização entre a teoria e a prática. Por meio dessas iniciativas, a liga promove a expansão do conhecimento dos estudantes em relação aos Cuidados Paliativos, permitindo uma compreensão mais profunda e uma visão abrangente desses importantes aspectos da assistência em saúde.

Este trabalho centra-se na necessidade de apresentar os cuidados paliativos e a LACPAT à sociedade acadêmica, com a finalidade de estimular o interesse para que assim possa-se aprimorar a formação de profissionais da saúde e acadêmicos no contexto dos Cuidados Paliativos e na compreensão das questões relacionadas à morte e ao processo de luto. Em uma sociedade que enfrenta um envelhecimento da população e uma crescente demanda por assistência em saúde em fases avançadas da vida, torna-se crucial explorar e promover uma abordagem multidisciplinar e humanizada para essas questões sensíveis.

2. METODOLOGIA

Os objetivos deste trabalho incluem a investigação das práticas e desafios enfrentados pela Liga Acadêmica de Cuidados Paliativos e Tanatologia da UFPEL, bem como a análise da contribuição dessa iniciativa para a formação acadêmica e a sensibilização da comunidade em relação aos temas de cuidados paliativos e tanatologia. Além disso, busca-se destacar a importância da abordagem multidisciplinar na promoção de uma assistência integral e compassiva aos pacientes em situação de terminalidade.

Dentro do estimulante ambiente da Unidade CuidATIVA (ambulatório dedicado aos Cuidados Paliativos na Universidade Federal de Pelotas), uma multiplicidade de atividades teóricas e práticas são planejadas e executadas. Essas atividades compreendem uma série de componentes cruciais que abrangem tanto o desenvolvimento do conhecimento acadêmico quanto a conexão com a comunidade e a imersão prática no campo dos Cuidados Paliativos.

Primeiramente, merece destaque o papel fundamental das aulas expositivas para os integrantes da LACPAT, que abordam com profundidade e rigor conceitos e tópicos pertinentes aos Cuidados Paliativos. Essas aulas não apenas capacitam os estudantes com um arcabouço sólido de conhecimento teórico, mas também os preparam para compreender as complexidades e nuances desse campo crucial de cuidados de saúde.

Adicionalmente, a Unidade CuidATIVA desempenha um papel proeminente ao sediar eventos acadêmicos, tais como Jornadas e Aulas Abertas. Estes eventos proporcionam um fórum intelectual dinâmico onde tanto a comunidade acadêmica quanto o público em geral podem se envolver em discussões profundas e críticas sobre os temas prementes relacionados aos Cuidados Paliativos. Isso não só enriquece a base de conhecimento, mas também fomenta a conscientização e a interação construtiva entre diferentes segmentos da sociedade.

Outrossim, a Unidade CuidATIVA não se limita a sua dimensão acadêmica, estendendo-se calorosamente à comunidade circundante. A realização de eventos comunitários, como a Festa Junina e a Festa do Dia das Crianças, cria uma ponte de ligação entre a academia e a sociedade. Isso não apenas nutre um senso de pertencimento, mas também humaniza a experiência dos cuidados paliativos, demonstrando que a atenção integral à saúde é um esforço coletivo que transcende os muros da instituição.

Por último, mas não menos importante, destacam-se os estágios semanais obrigatórios que formam a espinha dorsal do ensino prático oferecido pela Unidade CuidATIVA. Esse componente prático é essencial para a formação dos estudantes, pois possibilita que eles apliquem o conhecimento adquirido em um contexto real de assistência aos usuários do serviço de Cuidados Paliativos. Esses estágios proporcionam uma riqueza de experiência, permitindo que os alunos desenvolvam habilidades essenciais e uma compreensão empática dos desafios enfrentados pelos pacientes em sua jornada de cuidados paliativos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A LACPAT desempenha um papel crucial ao promover a integração entre acadêmicos e a comunidade. Isso é alcançado por meio dos serviços oferecidos dentro da Cuidativa, que permitem que os estudantes absorvam uma visão mais abrangente do indivíduo e seus familiares. Isso, por sua vez, estimula a promoção do cuidado integral do ser humano, levando em consideração suas dimensões físicas, espirituais, sociais e psíquicas.

Através dessa liga, os acadêmicos têm a oportunidade de se envolver em atividades práticas que vão além do ambiente tradicional de sala de aula. Eles podem prestar assistência direta aos pacientes e suas famílias que buscam cuidados paliativos na Unidade CuidATIVA. Durante essas interações, os estudantes testemunham em primeira mão a complexidade das necessidades humanas em situações delicadas de saúde.

Essas necessidades não se limitam apenas ao aspecto físico, mas também incluem aspectos espirituais, que abordam questões de significado e transcendência, assim como aspectos sociais, relacionados às dinâmicas familiares e sociais dos pacientes. Além disso, a dimensão psíquica, que envolve aspectos emocionais e psicológicos, também é fundamental nesse contexto.

A experiência adquirida por meio dessa liga não apenas aprimora as habilidades clínicas dos acadêmicos, mas também os sensibiliza para as múltiplas dimensões da experiência humana em cuidados paliativos. Essa abordagem integral da formação dos estudantes contribui para a formação de profissionais de saúde mais compreensivos e centrados no paciente, preparados para prestar cuidados de qualidade que respeitem todas as facetas da individualidade de cada paciente.

Portanto, a LACPAT desempenha um papel importante não apenas na educação dos acadêmicos, mas também na promoção de uma cultura de cuidado abrangente na comunidade acadêmica e na sociedade em geral. Esse compromisso com o cuidado integral pode ter um impacto positivo significativo na qualidade dos cuidados prestados aos pacientes e em suas famílias em momentos críticos de suas vidas.

4. CONCLUSÕES

A Liga Acadêmica de Cuidados Paliativos e Tanatologia (LACPAT) se destaca como um valioso complemento à educação universitária, pois oferece uma abordagem de ensino que transcende o ambiente tradicional de sala de aula. A LACPAT promove atividades que englobam teoria e prática, incentivando a pró-atividade e despertando o interesse dos alunos. Esse enfoque dinâmico e envolvente enriquece a experiência de aprendizado.

Não obstante, a participação na LACPAT proporciona aos estudantes a oportunidade de aprofundar seu conhecimento e familiaridade com os assuntos. Essa exposição pode influenciar positivamente as escolhas de especialização no futuro, permitindo que os alunos tomem decisões mais informadas sobre suas carreiras.

Vale ressaltar que os benefícios não se limitam apenas aos acadêmicos. A comunidade também se beneficia com a atuação da LACPAT, uma vez que a liga se empenha em realizar atividades e estabelecer laços próximos com a população. Isso se traduz não apenas em melhorias específicas como o controle da dor, melhora psicológica, melhora motora, entre outros, mas também à uma disseminação de conhecimento, contribuindo para uma melhor compreensão da saúde.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OMS. Palliative Care. World Health Organization, 5 ago. 2020. Acessado em 12 set. 2023. Online. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/palliative-care>

LACPAT. Liga acadêmica de cuidados paliativos e tanatologia - LACPATA. Institucional UFPEL. Acessado em 11 set. 2023. Online. Disponível em: <https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/u6017>

POR UMA PSICOLOGIA ESCOLAR PARTICIPATIVA: REFLEXÕES E CONSTRUÇÃO DE UM ESTÁGIO NO IFRS

MAURICIO BILHALVA DE FREITAS¹; CINTHIA DA SILVEIRA SIMÕES PIRES²;
JULIANA ACOSTA BRUM³; GERUZA TAVARES D'AVILA⁴; LUIZ EDUARDO
NOBRE DOS SANTOS⁵

¹Universidade Federal do Rio Grande – mauricio.bilhalva.freitas@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande – cinthiasimoespires@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande – jubrum00@gmail.com

⁴Universidade Federal do Rio Grande – geruzatavaresdavila@gmail.com

⁵Instituto Federal do Rio Grande do Sul – luiz.santos@riogrande.ifrs.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A Psicologia Escolar é uma das grandes áreas de atuação do profissional em Psicologia, e consiste em diversas demandas perante os diferentes espaços estudantis possíveis. Porém, a área apresenta uma grande carência estrutural tornando suas práticas sobrecarregadas e multifacetadas, levando o profissional a abraçar diversas funções, não necessariamente específicas do seu exercício, mas para que possa suprir as necessidades do ambiente em que está inserido.

Assim sendo, neste resumo, o objetivo é refletir sobre a construção de um estágio obrigatório do curso de Psicologia de uma Universidade do extremo sul do estado do Rio Grande do Sul (RS) junto ao Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS). Este é referência no investimento em educação e infraestrutura, porém, mesmo em um espaço privilegiado, há um único psicólogo na instituição sobrecarregado com a manutenção e atendimento de demandas, dividido entre psicólogo escolar e coordenador da assistência estudantil. Segundo Lopes, Lopes e Teixeira (2009), as dificuldades de sobrecarga, falta de recursos, barreiras e estigmas, entre outros problemas, são dificultadores do trabalho do psicólogo dentro da instituição, e esse é um cenário que torna-se mais frequente no serviço público.

Tavares (2004) discute as possibilidades de atuação dentro do espaço, com a escuta e com intervenções sobre as demandas dos alunos, mas torna-se necessária a validação de um trabalho próximo às outras esferas da instituição, como o trabalho voltado aos docentes. Pensando assim e reconhecendo a grande quantidade de demandas que sobrecarregam o setor da assistência estudantil, foram elaboradas intervenções com o objetivo de suprir tanto as demandas dos discentes, quanto dos docentes e dos servidores do Instituto.

2. METODOLOGIA

A partir do Diagnóstico Institucional (BLÉGER, 1984), foram propostas três tipos de intervenção, contemplando diferentes públicos-alvo na Instituição. A primeira intervenção trata-se de uma oficina em Orientação Profissional (OP) para alunos do quarto ano, com data prevista para 4 de outubro e duração de 1h30, que cederá um espaço para discussão de temas como a ansiedade pré-ENEM, ingresso no ensino superior e no mercado de trabalho, além de contar com um momento dedicado à produções artísticas envolvendo a visão dos alunos acerca de seus próprios sentimentos nesse processo. Vygotsky (1999)

afirma que a interação de um indivíduo com o outro faz-se fundamental para o desenvolvimento humano; assim, quando se propõe uma intervenção relacionada ao meio artístico, o terapeuta coloca-se como mediador do processo, trabalha-se com o estímulo à troca de ideias entre o meio grupal, trabalhando pela conexão do indivíduo com o ambiente em que se insere, o que enriquece o processo criativo e favorece o desenvolvimento de habilidades socioemocionais.

A segunda intervenção será uma formação dedicada aos servidores, técnicos e docentes. O objetivo será o de fomentar o conhecimento acerca de informações sobre a comunidade LGBTQIA+ no ambiente institucional, dirimindo dúvidas e contribuindo para um ambiente salutar e de combate às violências de todas as formas. Dente, Boruchovitch e Brenelli (2019) discorrem sobre a importância da atuação junto aos professores, expondo a capacidade da psicologia em transpassar barreiras e propiciar um espaço mais harmônico e de melhor convívio entre seus pertencentes.

A terceira intervenção consistirá na elaboração de panfletos com o objetivo de orientar os docentes e os discentes da Instituição em relação ao acolhimento e encaminhamento de demandas que necessitam do acompanhamento da Coordenação de Assistência Estudantil (CAE) e do Núcleo de Atendimento a Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE) do IF. Serão distribuídos panfletos no formato de *folder*, contendo informações como o papel e as responsabilidades de ambos setores, assim como elementos essenciais sobre necessidades educacionais específicas. Segundo Macedo e Araújo (2020), as possibilidades de atuação dos estagiários em Psicologia para com esses servidores é vasta, e deve atender as necessidades apresentadas pela equipe, por meio da análise dos próprios estagiários sobre a situação. Assim, buscou-se compreender, em primeiro momento, as demandas dos setores de forma a identificar quais eram as dificuldades apresentadas pelos mesmos, numa tentativa de lidar com problemas já consolidados e auxiliar em sua resolução, proporcionando uma maximização na comunicação entre os núcleos de atuação do instituto e os docentes com o objetivo de promover um ambiente mais saudável e acolhedor.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde o ingresso das estagiárias e do estagiário, em março do presente ano, até o presente momento, a comunidade acadêmica tem se mostrado bastante aberta às propostas e até mesmo a simples presença dos mesmos no ambiente, uma vez que alunos de diferentes períodos demonstraram interesse em participar de uma oficina com o mesmo propósito. Observa-se postura igualmente acolhedora por parte dos técnicos e professores, que, vez ou outra, comentam sobre suas demandas e sobre potenciais áreas de intervenção que identificam no campo da psicologia social escolar. De modo geral, pode-se considerar que as intervenções relatadas no presente resumo tratam-se de uma construção conjunta, em que demandas observadas ao longo dos meses iniciais de trabalho em campo foram consideradas e interpretadas pelos estagiários a partir de Diagnóstico Institucional elaborado entre os meses de abril e agosto de 2023. Assim, faz-se possível a conversão dessas demandas em experiências que possam enriquecer a vivência acadêmica de todos envolvidos, bem como contribuir positivamente para a manutenção de sua saúde mental.

4. CONCLUSÕES

Remontando ao acima exposto, as intervenções propostas tratam de uma construção conjunta perante o Diagnóstico Institucional efetuado pelos estagiários em período anterior. Espera-se que as propostas sejam capazes de surtir impactos consideravelmente positivos na vivência de discentes, docentes e técnicos da referida instituição de ensino, assim como proporcionar momentos que reverberem a longo prazo em seu futuro dentro e fora da instituição.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLEGER, José. **Psico-higiene e psicologia institucional**. Porto Alegre : Artmed, 1984.

Dente, F. L., Boruchovitch, E., & Brenelli, R. P. (2019). **O psicólogo escolar e a formação de professores: uma experiência de trabalho colaborativo**. *Educação em Revista*, 35, e184623. <https://doi.org/10.1590/0102-4698174623>

Lopes, C. S., Lopes, R. P., & Teixeira, M. A. P. S. (2009). **Psicologia Escolar: Pesquisas, práticas e formação**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Tavares, H. C. F. (2004). **Psicologia Escolar: Teorias, práticas e processos de formação**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

VYGOSTKY, L. **Psicologia da Arte**. Tradução Paulo Bezerra. (Obra original publicada em 1925). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A REDUÇÃO DO RISCO DE DESASTRES NAS ESCOLAS COMO AGENTES DE MUDANÇAS SOCIOCULTURAIS

EVERTON RODRIGUES ZIRBES¹; OTTONI MARQUES MOURA DE LEON²;
PRISCILA PEDRA GARCIA³; MAIARA MORAES COSTA⁴; ANDRÉA SOUZA
CASTRO⁵; DIULIANA LEANDRO⁶.

¹Universidade Federal de Pelotas – thor.zirbes@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – ottonibaixo@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – priscilapedragarcia@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – maiaraengambientalesanitaria@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – andreascastro@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – diuliana.leandro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

De forma incondicional, no tocante à redução do risco de desastres (RRD), a Educação Ambiental (EA) pode desempenhar um papel crucial na construção da resiliência e na redução do impacto dos desastres ambientais, assim como ajudar a fomentar uma cultura de prevenção diante de desastres ambientais.

Segundo Park *et al.* (2019), conceitualmente, existem quatro elementos de gestão de desastres: a mitigação, a preparação, a resposta e a recuperação, e estes estão intimamente ligados aos entes administrativos do desenvolvimento sustentável e da infra-estrutura, as quais eventualmente apresentam limitações na gestão de desastres. Daí, a necessidade de que comunidades desenvolvam seus próprios programas de educação especificamente concebidos para abordar os riscos e vulnerabilidades ambientais de seu ambiente local. Sendo assim, por meio de programas de educação, os cidadãos podem aprender sobre os riscos e vulnerabilidades de seu ambiente local e, ao mesmo tempo, obter o conhecimento e as habilidades necessárias para agir e proteger a si mesmos e a suas comunidades, em especial dentro do ambiente escolar, na eventualidade da ocorrência de um desastre, além de terem oportunidade de promover práticas e comportamentos sustentáveis que reduzam o risco destes desastres ambientais, auxiliando na mitigação de seus impactos. Ou seja, a EA é uma ferramenta fundamental para promover o desenvolvimento sustentável, aumentando a conscientização sobre os riscos ambientais e criando resiliência aos desastres ambientais.

O objetivo deste artigo é identificar as principais ferramentas promotoras do desenvolvimento sustentável, conscientização e capacitação de cidadãos em diferentes países, realizadas por programas educacionais em escolas e comunidades para obtenção do conhecimento e habilidades necessárias para a tomada de decisão e ações fundamentais que visam a proteção coletiva, frente a desastres ambientais, tendo como base a EA e a proteção ao meio ambiente.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir de um levantamento literário sobre diferentes projetos de ensino pautados na educação e conscientização ambiental de crianças e de suas comunidades de origem, o qual possui caráter explicativo e visa identificar os aspectos e demandas socioambientais que embasam a necessidade da implementação da cultura da prevenção desde os primeiros anos do ensino fundamental, discorrendo sobre as características dos projetos que reforçam hábitos positivos fomentados por seus desenvolvedores intelectuais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em geral, projetos de RRD com base comunitária e EA visam reduzir a vulnerabilidade e aumentar a capacidade das comunidades frente aos desastres ambientais, promovendo educação e conscientização ambiental por meio do envolvimento das comunidades locais para desenvolver materiais educativos e programas de treinamento específicos para os riscos e vulnerabilidades ambientais de sua área.

Na Europa, por exemplo, projetos de sucesso como o Programa Eco-Escolas ou “*Eco-Schools Programme*”, em inglês, são reconhecidos como boas práticas e visam promover ações sustentáveis e consciência ambiental nas escolas de toda a Europa, concentrando-se em envolver os alunos, professores e toda a comunidade escolar em iniciativas de EA e sustentabilidade, fornecendo estruturas para as escolas desenvolverem e implementarem e seus próprios projetos de sustentabilidade com foco na redução de resíduos, conservação de energia e promoção do transporte sustentável, além de atividades de educação e conscientização sobre os riscos ambientais e a importância da construção de resiliência a desastres ambientais.

Na América do Norte, o Canadá desenvolveu uma parceria entre o poder público de Ottawa e a *EnRiCH Research Lab*, a partir de 2013, implementando o Programa de Minicursos de Enriquecimento ou *Enrichment Mini-Course Program*, em inglês, o qual baseia-se na participação da comunidade para promover o desenvolvimento e o envolvimento da juventude na RRD e mudanças climáticas, permitindo flexibilidade na concepção e adaptação aos contextos ambientais e sociais contemporâneos (PICKERING *et al.* 2021).

Nos Estados Unidos, diversos projetos escolares também fornecem subsídio para o entendimento das ações mitigadoras relativas a desastres naturais. É o caso da Primeira Maratona de Preparação do Interior Municipal, na comunidade de Rallies na Carolina do Norte ou ‘*First County-wide PrepareAthon! in North Carolina Rallies Community*’, em inglês, realizado pela Agência Federal de Gestão de Emergências (FEMA), a qual desenvolve treinamentos e planos de segurança para os responsáveis dentro de escolas em estados do meio-oeste dos Estados Unidos, para situações de desastre, como por exemplo, a ocorrência de tornados, além de estratégias de fuga, proteção e ações a serem adotadas após a passagem do fenômeno pelo local, especialmente sobre as escolas.

De acordo com o estudo de Ramos *et al.* (2022), os Estados Unidos, Porto Rico, sendo também território Americano, e as Ilhas Virgens têm desenvolvido projetos de saúde ambiental pediátrica, como por exemplo, as Unidades de Especialidade em Saúde Ambiental Pediátrica ou *Pediatric Environmental Health Specialty Unit's*, em inglês, voltados ao fortalecimento das comunidades e criação de parcerias para construção de sustentabilidade e resiliência pós-desastre, principalmente no que tange a saúde infantil pediátrica, em detrimento dos seus territórios estarem diretamente expostos aos furacões.

Nesse sentido, Luttenberger e Mandić (2022) dissertam acerca das características fundamentais da educação para resiliência e sustentabilidade em zonas costeiras, com base nas boas práticas e nos princípios estipulados em documentos emitidos por organizações internacionais e associações profissionais voltadas ao desenvolvimento sustentável e estratégias de estímulo à sustentabilidade local, no pensamento sistêmico, na integração do ensino sobre o meio ambiente e a cidadania responsável em todas as disciplinas escolares.

Na América Latina, há exemplos como as localidades Mexicanas de Teziutlán e Puebla que desenvolvem o Projeto de Comunicação do Risco de Desastres por Deslizamentos em Áreas Montanhosas ou *Landslide Disaster Risk Communication in Mountain Areas*, em inglês, após o desastre de outubro de 1999 associado a deslizamentos de terra induzidos por chuvas, baseando-se na educação e envolvimento das crianças na co-produção de conhecimento básico de risco de desastre a partir de oficinas de mapeamento associadas à questões socioambientais e a exposição da comunidade (CORTÉS; AYALA, 2020).

A exemplo no Brasil, existem projetos que visam suprir pontualmente a falta de políticas públicas de RRD associadas principalmente a deslizamentos de terra. É o caso do projeto desenvolvido por Mendonça *et al.* (2017), tendo como fundamento à necessidade urgente de formar uma cultura que incentive o público a participar diretamente da gestão de desastres e desenvolvimento da capacidade comunitária, o que requer um amplo programa de educação sobre desastres em diferentes níveis no âmbito da educação formal, sendo estabelecida a partir da identificação de uma forte conexão local com a problemática.

Outro exemplo são os Projetos Integradores desenvolvidos semestralmente pelas equipes de alunos formandos do Curso Técnico em Meteorologia do Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC - Campus Florianópolis, sendo este parte de sua avaliação final, em parceria com o Marista Escola Social Lúcia Mayvorne, sob a orientação dos professores do IFSC e professores tutores do Marista, com objetivo de contribuir para o aprendizado significativo nas diversas áreas de conhecimento, como as linguagens, a matemática, as ciências da natureza e as ciências humanas através da meteorologia, visando conscientizar a comunidade escolar e seu entorno sobre a importância da cultura da prevenção a desastres hidrometeorológicos, beneficiando a assimilação de conhecimentos, ao ponto que estabelece relações temporais entre eventos meteorológicos e sociais e a vida cotidiana de cada pessoa. Segundo reportagem de agosto de 2022 publicada no portal do IFSC, o projeto só foi possível a partir da parceria estabelecida entre as duas instituições de ensino, o IFSC e a escola Marista Escola Social Lucia Mayvorne, com apoio institucional oferecido pelos editais de Integração da Pesquisa e Extensão ao Ensino (EPE), publicados anualmente pelo Câmpus Florianópolis do IFSC.

No entanto, ao observar-se projetos de EA, ainda existem diversos aspectos a serem discutidos e melhor arquitetados. É o que indica a pesquisa desenvolvida por Widowati *et al.* (2021), os quais identificaram deficiências na formação de professores, sendo esse um dos indicadores mais significativos dentre os 29 indicadores analisados, somados às 80 perguntas reflexivas aplicadas em questionários. Esses resultados refletem principalmente os impedimentos gerados pela falta de sensibilização para a utilização dos recursos disponíveis por parte dos educadores. Nesse sentido, Sakurai e Shaw (2022) descrevem como a sustentabilidade e resiliência de uma comunidade local requer uma cultura de aprendizagem que lhes permita evoluir ao longo do tempo. Em outras palavras, introduzir tecnologias que auxiliem na EA, em especial as digitais, por contribuírem para a educação contra o risco de desastres específicos do contexto local, sendo importante para a concepção de uma comunidade muito mais sustentável e resiliente.

4. CONCLUSÕES

Como conclusão, faz-se necessário ressaltar, também, a importância da preparação da população por parte do poder público, o que deve acontecer com

muitas horas de antecedência à passagem de fenômenos previsíveis, como por exemplo, as enchentes. Governos estaduais, em parceria com órgãos competentes, entre eles, Defesa Civil, devem emitir avisos ostensivos aos municípios em perigo potencial os alertando para a necessidade de interrupção das atividades não essenciais por parte dos gestores nas áreas em sobreaviso, para que a população permanecesse abrigada, na medida do possível, durante o período previsto para a ocorrência de um evento severo em monitoramento.

Dentro do contexto brasileiro, torna-se primordial desenvolver projetos educacionais que visam aproximar a comunidade, em especial escolas públicas, junto à Defesa Civil, para que haja uma integração entre o órgão governamental, os professores e seus estudantes e também com seus familiares, de forma a esclarecer e educar esta comunidade sobre aspectos ambientais importantes e sobre o grau de fragilidade ambiental a que estão expostas frente a eventos extremos e, principalmente que esses projetos funcionem permanentemente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORTÉS, N.S.R.; AYALA, I.A. Landslide exposure awareness: a community-based approach towards the engagement of children, **Landslides**, n.17, v.6, p.1501–1514. 2020.

ECO-SCHOOLS. Engaging the youth of today to protect the planet of tomorrow!. Foundation for Environmental Education. Acesso em: 20 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.ecoschools.global/>>.

FEMA. **First County-wide PrepareAthon! in North Carolina Rallies Community**. Acesso em: nov. 2021. Disponível em: <<https://community.fema.gov/story/first-countywide-prepareathon-in-north-carolina-rallies-community>>.

IFSC. **Projeto usa a Meteorologia como ferramenta de aprendizagem no Ensino Fundamental e Médio**. Instituto Federal de Santa Catarina. Acesso em: ago. 2022. Disponível em: <https://www.ifsc.edu.br/web/noticias/w/projeto-usa-a-meteorologia-como-ferramenta-de-aprendizagem-no-ensino-fundamental-e-medio?p_l_back_url=%2Fsearch%3Fq%3Dmeteorologia>.

LUTTENBERGER, L.R.; MANDIĆ, N. Coastal risks and resilience learning, **Pomorstvo**, n.36, v.2, p.195–203. 2022.

MENDONCA, M.B.; VALOIS, A.S. Disaster education for landslide risk reduction: an experience in a public school in Rio de Janeiro State, Brazil, **Natural hazards**, n.89, v.1, p.351–365. 2017.

PARK, J.H. *et al.* Disaster management and land administration in South Korea: Earthquakes and the real estate market, **Land use policy**, n.85, p. 52–62, 2019.

PICKERING, C.J. *et al.* The EnRiCH Youth Research Team: a youth-led community-based disaster risk reduction program in Ottawa, Canada. **Canadian journal of public health**, n.112, v.5, p.957–964. 2021.

RAMOS, F. *et al.* Children's environmental health and disaster resilience in Puerto Rico and the U.S. Virgin Islands, **Appl. nursing research**, n.66, 151482p. 2022.

SAKURAI, M.; SHAW, R. The Potential of Digitally Enabled Disaster Education for Sustainable Development Goals, **Sustainability**, n.14, v.11, 6568p. 2022.

A CONTRIBUIÇÃO DAS UNIVERSIDADES NOS PROCESSOS DE REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA URBANA: A EXPERIÊNCIA DA VILA DAER NO MUNICÍPIO DE RIO GRANDE/RS

VICTORIA NUNES PIEPER¹; DJULI VAZ DE SOUZA²; MARCELLE JACKEL
NUNES³; JOSEANE DA SILVA ALMEIDA⁴

¹ Universidade Católica de Pelotas – victoria.pieper@sou.ucpel.edu.br

² Universidade Católica de Pelotas – djuli.souza@sou.ucpel.edu.br

³ Universidade Católica de Pelotas – marcelle.nunes@sou.ucpel.edu.br

⁴ Universidade Católica de Pelotas – joseane.almeida@sou.ucpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A regularização fundiária urbana desempenha um papel crucial na transformação de áreas informais em comunidades urbanas mais seguras, inclusivas, economicamente viáveis, sustentáveis. Ela beneficia tanto os moradores das áreas informais quanto a sociedade como um todo, ao promover o desenvolvimento urbano equitativo e melhorar a qualidade de vida nas cidades. Os desafios relacionados à posse de terras no país têm sua origem no êxodo rural, e são exacerbados pela excessiva burocracia, que inclui uma ampla gama de requisitos, certificações e autorizações para regularização.

Diante de um cenário com grandes números de moradores sem direito legal a suas moradias, urge a necessidade de regularização da terra garantindo assim segurança e dignidade para as famílias pertencentes às áreas informais. É nesse contexto que o laço entre poder público e universidades podem se firmar e traçar grandes passos na luta da regularização fundiária no Brasil.

A reflexão crítica é possibilitada pela extensão da Universidade Católica de Pelotas, a Sustentabilidade no Habitat Social. Possibilitando alunos da graduação, em especial alunos do curso de arquitetura e urbanismo, a conhecer, identificar e solucionar problemas relacionados a moradias irregulares e/ou em situação de vulnerabilidade social.

A partir desse ponto de partida o presente relato busca identificar os principais benefícios da colaboração entre instituições de ensino público e privado e o governo municipal especificamente no âmbito da regularização fundiária, pauta essa que segue em crescente demanda em todas as cidades do Brasil. Do ponto de vista acadêmico, é proporcionado aos estudantes uma vivência com forte viés social, pois é possível acompanhar na prática como funciona a engrenagem de produção da cidade com todos os seus condicionantes relacionados às políticas públicas, vivência essa que seria muito difícil de se ter na íntegra apenas dentro da sala de aula.

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada no trabalho segue um processo rigoroso de coleta, processamento, validação e aplicação de dados, incorporando princípios científicos de pesquisa aplicada e boas práticas de documentação e participação das partes interessadas. É importante destacar esses elementos ao apresentar o relato de experiência em um evento acadêmico demonstrando que o trabalho está fundamentado em métodos científicos sólidos.

Área de Atuação e Limites: Inicialmente, foi feito uma pesquisa de estudo inicial da área a ser trabalhada, onde ficou conhecido que a área de atuação da gleba a ser regularizada se encontra no município de Rio Grande em Rio Grande

do Sul, possui uma superfície aproximada de 32.000 m² e apresenta fronteiras geográficas distintas. No limite norte e oeste a gleba confronta com um amplo terreno de propriedade privada (Aeroporto Regional de Rio Grande - Cmte. Gustavo Cramer - RIG), ao sul confronta-se com um terreno cedido à APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) pela Prefeitura Municipal de Rio Grande, e a leste a gleba confronta com dois extensos terrenos particulares, além do Loteamento Paraíso, anteriormente conhecido como Loteamento Farias.

Levantamento de Dados: A partir da primeira visita técnica ao local a ser regularizado, o grupo extensionista possui o objetivo de realizar o levantamento de dados geográficos da área de estudo. O processo inicia-se pela medição das fachadas frontais dos terrenos de toda gleba e um levantamento fotográfico por meio de 1 drone. Essa etapa se baseia na coleta de dados empíricos, que é uma prática comum na pesquisa científica.

Processamento de Dados: Após a coleta de dados, as informações são processadas e analisadas. Isso inclui o uso de tecnologia para criar uma imagem aérea ortorretificada da área, que foi feita a partir do voo de drone da etapa anterior (mosaico de imagens a partir do voo do drone). A seguir procedemos no programa bim Revit do Autocad, onde a imagem ortorretificada é georreferenciada e ajustada para a escala correta de acordo com o levantamento das testadas dos terrenos anteriormente obtidos. A seguir todos os lotes são delimitados de acordo com o cruzamento das medidas e a imagem obtida. A análise de dados é uma etapa fundamental da metodologia científica, envolvendo a organização e a interpretação de informações coletadas.

Validação no Local: Reconhecendo a importância da validação dos dados, uma segunda visita ao local é realizada para esclarecer quaisquer ambiguidades relacionadas aos limites dos lotes. Esse processo é crucial para garantir a precisão do desenho no processo de regularização fundiária. Isso se alinha com princípios científicos de validação e verificação de dados, garantindo a precisão e a confiabilidade dos resultados.

Finalização do Processamento de Dados: Com as revisões e validações obtidas na etapa anterior, é possível finalizar o mapa de toda a área estudada, nesta etapa, os limites dos lotes são revisados e definidos, sendo possível especificar as cotas e áreas de cada lote da gleba, assim como numerar os lotes e as quadras da gleba.

Desenvolvimento das Certidões: Com base nas informações coletadas e validadas, o grupo extensionista desenvolve certidões de regularização fundiária. Isso envolve duas etapas: O desenho de cada lote feito separadamente, com cotas, área e número de lote do terreno, distância do mesmo até a esquina mais próxima e a identificação dos lindeiros confrontantes. E por fim, a criação do Termo de Concordância com informações escritas específicas sobre os lotes separadamente, sendo a descrição do lote e de cada face confrontante com os dados de seus respectivos lindeiros, seguindo as práticas de documentação e registro, comuns em pesquisas científicas aplicadas, para a seguir os moradores que ocupam a área a ser regularizada possam confirmar as medidas de seus referentes lotes.

Encaminhamento para a Prefeitura: Por fim, as descrições e o projeto de regularização fundiária são encaminhados para a prefeitura, que dará continuidade ao processo com colaboração junto às autoridades municipais, seguindo diretrizes e procedimentos legais. Esta etapa se encaixa em uma abordagem científica participativa, onde a interação dos moradores da Vila Daer é fulcral no processo para revisar e confirmar as informações nas certidões.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir desse trabalho, espera-se otimizar o tempo do processo de regularização, a fim de que a população residente tenha acesso à infraestrutura adequada, bem como ao direito a uma moradia digna e legalizada. Dessa forma, a Universidade entra como um agente facilitador da interface comunidade e município, beneficiando tanto o Estado, como os alunos que têm o privilégio de vivenciar o funcionamento da engrenagem urbana e estatal através desse olhar mais social do tema. Ressalta-se, ainda, que o trabalho de regularização segue em andamento, estando na fase de confecção dos termos de concordância.

4. CONCLUSÕES

Dessa maneira, conclui-se que a universidade vai ao encontro das necessidades da sociedade, colocando ênfase na dignidade humana, na capacitação e no papel ativo das pessoas. Isso ocorre por meio da preparação de profissionais capazes de lidar com os desafios sociais, trabalhando em colaboração com diferentes setores da comunidade, com o objetivo de promover a inclusão social. Espera-se, a partir desse relato, poder apurar os limites e os benefícios da parceria entre instituições de ensino e municipalidades, tanto pela interface de ensino e extensão, quanto pela necessidade que o poder público apresenta de parcerias multissetoriais para atenuar o problema da moradia irregular.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NUNES, Charlene. **Análise Sócio-Espacial das Áreas de Ocupação no Entorno da Capatazia do Daer no Município do Rio Grande-RS. 09/2019.** Monografia para título de licenciatura em Geografia - Curso de Geografia, Universidade Federal do Rio Grande.

Projeto Museu de Ciências Morfológicas no “Mundo UFPel”

MORGANA BASSI FERREIRA¹; WILLIAN ROBERTO DA SILVA BOTELHO²;
ANDERSON FERREIRA RODRIGUES³; IURI HÖRNKE TUCHTENHAGEN⁴;
JAILSON VIEIRA ADAMOLI⁵; ROSANGELA FERREIRA RODRIGUES⁶.

¹Universidade Federal de Pelotas- *bfmorgana@gmail.com*

²Universidade Federal de Pelotas- *will.r.botelho@gmail.com*

³Universidade Federal de Pelotas- *anderson.ferreirarodrigues@gmail.com*

⁴Universidade Federal de Pelotas- *iurituchtenhagen@gmail.com*

⁵Universidade Federal de Pelotas- *jailsonvieiradamoli@gmail.com*

⁶Universidade Federal de Pelotas-*rosangelaferreirarodrigues@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 2010, a deficiência visual estava presente em 3,4% da população brasileira e a deficiência auditiva em 1,1%. Apesar da lei declarar que o direito à educação é obrigatório para todas as pessoas, quase 68% (aproximadamente 12 milhões de pessoas) da população com deficiência não têm instrução ou possuem o ensino fundamental incompleto. Muitas vezes esse fato ocorre pelo difícil acesso ou falta de recursos e estrutura do sistema educacional. Segundo OLIVA (2016) as adequações curriculares podem promover tanto a inclusão como a exclusão. Portanto, são essenciais adequações de âmbito estrutural, formação de pessoal e adaptações nos projetos pedagógicos (CIANTELLI; LEITE (2016). Na comunidade surda, existe deficiência de conceitos científicos adaptados em Libras, ou de pessoas capacitadas para transmitir conhecimentos mais específicos sobre ciências (BISOL, 2019). Na comunidade com deficiência visual, apesar de existir uma gama de recursos, SILVA (2021) salienta a importância de modelos biológicos para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem. Os modelos são primordiais para as pessoas com deficiência visual entenderem os eventos que ocorrem em âmbito macro e microscópico (MOURO, 2022).

Portanto, o objetivo do projeto consiste em tornar acessível o conhecimento científico, de órgãos do corpo humano, através de modelos biológicos confeccionados em impressora 3D, com sensores ativadores de audiodescrição e interpretação em libras e promover a divulgação para a comunidade.

2. METODOLOGIA

As atividades do projeto iniciaram com uma curadoria na internet por arquivos na extensão STL, de órgãos do corpo humano. Foi organizado um banco de dados, com os arquivos selecionados, que serviram de moldes para a confecção dos modelos biológicos em impressora 3D, com filamento de PLA (ácido polilático). Após a confecção, os modelos biológicos receberam a arte final e os sensores para ativação dos arquivos de vídeo e áudio, com as interpretações em libras e audiodescrição. Os modelos foram adaptados a bases contendo legendas em português e braille e foram divulgados para a comunidade em um evento da Universidade Federal de Pelotas, denominado de Mundo UFPel. Para a divulgação no Mundo UFPel ocorreu o treinamento da equipe, para gravação do vídeo de apresentação e condução das atividades com os modelos biológicos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O acervo do projeto ficou exposto para visitação no dia 17 de junho, nas dependências do instituto de Biologia. O evento ocorreu por um período de 4 horas, no qual pessoas de várias faixas etárias circularam observando os modelos (Fig. 1A). Ser confeccionado em PLA, um polímero termoplástico resistente permitiu que fossem manipulados sem risco de dano, possibilitando tanto as crianças como pessoas idosas se apropriarem do conhecimento sobre a morfologia dos  rg os. Como os órgãos foram confeccionados em tamanho real, alguns ficavam impressionados com seu tamanho (Fig.1B) e também com os sensores que possibilitam autonomia e inclusão (Fig. C).

Exposi o no evento Mundo UFPeI

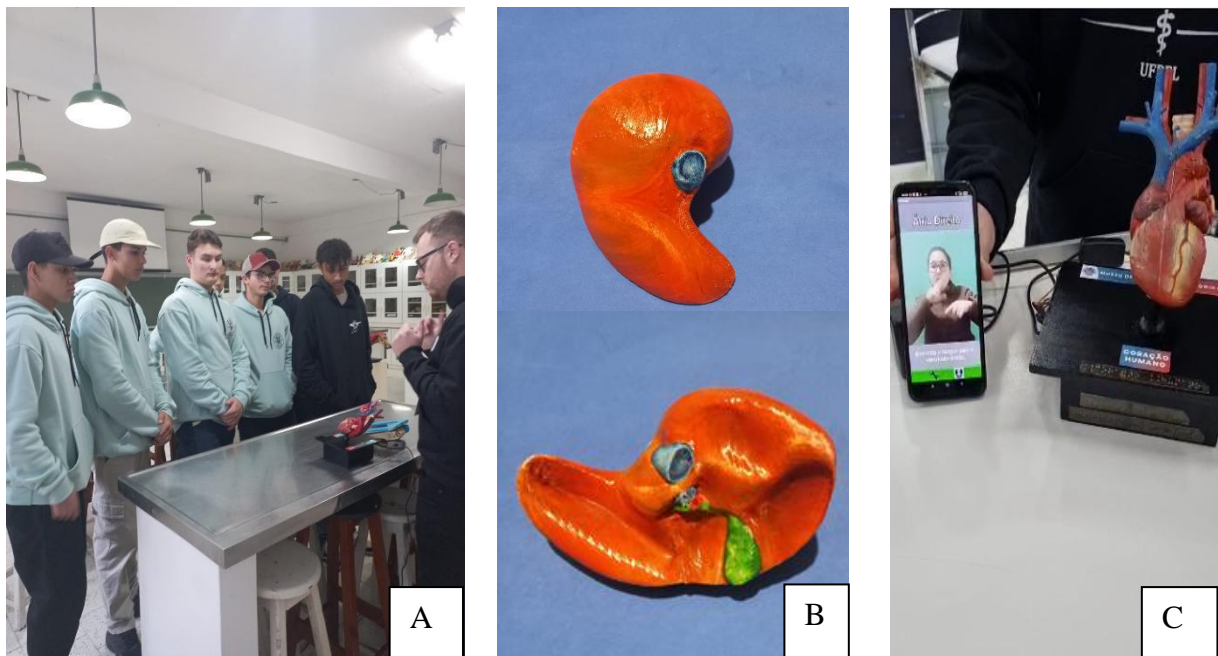


Fig. 1. A: Visitantes; B: Modelo em 3D do fígado e vesícula biliar; C: Modelo biológico em 3D, adaptado com sensores de audiodescri o e interpreta o em libras.

O evento foi um processo de aprendizado tanto na prepara o quanto na divulga o. Durante o processo de grava o do vídeo, de apresenta o do projeto, para o site do evento, a equipe encontrou vários obstáculos que sanaram com criatividade e habilidade.

Foi possível perceber como   fundamental o contato humano na dissemina o de conhecimento e como novos recursos captam a aten o do público em geral, promovendo curiosidade e instigando a aprendizagem. A autonomia em manipular os modelos serviu como um incentivo, para ouvintes e videntes conhecerem sua aplicabilidade.

A divulga o vai prosseguir nas Escola de Educa o Especial Louis Braille e Escola de Educa o Especial Alfredo DUB e posteriormente ficaram disponíveis

em um local para acesso, através de QR Codes, nos seus próprios smartphones ou em equipamentos cedidos para esse fim.

4. CONCLUSÕES

A participação no evento “Mundo UFPEL” possibilitou mostrar para a comunidade que o conhecimento pode ser propriedade de todos. Saliu também a importância de aprimorar recursos de tecnologias assistiva e levar o conhecimento para fora do âmbito da universidade. Por isso, a etapa seguinte consistirá em realizar a divulgação nas Escolas de Educação Básica e de Educação Especial, pois o fato de poderem acessar as informações através de QR Codes, nos seus próprios smartphones ou em equipamentos cedidos para esse fim, servirá como uma ferramenta pedagógica atrativa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISOL, C.A.; VALENTINI C.B.; STANGHERLIN, R.G.; BASSABI, P.P.P. Desafios para a inclusão de estudantes com deficiência física: uma revisão de literatura. **Conjectura: Filosofia e Educação**, vol.23, n.3, pp.601-619, 2018.

CIANTELLI, A. P. C.; LEITE, L. P. Ações Exercidas pelos Núcleos de Acessibilidade nas Universidades Federais Brasileiras. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 22, n. 3, p. 413 - 428, 2016.

MOURO D.K.; ASSIS, M. de; PARISOTO, M. Investigação do ensino das ciências exatas e da matemática para estudantes surdos no ensino superior. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, v. 13, n. 2, p. 1-28, 2022.

OLIVA, D. V. Barreiras e recursos à aprendizagem e à participação de alunos em situação de inclusão. **Psicologia USP**, v. 27, n. 3, p. 492-502, 2016.

SILVA, A. V. da. *et al.* Uso de metodologias lúdicas no aprendizado sobre coccidioidomycose para deficientes visuais. **Brazilian Journal of Development**, v.7, n.7, p.67309-67317, 2021.

REFLEXÕES SOBRE A OFICINA “O QUE VOCÊ PRECISA SABER SOBRE REFORMA AGRÁRIA E AGROECOLOGIA?”

ANDERSON SILVEIRA¹; CARLOS EDUARDO SILVA FERREIRA²;
ALESSANDRA GASPAROTTO³;

¹Universidade Federal de Pelotas – anderson1097hobert007@gtmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – cadu.services96@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – sanagasparotto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo relatar e analisar uma das atividades de extensão realizadas pelo Grupo Conexões de Saberes – Diversidade e Tolerância do Programa de Educação Tutorial (PET), que se caracteriza por um grupo de estudantes, orientados por uma tutora, desenvolvendo atividades nas áreas de ensino, pesquisa e extensão. A atividade de extensão a ser relatada é sobre a oficina intitulada “O que você precisa saber sobre reforma agrária e agroecologia?”, que participa de uma trilha de oficinas a serem ministradas em escolas em diferentes municípios do Rio Grande do Sul relativo à IX Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária (JURA).

Como dito anteriormente, a oficina integra a IX Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária (JURA), a JURA é articulada, nacionalmente, por diferentes instituições de ensino e movimentos sociais, como ferramenta para o fortalecimento do debate e fomento da reforma agrária. Tem como objetivo promover ações educativas que possibilitem outras visões a respeito da pauta social da reforma agrária, na defesa do meio-ambiente e na produção e consumo de alimentos saudáveis. Estas ações ressaltam a importância e a necessidade do direito à terra, da agroecologia e da preservação do meio-ambiente, fomentando reflexões (Projeto JURA, 2023). A relevância desta oficina emerge da ausência de atividades sobre tais temas nas escolas, em sua potência para construir reflexões sobre a legitimidade das lutas relacionadas à reforma agrária e agroecologia, alinhado a questões da própria vida social dos sujeitos envolvidos no processo.

As oficinas foram desenvolvidas entre os meses de agosto e setembro de 2023, e neste trabalho apresento algumas reflexões sobre o processo de construção da oficina “O que você precisa saber sobre reforma agrária e agroecologia?” e de sua aplicação em escolas de Educação Básica da região sul do Rio Grande do Sul.

As literaturas debatidas nos encontros, centraram suas pautas em dois conceitos fundamentais: A reforma agrária, que segundo Martins (1999) (...) é todo ato tendente a desconcentrar a propriedade da terra quando esta representa ou cria um impasse histórico ao desenvolvimento social baseado nos interesses pactados da sociedade; a prática agroecológica quando se retrata, debate-se o conceito, desenvolvido em torno da clássica discussão sobre a agroecologia enquanto ciência, prática e movimento social, e também são abordados os respectivos aspectos: sua multidimensionalidade; seu caráter multidisciplinar; sua multiescalaridade; e sua possível contribuição em um processo de transformação social. Defende-se a ideia de que a agroecologia é uma agricultura praticada por camponeses, pois apesar de ter nascido enquanto uma ciência, é resultante de diversas práticas sócio-culturais populares (ZANETTI, 2020).

Portanto, evidente pela clareza dos temas a importância da atividade para a comunidade. A efetivação da cidadania também faz parte de um processo de elevação democrática a partir da participação política dos atores envolvidos na sociedade, a escola e comunidade estão interligados e a presença de debates que mudem os eixos do discurso comum, possibilitando a construção de espaços

de ensino/aprendizagem para todos os presentes.

2. METODOLOGIA

A oficina sobre Reforma Agrária e Agroecologia foi construída dentro de um fluxo de reuniões tanto no ambiente presencial, como no ambiente remoto e que foi intitulada “O que você precisa saber sobre reforma agrária e agroecologia?”. Esta foi construída de maneira coletiva a partir de um processo que envolveu formações e debates a respeito da temática proposta; a formação especializada contou com suporte da professora Cátia Gonçalves, Coordenadora Pedagógica dos Cursos de Medicina Veterinária do Programa Nacional de Educação para a Reforma Agrária (PRONERA) da UFPel. Nesta capacitação, discutimos sobre a temática para compreender os panoramas que envolvem o debate institucional e nos instigar a pensar ideias de atividades no contexto escolar. Além disso, as leituras de artigos e textos, que apresentaram dados e conceitos sobre as temáticas, foram utilizados para o desenvolvimento e embasamento teórico da oficina. Foram realizadas reuniões de forma online e presenciais para orientações sobre nossas ideias para as atividades; a cada reunião tudo foi se aperfeiçoando, até idealizarmos a proposta final da oficina.

Formulamos um roteiro para a oficina: inicia com uma dinâmica em que são usados barbantes para “cercar” a sala de aula, de forma que a sala reflita a concentração de terras existente no Brasil, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019). Após a dinâmica inicial, com slides, são apresentadas algumas perguntas no intuito de incentivar e observar o que os alunos tinham de entendimento sobre os tópicos a serem discutidos na oficina, bem como para ouvir sobre suas vivências. Em seguida, os slides apresentam alguns conceitos relacionados à reforma agrária e à agroecologia, bem como um vídeo curto sobre este último tema. Optamos por vídeos curtos pelo fato que estímulos visuais auxiliam muito no processo de ensino e mantém a memória deste momento ativa. (REDAÇÃO,2014). Após a exibição e discussão dos slides, ocorre a dinâmica final da oficina. Através de um sorteio para dividir a turma em 3 grupos, com 3 funções: Proprietários de Grandes Porções de Terra, Trabalhadores e Fiscais Ambientais. Cada grupo recebe uma proposta, no qual, de forma coletiva, devem criar 4 estratégias para manter a posse de suas terras. Foram criados de forma lúdica 2 versões de certificados no qual os grupos que cumprissem com as funções estabelecidas na proposta, receberam o certificado de posse, o grupo que não cumprisse com as medidas, receberia um certificado de pedido de posse negado, com 30 dias para regularizar suas medidas dentro da proposta estabelecida. A metodologia nesta parte foi organizada da seguinte forma, dentre as quatro propostas definidas uma de cada vez foi lida em voz alta e um integrante de cada grupo. Explicou a estratégia que tomaria, para conquistar o direito ao certificado de posse das terras, os vídeos, slides e as perguntas no início da oficina, já tinham o intuito de fazer os alunos ganharem familiaridade sobre o tema e argumentarem e criar defesas para o momento final da oficina. Essa dinâmica da oficina teve como base a leitura do texto “O que é reforma agrária?” (FIGUEIREDO,2023), ocorrendo modificações, deixando a proposta em uma linguagem mais coloquial do que era apresentada no texto original e utilizando do lúdico como ferramenta de ensino.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As escolas quais as oficinas foram aplicadas são as seguintes até o presente momento: Escola Estadual de Ensino Médio Deputado Adão Pretto, localizada em Piratini-RS, no dia 29/08, pelo turno da manhã; Colégio Municipal

Pelotense em Pelotas-RS, no dia 30/08, turno da manhã. Ainda serão aplicadas oficinas em outras escolas durante o mês de outubro de 2023. Em ambas as escolas os alunos foram receptivos às atividades propostas durante a aplicação da oficina. No primeiro momento, os estudantes iniciam a oficina em um estado de silêncio, enquanto ocorria explanação conceitual. Eles participaram de maneira mais efetiva quando em um segundo momento da atividade, em consonância ao planejado. Podemos notar que os elementos conceituais trabalhados anteriormente, floresceram na atividade prática, o debate acontece, então, de maneira calorosa a respeito da divisão de terras, quando posicionados em situação de conflito e disputa; os próprios estudantes trouxeram ao debate elementos de sua própria realidade, a exemplo das questões trabalhistas e pautas feministas que miram o apelo equitativo.

Fomos capazes de observar que o espaço faz toda diferença no processo formativo. Após uma mudança de ambiente – da sala de aula para o pátio – ficou perceptível que a atmosfera também acompanhou a mudança e os estudantes, antes em silêncio, participaram não apenas como espectadores, mas como construtores e protagonistas do saber; em certa medida, tomaram redes do próprio formato da atividade, e nos conduziram pelo processo através do próprio engajamento em torno do tema por eles gerado.

O processo de absorção do conteúdo pode ser notado através das falas e dos materiais didáticos distribuídos como dinâmica da atividade. Ficou evidente o entendimento dos conceitos básicos da Reforma Agrária e Agroecologia quando atentos ao ato discursivo dos educandos, carregados de antigos elementos do seu próprio saber, mas agora também, abarcado por reflexões conflitantes, geradas a partir da construção de conhecimento proporcionada pela atividade.

4. CONCLUSÕES

Contudo, exposto notamos que pouco se conhece sobre como os conceitos supracitados foram apresentados, o que problematizou nossos debates acerca das práticas a serem realizadas e como relacionar a vida dos estudantes que estão deslocados do contexto em que tais temáticas são como extensão da vida prática dos indivíduos.

Concluo que a aplicação da oficina, foi bem sucedida devido o interesse e nítida participação dos alunos, a escola possibilitou os meios tecnológicos necessários para aplicação da oficina. A estrutura da escola proporcionou que a oficina fosse realizada de forma compreensível, sendo proponente para garantir a singularidade de ideias que se formaram e, sem as quais, seria impossibilitado a construção de um novo saber popular.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação popular na escola cidadã**. São Paulo: Editora Vozes, 2002.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do movimento sem-terra**. Expressão popular, 2004.

FIGUEIREDO, Danniell. **Reforma Agrária: o que é 27 de Jun de 2023**. Disponível em: <https://www.politize.com.br/o-que-e-reforma-agraria/> Acesso em: 20 de Setembro de /2023.

MARTINS, José de Souza. **Reforma agrária – o impossível diálogo sobre a História possível**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 11(2): 97-128, out. 1999 (editado em fev. 2000).

_____. (org.). **A questão agrária no Brasil: Programas de reforma agrária 1946- 2003**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

REDAÇÃO: **A importância dos estímulos visuais na sala de aula**. 05 de Set, de 2014. Disponível em: <https://www.politize.com.br/o-que-e-reforma-agraria/> Acesso em: 20 de Setembro de /2023.

STÉDILE. J. P. **A Questão Agrária no Brasil**. São Paulo: Atual, 1997.

ZANETTI PESSÔA CANDIOTTO, L. **Agroecologia: Conceitos, princípios e sua multidimensionalidade**. AMBIENTES: Revista de Geografia e Ecologia Política, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 25, 2020. DOI: 10.48075/amb.v2i2.26583. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/ambientes/article/view/26583>. Acesso em: 20 Setembro 2023.



PROJETO SOBRE ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL NA ESCOLA ESTADUAL Dr AUGUSTO SIMÕES LOPES: CONVERSANDO COM TURMAS DO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

LIDIA PEREIRA SERGIO¹; KATIELE FURTADO SILVA², JULIANA PINO³, CAROLINE DELLINGHAUSEN BORGES⁴; CARLA ROSANE BARBOZA MENDONÇA⁵; TATIANA VALESCA RODRIGUEZ ALICIEO⁶;

¹Universidade Federal de Pelotas – lpereirasergio@gmail.com;

²Universidade Federal de Pelotas – katielefurtado_silva@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas- jupino22@gmail.com;

⁴Universidade Federal de Pelotas – caroldellin@hotmail.com;

⁵Universidade Federal de Pelotas – carlaufpel@hotmail.com;

⁶Universidade Federal de Pelotas – tatianavra@hotmail.com;

1. INTRODUÇÃO

A alimentação saudável durante a infância é de grande importância, pois é quando se constrói a base dos hábitos alimentares (POULAIN, 2006). Crianças em idade escolar estão em fase de crescimento e desenvolvimento, o que torna ainda mais importante uma alimentação regrada, onde a atuação da família e da comunidade são fundamentais (TOLONI et al., 2011).

Cabe destacar que a alimentação considerada saudável, é aquela variada, na qual todos os nutrientes são consumidos, para que o organismo tenha a energia necessária para o corpo se desenvolver (EUCLYDES, 2000).

O consumo alimentar inadequado resulta em sobrepeso e obesidade, que acomete um em cada dois adultos e uma em cada três crianças brasileiras. Doenças crônicas relacionadas à má alimentação como hipertensão e doenças do coração, antes relacionadas a pessoas com mais idade, hoje em dia acomete adultos jovens, adolescentes e crianças (BRASIL 2014).

Com a rotina corrida dos pais hoje em dia, é importante planejar o que será consumido durante as refeições, sobretudo quando se está fora de casa, por exemplo na escola ou trabalho (BRASIL 2014).

Diante disso, o objetivo deste trabalho é relatar as atividades desenvolvidas com alunos do quarto ano do ensino fundamental da Escola Estadual Dr Augusto Simões Lopes, no ano de 2023, referente a prática de uma alimentação saudável durante a infância.

2. METODOLOGIA

Em 2023 foi realizado o Projeto de Alimentação Saudável na Escola Estadual Doutor Augusto Simões Lopes com 26 crianças do quarto ano do ensino fundamental. Primeiramente foi realizada uma palestra utilizando slides sobre os efeitos de uma má alimentação e as consequências de uma alimentação sem equilíbrio.

Após a apresentação foi realizada uma atividade prática que consistia em adivinhar qual era a fruta pelo tato, onde as crianças colocavam a mão em uma caixa com três tipos diferentes de frutas e tentavam adivinhar quais frutas estavam dentro.

Por fim, aplicou-se um questionário com nove questões: A primeira pergunta foi se eles aprenderam coisas novas, a segunda sobre como foi aprender sobre o assunto, a terceira questionou o que eles achariam se tivesse mais cursos como esse, a quarta pergunta foi sobre o quanto os alunos achavam que podem colocar em prática tudo que aprenderam. A quinta pergunta foi se pretendem consumir mais frutas e hortaliças, a sexta questionava se os alunos pretendiam falar com seus pais e familiares sobre algo que aprenderam na palestra, a sétima questionava o aprendizado dos alunos com a palestra dada, a oitava pergunta era sobre o interesse deles em provar frutas novas, e a última pergunta apresentava uma escala de um a dez sobre o que os alunos acharam da palestra.

Na Figura 1 é apresentada a escala facial com os níveis de avaliação que iam desde “Nem um pouco (1)” até “Muitíssimo (5)”.

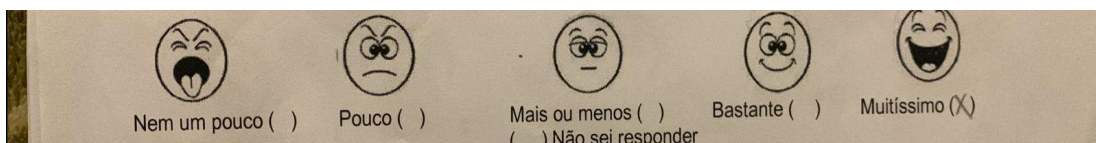


Figura 1 - Escala facial utilizada

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As crianças interagiram bastante durante a palestra, todas foram acolhedoras, participaram com perguntas e contaram sobre o dia a dia delas. Durante a atividade prática, todas tentavam adivinhar a fruta. Algumas faziam perguntas, como por exemplo: qual era o alimento mais saudável, quais as comidas mais calóricas, entre outras. Na figura 2 pode-se observar as atividades realizadas.



Figura 2 - Apresentação dos slides do projeto e atividade prática de adivinhar as frutas pelo tato.

Em relação à avaliação sobre o projeto, o primeiro questionamento foi sobre o aprendizado das crianças, onde 38% responderam que aprenderam coisas novas durante a palestra. Já quando questionados sobre o assunto proposto pelo projeto, 46% das crianças responderam que aprenderam sobre o assunto. Já 57% das crianças responderam que achariam ótimo se existissem mais cursos como esse, e 54% vão colocar em prática tudo que aprenderam.

Quando questionados se pretendem consumir mais frutas e hortaliças, 54% marcaram que sim, iriam consumir. Já sobre a intenção dos alunos de falarem com seus pais se aprenderam algo na palestra, 50% deles responderam que pretendem falar sim com seus responsáveis, e 77% afirmaram que aprenderam bastante com a palestra. Quanto ao interesse de provar novas frutas, 58% das crianças responderam que pretendem provar. Na última questão, as crianças deram notas em uma escala de um a dez sobre o que acharam da palestra, as notas dadas foram nove e dez.

Por fim, percebe-se que o projeto despertou a curiosidade das crianças e que a maioria conseguiu aprender a importância de uma alimentação saudável e pretendem colocar em prática o hábito de uma vida mais saudável. A atividade prática com as frutas feita ao final da palestra ajudou bastante a despertar a curiosidade das crianças em relação a uma alimentação saudável.

4. CONCLUSÕES

O projeto em geral agregou bastante conhecimento para as crianças, que interagiram e gostaram da palestra. Muitas não faziam ideia de quanto alguns alimentos são prejudiciais à saúde. A conscientização das crianças a terem uma alimentação mais balanceada e a passar os conhecimentos adiante foi muito satisfatória.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia Alimentar para a população brasileira**. 2. Ed. Brasília – DF, 2014.

Euclides M. P. **Crescimento e Desenvolvimento do Lactente**. Nutrição do lactente. 2. ed. Viçosa, 2000a.

Poulain J. P. **Sociologias da alimentação**. Florianópolis: Editora UFSC, 2006. p.23-147.

TOLONI, M, H. de A. et al. Introdução de alimentos industrializados e de alimentos de uso tradicional na dieta de crianças de creches públicas no município de São Paulo. **Revista de Nutrição de Campinas**, São Paulo, n. 24, v. 1, p. 61-70, jan./fev., 2011.

UM ESTANDARTE À DONA MARIA AMARO: EPISTEMOLOGIAS NEGRAS EM SAMBA, DESENHOS E NARRATIVAS DE CRIANÇAS NA ESCOLA

JOSIANE CRISTINA FARIAS DIAS¹; EVERTON MACIEL²; HUMBERTO SCHUMACHER³; RITA MEDEIROS⁴; RAQUEL SILVEIRA RITA DIAS⁵

¹EMEF Nossa Senhora do Carmo – josifariasd@gmail.com

²UFPEL Centro de Artes – evertonmaciel365@gmail.com

³UFPEL Centro de Artes – humbertgamajunior2009@gmail.com

⁴UFPEL Faculdade de Educação – redefreinet@gmail.com

⁵UFPEL Pró Reitoria de Extensão e Cultura – rakssilveira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O que é uma epistemologia negra? Por que ela se faz tão necessária? O território é preto. Os corpos que se deixam permear por esse território, também escorrem uma espremida couraça preta. Estamos na Vila Castilhos, lugar de batuques e tambores da afrodiáspora. Falamos de um terreiro incrustado há mais de cinquenta anos na história da Vila, debruçado no colo de duas mulheres, D. Maria da Conceição Pereira Amaro e sua filha Telinha, duas mulheres abnegadas aos cultos umbandistas. Falemos de um samba, nascido na dor da perda, que se fez luz e ludicidade, nas mãos de um violonista, um percussionista e uma aventureira de palavras. Narremos sobre crianças e professora, numa possibilidade heróica e exulíaca de fazer sorrisos a partir de uma reportagem de jornal.

Essas três estradas vão se cruzar no tempo espiralar de Leda Martins (2021), para nos dizer dos encontros com a história de uma mulher negra, de grande importância e que irá produzir uma espécie de encantamento transformador das ações educativas num terreiro, num samba e num currículo escolar. Tratemos de fazer um jejum com Abdias Nascimento (1980), e Beatriz Nascimento (1980; 1985), para falarmos de quilombismo, de rupturas epistemológicas nas narrativas sobre pretos e pretas deste país, de urbanidades destituídas de vida longa e digna, da necessidade de nos constituirmos quilombos, onde estivermos. Estamos aqui para contar dessas encruzilhadas encantadas, que vão produzir em nós, esperanças, cumplicidade, companheirismo, mas sobretudo, respeito às mulheres de terreiro, invisibilizadas, temidas e confrontadas pela branquitude com a sua grande dificuldade em reparar a dívida histórica, que o racismo tem com estes lugares e com as pessoas que constroem esses mundos paralelos de sobrevivência.

2. METODOLOGIA

A metodologia é a própria vida. Não sabemos exatamente o que começou primeiro, quem abriu caminhos, quem bordou tecidos com a música, a dança. A metodologia é aquela educação antirracista, tão bem costurada por Azoilda Trindade (2005) e Nilma Lima Gomes (2002; 2019), na trilha de Petronilha Gonçalves (1998) naquela incansável busca por uma educação libertadora preta. Mas é também uma giramapa (ALVES, 2022) de olhares, de encontros possíveis e dadivosos, desses que não se mede esforços para reunir e tornar viva a esperança. Os encontros caprichados com a escola, o terreiro e o samba construíram outros sentidos ao currículo escolar. Mas construíram outros sentidos para o terreiro e para o samba também. Desta maneira corpos-sujeitos infantis pretos e de terreiro reconheceram e

se reconheceram numa narrativa de pertencimento epistemológico. Da música ao tambor, do texto do jornal ao estandarte, da história aos desenhos, tudo constitui e reconstitui narrativa. Temos aí a nossa metodologia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Escola é pública, mas leva o nome de uma santa católica, tipicamente uma ação comum da colonialidade. Está localizada numa vila periférica, bem junto ao centro da cidade, porém de poucas políticas públicas do município ao alcance de seus moradores, em sua maioria, pessoas pobres de pele preta ou parda, muitas crianças e mulheres. Um território abjeto e ceifado de seus direitos é o que vemos, hoje, ali. Outrora um berço batuqueiro da cidade, permeado pela religiosidade afrodiáspórica e pelo carnaval, teve marcado na sua história referências e lideranças. Hoje, uma mulher professora chega à comunidade escolar e se coloca como conexão, água que deságua na secura da crueldade das relações intrínsecas ao cotidiano escolar que é tributo da colonialidade e da indiferença à população afro-ameríndia...dividindo mundos, hierarquizando conhecimentos, filtrando bendizeres.

Num espaço que já foi uma pequena capela, mas que se encontrava fechado, a professora reinaugura uma vivência que é duas vezes uma ruptura; em relação à entrada da temática afroumbandista no conteúdo escolar e a outra é a ocupação do espaço físico negligenciado até então como passível de uso pelas crianças. Reviveram...vivenciando pela primeira vez o Projeto "Mãe Maria da Castilho", ouviram, aprenderam, cantaram, dançaram e desenharam as cenas que o estudo lhes proporcionou. Um terreiro fez morada no coração da escola.

O contato com a reportagem junto às falas dos alunos, que entre uma atividade e outra já relatavam a importância do terreiro em suas vidas e, da figura da Mãe Maria como mulher negra potente, de referência na comunidade deixaram materializado o quanto essa temática exigia maior atenção e destaque em nosso currículo escolar. Ouvir as memórias das famílias, centralizar uma figura tão importante, contar a história a partir de outro viés, colocar a religião predominante da turma como algo que além de sagrado evidencia saberes e fazeres que precisam ser valorizados, respeitados e preservados. O conhecimento se deu a partir da coletividade, da ancestralidade, da musicalidade, da corporeidade e do afeto. O canto e os relatos sempre foram emocionados. As crianças deram ritmo ao projeto. Encurtamos o caminho entre a terreira e a escola. Através do livro da Kiusam de Oliveira e do ponto que introduz o samba, os alunos foram esboçando a Orixá Oxum que representada por traços tão lindos esteve conosco em todo o momento.

A presença dos compositores e da Telinha na escola acelerou o coração dos alunos que também se perceberam como figuras importantes neste contexto. As crianças diziam no planejamento "tem que ter comida, é dia de festa" os quindins de Oxum adoçaram o nosso evento. Também destacavam a importância da dança e trouxeram tambores e seus passos ritmados. Tinha a ansiedade de estreitar e a emoção de tornar possível a homenagem à Mãe Maria na presença da filha biológica, cacica do terreiro que eles tão bem conhecem ou fazem parte.

Suas produções e registros do processo estavam sendo admiradas e valorizadas por cada olhar ali presente conforme relata Priscila Lampazzi (2023, n.p):

Os desenhos espalhados pelas paredes falam por si e o entendimento perceptível no texto coletivo lido se articulam com a música e a dança. Corpos negros são a maioria presente. Um esquecimento plantado pelo currículo escolar que vai sendo, aos poucos, reconhecido pela

comunidade e agora visibilizado. Uma atrevivência construída e edificada pelo engajamento comunitário.

Figura 1: Aluna com a reportagem do jornal.



Figura 02: Estudantes acompanhados do músico Humberto Schumacher durante apresentação.



4. CONCLUSÕES

A ousadia e a envergadura pedagógica da professora fez uma travessia: fez de uma notícia de jornal, sobre um samba-homenagem, um caminho de desvio curricular da colonialidade. Os desenhos decorrentes do estudo proposto falam por si e o entendimento perceptível no texto coletivo se articulam com a música e a dança. O samba é filho da dor, mas é ele, neste caso, quem outorga à professora, a reportagem do jornal, fazendo com que ela conheça a história de D. Maria Amaro. Essa envergadura pedagógica trouxe a aproximação entre leituras, desenhos, danças e foi atravessando as ruas do bairro para, numa encruza diagonal, traçar um diálogo entre o terreiro e a escola, e, desta feita, o terreiro e o samba. As crianças já pertenciam ao terreiro, seja como adeptos da corrente ou como acolhidos nas sessões de atendimentos, mas nunca haviam se debruçado sobre um estudo em que uma mulher negra, de sua Vila, fosse tomada como centralidade e como conteúdo escolar. Por outro lado, as escolas não costumam ensinar músicas populares em educação musical, mas neste caso, o samba ocupou um lugar de destaque na aprendizagem. Ainda podemos dizer que o terreiro estar entrelaçado com a escola, em tempos de intolerância religiosa, é um grande passo, também.

O samba é uma matriz afrodiáspórica, construída no pós-abolição, um exemplo de resistência do povo preto e uma afirmação racial e de classe indiscutível. A criação de instrumentos musicais e de rodas de samba são histórias protagonizadas pelo povo preto, desde o início do século passado, assim como o

terreiro que é um lugar de pertencimento e resistência de matriz afrodiáspórica. (NEI LOPES, 1989). Observemos que a escola é um lugar ultraconservador, portanto, corroer as entranhas conservadoras da escola é muito difícil, mas descompassá-las pode nos trazer alento. Quando o samba e o terreiro viram protagonistas escolares, é porque a reviravolta dá sinais de resistência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, M. C.; MEDEIROS, R. C. T. AZEVEDO, G. G.; SANT'ANNA JÚNIOR, A. Gira-mapa com corpos-sujeitos-infantis de terreiro:pistas e encruzadas metodológicas. In: ALVES, M. C.; MEDEIROS, R.(Org.) **Culturas infantis de Terreiro**: agenciando memórias, histórias e narrativas. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2022. Cap.12, p. 107 – 131.

DIAS, A. C. **Samba Homenageia a Mãe Maria da Castilho**. Diário Popular, Pelotas, 5 de maio de 2023. Disponível em: https://diariopopular.com.br/cultura_e_entretenimento/samba_homenageia_a_mae_maria_da_castilho.502656

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? . **Revista Brasileira de Educação**, nº 21, Set/Out/Nov/Dez., 2002.

_____. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 3ª ed.rev.amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LAMPAZZI, P. **O QUE OS TERREIROS PODEM NOS ENSINAR? Um sirê entre a outridade e a educação libertadora**. PósCult. UFBA. não publicado

OLIVEIRA, K. de. **Omo - Obá Histórias das Princesas**. Belo Horizonte:Mazza Edições,2009

TRINDADE, A. L. e SANTOS, R.I (org.). **Multiculturalismo – mil e uma faces da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. **Racismo no Cotidiano Escolar**. Rio de Janeiro: FGV/IESAE, 1994. Dissertação de Mestrado em Educação.

MARTINS, L. M. **Performances da Oralitura**: corpo, lugar da memória, Letras, Belo Horizonte, 2003, (26), 63-81.

NASCIMENTO. Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1980.

NASCIMENTO, Beatriz. **O Conceito de Quilombo e a Resistência Cultural Negra**. In: Afrodiáspora, n. 6-7, p. 41-49, 1985

SILVA, Petronilha. “Chegou a hora de darmos a luz a nós mesmas”: Situando-nos enquanto mulheres e negras. **Cadernos CEDES**, v. 19, n. 45, p. 7-23, jul. 1998.

IMPACTOS SOCIAIS DA DEMOCRATIZAÇÃO À INFORMAÇÃO PROMOVIDA PELO PROJETO “ARTICULAÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLAS BÁSICAS – AÇÕES A PARTIR DO PAVE-UFPEL”

ISABELLY FELIPE MARQUES¹; SHELEN DOS REIS DA SILVA²; LIZ FERNANDA CARRARD³; MARCIO SCHELLIN BERGMAN⁴; FRANCISCO DOS SANTOS KIELING⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – isabellyfmarques09@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – shelendosreiss@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – liz.carrard@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – marcio.bergman@ufpel.edu.br

⁵Universidade Federal de Pelotas – franciscokielling@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A educação é um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento de uma sociedade mais igualitária e próspera. Nesse contexto, as universidades desempenham um papel crucial na formação de cidadãos capacitados e conscientes de seu potencial transformador. No entanto, sabe-se que o Ensino Superior público sofreu recentemente com um cenário de redução da procura de candidatos ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), porta de entrada para milhares de cursos de graduação de Instituições do Ensino Superior (IES) que adotam o SiSU como principal meio de ingresso (OLIVEIRA, 2022).

Diante deste desafio, a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) criou o projeto de extensão "Articulação entre Universidade e Escolas Básicas - ações a partir do PAVE-UFPel", cujo objetivo é promover a inclusão e o estímulo ao ingresso de estudantes do ensino médio em cursos de graduação, proporcionando-lhes uma perspectiva transformadora em relação ao seu futuro educacional e profissional.

Este trabalho tem como propósito explorar a atuação e o impacto social desse projeto de extensão, destacando a sua importância na promoção da equidade educacional e no empoderamento de jovens da cidade de Pelotas e região. Para isso, ao longo das próximas seções, examinaremos as estratégias utilizadas pelo projeto para alcançar seus objetivos, analisaremos os resultados obtidos até o momento e discutiremos como essa iniciativa tem contribuído para a construção de um futuro mais promissor para os estudantes do ensino médio.

2. METODOLOGIA

A metodologia de ação do projeto "Articulação entre Universidade e Escolas Básicas - ações a partir do PAVE-UFPel" se destaca pela sua abordagem abrangente, visando alcançar alunos de ensino médio em Pelotas e região. O projeto opera por meio de duas linhas de ação distintas, presencial e virtual, ambas com o objetivo de promover uma comunicação eficaz com o público-alvo.

Na abordagem presencial, equipes compostas por servidores técnico-administrativos e alunos de graduação da Universidade se deslocam até escolas pré-inscritas no projeto, realizando conversas expositivas. Essas conversas são estruturadas em três dimensões: a primeira incentiva a reflexão sobre a importância do ensino superior; a segunda fornece informações detalhadas sobre os métodos de ingresso na Universidade; e a terceira aborda as políticas de assistência estudantil, destacando a importância da permanência e conclusão dos cursos.

Quanto à linha de atuação virtual, o projeto mantém uma presença ativa nas redes sociais, especialmente no Instagram e Facebook, do PAVE, onde são compartilhadas informações sobre eventos do processo seletivo da Universidade, prazos e possibilidades. Essas publicações são cuidadosamente planejadas e intercaladas com conteúdos que estimulam o ingresso na Universidade e destacam os benefícios do Ensino Superior, buscando sempre uma linguagem acessível. Para essa vertente, o projeto conta com a colaboração de alunos de graduação da UFPel com experiência na criação de conteúdo e gerenciamento de redes sociais, garantindo uma abordagem eficaz e envolvente.

Essa estratégia integrada, que combina interações presenciais e virtuais, reflete o compromisso do projeto em inspirar e informar os estudantes do ensino médio sobre as oportunidades e caminhos para a realização de seus sonhos educacionais e profissionais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados do projeto "Articulação entre Universidade e Escolas Básicas - ações a partir do PAVE-UFPel" evidenciam um impacto positivo e significativo no aumento do número de solicitações de participação no Programa de Avaliação da Vida Escolar (PAVE), processo seletivo próprio da Universidade Federal de Pelotas, bem como no aumento do número de estudantes isentos da taxa de inscrição.

O pedido de participação se refere à solicitação feita por estudantes que, inicialmente, não tinham conhecimento ou não realizaram a primeira etapa do processo seletivo ou por algum motivo não conseguiram realizar a segunda etapa do processo. Portanto, o pedido de participação representa a manifestação de interesse desses estudantes em participar do PAVE.

Comparando os dados do ano anterior ao início do projeto, em 2021, com os anos subsequentes (2022 e 2023), observamos uma notável expansão na participação de candidatos. Em 2021, o número de pedidos de participação foi de 175, enquanto o número de alunos isentos foi de 260. No entanto, após a implementação do projeto, esses números demonstraram um crescimento expressivo: em 2022, houve um aumento significativo para 523 pedidos de participação e 820 alunos beneficiados com a isenção da taxa de inscrição. No ano de 2023, a tendência de crescimento se manteve, com 561 pedidos de participação e um notável aumento para 881 alunos isentos da taxa de inscrição.

Estes resultados apontam para o êxito do projeto em alcançar seu objetivo de incentivar e facilitar o acesso ao ensino superior, demonstrando um impacto direto na ampliação da participação de estudantes do ensino médio no processo seletivo da UFPel. Esse aumento expressivo no número de candidatos e beneficiários de isenção reflete a eficácia das estratégias de divulgação e sensibilização implementadas pelo projeto, destacando sua contribuição para a promoção da equidade educacional na região de Pelotas.

4. CONCLUSÕES

Em conclusão, o projeto "Articulação entre Universidade e Escolas Básicas - ações a partir do PAVE-UFPel" emerge como um agente transformador e eficaz na promoção da inclusão e no estímulo ao acesso ao ensino superior. Através de uma abordagem abrangente, que combina interações presenciais e virtuais, o projeto vem cumprindo com seus objetivos em sensibilizar e informar estudantes

do ensino médio em Pelotas e região sobre as oportunidades educacionais e profissionais disponíveis por meio do Programa de Avaliação da Vida Escolar (PAVE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Os resultados revelam um aumento notável no número de pedidos de participação no PAVE, evidenciando o impacto direto da iniciativa na ampliação da participação de candidatos. Além disso, o incremento significativo no número de alunos isentos da taxa de inscrição reflete o compromisso do projeto em remover barreiras financeiras que muitas vezes limitam o acesso ao ensino superior.

Assim, o projeto demonstrou, de maneira concreta, sua contribuição para a promoção da equidade educacional na região de Pelotas, capacitando jovens a vislumbrarem um futuro educacional e profissional mais promissor, alinhado com o propósito de construção de uma sociedade mais igualitária e próspera.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDIFES. O Censo da Educação Superior 2021 e os desafios para o Brasil do futuro. Brasília. Acessado em 20 de setembro de 2023. Online. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/?p=94903>

DESAFIO PRÉ-UNIVERSITÁRIO POPULAR E A EXPANSÃO DO ENSINO REMOTO

YAGO JACONDINO NUNES¹; VÍTOR DE MORAES KICKHOFEL²; DANIEL MELLO VIEIRA³; CATIA FERNANDES CARVALHO⁴

¹Universidade Federal de Pelotas –vitorhofelkick@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – yagojacondino@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas-danmevieufpel@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – catiacarvalho.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca criar um mapeamento do perfil identitário dos participantes da turma de formato online do curso Desafio Pré-universitário Popular ao analisar os resultados obtidos pelo questionário ao qual os estudantes foram submetidos. O projeto Desafio Pré-universitário Popular, vinculado à Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PREC-UFPEL), atua há 30 anos na busca da inserção de alunos de baixa renda ao ensino superior desenvolvendo um projeto político pedagógico com base freiriana com enfoque na formação cidadã além do conhecimento necessário para a aprovação nas provas e nos exames que servem de meio para ingresso na universidade pública. Assim, a concepção e a base teórica do projeto são fundamentadas em metodologias críticas que instiguem os discentes, onde todas as áreas do conhecimento atuem buscando, a partir desta problematização, um ensino libertador¹ e desafiante. Buscando associar os conteúdos trabalhados às problemáticas cotidianas dos estudantes, o de modo de trabalho se faz de forma inclusiva e contextualizada com o que ressalta Freire:

Quanto mais se problematizam os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio. Desafiados, compreendem o desafio na própria ação de captá-lo. Mas, precisamente porque captam o desafio como um problema em suas conexões com outros, num plano de totalidade e não como algo petrificado, a compreensão resultante tende a tornar-se crescentemente crítica, por isto, cada vez mais desalienada. Através dela, que provoca novas compreensões de novos desafios, que vão surgindo no processo de resposta, se vão reconhecendo, mais e mais, como compromisso. Assim é que se dá o reconhecimento que engaja. (Freire, 1987, p. 40).

Compreendendo a ação do projeto e tendo em vista sua proposta metodológica inclusiva, o Desafio começou com o ensino remoto em 2020 por decorrência da pandemia de COVID-19. Desde então, muitos estudos foram realizados para conseguir implementar o ensino remoto, considerando a sua importância no contexto atual. Dessa forma, com uma iniciativa de levantamento de dados acerca dos estudantes remotos, o presente trabalho busca mapear o perfil identitário dos alunos do ensino à distância do Desafio. Para a apresentação destes dados utilizou-se de metodologias de pesquisas quantitativas, para que

¹ Paulo Freire desenvolveu uma proposta pedagógica que vislumbra a Educação como um ato libertador, através do qual as pessoas seriam agentes que operam e transformam o mundo. Para mais ver em: FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1986.

fosse possível numerar o alcance, localidade, informações socioeconômicas, etnia e gênero dos discentes do modelo online de ensino.

O objetivo deste levantamento é compreender a importância da educação popular a partir do mapeamento do perfil e das localidades atendidas que vão muito além da zona administrativa e institucional, ou seja, do local onde é a sede física do projeto unificado que está vinculado à Universidade Federal de Pelotas. Se expõe, dessa forma, a importância de um curso popular remoto que possibilite um ensino de qualidade às diversas pessoas que se encontrem em vulnerabilidade econômica que, apesar de suas diferentes localidades, expandem-se até mesmo ao interior, onde o acesso a este tipo de oportunidade e de acesso ao conhecimento é escasso. A inclusão social e o direito à educação são centrais no projeto, pois a proposta do curso é o acesso ao ensino para a comunidade, considerando os saberes de vida dos alunos e seus diferentes modos contingenciais. Cria-se assim uma possibilidade de visualização de um perfil identitário do público que frequenta a sala de aula remota do Desafio, dando uma forma enquanto grupo que, como ressalta Hall (2006), “A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, "sutura") o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis”.

Os dados apresentados no decorrer do trabalho foram obtidos a partir de questionário aplicado aos discentes das aulas online, folhas de chamadas e relatos passados aos educadores e coordenadores do projeto. Dessa forma, este trabalho almeja visualizar as realidades e os contextos em que estes discentes se encontram e perceber como o módulo online impacta em suas trajetórias e formações.

2. METODOLOGIA

Durante a edição de 2023 do Curso Desafio Pré-universitário Popular foi realizada uma pesquisa de permanência estudantil via formulário do Google que, por meio de perguntas objetivas, de múltipla escolha e dissertativas, possibilitou conhecer um pouco melhor os(as) estudantes.

O questionário foi concebido e realizado pela coordenação geral e pelos colaboradores(as) das áreas (disciplinas) do projeto de extensão a fim de estruturar medidas cabíveis a serem adotadas para tornar mais fácil o acesso e otimizar os mecanismos didáticos ao passo em que reconhece o perfil do seu público-alvo. Por não possuir o mesmo tipo de contato que se estabelece normalmente em uma sala de aula presencial, há um risco comum de existir um certo entrave na construção de um pertencimento ao curso e de uma identificação como turma, o que pode vir a acarretar em um certo desaproveitamento do potencial de construção e troca de conhecimento do coletivo.

Ao todo se obteve 46 respostas, dentre as quais, apesar de não representar a totalidade dos estudantes que passaram pelo curso durante o ano, a amostragem, além de robusta, foi formada em sua maioria a partir dos participantes assíduos, o que colaborou para uma análise proveitosa e consistente frente aos objetivos propostos neste estudo.

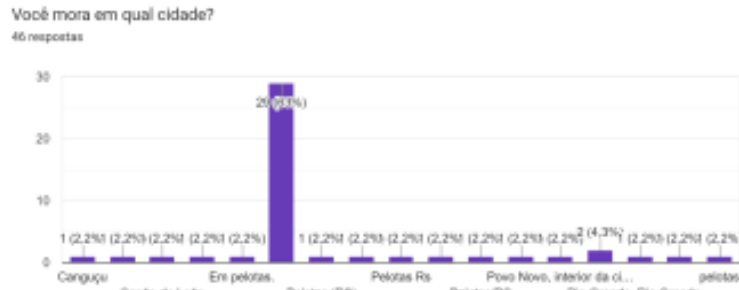
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O EAD, tendo surgido no Brasil ainda na época do Rádio, passou por grandes transformações, como Correspondência (Instituto Universal Brasileiro), televisão (Telecurso 2000), e hoje em dia abunda faculdades à distância e cursos profissionalizantes com essa modalidade de ensino, se por um lado ele auxilia no

alcance e democratização do ensino-aprendizagem, ele também cumpre o papel da defasagem da educação tradicional, porém possui limitações relacionadas à desigualdade de oportunidade de acesso ao ambiente virtual de aprendizagem, sendo que nem todos os lares possuem computadores, e o acesso, muitas vezes se dá por meio de celular e smartphones.

A pesquisa permitiu reconhecer, conforme podemos ver no Gráfico 1, as regiões de onde esses estudantes assistem às aulas e, em sua maioria, estão frequentemente associadas aos arredores da cidade de Pelotas. Os cursos preparatórios para o ENEM e pré-vestibulares em geral muitas vezes não chegam a tais regiões interioranas, muito menos com a proposta de gratuidade, qualidade e comprometido com o conhecimento crítico. No gráfico abaixo, podemos observar as diferentes regiões apontadas pelos estudantes, reconhecendo o posicionamento geográfico destes e a amplitude de regiões que o projeto abarca.

Gráfico 1 - Localidade.



Outro resultado importante foi sobre as condições socioeconômicas do público atendido pelo projeto. Demonstrada no Gráfico 2, a fragilidade social e econômica em que se encontram muitos dos estudantes que chegam até o Desafio é conspícua. No Gráfico 3 podemos ver a representação étnica e no Gráfico 4 a faixa etária dos alunos, dados esses que colaboram para o reconhecimento do público-alvo e criação de estratégias que conversem com os discentes do ensino remoto.

Gráfico 2 - Renda.

Qual é a sua renda familiar aproximada, em salários mínimos? (Considere salário mínimo no valor de R\$ 1320,00) Obs: Se você mora sozinho ou em u...o ou pensionato, considere apenas a sua renda.
46 respostas

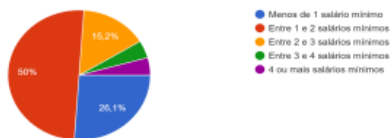


Gráfico 3 - Etnia.

Em relação à raça/cor, como você se declara? Obs: Amarelo se refere à pessoa que se declara de origem oriental: japonesa, chinesa, coreana. Indi...acional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD)
46 respostas

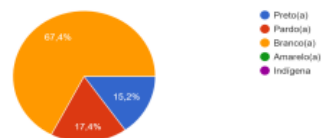
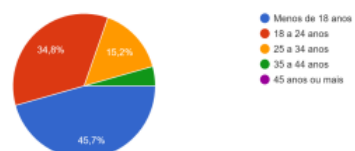


Gráfico 4 - Faixa Etária.

Qual a sua idade?
46 respostas



Os dados demonstrados servem de base para que se possa vislumbrar o público do ensino remoto ao conhecê-los e assim reconhecer suas demandas educacionais. Ao propor que o projeto identifique estes estudantes e os seus contextos, enseja-se a possibilidade do desenvolvimento de mecanismos de inserção do conhecimento científico às realidades desses sujeitos. A partir das informações obtidas pelo questionário e pelos diálogos criados dentro das salas online, o Desafio pode perceber o seu público e reconhecer sua identidade enquanto grupo, dando voz aos seus educandos do ensino remoto.

4. CONCLUSÕES

A pandemia não somente ensejou como forçou o desbravamento do universo dos recursos didáticos online, criando um novo e curioso cenário pedagógico mundial. Estreitando o âmbito para a educação popular, a democratização do ensino de qualidade também ganhou a nova roupagem do ensino remoto neste período e o projeto Desafio fez e continua fazendo parte deste movimento, abrangendo majoritariamente as regiões adjacentes ao município de Pelotas. Através do presente resumo podemos concluir que a modalidade online auxilia na democratização do acesso ao conhecimento comprometido, aprofundado e crítico ao se voltar para uma juventude da classe trabalhadora ávida por ingressar em um curso superior para melhorar suas condições de vida.

Compreendendo estes atores como sujeitos de sua própria história, o conhecimento é construído de maneira a desafiá-los com oportunidades que o envolvem na experiência de aprendizado. “O aprendiz motivado, quando encontra oportunidades mais desafiadoras, acaba passando mais tempo envolvido com a experiência de aprender.” (Paiva, 2010).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HALL, Stuart. A identidade em questão. **A identidade cultural na pós-modernidade**, v. 10, 2006.

PAIVA, Vera. Ambientes Virtuais de Aprendizagem: Implicações Epistemológicas In **Educação em Revista** vol. 26 edição 03, 2010

SAÚDE MENTAL EM CENA: UM CAMINHO POSSÍVEL PARA DEBATER O TEMA NAS ESCOLAS

ANDRESSA DOS ANJOS¹; LORENA SCHUFER²; LUIS MOURA³; MARINA DE
OLIVEIRA⁴; DINARTE BALLESTER⁵

¹ UFPEL Andressa Martins Marques dos Anjos – *andressa_m@hotmail.com*

² UFPEL Lorena Schufer – *lorenaschufer@gmail.com*

³ UFPEL Luís Henrique Moura – *mouraluis10.henrique@hotmail.com*

⁴ UFPEL Marina de Oliveira – *marinadolufpel@gmail.com*

⁵ UFPEL Dinarte Ballester – *dapballester@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

A infância e adolescência são fases da vida em que a promoção da saúde mental e a identificação precoce de problemas mentais são de fundamental importância para um desenvolvimento saudável. A escola é um ambiente privilegiado tanto para a promoção quanto para os cuidados à saúde mental, pois acompanha as crianças e adolescentes com bastante proximidade, permitindo ações individuais e coletivas para a educação em saúde mental.

Em busca de um modelo pedagógico que fosse acessível para esta população, o projeto explorou a interação entre as áreas da Medicina e do Teatro, criando uma linguagem apropriada para tratar de temas relacionados à saúde mental. A base para o projeto foram os Jogos Teatrais originalmente elaborados por Viola Spolin, em que exercícios teatrais se misturam ao brincar formando um suporte de ensino cujo objetivo é o desenvolvimento de diversas habilidades de forma orgânica pelos alunos.

2. METODOLOGIA

Para a elaboração das Rodas de Brincadeira, primeiro foram efetuadas reuniões de planejamento entre os membros do Teatro, Medicina e Letras. Nelas foram discutidas como ensinar os temas básicos para a educação em saúde mental definidos pela Organização Mundial da Saúde – OMS, sendo esses, estigma, conceitos de saúde e problemas mentais, e a busca de ajuda quando necessário (OMS, 2021) e traduzi-los para a vivência daqueles jovens. O principal objetivo era ensinar de forma lúdica e garantir a participação de todos os jovens que estivessem presentes nos encontros futuros. Assim, foi adaptado para a temática de saúde mental, os Jogos Teatrais (Spolin, 1986; 2010), que quando aplicados em contexto escolar demonstraram ampliar a capacidade de dialogar, desenvolver tolerância e facilitar o aprendizado.

Então, os temas da OMS foram divididos para ser abordados em seis encontros presenciais. Em cada encontro seria introduzido aos adolescentes as temáticas através dos jogos e após eles, seria efetuada uma roda de conversa, em que os adolescentes teriam espaço para falar o que sentiram brincando e o que pensavam acerca do tema, com os facilitadores, formados pelos alunos e professores da Medicina, Teatro e Letras, os guiando e esclarecendo suas dúvidas. Também seria realizada a observação participante com o registro de diários de campo pelos facilitadores em cada encontro (Thiollent, 2011), realizando assim uma pesquisa-ação colaborativa, em que o pesquisador faz parte do processo de mudança do grupo (S. FRANCO, 2005).

As temáticas e jogos efetuados foram: 1. Integração e sensibilização, com uma apresentação da equipe aos adolescentes, seguida dos jogos: Meditação guiada, a partir de “Sentido eu como eu” (SPOLIN, A2) e Conversa sobre autopercepção; Jogo da Bolinha com Caminhada pelo Espaço (SPOLIN, A) e roda de conversa sobre o “eu e a relação com o outro”; Parte do Todo (SPOLIN, A25) e roda de conversa sobre noção de lateralidade e coletividade. 2. Estigma dos problemas mentais, com os jogos Siga o Mestre (SPOLIN 17) e roda de conversa sobre o entendimento da palavra estigma; construindo uma história a partir de seleção randômica de palavras (SPOLIN, A80) e roda de conversa sobre o estigma envolvendo os transtornos mentais. 3. O que é saúde mental, com o Jogo popular Detetive, leitura e apresentação do que é saúde mental e o jogo “Eu me sinto saudável quando...” baseado em “Eu vou para a Lua” (SPOLIN, A70). 4. Os problemas mentais, com o Jogo Mofongo, seguido do jogo “Ouvindo o ambiente” (SPOLIN A3) e roda de conversa sobre “pensamentos embaralhados” e transtornos de ansiedade; seguido do Jogo “Câmera Lenta” (SPOLIN A56) e roda de conversa sobre pensamentos lentos, desânimo, tristeza e transtornos depressivos. 5. Cuidando da Saúde Mental com o Jogo “Construindo uma história” (SPOLIN A76), seguida da apresentação de uma música que dialogue com a realidade dos alunos e roda de conversa sobre a interpretação e sentimentos deles sobre a canção; seguiu-se com a “Escrita de um bilhete anônimo”, a leitura compartilhada desses e roda de conversa sobre como a escrita pode ser uma forma de obtenção e manutenção da saúde mental; finalizando com uma avaliação em que os alunos falarão sobre a dinâmica do encontro. 6. A busca de ajuda, com o Jogo “Nós”, seguido pela Atividade com folhas/cartazes e a roda de conversa apresentando e discutindo o conteúdo dos cartazes. Encerrando com a avaliação final do projeto em que os alunos falarão sobre a dinâmica dos encontros.

Os encontros foram realizados no Colégio Municipal Pelotense, da cidade de Pelotas, RS. Dispuseram cerca de 1h30 a 2h para cada encontro, sendo realizados com um grupo de aproximadamente 10 a 15 alunos voluntários, que eram dispensados de aulas curriculares que aconteciam simultaneamente, com idades entre 12 e 17 anos, dos ensinos fundamental e médio.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resultado obtido não foi avaliado quantitativamente, embora tenha-se aplicado um questionário de satisfação/avaliação das atividades após a terceira roda de conversa, onde a maioria do grupo de 10 a 15 alunos que participou das rodas manifestou que estava gostando do modelo proposto e desejava continuar frequentando os encontros. Todavia, em função das outras atividades da Escola no mesmo período, nem sempre estiveram todos os mesmos estudantes nas rodas, com uma mudança significativa entre as 3 primeiras e as 3 últimas rodas de conversa e brincadeiras, pela mudança do semestre letivo.

Entretanto seguindo a metodologia da pesquisa-ação colaborativa (S. FRANCO, 2005) pode-se observar através dos diários de campo a evolução participativa e de entrosamento dos alunos durante os jogos. A maioria dos alunos no grupo não tinham uma relação pré-estabelecida entre si, logo a timidez os tomava no início do encontro. Porém, ao decorrer dos encontros observou-se que os jovens se sentiam mais confortáveis a cada execução dos jogos e se mostraram bem comunicativos nas rodas de conversa, expondo suas vivências no lar e na escola, suas aflições e dúvidas sobre os temas.

A escola tem como referência a pedagogia da autonomia, de Paulo Freire, que considera a prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero como uma ofensa à substantividade do ser humano e negação radical da democracia (FREIRE, 1996). Assim sendo, promove ativamente a inclusão dos seus estudantes, tanto no que tange à neurodivergência, quanto no aspecto racial, de orientação sexual e de identidade de gênero, oportunizando muitas atividades educativas e saudáveis, como oficinas de teatro, dança, diversas modalidades esportivas, robótica, xadrez, entre outras. Contudo, nas rodas de conversa houve relatos de bullying envolvendo intolerância à diversidade de gênero, sexualidade e racismo, vivenciados muitas vezes fora do ambiente escolar, inclusive em contextos familiares.

Também se pode observar a importância dos facilitadores participarem ativamente dos jogos e rodas de conversa como integrantes do grupo, exercendo o papel de pesquisador participante defendida por Kurt Lewin, um dos idealizadores da pesquisa-ação (S. FRANCO, 2005). A presença dos facilitadores iniciando os jogos, brincando com os jovens, conversando e também expondo seus sentimentos, se mostrou influente para os jovens aderirem melhor a proposta.

4. CONCLUSÕES

Embora o Ministério da Saúde do Brasil tenha implementado um programa de saúde escolar, abordando temas como nutrição, cuidados dentários, entre outros, não há nenhuma ação específica sobre saúde mental. A falta de orientação sobre a abordagem do tema em ambiente escolar e ausência de uma conexão eficaz entre os sistemas educacional e de saúde, para fornecer atendimento individual quando necessário, resultam em educadores desorientados diante das questões mentais dos seus alunos.

A proposta do projeto é promover a saúde mental, prevenir problemas e facilitar o acesso à ajuda quando necessário, de forma lúdica e que tenha os estudantes e seus orientadores como protagonistas. Além disso, a proposta visa introduzir a saúde mental como um tópico inovador no ambiente escolar e no currículo, ao mesmo tempo que busca desenvolver métodos pedagógicos que incentivem a participação dos alunos e ofereçam uma abordagem mais eficaz para o aprendizado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OMS. Organização Mundial da Saúde. A saúde mental pelo prisma da saúde pública. Relatório sobre a saúde no mundo 2001: Saúde mental: nova concepção, nova esperança. Genebra: OPAS/OMS, p.1-16, 2001.

SPOLIN, Viola. Jogos teatrais: o fichário Viola Spolin. Tradução Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SPOLIN, Viola. Improvisação para o teatro. São Paulo: Perspectiva, 2010.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 2011.

S. FRANCO, Maria Amélia. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005

Freire, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

OFICINA DE PALEONTOLOGIA: METODOLOGIAS LÚDICAS E A DIVULGAÇÃO GEOCIENTÍFICA NO ENSINO FUNDAMENTAL.

STÉFANY SILVEIRA DAS NEVES¹; GEYSI CUSTÓDIO DA SILVA²;
EMANUÉLLE SOARES CARDOZO³; DANIELE SILVEIRA DA ROSA⁴; CAROLINE
SILVEIRA DA ROSA⁵; VITER MAGALHÃES PINTO⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – st_silveira@outlook.com

²Universidade Federal de Pelotas – geysi_cdas@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – emanuellesoarescardozo@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – rosa.daniele@ufpel.edu.br

⁵Universidade Federal de Pelotas – rosa.caroline@ufpel.edu.br

⁶Universidade Federal de Pelotas – viter.pinto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A paleontologia é uma área das geociências que estuda os registros fósseis preservados em rochas de seres que viveram na Terra. A divulgação dessa ciência num ambiente educacional de ensino ocorre de forma restrita e superficial, geralmente associada às aulas de ciência, o que resulta em um déficit na formação desse conhecimento geocientífico e um possível desinteresse do aluno ao conteúdo ofertado.

Segundo SILVA (2019), as geociências integram uma área interdisciplinar não incluída como disciplina curricular, apesar de sua presença no cotidiano. De acordo com PINTO *et al.* (2023), esta é pouco difundida nas séries iniciais do ensino básico. A introdução dos conceitos paleontológicos na educação tende a enriquecer a experiência educacional dos alunos, promovendo a introdução ao conhecimento geocientífico, a compreensão da evolução da vida na Terra e o desenvolvimento do pensamento científico.

O projeto de extensão do Grupo de Estudos em Geociências (GEOS), vinculado ao curso de Engenharia Geológica da Universidade Federal de Pelotas, realiza a divulgação geocientífica com metodologias lúdicas de ensino para escolas da zona sul do Rio Grande do Sul. Este trabalho tem como objetivo demonstrar a eficácia dessas metodologias na aprendizagem dos conceitos de geociências com alunos do ensino fundamental.

2. METODOLOGIA

Durante o primeiro semestre do ano de 2023, realizou-se uma oficina de paleontologia na Escola Municipal de Ensino Fundamental Profª Neir Horner da Rosa, em Arroio Grande - RS. A oficina foi direcionada aos alunos do quarto ano do ensino fundamental pois, de acordo com a teoria de PIAGET (1972), essa faixa etária é considerada como o início do pensamento lógico e reflexivo.

Para apresentar aos alunos conceitos sobre o processo de fossilização, foi necessário realizar uma revisão e introdução aos conceitos básicos de geologia. Com base em cartilhas de metodologias lúdicas em geociências, foram criados materiais contendo textos explicativos, atividades interativas e conteúdo multimídia sobre o ciclo das rochas, as rochas sedimentares e os fósseis (PINTO *et al.*, 2023; CARDOZO *et al.*, 2023).

Com o intuito de esclarecer os conceitos da paleontologia, foram confeccionadas três réplicas em gesso de fósseis que representavam espécies de diferentes períodos geológicos, como: trilobitas, dentes de megalodon e amonites.

Além disso, uma maquete foi criada para demonstrar o processo de soterramento de organismos em um ambiente deposicional, oferecendo uma forma visual de compreender o processo de fossilização.

Para enriquecer a oficina, foram desenvolvidas atividades lúdicas, tais como quebra-cabeças, labirintos e caça-palavras. Essas atividades e as réplicas de fósseis em gesso foram distribuídas aos alunos para serem realizadas durante momentos recreativos, proporcionando uma eficiente fixação do conhecimento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A oficina contou com a participação de treze alunos do quarto ano do ensino fundamental e a presença de duas professoras. Para iniciar a oficina, foi apresentada uma introdução ao processo de formação dos tipos de rocha encontrados na Terra, com foco nas rochas sedimentares, onde são encontradas as evidências fossilíferas. Em seguida, foram distribuídas amostras de diferentes rochas para serem manuseadas, com intuito de despertar a curiosidade dos estudantes.

Durante a oficina, foi transmitido um vídeo didático intitulado "Os Fósseis", produzido pelos membros do GEOS, a fim de ilustrar aos alunos os conceitos paleontológicos fundamentais. Além disso, para apresentar uma abordagem lúdica de ensino, foram distribuídas réplicas dos mesmos fósseis apresentados no vídeo didático.

Figura 1. A) Etapa introdutória da oficina; B) Exibição do vídeo “Os Fósseis”; C) Apresentação do ambiente propício para a fossilização.



Fonte: SILVA (2023).

Ao final da oficina, um questionário de satisfação aos alunos foi realizado. Os resultados mostraram máximo aproveitamento e absoluta satisfação dos estudantes e professores, demonstrando um interesse sobre o assunto entre diferentes faixas etárias. Dessa forma, fica evidente a possibilidade de trabalhar conteúdos geocientíficos no ensino fundamental desde que utilizados métodos que facilitem a compreensão ao tema.

4. CONCLUSÕES

A utilização de metodologias lúdicas no ensino das geociências tem se mostrado uma excelente ferramenta para divulgar os conteúdos. Os resultados dos questionários aplicados para a oficina de paleontologia confirmaram a eficácia dessa abordagem diversificada, que facilitou a memorização dos conceitos científicos.

Durante a oficina, foi observado um progresso gradual no engajamento dos alunos, graças ao uso de linguagens familiares, conexão com a realidade deles e temas de seu interesse.

Conclui-se, portanto, que o uso de métodos lúdicos é fundamental para uma compreensão adequada, pois estimula os alunos a construir conhecimentos sobre a geologia por meio de atividades dinâmicas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOZO, E. S.; ALVES, J. B.; PINTO, V. M.; PEREIRA, V. B. **Vamos conhecer nosso Planeta? O planeta Terra em metodologias lúdicas**. 1ed. Formiga, Minas Gerais: Forma Educacional, 2023, v. 1, p. 8-22.

PIAGET, Jean. Desenvolvimento e aprendizagem. In: LAVATELLY, C. S.; STENDLER, F. **Reading in child behavior and development**. New York: Hartcourt Brace Janovich, 1972.

PINTO, Viter Magalhães *et al.* Você conhece o nosso planeta? uma cartilha para o ensino de geociências na perspectiva da agenda 2030 da ONU. **Expressa Extensão**, v. 28, n. 1, p. 80-90, 2023.

SILVA, Rosely Vaz Bernardes *et al.* **Oficinas paleontológicas e geológicas: uma ferramenta didática para o ensino fundamental**. 2019.

SILVA, Geysi Custódio da. **Oficina de fósseis: objetivo da educação de qualidade na perspectiva da agenda 2030 da ONU**. 51f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Engenharia Geológica) – Centro de Engenharias, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

X PETRO-SUL: SEMANA ACADÊMICA DO CURSO DE ENGENHARIA DE PETRÓLEO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

BARBARA CABELEIRA CAVALHEIRA¹; AMANDINE MADHONA ALEXIA MAKAYA²; KAMILLY LORRANY ARAUJO DA SILVA³; VALMIR FRACISCO RISSO⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – barbaracavalheiro.ep@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – alexia.makaya96@mail.com

³Universidade Federal de Pelotas – kamillylorry123@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – valmir.risso@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Dentro do contexto universitário, a semana acadêmica desempenha um papel crucial na formação profissional do indivíduo, pois através desse evento, o estudante tem uma oportunidade única para trocar conhecimentos com estudantes e profissionais da área e criar networking. A partir disso, recomenda-se que as universidades ofereçam e/ou divulguem oportunidades de participar de experiências que promovam a responsabilidade frente ao trabalho supervisionada por profissionais, além de estimularem o contato com pessoas, conteúdos e ambientes relevantes à área de formação e à carreira (Oliveira, 2016).

Por ser reconhecido como o principal encontro técnico-científico no setor de óleo e gás da região sul do Brasil, o Petro-Sul se destaca por ser o maior evento sem fins lucrativo e realizado como parte da Semana Acadêmica do Curso de Engenharia do Petróleo da Universidade Federal de Pelotas. Sendo que, o evento é completamente organizado por alunos que fazem partes da Diretoria Acadêmica Karem Adami e do Capítulo Estudantil SPE UFPel.

A cada ano, o Petro-Sul atrai mais pesquisadores e profissionais da indústria, tornando-se um ponto de referência para o compartilhamento de conhecimento e experiência. Em suas dez edições até o momento, o evento tem contato com o valioso apoio de várias empresas atuantes nos setores de petróleo e gás, bem como em diversas outras áreas.

2. METODOLOGIA

O Petro-Sul tem como intuito aproximar a indústria do setor de Óleo e Gás com os alunos, já que o evento desde sua primeira edição conta com palestras e minicursos em um período de 5 dias. O evento ocorreu de forma híbrida pela primeira vez, marcando a história do Petro-Sul ao longo dos anos. Foram 9 palestras e 2 minicursos ministrados de modo online e mais 3 minicursos ministrados presencialmente.

O primeiro dia do evento começou com a Cerimônia de Abertura, a qual foi realizada de forma Online contando com a presença da reitoria da UFPel, da direção do Centro de Engenharias, da coordenação do curso de Engenharia de Petróleo e dos presidentes das duas entidades responsáveis pelo evento. Logo em seguida, ainda no primeiro dia, foram realizadas duas palestras, ambas ocorreram também de forma online. Ainda no primeiro dia foi realizado um minicurso de forma presencial, o qual foi realizado em duas etapas, no período da manhã e no período da noite.

No segundo dia, foi realizado o segundo minicurso, também começando no período da manhã e com continuação a noite de forma online, porém esse segundo minicurso foi realizado de forma online. Durante o período da tarde foram realizadas mais duas palestras, também de forma online. No terceiro e no quarto dia do evento foram realizados o terceiro e quarto minicurso presencial no período da manhã e no período da tarde foram realizadas palestras de forma online. No quinto e último dia do evento, foi realizado no turno da manhã o último minicurso do evento de forma online e no período da tarde também foi realizado a última palestra, logo após foi realizado o encerramento do X Petro-Sul. Todos os eventos foram realizados com 15 minutos de intervalo entre uma atividade e outra.



Figura 1 – Imagem divulgação X Petro-Sul.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os resultados obtidos por GUSTAVO et al (2022), durante os anos de 2020 e 2021 para a realização do evento foi necessária a adoção do formato online devido ao cenário de pandemia. Porém mesmo com a mudança, o evento não perdeu sua qualidade. Em 2022, o evento passou a ser realizado no formato híbrido, com palestras online e alguns minicursos presenciais. Os assuntos selecionados para as palestras e minicursos foram Geopolítica da Energia, Potencial do Pré-Sal, Aplicações de Inteligência Artificial para Petrofísica, Elevação Artificial Onshore, Impactos Ambientais no Setor Petrolífero, Descomissionamento, Formação de Sistemas Petrolíferos, Perfuração e Complementação de Poços, Desafios Subsea, Estratigrafia de Sequências, Softwares no Curso de Engenharia de Petróleo, Aplicação de Sísmica 4D e Usos do GLP.



Figura 2 - Cerimônia de Abertura do X Petro-Sul no formato online

No gráfico apresentado na Figura 3, é possível acompanhar o alcance do Petro-Sul, pode-se notar que com a adoção do formato online houve um número maior de participantes (visualizações das palestras no Youtube), principalmente devido a facilidade oferecida por essa mudança e pelo fato dos vídeos estarem disponíveis na internet para acesso mesmo após a realização do evento. Com a utilização do formato online, alunos de outras instituições puderam conhecer e participar do evento graças às adaptações realizadas pela comissão organizadora. Em relação ao X Petro-Sul, houve uma diminuição no número de participantes, retornando à números parecidos dos eventos realizados antes da pandemia, quando os eventos foram realizados no formato presencial.



Figura 3 - Gráfico do Público alcançado no X Petro-Sul

4. CONCLUSÕES

Com base nos resultados apresentados, podemos concluir que um dos pontos positivos da realização híbrida do evento é a possibilidade de realização de palestras e minicursos com profissionais da indústria que não poderiam estar de forma presencial, seja pela agenda, pelo tempo utilizado no deslocamento ou pelo alto custo para as empresas enviarem os profissionais até Pelotas para participar do evento. Uma segunda conclusão é que as palestras online permitiram atingir um número bem maior de alunos, professores e profissionais no Brasil, não só do setor de óleo e gás, mas também de outras áreas da indústria. Uma terceira conclusão é que como alguns minicursos foram realizados no formato presencial, foi possível que alunos, professores e profissionais da indústria, que estavam em Pelotas, pudessem interagir e trocar experiências, facilitando assim o *networking*, principalmente para os alunos em final de curso que se encontram na busca de realização de estágio, se assemelhando assim aos eventos realizados antes da pandemia. Além disso, o objetivo principal do evento foi alcançado, que é facilitar e aumentar a relação e o contato entre empresas do setor, alunos e Universidade, além de apresentar variados temas pertinentes à indústria de óleo e gás.

Como perspectivas futuras espera-se realizar as próximas semana acadêmicas da Engenharia de Petróleo no formato presencial com datas definidas pelo calendário acadêmico da Universidade Federal de Pelotas, algo que ainda não é possível, visto que as semanas acadêmicas ainda não fazem parte oficialmente do calendário acadêmico da UFPel.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUSTAVO GARCIA; LUANA NICOLY MARTINS TOMAZ; RAFHAELA FRANCO ROMANO; VALMIR FRACISCO RISSO. **Petro-Sul: Semana Acadêmica do Curso de Engenharia de Petróleo da Universidade Federal de Pelotas**. UFPel, 2022.

OLIVEIRA, C. T. DE .; SANTOS, A. S. DOS .; DIAS, A. C. G. **Percepções de Estudantes Universitários sobre a Realização de Atividades Extracurriculares na Graduação**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 36, n. 4, p. 864–876, out. 2016.



VIVÊNCIAS e SABERES de UMA GRUPO

9ª SIEPE

SEMANA INTEGRADA
UFPEL 2023



PR
Pró-Reitoria de
EC
Extensão e Cultura

▶ INOVAÇÃO ▶ ENSINO ▶ PESQUISA ▶ EXTENSÃO